nadia

a guerreira suprema

RAMON TAVARES

nadia

a guerreira suprema

Ramon Tavares

nadia

a guerreira suprema

Brasil, 2022.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, tenho de agradecer à Nintendo Co., Ltd. por disponibilizar um enredo original tão fascinante. Sem o espetacular jogo lançado em 1986, talvez no auge da ficção científica nos cinemas, esta obra, assim como outros milhares espalhados pelo globo, tornar-se-ia uma impossibilidade. Apesar do desdém sofrido por esta *fanbase* ao longo de décadas a fio, ainda mantemos nossa franquia favorita tão viva quanto as galerias mais profundas de um mundo alienígena qualquer.

Dignas de consideração são todas as comunidades relacionadas. *Metroid Database*, *Metroid Latinoamerica* e *Metroid Brasil* são apenas algumas das contribuidoras diretas e indiretas deste título. A interação constante com as pessoas certas forneceu-me fontes de inspiração ímpares, sem contar as amizades criadas após tantos textos e referências visuais. Na forma de cada parágrafo escrito há um profundo agradecimento meu: tudo seria mais difícil sem vocês. Dentre todos os auxiliadores deste projeto, destaco duas pessoas: Ana Freschi e Renato Santos, que colaboraram através de traduções, revisões, *feedbacks* contínuos, criação de personagens, conceitos e arte-finalização. Sem a áurea ajuda, este imenso volume teria um pouco menos de brilho... e talvez um pouco menos de páginas.

Após longos e ininterruptos dezoito meses de escrita (seis anos se considerarmos as pausas), enfim, posso entregar à comunidade lusófona fã de Metroid uma obra digna de seu carinho. Como amador que sou, reservo-me o direito de cometer erros, redundâncias e incoerências, pois faço da escrita um *hobby*. E *hobbies* contém amor. Há amor nesta obra.

Por fim, caso desejem me contatar por qualquer razão, busquem-me pelas principais comunidades. Será um prazer interagir.

Boa leitura!

Sumário

PRÓLOGO

O ambiente era acolhedor. Ainda não havia sobrado tempo para definirem as posições das mobílias e tudo se mantinha bagunçado. Em meio ao caos das enormes pilhas de caixas, ramos de amysia davam um pouco de vida aos painéis de cor sóbria. Enquanto os motores da nave Perpetua ronronavam após os ajustes realizados em Synthrexia uma doce voz se fez ouvida, ao fundo:

— Está com fome, meu amor? — solícita como sempre, trazia uma bandeja de biscoitos reidratados.

— Não, mãe. Obrigada — dispensou a jovem, fazendo pouco caso da gentileza. Mesmo diante da negativa, a mãe aguardava pela mudança de opinião, que não viria tão cedo.

A mais velha fazia de tudo para aquecer o distante coração de sua filha, de olhar fixo e hipnótico em direção à grande vidraça blindada. Por mais que existisse entre ambas um esforço hercúleo para superar uma tal barreira emocional, toda e qualquer tentativa se mostrava infrutífera, levando-as ao descontentamento, sobretudo da cria, perturbada diante da situação. O ruído do ar expulsado pelas narinas instigou a insistente criatura a iniciar uma nova tratativa.

— Você me parece cansada, Nadia. Descanse um pouco.

— Estou bem assim, não se preocupe comigo — respondeu com rispidez ao ajustar o corpo na confortável poltrona, sem nem sequer olhar para trás. Seu desejo era seguir vegetando.

— Minha menina não se alimenta, não descansa... estou realmente preocupada! — a entonação mudou, mas a ouvinte seguiu indiferente. — Há algo que esteja ao meu alcance?

A preocupação era justificável, de fato. Fazia umas semanas que Nadia não comia ou dormia bem, embora ela já estivesse acostumada com aquelas rotinas desgastantes — quebra de rotina era manter hábitos saudáveis —. Apesar de a nave reformada oferecer um conforto jamais visto pela caçadora ao longo de seus vinte e seis anos, algo a impedia de se entregar ao descanso pleno. Viver neste *doping* mental a fazia recordar dos tempos sombrios de Umbra II-C e isso não era nada bom.

— Deite-se, Nadia. Te fará muito bem — insistiu, ignorando as seguidas tentativas de esquiva.

"Seu diálogo parece forçado. Desde quando ela me chamaria de 'Nadia'?", matutava, em silêncio. Os arrastados meses seguintes à despedida de K-2L não a fizeram adotar a nova ordem natural das coisas, o que era um tanto estranho, pois, desde o início, já sabia como seria: o passado já não existia mais. Era necessário pôr os pés no chão novamente, nem que fosse no aquecido piso de Perpetua.

De repente, as palavras cessaram. O silêncio abrupto surpreendeu a entediada, instigando-a a olhar por cima do encosto da poltrona. Para o seu assombro, encontrou a criatura estática, com os dedos entrelaçados, fitando-a com um tímido e inocente sorriso. "Feição igual eu só havia visto em Ida", espantou-se.

Aquele olhar desarmou Nadia de tal forma que a fez sentir-se a pior das humanas. Como poderia rejeitar tão verdadeiras demonstrações de carinho e devoção? "Seria eu ingrata por rejeitar a razão de minhas preces?", questionava-se, apesar de saber a resposta. Por fim, rendeu-se à sugestão. Embora não representasse uma pá de cal sobre as diferenças entre as Aran, ao menos serviria como um singelo reconhecimento ao esforço daquela que tanto a amava.

Caminharam, então, até os dormitórios, um dos poucos lugares realmente organizados. A mãe se sentou em uma das camas e Nadia repousou a cabeça sobre o seu colo gelado. O olhar fixo seguido pelo

silêncio perturbou a inquieta da dupla, fazendo-a caçar um assunto aleatório para quebrar o gelo.

—Acha que 2109 será um bom ano?

— Provavelmente! As guerras cessaram, não há ameaças de supernovas, as colônias estão em paz... Acho que não temos com o que nos preocupar por enquanto, meu amor.

— Não sei, mãe. A paz nunca é definitiva, sabemos bem disso. Tenho medo do futuro. Aliás, tenho medo de tudo aquilo que não posso ver. Nunca irei me acostumar com isso.

Antes de seguir com as divagações pessimistas, fora interrompida por uma doce melodia. Era quase como um "vai ficar tudo bem" dito de uma forma que ela não seria capaz de rebater.

"Ela canta bem, realmente", suspirou, sorrindo com os cantos da boca. Seus ouvidos imploraram por aquilo por muitos anos e só agora recebia a recompensa. Com os olhos cerrados, via em sua mente as planícies estéreis do planeta que lhe serviu de base ao longo de seus primeiros anos de vida. Era a absolvição da atormentada assassina, rendida moral e fisicamente ao ser desarmada por uma simples canção de ninar. Ao mergulhar em um quase estado de transe ao buscar a sintonia entre os corações, teve como resposta um mero chiado eletrônico, forçando-a de volta à dura realidade que a castigava. O timbre da voz que a acariciava a iludiu por um instante, mas o coração orgânico de Nadia não a deixava mentir: apenas o seu corpo físico não atravessou aquele maldito portal.

O ovo

I. TERRA ARRASADA

Nada será como antes. O fim desta missão quase catastrófica foi mais doloroso do que eu imaginava. Retornar à órbita de SR388 e lidar novamente com aqueles malditos seres fez-me relembrar de diversas experiências desagradáveis. Curiosamente, tornei-me parte da criatura que tanto persegui. A larva que encontrei nas cavernas salvou minha vida mais uma vez e, se não fosse por ela, eu seria facilmente destruída pelos parasitas X. Fico triste por erradicar o DNA metroide[1] *do meu corpo após absorver o núcleo da SA-X*[2]*, já que os genes inativos eram a última lembrança que eu carregava nas veias. Ter destruído B.S.L.*[3] *me tornará uma inimiga da Federação Galáctica*[4]*. Eles não sabem a importância desse ato quase suicida, visto que a ganância e sensação de poder estão acima de qualquer coisa para aqueles mercenários. Sei que serei caçada e que não haveria perdão caso me encontrassem. Eles não me encontrarão. Samus Aran, encerrando.*

***

Ano 2081 do Calendário Cósmico. Na desértica Zona Laranja, situada com acanhamento entre duas importantes galáxias — as Galáxias Gêmeas —, uma pequena lua abandonada recepcionava a exausta heroína. Sobre o solo pegajoso que servira há muito tempo como base federada eram estampadas as marcas de uma carreira notável, porém, cruel com a consciência da inesperada visitante. Já sem o rubro

---

[1] Espécie animal que dá nome à franquia.

[2] Samus Aran X. Clone malsucedido de Samus Aran formado por um aglomerado de parasitas X, espécie mimética nativa de SR388.

[3] Estação de pesquisa. Apresentado em *Metroid Fusion*, quarto jogo da série.

[4] Governo central do Universo.

capacete, pôde sentir o vento frio açoitar os longos cabelos loiros, quase a ponto de desmanchar o característico penteado habitualmente oculto. O rabo-de-cavalo balançava com letargia conforme os movimentos livres e as longas mechas ganhavam vida ao serem submetidas à estranha densidade do ar, assemelhando-se a dois demônios que insistiam em soprar em seus ouvidos as dores de um passado sombrio.

Em pé sobre as enferrujadas instalações, podia ver os extensos pântanos com sua fina película de água. Com exceção das altas estruturas metálicas, nenhuma outra intervenção humana ou alienígena se destacava, tampouco sinais de vida nativa. Nem mesmo os líquens, bons amantes das botas dos exploradores e realizadores de um excelente papel como agente contaminante, faziam-se presentes. Tudo ali era vil e desprezível: o cenário de terra arrasada aliado ao cheiro de vinagre proveniente do metal corroído podia sufocar até mesmo a mais resiliente das almas. O lugar parecia tão morto que havia nem sequer poeira circulante na atmosfera. O silêncio era perturbador.

Apesar do cenário pós-apocalíptico, Theia-O não sofrera nenhum cataclismo[5] ou ação que forçasse um êxodo espacial. A motivação para tamanho desprezo para com o pobre satélite era única e exclusivamente a falta de viajantes por aquelas bandas. A Zona Laranja não possuía grandes atrativos minerais, portanto, manter uma base permanente em um lugar como aquele seria um desperdício de ferramental e mão de obra.

— Como tudo na vida, abandonamos o que já não nos serve mais — exprimiu para o nada após esvaziar os pulmões em um longo suspiro.

Para as almas mais abrasadas, visitar um mundo hostil como aquele representava uma espécie de nostalgia masoquista. Embora Samus fosse acostumada com a solidão irremediável do espaço, Theia-O possuía algo que a derrubava por completo. O motivo não podia dizer, por mais que tentasse, a todo custo, puxar pela memória. Os belos olhos

---

[5] Catástrofe, apocalipse, hecatombe.

verdes seguiam atraídos pela plana linha do horizonte, desprovida de qualquer saliência. Tinha-se, então, a contraditória sensação de ver tudo e não ver nada, pois não havia nada para ser visto, não muito diferente de seu íntimo, que lhe entregava muito mais dúvidas que certezas.

Seu nome tinha peso considerável por onde quer que andasse. Muitos a tinham como exemplo, não apenas pela habilidade em resolver conflitos, mas também pelo irretocável caráter. Embora atraísse olhares de todo tipo e sua presença fosse sempre almejada, preferia manter-se reclusa, muito pela força de seu lado introspectivo. Após as duras missões, nada de prêmios, comemorações ou confraternizações nas bases da Federação Galáctica: os exóticos ambientes seduziam seu espírito, dando-lhe a oportunidade de arrancar da cabeça tudo o que vivenciara há pouco. Dessa vez, por arruinar uma caríssima plataforma da organização que a recrutara e desobedecer às ordens explícitas da alta cúpula, não teria mais para onde ir. Apenas mais uma ratificação de sua condição órfã.

Ao passo em que atirava pedregulhos em direção ao nada, refletia sobre o difuso futuro próximo. Sua fama era inútil perante a perseguição que se iniciaria em breve. Nos setores mais baixos de B.S.L., apenas um inocente zoológico segundo aqueles que a enviaram para a cilada. Na prática, seres da mais alta periculosidade eram expostos à toda sorte de experimentos, visando sua replicação forçada. “Por qual razão a Federação induziria testes em metroides, senão para expandir os seus domínios?”, pensava. Na verdade, o que mais a incomodava era a traição imposta. Durante quatorze anos acreditara servir a uma instituição ilibada, mantenedora da segurança, zeladora da ética e protetora de cidadãos e ecossistemas. A predominância de sua razão sobre o lado emotivo a fazia crer piamente que a Zona Restrita de B.S.L. não se tratava apenas de um pacato laboratório. Se não fosse a disseminação incontrolável dos parasitas X pela estação, certamente os estudos permaneceriam a pleno vapor e sabe-se lá para onde os organismos viáveis seriam transportados. "Por sorte a engenharia humana ainda é falha", riu ao olhar para a textura áspera de sua armadura, um presente quase divino.

Curiosamente, seus maiores problemas giravam em torno da grande criação de seus benfeitores. Os agora extintos Chozo[6], raça superior que lhe deu a oportunidade de seguir vivendo após a tragédia que assolou o seu antigo lar, foram responsáveis pela criação dos metroides, predadores vorazes que ocupavam o topo da cadeia alimentar de SR388[7]. As características nativas da espécie — a sede por energia vital, as poucas fraquezas a agentes externos e a alta adaptabilidade — colocaram-na em posição de destaque tanto para cientistas bem-intencionados quanto para facções criminosas, que viam nos pobres animais uma potencial bioarma[8]. Com a erradicação destes em seu planeta natal, houve a alarmante expansão dos parasitas X, suas presas naturais, agora livres para se reproduzir sem controle, levando aos acontecimentos que antecederam a explosão da plataforma. Samus, mesmo de forma acidental, fora responsável direta pelo desequilíbrio ecológico.

— Tinha de ser assim — suspirou sem se culpar. Se não interferisse, metroides seriam espalhados por todo o Universo observável[9] e ela veria a obra-prima de seus pais adotivos ser usada como açoite, assim como já eram usadas outras bioarmas. Ao interferir, originou o surto dos seres miméticos, culminando na explosão do planeta e colocando-a como alvo. Uma verdadeira escolha de fachada em um jogo de cartas marcadas.

A Gunship[10] recobrava o fôlego após a fuga das imediações dos destroços do finado planeta. O frio dava as boas-vindas à queda da noite, nada que assustasse Samus, inerte frente à sensação de impotência. Por

---

[6] Também conhecidos como "homens-pássaro".

[7] Planeta colonizado pelos Chozo. É onde se passa *Metroid II: Return of Samus*, segundo jogo da série.

[8] Arma biológica. Artefato desenvolvido com finalidades bélicas a partir de um organismo vivo.

[9] Zona mapeada em cartas celestes. Ignora certas áreas periféricas, recém-colonizadas ou cercanias de buracos negros.

[10] Nave de Samus.

mais que o solo não possuísse o menor atrativo, pisar no chão firme era um simbolismo, uma forma de se manter amarrada em algo, por mais que suas raízes não fossem robustas o suficiente para prendê-la. Em seu inconsciente, desejava um mundo para chamar de seu, por mais medíocre que fosse. As luzes do painel da Gunship já lhe incomodavam a visão. Trajar a Power Suit[11] não era prazeroso como outrora. A ruptura definitiva com a Federação a empurrava ainda mais para a beira do precipício. Sentia-se condenada eternamente à solidão, uma solidão que jamais deixou de rondá-la, mesmo nos tempos áureos. Era como ter o Universo todo à disposição e não caber em lugar algum.

O breu engolia a superfície e, junto a ela, tudo o que ali permanecia. O escuro só não era absoluto pela grande face espelhada do planeta gasoso orbitado pela lua, que decorava o céu com raro encanto. O movimento das coloridas faixas horizontais entretinha Samus, certa de ver naquelas nuvens os caminhos de sua vida: difusos e distantes. Dizer que sentia falta de tudo soava um tanto vago, pois pouco tivera à disposição: suprimentos, treinamentos de ponta e uma armadura soberana nos mais diversos globos não satisfaziam suas necessidades primárias. Nada que a cercava fora uma escolha, e sim imposição, seja dos Chozo, seja da Federação ou simplesmente do destino. Suas entranhas eram reviradas pela angústia de não saber como agir, fazendo-a pernoitar em claro, ao relento, mirando as estrelas e pedindo ao Cosmos para este lhe presentear com a luz que ela tanto necessitava.

---

[11] Versão primária da armadura de Samus. Possui baixa proteção contra agentes como o frio ou calor extremos.

2. MASCARADOS

Protegidos pelas elegantes capas e escondidos atrás de faces carrancudas — mais próximas de máscaras que de rostos —, marchavam pelos largos corredores os mandatários da Federação Galáctica. As instalações do Comitê Descentralizado[12] recebiam as intocáveis lideranças determinadas a debater sobre a massiva perda sofrida há pouco. O clima era de indignação geral: atentados de grande porte contra bases federadas eram comuns, mas nada comparado ao último evento, ainda mais pelas mãos de quem o fizera.

— Enfim, todos — iniciou Crowe, um dos três generais eleitos provisoriamente após o falecimento em missão do mandatário vigente que, mesmo após tanto tempo, não recebera um substituto oficial —. A razão deste conselho de emergência é de conhecimento comum: avaliar os impactos da destruição de B.S.L. e seus desdobramentos.

As dezenas de governadores, chefes de divisão e mais um punhado de homens de confiança acompanhavam o concílio. No centro da sala, complexos hologramas ganhavam destaque, exibindo imagens em tempo real do que restou da região afetada. SR388 foi reduzido a um disco flamejante e seus pequenos satélites naturais se espalharam pelas imediações sem ter mais a quem orbitar. A figura tornou-se nítida, recebendo todos os olhares presentes. B.S.L. havia virado cinzas.

— Os estragos vão muito além do que imaginávamos, senhores. Alguma condição interna abrigada no centro de SR388 acabou induzindo uma hecatombe nuclear após a queda da plataforma. Em condições normais isso não deveria ocorrer, já que B.S.L. fora construída em torno de

[12] Subdivisão da Federação Galáctica. Segundo nível em hierarquia, abaixo apenas do Comitê Central.

um asteroide oco, não possuindo massa suficiente para um evento dessa magnitude. Se não bastasse a lamentável perda da estação, também recebemos com tristeza a vaporização do planeta inteiro, vitimando assim as riquíssimas fauna e flora nativas.

Burburinho. Astrobiólogos[13] chiavam com a erradicação de um ecossistema tão rico e diversificado, mesmo após a aniquilação de boa parte da fauna original pelos traiçoeiros parasitas. Os soldados faziam troça, pois o planeta estava infestado por um organismo pouco conhecido que vitimara alguns de seus colegas. Outros expunham a ira com discrição, sem deixar transparecer as suas reais aspirações. De forma geral, os descontentes formavam maioria quase unânime.

— Silêncio, silêncio — insistiu a autoridade-mor —. B.S.L. já é passado, resta-nos debater o futuro. Como bem sabem, a extinta plataforma não era a única desta natureza sob nossa jurisdição. Tudo indica que uma nova estação será construída em breve, muito mais moderna e segura, tanto para os trabalhadores quanto para os espécimes abrigados. As estações de Paladia e Thoth concordaram em ceder indivíduos. O Comitê Central já nos deu autorização para iniciar os estudos de viabilidade.

— Um momento, Crowe — ergueu-se uma voz nas primeiras fileiras —. Todos nós aqui sabemos que as ultrapassadas plataformas não emulam com perfeição os ecossistemas originais. Os organismos mantidos nos pulgueiros espaciais nem sequer possuem características análogas às hospedadas em B.S.L., quem dirá SR3888. O dano é irreparável!

— Sem dúvidas, Merck. A Federação reconhece o trabalho dos biólogos, mas é o que temos no momento. Devemos considerar que nem mesmo os organismos mantidos em B.S.L. conservavam suas condições nativas, já que os parasitas haviam tomado conta da instalação. O maior prejuízo não está nos espécimes, e sim na cara estação perdida.

---

[13] Profissional dedicado a astrobiologia, ramo da ciência que estuda a vida alienígena e suas particularidades.

Os protestos se intensificaram. Apesar das palavras do general possuírem sentido, a forma com que foram ditas soaram bastante agressivas aos já sensíveis ouvidos. Pesquisadores tiveram anos de trabalho jogados no lixo. Preservacionistas, idem. Além destes, alguns soldados se revoltaram pelo pouco caso em relação aos companheiros mortos pelas infecções contraídas em SR388, justamente pelo mal que desencadeou a trama. Para eles, era uma vingança tardia. Ninguém estava satisfeito, independentemente de suas razões.

Vendo que a reunião não progrediria, Crowe julgou prudente interromper a roda de conversa. A atmosfera pesada levantada por aqueles que tiveram seus trabalhos inferiorizados impediu qualquer discussão produtiva. Os protestantes deixaram o recinto, um a um, vociferando palavras de ordem. Postado à beira da porta, o general colocava a mão no ombro de alguns ao dizer "você fica", dando a entender que uma conversa em mais alto nível seria realizada em breve. Com a sala esvaziada, não mais que sete almas debateriam os rumos do setor posto em desgraça.

— Isso fazia parte dos meus planos — disse o general, agora descontraído —. O motim foi proposital. Instruí alguns deles para provocar a agitação. A reunião foi encerrada sem maior alarde. Sucesso!

— Genial, líder. Quanto menos eles souberem, melhor.

— De pleno acordo, Quinn. Bom, iniciando a reunião que de fato nos interessa, temos de lamentar a destruição da Zona Restrita. Alguns protótipos se tornariam viáveis muito em breve.

— Não delire, general — riu uma das geneticistas-oficiais, abastecendo um copo com água —. A unidade 980 vingou, mas não se parecia em nada com os legítimos. Ela não daria o que precisávamos. Não passava de uma besta indomável... e imprestável.

— Pessimista como sempre, Dietrich. Um novo lote de amostras manipuladas chegaria d'O Grande Abismo muito em breve. Cahill é um excelente caçador de talentos e me apresentou uns jovens que realizam

um trabalho excepcional neste campo, vocês precisam conhecê-los. Tenho certeza de que, desta vez, as peças se tornariam viáveis. Não que o seu trabalho não seja brilhante, doutora, mas a senhora contraiu uma dívida conosco ao armazenar os fragmentos contaminados na estação em vez de incinerá-los. Estrutura como B.S.L., no Universo observável, não há, quero dizer, não havia. Uma pena não poder trazer as mentes mais brilhantes para o nosso lado. O líder deles não permitiria.

Degustando petiscos de alta qualidade e bebendo vinhos caros, lamentavam o quão próximos haviam chegado da perfeição, ao menos em suas cabeças. Como bem sabiam eles — assim como Samus e os piratas espaciais[14] —, a manipulação genética forçada ainda engatinhava. Boa parte dos experimentos não passava de tentativa e erro, muitas vezes vitimando populações inteiras de organismos tomados como cobaias e levando inúmeras espécies à extinção. Os protestos dos ambientalistas durante o primeiro encontro convergiam para esta realidade, apesar destes não saberem nem um décimo do desenrolado nos bastidores.

Passada a nostalgia, enfim, ergueram as cabeças e olharam para o porvir. Lamentar sobre o passado já não fazia sentido, pois a estrutura destruída não ressurgiria com as lamúrias. Crowe, então, fez a partilha de atribuições: Duran transferiria os relatórios originais da Zona Restrita de B.S.L. para um local bastante seguro — o limbo —, de modo a jamais permitir que o Comitê Central tomasse ciência dos experimentos; Cahill ficaria responsável pelas tentativas de cooptação de alguns daqueles talentos ocultos, sobretudo sua paixão antiga; Parisi e Valera auxiliariam o general corrupto a ludibriar os dois generais-responsáveis que não possuíam nenhum envolvimento com o programa secreto; Quinn e Dietrich fariam a articulação com outras bases, levantando os resultados já apurados, suas falhas e eventuais sucessos; Devaux, líder das divisões de enfrentamento, receberia o mais árduo dos trabalhos.

---

[14] Principal organização terrorista da franquia.

— Por fim, você, Devaux. Não me estenderei aqui. O senhor, na posição de chefe das tropas, deverá coordenar uma missão de caça àquela que atrapalhou os planos desta cúpula. Esqueça os anos de cooperação. Esqueça as habilidades dela. Esqueça a amizade que nutre por ela. O seu dever é interceptá-la, com vida, de preferência. Lembre-se que a doutora Dietrich tem uma dívida conosco desde que meteu a traidora no laboratório. Não queira dividir o fardo com ela.

— Não sabíamos que terminaria assim, general! — protestou a assustada geneticista. Crowe, ignorando as alegações, prosseguiu:

— Continuando... Já conhece a ordem, Devaux. Ela tem consciência do que fez e deve estar refletindo sobre. Agora é sua vez de fazer o que deve ser feito. Sem remorsos. Sem perdão.

O subordinado apenas assentiu com a cabeça, pois não era louco a ponto de contrariar o seu superior. O último a peitá-lo foi justamente o seu antecessor, o nobre Wolf, tornado inválido sob circunstâncias suspeitas ao ter o habitáculo de sua fragata[15] explodido por força de um gás nem sequer utilizado pelas tropas federadas durante as missões. Crowe e seus asseclas podiam ficar em seu encalço por resultados, mas todos ali conheciam as habilidades da "presa" e sabiam o quanto a tarefa seria custosa. Esperto que era, não demorou até o hábil líder de tropas descobrir os locais onde Samus não estaria em hipótese alguma, enviando toda a sua força-tarefa para as inúteis zonas. O sentimento fraternal nutrido pela ex-aliada desde os tempos de Bottle Ship[16] falava mais alto que as imposições dos atuais parceiros, ávidos por reestruturar seus obscuros planos.

---

[15] Modelo de espaçonave.

[16] "Navio-Garrafa". Estação espacial abandonada que servia como laboratório secreto da Federação Galáctica. Aparece em *Metroid: Other M*.

3. O RECOMEÇO

O objetivo de permanecer escondida por um período indeterminado corria exatamente como Samus planejara. Evitando contato com quaisquer naves, pousava de planeta em planeta em busca de suprimentos, não demorando muito em cada um deles antes de sumir no céu escuro. Uma vida decadente para um ícone, agora com a imagem profanada pela boca de seus perseguidores.

Cada pouso lhe trazia um sentimento distinto. A solidão era sua parceira de longa data, mas a privação de contato com seus semelhantes começava a incomodar. Além do cruel exílio, sofria com a insegurança, a pressão extrema de manter-se sempre alerta e, por que não, pela boa dose de medo. Não necessariamente medo de ser capturada, mas em relação à própria saúde. Desde que passara pela intervenção crucial dos federados para retirar de seu sistema nervoso central o implacável agente contaminante, sentia-se estranha. A percepção dos arredores estava mais aguçada que o habitual, mesmo sem trajar a Power Suit. A visão pregava-lhe peças, assim como a intolerância ao frio, retornada de maneira injustificada após a suposta restauração de seu genoma original humano-Chozo. Tudo indicava ser efeito colateral do soro produzido com DNA metroide, o fluido que salvou sua vida. Culpa da absorção do *core*[17] da SA-X derrotada nas docas? Impossível saber. Quem possuía a resposta não iria lhe contar, ao menos não de maneira pacífica.

O piloto automático da nave tornou-se um excelente companheiro para os momentos de mal-estar, permitindo a ela se recolher sem maiores preocupações com a viagem. Além deste, fazia-lhe companhia alguns animais resgatados de B.S.L. Sua vida podia ser resumida em coletar

---

[17] Estado condensado dos parasitas X. Assume seu formato característico após Samus derrotar o estado físico imitado pela criatura.

suprimentos em bases desérticas, alimentar os seres, andar de um lado para o outro pela Gunship e apreciar os exóticos pores-do-sol em diferentes — e desprezíveis — mundos.

Pior que o meio externo, apenas o cárcere de suas emoções. Sufocada como se engolisse continuamente monóxido de carbono, passava noites e mais noites em claro. A saúde se deteriorava, tanto a mental quanto a física. Pesadelos eram recorrentes e o terror aumentava a cada noite. Vozes eram ouvidas, muitas vezes gritos ou chamados indecifráveis. Alucinava com os olhos abertos ou fechados. As entranhas se retorciam com ultraje. Dia após dia, em um ciclo infindável.

Em mais um de seus delírios acerca do que fazer, tomou um pobre dácora[18] como ouvinte, que lhe respondia com tímidos piados. Ao menos aquele bicho era vivo, ao contrário dos pedregulhos atirados ao longe em cada uma das bases desérticas visitadas.

— Algo está errado! — gesticulava com veemência, crendo que o manso companheiro era capaz de compreendê-la. — Eu deveria estar aliviada por ter, ao menos, adiado os planos da Federação em usar outra criatura irracional como arma biológica, mas não. Sinto como se os tempos de aflição estivessem apenas começando… como se a missão não tivesse sido completada como deveria. Você me entende, não é?

O receio era compreensível, visto que agora ela era o principal alvo, muito embora conversar com dácoras não fosse a melhor maneira de solucionar o conflito. Ainda assim, Samus pressentia não ser apenas a pressão constante a razão de sua agonia.

Fim de mais um dia. Início de mais uma tormenta inconsciente. Perdera as contas de quantas vezes aquilo ocorrera.

---

[18] Ou dachora. Espécie nativa de Zebes semelhante a uma avestruz. É responsável por ensinar para Samus a técnica conhecida como shinespark.

***

Vi-me deitada em uma cama cercada por cientistas. Estava amarrada e não podia de me mover em hipótese alguma. Trajava apenas a minha Zero Suit[19]*. Sentia-me frágil, como poucas vezes me senti. Aqueles homens cobertos com capuzes me observavam atentamente, em silêncio, aguardando que algo distinto ocorresse, e realmente ocorreria. Notei quando alguma coisa se revirou em meu ventre, mas não tive dor. Meu tórax se expandiu e os estranhos deram um passo para trás. Uma criatura horrenda saltou à altura de meu estômago, emitindo gritos pavorosos. O desespero tomou conta do ambiente, embora eu estivesse tranquila: meu horror pareceu sair junto à besta. Um dos encapuzados, enfim, tomou coragem e arrancou de mim o ser anômalo, levando-o para uma sala adjacente. Meu pânico regressou. De alguma forma aquela coisa me transmitia paz. Por fim, antes que eu pudesse identificá-la, despertei.*

Esta foi uma visão infernal, apenas mais uma como as surgidas em cada uma das noites anteriores. Dia após dia, noite após noite, não importa. Seis meses consecutivos de pesadelos cruéis. Alguns, meramente especulativos ou fantasiosos, como quando sonhei saltar de uma plataforma espacial sem meios de aterrissar em segurança. Outros, com fundo de verdade ou margens para suspeitar, quase sempre ambientados em laboratórios, planetas desérticos e afins. A considerar o quanto venho sofrendo com enjoos desde o início da semana, não duvido que realmente haja algo repugnante dentro de mim. Creio que fui tomada como cobaia, assim como as dezenas de SA-X da finada estação, as larvas mantidas na Zona Restrita e o metroide ômega[20] *fracassado das docas, que pouco lembrava a versão natural criada pelos Chozo. Centésimo quadragésimo quarto dia após o evento cataclísmico de SR388. Samus Aran, desligando.*

---

[19] Traje interno de Samus. É atualmente representado por um collant azul, mas já possuiu a cor rosa ("Justin Bailey", *Metroid*), branco (*Metroid II: Return of Samus*), preto (*Super Metroid*) e azul, porém em duas peças (*Metroid Fusion*).

[20] Estágio final do ciclo de vida dos metroides.

***

Ao terminar o registro na caixa-preta da nave, deparou-se com uma algazarra feita pelos animais. Os etequinos[21], seres simiescos que possuíam elevado grau de inteligência, apontavam para os radares.

— O que acontece, amiguinho? — coçou a cabeça enquanto esmagava os olhos para enxergar. Aquele detalhe não poderia passar despercebido, pois um sistema solar próximo foi detectado. — Não reconheço estes corpos. O que está havendo? Onde estamos?

Samus conferiu os equipamentos e percebeu que apenas cinco horas se passaram desde quando se deitara pela última vez — a tormenta da maca relatada na forma de registro —. Dácoras e etequinos estavam bem nutridos, ou seja, a escala de tempo correspondia ao exibido nos instrumentos. Por que tudo estava tão diferente em um intervalo tão curto?

Após uma breve inspeção de espectrometria[22], percebeu que a estrela-mãe daquele sistema era fria, tendo pequenos planetas rochosos ao seu redor e uns insossos asteroides perdidos como enfeite. Parecia ser um ambiente amigável em meio ao caos que a rodeava.

— Podemos nos manter na órbita de algum desses pequenos mundos por enquanto — tomou agora um etequino como ouvinte, que fingia compreender as palavras ditas, assobiando em resposta —. O ambiente é seguro. Precisamos entender o que está acontecendo.

Enquanto buscava por alguma explicação plausível, notou explosões aleatórias de tamanhos variáveis refletidas pelo grande visor da Gunship. As luzes emitiam um intenso brilho branco e não ocorriam com

---

[21] Ou etecoon. Espécie nativa de Zebes semelhante a um macaco. Foram responsáveis por ensinarem Samus a realizar a técnica conhecida como wall jump.

[22] Técnica analítica física para detectar e identificar moléculas de interesse por meio da medição da sua massa e da caracterização de sua estrutura química.

regularidade. O fator aleatório fazia o seu coração disparar enquanto a cabeça desejava imitar o movimento de rotação daqueles corpos celestes, perturbando ainda mais o já sensível estômago.

Em um ato corajoso, abandonou a pacífica vizinhança e perseguiu uma das luzes misteriosas. Talvez aquilo explicasse o fato de ela estar em um ambiente desconhecido em um período injustificado. Assim, fechou os olhos e prendeu a respiração esperando o grande espelho engolir a nave com volúpia. O coração da heroína sumiu diante da angústia por não saber o que encontraria do outro lado: a paz ou a ruína. Para o seu espanto, uma zona igualmente monótona se revelou do outro lado da bocarra, apesar de a nova região não apresentar corpos menores. Era como se a Gunship estivesse no mesmo lugar de antes.

"Um portal? Seria um portal espaço-temporal?" foram suas últimas palavras pensadas naquele dia. Em seguida, estampou o piso por consequência de fortes dores no abdômen. Os pequenos amigos peludos ativaram o piloto automático da nave enquanto ela se contorcia pelo chão para depois desfalecer. Apenas no dia seguinte recobrou a consciência, acompanhada do pressentimento de que uma emergência aconteceria. Assim como ocorrera desde sempre, não teria o poder de escolha.

Os portais desapareceram. O novo ambiente era escuro, com poucos asteroides desinteressantes nas redondezas. Não parecia haver vida por aqueles lados, o que ia de encontro ao objetivo principal de evitar exposições. Se a região fosse abandonada como a Zona Laranja, teria paz.

***

Passaram-se mais alguns dias. As crises de dor iam e vinham em intervalos nada regulares. A nave ainda possuía suprimentos, portanto, poderiam permanecer ali por mais tempo sem se preocuparem com a escassez. Samus notava um crescente inchaço em seu abdômen, que só

aumentava com o passar dos dias. Logo lembrou-se da visão e mais dúvidas surgiram. "O que há comigo? Aliás, o que houve enquanto estive desacordada após o acidente no cinturão de asteroides? O que aqueles malditos da Federação galáctica fizeram comigo?" eram pensamentos recorrentes em sua confusa cabeça.

Samus era extremamente corajosa, mas a situação a apanhara. Sentia-se vulnerável. Havia um coração por baixo daquela gelada Power Suit. Sem dúvida alguma era mais fácil lidar com espécies destrutivas do que com seus próprios dilemas. Ter perdido os pais tão cedo, ser instruída por uma raça alienígena superior, enfrentar organizações criminosas praticamente sozinha... O cenário seria assustador para qualquer outro ser humano. Aprendera a lidar com tais traumas através da supressão de seus sentimentos, embora tenha sofrido muito por conta do "bebê metroide", morto em Zebes. Seu lado humano — emocional e instável — estava florescendo: havia uma boa razão para isso.

A NINFA

4. ESPERANÇA

Ano 2089 do Calendário Cósmico[23]. Os olhos caídos permaneciam fixos no teto, buscando enxergar além das placas foscas. A respiração profunda fazia a mente flertar com um estado meditativo, não obtendo sucesso na empreitada unicamente pela perturbação sonora vida do lado de fora dos dormitórios. Apenas os ruídos metálicos contra o piso conseguiam trazer Samus de volta à realidade, perturbada desde o insano biênio 2081–2082.

A natural inabilidade em fazer pedidos havia certamente impactado a sua sina. Ao ansiar uma luz como presente divino, recebera, na forma de um pacotinho embalado, um cometa, que não a deixava em paz por um só instante. A vivacidade da nova companheira de nave a fez rearranjar a posição de toda a mobília, de modo a evitar que acidentes acontecessem no ambiente confinado. Nem mesmo os animais causavam-lhe tantos transtornos. Pelo contrário: por vezes, faziam papel de babá enquanto a veterana saía pelos mundos atrás de mantimento.

A crônica e cruel solidão de outrora não tinha lugar na Gunship. O sono, antes agitado por conta dos rotineiros pesadelos, sofria ameaças pelos gritos dados por sua companheirinha na escuridão do dormitório. O espaço sideral era, em essência, um ambiente de pouca luz, mas a infante parecia não encarar muito bem aquela condição. Samus, por outro lado, apreciava a penumbra — quase sempre capaz de amaciar sua alma cansada —, mas, em prol da pequena, renunciava a seus gostos pessoais. Mais uma imposição alheia, diga-se.

---

[23] Calendário unificado adotado por todas as civilizações associadas à Federação Galáctica. Em seus respectivos mundos, cada povo assumia a sua própria escala de tempo, usando a conversão apenas nas relações interplanetárias.

Não havia um único dia em que não refletisse sobre o desenrolar dos últimos sete anos. Pousar em SR388 pela segunda vez, durante a missão de coleta de espécimes para a estação, foi o pior erro que cometera na vida. Além da corrupção da Power Suit, ganhara de brinde uma traumática experiência científica que lhe acarretou um desfecho improvável. De certa forma não reclamava, pois, se não fosse a inoculação do soro metroide, teria morrido antes mesmo de lutar na plataforma. O maior dilema era não aprender a lidar com o novo fardo, uma preocupação dobrada por alguém que nem deveria existir.

Seus olhos se arregalavam ao relembrar aquele traumático dia do início de 2082. O que ocorreu na véspera a sua mente não conseguiu guardar, com exceção de um grito anunciador da quase morte. Após recobrar a consciência — fruto de mais um dos inúmeros desmaios que tivera na época —, mesmo atordoada, notou uma coisa gosmenta a se mover ao seu lado, protegida por um dácora que isolava a misteriosa criatura do contato com o chão gelado. A primeira associação feita foi justamente com um pesadelo de semanas antes, em que um ser aberrante saía de dentro dela. Desta vez, porém, fazendo-lhe companhia havia apenas uma pequena manchinha rosada pintada com o vermelho de seu sangue. "Esperança", murmurou com sarcasmo enquanto a observava com desprezo. Esperança era o que tanto pedia ao Cosmos, que parecia fazer-lhe chacota em retribuição ao seu sofrimento.

Quanto mais implorava por respostas, mais questões surgiam. Samus nunca se envolvera com ninguém, pois era objetiva demais para perder tempo com fúteis detalhes, como costumava dizer. Nunca havia lidado com uma criança na vida, sendo sua única "experiência maternal" a relação mantida com o metroide larva resgatado anos antes no planeta destruído há algum tempo, mas daquela vez era diferente. A diminuta criatura havia acabado de sair de dentro dela e sabe-se lá como tinha entrado: era um pedaço seu. Mesmo sem saber como lidar, tomou o ser em seus braços e tratou-o com menos repulsa. Realmente era como ela, apesar dos peculiares caprichos da natureza. Apresentava ralos cabelos

ruivos e tinha a pele muito pálida, reveladora de várias veias em seu frágil corpo, além dos olhinhos castanho-avermelhados. Era o momento de esquecer os problemas por um instante e admirar o milagre da vida, mais uma vez contra a sua vontade.

— Nada foi por acaso — disse, retornando ao presente e desassociando-se da significativa cena. O barulho das brincadeiras no corredor não a permitia devanear além.

Nos anos subsequentes, nada de especial. Samus, uma verdadeira atleta de elite, não tardou a atingir o auge físico. A cria, batizada como Nadia[24], que, em alguma língua humana antiga, significava esperança — uma forma de recordar, jocosamente, da cuspida que o Universo lhe dera na cara quando a caçadora mais ansiava por um novo porvir —, crescia rapidamente. Os bichinhos eram seus principais alvos e não escondiam a perturbação que ela lhes causava, com exceção de um dácora preferido, poupado de suas mordidas, uma forma infantil espontânea de explorar o mundo. Conforme crescia, aprendia a dominar as duas línguas faladas por sua mãe — humana e Thoha[25], de seus pais postiços —, tanto oral quanto escrita. Para quê? Volta e meia era necessário remover os hieróglifos[26] estampados, pintados ou cravados nas paredes com as ferramentas de reparo que ficavam espalhadas pelo chão da espaçosa nave. Por sorte a menina não utilizava os objetos pontiagudos para ferir a si própria ou aos animais que tanto amava.

Apesar do isolamento geográfico, conseguir combustível não era tarefa difícil, tampouco encontrar alimento, pois existiam muitas fontes de recursos devidamente reservadas para futuras colônias humanas até então desérticas. Eram planetas em processo de terraformação, ou seja, inóspitos durante um longo período de sua existência, mas expostos às

---

[24] Do eslavo ou russo antigo: Nadezhda.

[25] Uma das tribos Chozo principais. Eram dotados de extrema benevolência. Responsáveis por criar e dominar os metroides.

[26] Alfabeto Thoha. Inserido em *Metroid: Zero Mission*.

modificações graduais para servirem como base numa eventual exploração de certa área do espaço. Outras civilizações também aprenderam a dominar, cada povo à sua maneira, o processo, grande facilitador para as colossais viagens intergalácticas. A terraformação era muito comum, visto que se alimentar de espécies extraterrestres representava um grande risco e viver em estufas pressurizadas soava deveras antiquado.

Cada uma das expedições externas representava um bálsamo para Samus, podendo, enfim, reencontrar o silêncio, seu ex-companheiro que há muito tempo não dava as caras. Nadia nunca tinha deixado a nave, pois sua mãe temia que os pulmões da menina estranhassem as atmosferas, embora fossem seguras para humanos — em caso de doença, não teria a quem recorrer —. As desesperadas batidas contra o vidro da Gunship não comoviam a heroína que, ainda assim, evitava olhar para a cena para não correr o risco de se angustiar diante dos suplicantes olhos.

***

Ano 2094 do Calendário Cósmico. A nave mostrava-se minúscula para Nadia, fonte inesgotável de energia. Mesmo sem poder brincar como faria uma criança comum — correndo pelos vastos campos ou trepando em árvores —, demonstrava notável força física e agilidade invejável, levando a certos transtornos em um ambiente tão apertado. Outro ponto interessante era o fato de os animais começarem a sentir medo dela, mesmo sem motivo aparente. Samus sentia ser a hora de procurar um planeta realmente habitável para lhes servir como lar definitivo, embora esbarrasse no receio de ser encontrada pelos federados que ainda a assombravam ininterruptamente, mesmo sem dar sinais.

— Preciso de uma orientação — sussurrava sem chamar a atenção da filha, ocupada com uma caixa metida na cabeça ao desfilar montada sobre as costas de um pobre amigo peludo.

Na falta de melhores alternativas, resolveu pousar em um planeta que constantemente aparecia nos radares da Gunship. Suas coordenadas exatas não eram conhecidas, pois os sistemas de localização da nave necessitavam de manutenção desde o cruzamento dos portais anos antes. A ausência de anomalias na espectrometria aliada a uma estranha simpatia por aquele mundo desértico instigava Samus a descer. Tinha de ser ali. Tinha de ser naquela hora.

A superfície era rochosa, plana e possuía algumas elevações ao fundo. Havia indícios de colonização humana mais ou menos recente. Uma densa floresta com árvores altas podia ser vista — provavelmente plantadas por humanos, pois o lugar não apresentava sinais de atividade biológica nativa. O ar era respirável: talvez houvesse mais oxigênio ali do que na atmosfera da antiga Terra. O céu rosado apresentava tênues e numerosas nuvens brancas. Um ambiente bastante acolhedor, diferente dos mundos visitados por elas, melancólicos e com pouco a oferecer. Pela ausência de riscos aparentes, talvez fosse a hora de Nadia dar um passo além de seus domínios. Ela merecia.

O pequeno coração não cabia no peito, transbordante de alegria ao ver o mundaréu a perder de vista. Os olhinhos rubros estranhavam a profundidade, muito pelo costume de ver apenas objetos próximos. A areia foi atirada para cima como um pó mágico, tingindo o seu curto cabelo de cor-de-rosa, como se aquele fosse o melhor presente de todos. Finalmente teria um quintal digno só para ela.

Enquanto ouvia o encantamento da filha ao fundo, Samus seguia cismada com a estranha nostalgia sentida. As árvores, a textura do solo, o céu rosado, as construções metálicas... Ela explorava cada pedaço daquele planeta assim como Nadia, buscando entender por que aquele local lhe despertava sentimentos tão intensos. Ao superar um morro, encontrou uma construção humana parcialmente arruinada, vagamente similar a uma base. Precisava investigar com cuidado, não antes de trancafiar novamente a sua prole na Gunship, por segurança.

O prédio abandonado apresentava rachaduras de todos os tipos, sugerindo uma grande explosão nas imediações em um passado remoto. Os armários guardados em seu interior estavam vazios e não existiam pistas sobre o que fora aquele lugar. Uma catástrofe? Esgotamento de recursos? Um atentado? Tudo faria parte do campo especulativo se não fosse um *flashback* digno de seus tempos mais angustiantes.

As vagas lembranças logo vieram à tona. As brincadeiras com Pyonchi[27], a colônia prosperando, as naves cargueiras... tudo parecia estar de volta. Via, com detalhes, a chegada dos Grandes Pássaros, seu primeiro encontro com Ridley[28] e, obviamente, seus pais, Rodney e Virginia. Lágrimas escorreram por dentro de seu capacete vermelho ao identificar aquela terra arrasada como K-2L[29], a origem de tudo.

— Definitivamente, fui guiada até aqui. Isso não é coincidência, não pode ser. Há alguma força me direcionando — concluiu ao retomar as rédeas de sua consciência. Querendo ou não, aquilo lhe servia de alento, pois não estava tão desassistida como imaginava.

K-2L fora abandonado pela Federação por ser considerado uma colônia "amaldiçoada". Não havia interesse da parte de ninguém em voltar a explorá-lo, já que reservas minerais mais atraentes foram descobertas em outros planetas. Revisitar aquele lugar, um símbolo de sofrimento para milhares de famílias, representava um retrocesso e não era justificado por nenhuma razão. Isso deu tranquilidade para Samus, pois muito dificilmente alguém a importunaria por aquelas bandas. Era o cenário ideal para ensinar à Nadia boas noções de sobrevivência.

---

[27] Rabbilis adotado por Samus como animal de estimação quando ela era criança. Parece ser um híbrido entre um coelho e um esquilo.

[28] Principal antagonista da série. Assemelha-se a um dragão e foi responsável pela morte dos pais de Samus. É o líder dos piratas espaciais.

[29] Planeta onde Samus fora encontrada pelos Chozo após o massacre promovido por Ridley. Foi citado pela primeira vez em *Metroid: vol.1*.

5. A VOZ DO DEVER

Talvez Samus estivesse sendo dura demais consigo mesma. Ao se maldizer diariamente, acabava por ignorar detalhes sutis que a cercavam. Já havia perdido as contas de quantas vezes lamentara por não ter ninguém à sua volta, algo que não ocorria mais — Nadia era tão apegada que chegava a ser irritante —. O abandono que supunha sofrer não era justificado pela sequência de desdobramentos, comprovações explícitas de que alguém olhava por ela, mesmo à distância. Aquelas aberturas aleatórias de portais, a mágica gestação, o reencontro com K-2L anos depois... Muitas dúvidas a rondavam, não importavam as provas, mas sofrer com antecedência não mudaria o seu destino. O que definiria os seus rumos era a capacidade de adaptação que ela possuía: bastava saber se Nadia compartilhava do mesmo espírito.

Pensando em um possível reencontro com a Federação Galáctica, julgou prudente ensinar conceitos básicos de sobrevivência para a cria. Era a hora de repassar o que ela havia aprendido com os Chozo enquanto jovem, no também extinto planeta Zebes[30].

Nadia tinha facilidade para absorver os conhecimentos passados por Samus. A vocação natural ao combate e à fuga era notável desde o confinamento na Gunship — as brincadeiras de empurrar e agarrar eram praticadas com os bichinhos —. De início, foi estimulada a capacidade de correr por longos períodos e se esconder nas paisagens naturais e artificiais de K-2L. Depois, escalar o terreno rochoso sem cair nas fendas. Por fim, os treinamentos de esquiva. Resumindo, brincadeiras infantis embaladas em uma roupagem pós-apocalíptica.

---

[30] Planeta lar dos Chozo. É onde se passa *Metroid* (e seu remake *Metroid: Zero Mission*) e *Super Metroid*. Após a morte de Mother Brain o planeta colapsa e explode.

A agilidade da pequena era sobre-humana. Samus também tinha aquela habilidade desenvolvida, mas fora treinada especificamente para ser uma guerreira — os Chozo já esperavam por uma defensora estrangeira há milênios e viram nela a personificação do mito —. Além disso, Nadia mostrava um amadurecimento físico descomunal: era uma menina de doze anos em um corpo de vinte. Sua força bruta a fazia buscar os embates físicos, ao contrário da caçadora, adepta da esquiva. Os treinos visavam a autodefesa em um primeiro momento, mas, mesmo assim, surgia um potencial além das expectativas. A cada dia passado, Samus tinha mais certeza de que sua filha seria um alvo iminente da Federação caso a encontrassem, mais cedo ou mais tarde.

Fora dos treinos a aprendiza mostrava-se bastante inquieta. Talvez fossem as transformações da adolescência próxima, talvez fosse a pressão descabida colocada por sua mãe ou ainda o desgaste causado pela própria rotina de treinamento, que excedia — e muito — a quantidade de esforço recomendado para uma criança. O sono andava agitado e seus sonhos eram aleatórios e assustadores. Hereditariedade, quem sabe.

Em uma das noites ouvira com clareza uma voz, possivelmente humana, que a chamava pelo nome. As palavras eram ininteligíveis e o rosto do interlocutor não era visível. Nunca passara por uma experiência como aquela. Apesar do susto, resolveu guardar segredo, pois poderia ser algo transitório, fruto de uma mente cansada. Poderia não passar de sua fértil imaginação. Era a primeira voz possivelmente humana que escutara na vida, além da de sua mãe e a sua própria.

Não era sempre que ouvia vozes. Às vezes, conseguia até mesmo ver alguns ambientes, como uma sala escura que continha artefatos antigos, jamais vistos por ela. A única coisa que não conseguia ver era quem a chamava: seus "mentores" permaneciam ocultos por alguma razão. Nada daquilo era compartilhado com Samus, sempre desinteressada em ouvir as reclamações da filha por suspeitar ser alguma artimanha para escapar da rotina exaustiva.

Os treinamentos tornavam-se cada vez mais complexos. Verdadeiros testes de resistência lhe eram passados, como viver com poucas reservas de comida e água e permanecer consciente em um ambiente hostil — apesar da terraformação, as noites em K-2L eram cruéis, com baixas temperaturas causadas pelo vento —. A neblina azulada que cobria toda a superfície do planeta até o raiar da estrela-mãe prejudicava a visibilidade, uma das fraquezas da menina. Tudo era válido, apesar do visível exagero da mãe, replicadora do que recebera na infância.

O comportamento da jovem mudava. De extremamente focada, tornava-se dispersa. Antes, Samus a encurralava em algum ponto dos rochedos e ela tinha de sair discretamente sem ser interceptada, realizando a tarefa com sucesso por centenas de vezes. Agora, com frequência, Nadia revidava de forma patética ao desferir pedradas e gritos, justamente o oposto dos conceitos de camuflagem. As visões mexiam com a sua cabeça, mas seus tormentos iam além. O corpo também se alterava a cada dia. A postura não era usual. Sua coluna mostrava-se curvada e os membros estranhamente alongados. Os ruivos cabelos estavam, gradualmente, escasseando. A pele aparentava estar mais seca. Poderiam ser consequências de um treinamento excessivo, ou não.

Antes do vésper, em um dos raros dias de descanso, Nadia se sentou na beira de um pequeno lago, observando seu reflexo nas águas cristalinas que repousavam sobre o leito rochoso. Tocava o próprio rosto e questionava a razão de sua aparência se afastar da de sua mãe, a única referência que possuía. Apavorada, correu em direção à Gunship, isolando-se do mundo que até então era só dela.

Faltavam respostas, aliás, faltavam perguntas para traçar uma linha de raciocínio. O que antes parecia trivial, agora se revelava um problema que nenhuma das sobreviventes de K-2L sabia explicar. Aquela imagem refletida na face do lago dos cubos realmente assustou a menina. Era uma confirmação de que as vozes escutadas não eram delírios. E Samus? O que ela saberia a respeito? Deveria questioná-la?

— Por que não se comunicam agora? Aparecem, somem e não me ajudam em nada! — lamentava, amuada em um canto da nave, longe dos olhares críticos de sua mãe.

Em meio ao turbilhão de pensamentos, só conseguia chorar. Chorou a ponto de cair em um sono profundo, quase um coma instantâneo. Desligando-se do mundo real, novas sensações viriam à tona.

***

Estava em frente a uma grande colina prateada. De um lado existia uma caixa metálica com uns dez metros de largura, parecida com o que costumo ver aqui. Eu estava sozinha, mas alguma coisa parecia me empurrar lá para dentro, talvez a curiosidade, não sei. A porta da caixa se abriu só de eu me aproximar. No interior da construção abandonada havia uma grande cápsula com um organismo vivo, que flutuava de um lado para o outro, como se me chamasse para dançar. Era incrível! Dei uns cinco passos em direção à criatura, mas caí em um grande buraco escondido no piso. Caí por vários segundos antes de me chocar contra o chão de uma câmara parecida com a outra, mas não me machuquei. Levantei e sacudi a poeira da minha roupa. Quando vi, estava rodeada por uns vultos dourados, que me confortaram e disseram para não ter medo. Gostei daqueles seres da mesma forma que me senti atraída pelo bichinho da cápsula.

Ao avançar pelos ambientes, tive a impressão de que não estava mais dentro daquela montanha, e sim em um mundo paralelo. Caminhávamos dentro de um grande tubo transparente. Dava para ver pelas paredes deste tubo uns animais estranhos do lado de fora. A atmosfera era esverdeada e grandes massas amarronzadas abraçavam o cano de vidro, sem pressioná-lo. Conforme avançávamos, diferentes ambientes surgiam. Entramos em uma sala escura onde dava para ver uns pequenos bichinhos brilhantes. A movimentação deles era fluida. Acho que viviam na água, mas não consegui ver. Sempre tive medo do escuro. Os seres pediram para confiar neles e que nada de mau aconteceria.

O próximo ambiente era terrível! Vi um céu avermelhado e pedras em chamas voavam acima de nossas cabeças. Ouvi batidas nas bordas do tubo. Eram fantasmas pedindo socorro enquanto queimavam. Entre eles havia uma besta da altura do cubo prateado da entrada da colina e não havia arma capaz de detê-la. Não consegui lidar com aquilo e entrei em desespero, mas as figuras douradas disseram outra vez para eu não temer, pois fazia parte do roteiro. Qual roteiro? Um deles me abraçou e disse que o maior desafio estaria mais à frente. Tive mais medo ainda. Não tinha como voltar, logo, precisava confiar naqueles indivíduos. Os seres aparentavam ter controle sobre absolutamente tudo à nossa volta, mas a única coisa que eu queria era um abraço da minha mãe.

Enfim, o último compartimento. Ao abrir a porta, não acreditei no que vi: o final do tubo dava acesso a uma sala de pedras amarelas, que guardava uma grande estátua metálica. A estátua segurava uma esfera de cristal e o interior da bola abrigava um ser igual ao que vi lá em cima. Lá dentro não existia mais nada. Olhei, aflita, para os seres, que sinalizaram com a cabeça para eu tocar a esfera. Aproximei minhas mãos e senti uma energia envolvendo o meu corpo, como se todos os meus medos fossem sugados e destruídos pela criatura. Quando olhei para trás, vi o grande tubo cristalinos desfazer e já não havia barreiras entre os ambientes. Perguntei, chorando, o que faríamos, pois a besta nos atacaria, mas um dos seres respondeu que a "grande ferramenta" me auxiliaria dali em diante, em todos os momentos de minha vida, e se sacrificaria por mim se necessário fosse, assim como foi com a guerreira inicial. Qual guerreira inicial? Logo em seguida senti uma explosão poderosíssima que encerrou abruptamente a minha conexão mental com aqueles indivíduos. Nadia Aran.

***

Aquele sonho aparentava ter consumido várias horas, de tão intenso que havia sido, mas passaram-se uns poucos minutos desde o momento em que fechou os olhos. Ao terminar de escrever na tábula

eletrônica, leu em voz baixa o que anotara e deu-se por satisfeita, afinal, era um registro detalhado da mais intensa de suas visões. O hábito de registrar as impressões e sonhos fora herdado de Samus, que entrou no ambiente em seguida. Nadia, então, entregou o aparelho para a mãe, impressionada conforme lia os grafismos arcaicos.

— A "grande ferramenta" é a Power Suit... — deduziu sob o olhar espantado da mais nova, que não a compreendia.

Samus entendeu tudo. Nadia teria o mesmo destino que ela: igualmente escolhida, vagaria pelo Universo atrás do incerto, exposta a toda sorte de riscos. Negar o óbvio era inconcebível e toda a aptidão natural tinha uma razão para existir. Bastava se lembrar das coincidências que as levaram para K-2L. Não havia como questionar os Chozo.

— Chegou o momento de aceitar o seu destino: ser uma caçadora de recompensas[31] como eu — pronunciou, seca. Nadia a observava, inerte. Mal entendia o que aquelas palavras significavam.

O sonho detalhava uma região específica do globo. Partindo dos rabiscos registrados, Samus supôs que o lugar indicado correspondia a uma encosta maltratada não muito distante de onde estavam. Uma rápida conversa no sopé da colina foi mais que suficiente para deixar claro como Nadia devia agir nas entranhas da montanha.

— Veja, há uma rede de túneis lá dentro. Parece uma mina abandonada. Não deve ter vida lá dentro, mas cuidado: leve a Paralyzer[32] e não hesite em usá-la. Agora é com você, Nadia.

— Não posso fazer isso sozinha! — olhou para a mãe, aflita.

---

[31] Trabalhadores terceirizados que prestam serviços para a Federação Galáctica em troca de bonificações.

[32] Arma de choque introduzida em *Metroid: Zero Mission*. Só pode ser utilizada após o acidente em Chozodia, que fez com que Samus perdesse a Power Suit.

— Você pode e vai. Sozinha.

Embora Samus estivesse com o coração apertado, tinha plena consciência de que não poderia ajudar a filha durante o primeiro teste. A garotinha deveria encontrar seu traje por conta própria, pois, futuramente, explorar para ela seria um ato corriqueiro. Ali começava a missão de sua menina, embora fosse, de fato, muito mais que uma reles tarefa. Era questão de vida ou morte, fato este que ambas desconheciam.

6. SEGUNDA PELE

A grande formação rochosa escondia dois atrativos. O primeiro deles era a antiga mina de afloraltite, outrora extraída por um longo fosso vertical situado no centro da montanha. O segundo, o abrigo do núcleo de terraformação. Embora planetas rochosos compartilhassem similaridades com a Terra, existiam diferenças de massa, força gravitacional e velocidade de rotação. Para minimizar as diferenças, engenheiros galácticos inseriam nas zonas profundas dos locais de interesse equipamentos pesados, normalmente enormes centrífugas movidas à energia nuclear, que acabavam alterando, à força, as características indesejadas desses mundos. Em K-2L o excedente da energia produzida pelas centrífugas era utilizado para alimentar as máquinas extratoras de minério. Túneis escavados na rocha e no solo macio formavam, ao lado das inúmeras tubulações de ventilação forçada, um incrível emaranhado por todo o interior do complexo, tal qual um colossal formigueiro. Todos os equipamentos eletromecânicos hibernavam devido ao abandono.

Nadia nem sequer teve a oportunidade de explorar a superfície como gostaria e já fora incumbida de desbravar as entranhas do globo por conta própria. A timidez só não prevalecia sobre a obrigação por conta do incentivo da mãe, postada diante da entrada. Em sua posse, uma lanterna, a pistola paralisante e muitos medos. A confiança havia a abandonado ainda na fenda: Samus não lhe deu maiores pistas do que poderia existir nas cavernas, aumentando a apreensão, muito embora acreditasse que os Chozo não lhe dariam um fardo que ela não fosse capaz de carregar.

Os primeiros metros dentro da mina revelaram um mundo completamente novo para aquela que tinha como referência de exploração apenas as suas visões. As antigas placas sinalizadoras cobertas por uma espécie de zinabre tinham informações ilegíveis, não lhe fornecendo dicas

de caminhos. Escolhendo uma via aleatória, tida como corredor principal pelas maiores dimensões, deparou-se com um saguão que abrigava em seu centro uma bocarra vertical ligada a outros corredores através de trilhos enferrujados. Tal perfuração deveria ter, no mínimo, uns vinte metros de diâmetro e profundidade incalculável.

— O grande fosso! — exclamou, lembrando-se do sonho. A euforia diminuía conforme recordava do restante da visão, que reservaria boas doses de horror caso se confirmasse. Sacudindo a cabeça ao buscar se desvencilhar da memória, aproximou-se da cavidade com a lanterna acesa para ver o que a esperava.

O facho de luz foi engolido diante de tamanho mistério. Debruçada sobre a beirada sólida, sentia as pernas coçarem pela vontade de saltar lá dentro, mas o bom senso a impedia de cometer tal loucura. Ao contrário do que fizera no sonho, não teve coragem de arriscar a própria vida ao pular em um poço sem fundo, optando por conhecer melhor o local e caçar uma maneira ortodoxa de avançar em direção aos setores mais baixos. Ao erguer o facho de luz, notou certas peculiaridades do saguão, como o formato octogonal com passagens em todas as suas quinas. Excluindo o caminho que levava ao meio externo, tinha-se seis portas lacradas, inacessíveis pela falta de energia. O único caminho viável era aquele cujo acesso estava violado, talvez pelas mãos dos últimos saqueadores que pousaram naquelas bandas.

Os últimos contatos com a luz natural traziam uma ponta de angústia, que só aumentava com o avançar dos passos. Conforme adentrava nos segredos da montanha, percebia as alterações do relevo. As paredes continuavam feitas de rocha de elevada dureza, mas o piso ficava cada vez mais arenoso. "Para quê?", questionava-se ao ser abraçada pelo breu, já que a poderosa lanterna se mostrava pouco relevante. Se Samus estivesse ali, deduziria haver um setor alagado nas imediações, muito por conta da umidade ao respirar. Setor alagado... Não eram apenas as emoções da garotinha que fluíam pelos canais.

Para evitar o terreno difícil — já incômodo ao querer prender-lhe as botas —, preferiu escalar pelas tubulações de ventilação forçada, por onde ecoava um claro som de água corrente, irreconhecível para alguém com pouquíssima bagagem como ela. A rede de dutos dispunha-se como uma melhor alternativa que o solo, mas não significava ser, necessariamente, um caminho seguro: as chapas metálicas deterioradas pela falta de manutenção ameaçavam ruir a qualquer momento. O peso extra da exploradora aliado à corrosão gerada pela água que minava por todos os lados despejou-a em um plano inclinado, onde escorregaria por um bom tempo até encontrar a origem do ruído. Nem sequer foi capaz de gritar. O duto desembocava sobre uma laguna artificial esvaziada quase por completo devido à estiagem global que assolava K-2L. A massa de água fora utilizada no resfriamento das brocas perfuratrizes em outras épocas.

Com o coração disparado e sentada sobre a rasa piscina, tentava entender, às cegas, o que acabou de ocorrer. Apalpando os bolsos, agradeceu a sorte de não ter perdido os parcos pertences.

"Droga!", lamentava em pensamento pelo tombo. Sem saber onde estava, sacou a lanterna e constatou que ela deixou de funcionar com o banho inesperado. Ingrata surpresa.

— Droga! Vociferou, atirando para longe o objeto inútil. A morte da única fonte genuína de luz a deixava refém dos brilhantes feixes disparados pela pistola, intercalados por um período de latência após a saída de cada *flash*. Nada estava tão ruim que não pudesse piorar.

Ah, o cruel escuro... A adrenalina do susto baixava aos poucos, trazendo-a de volta ao mundo real que ela tanto odiava: as trevas misturadas com o frio a faziam tremer por conta do medo e das calças molhadas. Em desespero e sem poder gritar — desconfiava que alguém indesejado poderia escutar os seus chamados —, passou a disparar a Paralyzer sem compromisso, unicamente para ter o que enxergar. Os feixes permitiram a descoberta de uma tênue faixa emissora de brilho fraco proporcionada por algum minério desconhecido encaixado em cada uma das

paredes da laguna. Os disparos da pistola perturbavam o cristal condutor, que emitia, por alguns segundos, uma curiosa luz âmbar ao ser atingido pela corrente elétrica. Sem dúvida se tratava de alguma arcaica tecnologia alienígena para obtenção de luz, algo de grande valia no momento inusitado. "Melhor que nada", refletiu, batendo os dentes.

Um dos preceitos básicos da astrobiologia dizia que onde havia água provavelmente havia também vida. Por que não considerar essa hipótese, sobretudo em um ambiente terraformado? "Não ver uma coisa não significa que ela não exista", pensava, receosa, pisando no solo oculto pela lâmina d'água. Se existia, o que seria? Quantos seriam? Preferiu não arriscar e correu em direção ao próximo ambiente, desvencilhando-se quanto antes do aguaçal. Quando faltavam poucos metros antes de cruzar a divisória, viu emergir do solo um verme com cerca de dois metros de comprimento que se arrastava, vagaroso, incomodado pelas ondas feitas pela marcha. Não aparentava ser o organismo mais perigoso do Universo, mas, por vir das dúvidas, mereceu um feixe paralisante sobre o lombo, abrindo passagem para Nadia correr, livre.

— Foi a luz! — sussurrou com as mãos nos joelhos enquanto tentava controlar a taquicardia. A fauna nativa de K-2L era muito menos atraente que os seus bichinhos de estimação. — A luz chamou a atenção daquela coisa nojenta... não dá para voltar por lá!

A temperatura subia consideravelmente conforme avançava em direção às galerias mais baixas. Se por um lado era bom, já que as roupas deixavam de causar desconforto ao secarem, por outro, as gotas de suor escorriam pela face cansada: o ar escorregado pelos dutos de ventilação facilitava o trabalho de seus pulmões, mas pouco podia fazer contra o calor infernal. Ambientes de temperatura elevada foram favoráveis à vida na Terra e talvez fizesse sentido também para criaturas alienígenas — bastava se lembrar do clima tropical de SR388 e Zebes, detalhados inúmeras vezes nas histórias que Samus lhe contava —, preocupando a menina, ainda perturbada pelo encontro surpresa que tivera a pouco. O

caminho principal eleito desembocava em uma galeria iluminada que não lembrava em nada as instalações anteriores. A luz difusa era proveniente de alguma fonte desconhecida — não as faixas de cristal âmbar —, refletida por uma miríade de pedras e estalactites antes de chegar aos seus olhos. O ambiente possuía uma tonalidade esverdeada que Nadia não conseguia distinguir se vinha das pedras ou do próprio emissor de luz. Era como se existisse um pequeno sol de cristal oculto pelas rochas.

Os olhos frenéticos corriam pelo ambiente, um tanto aborrecidos com pequenos — e incômodos — detalhes: um curso d'água atraía para si nuvens de insetos, que ela torcia para não virem em sua direção. Líquens tornavam as pedras traiçoeiras, podendo, a qualquer momento, jogá-la de volta para o riacho. Vendo o apreço do enxame pela luz, pelo calor, pela água e pelos malditos líquens, seguiu na direção oposta, um canto escuro que escondia uma passagem suficiente apenas para uma única pessoa poder adentrar de cada vez. Nessa fenda existiam cristais verdes incrustados na rocha cinza e seria aquele cristal menosprezado o grande facilitador de sua vida nas profundezas.

***

Longe do fosso, porém, igualmente perturbada, estava a apreensiva veterana. Sentada em frente à fenda por onde a pequena desbravadora entrou, lutava contra o próprio instinto, que a empurrava morro adentro. A aquisição da sua ferramenta sagrada fora muito menos gloriosa, exigindo não mais que um rito cerimonial rotineiro no antigo templo de Chozodia[33]. Além disso, ela era dois anos mais velha que a filha quando o fato ocorreu — fora a idade, Samus possuía à época uma visão de mundo muito mais ampla que Nadia, ainda impressionada com

---

[33] Região de Zebes que abrigava os templos sagrados dos Chozo.

ordinários pedregulhos —. Tempo hábil para encontrar a garota pelos corredores havia de sobra, mas temia que a sua interferência fosse maléfica para a formação dela, afinal, não conseguia deixar de lado a razão da empreitada. Faltava-lhe destreza para encontrar o perfeito equilíbrio entre o seu lado materno e a destinação da prole.

Os longos anos de vigilância quase integrais em um ambiente mais que controlado acabaram por tirar um pouco do seu instinto protetor. Talvez fosse a monotonia da Gunship a causadora de seu embotamento injustificado, já que nenhum agressor externo, com exceção de uma eventual descoberta por parte da Federação, podia ameaçá-la. Seria Nadia um estorvo tão grande quanto ela pensava? Para não invadir o complexo, virou-se de costas para a entrada: queria desligar-se a todo custo. A incerteza contida naquela colina aparentemente deserta conseguiu, pela primeira vez, abalar a inflexível Samus, mostrando-lhe que aquela relação tinha potencial para ir além. Bastava ela ceder à devoção do amor incondicional de sua contraparte.

***

— Eu não quero mais! Eu não consigo! — queixava-se Nadia com os olhos marejados e aflita por ser quase esmagada entre duas paredes ásperas. Seu emocional era muito mais sufocante que os rochedos.

De um lado, a luz e seus pormenores. Do outro, as trevas e as vozes de sua cabeça. Entre ambas, uma pirralha renunciadora da bravura estimulada desde a tenra infância, entregue à decepção por não saber mais como agir. Agachada na greta e atenta se nenhum animal estranho se aproximava, chorou com honestidade — não havia ninguém para criticá-la —. Não pensava em Chozo, em missão, em Federação Galáctica, em "grande ferramenta", em nada. Desejava apenas sair dali, mas nem sequer o caminho de volta para casa ela sabia mais.

A barriguinha contraída pelo encolhimento do corpo emitia um ruído voraz: a fome a visitava. À sua disposição, pedras de diversos tamanhos, não os apetitosos — e desejados — docinhos. Abatida pelo cansaço e pelo tédio, tomou alguns daqueles cristais e passou a atirá-los a perder de vista, no mais sincero retrato de sua situação: uma criança contrariada longe de seus brinquedos. Algumas das pedras estouravam ao se chocar com as rochas, emitindo uma pequena nuvem de gás irritante. Disparando a Paralyzer para iluminar a fresta, descobriu que os fragmentos mais divertidos tinham cor verde. "Será que consigo encontrar uma que seja maiorzinha?", maquinava ao roçar as costas no paredão, arrepiando fiapos de sua jaqueta folgada. O simples fato de entretê-la já garantia o apreço dela pelos sedutores cristais.

Saindo da parte mais estreita, coletou mais fragmentos, de tamanhos sortidos. Grandes ou pequenos, estouravam ao serem destruídos. Quando trespassados por um feixe carregado, rompiam-se com muito mais energia. O castigo da caminhada não tirava da mente as instruções da mãe, categórica ao dizer que a pistola só possuía poder de atordoamento. Por dedução, imaginou que as pedras — sim, as pedras atiradas sem pretensão — poderiam lhe garantir certa capacidade ofensiva, fazendo-a encher imediatamente os bolsos com o mineral, mesmo sem saber os reais riscos em portá-lo. Embora fosse algo desconhecido e potencialmente destrutivo, ao menos não estaria indefesa ao utilizá-los. O risco devolvia ao seu rosto o sorriso.

Vez ou outra surgiam enxames de insetos, que zumbiam com a proximidade da invasora. Por curiosidade, Nadia atirava os cristais próximos a eles, constatando que a sua teoria fazia sentido. A fumaça irritante espantava os animais, obrigados a perturbar em outras freguesias. O sucesso do teste a fez coletar cristais a ponto de abarrotar os bolsos. Ela não fazia ideia, mas as inocentes pedras eram a própria afloraltite outrora tão visada por diversas civilizações e que fora o estopim para a destruição de K-2L. Antes da utilização de combustíveis mais modernos, bastões enriquecidos de afloraltite costumavam ser empregados na propulsão de

naves e na construção de material bélico. Os pequenos pedaços encontrados não foram levados tão somente pelas insignificantes dimensões, visto serem extraídas várias toneladas do minério de cada vez.

Fim da linha. O corredor estreito morria em uma parede de pedra esculpida. A robusta porta metálica localizada no centro sugeria a existência de algo de grande importância por trás da estrutura, entretanto, atravessá-la por métodos normais parecia impossível. O desânimo jogou os olhares de Nadia em direção ao chão de areia.

Novamente frustrada, pensou no quanto aquele percurso havia sido inútil. Até evitava pensar no caminho de volta e nas criaturas ameaçadoras que poderiam surgir em breve para não se atormentar, como se isso fosse possível. O soco no estômago pela sensação de andar por horas em círculos até espantou a sua fome e as explosões dos cristais já não lhe divertiam. Sem alternativas, fechou os olhos, inspirou profundamente e entrou em um estado quase hipnótico sem perceber.

— "Escutei uma voz me chamar. Era igualzinha a que falou comigo nos sonhos e isso me acalmou. Quando me levantei, vi os seres dourados formarem um círculo ao meu redor. Pareciam celebrar alguma coisa. As canções eram alegres e eles moviam os braços. Depois pareciam simular guerras, sem jamais deixar de cantar. Estranhei quando um deles estendeu a mão e me convidou para brincar com eles. Enquanto eu sentia a energia da ocasião, dois deles empurraram a grande porta e permaneceram no vão aberto, não me deixando ver o que existia no interior do ambiente. Aos poucos, desaparecem, assim como suas vozes, indicando que o trabalho já estaria feito". Bom, é isso que devo anotar na tábula quando chegar à Gunship. Minha mãe vai gostar de ler — animou-se, batendo a poeira da roupa e caminhando em direção à porta aberta.

A grande porta dava acesso a uma sala estreita. Em seu interior havia uma figura esculpida na parede, decerto um guerreiro de uma civilização muito antiga. Este guerreiro trajava uma armadura e empunhava em uma das mãos uma espada e, na outra, sustentava um globo com o

entalhe da mão humana em seu centro. As dimensões do entalhe equivaliam à mão suja da menina, encaixada sem folgas.

Ao mais leve toque, Nadia perdeu os sentidos. O mundo real foi desfeito e ela entrou em um estado mental profundo, muito mais intenso que durante as visões. Toda a sua vida passou diante dos olhos como um filme de poucos segundos, incluindo passagens jamais vistas: eram tão angustiantes quanto as bestas das chamas. Neste momento, sentiu o corpo ser envolvido por uma energia suprema que retirou sua alma do estado de agonia e a transportou de volta à realidade. Ao abrir os olhos, viu informações serem carregadas em um visor esverdeado. Mirando os braços, notou estar envolta por uma carapaça biomecânica distinta da armadura de Samus. Também não havia um canhão de braço, estando em seu lugar robustas estruturas de agarre. Tudo isso em um instante.

"O que é isso?", riu, maravilhada, ao passar as mãos pelo corpo. Os objetos transportados, ou seja, a pistola paralisante e os cristais, estavam todos espalhados pela sala. Sem poder contar com os bolsos da jaqueta, reparou em umas dobras elásticas em suas coxas que poderiam servir ao propósito. As placas individuais do abdômen garantiam a amplitude dos movimentos. "É elástico por baixo!", constatou ao rolar pela areia. Os membros inferiores mostravam um capricho extra, sugerindo propensão à velocidade e saltos — aptidão natural da portadora —. A carapaça, muito mais biológica do que mecânica, possuía vários trechos de textura grosseira. Não havia nenhum tipo de metal ou pedra reflexiva onde pudesse visualizar sua face, mas, ao passar a mão sobre a fronte, sentiu a região levemente gelatinosa, diferente da rigidez do restante do conjunto. Sentia-se muito mais leve, sensação talvez causada pela sustentação extra da carapaça, que lhe conferia excelente agilidade.

Nadia Aran carregaria, a partir dali, sobre a própria pele, a personificação da vida e da morte. O próximo passo era abandonar a instalação em ruínas e conhecer melhor as capacidades de sua nova companheira na convidativa superfície de K-2L.

7. AURORA

A estrela-mãe FS-175[34] anunciava a noite ao beijar o horizonte por trás das imponentes mesas rochosas. Seu brilho ficava cada vez mais pálido, puxado ao tom púrpura, que pouco iluminava o chão. Completando a virada climática do vésper, a brisa fria, formadora de redemoinhos agitadores de areia e folhas caídas.

O cenário visualmente agradável por si só ajudava a tranquilizar Samus. Mesmo sem saber dos desdobramentos do interior da montanha, ela sentia uma paz inexplicável acompanhada de um arrepio na espinha. Os uivos das correntes de ar cortadas pelas rochas pontiagudas desejavam dizer alguma coisa em seus ouvidos: os sopros jamais a tocaram daquela forma, nem nos dias de maior solidão. O misto de sensações incompatíveis — uma espécie de dor prazerosa, algo como gargalhar ao ter o coração dilacerado por uma flecha — a deixava ainda mais confusa. Sem saber mais como lidar, abandonou o acesso à gruta e caminhou de volta à Gunship, onde aguardaria a saída de sua joia mais preciosa dos traiçoeiros caminhos da mina abandonada.

***

A pequena sala era o ponto final daquele trecho, não restando alternativas a não ser retornar pelo caminho de onde viera e buscar outro trajeto. Ainda assim, esbarrava em um grande empecilho: o tubo rompido por onde escorregara sobre a laguna ficava a uma boa altura acima do solo e não existiam meios que a permitissem subir, nem mesmo com a

[34] Sol de K-2L.

ajuda da carcaça biomecânica que recebeu o nome de Biosuit uma clara homenagem à Power Suit de sua mãe —. Como a rota original não solucionaria os seus problemas, não custava nada retornar à sala dos insetos e verificar mais a fundo a miríade de ramais inexplorados, guardados na memória com carinho após a fascinação pela intensa luz refletida. Agora protegida, não seria mais importunada pelos levianos enxames.

A sala iluminada estava próxima dali, sendo necessário apenas cruzar a fenda entre os paredões para acessar a galeria aquecida. Ao brotar do lado oposto, estranhou a tonalidade do ambiente puxada ao lilás, levando-a a crer que alguma brecha permitia a entrada da luz do sol, já em vias de se recolher pelo horário. Os aborrecidos insetos, outrora grandes perturbadores, preferiam manter distância, deslocando-se sobre os riachos mais afastados. A Biosuit impunha respeito perante outros seres vivos, fato este que arrancou de Nadia um largo sorriso.

Como era belo o lugar! Livre para explorar, a menina girou a cabeça e ficou ainda mais encantada com a vastidão. Ao passar apressada da outra vez, deixara de contemplar as interessantes estalactites e estalagmites, o jogo de cores dos cristais e o reflexo da água, que a permitiu ver o próprio capacete pela primeira vez — não era belo como o elmo vermelho da Power Suit, mas possuía muito mais atrativos que as caixas plásticas —. Caminhando pelo saguão natural notou existir, espalhadas por todos os lados, diversas elevações, algumas delas com mais de três metros de altura. Ao mirar o teto, sentiu-se tentada com a possibilidade de escalar os blocos e desfrutar de vistas ainda melhores: tudo seria perfeito se as paredes não fossem tão lisas ou se tivessem reentrâncias por onde ela pudesse se agarrar. "Droga", lamentou, encostando as mãos pegajosas contra as pedras. Seu deslumbre pelo lugar também parecia ser compartilhado com a Biosuit, inexplicavelmente atraída pelo minério.

Deve ser um magnetismo das pedras verdes deduziu, olhando para as cavidades elásticas das coxas do traje e verificando por precaução o intacto estoque de afloraltite.

A tal atração das mãos e pés não era suficiente para prendê-la às encostas, embora servisse como lembrete de uma técnica já demonstrada por sua mãe durante os treinos. Se era a falta de uma armadura a razão de não conseguir reproduzir o movimento, acabaram-se ali as desculpas para não o tentar. Com um pouco de persistência e um bom lugar para praticar — um espacinho entre dois blocos perpendiculares —, tomou impulso e chutou as paredes, alternadamente, até ganhar altura e superar a barreira. Enxergar mal não a tornava má observadora: com um pouco de treino, realizaria o wall jump[35] com perfeição.

Para a sua frustração, o segundo pavimento não reservava o mundo mágico que ela imaginou existir. Mais estalactites translúcidas compunham a bela vista, ainda assim, muito aquém do esperado. Devido às dimensões e o formato da cavidade, era provável que o setor tivesse sido um grande bolsão de água antes da interferência dos terraformadores, explicando a umidade das zonas mais baixas.

A luz ambiente ficava cada vez mais tênue. Os caminhos promissores tornaram-se indistinguíveis das vias sem saída pela ação da penumbra, causadora de certos desconfortos em locais muito mais acolhedores. Para evitar ficar parada naquela esfumada região até elaborar uma estratégia viável, tomou um caminho aleatório: um túnel inclinado a levava novamente às zonas baixas, fato constatado pelo aumento da temperatura. O que motivou a escolha foi a identificação de uma pequena luz, um brilho fraco, vazado por entre as brechas da rocha nua.

A curiosidade instigada pela luz ejetada por um canto na parede a fez realizar sua primeira traquinagem nas profundezas. Por conhecer o potencial explosivo da afloraltite, Nadia inseriu alguns cristais na brecha, tomou distância e desferiu um preciso disparo, abrindo um buraco de tamanho suficiente para ela entrar. Antes de se aproximar, viu sair pelo

---

[35] Técnica que permite que Samus escale uma parede ou bloco vertical com uma sequência de saltos. Introduzido em *Super Metroid*.

rombo um radiante brilho amarelo junto a uma forte coluna de vapor pressurizado, assustando-a pelo barulho.

Mas o que... O que é isso? espantou-se, cobrindo os olhos e poupando as desacostumadas pupilas.

Ali repousava um dos núcleos terraformadores de K-2L. Quanto maior a correção a ser feita na órbita ou atmosfera de um corpo celeste, mais inacessíveis ficavam os equipamentos. Por não se tratar de uma profundidade extrema, supunha-se que o planeta já possuía características semelhantes às da Terra antes mesmo da instalação da colônia. O calor, luz e umidade extremas foram responsáveis por atrair a fauna nativa, protegida das espécies introduzidas por humanos na superfície. Desconfiada, Nadia virou as costas ao dispositivo emissor de um zumbido desagradável. "Não é o equipamento mais seguro do Universo e não pagarei para ver o que acontece se isso explodir", deduziu ao se afastar do *core* de carenagem danificada. Era através das rachaduras do encapsulamento que vazavam a luz e calor surreais que tanto a incomodavam.

O calor emanado pela grande cápsula cozinhava o terreno, transformando as duras pedras em cristais um tanto frágeis, pondo fim à estabilidade do solo. As pisadas indiscriminadas e o chiado eletrônico do equipamento tiraram a concentração da menina, que não percebeu o iminente desmoronamento. Ao se dar conta, já estava em uma galeria logo abaixo, assim como um amontoado de pedras.

A câmara descoberta ao acaso era um dos vários parques de extração de afloraltite, abandonado após o esgotamento da reserva principal. Mesmo após anos seguidos de exploração ainda existiam blocos sólidos do material encrustados na rocha comum e qualquer disparo acidental poderia implodir a galeria inteira.

O ambiente não era o mais propício para um turbilhão de vida. Cursos de água sumiram das vistas da exploradora, muito embora o calor pudesse ser compensado pela paz do local, vindo a atrair moradores mais

resilientes. Os olhos de Nadia ainda estavam afetados pelo brilho repentino do *core* e funcionavam com dificuldade, fazendo-a ignorar um ser nada amigável que se movia solitário por trás das colunas de minério. A fera tinha algo entre quatro e cinco metros de comprimento, seis patas e duas longas antenas. Aparentava ser um animal de mordida forte ao extremo, pois possuía um conjunto de dentes ou pinças projetadas de sua boca que serviam para roer o substrato duro. Um confronto com o dono da casa representaria um grande problema, caso viesse a ocorrer.

Ainda lhe faltavam os cacoetes de exploradora. O chutar de pedregulhos, o girar descuidado da Paralyzer em uma das mãos, a caminhada despretensiosa... Tudo diante dos olhos compostos, que a espreitavam, ocultos. Em meio a tantos traques naturais, pisar em um fragmento de afloraltite era questão de tempo. O estalo foi a deixa para o animal surgir, imponente, em frente à visitante.

A besta emitiu guinchos ameaçadores e colocou-se sobre as patas traseiras, em um claro sinal de afronta. Sua boca se abriu, revelando mais quatro dentes internos menores, assemelhando-se a uma estrela de várias pontas. A garota pega de surpresa não corrigiu a posição de batalha, embora tivesse sacado a pistola paralisante e já segurasse um cristal com a outra mão, preparando a combinação que lhe dava frutos.

— O que estou fazendo? Um único disparo errado e tudo se acaba! — caindo em si, viu que seu maior trunfo poderia representar o fim naquela circunstância. A adrenalina e imperícia não permitiriam a tranquilidade necessária para mirar com perfeição na criatura.

Antes que algo melhor viesse em sua cabeça, a fera investiu com agressividade, arremessando de maneira brutal a exploradora contra uma pilastra, derrubando uma porção de blocos menores em volta. Não satisfeita, tentou mordê-la com as fortes presas, não obtendo sucesso pelo uso involuntário das estruturas em forma de garra que ornavam os antebraços da armadura, cruciais para manter bem aberta a boca do animal. A Biosuit fora responsável pela cortesia quando sua dona falhou.

O tempo parou. A horrenda boca posta a poucos centímetros de sua face intimidava, mas não castrava a sua criatividade. "Será que consigo meter uns cristais aí dentro?", maquinava. Como não tinha forças para tirar o monstro de cima dela, manejou, com cuidado, os braços, de forma que o animal continuasse sob seu controle e ainda a permitisse inserir na bocarra as perigosas pedrinhas. Como nenhum dos dois cedia à força imposta, não foi difícil disparar-lhe um feixe perfeito à queima roupa. O impacto da explosão jogou o ser para trás, atordoando-o.

A criatura evitou o confronto depois do golpe pela dor aguda. Abandonar o organismo machucado e seguir o seu caminho era lógico e possível, mas algo empurrava a jovem para a conclusão da batalha. As garras dos antebraços saltaram, eriçadas, desejando a ação predatória, como se o traje dissesse "terminemos o trabalho, falta pouco". Com nojo e indisposta, Nadia cedeu ao chamado interno, caminhando em direção ao agora pacífico representante da fauna. Abatê-lo com mais cristais? Nada disso. Rasgar o couro da "coisa" lhe parecia muito mais divertido.

Montando sobre as costas do bicho, cravou-lhe os seis apêndices pontiagudos e puxou-os para baixo com violência, abrindo dois extensos sulcos no casco e revelando as outrora protegidas vísceras. Antes que o ser agonizante esboçasse qualquer reação além de um grito, Nadia enterrou em uma das feridas um cristal mais volumoso, saltou para trás e mirou com perfeição na pedra, que refletia o fraco brilho do ambiente como se implorasse por um tiro. O disparo foi certeiro e a explosão considerável, rasgando a ameaça em duas bandas irreconhecíveis.

— O que eu fiz? — não cria no que acabara de ocorrer. Como ela, tão dócil e medrosa, poderia cometer tamanha brutalidade? Aliás, como alguém tão inexperiente poderia realizar tal proeza?

Mesmo ferida — a tal coisa arranhou sua clavícula, por onde saía um fluido amarelado —, coletou mais cristais e seguiu a peregrinação rumo à saída. O susto a trouxe de volta para a realidade do espaço, muito menos doce e fantasiosa do que ela imaginava.

O túnel terminava na base do grande fosso visto nos primeiros contatos com a mina. A afloraltite era escoada por ali através de esteiras mecanizadas, atualmente cobertas com cascalho devido ao abandono. A altura era intimidadora, mas a batalha contra a criatura deu uma ideia sobre o uso das garras: com cautela, as estruturas ósseas poderiam ser fincadas nos blocos de modo a escalar com eficiência. Desvendado o truque, era questão de tempo até reencontrar Samus na superfície.

***

Onze horas. Não mais que onze horas tinham se passado desde o ingresso à montanha, tempo este que poderia ser comparado à eternidade pelo fato de insistir em não avançar. Em pé diante da grande vidraça da nave, Samus via a areia sacolejar subjugada pelo vento gélido. Assim estavam as suas emoções, sujeitas à frieza do meio externo.

— Cedo ou tarde eles virão — suspirou ao observar a tênue camada azulada ao fundo, que a remetia certos uniformes.

Samus não entendia o motivo pela qual os Chozo se recolheram, aliás, ninguém compreendia. Até então era consenso que a raça fora extinta pelo fim de sua capacidade reprodutiva, mas os ocorridos pós-B.S.L. mostravam o contrário: a espécie seguia viva, escondida em outro plano. A reclusão dos homens-pássaro foi voluntária, mas por quê? Onde residiam? Como eles sabiam da existência de Nadia? Novas incertezas, como se seus próprios dramas internos já não fossem suficientes.

"Vá", ouviu em sua mente dispersa. Hesitante e teimosa, permaneceu no mesmo lugar. "São apenas vozes da minha cabeça por conta da preocupação, logo vai passar", inspirou a caçadora. "Para onde deveria ir? De volta à Colina Prateada?" Enquanto lutava contra a agonia e segurava-se para não invadir a montanha, viu um pequeno ponto eclipsar a

brilhante linha do horizonte, exatamente na direção canalizadora do seu olhar. Por ter sérias desconfianças acerca da origem de Nadia, correu em sua direção, pois certamente ela precisaria de ajuda naquelas condições.

A escuridão era o menor dos males. O frio implacável se tornaria o algoz da indefesa se não fosse a intervenção materna.

Caída no chão estava a mancha de coloração indecifrável. O visor da Power Suit apontava uma queda brusca de temperatura na couraça vencida. Contrações musculares involuntárias castigavam a cria, dona de uma característica metroidiana marcante: a intolerância às baixas temperaturas. Sem perder tempo, Samus carregou a filha de volta à Gunship, onde ela estaria protegida do clima hostil.

Apesar dos movimentos descoordenados, Nadia aparentava estar consciente ao gesticular com o mínimo de coerência. Os poucos minutos sob climatização reajustada derreteram a fina camada de gelo acumulada sobre a Biosuit, mas não lhe reacendiam o vigor físico. O rosto pálido e abatido pelo árduo dever implorava pelo descanso. Samus a observava com preocupação e buscava diálogo.

— Nadia! Responda, Nadia! Está me ouvindo? — insistiu, sacudindo o torso instável da garota, que não reagia. Os sinais vitais plenos não bastavam para o instinto maternal se acalmar.

— Estou bem, não... não se preocupe — replicou, debruçando-se novamente sobre o painel de instrumentos. Exausta como estava, não tardou em adormecer, desmaterializando o exótico traje. Maiores análises ficariam para outra ocasião.

Já que a sobrevivente não apresentava maiores problemas — os pulsos estavam devidamente aquecidos —, Samus deslocou-se para o posto de pilotagem e permaneceu lá, calada, por um bom tempo. A adrenalina elevada não a permitiria dormir de forma alguma, assim, pôs-se a escrever mais um capítulo de seus dramas.

***

Agora posso puxar o ar por completo sem parecer me asfixiar.

Sozinha, assumiu a carga que eu lhe imputei sem pensar nas consequências. A pureza de sua alma fez com que atendesse às minhas ordens sem questionar, mesmo odiando ficar longe de mim. Confesso que a empurrei para essa tarefa no intuito de me livrar dela por uns instantes e paguei o preço. Perdoe-me, Nadia.

Ela vai se recuperar, isso não me preocupa. O que me preocupa é essa aparência bizarra que se desenha a cada dia: hoje descobri o motivo. Desde cedo eu lhe contei sobre o meu passado e sobre o que nos cercava. Abraçada com os animais, ouvia-me atentamente. "O que são metroides, mamãe?", perguntava só para ouvir as repetidas histórias. "Era um bicho feio que botava ovos", eu respondia sem saciar a sua curiosidade. Ela imaginava seres amáveis como etequinos e dácoras, não fazendo ideia do quão burras eram as suas palavras. Devia fantasiar uma rainha cercada por seus filhotinhos, uma família "idêntica" à nossa. "Desde quando eu sou a sua rainha?", rebati mentalmente, com náuseas, ao ouvir aquelas tolices. Para ela eu era a única, mas não sou.

Hoje entendo que a fisionomia aberrante vem dos trechos de DNA metroide que carrego. O traje recebido dos Chozo já foi corrompido pelo sangue maldito que corre em suas veias. A flecha que parecia rasgar o meu peito hoje cedo poderia ser literal e acabar logo com este meu sofrimento. SR388 me mostrou, com detalhes, como terminarão estas transformações: elas não vão parar. Não quero ver a minha pequena assumir aquela fisionomia grotesca. Não mesmo.

A aurora se aproxima. Preciso descansar, nem que seja por trinta minutos. Se não o fizer, não terei forças para ouvir os seus relatos detalhados, avaliar os danos do traje nem conhecer as suas capacidades ofensivas. Não conseguirei escrever as próximas linhas de nossa história.

Este relatório termina aqui. Levarei a nova escolhida para o leito apropriado: ela já sofreu demais. Tudo ficará bem, Nadia-metroide, ainda que a vida nos diga o contrário. Boa noite, meu amor. Samus Aran, encerrando.

8. JAZ O SILÊNCIO

Ano 2098 do Calendário Cósmico. Nadia, mocinha de dezesseis anos, dominava com maestria os recursos que a sua segunda pele lhe proporcionava. Os cristais de afloraltite, antes tidos como uma preciosidade, perdiam um pouco do encanto, resultado do manuseio constante. As rotinas seguiam igualmente exaustivas, mas tinham como ingrediente extra as apimentadas aulas de pilotagem e os embates tecnológicos — embora a Biosuit não possuísse o potencial ofensivo da Power Suit, tinha lá o seu charme —. Já os dias de folga, como aquele em específico, eram reservados para os ajustes de equipamentos e exploração da natureza, um refúgio para as mentes cansadas presas em um lugar onde a própria busca pela quebra de rotina tornava-se uma rotina.

Em um dia de sol, Samus polia com tranquilidade os contatos do dínamo gravitacional da nave, tarefa constante pela idade avançada do bólido, até ver a despreocupada garota deitada sobre uma pedra, ao longe, balançando as pernas ao vento. Incomodada com a suposta falta de comprometimento da menina, caminhou em sua direção e cobrou-a.

— O que está fazendo aí? — estranhou a mãe diante da cara de paisagem da jovem. — Faça algo mais útil que observar o céu!

— Hoje é minha folga. Dê-me um tempo — respondeu, colocando os dedos entrelaçados por trás da nuca e fazendo-lhe pouco caso.

— Verifique os rotores da Gunship, por gentileza. Estou ocupada com o dínamo gravitacional.

— Já fiz isso. Teste-os.

— A dácora está chocando os ovos? Veja se ela precisa de folhas novas para o ninho. Aproveite e leve areia limpa.

— Troquei as folhas e a areia hoje cedo. A caixa do ninho dela está quentinho, como todo ninho decente deve ser.

O sol morno da manhã primaveril transformava o local insosso no mais agradável do Universo e nada seria capaz de tirá-la dali, nem mesmo a insistência de Samus. As pétalas das flores voavam pela ação do vento, assim como as pequenas borboletas transparentes, distintas de suas contrapartes originais pelas especificidades do planeta. Samus fitava a cria e sua aparente felicidade com o nada, mesmo diante das perturbadoras mutações. Acariciar os cabelos da filha era uma atividade descartada pelo risco de descolar mais algumas mechas, como ocorrera da última vez que tentou pentear os fios de cor escarlate. Talvez por reconhecer a própria decadência, a garota costumava correr pelos bosques ao coletar um punhado de flores, fazendo delas belos arranjos que enfeitavam sua cabeça. Só de não a ver chorando frente ao lago já era de grande valia.

Mesmo com os olhos fechados, Nadia sentia a presença materna. Perturbada pelo silêncio, questionou-a:

— Mais algum pedido, mãe?

— Sabe, Nadia... — aquebrantando o tom de voz imperativo, aproximou-se dela. — Adorei os adornos.

— O que está havendo? — estranhou. — Seus elogios só se referem às minhas habilidades e não estamos em treino.

Uma resposta inesperada para alguém tão submissa. Apesar do "jeito de amar" incomum, Samus tinha por ela um sentimento genuíno que ia além do convívio, embora a questionadora cresse não ser afeto suficiente. Não era necessário ter um parâmetro externo para entender que algo não fluía: animais e bens materiais — armadura e nave — recebiam muito mais cuidados, segundo a sua ótica. "O que eu faço de errado?", martirizava-se em um eterno questionamento interior.

— Nada, apenas achei as tiaras bonitas — respondeu, pegando um dos enfeites. De fato, as tramas mostravam esmero.

— Cante para mim, mãe.

— O quê?

— Como sempre fez, quando era pequena. Sinto falta.

— A solda molecular já deve estar pronta — esquivou-se —. Preciso ajustar os *flaps*[36] para o exercício de amanhã. Perdoe-me.

O treino não ficaria para o dia seguinte. Pelo pesado silêncio que pairou sobre o ambiente, trataram de inserir na programação diária um voo surpresa pela exosfera de K-2L. Ao menos, teriam com o que se preocupar além de futilidades chamadas emoções.

***

— Aqui é a colonizadora USCSS Pangea, origem Terra E, registro 178A-B5-8586, chamando Central de Controle da Companhia InaCorp.

— ...

— Nave colonizadora USCSS Pangea, registro 178A-B5-8586, chamando InaCorp... na escuta, Central?

— ...

— USCSS Pangea chamando InaCorp... responda!

— Controlador de tráfego Iketani na escuta, USCSS Pangea.

— Acabamos de detectar através do radar uma nave de origem e matrícula desconhecidas circulando nas imediações do Sol FS-175. A nave não respondeu à solicitação de identificação amigo-inimigo e mergulhou na atmosfera de FS-175 K-2L. Câmbio.

---

[36] Componente presente nas asas de aeronaves, responsável pela sustentação do aparelho durante o voo.

— Por favor, repetir a solicitação, USCSS Pangea. Comunicação falha por interferência eletromagnética. Câmbio.

— Nave desconhecida... ignorou identificação amigo-inimigo... FS-175-K-2L. Necessitamos escolta. Câmbio.

— Entendido, USCSS Pangea. Enviaremos escolta própria para garantir a integridade da carga humana e comunicaremos a Federação Galáctica para a identificação da nave invasora e colaboração com a segurança do espaço aéreo. Câmbio.

— Copiado, InaCorp. Câmbio, desligo.

Retirando os fones de ouvido, Iketani virou-se para um parceiro de função e contou-lhe sobre as suas impressões. Pelo fato de K-2L tornar-se famoso pela tragédia passada, ninguém acreditaria que aquela esfera detestável pudesse abrigar algo relevante como um invasor. Debochando, até cria haver uma falha operacional nos radares da colonizadora, o que justificaria a comunicação difícil, mas, ainda assim, informou os responsáveis pela escolta privada da carga e remeteu um relatório à Federação, apesar de acreditar que nada seria feito a respeito.

***

Combates corpo a corpo tinham se tornado a habilidade preferida da garota, cada vez mais surpreendente. A fluidez de seus movimentos, a esquiva apurada e os contra-ataques eram dignos de uma substituta à altura de sua mãe. Entretanto, a falta de competitividade à distância fazia falta, afinal, nem todos os oponentes poderiam ser vencidos pelo uso da força. Pensando nisso, Samus buscava uma forma de adaptar a Paralyzer visando transformá-la em algo com o mínimo de poder de fogo.

Enquanto a empenhada mãe quebrava a cabeça para tornar viável o disparo de projéteis de afloraltite, Nadia passeava despreocupada pelas

imediações. Seu lugar favorito continuava sendo o lago dos cubos, um gigantesco espelho refletidor da magnífica imagem do céu daquele planeta. Uma rala vegetação bege cobria as pedras das bordas do lago, formando um macio tapete natural onde ela costumava meditar sobre a vida.

O treino daquele dia foi deveras produtivo. Além do corriqueiro esconde-esconde no bosque, viu pela primeira vez a demonstração de uma técnica extrema chamada Crystal Flash[37]. A sua incapacidade em reproduzi-la não a fez esquecer de nem um só detalhe: o orbe energético restaurava por completo as energias de um traje ferido em batalha. Internamente, ansiava pelo dia em que poderia realizar algo tão grandioso.

Ajeitando o corpo sobre as folhagens, pensava sobre o futuro incerto. Seria mesmo capaz de chegar a um décimo do que fora a sua mãe durante o auge? A Biosuit era interessante, todavia, existiam nela certas coisas que ela não entendia bem. A primeira delas era a ofensividade nula, muito pela tecnologia quase ausente. Em segundo lugar, não menos importante, a estranha sensação sentida quando a vestia. A impressão era de que o traje a instigava a tomar determinadas ações em certos momentos ou até agisse por conta própria, sem o seu consentimento.

As reflexões profundas não a impediram de ver um escuro objeto arredondado cruzar o céu em baixa altitude. Temendo ser uma nave federada, correu de volta à Gunship. Não pôde cobrir a razoável distância antes de a sombra pousar em seu quintal: era tarde demais. O tempo não foi capaz de apagar a ação controversa de Samus ao destinar o laboratório espacial a arder na atmosfera de SR388.

— Não posso crer, Smith... é a traidora Samus!

---

[37] Técnica introduzida em *Super Metroid*. Consiste na recuperação autônoma dos tanques de energia sem a necessidade de uma estação de recarga. Tal técnica só deve ser utilizada em condições cruciais, pois consome suprimentos, como mísseis, super mísseis e power bombs. Não apareceu em nenhum outro jogo até o momento.

O que ela estaria fazendo nessa droga, hein, Ivanov?

Escondida, oras! É por isso que ninguém a encontrou em tanto tempo! Seremos nós os condecorados.

Os patrulheiros caminhavam, ao longe. As formações rochosas escondiam a nave furtiva, tirando-a do alcance visual de Samus, ainda entretida com a arma desmontada sobre o painel. Por não poder contar com a pistola paralisante, Nadia precisava agir com inteligência a camuflagem, praticada à exaustão, seria posta em xeque —. O melhor a ser feito naquele momento era destruir os comunicadores da nave patrulheira, isolando-a das centrais oficiais, enquanto o brilho da Power Suit voltava a reacender em um enfrentamento depois de dezesseis anos.

Os soldados usavam exoesqueletos[38] de alta tecnologia impulsionados por potentes mochilas a jato. Não seria loucura afirmar que certos conceitos dos novos trajes oficiais foram fortemente inspirados na armadura biomecânica e que parte dos componentes retirados da armadura de Samus durante a intervenção cirúrgica dos federados poderia muito bem ter sido tratada e reutilizada. E como aguentavam disparos os malditos exoesqueletos! A caçadora não buscava abater os invasores, e sim imobilizá-los, afinal de contas, eram apenas soldados enviados e nada tinham a ver com a alta cúpula da organização. Não passavam de animais destinados a morrer lutando contra o desconhecido.

A caçadora percebeu o nível de preparo dos enviados por trás do perceptível desespero deles. Deixavam transparecer em suas tomadas de decisão os medos cultivados desde o início da missão — o choro e o pavor irradiavam através dos embaçados visores —. Assustados, correram de volta à nave sem serem impedidos. O problema era que Nadia ainda cortava os fios dos aparelhos e não tivera tempo de fugir. Com os patrulheiros a bordo, não haveria outra opção por parte dela a não ser derrubá-los.

---

[38] Armadura.

Nadia não acreditava no que acabara de ocorrer. Sua última lembrança era estar escondida entre dois pequenos armários metálicos e, ao se dar conta, havia tirado a vida daqueles dois em um piscar de olhos.

Meu Deus! O que eu fiz? questionou-se em voz alta, em negação. Seu abatimento não a permitia se mover.

A nave patrulheira não deixou a superfície. Samus, estranhando a situação além do sumiço de Nadia, que já a preocupava —, correu em direção à embarcação por temer uma eventual captura, mas não encontrou nela nada além de uma trêmula figura pálida, em choque, com os antebraços e pernas ensanguentados.

— Nadia! O que você fez? — gritou, em explícita desaprovação. Por pouco não avançara sobre a filha.

— E-eu não sei! — respondeu Nadia, chorando com os pés encharcados sobre a poça de fluidos.

— Você não podia ter feito isso em hipótese alguma! Logo chegarão outros patrulheiros ao notarem o desaparecimento dessa nave. Além disso, você matou duas pessoas, Nadia! Como pode achar isto normal?

— Eu não sei o que aconteceu, mãe, eu juro! — insistiu, com semblante desesperado e sincero. — Eu não fiz por querer, nem sei o que houve! Perdoe-me, por favor!

— Está bem — inspirou profundamente, desistindo de argumentar —. Enviaremos a nave vazia em piloto automático de volta à origem... ganharemos tempo para fugir. Retire os armamentos e coloque os corpos nas câmaras criogênicas para que possam ter uma despedida digna. Irei reprogramar o sistema de pilotagem autônoma.

Smith e Ivanov foram apenas mais duas vítimas da estrutura sanguinária da Federação Galáctica. Os jovens soldados haviam ingressado na Polícia da Federação naquele mesmo ano e saíram em missão conjunta pela primeira vez. A alta cúpula — comandada por humanos —

suspeitava que o objeto citado por Pangea era a nave de Samus e fez questão de tratar a caçadora de recompensas como um ser hostil de procedência não humana. Os soldados foram ludibriados e, tomados pelo medo, enviados para uma missão com baixas chances de sucesso. Parte dos armamentos foram empregadas na atualização da pistola paralisante, que agora teria real capacidade ofensiva. O restante dos equipamentos dos derrotados foi enterrado no local de aterrissagem da nave e seus nomes foram cunhados em dois blocos de pedra. Era hora de abandonar o lugar, que mais uma vez recebia sangue inocente sobre sua árida superfície.

9. CAÇADORES

A poeira de K-2L pairava no ar. Assim como fez a patrulheira fantasma há pouco, as Aran cumpriram a promessa e abandonaram também aquele mundo sombrio. O planeta, embora estivesse entrelaçado com a história de ambas, parecia predestinado a ser um local desabitado. Seguidas tragédias ocorreram ali e seu isolamento já não seria mantido em segredo após a morte dos dois soldados.

Não era o momento mais apropriado para buscarem um novo lar, porém, não tiveram escolha. A vizinhança de K-2L tornou-se rota de intenso tráfego de espaçonaves, que tomavam os campos gravitacionais do sistema planetário como mola propulsora para atingirem regiões distantes, reduzindo o consumo de combustível pela inércia. Assim, o risco de cruzarem com uma embarcação aleatória — expondo-se ao contato — era alto. Na fuga, Nadia assumiu a pilotagem enquanto Samus dispensava maior atenção aos radares, com medo de estarem sendo seguidas.

— Para onde iremos? — perguntou a mais jovem, entretida com os fascinantes botões. — Tem alguma ideia?

— Preciso pensar — respondeu, desanimada —. Nossa paz terminou, Nadia. Assim será daqui para frente.

Com um olhar ressabiado, a garota assentiu. Suas ações desmedidas não foram responsáveis pelo encontro indesejado, mas, sem dúvida, elevariam o preço da cabeça de sua mãe após tamanha violência contra os ex-funcionários. O peso na consciência a perturbava e inúmeros pedidos de desculpas foram feitos, em vão. Agora mais abatida que furiosa, Samus entendia os fatos passados na superfície.

— Acredito em cada palavra sua, Nadia, não se preocupe. Você não conhece a Biosuit, mas conheço bem os metroides. Era uma espécie

sanguinária, o topo da cadeia alimentar de seu habitat. A armadura tentou se defender e te defender da ameaça, apenas.

— Eu não quero conviver com isso! Não é a primeira vez que me sinto controlada por essa coisa.

— Tudo bem, agora sente-se aí — tranquilizou-a, abafando a cara de choro —. Nosso foco é encontrar um lugar seguro, a Biosuit ficará para depois. Só não podemos ir para um planeta gelado. Você não suportaria.

***

A apreensão tomava conta de Iberia, base militar de onde saíra a nave patrulheira. O curso da embarcação seguia como o esperado, independentemente de todas as tentativas de comunicação terminarem em falha. Apesar de suspeitarem apenas do mau funcionamento das antenas, tinha-se um certo cuidado pelo caráter da missão exploratória.

— Avisem Dawn: A2S acaba de se aproximar da plataforma. Aguardando solicitação da nave para atracar, comandante.

— Autorização concedida, controlador. Aguarde o sinal resposta.

A2S ignorava as chamadas por rádio, pulsos magnéticos e feixes de largo espectro. A impaciência fez com que uma divisão de plantonistas fossem enviados até a nave para averiguação de segurança. Uma pane geral nos equipamentos ou câmaras criogênicas não desativadas ao alerta de aproximação do destino eram as causas mais plausíveis. Por fora, cogitavam a ocorrência de algo ainda pior.

Os oficiais da plataforma acompanhavam os desdobramentos via rádio enquanto faziam suas apostas. Sob a autorização do comando geral, os soldados romperam os lacres das portas de emergência e abriram os compartimentos internos. Ao entrarem, notaram que lá não havia nada

além do zumbido eletrônico. Os equipamentos transmissores encontravam-se destruídos, apesar de tudo estivar devidamente ordenado, causando grande tensão naqueles homens. A hipótese da presença de um agente estranho a bordo ganhou força, para o desespero geral.

— Ativem os sistemas de emergência e amarrem seus corpos à fuselagem. Em uma situação extrema, despressurizem A2S e abram todas as portinholas. Um eventual organismo desconhecido será atirado para fora — instruiu o comandante após receber detalhes de seu subordinado. Obedecendo à sugestão, dispararam o alerta sonoro, mas nenhum ruído além das próprias sirenes foi percebido. A ameaça estava muito bem escondida ou já não se encontrava lá dentro.

A cautelosa exploração ganhava um tom elevado de suspense a cada passo dado. O compartimento das câmaras de estase[39] não demonstrava anormalidades, ao menos não em um primeiro momento. Sem armários ou dutos, a sala não poderia servir de esconderijo. Tudo ia bem até um dos soldados se aproximar das células criogênicas. A palidez daqueles rostos não permitia outra interpretação.

Outros agentes se achegaram, aos poucos. Os corpos de Smith e Ivanov estavam desidratados e não exibiam marcas de sangue — um capricho de Samus e Nadia para diminuir o impacto visual sobre quem os encontrasse —. As feridas mortais, feitas nas costas de ambos, mantinham-se ocultas graças à posição de hibernação.

— Comandante, na escuta? Na escuta?

— Afirmativo, Wayne. O que se passa?

— Smith e Ivanov estão mortos e dissecados nas células de criogenia. Não há nenhum organismo na nave. Solicitamos permissão para pousar na plataforma. É uma emergência!

---

[39] Suspensão da movimentação de fluidos corporais (sangue ou linfa) de um organismo. Ação associada aos métodos de hibernação.

Até o dado momento a Federação tinha bons indícios para acreditar ser Samus quem rondava a ex-colônia. Seu desaparecimento repentino e persistente, a descrição da nave cargueira, a negativa em relação às tentativas de identificação, a relação com K-2L... Ao perceberem o tamanho da brutalidade que acarretou o triste fim dos patrulheiros, os funcionários da organização logo questionaram se ela realmente os abatera, pois aquilo não condizia com a sua personalidade. Embora a rebeldia fosse um traço marcante desde o seu ingresso, jamais seria hostil contra seu semelhante. O que teria vitimado a dupla senão ela?

Uma junta médica foi designada para fazer a devida inspeção dos corpos e amostras de DNA foram coletadas e enviadas para leitura posterior. Para o dado momento, cabia apenas avaliar os aspectos técnicos visuais que permeavam o fato. Os oficiais aguardavam, impacientes, na sala de reunião e debatiam as medidas a serem tomadas, que dependiam exclusivamente dos relatórios emitidos.

— Com licença, senhores. General Hall... — acenou o legista com um maço de folhas de papel na mão.

— Entre, Jung.

— O relatório está pronto, conforme solicitaram.

— Excelente. Chame a junta. Queiram entrar.

Os olhos curiosos tentavam decifrar antes da hora o teor dos documentos. Um dos cientistas tomou a dianteira e, mediante autorização da força maior presente, iniciou:

— Há sinais de laceração dupla nas costas de ambos os soldados. É como se um animal com garras profundas tivesse saltado sobre eles sem que notassem, não houve luta. Os rasgos são assimétricos e não foram feitos por um objeto perfurocortante de nosso conhecimento, como lanças ou facas. Nas margens dos ferimentos foi encontrada uma espécie de pele que poderá fornecer informações adicionais sobre o agressor. Não há dúvidas: eles não foram mortos por Samus ou por qualquer humano.

Intrigante. Se por um lado existiam indicativos de que os ferimentos foram realizados por um organismo irracional, tal criatura era inteligente o bastante a ponto de higienizar e preservar os corpos, enviá-los de volta à sua origem, retirar todos os armamentos levados na espaçonave e sabotar os sistemas de comunicação para dificultar a detecção de qualquer anormalidade. Para alguns presentes em torno daquela mesa, as vidas de Smith e Ivanov pouco importavam. Por trás da cena estarrecedora havia uma questão muito mais profunda: a existência de um ser potencialmente promissor no aspecto bélico.

— Senhores — disse a mandatária, levantando-se —, está decidido. Enviaremos divisões armadas para a região expandida de FS-17X[40].

— Divisão armada, general? Ainda não temos indícios fortes o suficiente para saber se é um ser racional ou apenas um animal nativo.

— Animais não programam naves, Bernardi. Seja o que for, enviaremos uma frente de guerrilheiros e caçadores de recompensas independentes para aquelas bandas. Precisamos capturar o organismo, de preferência vivo, pois há a possibilidade de ser mais uma arma biológica dos piratas espaciais ou, na melhor das hipóteses, um arruaceiro que pode perturbar a estabilidade de nossa instituição — concluiu, camuflando suas verdadeiras intenções por trás da expedição.

***

Maldita hora em que atendeu ao pedido aparentemente ingênuo. Igualmente maldita a sua submissão absoluta. Como poderia prever que seria traída daquela forma? A solicitação para conferir a integridade do módulo de emergência soava aos ouvidos de Nadia como parte da rotina.

---

[40] Aglomerado formado por duas estrelas vizinhas, FS-175 e FS-176, além de seus sistemas planetários correspondentes.

Trancada na diminuta nave, fora ejetada sem nenhum motivo aparente. Se não estavam em perseguição e a Gunship não apresentava oscilações, por qual razão Samus a abandonaria?

Sua cabeça rodava como um pião. Os giros descontrolados após a violenta expulsão ainda lhe embrulhavam o estômago abarrotado de biscoitos reidratados. Olhando pelo estreito vidro frontal, via apenas as trevas. O firmamento era inerte, melancólico e nada chamava a sua atenção, assim como o seu âmago, tão tímido que parecia ter desaparecido. Por ora, perdera até o senso de localização, já que a estrela FS-175, bússola natural para a nave, estava orientada às costas do módulo.

"Coloque o máximo de suprimentos que conseguir e não me questione", "leve a Paralyzer". As frases reverberavam em sua mente enquanto manipulava os escassos botões do painel. Tudo ali flertava com o analógico: alavancas, poucos sensores e muitos, muitos bipes. Abatida, colocou novamente o frágil módulo em direção àquele ponto que alguns chamariam Sol. FS-179 era a estrela-mãe do sistema planetário de SR388. Por ser um astro de dimensões pequenas — uma anã branca —, brilhava sem muito destaque. Ao seu redor giravam quatro grandes massas rochosas: SR387 — um planeta estéril devido aos altos níveis de radiação —, os destroços de SR388, um mundo rochoso não nomeado e seu vizinho gasoso. Os dois últimos circundavam a estrela a uma distância tão grande que pouca luz e calor chegava até eles, tornando-os frios e escuros.

Os muitos anos de histórias ouvidas serviram para alguma coisa. A área onde estava fazia parte dos confins de um sistema explorado pela raça que adotara sua progenitora, também responsáveis por lhe dar a armadura que carregava. Teriam eles colonizado algum planeta adicional por ali? Pousar em SR387 parecia perigoso demais. O quarto planeta não possuía sequer um chão. SR388 já não existia. E a terceira esfera?

Dezesseis anos eram mais que suficientes para saber o que devia ou não devia ser feito. Algo que Nadia conhecia na pele, literalmente falando, era a sua fraqueza em relação aos climas frios. Os sensores do

módulo insistiam em dizer que o lugar poderia representar um risco para a sua saúde, mas era inútil. Ruim por ruim, talvez encontrasse algum artefato secreto à sua espera. Só não podia seguir vagando sem rumo.

O pouso no terceiro planeta foi mais tranquilo do que o esperado: a atmosfera era tão tênue que não oferecia nenhuma resistência ao aparelho. O céu, negro em noite eterna, destacava com um pouco de destaque a estrela-mãe, mostrada no firmamento apenas como um ponto brilhante, bem distinto de um poderoso astro-rei. A superfície era repleta de geleiras com quilômetros de altura e possuía enormes fendas que ejetavam gases para as zonas mais altas da atmosfera. O frio condensava os vapores quentes emanados do módulo, formando sobre o vidro uma fina película de gelo que impedia a contemplação do mundo aberto.

O ambiente externo era cruel. A Biosuit não escondia o incômodo pela baixa temperatura, apertando o corpo de seu simbionte, em protesto, causando-lhe dor. Os espartanos mostradores de energia do *display* encolhiam com voracidade: o metabolismo precisava estar mais ativo que de costume para evitar a hipotermia. Correndo como louca em direção a uma caverna próxima, aqueceu-se o suficiente para diminuir o dano corpóreo. Manter-se estática era uma sentença de morte naquele mundo.

— Veja, Daniels, um módulo de resgate.

— Um ex-módulo, Jake! — gargalhou o colega.

Os circuitos dos propulsores principais e auxiliares do enxuto aparelho foram sobrecarregados por uma intensa descarga elétrica, queimando assim todos os circuitos eletrônicos de uma só vez. Escondida nas cavernas, Nadia não fazia ideia de que estava definitivamente presa naquele planeta e ainda teria de lidar com dez desagradáveis companhias.

Quem diria, companheiros... A "criatura" é mesmo aliada da tal Samus Aran, aquela traidora desgraçada...

O que esperar desses caçadores de recompensas? São como ratos traiçoeiros, Ahlberg: não podemos confiar neles nem por um só instante. Não sei por que a Federação enviou alguns desses idiotas para a missão conjunta. Não gosto deles.

Os "grandões" são espertos. Se qualquer um desses caçadores morrer em missão, tanto faz para eles. Não é nem necessário apontar a *causa mortis* do infeliz. É só alegar desobediência de protocolo e já era.

— Puxa vida, Lee... viu como a Gábor ficou inteligente?

— As proteínas do traseiro dela estão subindo para o cérebro. O que acha, Lewis? Hein? Hein?

— Calem-se vocês dois! — protestou a geóloga, apontando para um amontoado de pedras e gelo. — A porta do módulo está virada para aquela grande fenda. Seja o que for, deve ter fugido para lá. O clima aqui fora é terrível para qualquer ser vivo complexo.

— Entenderam a dona, não é? Sigamos até a fenda e lá decidiremos como proceder. Falta pouco.

— Exato, Cunningham — tomou a frente Nowak, o líder da missão, encerrando as brincadeiras —. Não se distraiam, a ameaça pode estar mais bem adaptada do que nós. Lembrem-se da ordem do comando-geral: prendam a criatura e levem-na com vida para o Comitê Descentralizado. Capturando-a, certamente Samus Aran tentará salvá-la e teremos bonificação em dobro. Não percam o foco. Vamos!

10. PROVA DE GELO

Meu coração está em pedaços. Olhando ao redor, não vejo mais a minha companheira eterna. Sem a sua presença, sinto-me incompleta. Vou além: sinto-me triste, sinto-me incapaz, sinto-me...morta.

Desejo, do fundo da minha alma, que todas as naves federadas tenham cruzado aquele portal junto a mim. Fiz questão de esconder o fato de estarmos sendo perseguidas para não a preocupar e, por essa razão, a direcionei ao módulo de emergência em segredo — eu não suportaria ver aqueles olhos implorando para não me deixar —. Se fôssemos atingidas, nosso legado acabaria. Separadas, temos o dobro de chances. É a Gunship que eles devem perseguir, não o módulo. Eu sou a presa, a caça que eles tanto almejam. Deixem a minha menina em paz.

Aproximo-me de uma estação, mas não consigo identificá-la pela inoperância de meus sistemas de localização. Pelo radar, vejo seis naves em meu encalço, que não param de atirar. Preciso pousar imediatamente: a Gunship não suportaria uma batalha aérea contra esses modernos aparelhos. Doeu mais em mim do que em você, Nadia, mas espero que me compreenda. Aguente firme, eu irei te buscar. Samus Aran, desligando.

***

Marchando sobre a traiçoeira película de gelo e detritos enquanto sofria o açoite do vento aterrador seguia a subdivisão 318, de excelente reputação entre as dezenas de equipes enviadas para a tarefa. Seu líder, o tenente Markusz Nowak, comandara numerosos pelotões em operações de combate aos piratas espaciais em vários pontos do Universo observável. Os pilotos Jacob "Jake" Lewis e Peter

Daniels eram ases nível 3A, especialistas em pilotagem furtiva[41]. Evgenia Gábor era geóloga e fora consultora de duas incursões terraformadoras — Anglia III e Theia Epsilon —. Lars Ahlberg, Simon Cabot e Seth Cunningham eram fuzileiros de primeira linha, parceiros de batalha desde a retomada de Terra E após uma tentativa fracassada de rebelião orquestrada por automs[42] corruptos. Jin-Lee e Juan Martínez ficaram responsáveis por outros afazeres gerais, como localização e comunicação, enquanto Tatiana Orlova era a paramédica. Apesar das especificações de cada um, todos eram plenamente capazes de cumprir as tarefas dos demais e dominavam o manejo de armas pesadas. Não havia espaço para indivíduos despreparados, embora alguns deles não estivessem no auge de suas faculdades mentais devido ao estresse rotineiro.

A ordenada fila indiana foi desfeita pelo chamado do oficial-mor, postado ao fim da linha. Comunicando-se pelo rádio embutido no capacete blindado, chamou a atenção para si antes de entrarem em uma bocarra bifurcada logo à frente.

— Chegou a hora da despedida, rapazes e moças — brincou, fazendo um sinal de abraço ao tocar os próprios ombros.

— Daremos um abraço coletivo? Sentirei saudades das besteiras do Lewis. Podemos ficar no mesmo time, tenente?

— Negativo, Daniels, precisamos repartir a equipe com coerência. Seguem comigo Lewis, Gábor, Lee e Cabot. Pela outra via, você, Cunningham, Orlova, Ahlberg e Martínez. Assim, cada grupo mantém um comunicador oficial, dois fuzileiros e um piloto. Mantenham a comunicação entre as equipes. As baterias estão com carga máxima. Observem cada detalhe e descrevam o que for relevante em seus respectivos *logbooks*[43].

---

[41] Indetectável por radares.

[42] Seres sintéticos, antropomórficos ou não, dotados de inteligência e emoções. Diferenciam-se de robôs comuns por serem autônomos ou semiautônomos.

[43] Relatório informatizado curto.

— Entendido, tenente! — ecoou, uníssono.

— Excelente. Assuma a liderança do grupo B, Daniels, confio em você. Cumpram as orientações e retornaremos todos em segurança para casa. Lembrem-se da ordem expressa, mas não pensem duas vezes antes de preservarem suas vidas. Mantenham a comunicação — disse Nowak antes de entrar em um beco, seguido pelo restante de sua equipe.

Enquanto os soldados se divertiam na entrada da gruta, Nadia seguia sua incessante busca por um presumido artefato Chozo que poderia nem existir. As temperaturas nas profundezas permaneciam baixas, porém, menos agressivas que nas regiões mais externas. O vento gélido da superfície chegava naquela região como uma tênue brisa que uivava entre as estacas congeladas.

Ao contrário do que ela imaginava, não havia nenhum artefato escondido ou vida nativa nas cavernas — a raça ancestral nunca pisou no terceiro planeta pelas mesmas razões que a faziam reclamar ao tremer de frio —. As únicas almas viventes a desbravá-lo eram os dez caçadores e o troféu correspondente, obstinado em descer até não poder mais.

Ah, os caçadores... "Eu nunca irei te perdoar, Dawn... eu nunca irei te perdoar, desgraçada", pensava Martínez cada vez mais alto, destoando da alegria dos outros, talentosos contadores de piadas de gosto questionável. A cada fim de frase, subia o seu tom mental, chegando ao ponto de exprimir de forma audível aos companheiros.

— Algo te incomoda, Martínez?

— Não vê que ele está fora de si, "tenente Daniels"? —debochou Cunningham. — Deve ter abusado daquele negócio antes de desembarcar nessa bola gelada. Aliás, quem deixou aqueles frascos entrarem? A substância não tinha sido proibida?

— Vocês não veem? Estamos caminhando para a morte! — gritou o agitado fuzileiro sem levar em conta os tímpanos alheios. Sua voz estafada atrelada às palavras insanas começava a perturbar.

— Abaixe o tom! — protestou o gigante Ahlberg, irritado com o falatório. Se não o divertia, que ao menos permanecesse calado.

— Daniels, faça alguma coisa!

— O que faço, Orlova? Não sei por que Nowak me escolheu: eu não sei liderar e ele sabe disso!

— Abra o canal de voz com o grupo A. Eu falo com ele.

— Não! — afastou a mão da disposta colega.

A caminhada do grupo paralelo foi interrompida pela transmissão do conflito em tempo real. O tom da discussão se elevava e faltava pouco para entrarem em vias de fato, sobretudo o grandalhão e o perturbado. Martínez espumava, gritando, com razão, que a Federação usufruía do bom e do melhor enquanto enviava os bois ao abatedouro. Do outro lado dos equipamentos, Gábor implorava ao verdadeiro tenente para reunir as equipes, sendo ignorada pelo superior, que acreditava ter feito a escolha correta. O sublime estado de espírito do oficial não chegava aos companheiros, nem da equipe A, preocupados com a desordem, nem da equipe B, ensandecidos pelas ofensas.

— Isso não vai ficar assim, não vai mesmo! Vocês não percebem, mas fomos traídos! — seguia esbravejando, incontrolável.

— Cara, ele está cheirado, não é possível! — disse Daniels ao conter Ahlberg, pronto para avançar sobre o baderneiro. Orlova e Cunningham permaneciam calados, um pouco mais distantes.

Martínez via, em meio ao seu delírio, as faces de todos os mandatários da organização estampadas em cada depressão das paredes da galeria. Para o azar de Orlova, enxergou no rosto dela — talvez pela vaga semelhança física — a imagem de uma das figuras mais odiadas por todos, a responsável direta pelo envio arbitrário das divisões. Apertando o pescoço da colega de trabalho, ergueu-a do solo, espantando os demais, surpresos com a ação violenta deflagrada contra a mais dócil do grupo.

— Maldita seja você, Dawn!

— Martínez, largue Orlova imediatamente! Dawn não está aqui! — ordenou Daniels, jogando palavras ao vento. Ahlberg partiu para cima do insano colega enquanto Cunningham guardava a sua posição e colocava, discretamente, a mão na cintura.

— Eu vou morrer, mas vou te levar para o inferno comigo, sua desgraçada! Eu te odeio, Dawn!

— Martínez sacou o emissor de plasma... ele vai matar a Tanya! Ele vai matar a Tanya, cara! — bradou o desesperado líder do grupo B.

— Daniels, na escuta? O que está havendo, Daniels? — chamou Nowak pelos transmissores, sem obter resposta. Os demais integrantes da equipe A rogavam ao líder a autorização para buscarem o grupo B e realizarem a devida intervenção, mas o inflexível tenente não a concedia.

Gritos e respirações faziam agora parte do passado. Um silêncio ensurdecedor fez-se presente após um estampido.

— D-D-D-Daniels? Responda, Daniels, é uma ordem!

— Copiloto Daniels na escuta, tenente — respondeu, abatido.

— Filho da mãe, finalmente... O que foi esse ruído?

— Tenente, sinto lhe informar, mas acabamos de ter nossa primeira baixa. Martínez está morto — após a interrupção pelos xingamentos por parte do superior, o subordinado prosseguiu —. Martínez apontou o emissor para Orlova e, antes que puxasse o gatilho, Cunningham partiu seu crânio com um super míssil.

Gábor, apoiada por Lewis, insistia na importância de reunir as divisões, pois, em um grupo maior estariam mais bem protegidos, porém, Nowak fez pouco caso ao dizer que o passado já não importava mais. Além dos conflitos internos, teriam de lidar também com o agente estranho, desaparecido de suas vistas pela perda de tempo com o conflito.

O super míssil disparado por Cunningham rasgou Martínez como se este não passasse de uma folha de papel. A rocha maciça posta atrás do defunto suportou o impacto, mas refletiu-o pelas paredes, promovendo instabilidades no interior das galerias. As vibrações foram sentidas pela desnorteada turista, que suspeitou da presença de algum animal de grande porte e sacou a pistola, por precaução. Também pudera: a Paralyzer agora possuía real capacidade ofensiva graças aos equipamentos reaproveitados dos armamentos tomados dos soldados em K-2L. Os projéteis de afloraltite, minuciosamente esculpidos por ela mesma, tornavam a quase inócua[44] arma em algo interessante do ponto de vista militar.

Então, a "coisa" — segundo os federados — passou a observar e apreciar cada vibração, cada ruído diferente dentro da caverna congelada. Embora estivessem armados até os dentes, aquele inferno gelado era capaz de desestruturar até o mais frio dos guerrilheiros. Tanto os nove remanescentes quanto Nadia tinham o espaço sideral como quintal de casa, mas suas percepções sobre o ambiente eram completamente distintas. Assim como fora durante os treinos nas montanhas de K-2L após adquirir a Biosuit, a inteligência seria mais uma vez o fiel da balança. A diferença é que, desta vez, à espera de Nadia já não estaria o afeto de Samus.

"Quem poderia estar nessas grutas?", questionava a solitária exploradora ao analisar cada pedaço do caminho, que só lhe oferecia pedras frias e estranhas vibrações vindas de galerias abaixo ou acima. Sentia-se em uma bela sinuca de bico, pois teria de manter o gasto calórico para não congelar ao passo em que se expunha ao perigo. Entre a morte certa e a duvidosa, seguiu o ritmo de antes, saltando e correndo como um fantasma em meio às sombras.

Os ruídos detectados no interior das galerias resumiam-se basicamente a um só: o zumbido das correntes de ar, podendo ser mais agudo ou grave a depender da quantidade de colunas de pedra. A força do sopro

---

[44] Inofensivo.

mantinha-se constante, sendo qualquer perturbação logo detectada pelos soldados mais atentos, no caso Gábor, que praticamente se isolou do grupo após a tragédia no grupo paralelo. "Maldito Nowak, sofremos por sua incapacidade", pensava.

— Esperem... ouvi alguma coisa! As membranas vibraram.

— Como o quê, Gábor? — questionou Lee, que brigava com as próprias antenas, operacionais somente quando queriam.

— Parecia ser algo cortando o vento, estava se movendo rápido. Eu não sei, mas que ouvi, ouvi!

— Conversa... é apenas a brisa que entra pela fenda e faz esse ruído medonho ao passar pelas estalactites. Não é nada demais.

— Não é esse tipo de ruído, Cabot! Vinha de dentro das cavernas, não de fora. E não parece estar muito longe de nós.

— Esperem — alertou Nowak, abrindo os braços em claro sinal de parada —, realmente há algo se movendo sobre nós.

Detectores de movimento confirmavam a presença de um ilustre ser nas proximidades da borda de um barranco, podendo ser o alvo da campanha, ou não. Precavidos, calaram-se todos enquanto posicionavam os poderosos faroletes, uma excelente ferramenta de coação no breu que reinava absoluto. Sob o facho amarelado, solo e parede tornar-se-iam um só pelo brilho, massacrando pupilas ajustadas ao escuro. Um passo a mais e os pequenos sois perfurariam os globos oculares de Nadia como penetrantes lâminas, cegando-os. Enfim, o encontro entre caça e caçadores.

Sob as ordens de Nowak, uma intensa rajada de tiros foi disparada em direção àquele corpo esguio. Não houve tempo hábil para apurarem detalhes visuais sobre a criatura, sendo a reação instintiva apenas atirar incessantemente contra a ameaça — suas mentes exauridas não permitiriam nenhuma ação mais complexa que segurar o gatilho —. Indefesa pela luz, Nadia rendia-se aos clamores instintivos da armadura que a

levava para longe das fontes emissoras, não sem antes receber um balaço nas costas. Com o desaparecer do vulto os soldados puderam, finalmente, esvaziar os pulmões já saturados pelo gás carbônico.

"O que diabos foi aquilo?" tornou-se um pensamento compartilhado. Da mesma forma que surgira, desapareceu. Não importava o quão preparado estava aquele alvo: ainda se tratava de uma disputa desbalanceada, afinal, tinha-se nove guerrilheiros treinados contra uma suposta besta semissenciente[45]. A coragem e a experiência de décadas os empurravam para a elevação, facilmente superada pelo uso das *jetpacks*[46]. Curiosos para conhecer a eficácia dos disparos, procuravam por sinais de ferimentos ou até mesmo um corpo desfalecido. A eficiência não foi suficiente para abater a presa, mas fluidos estranhos marcavam as rochas.

— Há uma gosma nojenta aqui embaixo! — apontou Lewis, rindo de orelha a orelha pelo feito. — A atingimos, e atingimos consideravelmente. Será que ela vai morrer?

— Credo... é esverdeado, parece catarro — iluminou Lee com lanternas civilizadas —. Alguém sabe o que é essa nojeira toda?

— Só sei que não é humano — completou Gábor, enojada.

— Se não é humano, não há diálogo — iniciou Nowak ao recarregar os níveis de torínio de seu emissor —. O que aconteceu com os novatos em K-2L não deixa dúvidas: é uma criatura agressiva. Se ficarem cara a cara com ela novamente, atirem para matar.

— E a premiação, tenente?

— Nosso maior prêmio é sair com vida daqui, Lewis. Martínez não terá essa dádiva.

---

[45] Senciência: capacidade de manter sentimentos e/ou sensações de forma consciente. Percepção racional sobre o meio.

[46] Mochila a jato.

***

A donzela ferida cambaleava pelos corredores, apalpando as paredes até sua visão humana retornar ao estado perfeito. Para não se considerar totalmente cega, guiava-se por um rudimentar sistema ocular da própria armadura que a permitia enxergar contornos sem muita definição. Perdendo fluidos, caçava, a todo custo, algo que pudesse lhe ajudar — um tanque de energia caía bem —. "Nas paredes, Nadia. Sempre nas paredes", recordava as orientações de Samus.

Mais abaixo seguia a equipe B. Todos os problemas cessaram após a morte precoce de Martínez, mas, ainda assim, o clima entre os restantes era pesado. Em meio às suposições de uso de drogas por parte do falecido, o abuso da força de Cunningham e a piedade descabida de Orlova, novas vibrações eram refletidas pelas rochas, apesar de os detectores de movimento não apontarem nada no entorno. A divisão já sabia do disparo certeiro dos companheiros da equipe A e elaborava estratégias para o caso de um eventual encontro surpresa.

— O plano é o seguinte: Cunningham ou Ahlberg irá à frente abrindo o caminho e os demais cuidam da retaguarda — sugeriu Daniels, gesticulando —. O tenente disse que a coisa surgiu por um buraco no teto.

— Não foi em cima de uma plataforma?

— Que seja, Orlova! Isso não importa. Quem se habilita?

— Deixe Ahlberg ir. Cunningham já fez besteira suficiente por hoje — respondeu sob olhares ressabiados.

— Okay, Orlova, que seja! — irritou-se com a interferência da colega. — Então Ahlberg encurrala o bicho em algum canto e nós ficamos aqui atrás, todos juntos. Tudo certo, Lars?

Com o consentimento do fuzileiro, prosseguiram com a nova formação. A estratégia não era de todo ruim, mas os soldados da Federação

subestimaram a inteligência da presa. O que pareciam ser esbarrões nas paredes eram, na verdade, mini explosões causadas pela afloraltite. Nadia estava literalmente tentando causar um deslizamento para soterrar seu perseguidor ou perseguidores.

— Podem vir, não há nada aqui além de uma passagem para o nível superior — chamou Ahlberg depois de certificar a segurança da câmara adjacente . Ei, esperem... encontrei algo. Deem uma olhada.

Antes de chegarem até o patrulheiro isolado, sucumbiram. Uma grande massa de gelo e detritos cobriu os três soldados responsáveis pela retaguarda, poupando por alguns míseros segundos de diferença a vida de Lars Ahlberg, que escapara ileso da avalanche.

Em pânico, Ahlberg gritava pela equipe A. Nowak dava instruções expressas para o sortudo abandonar a galeria onde ocorreu o deslizamento. O sobrevivente resistia, pois não sabia se os companheiros estavam mortos ou só presos no gelo e, com o auxílio dos demais, poderia escavar a barreira natural formada. Colocava-se no lugar dos três soterrados enquanto a morte soprava em seu pescoço.

Nadia tinha o que queria: eliminara a ameaça sem disparar um único tiro sequer. Seu acesso entre as galerias era facilitado graças à aptidão pelo deslocamento por dutos naturais estreitos, como os presentes no nível superior. Ao chegar até a zona do deslizamento, encontrou um combatente parcialmente fora do gelo, embora este estivesse com mais da metade de seu corpo coberto pelos escombros: tentava sair, mas não conseguia mover nada além de seu pescoço e o braço direito. Aquele pobre indivíduo não lhe oferecia o menor risco.

A Biosuit a empurrava em direção ao seu dever. O lado humano não percebia, mas o traje metroidiano precisava se alimentar. Ao abater seres vivos de qualquer natureza, as energias do traje se renovavam, tal qual o corpo humano após erradicar a fome. Rasgada por uma bala de tungstênio, a couraça biomecânica via no inofensivo soldado a perfeita

oportunidade de restaurar o dano, entretanto, a humanidade da portadora falou mais alto. "Nada de espectros humanos, Biosuit".

Cavando o gelo em busca de outras fontes de energia, encontrou dois cadáveres. Esferas de energia visíveis apenas pela ótica do traje pairavam sobre os corpos, sendo absorvidas instintivamente pela Biosuit. "Já estavam mortos", aceitou sem remorso. Com o reparo, dispensava-se o assassinato desperto: um peso a menos em sua alma adolescente. Como brinde pela bondade — e recompensa por absorver dois espectros em vez de um —, recebeu um estranho ícone em seu visor esverdeado. Não sabia ela, mas o símbolo representava o seu primeiro *power-up*[47] conquistado.

Satisfeita, Nadia observou por alguns instantes aquele indivíduo preso no gelo, debatendo-se em desespero diante da morte inevitável. O oponente não pensaria duas vezes antes de atirar contra ela caso tivesse a oportunidade, porém, ainda assim, não teve coragem de abatê-lo.

— Humanos são covardes e destroem a sua própria espécie. Meu lado animalesco não me permite cometer tal ato contra um semelhante apenas por vingança. Não há valor nenhum nisso.

Após a reflexão, abandonou o ambiente portando as energias oriundas de Cunningham e Daniels. Com Orlova isolada dos demais soldados e dada como morta, restavam apenas seis combatentes aptos para prosseguir na missão. O jogo psicológico havia virado em favor de Nadia, que agora sentia-se pronta para encará-los, exatamente como faria uma verdadeira caçadora de recompensas.

---

[47] Aprimoramento de armadura.

11. MIRADA RUBRA

O terreno falho, esburacado e encoberto pela escuridão era um prato cheio para pregar peças em exploradores pouco atenciosos ou despreparados. Alguns dos inocentes buracos eram verdadeiras valas com dezenas ou centenas de metros de profundidade. Nadia dependia exclusivamente da embaçada visão composta de seu capacete, pois não contava com nenhum emissor de luz para alimentar os olhos humanos, ao contrário dos soldados e seus poderosos faroletes, expondo-a ao risco de encontrar uma cova premiada em sua correria pela vida. Com a velocidade do deslocamento, ignorou um traiçoeiro desnível e despencaria caso a Biosuit não lhe ensinasse o significado do ícone recém-adquirido. Poucos metros antes do fosso, sua velocidade aumentou, preparando-a para um impulso extra. O coração acelerou, não tendo tempo sequer para temer. Ao saltar, emergiram de suas costas umas estruturas perfurantes semelhantes àquelas de seu antebraço. Um salto giratório foi dado e, ao atingir o solo do outro lado do poço, as protuberâncias serviram como tracionadoras para manter o rolamento na mesma velocidade do impulso. Estava descoberto o Spin Dash.

Recuperando o fôlego pela brincadeira nada saudável, caminhou até a beira do precipício e viu quão próxima da morte havia chegado. "Este traje realmente pressente os perigos. Eu jamais teria visto o fosso", pensou aliviada, passando as mãos pelas costas e notando que os relevos se tornaram novamente ocultos sob as placas duras. Antes de continuar a sua busca pelo desconhecido, repetiu o movimento por mais algumas vezes, porém, longe da perigosa ravina. O Spin Dash poderia ser usado para derrubar inimigos postados em seu caminho, realizar saltos em velocidade, passar de forma rápida por locais estreitos, abrir rotas de fuga ou ainda, caso realizado de forma concentrada em um único ponto, escavar o solo com a voracidade e rapidez que precisava.

***

O grupo A vivia um dilema. Fazia-se necessário o resgate do soldado isolado que, a essa hora, padecia pela solidão — o frio e experiente patrulheiro sempre preferiu abster-se das frívolas discussões dos ex-companheiros para se concentrar no ambiente à sua volta, entretanto, naquele momento as vozes silenciadas ecoavam em sua cabeça —. Todavia, as vibrações detectadas pelos sismômetros desencorajavam a operação de resgate, já que o deslizamento surgiu a partir de oscilações idênticas e ninguém se colocaria à prova, ao menos não deveria.

A opinião era dividida. Gábor, geóloga experiente, expunha os riscos de caminhar sobre pontes frágeis de gelo durante os tremores. Lee excomungava os fabricantes dos aparelhos de comunicação, problemáticos desde a entrada na caverna. Lewis tentava convencer, a todo custo, o tenente a descer, ignorando a opinião mais qualificada do grupo. Cabot divagava sobre a situação e não opinava, deixando as polêmicas para os demais. Nowak, em sua condição de líder, decidiu por esperar pela estabilização do terreno e nada o faria mudar de ideia.

— Deve ser apenas mais um daqueles tremores rotineiros — insistiu Lewis, minimizando os reais perigos. Gábor, revoltada com o desdém de seu conhecimento, contra-argumentava, relembrando a perda de três companheiros por ignorarem os sinais do ambiente. Ainda assim, o piloto considerava como sendo a razão dos tremores apenas a liberação de gás e amônia por algum dos milhares de gêiseres alocados ali.

— A geóloga aqui é Gábor — interferiu Nowak, que justificava a sua decisão —. Escute quem estudou mais do que você, Lewis.

— E ficaremos parados enquanto Ahlberg se ferra sozinho nas profundezas? O cara tá isolado, tenente! Ele precisa de ajuda!

— Não podemos colocar nossas vidas em risco. Já tivemos muitas baixas, não vê? Ainda não está satisfeito?

— Bom, se não quiserem ir, tudo bem. Irei sozinho.

— Permissão negada, Lewis. Você não vai.

— Entendido, tenente. Aguardem aqui, retornarei com Lars.

Nowak esboçou ir atrás de seu subordinado rebelde, mas foi contido por Gábor. Ela tinha indícios fortes o suficiente para crer que o terreno cederia com a movimentação em grupo sobre as finas pontes de gelo. Vendo o companheiro desaparecer atrás das colunas de rocha, lamentaram por mais uma perda iminente.

***

Encostado em uma das poucas paredes descongeladas, Ahlberg tentava reencaixar as antenas de seu capacete, sem muito sucesso. Os sinais transmitidos, já bastante comprometidos pela presença de densos minérios, agora se tornavam praticamente inaudíveis. Apenas os transmissores de proximidade mantinham-se intactos, mas pouco poderiam fazer, já que não havia ninguém disposto a socorrê-lo.

O encontro com a criatura que tanto temia poderia ser bem pior. O impenetrável vulto negro, que ricocheteava todas as suas munições físicas e absorvia sem moderação o feixe beta, contentou-se em atirar o gigante de gelo contra o rochedo antes de seguir o seu curso. O som de turbina potencializado pelo vento frio ainda lhe causava arrepios — algo que esperava não reviver jamais —. O soldado esteve entregue até um sinal de ondas curtas chegar em suas antenas preservadas.

— Consegue me ouvir, Lars?

Lewis? É você, Lewis? — animou-se. — Onde você está?

— Em uma galeria acima da sua. Estou te vendo pelo detector de calor. Escutei os disparos. Você está bem?

Nada bem, Lewis — respondeu, desistindo de ajustar os receptores de longo alcance —. Onde estão os outros?

Ficaram com medinho de descer. Gábor disse que o solo estava cedendo e não quiseram vir. Estou sozinho.

— Lewis, retorne imediatamente!

- Disse que só retornaria após resgatá-lo. Já estou chegando. Daqui a uns minutos estarei aí.

— Você não está entendendo... A tal "coisa" é invencível! Nem toda a minha carga de munição foi capaz de causar danos contra ela... é muito forte fisicamente também. Ela me atirou contra as rochas como se eu fosse um boneco de pano e destruiu minhas antenas.

— Você deve ter errado os tiros. Quase matamos aquele bicho durante o nosso primeiro encontro.

— Ela deve ter evoluído de alguma forma, não sei. É impossível derrotá-la nesse estágio, colega, escute o que estou dizendo. Nunca enfrentei nada tão poderoso nos campos de batalha.

Lewis parou, pensativo. Como tal criatura teria se regenerado de maneira tão rápida? Os integrantes da equipe A viram o tamanho do estrago pelas manchas estampadas nas paredes, que não eram poucas. Não era possível que um organismo ferido derrubasse tão facilmente um patrulheiro daquele tamanho envolvido por um exoesqueleto rígido.

Lewis descia e Ahlberg subia. A comunicação entre ambos era mantida graças a curta distância entre eles.

— Onde você está, Lewis?

— Cruzando um fosso. Tive que usar a *jetpack* aqui. Caso encontre um fosso semelhante, use-a. Não sabemos a profundidade disso.

— Certo. Estou contornando umas pedras. Essa porcaria está rolando morro abaixo. O maldito cascalho vai me derrubar, veja só.

— Estou ouvindo seus passos, Lars. Parece que você está cavoucando o cascalho com uma retroescavadeira.

— A densidade do cascalho é baixa como conchas marinhas. Você não pode estar ouvindo meus passos em um terreno como esse.

— Hã? Como assim não posso estar te ouvindo? Estou ouvindo perfeitamente você patinando sobre o cascalho solto.

Não houve tempo para o piloto olhar ao redor. Um disco veloz brotou do chão, girando descontrolado em sua direção. A trombada não pôde ser evitada, pois Nadia não enxergava o que estava à sua frente. Com o impacto, Lewis foi brutalmente atirado na ravina, destruindo sua *jetpack* e tirando-lhe qualquer chance de sobrevivência. Restavam apenas cinco combatentes em plenas condições de batalha e um alvo cada vez mais poderoso a ser abatido.

"Lewis está off-line. Agora somos apenas metade do que já fomos e ela é o dobro do que era. Já não tenho esperanças em derrotá-la. Abandonarei a missão e retornarei à nave", suspirou Ahlberg após a perda de mais um companheiro.

***

O reencontro com os companheiros de missão não decorreu exatamente como Ahlberg planejava. Após as confraternizações pela preservação de sua vida e as conversas sobre o extinto grupo B, notou-se a distinção entre os objetivos de cada um dos sobreviventes. Que a equipe não era coesa todos sabiam desde o início, mas as diferenças tornavam-se cada vez mais acentuadas com os desdobramentos.

— Não temos como enfrentá-lo de forma alguma, tenente — cravou o soldado reintegrado —. O monstro está adaptado a esse lugar, é um caminho sem volta.

— Ainda estamos em cinco. Quando tivemos um confronto direto, quase o matamos. Com o grupo unificado, temos boas chances.

— Não quero desanimá-lo, mas... esgotei praticamente toda a minha munição contra ela e nada aconteceu. Esse bicho deve ter sofrido alguma mutação, sei lá, só sei que não é a mesma criatura ferida por vocês. Por experiência própria, sugiro retornar à nave e pedir reforços.

— Nada disso! Se vierem reforços a recompensa será repartida entre um monte de gente. O tenente tem razão.

— Deixe de ser burro, Lee! Não vê que estamos caminhando para um abismo? Podem ter trinta guerrilheiros aqui, não vai resolver! Já perdemos cinco soldados, mas vocês parecem querer que todos morramos! Retornemos para a nave, pedimos reforços e abandonemos a missão alegando baixas humanas. Pronto!

— Não há o que temer, Ahlberg — continuou o líder, firme em sua convicção. Os argumentos de seu subordinado não o convenciam, apesar de serem suficientes para o encerramento da expedição.

— Quer saber, Nowak? Vá se ferrar com a sua missão! Estou fora!

— Seu comportamento será repassado à cúpula, soldado. Isto não passará impune, está me ouvindo?

— Dane-se a cúpula, você e todo mundo que compactua com este circo. Só quero sair com vida dessa droga de lugar!

Ahlberg escapara da morte iminente por duas vezes e sabia bem com o que estava lidando, apesar de suas palavras não terem o devido reconhecimento. Ele era o único sobrevivente da caótica equipe B e havia passado por situações não vivenciadas pelos demais, que apenas observavam a acalorada discussão sem interferir. Enquanto o soldado saía vociferando toda espécie de maledicência contra seus agora ex-companheiros ao deixar a companhia destes, os quatro remanescentes debatiam sobre o futuro da missão destinada a um trágico fim.

— Menos dois, tenente. O que faremos?

— Não sei, Gábor. Não contava com essas baixas, principalmente a deserção de Ahlberg. De qualquer forma, estamos em maus lençóis.

— Ahlberg tem razão, assim como Martínez também teve durante sua estadia — Cabot quebrou o seu silêncio após uma longa reflexão.

— Hã? Ficou louco, Simon? — agitou-se a geóloga enquanto observava uma pepita mineral solta. — Martínez estava fora de si, quase matou seus companheiros em meio ao surto. Um viva a Cunningham!

— Ele foi o único a perceber o que estava sob os nossos narizes e não enxergamos. Não passo pano para a sua atitude deplorável, mas vejo que o único lúcido aqui era ele. Nós é que somos loucos por acreditar nesta missão fadada ao fracasso.

— Fadada ao fracasso não, senhor! — protestou Nowak, suspeitando que os soldados questionavam os seus métodos de condução. — Nossa divisão, assim como as demais, é composta pelos melhores guerrilheiros de nossa jurisdição. Como pode falar uma besteira como essa?

— Não queira comparar nossos feitos com os de Samus Aran, tenente. Sabe-se lá o que essa tal criatura tem em comum com ela, mas, se elas realmente possuem algum tipo de ligação forte, não teríamos a menor chance. O senhor sabe disso.

Um estranho silêncio fez-se presente. Tornar-se pequeno, ou nulo, não era a melhor das sensações.

Cortando um pouquinho essa reflexão filosófica de vocês, mas... O que Ahlberg fará ao chegar à superfície? — questionou a falante Gábor, quebrando o gelo.

— Nada. O que ele poderia fazer, Evgenia?

— Pegar a nave e vazar, tenente. Por qual razão ele nos esperaria? Lembre-se que há apenas uma nave operacional neste lugar.

— Não seria capaz.

— Não? O senhor parece que não viu como ele ficou possesso. Não é por nada não, mas acho que deveríamos ir atrás dele.

— Verdade, Nowak — apontou Lee —. Se ele for embora, fim de jogo para nós. Quem garante que outra nave pousará aqui?

— Vocês têm razão. Vamos procurá-lo — pela primeira vez acatara as sugestões dos colegas de trabalho. Enxergar as coisas de um ponto de vista que não fosse de cima para baixo também poderia trazer boas soluções. Uma pena ser tarde demais para aprender isso.

Enquanto a tropa enxuta seguia no encalço de Ahlberg, Nadia seguia no encalço deles, acompanhando todas as movimentações através das fissuras do teto. A essa hora, já descobrira não existir nenhuma criptofauna[48], e sim perseguidores — ou melhor, perseguidos —. Os caminhos de todos eles convergiam para a bifurcação onde tudo começou.

Enquanto Gábor tentava convencer o desertor pelo canal de comunicação privado, Nowak, Lee e Cabot apenas observavam, à distância, preocupando-se com qualquer barulho estranho que poderia surgir. Como estavam todos parados, um eventual ruído certamente teria sido causado pela criatura, da qual perderam totalmente o contato. Depois de alguns longos minutos de negociação, Ahlberg cedeu.

— Vejam quem está de volta! — alegrou-se Lee ao ver o segundo regresso daquele revoltado indivíduo. Cabot e Gábor ficaram igualmente satisfeitos, ao contrário de Nowak, que apenas o observava, sem reação. Ahlberg ainda respondia aos cumprimentos de seus amigos quando foi recepcionado pelo poderoso feixe gama ejetado por seu superior, fazendo-o cair carbonizado.

---

[48] Fauna oculta. O termo normalmente é associado a criaturas fantásticas e/ou hipotéticas. A ciência responsável pelo estudo de espécies mitológicas é denominada criptozoologia.

— Que merda é essa, Nowak? — questionaram, em uníssono.

— Ele iria embora do planeta. Não há diálogo com traidores.

— Ninguém disse isso, Nowak! Você está louco!

— Abaixe o tom, Evgenia! Vocês me fizeram acreditar e agora se fazem de rogados. Pegaremos a nave e daremos o fora daqui, agora!

Era tarde. Toda aquela agitação chamou a atenção de Nadia, que acabara de saltar sorrateiramente atrás do descontrolado tenente. Os demais permaneciam estáticos ao ver a imponência da silhueta negra ao se mover tão próxima deles. O medo os impediu de pegar em armas contra a criatura: foram todos pegos de surpresa. A única reação foi apontar as trêmulas mãos para a sombra, indicando a nova companhia.

Ao se virar, Nowak foi recepcionado com um poderoso balaço de afloraltite. O resultado não foi muito diferente do apresentado pelo super míssil que vitimou Martínez nas profundezas. Em pânico, os três restantes fugiram sem olhar para trás.

O medo irracionaliza as pessoas. Os antes tão poderosos guerrilheiros se tornaram crianças diante do bicho-papão. Enquanto corriam como galinhas assustadas, a agora caçadora absorvia a energia do finado oficial. Curiosamente, algumas pessoas liberavam quantidades energéticas diferentes em relação a outras. Talvez pela bravura do ex-comandante, a absorção de seu espectro permitiu o desbloqueio de mais uma habilidade da Biosuit, o Spring Jump. As botas do traje ganharam uma estrutura orgânica muscular sob os calcanhares, que contornava os tornozelos e subia até a região posterior dos joelhos. As espessas fibras envolviam um líquido altamente pressurizado que, conforme a necessidade da portadora, poderia ser utilizado para impulsionar ou amortecer seus saltos e quedas. O novo brinquedo seria estreado no exótico pique-esconde com seus apavorados meninos.

Em meio ao caos da fuga, Gábor separou-se de Lee e Cabot, juntos em fuga pelas frestas das galerias. Quando se deu conta do isolamento,

não soube como proceder. Sem luz, sem companheiros, sem recompensa, sem esperança. A sensação de impotência diante de tal criatura tomou a liberdade para escrever as últimas linhas de seu *logbook* antes que a soldado cortasse as mangueiras de circulação de ar de seu traje: "é chegada a hora: o fim está próximo. Este é um jogo de cartas marcadas e não somos os escolhidos para vencê-lo. É poderosa como nada antes visto pelos meus olhos. Aquela criatura despedaçou Nowak como se fosse um vaso de cristal. Não há arma que possa contê-la nem bravura que a assuste. Minha carreira está cumprida e agradeço a todos os planetas que visitei, estes sim, a minha verdadeira paixão. Terei uma morte digna e uma despedida decente. Ao cortar as mangueiras do respirador, este mundo tomará o meu fôlego. Aqui é Evgenia Gábor, desertora da missão de captura de Samus Aran. Fim da transmissão."

Lee e Cabot seguiam na insana busca pela nave patrulheira. Nadia saltava melhor do que nunca com o auxílio do novo recurso — os wall jumps tornaram-se mais simples, dispensando parte da técnica adquirida por ela —. Se por um lado o movimento ficava menos elegante, o novo aprimoramento permitia uma precisão e potência excepcionais. Ao escalar uma razoável encosta, os três já se encontravam no mesmo pavimento.

Gábor estava mais que certa em sua derradeira constatação. As munições comuns disparadas por Lee e Cabot eram desviadas sem a menor dificuldade e os feixes de raios beta acabavam por ser absorvidos pela Biosuit como se fosse mágica — os reatores de radiação gama, talvez a única arma efetiva, estavam descarregados graças a estupidez de Nowak ao destilar todo o seu ódio contra o peito de Ahlberg —. Vendo a fragilidade de seus oponentes, Nadia permanecia parada diante deles, aguardando mais uma demonstração de seu repertório bélico, que não viria. Ao perceber que Lee recarregava seu último míssil, desferiu-lhe um tiro em sua viseira de superacrílico, destruída devido à alta potência do disparo e pela diferença entre a pressão interna e externa do meio, vitimando o soldado por inalação de gases. Restava Cabot.

Atirado violentamente contra uma parede, foi erguido pelo pescoço enquanto se debatia sem controle, suando frio: temia por uma morte ainda mais brutal que a de seus companheiros. Lembrou-se da família, dos amigos, do prazer em servir a Federação ao longo de tantos anos.

Nadia observava sua presa com imensa curiosidade, pois nunca estivera face a face com outro humano vivo. Quanto mais observava, mais apertava o pescoço da vítima, que respirava com dificuldade mesmo estando envolvido por uma grossa camada de metal maleável. As lentes bipartidas do elmo biomecânico eram um empecilho para a experiência única da garota, sedenta por vivenciar de forma ainda mais orgânica o "incrível" momento. O soldado se debatia fracamente. A Biosuit, então, retraiu suas lentes, revelando os olhos vermelhos como sangue e uma pequena porção da pálida pele. Cabot, que até o momento evitava fitar-lhe a cara, encarou sua oponente, talvez por compreender a sua humanidade, ao contrário do que se pensava antes. Ao passar a mensagem, Nadia largou o soldado esgotado, recolheu a energia vital pairada sobre o cadáver de Lee e logo retornou à superfície, deixando o combatente solitário, assim como ela esteve por todo esse tempo.

O módulo de resgate não possuía conserto, mas, em compensação, havia uma nave muito mais bem equipada à sua espera. Assim como ocorreu com a nave patrulheira que a visitara em K-2L, a nave de combate também teve parte de seus sistemas de comunicação destruídos — a disposição dos elementos era um pouco distinta da fragata de K-2L e seria necessário um pouco de tempo para cortar os fios certos —. Nadia tratou de transferir com rapidez os suprimentos do módulo para a nave federada e abandonou definitivamente o planeta. A nova casa era muito mais espaçosa e tecnológica, além de oferecer os equipamentos identificadores e vestuário de Tatiana Orlova e Evgenia Gábor, que poderiam lhe permitir uma vida dupla dali em diante.

— Hora de forjar uma nova identidade — gargalhando, deixou no gelo uma parcela de sua racionalidade.

12. DISTORÇÕES

Eliminar os dois soldados em K-2L foi a pior experiência que tive em toda a minha vida. Os olhos da Federação voltaram a nos enxergar por culpa daquele ato desesperado, mas não tive culpa, por mais que pareça o contrário. Como consequência da impetuosidade da Biosuit, separei-me de minha mãe e caí em uma emboscada em um planeta de clima completamente desfavorável à minha natureza "metroidiana", como diria ela. Era só o começo da sequência de castigos.

Bem que eu poderia ter erradicado a equipe inteira, mas nada do que fiz foi realizado com a pura intenção de matar: era a minha sobrevivência que estava em jogo, assim como a deles. Embora fosse uma situação de vida ou morte, não seria capaz de tirar a vida de dois inimigos inofensivos e dormir tranquilamente em seguida, aliás, nem dormir eu durmo depois do isolamento. Talvez nenhum deles sobreviveu caso uma equipe de resgate tenha demorado a aterrissar ali. Não é o que desejo, sinceramente: eles só cumpriam ordens. Sei que minha cabeça está ainda mais a prêmio após os incidentes no terceiro planeta e, por razões de segurança, devo evitar novos encontros com eles. Aliás, preciso evitar qualquer encontro. Apenas a minha mãe me interessa. Nadia Aran, desligando.

***

Viver como marginal. O único estilo de vida que conhecia desde o nascimento era justamente aquele, pois velejar sem rumo pelo espaço sideral não deixava de ser um ofício familiar das Aran, apesar de isso não caracterizar a herança como algo bom. Cercada pelo nada, via como a situação ganhou ares de melancolia. "Como é possível?", refletia, indignada. As caçadas simuladas nos treinamentos tornaram-se reais — desta vez, jamais abandonaria a condição de presa perante

os oficiais. Para a sua sorte, fora uma aluna exemplar: se não fosse, teria sucumbido ao inferno cavernoso —. A adrenalina recuava gradualmente e o mundo voltava a ser palpável, bem diferente do que ela gostaria.

Os olhos aflitos e desesperançados corriam pelos instrumentos da nave afanada. "Super E v5", leu ao passar a ponta dos dedos pelo baixo-relevo estampado na placa de alumínio. O estranhamento diante de tamanha tecnologia era mais que justificável, dado que a embarcação fazia parte da frota mais recente de naves de combate da Federação Galáctica — acima delas, apenas as Super E v6, ainda em fase de testes —. A agilidade e tamanho reduzido comparado aos equipamentos similares não impedia a Super E v5 de comportar até dez tripulantes de forma satisfatória por períodos curtos graças ao bom aproveitamento de espaço. Podia não ser confortável como a Gunship, mas era muito superior ao apertadíssimo módulo de resgate abandonado no gelo. Uma bela recompensa.

Diferenças na construção e tecnologia empregada? Certamente. Leitura de sistemas ininteligível? Nem um pouco. O caráter militar da espaçonave forçava a simplificação de comandos. O frenesi de uma batalha aérea não podia exigir ajustes finos por botões giratórios — o modo de pilotagem padrão oferecia ajustes automáticos —, fazendo com que as instruções de controle fossem simples o suficiente para Nadia guiá-la sem maiores problemas, mesmo com o anacronismo da operadora. Alguns sistemas, como a pilotagem autônoma, foram inutilizados pela destruição dos localizadores enredados na fiação das antenas-pulsar por força do medo de ser rastreada. Sendo assim, os propulsores teriam de ser desligados enquanto a garota dormia, evitando-se assim o risco de acordar em um lugar não desejado, como as vizinhanças de um asteroide.

Em meio a xingamentos, biscoitos reidratados, lágrimas e saudade, buscava uma forma segura de reativar o módulo de pilotagem automática sem chamar a atenção dos quartéis-generais fiscalizadores. "E se eu desligar a chave geral e usar tentativa e erro até encontrar o fio certo?", cogitou em vários momentos, mas a sua inexperiência foi sobreposta pela

voz da consciência, fazendo-a desistir de desconectar os sistemas de renovação de ar e aquecimento em pleno voo. Se quisesse viajar em segurança durante os cochilos, teria de encontrar um local seguro para pousar e tentar efetuar os devidos reparos.

A ração humana — peste perniciosa em forma de quitute — matou a sua fome, mas deu vida a um monstro interior chamado queimação. Agoniada pelas dúvidas e pelo desconforto, pensou em se levantar do posto de pilotagem para estender o ventre por uns instantes, pois transformar-se em *morphball*[49] não colaboraria em nada para a sua recuperação. Antes de fazê-lo, sentiu as vistas escurecerem. E por ali ficou.

Horas se passaram. Desgrudando a cabeça do piso acarpetado, sentiu como se acabasse de ser golpeada nas costas por um objeto contundente. Além da dor, estranhava como tinha ido parar ali.

A culpada eleita foi a alimentação de qualidade questionável, não os *sieverts*[50] absorvidos por seu corpo durante a perigosa brincadeira de desafiar os soldados a atirarem contra ela os feixes radioativos concentrados. A Biosuit era valente, mas para algum lugar a radiação beta precisava ser dissipada. No caso, o destino foi a já decadente humana.

Se não bastasse o tombo, também arriscara bater a bela Super E por dormir ao manche — nem sequer suspeitava, mas a queda da poltrona foi causada por uma assustadora convulsão, não por um abençoado e revigorante sono —, fazendo do ocorrido mais uma prova da importância da assistência eletrônica. Assim, tratou de descer na primeira estação de pouso surgida nos radares, uma base de nome 213AxV Adara localizada em um satélite sem nome. A rota comercial Adara era conhecida pelo intenso tráfego de naves cargueiras e colonizadoras que desfrutavam

---

[49] Habilidade de Samus que a permite se transformar em uma pequena esfera para acessar lugares estreitos.

[50] Unidade de medida usada na avaliação dos impactos da radiação ionizante sobre seres humanos. Símbolo: Sv.

da gravidade de uma estrela massiva para atingir grandes distâncias com os motores desligados. Na pior das hipóteses, cruzaria com uma daquelas jamantas siderais, não com os aborrecidos federados.

Tomando coragem, iniciou os procedimentos manuais de pouso. Para fins práticos, era Orlova ou Gábor quem estava ali, não a "criatura".

Por prudência, vestiu-se com os trajes guardados nos armários, renunciando à indumentária biomecânica. "Uma alunissagem[51] comum, nada de anormal por aqui", repetia como um mantra ao lutar com a farda de Orlova, de quadris justos. O respirador negro cobria a sua face, vedando o contorno com uma ventosa ajustável. Nada de luvas especiais ou vestimentas pressurizadas: a base tinha baixa gravidade e não possuía ar respirável, mas a temperatura local era amigável à presença humana.

Com os cilindros de oxigênio presos às costas e um holo-identificador[52] fixado na parte frontal do uniforme, rumou em direção ao acesso do *core* eletrônico da nave, não sem antes apreciar a bela vista do despretensioso ponto de parada. A areia oxidada atirada para cima flutuava como uma nuvem mágica, mesclando-se aos tons verdes da alta atmosfera. O lento cair do saibro lembrava a paralaxe[53] dos corpos celestes, seus únicos companheiros naquele instante. Em meio ao caos, ainda achava uma forma de se divertir antes que o dever a chamasse outra vez mais.

Tendo todo o tempo do Universo à sua disposição, rapidamente a questão do módulo autônomo foi sanada — o trecho defeituoso ficava entre dois sensores coletores de dados —. Cortando os fios, a central eletrônica informaria sempre um erro de atualização e jamais daria a posição correta do equipamento no espaço. As antenas de varredura funcionavam

---

[51] Pouso em um satélite natural.

[52] Espécie de crachá eletrônico portador de informações apresentadas de forma tridimensional.

[53] Deslocamento da posição aparente de um corpo devido à mudança de posição do observador.

com perfeição, tal qual a comunicação via rádio com naves próximas e o alerta amigo-inimigo, fonte geradora do relatório emitido por Pangea. Nem mesmo a nave colonizadora estacionada ao fundo a incomodava. "Por que diabos uns operários se aproximariam? Se pedirem ajuda, digo que não sei e pronto", concluiu, sem se preocupar. Pelo contrário, até se sentia bem em receber a companhia humana, ainda que à distância: não passavam de pessoas como ela, seres errantes em busca de uma vida melhor, independentemente do que aquilo pudesse significar.

Satisfeita com o serviço realizado, abandonou o ferramental pelo chão junto ao infame identificador que a perturbava ao se enganchar nas tramas de cabos e subiu em uma colina larga, de onde observava, com mais privacidade, o mundo peculiar e seus exóticos visitantes.

Os futuros povoadores de globos esticavam as canelas ao caminharem pela pista concretada. Quasar era uma cruzadora gigantesca da famosa Classe S capaz de transportar milhares de pessoas em estado de animação suspensa em simultâneo. Seu voo era gracioso, porém, lento, obrigando paradas como aquela de tempos em tempos para a reativação dos sistemas orgânicos. A lua escolhida não era o melhor dos lugares para a tal ressurreição, entretanto, era mais amigável que as áreas internas de convivência e suas pinturas com belas paisagens.

Entre os tripulantes mais ativos estava um menino de não mais que seis anos que jurava ao pai, um humilde extrator de água em poços congelados, que serviria à Federação quando crescesse. Em sua tábula eletrônica, esboçava os uniformes, capacetes e armas: tinha os heróis mal-encarados como semideuses. Mal sabia ele que um de seus ícones repousava, tranquilo, encostado em uma pedra sobre uma elevação próxima.

— Pai, pai! Uma nave dos soldados — animou-se, puxando o homem pela mão —. Posso ir lá em cima?

— Não, Matt — respondeu, frustrando os planos e encerrando o assunto —. Eles devem estar ocupados. Deixe-os descansando, está bem?

A silhueta de Nadia hipnotizava o garoto. Os trajes civis dos guerrilheiros eram semelhantes às fardas azuis-marinhos dos oficiais, porém, em material fosco, além da máscara negra e uma viseira translúcida. Cumprimentar aquele indivíduo seria a realização de seu maior sonho.

Desobedecendo às ordens do pai, o pequeno foi de encontro àquele ser hipnotizado, de olhar fixo no zênite e que não notou a presença arteira — o restante da consciência da exploradora estava deveras entretido com a vista celeste e sua alma já via um cenário paralelo no mundo encantado dos sonhos —. Enquanto o menino se aproximava com cuidado, observava cada detalhe: nunca vira um "patrulheiro" a uma distância tão curta. A sombra projetada assustou Nadia, que finalmente percebeu a companhia. Seu susto só não foi maior que o do próprio menino. Chocado com a aparência da caçadora, desceu o morro, em prantos. A movimentação frenética e repentina chamou a atenção dos demais tripulantes de Quasar, que apenas viram o esquivar de uma silhueta curvada, ao longe. Nadia, surpresa e acuada, esqueceu de todos os pertences largados próximos à portinhola da centralina, abandonando tudo ao partir.

Assustado, o garoto tentava explicar para o pai e para os demais o que acabara de ver. Seu sonho tornou-se um pesadelo.

— Penso que deveria acreditar nas palavras do pequeno Matt, Silver. Aquele patrulheiro é meio esquisito mesmo. Veja só como ele corre.

— Balela... Não há como fraudar aquilo, nem os trajes.

— Não prefere comunicar a NeoGalax? Parece ter algo errado. Matt disse que o cara estava "apodrecendo". Pode estar doente ou precisando de ajuda. Deveríamos fazer algo por ele.

— Deixe isso para lá. Ele está indo embora, deve estar bem.

— Bem — puxou o ar com força—, quando a nave sumir no horizonte, irei até lá. Tenho a impressão de que encontraremos algo suspeito.

— Tudo bem, LeBay, que seja. O que eu não faço por você, capitão.

A Super E funcionava plena e não mantinha nenhum tipo de comunicação com a Federação conforme o planejado, mesmo com as antenas funcionando de acordo. Dias de paz, enfim. Ou não. A gritaria do fedelho ainda a incomodava. "Mas o que foi aquilo, afinal? Por que aquele garoto se espantou tanto com o que viu? Será que piorei tanto assim?", questionava-se, temerosa.

Ao pegar um pequeno espelho, viu o quanto sua aparência havia se deteriorado. O cabelo estava praticamente reduzido à metade frontal de sua cabeça; a região posterior já não contava mais com nenhum fio. A pele tinha aparência seca e quebradiça, com vasos sanguíneos salientes. Não cheirava mal, mas não era nada agradável aos olhos.

— Talvez isso explique a queimação e as tonturas. Não posso adiar mais a busca pela cura, ou minha situação será irreversível. Penso que está na hora de fazer uma visitinha aos grandes manipuladores de metroides, mas… como encontrá-los? — terminou, com nojo do que via.

A Super E cruzava o espaço com toda a sua imponência. Os equipamentos operavam silenciosos, em sincronia. Além dos eficazes dispositivos, Nadia também seguia em silêncio, deitada em posição fetal no piso frio da cabine de controle.

— Uma semana longe dela… queria poder acreditar que tudo isso não passa de um pesadelo… um sonho ruim que pode ser desfeito com o simples despertar. Estou cada vez mais doente, procurada como se tivesse cometido algum crime e, o pior de tudo, perdi minha mãe, talvez para sempre. Deviam ser muitos soldados! Nossa nave é velha… se a Gunship foi danificada, ela não teve como escapar. Sacrificou-se para que eu tivesse a oportunidade de viver um pouco mais, mas… isso é vida? Meu crime foi existir. Ela não tem culpa. Samus é a melhor pessoa que existe neste Universo. Sou apenas uma… coisa.

Enquanto passava os dedos sobre a pele danificada — necrosada em certos pontos — não conteve as emoções e foi às lágrimas,

inconformada por ter tamanha má sorte. Recusava-se seguir daquela forma: uma medida drástica fazia-se necessária antes que o pior acontecesse. A bomba estava prestes a explodir.

Com a face inanimada, dirigiu-se ao acesso interno que levava ao *core* eletrônico da nave, pois buscava incessantemente os cabos responsáveis pela climatização de toda a Super E. Se os fios corretos fossem desconectados, em poucos minutos a temperatura no interior da espaçonave se igualaria às condições externas: "amigáveis" -270 °C.

— Jamais pertencerei à Federação. Perdoe-me, mãe.

Antes que puxasse a trama, escutou um ruído distorcido vindo da sala de comunicação. Aquele som de alerta tirou-lhe o foco e poupou-lhe a vida. A última cartada viria com o apagar das luzes, literalmente.

— Aqui é... cargueiro Quantum/CYR... Solicitamos... Ajuda.

Nadia hesitou em responder, mas tomou coragem. Não tinha mais nada a perder e o que viesse seria lucro.

— N-n-na escuta, Quantum/CYR — respondeu com voz abafada ao secar o rosto brilhante pelas lágrimas derramadas há pouco enquanto buscava as plaquetas identificadoras da nave —. Super E v5, matrícula EI4-C89-32i da Federação Galáctica.

— 32i, temos problemas de navegação. Nossas... Nossas antenas de comunicação por raios-X estão danificadas. Os sensores deixaram de funcionar e estamos à deriva. A companhia não ouve nossos chamados.

— Origem, destino e objetivo, Quantum/CYR — lembrou-se das aulas de navegação com Samus, uma de suas matérias favoritas.

— Objetivo: transporte de carga orgânica viva. Origem: Origae 14. Destino: Plataforma de Tratamento Biológico Mil-Star 6x.

"Plataforma de Tratamento Biológico...", pensou, interessada.

— Copiado, Quantum/CYR. Deseja escolta até o destino?

— Graças às duras condições de tráfego, necessitamos. Temos que garantir a integridade da carga.

— Entendido, Quantum/CYR. Escolta confirmada.

— Agradecemos a cortesia da operadora. Qual a Vossa Senhoria?

Nadia não soube o que responder. Sem o crachá original do traje, procurou rapidamente os identificadores restantes para dar uma resposta minimamente convincente.

— Operadora Evgenia Gábor. Encerrando transmissão — cortou abruptamente o contato, não dando margem para mais perguntas.

— Ela encerrou a transmissão, acredita? — estranhou um dos comunicadores da barca perdida. Seu companheiro de bancada demonstrava desinteresse por seu questionamento. — Disse ser "alguma coisa Gábor". "Malena Gábor", "Heléna Gábor", algo assim.

— Não importa quem seja, Hwang. O que importa é que cheguemos logo ao destino. Se metade dessa carga morrer, a Federação não vai querer mais contratar nossos serviços. Aí já viu, né?

— A nave de escolta é da Federação, Pérez. Somente pilotos de elite da Federação operam essas máquinas, não se trata de qualquer um. Eles sabem o que estamos passando aqui, agora temos um álibi.

Loucura? Talvez. Até pouco tempo atrás, Nadia se queixava da perseguição ostensiva da Federação Galáctica contra a sua pessoa. Agora, rumava para uma das instalações remotas da organização. Que atrativos permaneceriam ocultos em uma inocente zona de pesquisa? Lá encontraria a solução de seus problemas ou respostas para os seus mais íntimos questionamentos? Valeria a pena arriscar-se daquela forma? "O que tiver de ser, será", entusiasmou-se, botando um leve sorriso na cara enquanto girava em torno do próprio eixo da poltrona até não poder mais.

13. NOVOS RUMOS

Iberia seguia chacoalhada pelos burburinhos negativos após a missão fracassada, sendo espalhados como uma praga pela colossal instalação militar. Os soldados participantes da ação evitavam tocar no assunto, muito pelo desconforto de nem sequer chegarem perto do alvo. Além da derrota no aspecto operacional, tinham-se também outros fatores a serem lamentados. Na subdivisão 318, oito baixas confirmadas e mais de sessenta desaparecidos, assim como suas respectivas naves — além das seis Super E correspondentes faltava também aquela que pousara no terceiro planeta —. De positivo, apenas o retorno de Tatiana e Simon, que apresentavam uma evolução considerável em seus quadros clínicos. Muito em breve poderiam retornar às rotinas sem problemas.

Alocados na enfermaria, os dois resgatados contavam aos curiosos colegas de farda os eventos decorridos nas zonas frias. Por mais que existissem ordens expressas da chefia para não revelarem detalhes antes da hora, não faziam a menor questão de guardar segredo, afinal, não viam em Hall a liderança que o agrupamento merecia por direito.

— Simon Cabot e Tatiana Orlova — surgiu uma enfermeira em meio à roda formada em torno das poltronas insossas.

— Outra vez essa droga de medicamento? — protestou o fuzileiro, já cansado da marcação cerrada da profissional. Tatiana o repreendia com os olhos, pois reconhecia os esforços da colega para vê-los bem.

— Não hoje, Cabot. Esses medicamentos são para um rapazinho que quase perdeu um dos olhos ao ser atingido por estilhaços de uma bomba durante a rebelião de Vathenia — os presentes balançavam a cabeça, em negação, por mais uma aposentadoria compulsória encaminhada —. Em minha bandeja, para vocês, apenas um recado.

— De quem? — questionaram, em fala única.

— Dawn espera por vocês — respondeu, revirando os olhos —. Preparem-se para o interrogatório. Terão saudades de minhas perguntas.

Cedo ou tarde o aguardado encontro aconteceria. "Dawn" era o apelido da general Eve Hall, uma figura controversa nos corredores da Federação Galáctica — a alcunha derivava de uma suposta missão que concluíra enquanto capitã em um planeta dono de um amanhecer eterno, apesar de ninguém saber onde ou quando isso ocorreu —. Odiada pela esmagadora maioria dos subordinados por sua expressa falta de compaixão para com o próximo, tinha histórico questionável como líder. Embora existissem outros generais tão ou mais qualificados, Hall seguia no comando de uma das bases mais frutíferas no âmbito militar, fazendo a condição intocável perante a cúpula fomentar as mais diversas teorias da conspiração em torno de sua pessoa.

Dois guardas pacificadores protegiam a porta da sala particular da alteza. "Quem ousaria invadir as entranhas de uma base armada?", questionava Simon, assim como todos os que encaravam a pitoresca cena, incluindo a sua colega, apesar de ela não se manifestar. No interior da saleta, somente a figura de Eve, o leitor de fitas magnéticas e os cartuchos com os registros dos futuros interrogados.

Sem dar as boas-vindas, iniciou a sabatina. Enquanto carregava as instruções das fitas de registro, Hall analisava o semblante incomodado da dupla. Tatiana exalava certo ar de culpa ao desviar o olhar toda vez que a mandatária a fitava nos olhos. Simon fazia exatamente o oposto: esmagava as vistas ao encarar a superior, que não lhe destinava nenhum questionamento sobre. Mais uma vez compreendia o surto de Martínez.

— Primeiro a senhora Orlova. Muito me interessei por alguns trechos de seu registro. Comece, por gentileza.

— Bem... desembarcamos no terceiro planeta, estava frio e...

— Apenas o relevante.

— Ce-certo… quer saber sobre Martínez? Cunningham?

Os finados não me interessam, Orlova! ergueu o tom, fazendo os olhos quase saltaram das órbitas pela exaltação. Simon engoliu a seco para não responder à altura a grosseria feita contra a colega bem-intencionada. — Quero saber da criatura. É sobre ela que deve falar.

Bem… — buscou iniciar o discurso, desconcertada pela agressão verbal a troco de nada. — Não pude vê-la muito bem, mas…

— Registro 32: "Vocês não têm noção do que acabei de presenciar: a tal 'coisa' esteve aqui." — leu a impaciente general no decodificador colocado sobre a mesa. Tatiana movia os lábios sem emitir nenhum som. — "Logo pensei no pior, mas, estranhamente, ela insistia em me ignorar. A posição em que me encontro desde o deslizamento não permite que eu erga a cabeça, portanto, não consegui vê-la com detalhes. O interesse dela parecia estar no gelo, pois pude senti-la cavando. Não sei dizer se encontrou o que procurava. Depois de um tempo, percebi que ela se distraiu com alguma coisa, possivelmente os corpos de Daniels e Cunningham. O que ela fez com eles eu não sei, mas… não parece ter retirado os corpos de lá. Eu estava completamente em suas mãos. Esperei pelo pior, que não aconteceu, a menos que tenha me guardado para mais tarde. Talvez haja algo em seu código de honra que a impeça de abater um inimigo moralmente vencido. Eu não teria a mesma nobreza." Registro 77: "longas horas se passaram até uma equipe de busca e resgate aparecer. Eles mantiveram contato enquanto me tiravam do bloco congelado. Os corpos de Cunningham e Daniels estavam intactos e a *causa mortis* foi o esmagamento dos tubos de ar. Realmente, não foi a criatura que os matou. Ainda não sei dos demais, mas espero que ao menos um deles esteja vivo." O que significa estes trechos, Orlova? Romantizando o monstro?

— N-não é romantizar, general! *Logbooks* são espontâneos. Registrei o que senti no momento.

— Algo mais a acrescentar?

Diante do silêncio da paramédica, interpretado como o fim da "colaboração", Hall a enxotou da sala, ficando a sós com Simon. De fato, as respostas mais aguardadas por ela viriam da boca do experiente e reflexivo soldado. Tatiana vinha apenas como contrapeso.

— E o senhor, Cabot? Será capaz de colaborar com a Federação?

— Sim, general. Estou à disposição da Federação Galáctica para o que precisar — destilou a sua ironia na forma de um sorriso debochado.

— Você foi o último a ter contato com ela. Quero detalhes.

— Bem... Era muito forte, general. Não tenho dúvidas que era humana e usava uma poderosa armadura biológica. Não parecia nem um pouco com a armadura de Samus. Pelas informações coletadas e passadas pela Federação antes da viagem, não se tratava da fugitiva.

Hall repetiu o que fizera com a soldado, lendo o trecho do registro que mais a interessava. Pelo menos, deixou o combatente concluir a fala.

— Registro 108: "Aqui é Simon Cabot, fuzileiro da missão de captura de Samus Aran", iniciou a comandante. "Gravem na memória este relato caso eu não seja resgatado com vida. Vocês não estão preparados para lidar com a criatura. Nunca vi nada semelhante em minha longa carreira. Aquele monstro ficou em pé diante de mim e de Lee e aguardou pelos disparos como se não representássemos nada para ela. Justiça seja feita: não representávamos mesmo! Apesar da proximidade, não pude ver muita coisa além da claridade de suas lentes por conta da escuridão. Lee teve o tórax estourado, acredito que pela diferença na pressão do ar atmosférico. Gábor desapareceu e eu estava frente a frente com o bicho, sozinho. Ela me atirou contra a parede como se eu fosse um boneco de pano. Minha coluna não respondia aos comandos e ali desisti da vida. Era magnífica: sua armadura diferia de tudo o que vi antes. Traje e portadora trabalhavam em perfeita harmonia. Enquanto eu admirava aquela obra-prima da natureza, ela apertava gradativamente o meu pescoço, demonstrando que minha vida dependia puramente de sua vontade. Minha

insignificância perante aquela máquina de guerra não permitia que eu a encarasse, mas eu merecia aquilo, afinal, o ser estava subjugando um fuzileiro de primeiríssima linha. Ao notar que eu a observava, o visor esverdeado foi recolhido como uma pálpebra, exibindo os verdadeiros olhos de quem me dominava. Suas profundas íris vermelhas emanavam um olhar triste e vazio, como se não demonstrasse nenhuma alegria em fazer aquilo. Além dos olhos, notei uma estreita faixa de pele, alva como a neve presente naquela caverna. Após este instante, resolveu largar meu pescoço e caí como um saco de lixo no chão. Vi quando ela rondou o corpo de Lee e foi embora: a tropa de captura estava definitivamente dizimada. Como poderíamos caçar um ser humano daquela forma? Menosprezo, ódio, vingança, cobiça... tudo em troca de um semelhante escravizado ou abatido. Há pessoas muito mais desprezíveis na alta cúpula que não sofrem este tipo de perseguição. Seríamos nós os seres evoluídos ou ainda nos faltam conceitos básicos como civilização?"

Simon já esperava pelo sermão por supostamente exaltar a figura peculiar, assim como fez a colega. Hall o observava, pensativa. Por fim, agradeceu a colaboração do soldado e o dispensou, sem desferir nenhuma impolidez. O relato era de grande valia para a Federação: alguém, que não eles, acabava de criar uma interessante bioarmadura ou, na melhor das hipóteses, uma bioarma. Ficar para trás não era uma opção.

***

Existiam inúmeras formas "civilizadas" de punir soldados desobedientes. Quarentena ou prisão acarretavam onerosos e cansativos procedimentos internos — "quem", "quando", "por qual razão" e "em que frequência" eram as questões norteadoras —, além de macular o nome da unidade, pois soldados insubordinados poderiam indicar uma eventual fraqueza do comando. O mais comum nesses casos era a criação de

treinamentos injustificados em áreas distantes ou problemáticas. Desta forma, eliminava-se o imbróglio sem chamar a atenção de ninguém.

No setor de cargas de uma velha nave de serviço, prontos para o desembarque, estavam Simon e Tatiana, assim como outros vários operadores despachados. O destino da equipe era a Plataforma de Tratamento Biológico Mil-Star 6x, localizada nas margens do sistema Runa. Remoendo a transferência forçada, debatiam a motivação do envio a algo que chamavam "vitrina viva" ou "spa", com desprezo.

— Parece que passamos um mês viajando nessa banheira… —resmungou a mulher — Não vejo a hora de encontrar os bichinhos.

— Que mau gosto! — retrucou o fuzileiro. — Alienígena bom é alienígena vaporizado. Na verdade, queria mesmo era destroçar a cara da megera. Você tinha que ver como ela me olhou depois de ler o meu relatório. Não vou me esquecer daquela cara de morte. Ela não tem alma.

— Não seja tão radical, Simon! Algumas espécies mal se movem. Estaremos em um ambiente controlado, mas… concordo com a parte de destroçar a maldita. Também tenho essa vontade.

— Só quero saber o que a desgraçada da Dawn planeja ao nos transferir para cá. Ninguém nessa nave sabe o motivo.

— Paciência. Seja lá o que for, logo descobriremos.

Não tardou muito para Cabot, Orlova e os demais operadores serem recepcionados por Ida, uma autom da organização. Automs eram seres sintéticos construídos por robôs que, por sua vez, eram construídos por humanos. Resumidamente, os robôs construtores corrigiam falhas de programação não notadas por humanos e aplicavam tais melhorias em uma linhagem sintética mais evoluída que seus antecessores, tanto em relação aos materiais empregados quanto na inteligência artificial.

— Sejam bem-vindos à Plataforma de Tratamento Biológico Mil-Star 6x, sistema Runa! — disse a sintética, feliz da vida pelos visitantes.

— Obrigado, "senhorita". Onde descarregamos as tralhas?

— Não se preocupe, senhor Simon Cabot. Nossos robôs transportadores se encarregarão de tudo. Acompanhem-me.

— Psiu! Veja só, Tanya... — chamou a atenção da companheira, sussurrando. — Estes automs da Federação estão cada vez mais realistas. Se eles tivessem escondido o metal da traseira do crânio dela, poderia jurar ser uma mulher... e das boas, inclusive.

— Besteira... Não vai demorar para esses sintéticos se rebelarem contra seus criadores. Aguarde até eles tomarem consciência do que acontece nessa organização suja. Espere e verá!

Enquanto se dirigiam ao salão de boas-vindas, os dois sobreviventes da missão do terceiro planeta observavam a belíssima estrutura interna da plataforma. Algumas pontes eram formadas por metal translúcido, revelando as variadas galerias abaixo. Cada planeta emulado apresentava características nativas fielmente representadas, assim como suas espécies originais.

— Chegamos, senhores — alertou Ida, chamando a atenção para si —. Sintam-se à vontade para apreciar nossas confortáveis e modernas instalações. Em instantes, repassaremos as informações necessárias para uma boa estadia. Um momento, por favor.

O saguão não era dos maiores, mas poderia recepcionar tranquilamente umas quinhentas pessoas. Ali eram apresentados trabalhos científicos sobre os ecossistemas emulados em plataformas semelhantes e outros eventos mistos, como os treinamentos. Mil-Star 6x era apenas mais uma das centenas de instalações biológicas geridas pela Federação.

Após um breve burburinho motivado pela ansiedade de Simon por querer saber a quem deveria xingar, logo surgiu outro sintético, de aparência tão polida e realista quanto Ida, apresentando-se como Osíris, o autom responsável pela instalação.

— Não pode ser... — sussurrou Simon, puxando para perto o braço de Tanya. — Viemos para cá para ouvir palestra de robô?

— Devo dar as boas-vindas a todos — iniciou o autom nos microfones —. Vocês já devem conhecer Ida, a faz-tudo da plataforma. Sempre que precisarem de algo, chamem-na através dos comunicadores presentes nas colunas vermelhas. Os senhores devem estar cansados, não é mesmo? Após a leitura do protocolo que antecede os treinamentos, irei dispensá-los para realizarem um *tour* pelas pré-câmaras.

— Sabia! — resmungou o sobrevivente, que por muito pouco não foi ouvido pelos demais. — Aquela loira vagabunda nos enviou para cá como chacota. "Já que uma das nossas divisões de fuzileiros não conseguiu abater um alienígena, mandaremos os dois trouxas restantes para limpar cocô de bicho e aprender como se faz!"

— Silêncio, Simon! Vão acabar ouvindo suas reclamações. Pelo menos já sabemos o que faremos aqui. Não deve ser por muito tempo.

— Alguém tem alguma pergunta? — suspeitou o oficial sintético, interrompendo o breve discurso.

— Não, Osíris... Só estamos cansados da viagem — emendou a paramédica, desconcertada pelo susto.

— Atenderei a sua solicitação, senhora Orlova. O passeio ficará para outra ocasião, sei que Ida não se chateará. Ida, mostre para os nossos convidados onde ficam os dormitórios, refeitório e banheiros.

— Afirmativo, Osíris. Sigam-me!

14. ESTRANHA NO NINHO

Muito diferente da expectativa criada era o tal treinamento traçado pela general para os seus soldados menos aplicados. Havia em Mil-Star 6x infindáveis potenciais para um exercício militar robusto: longos corredores, excelente visibilidade, sinalização eficiente e muitos seres vivos de baixo valor estratégico e econômico, como diziam alguns. Entretanto, para a frustração absoluta de Simon e Tatiana, foram apresentadas a eles apenas funções administrativas e conceitos técnicos sobre a nova tecnologia embarcada que equiparia as instalações da Federação dali em diante.

Osíris demonstrava, com bastante apreço, o funcionamento das novas antenas-pulsar, capazes de efetuar varreduras completas dentro de um raio de 1 UA[54], detectando todo o tráfego que por ali passasse. Tatiana se espantou com a acurácia do equipamento, ao contrário do colega humano, desconfiado pelo uso de sistemas de segurança tão avançados que nem mesmo as equipes de enfrentamento utilizavam em batalha.

— Muito bacana, Osíris, mas... cá entre nós: por que uma plataforma de pesquisa possui tantos recursos de proteção? Nós estamos calejados de tanto lidar com todos os tipos de antenas nas missões, mas nunca vimos nada parecido — perguntou o mais experiente, que já não conseguia conter o seu ímpeto desafiador.

— Dúvida pertinente, senhor Cabot. As plataformas de pesquisa abrigam espécimes de diversos locais do Universo observável, estando alguns destes organismos sob sério risco de extinção ou sendo considerados demasiado perigosos para serem mantidos em seus lares originais, o

[54] Unidade Astronômica. Unidade de comprimento equivalente à distância média entre a Terra e o Sol, cerca de 150 milhões de quilômetros ou 8 minutos-luz

que poderia atrapalhar o processo de terraformação de seus respectivos habitats. Os trabalhos realizados nas plataformas vão muito além de tão somente cuidar de animais exóticos.

— O que seria esse "ir além"? — insistiu.

— Desenvolvemos estratégias de preservação e cultivo responsável de animais, plantas e organismos não classificados, métodos de tirar proveito de espécies que apresentam riscos reais para humanos sem destruí-las e possuímos um extenso banco de dados sobre estes organismos, incluindo um robusto *data center* com genomas humanos.

Tatiana suplicava para conhecer o banco de dados propagandeado pelo androide, em vão. O autom enfatizava a sua condição submissa perante a sua programação, embora ele fosse o gestor da base, reservando-se a apenas dizer que não possuía autonomia para levá-los à Zona Restrita. Frustrada, desistiu de pedir, pois, viu que não seria atendida de forma alguma. Concluída a pacífica rodada de explicações, os remanescentes da divisão erradicada saíram pelos corredores, aos papos, bem longe dos vigilantes olhos da solícita sintética de companhia que, a essa hora, ocupava-se com outros afazeres.

— Não é estranho, Tanya?

— O quê?

— Há todo tipo de parafernália nesta estação, mas o setor que mais nos interessa é restrito.

— Por qual razão te interessaria, Simon? Até onde sei, você ainda é fuzileiro, não geneticista, médico ou outro profissional de saúde.

— Não me esqueci disso. Só estranho que o setor que abriga informações sobre humanos esteja inacessível para nós.

— É padrão. Deve ter muitas informações confidenciais lá. Nem todos na Federação são de confiança, você sabe.

— Quem seria de confiança aqui, aliás?

— Simon... estou percebendo um comportamento estranho. Você ficou paranoico depois do que aconteceu no terceiro planeta? Parece que estou vendo Martínez antes do surto. Até o olhar perturbado é idêntico. Você está me assustando!

— Não, não estou paranoico — deslizando a mão sobre a face em uma tentativa de diminuir a tensão sobre os vincos da testa, prosseguiu a explicação —. Só estou percebendo coisas que não fui capaz de ver antes. Você deveria fazer o mesmo.

— Que coisas? Vejamos.

— A obsessão da Federação pela tal Samus Aran mesmo depois de tanto tempo, a influência suspeita de Dawn sobre os demais generais, o ar sombrio deste lugar isolado, a tal criatura que encontramos...

— Vamos lá — parando a caminhada, organizou as ideias e argumentou —. Samus destruiu uma estação de pesquisa tão grande quanto essa há mais de quinze anos; até então ninguém sabia da existência da criatura, pois pensávamos que a assassina era mesmo a fugitiva; não há nada de sombrio nesta plataforma, pelo contrário, é tudo muito bem iluminado; e Dawn... sei lá por que ela tem tanta influência. Talvez ela faça algo que agrade bastante os "cabeças" da Cúpula, se é que me entende.

— Samus era considerada uma das melhores caçadoras de recompensas até o episódio de B.S.L., além de ser parceira de longa data da Federação. Bastou acontecer um acidentezinho na finada plataforma para a então celebridade ser vista como inimiga mortal. Será que não havia algum motivo para ela destruir a estação e não sabemos?

— Que nada... — minimizou a cética doutora, acenando com as mãos. — Os relatórios oficiais dizem que a única ameaça em B.S.L. era um clone malsucedido de metroide. Ela tinha totais condições de matar aquele bicho sem destruir a estação inteira, mas... pelo menos os metroides estão definitivamente extintos. Já nos causaram muitos problemas.

— Não consigo ser tão otimista assim, Tanya... Enfim, chamaremos Ida. Quero conhecer logo as tais pré-câmaras — vendo que suas teorias não seriam insufladas pela amiga de longa data, abandonou o assunto e apertou um dos comunicadores, despertando a atenção da agora necessária companhia robótica.

***

Nadia passara a viagem inteira maquinando uma boa desculpa para desembarcar junto ao cargueiro, pois supunha haver algum sistema de segurança na plataforma que a reconheceria como suspeita. As longas horas em silêncio a levaram a uma solução engenhosa: diante de sua posição de "soldado" da Federação o velho cargueiro não rejeitaria uma proposta de acoplagem. Por realizar uma escolta desautorizada, muito provavelmente os operadores acatariam o seu pedido — era uma troca justa, afinal: a carga chegaria intacta e o cargueiro pouparia o combustível do moderno equipamento, tudo acordado em segredo—. Escondida nas baias de Quantum/CYR, a invasora passaria ilesa pelas poderosas antenas da estação. Como a comunicação entre a Super E e os controladores da Federação Galáctica fora totalmente suprimida, a única fonte de informação era a própria transportadora que, muito em breve, entraria na zona de alcance de ondas curtas e poderia contatar diretamente Mil-Star 6x.

***

Encantamento era a palavra ideal para descrever as sensações de Simon e Tatiana ao pisarem nas pré-câmaras, os setores que antecediam as reais câmaras de emulação. Um ambiente repleto de informações sobre o ecossistema alocado mais a frente prendia a atenção dos visitantes com

seus hologramas gravados nos planetas originais, fornecendo um nível de imersão impressionante. Ida, na sua condição de guia turística, tinha respostas para todas as perguntas feitas.

Aquela pré-câmara em específico trazia-lhes um sentimento particular. Observar as quedas d'água, o céu azul anil, a fauna e flora riquíssimas… tudo destruído pelo cataclismo nuclear. Nenhum dos dois teve a honra de nascer na finada Terra, agora resumida a uma esfera de gases tóxicos banhada pela chuva corrosiva. Do planeta de origem, carregavam apenas as narrativas de seus pais, categóricos em dizer que o lar original não passava de um inferno degradado pela ganância. Sorte daqueles que tiveram a oportunidade de migrar para os céus.

***

Quantum/CYR era uma nave da classe supercargueiro multiúso. Suas imensas baias podiam transportar qualquer material, desde minério até naves militares, talvez mais cinco ou seis naves do tamanho de uma Super E como a 32i roubada. A companhia Astra estava longe de ser um primor de qualidade, assim como seus operadores, despreparados por natureza pela baixa qualificação exigida pela corporação, mas era a companhia que oferecia os melhores preços para transporte de cargas massivas. Era exatamente a combinação de fatores que Nadia precisava para chegar furtivamente até os compartimentos de carga viva sem ser detectada antes de ingressar na plataforma. Seu plano começava a funcionar.

Os dois visitantes acompanhavam os procedimentos de pouso pelo grande painel cristalino da sala de comunicações. A abertura das gigantescas comportas, os carrinhos correndo pelos trilhos até a zona de descarga e os robôs de serviço, tudo em perfeita harmonia. As insígnias deterioradas da companhia Astra eram visíveis a olho nu. Como era belo observar uma atividade tão corriqueira sob outra perspectiva.

Os motores das portas automatizadas ronronavam alto ao tracionar as pesadas placas de metal, abrindo passagem para a imponente Quantum/CYR. Entre os operadores responsáveis pela recepção, apenas máquinas — os poucos humanos que habitavam a plataforma permaneciam reclusos nas instalações de controle enquanto o trabalho pesado era feito —. Gases descontaminantes envolviam a doca de número dois, eliminando qualquer organismo extremófilo[55] que pudesse ter sobrevivido ao viajar grudado à fuselagem. Passados uns poucos minutos, abriram-se também as comportas que davam acesso ao interior da plataforma. O trabalho estava apenas começando.

Permanecer na sala de controle não significava renunciar ao trabalho. Osíris manipulava uma série de controles e iniciava toda sorte de varreduras, observado com curiosidade pelos dois humanos que nem sentiam mais a falta de seus colegas, sumidos desde a apresentação no convés principal. Um dos painéis indicava uma integridade de 90,5% na carga transportada, um índice não tão bom, mas condizente com os serviços de uma prestadora medíocre — ao menos o frete fora barato —. Era o que faltava para que a entrega fosse devidamente desembarcada.

Em seguida, longas esteiras puxaram os enormes contêineres para dentro de um galpão de triagem. Lá, cada um desses reservatórios seria destinado a uma câmara de emulação diferente, conforme as necessidades alimentares da fauna hospedada. Aquela carga em especial era inteira de amysia, uma espécie híbrida vegetal que servia de ração para inúmeros animais de diferentes planetas por ter proteínas baseadas em carbono. Ainda era cedo para os robôs perceberem a falha, mas a mortalidade de quase dez por cento das amysias compradas foi causada por um espécime não adquirido pela Federação.

— Concedida a autorização para partir, Quantum/CYR.

---

[55] Organismo capaz de sobreviver sob condições geoquímicas extremas, prejudiciais à maioria das outras formas de vida.

— Entendido, Mil-Star 6x. Propulsão iniciada — assim, partiram de volta para a fazenda intergaláctica. Outras plataformas de tratamento ansiavam pelos contêineres oxidados.

Nadia permanecia em silêncio em um daqueles reservatórios deixados. A Biosuit estava carregada em seu nível máximo e alguns ícones piscavam em seu visor, mas nenhuma habilidade nova havia sido desbloqueada, talvez pela baixa qualidade da energia vital fornecida pelas plantinhas arroxeadas. Manter-se quieta em absoluto era mais angustiante que o medo de ser interceptada.

— Viram, senhores? Essa é a maneira mais eficiente de manipular cargas vivas. Centenas de robôs transportadores fazem todo o trabalho enquanto automs e humanos coordenam as operações daqui. Tudo dentro do planejado, como sempre.

— Muito bacana, Osíris. Aquele gás descontaminante é eficaz contra qualquer extremófilo?

— Afirmativo, senhora Orlova. O gás penetra nas células e destrói o código genético, seja ele qual for. São nanomoléculas inteligentes que detectam qualquer atividade biológica, interrompendo o processo vital instantaneamente. Mais uma benesse da Federação Galáctica.

— Incrível! Até então falávamos sobre venenos específicos, não é mesmo, Simon? Ei, Simon!?

— Sim, sim, muito bom mesmo, Tanya — concordou, novamente aborrecido. Nada parecia o entreter de forma satisfatória, com exceção do espetáculo de cores formado pelos titânicos bocais exaustores da nave que acabou de partir. Queria ele estar ali dentro e sumir sem rumo.

Os contêineres foram, então, separados, rotulados e destinados. A unidade 36B, onde Nadia se escondera, iria para a câmara que emulava Polara, um planetoide de temperatura tropical. Embora sugerisse um lugar frio, o nome referenciava a atmosfera branca e densa que envolvia todo o planeta durante as primeiras observações. A megafauna nativa,

dependente do ar altamente saturado em oxigênio, movia-se com lentidão pelo solo pastoso, representando baixo risco para quem porventura entrasse ali. Independentemente da pacificidade das espécies hospedadas, todas as câmaras de emulação possuíam travas eletrônicas inteligentes e apenas o contêiner entrava na câmara através de trilhos, sendo o responsável pelo espalhamento da carga viva um robô mantido em estado de hibernação até a porta se abrir. Depois de alguns dias o contêiner era retirado por máquinas, verificado e esterilizado para que a próxima companhia o levasse embora.

A abertura da portinhola reservava muito mais que o rotineiro espalhar da ração de baixa qualidade. Nem mesmo a claridade do ambiente foi capaz de definir os contornos daquela silhueta que saltou por trás das enormes árvores. Algo de origem desconhecida acabara de ser detectado pelo U-bot e seria necessário um escaneamento total da câmara Polara.

A notícia causou estranheza. Detecções como aquela quase não ocorriam, nem mesmo nas cargas transportadas pela Astra. Osíris insistia na hipótese mais viável, de que algum ser nativo de Origae 14 fora capturado por engano junto à amysia, mas suas palavras não inspiravam confiança. Simon questionava a aberrante falha de execução ao não realizarem inspeção visual ainda nas docas, sendo rebatido pelo responsável, que não via necessidade de uma atividade tão... humana. Inconformado com a desfeita, o soldado abandonou a sala, um ato injustificado, afinal, até então era apenas um organismo aleatório escondido em uma câmara vários metros abaixo de onde eles estavam.

— As coisas sempre acontecem nessa droga de Federação, não vê?

— O que há com você? — questionou Tatiana, dessa vez tocando-lhe os ombros. — Osíris disse ser apenas um animal qualquer de Origae 14 que veio misturado com a carga. Não há motivos para pânico.

— Escute o que estou te falando, Tanya. Teremos problemas nessa estação muito em breve. Pode ter certeza.

Vendo o desespero de seu colega, Tatiana o abraçou. Afeto não era comum entre soldados da Federação, sendo até mesmo desestimulado por supostamente tirar o foco. As constantes guerras e condições estressantes tornavam aquelas pessoas frias, paranoicas e sem sentimentos.

O retorno para a sala de comunicações reservaria péssimas surpresas. A angústia descabida de Simon logo se mostrou adequada diante dos informes repassados por Osíris. Distante mais de 10 UA da plataforma, Quantum/CYR remetera um aviso de que havia uma nave federada abandonada em suas baias, sem sinais de sua tripulação. Como e por qual motivo aquilo ocorrera seria muito bem explicado para a diretoria da Astra e para os administradores da região de Runa, mas o que mais preocupava naquele instante era o achado. A matrícula completa mais o nome parcialmente coletado da suposta operadora não deixavam dúvidas: era a Super E roubada no terceiro planeta. Um novo reencontro com a quase carrasca estava em vias de acontecer, fato este que tirou a venda dos olhos de Tatiana, posta a chorar, inconsolável.

— Eu avisei, Tanya! — bradou o fuzileiro ao ter certeza de sua intuição. A colega, desesperada, acenou com a cabeça enquanto Osíris os observava, inerte. — Minhas deduções não foram em vão!

— Não há motivo para pânico, senhores. Nossas câmaras são seladas e ninguém entra ou sai sem uma chave elétrica que ativa os painéis. Neste momento a tal criatura que vocês temem está confinada na câmara Polara. Ela não poderá sair de lá de forma alguma. Enviaremos as unidades robóticas de defesa da estação para controlar a situação. Acalmem-se

— Nós vamos embora daqui! Não fico nem mais um segundo nesta droga de plataforma — Simon deu o ultimato, puxando Tatiana pelo braço em direção à porta entreaberta.

— Autorização de partida só pode ser concedida pelo general responsável pela jurisdição espacial de Runa — respondeu o autom, inexpressivo. A resposta mecanizada irritou ainda mais os humanos.

— Não precisamos de autorização nenhuma. Sei que há módulos de resgate nesta plataforma e não daremos satisfação para ninguém.

— Acesso restrito. Tal permissão só pode ser concedida pelo general responsável pela jurisdição espacial de Runa.

— Você tinha razão, sempre teve! — gritou Tatiana, reconhecendo a intuição certeira de Simon pela primeira vez. — Isso tudo está sendo orquestrado pela própria Federação!

— Não há orquestração alguma, senhora Orlova. Há apenas um organismo estranho em uma câmara confinada, situação já enfrentada e superada pelos que aqui trabalham. As unidades de combate já foram direcionadas à câmara problemática. O ambiente é totalmente selado e não há possibilidade de fuga sem haver o porte da chave elétrica. Chamarei Ida para lhe fazerem companhia.

— Vá, Osíris, chame por ela. Ficaremos aqui — Simon respondeu, cheio de ironias. Tatiana se afastou do robô, com medo da face fria.

Os passos distantes do sintético ecoavam pelos corredores, permitindo o mínimo de privacidade para a inquieta dupla. Chorar eternamente não adiantaria, nem reduziria os seus medos. Precisavam era de ação, o mais breve possível, de preferência.

— Ela está aqui, Simon... O que faremos? Estamos desarmados...

— Não há o que fazer, Tanya. Esse cara está dizendo que as malditas câmaras são seladas. Há um setor restrito e lá deve haver uma célula blindada, além dos módulos de escape. Temos que procurar uma forma de burlar os sistemas de segurança e chegar até lá.

— Não me abandone, Simon...

— Jamais faria isso. Jamais.

15. O LAÇO

Comitê Central da Federação Galáctica, ano ducentésimo primeiro do calendário local do quasar Sonahines, ano 2098 do Calendário Cósmico. A imponente estação toroidal[56] fervilhava com a reunião mais acalorada dos últimos meses. As conferências realizadas naquele santuário político tinham caráter muito mais importante que as ocorridas de maneira descentralizada, muito embora isso não significasse que tais assembleias corressem às mil maravilhas. As diferenças de natureza entre os presentes tinham peso elevado na condução da ata: líderes pacíficos buscavam sempre a diplomacia; os mais belicosos não mediam esforços para uma intervenção mais enérgica, se necessário; havia a bancada dos indecisos, que acompanhava a maioria caso a decisão não fosse contra os princípios; existiam também os mal-intencionados, defensores de tudo, menos da resolução dos problemas.

O motivo primário da realização do evento levava a uma preocupação geral. O inferno astral pairado sobre a região de Runa, administrada exclusivamente por humanos, teria de ser combatido antes que o mal se alastrasse. Como pistas, apenas os boatos espalhados em Iberia e as vagas mensagens inscritas nos relatórios diários remetidos às zonas adjacentes. Se não fossem os desdobramentos em torno da companhia Astra, que sofrera grandes perdas econômicas por conta da contaminação desencadeada em uma plataforma federada por despreparo de seus funcionários, nada daquilo seria divulgado, nem mesmo o sumiço das naves. As ações enfureceram os demais representantes das zonas descentralizadas, incapazes de conceber tamanha irresponsabilidade por parte da general Hall, a dona da berlinda naquela tarde incolor.

[56] De formato semelhante à câmara de pneu.

As cadeiras da plateia semicircular foram ocupadas, uma a uma. Enquanto o presidente de honra, cargo ocupado por Grameda, o Barânio, não se aconchegava na posição central — um palanque cristalino passava a sensação de o interlocutor estar levitando perante os ouvintes —, cochichos tomavam conta do lugar. Críticas não tão veladas eram destinadas à única humana ali presente, que desdenhava com seu olhar dissimulado. Sabia muito bem a razão de estar ali.

— Nobres colaboradores, recebo a todos com imensa consideração e respeito — a resposta ecoou pelo salão de impecável acústica —. Eu, na posição de líder supremo do Comitê de Ética da Federação Galáctica e declarado presidente de honra durante o quadriênio 2097–2100 C.C., declaro aberta a sessão que discutirá as pautas de interesse deste semestre. Entre os tópicos a serem abordados temos a escassez de camalita no Disco Disperso e Galáxias Gêmeas, os saques realizados por piratas espaciais no Aglomerado Farisha, os riscos que permeiam a Plataforma de Tratamento Biológico Mil-Star 6x e a tensão entre os países Ziba e Babel do planeta Kamenei. Como de costume, os tópicos principais irão a sorteio para a definição da ordem da discussão.

— Um momento, senhor presidente.

— Pronuncie-se, Pithir.

— Presidente... Eu, na condição de representante-geral do Sistema Quadrático e eleito pelo povo Cupra como seu representante máximo, afirmo que nenhum dos eventos ocorridos sob a minha jurisdição tem maior peso que o terceiro citado. O conflito entre Ziba e Babel é tido para nós como permanente e forças-tarefa já foram designadas para a supressão dos atos terroristas, assim como também foi efetuada a destinação de suprimentos para as famílias afetadas. A crise de minério também não é novidade, tampouco os ataques piratas, que surgem e desaparecem com regularidade. Como defensor da preservação da vida, creio que nossos esforços devem convergir, em um primeiro momento, para a plataforma Mil-Star 6x, caso haja a expressa concordância dos colegas.

— Discordo, Pithir — interveio Xaon —. Os ataques contra naves cargueiras em minha jurisdição ajudaram a intensificar a crise de minérios raros. Não consigo enxergar um problema isolado como sendo mais importante que isso. A situação só não foi pior porque nosso fiel aliado Verocia cedeu parte de seus estoques em um adiantamento por nossos acordos econômicos. Há escassez de camalita e ferenita em Hindisa e o problema vem se arrastando há meses!

— De acordo, Xaon! — ratificou Hall, com uma empolgação descabida. Os olhares de soslaio para a sua pessoa entregavam a desaprovação quase unânime unicamente por ela ter aberto a boca. — Runa sofre com problemas operacionais, isso é inegável, entretanto, há males maiores que nos afligem. O desenvolvimento das Super E v6.0.1 está comprometido pela falta de metais nobres para as ligas de fundição.

A cúpula parecia disposta a alterar a ordem do debate até a breve fala da general humana. Por birra, muitos se colocaram ao lado de Pithir e sugeriram que a estação fosse tratada com prioridade frente aos demais temas. Xaon, polido como sempre, acatou a decisão, ao contrário da general, que mordia o lábio inferior pela afronta deliberada. Sem mais empecilhos, Grameda abriu a sessão.

Os documentos holográficos foram disponibilizados em cada uma das bancadas para leitura individual. A densa descrição dos fatos, muitos destes desconhecidos pela quase ré, mostrava que a escolha da pauta foi mais que acertada. Os repetitivos chamados da plataforma ignorados pela mandatária humana receberam uma ênfase descomunal. A sequência de erros operacionais naquela jurisdição incomodava todos os membros que, mais uma vez, mostravam-se aborrecidos. Como alguém tão despreparado poderia ocupar uma das cadeiras mais relevantes? Por que ela tinha de estar ali e não outro qualquer?

— Peço a permissão para falar, presidente.

— Permissão concedida, Gaia.

— Senhor presidente e nobres colaboradores... não é segredo para nenhum de nós que as instalações gerenciadas por humanos vêm causando problemas com frequência acima do normal nos últimos tempos. A inventividade daquela raça parece sucumbir diante de algum fator desconhecido por essa cúpula. Importantes bases militares e estações de pesquisa sofrem ataques de toda sorte, assim como as colônias e...

— Alto lá! — bradou a general, revoltada com o que soava em seus ouvidos como levianas acusações. — Nós, humanos, somos responsáveis pelo maior avanço científico nos últimos quinze anos cósmicos! Não seja hipócrita, senhora!

— Um momento, general Hall — intrometeu-se Grameda, contendo os ânimos e apaziguando a cena —. Siga o discurso, Gaia.

— Viram? Aqui temos mais uma prova da incapacidade desta representante! Todas... repito: todas... as instalações geridas por humanos sofrem algum tipo de problema, seja por despreparo na condução das operações ou por "estranhos" atentados rotineiros. Peço perdão a Nsuhu pela citação, mas o número de acidentes em estações conduzidas por humanos é cerca de quarenta e cinco por cento superior à taxa referente às instalações dos Qaro, segunda civilização com maiores índices de perda de material. Seria uma simples coincidência?

— Presidente! — protestou novamente Hall, dessa vez sem cortar a fala da elegante representante do sistema Grion 93S5. — Passe-me a palavra diante de tal afronta!

— Está bem ... Concedido, Hall — vendo que a agitada "colaboradora" não cessaria as interrupções, permitiu-a justificar a sua indignação —. Faça a sua réplica, porém, seja breve. Não se esqueça de que nosso intuito é solucionar o problema e não causar novas contendas.

— Não se preocupe, presidente... Pelo que pude observar junto aos meus homens de confiança, constatamos que os acidentes citados são causados, em sua maioria, por interferência de outras civilizações

avançadas, incluindo algumas das representadas nesta bancada. Pergunto-lhe, senhora Gaia: há algum interesse de sua parte em nossas instalações ou as tais sabotagens, por algum acaso, foram causadas por alguém de seu círculo de amizade?

Mais que um burburinho se formou: a polidez da maioria foi substituída por desaprovação expressa, palavras de ordem ou xingamentos direcionados. Hall tentava, em um ato covarde, jogar sua responsabilidade — ou a falta dela — para cima dos demais povos, que nada tinham a ver com o caso. As sucessivas falhas na missão de captura e gerenciamento da plataforma Mil-Star 6x eram pequenas amostras de sua destacada incompetência, estendida ao longo de muitos anos, sempre encobertas pelas divisões humanas.

— Tirem esta insolente daqui! — exaltou-se Turen, responsável pelas regiões gemelares Mypso I e II, perplexo com o comportamento demonstrado diante de seus olhos compostos como os de um inseto. — Ela não está disposta a resolver os problemas! Ela não está disposta a ouvir opiniões divergentes com o decoro que essa assembleia exige. Debater com esta figura presente é um desperdício de tempo, é impossível! Não discutirei enquanto ela estiver entre nós. Senhor presidente, precisamos tomar uma atitude imediatamente. Creio que muitos colaboradores compartilham do mesmo pensamento.

Diante das ofensas gratuitas de Dawn, chegou-se a um consenso de que sua presença era realmente um impeditivo para as negociações. Dessa forma, a humana foi arrancada da bancada por votação unânime, mesmo diante de seus protestos. Enquanto os guardas robóticos a conduziam para fora do portal dourado, Dawn atenuava o discurso e clamava por uma oportunidade de se redimir, mas seu arrependimento aparentava tão artificial quanto aqueles que a carregavam. Posta do lado de fora como um bicho — a pompa trazida pelo cargo deixou de existir como mágica —, fritava os miolos em busca de uma solução. A cúpula magna não poderia pôr os pés na plataforma em hipótese alguma.

***

Ruídos espalhavam-se por Mil-Star 6x, gerando um intenso clima de mistério e pavor. Osíris permanecia em seu posto na sala de comunicações e tentava contato, a todo custo, com a superior, de paradeiro ocultado por Iberia. Os geradores forneciam apenas o mínimo de eletricidade para permitir a reativação das antenas, que sopravam no vácuo uma miríade de pedidos de socorro depois do forte estouro vindo da região das docas. Os incômodos visitantes desapareceram com o apagar das luzes, assim como a sua auxiliar mecânica, deixando o responsável solitário com as imagens da criatura destruidora de portas. O que o autom mais temia eram os novos invasores, causadores da explosão, livres para transitar pela plataforma sem darem nenhuma pista de quem poderiam ser.

Até que um de seus chamados foi atendido.

Weiss, o piloto da nave Mermaid, que transportara a divisão humana até a Cúpula do Comitê Central, observava com espanto o alerta nível 10 proveniente de uma região pacífica do espaço. "Mil-Star 6x sob ataque. Iberia off-line. Necessitamos instruções. A.C. Dawn" era o que dizia o curto informe repetitivo. Weiss precisava ser rápido e retransmitir o aviso para a comandante, mesmo com a general em reunião de portas fechadas. Discretamente, passou-lhe uma mensagem criptografada de baixo nível pelo comunicador — se ela não podia fazer nada a respeito, ao menos leria —. Para o seu espanto, pouco tempo depois surge a dita, correndo como louca pela pista de pouso.

— Dawn? Não deveria estar no concílio?

— Problemas de percurso, Weiss. Que chamado foi esse?

— Não dá detalhes. Diz apenas que o nosso laboratório está sofrendo um ataque. Avisei o operador que você entraria em contato assim que possível. Abrirei uma chamada instantânea. Atenda-o.

Frequência sintonizada. O aguardado retorno, enfim, aconteceu. O sintético, dividido em dezenas de tarefas simultâneas, tentava manter a linha de raciocínio enquanto relatava o caos que o cercava. Já Dawn estava em pânico pela iminente invasão por parte da Federação: as tropas mistas poderiam ser enviadas pela Cúpula a qualquer momento.

— O último lote foi direcionado às câmaras, onde já está sendo tratado pelos especialistas. Ida desapareceu enquanto estive trabalhando, assim como os dois soldados em treinamento, mantidos presos em uma região neutra antes da queda de energia. As câmaras de emulação continuam sendo atacadas e perdemos contato com parte do efetivo dos robôs combatentes após sabotagem no sistema elétrico das portas. Quanto à invasão, não sei dizer quantas pessoas desembarcaram, pois as câmeras do Setor 1 deixaram de funcionar com a explosão.

— Se não aconteceu nenhuma baixa, são sessenta soldados federados. A nave desconhecida pertence à Samus, sem dúvidas — pensou alto enquanto Osíris sentia a mente vagar com as informações novas. A associação com os desaparecidos da missão abortada foi instantânea.

— Há a possibilidade desses tais soldados buscarem os laboratórios, Dawn? Como devo proceder?

— Droga! Preciso pensar… Como está a Zona Restrita?

— Intocada e inacessível pelos meios comuns. Os elevadores entre os *decks* das câmaras de emulação estão funcionando parcialmente. O acesso à Zona Restrita foi desabilitado.

— Certo… Reative o sistema elétrico e reprograme os robôs de combate para não identificarem os soldados como ameaças e dê-lhes ordens para exterminarem Samus, Simon e Tatiana: livre-se dos três quanto antes. Encontre Ida e resete-a. Pelos seus relatórios, a criatura apresenta um grande potencial para a Federação. Prenda-a em uma das câmaras: ela é a nossa prioridade. Prepare veículos de fuga para o caso de algo dar errado. Preciso retornar à reunião. Câmbio, desligo.

***

— Retomando a sessão, presidente, tomo a liberdade para sugerir o destino da plataforma. Pelo que foi mostrado nos relatórios, há uma grande perda de material biológico e o restante está sob alto risco de contaminação. Apesar de o investimento financeiro naquela estação ser altíssimo, creio que evacuar a população saudável e destruir a instalação por completo seja o caminho mais prudente.

— Discordo, Aureum. Não há como garantir que toda a carga está comprometida. Defendo o envio imediato de mais soldados, incluindo caçadores independentes. Não sabemos ao certo o que está a bordo, mas confio nas forças policiais da Federação.

— Mas como, Awa, se estes soldados não foram sequer capazes de capturar Samus Aran sozinha? Soldados comuns não têm noção da riqueza biológica que cultivamos em Mil-Star 6x.

— É outro caso, Pyra. Samus era uma de nossas melhores caçadoras antes de agir de forma questionável nos eventos de B.S.L. Estamos lidando agora com um ser que nem sabemos se é plenamente racional.

— Animais pilotam e sabotam naves, Gaia?

Outro burburinho se formou. Muitas eram as sugestões, mas todas possuíam pontos falhos que as tornavam inviáveis. Do lado de fora, Hall mexia os pauzinhos para tentar garantir que a plataforma não fosse destruída ou recebesse o envio de tropas de outras origens, pois lá havia itens de desconhecimento geral que não poderiam ser jogados pelos ares — dessa vez, não eram apenas metroides.

— Antes de prosseguirmos, vejamos como está a representante de Runa — tomou a palavra o mediador, pensando nas condições da agitadora —. Ela deve ter se acalmado após o banimento de trinta minutos. Soldados, abram o portal e observem o estado psicológico dela.

Muitos discordaram, mas a palavra do soberano era objetiva. Quem dera que a pequena punição tivesse recuperado o seu bem-estar...

Seu regresso à reunião não foi dos mais agradáveis. Apupos vinham desde as fileiras mais baixas até as mais elevadas — a presença era um estorvo e ninguém fez questão de esconder —. Diante do incessante ruído, recebeu autorização por parte do presidente para dar sua palavra final, mesmo sob os raivosos olhares dos demais membros.

— Eu tenho a solução, senhor presidente: espero poder concluir o meu raciocínio, apesar dos protestos. Ao contrário do sugerido pela tela-mãe, não destruiremos a plataforma e nem enviaremos tropas extras. Acabo de receber informações de Mil-Star 6x e descobrimos que Samus Aran está na estação, assim como as tropas desaparecidas — as vaias cessaram, pois, tal notícia surpreendeu a todos —. Sugiro conceder o perdão federado a ela e dar-lhe autonomia para erradicar a ameaça em um primeiro momento. Assim, aproveitamos a mão-de-obra qualificada para o combate do invasor enquanto focamos na preservação do ambiente.

Era um plano engenhoso, porém, arriscado. Primeiro: ninguém sabia o que se passava na cabeça da caçadora após tantos anos de perseguição. Segundo: não havia garantia de que o destino de Mil-Star 6x não seria o mesmo de B.S.L. — uma explosão colossal —. Em todo caso, era uma alternativa mais plausível que as apresentadas anteriormente. Após as ponderações de Grameda e Aureum, prosseguiu:

— Concedendo-lhe o perdão, toda e qualquer forma de penalização seria extinta. Conhecemos o seu potencial e não precisaríamos recrutá-la. Nosso trabalho seria mostrar à Samus que ela não deveria nos temer, talvez pelo sistema de som ambiente ou através da recepção de nossos automs, e informar as tropas presentes na instalação para lutarem ao lado dela no combate ao agente desconhecido. Ele é nosso alvo.

Após poucos minutos de discussão, decidiu-se por acatar o plano de Hall. Ela, como responsável pelas imediações de Runa, ficaria

responsável por transmitir as ordens a seus soldados e estaria incumbida de atualizar o Comitê Central sobre quaisquer incidentes que transcendessem a sua alçada. O impasse estava aparentemente resolvido diante dos olhos da Cúpula: pena que não passava de um mero disfarce para conduzir a situação a seu bel-prazer.

16. A BASTARDA

Fazer turismo em uma instalação inimiga estava bem longe de ser o programa de férias ideal para a ousada exploradora. Cruzar com Quantum/CYR representava apenas uma diminuta fração do que enfrentaria dali em diante, mas, como bem sabia, não teve escolha — entre seguir à deriva ou jogar dados com a própria existência, optou pela segunda alternativa —. Como já notara, Mil-Star 6x não era um lugar seguro para ela, aliás, nenhum lugar do Universo era suficientemente seguro, com exceção do abraço de Samus, arrancado com violência pelos ejetores da Gunship. Felizmente, seus dramas internos permaneceram em segundo plano frente o desafio de encontrar uma resposta, independentemente de qual fosse.

Em seu caminho, nada de humanos ou animais. O robô encontrado e destruído em Polara seguia como o único ser animado que encontrara por aquelas bandas. Os corredores eram frios — não no sentido literal da palavra, para a sua sorte — e vazios, apesar de belos: o piso translúcido em alguns pontos fornecia uma vista de tirar o fôlego sob certos ângulos, revelando as profundezas não tão ocultas ou os recintos coloridos alocados mais abaixo. Placas luminosas indicavam umas câmaras de nomes estranhos, de compreensão impossível. Ao fim de cada corredor, uma porta blindada semelhante àquela derrubada logo após deixar o confinamento das amysias, sabe-se lá como, talvez após mais uma ação instintiva da Biosuit que não pôde compreender.

Mentir para quê? Para quem? Bem sabia que vagas eram as suas aspirações: "estou procurando por algo que talvez nem exista", inspirou enquanto perambulava pelas vias desérticas. "Se tudo isso aqui não passar de uma grande perda de tempo, tenho que encontrar um módulo de emergência para abandonar este lugar. A Super E se foi para sempre".

Uma das lições ensinadas desde cedo por sua mãe abordava o cuidado que deveria ter acerca de certos desejos, pois, dependendo de qual fosse, poderia se realizar sem mais nem menos e o resultado não seria agradável como se imaginava, obviamente, sem lhe explicar qual seria este possível desejo infame — no caso da heroína, o fim da solidão veio em formato de criança —. Se ansiava por um sinal milagroso de como deveria agir, acabava de ser atendida. Sua meditação sobre as aleatórias lembranças terminou quando o implacável silêncio deixou de existir. Rangidos metálicos anunciavam que o exército de Osíris se aproximava.

O olhar espantado investigava as imediações por trás dos gigantescos vasos de plantas artificiais e esganava sua dona pela péssima escolha que fizera ao querer peitar uma base federada sozinha. As máquinas esquisitas não lembravam os automs operadores, que simulavam com perfeição a aparência e trejeitos humanos, incluindo sentimentos, tampouco qualquer outro ser biológico. Tratava-se de equipamentos vagamente antropomórficos, de postura curvada enquanto bípedes, com movimentação pouco ágil, portadores de armamentos de grosso calibre e uma programação rígida: abater qualquer ameaça para a instalação e tripulação permanente ou transitória. Conforme os níveis de tecnologia empregados na plataforma, os combatentes de metal não deveriam possuir menos de três grossas camadas de blindagem, o que bastaria para torná-los imunes aos disparos de Nadia. Ela sabia disso.

"Bela armadura", pensou, limitando-se a observá-los. As cabeças giravam seguindo a varredura do grande sensor vermelho de suas "faces" e, caso a detectassem, o resultado não seria agradável. Esgueirar-se pelas sombras já não era possível devido à excelente luminosidade ambiente. "Droga... quando necessito de luz, surge o escuro. Quando a luz surge e o medo desaparece, sinto-me impotente", suspirou, encostando a cabeça em um dos vasos de concreto enquanto aguardava o fim da marcha vagarosa. Sem ter como se esconder em um lugar melhor, logo foi rastreada por uma das máquinas, disposta a persegui-la pelo *deck* D sob uma rajada de balas, que por muito pouco não a atingiu.

Por mais que os monstros de metal representassem um risco, a inteligência humana era fértil e inventiva, ao contrário da previsível aprendizagem artificial. Caçada pelas unidades robóticas, Nadia não demorou a utilizar as paredes dos ambientes a seu favor, disparando contra elas em ângulo, torcendo para os feixes ricochetearem até encontrarem um robô aleatório — por estarem aos montes, seria improvável que nenhum dos tiros os atingisse —, mas a espessa carenagem das unidades cumpria o seu papel, inutilizando os disparos comuns. Mini mísseis de afloraltite também foram tentados, mostrando-se igualmente ineficazes. Depois de cada ofensiva frustrada uma resposta igualmente "amigável" por parte dos combatentes era efetuada e, assim, alternavam os turnos agressivos sem que nenhum dos lados prevalecesse.

Antes fossem somente os sensores das máquinas que estavam à sua espreita. Certos olhos também admiravam os ágeis movimentos através das câmeras de monitoramento.

Correndo pelo emaranhado de vias enquanto rodeava as pouco inteligentes máquinas, tentava se lembrar de como violou a porta selada de Polara e desativou o robô de inspeção do contêiner. "Tudo tão rápido", lamentou. Apesar da velocidade em que tudo ocorreu, sua memória não podia ser falha ao ponto de não guardar absolutamente nada do visto há pouquíssimo tempo. Assim, buscou entender e ponderar se a ação repentina poderia ser útil novamente diante do novo desafio.

— Vamos... Mostre-me do que é capaz, Biosuit — instigando a companheira a mostrar o seu potencial oculto, forçava ao máximo a mente até extrair alguma inspiração. Sua dispersão custaria caro se a segunda pele não fosse tão adepta da beligerância.

A comunicação telepática entre armadura e portadora permanecia tímida, talvez pelo caráter primitivo da vestimenta. Ainda era necessário certo grau de esforço mental para os gestos ou pensamentos serem inteligíveis para ambas. Entretanto, no que concernia ao campo da batalha, a Biosuit sempre se fazia entender. Atendendo aos pedidos de sua

proprietária, logo fez saltar um curto cordão elétrico por um dos pequenos furos recém-surgidos em seu antebraço, escondidos por uma estranha pele que insistia em descamar da carapaça. Enrolando-se na palma da mão esquerda com um intenso brilho azul, cuspia centelhas. "Nova habilidade, será?", questionou-se sem tirar as vistas dos caminhos.

Fascinada, via como aquele flagelo lembrava a Grapple Beam[57] de Samus, embora a sua própria versão possuísse o diferencial de realizar curvas no ar livremente, como um laço flexível e moldável com milhares de amperes. Do ponto de vista funcional, a nova ferramenta era muito mais versátil que a original de sua mãe, usada para se agarrar em metais. Fora a usabilidade já reconhecida, tratava-se também do primeiro feixe nativo da Biosuit. Bastava saber se aquele cordãozinho poderia ser usado como arma ou apenas como um perigoso barbante.

— Vamos... tente contornar esta pilastra — sussurrava, encorajando o constrangido chicote a ganhar comprimento. Os implacáveis robôs seguiam farejando-a, de longe.

A ideia era sedutora, porém, a chance de dar errado não fazia valer o risco. E se a corrente fosse insuficiente para maltratar os seus perseguidores? Antes de se expor a mais uma irracionalidade, ingressou em uma pré-câmara aleatória de nome Masha III, onde ganharia teria tempo para praticar a nova habilidade com um pouco mais de privacidade. As portas seladas exigiam o uso das *smartkeys*[58], tidas como o suprassumo em segurança — os painéis só podiam ser destravados por chaves eletrônicas de tensão e corrente estritamente iguais —. Buscando repetir o feito da câmara Polara, sobrecarregou a caixa interativa, queimando os circuitos ocultos e destravando a porta. Uma incrível chave-mestra, diga-se.

---

[57] Arma de feixe com propriedades de amarração usado para atravessar certas superfícies, permitindo que Samus se balance a partir deste ponto até chegar em áreas que seriam de outra forma inacessíveis sem wall jumps ou o Space Jump.

[58] Chave eletrônica.

Esconder-se em uma câmara qualquer? Evitar conflitos? "Para quê?", indagou-se, rindo da ideia mirabolante que acabara de ter. Como destruir equipamentos que não revidavam não sanaria todos os seus problemas, aspirava saber se aquela coisa estranha poderia machucar um de seus mascotinhos. Como testá-la em segurança, porém?

Uma parede reflexiva entregava a posição exata de uma unidade de combate desavisada a explorar sozinha a via. Forçando a ferramenta ao máximo, fez a ponta do cordão elétrico atingir a carenagem do desafortunado robô, que se debateu com a intensidade da corrente. Como era possível puxar objetos com o laço e movê-los conforme a sua vontade tal qual a Grapple Beam, viu ali a oportunidade de chocar a máquina contra o teto e o piso até despedaçá-lo.

"Traje atualizado. Gamma Hook desbloqueado". As suscintas palavras foram lidas na lente, em alfabeto Thoha — até então os *upgrades* eram sinalizados apenas por ícones, sem mensagens escritas —. Além da frase legível, surgia também uma inscrição indecifrável abaixo.

Masha III era um pequeno planeta desértico que possuía apenas uma única forma de vida mais ou menos complexa, não nociva para humanos. A porta aberta era um convite para as unidades de caça, castigados pela tempestade de areia na câmara que sacudia os diminutos organismos queratinosos para lá e para cá, enlouquecendo os ávidos sensores.

Nadia, fazendo-se valer do ambiente favorável, contornou as máquinas que, inutilmente, atiravam contra os enxames nativos. A melhor estratégia para ludibriá-los era sair sorrateiramente pela porta, trancá-los na câmara e travar a porta por fora ao queimar os circuitos da *smartkey*, tudo isso sem dar um único tiro sequer. Enganar máquinas burras não era nada perto de surpreender guerrilheiros treinados em um ambiente de tão baixa visibilidade quanto Masha III.

Após guardar os seus vorazes brinquedos na sala, finalmente teve um momento de paz. Finalmente, poderia seguir em direção ao seu

hipotético objetivo: encontrar uma explicação sobre o que acontecia com ela mesma. Sem avançar muito pelos corredores, cruzou com uma pré-câmara de emulação que muito lhe chamou a atenção.

— Câmara de Emulação SR388… — balbuciou, surpresa.

Assim como nas demais câmaras, um belo esquema holográfico apresentava informações sobre o lugar, sua fauna, possíveis colonizadores e o status atual do local representado. Não custava ler sobre.

— "Este é SR388, um extinto planeta de consideráveis dimensões. O corpo celeste foi colonizado pelos igualmente extintos Chozo, que o utilizavam como incubadora para organismos outrora tidos como arma biológica, os metroides. Graças aos incontáveis esforços da Federação Galáctica, a arma biológica foi totalmente erradicada. Seu clima quente e úmido favorecia a prosperidade de seres altamente agressivos, como os próprios metroides e parasitas X, suas principais presas. A história do belo lugar teve fim após um atentado contra a estação de pesquisa B.S.L., atirada violentamente contra a superfície, induzindo uma explosão nuclear que despedaçou o planeta. Hoje há em seu lugar um aglomerado de asteroides de tamanho razoável que circundam a estrela-mãe exatamente na mesma órbita de SR388." Eles mentem… mentem em tudo o que dizem! — bradou em sua armadura, que trancou as membranas dissipadoras de som presentes no capacete. — Os Chozo estão vivos dentro de mim. Não houve atentado algum. O DNA metroide está presente em cada célula do meu corpo. Que tal recepcionar sua filha bastarda, Federação?

Violar aquela porta era questão de honra. Nadia só conhecia SR388 através das descrições de Samus e jamais havia visto um metroide antes. Se sua intuição estava correta, muito em breve encontraria seus irmãos de sangue. Só não tinha ideia de como tais animais irracionais se comportariam diante de um invasor em seu reduzido território, fazendo seu coração disparar como se fosse saltar do peito a qualquer instante.

Aquela foi a sua última memória contínua.

***

Ao contrário do que se passava no *deck* principal, os níveis inferiores emanavam um pouco menos de aflição. As luzes de alerta seguiam iluminando em sincronia, assim como os chamados sonoros insistiam em orientar os transeuntes a voltarem às salas principais, entretanto, ao menos ninguém ameaçava a integridade física da experiente heroína que desembarcara há pouco, mesmo sabendo ser *persona non grata*.

Novamente solitária, pôde cair em si mesma. Como aquela sequência frenética lhe tirara a noção... Deparar-se com uma imensa instalação federada logo após cruzar o magnífico portal tinha de ser um sinal, assim como fora em 2081. Voltando ao seu estado natural, ou seja, a tristeza e a dor, recordou-se de um pedacinho seu que havia a deixado há alguns aparentes minutos. "Nadia, meu amor... Espero conseguir burlar esses malditos sistemas para sair logo à sua procura", repetia mentalmente, sem cessar. Sua angústia só não era maior que a da própria Nadia, sofredora por mais de vinte dias graças à diferença na escala temporal desde a abertura do estranho buraco de minhoca.

Como não fazia ideia do que fazer ou para onde ir, resolveu dispensar uma atenção extra àqueles corredores. O visor da Power Suit conseguia suprimir a incômoda variação de luz e sombra, dando à Samus uma leitura confortável das plaquetas que identificavam as pré-câmaras.

— A nova B.S.L. — sussurrou ao ver os equipamentos da sala de ambientação. Infelizmente, os belos hologramas estavam desligados, impedindo-a de ver uma porção de planetas finados por suas mãos. As portas, reforçadas e completamente vedadas, escondiam interessantes segredos, com exceção de uma, que a atraía por um detalhe peculiar: o painel enegrecido como carvão fumaceava ao lado do único acesso não selado. Acima da passagem, a identificação "SR388" ratificava o seu pressentimento. Ignorá-la era impossível.

Achara estranho. Se os residentes possuíam as chaves-mestra, qual seria a necessidade de violar as portas? Aliás, por que justamente *aquela* porta? Das duas, uma: ou estavam tentando sabotar os ambientes para ela não entrar ou havia outro ser especial na estação — não necessariamente vagando pelos corredores, e sim dentro da câmara —. Desconfiada pelas circunstâncias ofertadas por sua ingrata existência, acreditou na segunda hipótese e decidiu entrar. SR388 era um ambiente conhecido por ela e certamente não havia grandes surpresas no interior da sala. Samus sabia que a Federação possuía um "cuidado" excepcional em relação aos metroides e que a câmara poderia abrigar mais alguns espécimes escondidos, exatamente como ocorrera na plataforma destruída, sendo aquele um fato determinante para os eventos decorrentes.

Ah, os Chozo... Aquela raça avançada desaparecera entre as civilizações há décadas, mas suas contribuições científicas ainda reverberavam pelo Universo. Suas maiores criações — a prometida guerreira Samus Aran e os metroides — estavam prestes a se reencontrar novamente. Parecia um *karma* ou predestinação, pois, quanto mais a sobrevivente humana buscava aniquilar a espécie artificial, mais eles desejavam entrar em sua vida. Entre os dois opostos estava Nadia, o elo eterno que os unia. Desde o repentino desaparecimento dos homens-pássaro, apenas a garotinha rebelde havia mantido contato com eles, ainda que por sonhos. As razões de ocultamento da civilização ancestral seguiam desconhecidas, assim como a insistência em sugerir, mesmo que acidentalmente, a convivência mútua entre presas e predadores que muito tinham em comum.

17. O DESPERTAR

A alma atordoada ansiava em romper o casulo, o corpo apodrecido que a aprisionara por um período que beirava a eternidade. Trêmula e apoiada em uma superfície metálica, tinha forças tão somente para permanecer em pé e puxar com dificuldade o ar viciado pelo denso vapor frio. Os olhos não se abriam e os ouvidos pregavam-lhe peças: nada ali fora feito para tranquilizá-la.

Do lado de fora daquilo que parecia ser uma cápsula, gritos disformes, indistinguíveis do chiado eletrônico dos equipamentos. Alguém acometido por intenso desespero golpeava o invólucro, tentando quebrá-lo. A liberdade da peça ali exposta deveria ser alcançada imediatamente.

Com o superar da barreira física — não sabia dizer se a cápsula fora destruída ou apenas aberta com gentileza —, rasgavam-se também os tímpanos. As mãos desconhecidas tocavam-lhe o corpo, descolando o tecido fundido à pele derretida. O olfato, se não a ludibriava como o restante dos sentidos, entregava que ela esteve muito próxima de arder em uma fornalha, tamanho o cheiro de queimado a impregnar o ambiente. Sem forças para resistir ao toque, permitiu-se carregar para bem longe dali. O aroma doce revelava a identidade de sua benfeitora, que a acalmava com o timbre conhecido: o alto preço pago valeu a pena.

Apenas fragmentos de sua obscura estadia em Mil-Star 6x.

O caminho de volta para "casa" foi cruel. A sensibilidade retornava aos poucos, tudo o que Nadia menos queria. As queimaduras flamejavam como álcool derramado sobre as feridas abertas. Os músculos contraíam-se com violência, obrigando-a a permanecer em uma posição antinatural. Líquidos vertiam pelo nariz e boca — talvez o único indício de uma não dessecação —. Não à toa uma sonda fora enfiada, à força, em suas narinas. Algum tempo depois, adormeceu, abreviando o sofrimento.

Como uma princesa em um conto de fadas qualquer, dormiu por semanas a fio, porém, ao seu dispor, nada de tiaras com diamantes, belos vestidos ou sapatos de cristal: os panos embebidos em uma pasta hidratante e as largas bandagens a transformavam em uma múmia viva. Sua maior riqueza era não ter sido dissolvida naquela máquina bestial.

Passaram-se os dias. O aguardado despertar da antes aspirante a rainha não veio através de um beijo apaixonado, e sim pelo toque de amor mais sublime que poderia receber. Nada daquilo — as dores, a incapacidade de se mover ou de se comunicar — a punia mais do que os longos vinte e tantos dias seguintes à ejeção compulsória do módulo. "Tudo vai passar", ouvia tanto de sua mente como de sua mentora.

As luzes do ambiente estavam devidamente ajustadas entre o conforto e a praticidade, formando uma agradável penumbra. O vulto do corpo esguio trespassava as pálpebras ainda coladas. Só desejava ser ouvida, mas a voz insistia em não sair, assim como seus movimentos voluntários. A comunicação com o meio externo ainda se resumia aos toques e aos monólogos de Samus, que começavam a fazer um pouco mais de sentido em sua confusa cabeça. O arrependimento da veterana era sensível. Ao contrário do que a jovem imaginava, a manobra desesperada foi dolorosa para ambas. Dessa vez, quem necessitava de uma palavra de consolo era a voz da experiência, angustiada pelo medo da piora do estado de saúde, algo que não se confirmou. Pouco a pouco, a boa condição regressou, mas o caminho foi árduo. Tornara-se criança outra vez: as palavras precisavam de estímulo para saírem de acordo. Os movimentos, idem. Inteligente que era, tinha a mente preservada em um corpo que se recuperava como uma fênix ressurgida das cinzas. Por baixo da casca carbonizada que um dia chamou de pele, emergia uma nova tez, saudável e sem as marcas do passado. O cabelo perdido por inteiro brotava no couro cabeludo, provocando intensa coceira que a azucrinava noite e dia. Ao menos tinha a mão direita para a tarefa, visto que o outro antebraço desapareceu no incidente não explicado, embora ainda pudesse senti-lo.

Os fantasmas que as perseguiram durante mais de uma década e meia já não existiam. Com o perdão federado, mesmo que concedido como pretexto para evitar um novo exercício militar em Mil-Star 6x, já não precisavam se esconder como deveriam fazer os verdadeiros criminosos. Muito pelo contrário: Samus agora passava um bom tempo em companhia de seus fiéis amigos de longa data, crentes durante todo o período de afastamento que ela não estaria morta. Nadia, por outro lado, evitava esses encontros de forma quase patológica. Assuntos ligados à Federação eram sempre satirizados ou rejeitados por ela, independentemente de sua mãe garantir serem novos tempos. Aos olhos de Samus, toda a má impressão sentida era fruto de experiências obsoletas e de estranhos sonhos que certamente povoavam a mente fértil da garota, já que ela nunca fez questão de esconder seu lado criativo.

— Partirei para Vesta IV ainda hoje. Quer vir comigo?

— Preciso ajustar o módulo. Fica para a próxima — como na maioria das vezes, inventou o mais raso dos pretextos para se desvencilhar dos compromissos. Da última vez a desculpa fora uma emergencial caminhada em torno do lago dos cubos no auge do inverno de K-2L.

— Vamos, menina — insistiu —. Não se esconda neste planeta morto. Te fará bem, eu garanto.

Nadia deu de ombros e saiu. Adotara de vez o pequeno módulo de emergência furtado por Samus na estação como seu cômodo privado, onde tentava replicar as ousadas manobras aéreas realizadas a bordo da Super E i32. Vendo o entusiasmo da filha ao tratar a máquina de forma tão íntima e competente, a heroína cedeu ao seu desejo. Era gratificante vê-la feliz, brincando em sua infância tardia.

— Bem, já estou indo. Nada de praticar nas montanhas sem a minha supervisão — um pedido instigante, diga-se. Quanto mais ordens, mais a rebeldia da filha despontava, justamente o que a veterana queria.

— Bom passeio com os coleguinhas. Demore o quanto quiser.

O tom de deboche daquelas palavras despertava certo orgulho em Samus, que se enxergava na cria liberta. Quando jovem, demonstrava sua insatisfação em relação a Adam da mesma forma que Nadia vinha fazendo com ela: um misto de admiração e respeito coberto por uma grossa capa de petulância. Com certeza ela apenas esperaria a mãe virar as costas para levar o módulo ao limite ao pilotar com agressividade, raspando o frágil equipamento nas escarpas, como fazia em todos os seus exercícios.

E assim o fez.

***

Nadia estava deitada no chão frio e devorava um punhado de biscoitos, acompanhada pela agora agradável solitude. Com o olhar fixado no teto de cor caramelo de sua nave particular, prendia-se no questionamento diário: o que havia, de fato, ocorrido na plataforma? As lembranças da invasão eram vívidas como o momento presente, desde a chegada dos contêineres até as seguidas sabotagens das portas. O fim abrupto do filme terminava na porta de uma câmara de nome já esquecido. Apenas recordava que a Biosuit a chamava para o interior do ambiente, porém, afirmar o que ocorreu em seguida era impossível. Sua mente ficava enegrecida.

Ninguém podia lhe dizer a verdade sobre os desdobramentos, já que nenhum dos antigos responsáveis pelo local seguia ativo — Dawn perdeu o cargo de representante do sistema Runa para o general Augustus Bergman, adepto da "política de sanitização", e os sintéticos sofreram atentados, segundo diziam as línguas mais bem informadas —. A estação passou por uma reforma completa e agora funcionava como um posto de parada suspenso, tendo os belos saguões ganhado apelo comercial para os viajantes dispostos a explorar os extremos da galáxia. Boa parte da documentação abrigada na Zona Restrita fora destruída ou roubada antes de as forças de segurança adentrarem a instalação durante o desastre.

E não adiantava pressionar Samus. Ela não sabia de tudo, mas nem tudo o que sabia tinha sido contado, sobretudo o trecho da tal saleta, a parte mais interessante. Nadia tinha certeza de que o mistério promovido pelo lapso de memória explicava a morte de sua fiel companheira. "Saudades de você, Biosuit", lamentou, alisando o que um dia foi o membro destruído. A saída da máquina descrita por sua mãe pôs um fim à sua genética metroide, que cobrara como preço pela partida o antebraço e a armadura conquistada com louvor na Colina Prateada. O desejo de ser uma garota normal, ou seja, sem parecer uma aberração ou ter de carregar um fardo pesadíssimo, tornou-se realidade, mas a ingratidão a levava a indagar se a nova realidade seria mesmo como ela imaginava.

Valentia e vivacidade jamais a abandonaram. A rotina de treinos continuou, embora tivesse muito mais um caráter lúdico ou voltado à boa forma do que à preparação para um conflito iminente. Os quilômetros percorridos pelas planícies e montanhas, quase sempre acompanhados pelo vento fresco, faziam-na refletir sobre a vida. As aspirações, os melindres, as missões... Ah! Como tinha repulsa dessa palavra! Foi após uma missão malsucedida que ela veio ao mundo. Se pudesse escolher, não teria nascido. Se Samus pudesse ter escolhido, idem — para a sorte do Universo, não tiveram escolha —. Seu eu interior a provocava em relação ao futuro. "Se rejeitas o ofício de sua mãe, o que pretendes fazer daqui em diante?". Astuta, esquivava-se da própria consciência e puxava o ar puro que limpava a mente, deixando fluir as boas energias e enterrando as dúvidas, regressadas assim que fechasse os olhos.

***

Passaram-se alguns anos. A recuperação seguiu o ritmo natural e o tempo devolveu-lhe a plena forma física. O corpo, agora livre dos genes estrangeiros, ganhou contornos mais femininos. A postura curvada

desapareceu, assim como os olhos escarlate, tornados castanho-escuros. Os cabelos curtos evocavam leveza durante os saltos, quando parecia planar no ar como uma pluma. Apenas o antebraço amputado lhe causava certas limitações, logo contornadas pela rotina adaptada, em especial os trechos que exigiam o saque rápido da Paralyzer. A elegância na esquiva e a agilidade nata permanecem intactas.

Sentada sobre uma pedra redonda em companhia de Samus, mostrava em suas desanimadas palavras a apreensão pelo novo porvir. Não conseguia enxergar nada além de páginas em branco. Com sinceridade, assumia o medo até de abrir a capa de sua nova história.

— O que acontecerá daqui em diante, mãe?

— O que já está escrito, Nadia.

— E o que está escrito?

— Nossos destinos não podem ser alterados. Apenas siga o que lhe for imposto, sem jamais retroceder.

— Balela... Você se mantém irredutível sobre eu ser uma caçadora de recompensas, mas eu nem possuo mais a Biosuit! Hoje sou uma garota qualquer, como sempre sonhei ser, desde aqueles incidentes da qual não me recordo. Nem dessas histórias sobre vagar aleatoriamente pelo espaço eu gosto. Arriscar a vida nessas missões não é nada inteligente. Não quero isso para a minha vida. A Federação me enoja. Você sabe disso.

— Espere e verá — a satisfação pela insistência era visível no belo sorriso —. Seu talento não pode ser desperdiçado neste planeta inóspito. Hoje você pode ter essa visão simplista sobre os fatos, mas virão "tempos rebeldes" para você, assim como vieram para mim. A chama inexplicável do dever ainda se acenderá, Nadia. Você ainda tem muito a aprender.

— Quem sabe um dia — respondeu, fazendo pouco caso. O cascalho atirado ao longe enfatizava o desagrado —. Hoje só penso em bater seus tempos no *time attack* em volta das montanhas.

— Sim, querida, logo mais praticaremos. Aliás, você é bem ágil com o módulo. Como aprendeu a pilotar tão bem?

— Já te falei mil vezes sobre a i32! — desta vez rindo, não escondia o que mais a animava. — Era incrivelmente simples de se operar, além de ser linda por fora. Não era aconchegante como a Gunship, mas, ainda assim, sinto saudades dela.

— Vejo que também tenho muito a aprender com você, meu amor — concluiu, igualmente risonha.

Nadia observava o céu rosado enquanto era rodeada pelos dácoras e etequinos, que agora não nutriam por ela medo algum. Diante das incertezas, pensava incessantemente em tudo aquilo que o imenso Cosmos poderia reservar para a sua vida nos tempos vindouros: novos desafios, conquistas e — por que não? — diversões. E assim, passaram o resto daquela tarde quente de verão em K-2L, a origem de tudo.

A exúvia

18. NOVA ERA

Ano 2102 do Calendário Cósmico. Uma onda de instabilidades sociais e políticas brotava em inúmeros pontos do Universo observável. Mineradores estavam insatisfeitos com as condições insalubres de trabalho. Colonos queixavam-se das precárias comunicações com outras bases, o que aumentava a sensação de isolamento. Naves transportadoras eram constantemente atacadas e saqueadas, e suas tripulações, feitas de refém. Além disso, alguns "planetas-lixão" — como eram chamados os locais de descarte de equipamentos obsoletos — tornaram-se verdadeiros berços de facções de jovens inconsequentes, sempre atuantes na intensificação do caos. Para tentar controlar os incessantes motins, a Federação Galáctica criou um agrupamento especial, as chamadas tropas pacificadoras, para atuar nas zonas problemáticas. Os soldados designados para as divisões de patrulha estavam longe de ser os mais bem preparados: boa parte das tropas era constituída por militares reformados ou recém-contratados. A política de atuação, ao menos no papel, visava resolver conflitos através de diplomacia, embora a tal "diplomacia" fosse expressa na forma de muita violência contra os manifestantes. Estes patrulheiros não perdiam a oportunidade de subjugar quem quer que fosse, mesmo se estivesse protestando de forma pacífica.

***

Passaram-se exatos quatro anos desde os eventos de Mil-Star 6x. O anonimato já não fazia parte da vida das duas Aran. Com o perdão delegado pela cúpula magna, Samus deixou de ser um alvo, mas, ainda assim, evitava frequentar as instalações oficiais por um deslocamento óbvio — muita coisa havia mudado nos últimos vinte anos —. Volta e meia

a veterana encontrava uns antigos parceiros de missão em reuniões odiadas por Nadia, que se trancava em uma das duas naves sempre que as confraternizações ocorriam. Nos dias comuns, sob o açoite do incessante vento de K-2L, seguia instruindo sua natural substituta, embora a aluna batesse o pé ao recusar tal atribuição. A jovem adorava os treinamentos, sobretudo os aéreos, mas insistia que o rótulo de caçadora de recompensas não era para ela. Não conseguia ver lógica em arriscar a própria vida em prol de uma missão que não lhe pertencia. De certa forma, havia razão em seu pensamento, pois os caçadores sempre realizavam as mais árduas tarefas, algumas delas praticamente impossíveis para os soldados comuns da Federação, e a remuneração nem sempre era alta, sendo o maior prêmio o destaque conseguido perante os demais concorrentes.

Aquela era uma guerra vencida. Não importava o quanto Samus argumentasse: tudo soava como uma grande futilidade aos ouvidos da filha, que se esquivava quando a mãe tocava no assunto.

"Não era apenas um trabalho", pensava a garota. Nadia enxergava por trás do discurso banal da experiente caçadora uma conotação pessoal que se sobrepunha às obrigações laborais. Caçar piratas espaciais, algozes da heroína desde sua mais tenra idade, trazia-lhe uma satisfação indescritível muito além das medalhas conquistadas. A sensação de *déjà vu* surgida durante as repetidas lutas contra Ridley a deixava extasiada — nada deveria ser mais prazeroso que esmagar o crânio do carrasco de seus pais —. Dessa forma, os serviços para a Federação não passariam de um engenhoso pretexto para legitimar sua vingança tardia.

Nadia aumentara de tamanho, mas sua mentalidade seguia a de uma adolescente questionadora. Quando não podia mais pressionar a progenitora em busca de respostas sobre o seu passado, reservava a si própria o direito de conjecturar, em silêncio. Ao esgotar a mente após fabricar tantas teorias, partia para as colinas, como sempre apreciou fazer, onde oxigenava o cérebro irrequieto. Por baixo do cromado capacete interno outrora usado por Samus, emergiam os curtos fios castanho-

avermelhados do topo da cabeça. A mão dominante, a direita, manejava com perfeição a Paralyzer transportada em sua cintura, escondida pela jaqueta verde-musgo com as insígnias da organização-mor. Deixando de lado a mão perdida, tinha-se uma mulher perfeita que não devia em nada às feições de sua mãe, embora a jovem possuísse uma beleza bastante particular. Escondida pelo desleixo estava um diamante a ser lapidado.

Na contramão, Samus cria que toda aquela rejeição era, no fundo, um desejo incubado a ser estimulado para dar frutos. O olhar de desprezo lançado pela garota sempre que a hipótese de servir à Federação era levantada a instigava a insistir com energia, de modo a sensibilizá-la ou, ao menos, provocá-la. A menina não teve uma adolescência normal como qualquer outra humana e aquela revolta natural se manifestava tardiamente — a vilã eleita era a malvada organização, é claro.

As conversas diárias indicavam que as comunicações telepáticas ocorridas com frequência anos antes haviam cessado, revelando como as vozes dos grandes pássaros tinham impacto sobre as decisões da prole desnorteada e aquele afastamento poderia ter a deixado à deriva diante de seu futuro incerto. Enquanto Samus matutava sobre o que poderia ser feito para tirar a filha da cômoda inércia do planeta abandonado, Nadia escalava alguns rochedos, ao longe, saindo do campo de visão de sua mãe, como fazia em todas as manhãs. Com a privacidade assegurada, a garota tentava, a todo custo, induzir o estado mental profundo visando conseguir energia suficiente para ser envolvida pela ex-armadura. Até chegava a sentir o estágio inicial do transe, mas não avançava no processo. Faltava-lhe o antes maldito DNA metroide, em sua concepção.

Era confuso. O fato de possuir a indumentária não deveria ter ligação direta com a condição genética, caso contrário, Samus não deveria possuir a Power Suit antes da impregnação em Zebes. "Onde está a tal predestinação, ó, 'grandes Chozo'? Por que fui presenteada com a Biosuit se pouca serventia ela teve para mim?", pensava, angustiada. A razão para o fracasso em suas tentativas seguia desconhecida.

Após o treino matinal de resistência, retornou à Gunship para o desjejum. Samus a esperava sentada no posto de controle da nave. Enquanto Nadia retirava os meiões listrados, fora interrompida por sua mãe, que tinha algo a lhe dizer.

— Hoje é sua folga. Aproveite o tempo livre, pegue o módulo e saia da exosfera. Vá explorar a rota comercial sozinha — Nadia estranhou a ordem, já que não tinha sido combinado nenhum treino em espaço aberto —. Carregue os mantimentos, leve combustível extra e vá. Encare isso como um treino de pilotagem, se quiser.

Independência no espaço não era uma virtude, mas uma necessidade. Além disso, seria uma forma de testar as habilidades de voo não assistido, já que os equipamentos do módulo surrupiado não operavam como os da nave principal. Inicialmente contrariada, obedeceu às ordens e partiu, sem rumo, para o que seria apenas mais um passatempo. "Te fará bem, Nadia... K-2L é uma gaiola que já não te comporta mais", pensou a veterana ao ver o módulo de resgate sumir no horizonte.

Rochedos eram vistos pela cúpula transparente da pequena nave. Uma estrela anã-marrom aparecia nos radares, assim como um pequeno sistema planetário à sua volta — como pôde ignorar tão belos detalhes em seus treinos anteriores na rota comercial? —. Segundo a espectrometria coletada pelo módulo, um daqueles planetoides era terraformado, sendo, assim, de conhecimento da Federação Galáctica. Os demais, todos com superfícies bastante escuras, eram ainda menores e aparentavam possuir baixa gravidade. Naves imergiam e emergiam constantemente na densa atmosfera do planetoide principal, sugerindo que, talvez, aquela redondeza fosse agitada demais para ela permanecer em paz, apesar de a curiosidade ser atiçada por cada equipamento cruzador de seu caminho. "Como a vida é agitada por aqui", concluiu, voltando para casa pouco tempo depois. K-2L a esperava com a paisagem morta de sempre, porém, um sobrevoo na região do lago dos cubos apontou uma quietude além do esperado. A Gunship não estava mais lá.

Encontrá-la espaço afora seria similar a encontrar uma agulha em um palheiro, pois não havia nenhum indício de onde Samus poderia estar. Sem alternativas, contentou-se em aguardar enquanto levantava hipóteses sobre o misterioso sumiço. Federação, piratas, um chamado surpresa… muitas eram as possibilidades.

Longas horas se passaram e a estrela-mãe já começava a flertar com o horizonte ondulado. A inquietante e perturbadora dúvida a fazia temer por algo desagradável. Estava a ponto de enlouquecer.

— Se, ao menos, eu possuísse uma nave mais bem equipada… não consigo rastrear nada com estes sensores — sentada sobre a minúscula asa esquerda do módulo, observava atentamente aos detalhes. Notou certas linhas em comum com a Super E de última geração, mas as semelhanças paravam por aí. Mesmo durante o tenso e quase trágico momento que precedeu a invasão do supercargueiro, a sobrevivente pôde, enfim, sentir o sabor do proibido. A experiência no equipamento furtado entorpeceu seu sangue com adrenalina, afinal, garotas só queriam se divertir.

A penumbra venceu a batalha diária contra FS-175. Samus regressou apenas no auge do breu. Em uma atípica inversão de papéis, Nadia deu-lhe broncas pelo sumiço repentino.

— Aonde você foi? Fiquei preocupada! — exaltou-se a jovem em meio a tanto descaso. Samus a observava com aparente desconforto.

— Estava aquecendo os motores, apenas.

— Bem longe, pelo visto!

— Não se preocupe. Apenas não voe além da exosfera a partir de hoje. Estamos entendidas?

"Ridícula!", pensou Nadia, acenando com a cabeça como se estivesse satisfeita com a resposta, apesar da negação interna. Pela manhã fora praticamente obrigada a fazer voos externos. Agora a ordem era a inversa. O que havia acontecido no intervalo em que esteve fora?

***

Os misteriosos sumiços passaram a fazer parte da rotina das duas, sempre antecedidos por ordens para Nadia jamais seguir a líder. Mesmo curiosa e indignada, a garota jamais cogitou ignorar as enfáticas recomendações — a chama da desobediência estava acesa, mas como bem sabia, apagá-la era o melhor caminho. Passar por cima das ordens de Samus não parecia nada prudente, pois, além da inexperiência, a companheira biomecânica fazia parte do passado e o equipamento à sua disposição era precário em recursos —. Como uma boa menina, preferia despejar seu ímpeto nas arriscadas modalidades de voo pouco acima da áspera superfície, tornado o seu esporte favorito.

O módulo de resgate era lento e pouco potente. Como trunfos portadas, era confiável e preciso. Nas mãos de um piloto habilidoso, podia realizar manobras com uma acurácia quase milimétrica, algo inimaginável em uma nave de maiores dimensões, como a Gunship. Outra vantagem era a de poder manobrar sempre em velocidade de cruzeiro, evitando acelerações e desacelerações desnecessárias: a manutenção da estabilidade da curva de torque era deveras apreciável em equipamentos com propulsores tão simplórios. Com um pouco de força de vontade, aquele módulo poderia se tornar bem divertido de se conduzir.

Ailerons[59] eram curvados manualmente. Sensores de colisão reajustados a ponto de praticamente perderem a margem de segurança. Placas de isolamento térmico tinham as posições alteradas, tudo em prol da melhor distribuição de peso. As duas décadas de aprendizado na manutenção da Gunship deram-lhe uma boa bagagem para os momentos em que o autodidatismo seria um diferencial. A cada rodada em torno das montanhas, buscava baixar ainda mais o tempo do percurso. O módulo era forçado cada vez mais em direção às encostas em um jogo de vida ou

---

[59] Estabilizadores das asas de aeronaves.

morte onde o maior inimigo era um cronômetro digital. A diminuta nave respondia bem aos comandos e não titubeava ao se esgueirar por entre as fendas rochosas e árvores altas. Nadia se entretinha de tal forma que ignorava a ausência de sua mãe, por ora. Ao fim da longa sabatina, enfeitiçou-se pelos inúmeros riscos na fuselagem. Enfim, satisfeita.

***

Mais um dia comum em K-2L. Uma brisa fria insistia em cortar o planeta, sugerindo uma mudança de estação na zona do lago dos cubos: aproximava-se o apoastro[60] junto ao inverno. As estações climáticas naquele mundo não eram tão diferentes entre si, com exceção das regiões polares, sempre frias e quase que permanentemente escuras. Mesmo diante da temperatura mais baixa, Samus e Nadia não abandonavam por nada o conhecido lugar adotado como quintal.

A agradável temperatura interna da Gunship dispensava o uso de roupagens mais grossas. As botas descansavam nas prateleiras, assim como as blusas surradas e os armamentos polidos com esmero. Apenas as resistentes meias permaneciam nos pés de Nadia, que caminhava furtivamente entre os andares, sem ser notada.

— Hoje o dia está com uma cara diferente, não é? — a estridente voz soou como o vibrar de um gigantesco sino ao romper o silêncio profundo. Até mesmo os pobres animais que habitavam a nave se incomodaram com a algazarra, abandonando os seus respectivos ninhos, pelo susto. Samus, antes entretida com algo exibido nos comunicadores da nave, logo tratou de disfarçar o objeto de sua atenção com a aproximação repentina da desordeira, preservando o mistério.

---

[60] Posição de afastamento máximo de um corpo celeste em relação à estrela-mãe correspondente. Quando relacionado ao Sol, usa-se o termo afélio.

— S-s-sim, Nadia — desligando os aparelhos, girou a poltrona em direção à interlocutora, que a observava com estranheza —. Provavelmente teremos um inverno mais rigoroso este ano.

— Sim, mas... O que está vendo nesses transmissores?

— Nada.

— Como nada? Deixe-me ver!

Nadia tentava ver as mensagens impressas no visor, sendo duramente repelida por Samus. A garota encarava aquilo tudo como um divertimento bobo, ao contrário da heroína, cada vez mais impaciente. A situação seguiu a mesma até a desconfiada caçadora abdicar dos bons modos e empurrar a atrevida, fazendo-a cair desajeitada no chão.

— Você ainda não entendeu o recado. Suma daqui, insolente! — gritou, assustando a pobre coitada, surpreendida com a reação.

O comportamento hostil não fazia parte de seu caráter. Aliás, era a primeira vez que se comportava daquela forma. Embora a cria fosse inconveniente por vezes, tudo não passava de uma brincadeira. Não havia um motivo real para se irritar. Acuada pela bronca, Nadia abandonou, às pressas, a Gunship, buscando refúgio nas gélidas colinas.

As folhas amareladas forravam o chão do bosque, agora seco pela iminente mudança de estação. O planeta parecia emular o comportamento de Samus, frio e implacável. Nadia agia como o amontoado de folhas: sem autonomia e submissa ao que lhe era imposto, varrida para lá e para cá conforme o desejo da força dominante. Aquele distanciamento aparente não ocorria por sua vontade, afinal, sempre foi muito apegada e amorosa. Sua mãe não era o exemplo máximo de carinho, mas seu amor lhe era suficiente. A garotinha, agora crescida, não aceitaria dividir as atenções com nada e nem com ninguém.

— Alguém a encontrou. Aliás, ela encontrou alguém — soprou ao vento. O uivo da natureza diluiu suas palavras, mas não suas emoções.

Não deixava de ser mera especulação, pois nada a fazia chegar a qualquer conclusão. De fato, Samus não agia como se estivesse preocupada com um possível ataque ou rastreamento da Federação. Seus pensamentos seguiam distantes, letárgicos e displicentes, muito diferente de seu perfil habitual. Os treinamentos dados também tiveram a intensidade e qualidade consideravelmente reduzidas. A realidade vivida até poucas semanas atrás não mais existia.

O lado teimoso e desafiador de Samus também era visto em Nadia e a atitude ofensiva não seria digerida de pronto. Seu coração foi ferido de tal forma que, mesmo diante do frio impiedoso, fê-la permanecer na floresta até o anoitecer, ignorando o implacável açoite da ventania. No fundo, esperava por um pedido de desculpas. Por conta do uivo do ar passando por entre as fendas das rochas, nem sequer ouviu a partida da Gunship logo após a sua atrapalhada fuga.

A noite caía e o frio se intensificava. O céu nublado impedia a visualização de estrelas e luas, tornando a superfície bastante escura. Graças aos constantes treinamentos noturnos, pôde se orientar sem qualquer dificuldade no breu. Insistia em permanecer, mas seu corpo dava sinais de que aquilo não era uma atitude saudável. Tendo o orgulho vencido pelas condições climáticas, retornou, cabisbaixa, para a zona de pouso, sendo novamente surpresa pelo sumiço da Gunship: a ausência do aguardado pedido de perdão estava, enfim, justificada. Chegando ao módulo, reclinou-se no posto de pilotagem e buscou esvaziar a mente. Diante da perturbação mental que a castigava, rolava para lá e para cá, sem conseguir dormir. Depois de muito tempo, vendo que nada poderia ser feito, fechou os olhos e imergiu no mundo dos sonhos.

19. AOS TRABALHOS

Aglomerado Medusa, como constava nas cartas celestes, tratava-se de um largo conjunto de luas e planetoides a orbitar Medusa-Epsilon, uma anã marrom longe de seus melhores dias. Rodeando-a a uma distância segura o suficiente para permitir o desenrolar da vida estava Umbra II, um sistema planetário binário composto por Umbra II-C, usado atualmente como local de despejo de equipamentos obsoletos e, paralelamente, como ponto de encontro de viajantes, apesar das condições ambientais precárias causadas pela poluição endêmica, e Umbra II-B, uma esfera morta saturada pelos rejeitos antes da colonização de seu vizinho espacial. Os demais planetas, de um total de doze, variavam em características, mas tinham em comum o fato de todos serem mundos um tanto atrativos para quem quisesse se aventurar: geleiras, mares de lava, planícies porosas, chuva ácida e agentes contaminantes fervilhavam aos montes. O sistema completo era apreciado por todo tipo de ralé, indo de pilotos inconsequentes a garimpeiros estelares e saqueadores. As peculiaridades dos frequentadores do Aglomerado Medusa faziam com que o número de mortes naquela região fosse bastante elevado. Brigas ou acidentes graves já não sensibilizavam os mais assíduos. Com um ambiente tão favorável ao surgimento de encrencas, a Federação Galáctica mantinha, em caráter definitivo pelas redondezas, várias divisões da Guarda Pacificadora, servindo muitas vezes como chacota para os arruaceiros, que os viam como marionetes de um sistema corrompido.

O "mar cinza", como chamavam os duo-umbrianos, escondia as centenas de naves forasteiras que visitavam diariamente a montanha de lixo. Em poucos lugares do Universo era possível encontrar uma neblina tão tóxica a uma altitude tão baixa. A queima dos componentes orgânicos e inorgânicos realizada nas zonas de descarte provocava sensações distintas. Os mais realistas reclamavam das péssimas condições de

navegação pela baixa visibilidade. Alguns, crentes de que a vida medíocre só poderia ser obra de uma energia suprema disposta a colocá-los a pagar pecados em um lugar tão injusto, enxergavam na massa de ar um gigantesco incenso aceso em um santuário pútrido. Ambas as visões eram debatidas, de forma acalorada, como de costume, em um importante mercado de escambo administrado por um ser ancião de nome Aat. Entre as polêmicas levantadas pelos frequentadores, desciam caixas e mais caixas de comidas diversas, assim como garrafas com teor alcoólico de fazer inveja para os tanques das espaçonaves. Embora Umbra II-C fosse um antro de perdição, o taverneiro tinha o respeito geral de todos e nem mesmo os malfeitores o importunavam por sua cordialidade para com todos.

O fluxo de seres errantes causava ciúmes nos estabelecimentos concorrentes. A leva de operários que voltavam de uma zona de extração de minério impregnava a velha taverna e enlouquecia o encapuzado comerciante diante da exponencial demanda. Seus ajudantes, Minerva e Falun, compartilhavam da mesma agonia ao terem de separar tantos pratos.

— Já viram quem retornou mais cedo?

— Seja direto, Aat — pontuou Minerva, aborrecida pelo fuzuê e pelos pedidos intermináveis —. Tem centenas de pessoas aqui no salão. De quem está falando?

— Deveria ser mais atenta à fisionomia de seus amigos, menina. Se não guarda rostos, ao menos lembre-se dos apetrechos. Quem mais arrastaria uma bolsa cor-de-rosa pelo salão com todo aquele entusiasmo?

Minerva franziu a testa, buscando pela figura. A pele rosada quase pálida pela extenuação destacava a amiga entre os demais trabalhadores. Ao seu lado, o já apontado saco de ferramentas e seu fiel escudeiro que, por não se cansar como seres biológicos, demonstrava estafa pelas horas seguidas de falatório da inseparável companheira de lida.

— Está adiantada, Emma — recepcionou-a com um falso protesto. Estava feliz ao encontrar a colega depois de uma semana.

— Três dias, uma hora e trinta e quatro minutos, para ser mais exato — pontuou o amigo metálico, fazendo apagar da própria face vetorizada as bolinhas que emulavam olhos —. Estamos igualmente felizes em revê-la, jovem Minerva.

A face cansada de Emma transformou-se ao encarar as brilhantes garrafas organizadas com esmero nas prateleiras. Falun, conhecendo o pedido rotineiro, já lhe preparava uma dose reforçada que a despertaria pelas próximas doze horas, para a tristeza de Synthrex. Conhecendo a fera prestes a despertar com o derreter do primeiro cubo do mais puro gelo alcoólico, o autom logo tratou de separar uma mesa, deixando a amiga jogar conversa fora com pessoas bem mais dispostas a ouvi-la.

— Por que voltaram tão rápido de Coria, hein?

— Nem uma droga de pepita, Minerva! Aliás, até achamos, mas só deu para pagar o plasma gasto até aquela porcaria de asteroide. Não voltaremos lá nem tão cedo.

— E Synthrex? Por que ele está assim, tão desanimado?

— Deve estar com saudades daquele brutamontes insensível. Ah! Que ódio daquele desgraçado! Às vezes penso que a Cosmic Curves seria muito melhor se fôssemos só o Synth e eu.

— Não diga isso! O insensível, como você diz, estava choramingando pelo calote que o latoeiro deu nele. A barca não ficou pronta ainda.

— Novidade... — torcendo o bico, verteu outro gole, agora mais volumoso. Synthrex gesticulava ao longe, chamando-a, mas foi ignorado.

O descanso de uns representava o sustento de outros. A superlotação preocupava Aat, aflito por não dar conta da aparentemente invencível demanda — também pudera: trabalhar com funcionários tão morosos sobrecarregava os mais comprometidos, no caso, ele próprio —. Os resmungos crescentes do proprietário trouxeram sua auxiliar de volta à triste realidade de lavadora de pratos, interrompendo a conversa que se

desenrolava no balcão, disfarçada de pedido. Emma, por sua vez, atendeu ao chamado de Synthrex e partiu para a mesa, de onde poderiam ver as brechas do céu azul surgidas por trás da cortina de fumaça.

— Está zangado comigo, Synth? — puxando duas cadeiras, sentou-se na primeira e botou os pés sobre a outra, sem modéstia. Synthrex a observava, quase em *stand-by*.

— Negativo.

— É por causa do Orion, não é? Aquele pilantra vai se ver com a gente... Fez corpo mole para não ir para Coria, eu sei disso!

— Negativo. Não tem ligação com Orion.

— Pois deveria! Você deveria se zangar com aquele maldito. Por que faço oposição sozinha na Cosmic? Assim não dá, Synth! Vocês ficam de complô contra mim! Não é justo!

Synthrex seguia irredutível em sua postura reservada. Os sensores mal processavam tantas aberturas de boca da companheira, que se recuperara depressa do cansaço oriundo das várias horas de viagem. Eram muitos *bits* inúteis a serem interpretados de uma vez só.

— Ei, Synth! Acorde!

— Pois não, Emma.

— Estou falando demais, não é? Acha que é o começo de mais uma crise de ansiedade? Seja sincero.

— Negativo. Comportamento padrão.

— Droga... dê-me atenção, poxa! Não gosto de te ver assim.

Contrariado, Synthrex reacendeu a face: algo chamou a sua atenção. Apontando para um ponto específico do céu, forçou as vistas e questionou sobre quem descia das nuvens. Emma acompanhou-o na observação e se calou por um instante.

— Serão eles, Emma?

— Acho que não... É uma nave da Federação, mas é pequena. Os ratos voadores não chegam essa hora.

— Compreendo. Entretanto, a Guarda está cada vez mais em nosso encalço. Umbra II-C é uma ótima incubadora de rebeldes.

— E eu não sei disso, robô? — suspirou, desalentada pelos seguidos fracassos. — Isso muito me preocupa. Apesar de nossa aparente rebeldia sem causa, este é um dos melhores lugares para se viver na galáxia. Um mundo moldador de caráter...

***

As equipes, ou "bandos" na linguagem dos jovens, eram pequenos grupos formados por afinidade, reunidos para a conclusão de tarefas comuns: trabalhavam juntos, saíam juntos, envolviam-se nas mesmas confusões e, por vezes, viviam e morriam juntos. Muitos dos rejeitados pelo Universo, como chamavam a si mesmos, eram órfãos, fugitivos ou simplesmente não aceitavam as imposições de regras em seus respectivos planetas. Aqueles que conseguiam se enturmar viam suas oportunidades de sucesso quadruplicarem, pois boas alianças abriam portas e garantiam proteção diante de grupos rivais, concorrentes pelos mesmos recursos, muito embora os tais recursos pudessem ser tão somente alimentos compactados em latões de lixo. A rivalidade local era constante e exacerbada, culminando muitas vezes em brigas generalizadas, sendo necessária a enérgica intervenção dos odiosos guardas pacificadores. Apesar disso, grupos historicamente inimigos costumavam se unir contra equipes de outras regiões, já que ninguém gostaria de ver o nome do sistema local sendo depreciado por forasteiros, obrigando os aventureiros a serem bastante cautelosos ao adentrarem naquele honrado ambiente hostil, sobretudo os exploradores mais questionadores e petulantes.

Em um ponto de apoio qualquer, um chamado ao trabalho. As botas polidas cantavam ao se atritarem contra o piso aderente pela higiene impecável. Aproximando-se dos brincalhões colegas que repousavam encostados em suas respectivas naves, o líder tocou-lhes com suavidade, sugerindo que o tempo ocioso havia terminado.

— Preparem suas coisas, time.

— O que tá pegando, Ethan? Por que a pressa? — questionou a única mulher do trio.

— Temos alguns compromissos no Aglomerado Medusa. Garanto que a viagem é vantajosa para todo mundo.

— Trabalho ou diversão?

— Os dois. É óbvio que a nossa prioridade é a tarefa e que só depois partiremos para a diversão. Não queremos ficar mal falados nas redondezas. A Darkwave possui uma reputação a zelar.

— Concordo, "cabeça" — disse Maru, ajudando a colega a se levantar —. Conte-nos os detalhes desses compromissos.

— Vocês descobrirão assim que chegarmos lá. Apenas preparem os extratores diamantados e acertem a pressão dos ejetores de plasma das barcas. As naves precisam estar impecáveis para a noite de Umbra IX.

— Umbra IX, patrão? Já não fomos lá por esses dias?

— Sim, Iskyie, mas fiquei sabendo que formaram uma boa equipe para aqueles lados. Não precisamos atualizar os equipamentos de Carina e de Golden Age? Basta vencê-los e teremos material de sobra para reposição. Não dá para rejeitar corridas.

— Isso se não forem sucateiros como quase todos naquele sistema horroroso, senhor Ethan... Eu tenho nojo daquele lugar.

O apreço de Ethan pelo trabalho arriscado era um afrodisíaco para a voluptuosa Iskyie, que se achegava ao líder visando suprir uma

demanda mútua. Maru ignorava a cena, de tão habituado após vê-la repetidas vezes. Nenhum dos três se importava com privacidade.

— Ei! Tire essas mãos rosadas dos meus ombros! "Framboesas" não fazem o meu tipo.

— Veja bem como fala da minha origem, patrão! — protestou a garota, afastando-se dele. — Ontem isso não foi um problema para você.

— Calem-se vocês dois — interrompeu o terceiro elemento —. Já que somos obrigados a ir para esse tal "trabalho misterioso", vamos preparar as naves e partir. Aliás, qual o trabalho?

— Não seja insistente, Maru. Logo você descobrirá. Temos que esperar os ratos partirem para podermos, enfim, entrar em ação. Agora vamos, temos um dever a cumprir. A diversão vem depois, Iskyie.

***

O mal apontado por Emma possuía uma aparência um tanto apresentável, que não condizia com o discurso alarmista. Marcando o solo solto com um coturno militar furtado, cumprimentava a todos que cruzavam o seu caminho até o comércio de Aat. O largo sorriso, quase humano, expunha sempre uma simpatia ímpar a quem estivesse do seu lado. Aos opositores, um bastão retrátil e um inseparável emissor de plasma carregado na cintura, pronto para ser descarregado.

A taverna, agora esvaziada pelo partir da maior parte das naves, oferecia monotonia e um silêncio atípico. Synthrex entrara em *stand-by* e Emma debruçara sobre a mesa, pegando no sono após um monólogo de muitas horas. Nenhuma outra equipe utilizaria a agitada taverna como ponto de descanso senão a Cosmic Curves.

Um prato cheio para o inconveniente elemento.

— Acordem! — gritou o líder. Batendo a mão sobre a mesa metálica, fez a dupla despertar na hora.

— Que inferno, cara... — reclamou Emma, erguendo o olhar pela brecha feita sobre o antebraço.

— O que vocês estão fazendo aqui? As finanças da Cosmic não se fazem sozinhas. Não somos pagos para dormir em serviço.

— Fracassamos na mineração, líder — respondeu o autom, reiniciando os códigos de rotina. Orion o observava, chateado e descrente pelo retorno antecipado da dupla.

— Nossos suprimentos terminam em duas semanas.

— Já sabemos, já sabemos! — rebateu a garota, talvez mais irritada que o executor das cobranças. Tirando os pés da cadeira, convidou o líder de seu grupo para se sentar, que o fez de pronto.

A escassez de trabalho assolava a região periférica. As únicas ofertas razoáveis exigiam viagens longas, algo impensável para donos de naves tão decadentes — Centauri tinha um problema crônico de corrosão na região do bico; Lady Rose estava com os *flaps* desalinhados, tornando precária a dirigibilidade; Galactic Fornication nem sequer alçava voo após a queima de dois dos cinco reatores —. Os esporádicos trabalhos rápidos pagavam muito pouco e nem sempre cobriam os custos de deslocamento. Sem emprego, sem dinheiro e sem suprimentos.

— Minerva comentou conosco sobre a Galactic. Perdeu um trabalho em uma fazenda de zooamysias pela falta da barca, não é?

— Sim, dona Emma. Não era lá essas coisas, mas pelo menos quitaria a comida. E sensores novos, caso sobrasse grana.

O clima pesou. A valentia de Orion e a histeria de Emma deram lugar à apatia compartilhada por Synthrex. O caos econômico havia se instaurado sem darem conta.

— Quer saber? Vamos à oficina do Keunn, agora!

— E o dinheiro, Orion?

— Ele finge que arruma a minha barca e eu finjo que o pago. Quando conseguir trabalho, pago. Se não temos dinheiro é porque não temos trabalho pela falta de equipamentos. Minerva, pendure o "combustível" da Emma! Acertaremos outro dia — com o aviso, deixaram o estabelecimento e partiram em direção à fonte das dores de cabeça da equipe.

Chegando lá, encontraram dezenas de naves defeituosas que bloqueavam a entrada da oficina reaberta — não eram só eles que sofriam com a letargia —. Dentro do galpão, batidas metálicas denunciavam a presença do proprietário, esquivo em relação a Orion há alguns dias.

— Ei, Keunn! Estou te ouvindo, seu pilantra! Temos de ter uma conversa, de homem para homem. Saia aqui fora!

— Eu já sei o que é... e não está pronta.

— Saia aqui fora! — desafiou o cliente.

O mecânico, então, abandonou as dependências internas. Ao ar livre, o trio visitante media-o com desaprovação frente ao corpo mole feito para com a tradicional equipe. O dono da nave colocada em segundo plano, entretanto, continha-se para não avançar sobre o mequetrefe.

— Sei que estão chateados, mas vejam quantas naves esperam por conserto. Deem-me um desconto.

— Desgraçado... Deve estar desviando nossas peças para as outras equipes, não é? A Cosmic Curves é uma piada para você?

— Claro que não, Orion! Você sabe que eu jamais faria isso. Vocês têm prioridade nesta casa.

— Adoraria acreditar nisso — tentando se acalmar, puxou o ar pelas narinas acesas —. Já que não arruma a minha barca, diga-me se, ao menos, chegaram os pedidos deles.

— Sim, dos dois. Ainda nesta semana começo a mexer no exoesqueleto de Synthrex e troco os *flaps* da Lady Rose.

Com descrença, entreolharam-se, já esperando por mais uma quebra de promessa. Os murmúrios só foram interrompidos pelo bradar de uma multidão que caminhava pelas ruas. Um intenso falatório regado pelo inveterado consumo de substâncias de origem duvidosa e pela execução de carícias mais sugestivas davam a entender que algo consideravelmente agradável havia ocorrido. Confraternizações daquele tipo não precisavam de lugar ou hora para acontecer. Bastava um bom motivo.

— Não ficaram sabendo?

— De quê? — questionou a equipe.

— Zoak abateu dois caças dos guardas em Vesta X hoje cedo. Os demais membros da Wandererz só tiveram o trabalho de coletar os suvenires. Muito me estranha não ter ficado sabendo disso, Orion. Você não saiu de Umbra II-C desde que a Galactic Fornication foi rebocada para cá.

— Verdade! — interrompeu Emma, notando a coincidência antes desapercebida. — Está nos escondendo algo, "grande líder"?

— Não é da sua conta, framboesa! Onde está Zoak?

— Desfilando como um herói pelas bandas da taverna — pontuou o mecânico, bem-informado como sempre —. Ele não perderia a oportunidade de tirar onda com a cara dos imundos daquela equipe rival deles. Fico muito feliz pela Wandererz.

A algazarra era ouvida por quilômetros. O abatimento de uma nave oficial era comemorado como se fosse um título por aqueles arruaceiros. Festividade análoga também ocorria entre os federados quando guardas pacificadores cometiam verdadeiras chacinas contra os delinquentes, pois o ódio entre eles era recíproco. A morte se tornou algo tão corriqueiro naquele cenário caótico que a derrubada intencional de uma nave era vista como um esporte. Além da queda do equipamento, ainda

havia a posterior coleta de armas, peças, roupas e acessórios, ostentados pelos vencedores como verdadeiros troféus. As vestes dos integrantes das equipes vitoriosas costumavam ser decoradas com medalhas feitas com componentes de painéis ou identificadores de tripulantes federados mortos. Jaquetas ricas em insígnias traziam inúmeras facilidades, como oportunidades de empregos melhores, pagamentos mais atrativos e, não menos importante, o respeito adquirido entre os demais bandos. Alguns pilotos mais saidinhos aproveitavam o tal *status* para criar verdadeiros haréns sem haver qualquer recriminação, afinal, conceitos de moralidade eram bastante peculiares naquele lugar.

Passados os movimentos pela larga avenida, as atenções voltaram-se outra vez para os serviços a serem prestados. De modo a ganhar um pouco mais de credibilidade diante de tantas falhas, Keunn trouxe do interior da oficina o que seriam dois braços robóticos intactos. A face desinteressada de Synthrex mudou completamente: agora havia vida em seu disperso semblante eletrônico.

— Ficou emocionado, Synthrex? Vieram de um autom federado que teve os circuitos queimados em batalha.

— Afirmativo. O sonho de me tornar líder de um mundo sintético livre está mais próximo que nunca.

— Vá com calma, sucata — interrompeu Orion, tocando o ombro do amigo —. Ainda falta muito para atingirmos os nossos objetivos. Nem sequer temos barcas decentes.

— Ainda farei os reparos, Orion, não se preocupe. Para Emma, enfim os *flaps*. Vieram de uma cruzadora de uma geração mais antiga que a Lady Rose, mas os componentes são ainda mais robustos que os originais e casam-se perfeitamente nos encaixes das asas quádruplas. Vou aproveitar para trocar todos os doze de uma só vez.

— Eu te amo, Keunn! Agora poderei participar do voo de exibição sem o risco de ter a barca desmanchada.

— Quando será?

— Seria neste fim de semana, mas deve ser antecipado por conta dessa festa da Wandererz. Capaz que façam uma carreata.

— Descubra o dia e me avise. Ajustarei a nave para você poder participar com toda a segurança.

— Ué? E aquelas quatro naves ali na frente? — protestou o líder da equipe ao notar o favorecimento para uma de suas associadas. — Não precisam de reparos também? E a minha Galactic?

— Ficarão para depois, Orion. Emma tem prioridade nesta banca.

— Bicho sem vergonha… Está vendo isso, Synthrex? Synthrex… Ei, Synthrex! — estranhou a paralisação repentina da máquina.

Reiniciou de tanta alegria pelos novos itens de seu exoesqueleto.

20. O SALTO DA BARREIRA

A luz avermelhada da estrela-mãe vencia o vidro translúcido do módulo ao iluminar o interior do habitáculo com o seu brilho, findando as penosas trevas. O tênue facho trouxe de volta à vida, após o quase adentrar em um coma, a frustrada Nadia, que tinha a impressão de não ter nem sequer se deitado, tamanha a exaustão. Do lado de fora, tudo seguia igual: o único ser pensante naquela superfície árida continuava sendo a garota. A solidão era a sua única parceira.

Um dia convidativo a um passeio em torno do lago dos cubos? Nem pensar. A difusa luz logo sucumbira perante a densa neblina que insistia em não se dissipar com o avançar das horas. Junto a ela, flocos de neve caíam, tingindo de branco o solo. O inverno anunciado chegou.

Pilhas de cristais condensavam-se na superfície e o traiçoeiro terreno arenoso tornar-se-ia ainda mais desafiador com a formação de finas pontes de gelo. O lago dos cubos virara um legítimo espelho prateado e as árvores assumiram de vez a aparência morta. Era questão de poucos dias até que toda a superfície do hemisfério fosse envolvida pela calota de gelo. Às orelhas, nada além dos uivos das massas de ar.

Correr ao ar livre sob circunstâncias tão severas era tolo, além de desconfortável. Pilotar às cegas não valia o risco. Não havia ninguém para conversar, a não ser com o espelho — já não suportava mais ouvir a própria voz depois de tantas lamúrias e maledicências —. Dentro do crânio, o reverberar das vozes da transgressão que a empurravam para cima, sem cessar. A própria companhia estava longe de ser a melhor.

"Não posso", pensava, recordando-se da ordem repetida com fervor antes do sumiço. Nadia ouvia, Nadia discordava, Nadia obedecia. Enquanto isso, a carrasca viajava espaço afora, sem qualquer impedimento. Para uma, tudo. Para a outra, nada. Ao menos até aquele ponto.

— Não! — Exclamou ao conter o ímpeto exaltado com a mera possibilidade de fugir. Ver a própria imagem a instigava a cruzar a barreira da consciência, mas o medo de atrair graves consequências prendia os seus pés ao desinteressante solo de K-2L. No fim das contas, era melhor ser cega para não enxergar ao redor e surda-muda para não ouvir as vozes que poderiam porventura sair de seu angustiado interior.

Senão ela própria, quem poderia lhe dar um sinal, um auxílio ou ao menos um alento? Os espíritos da Colina Prateada?

Por que não?

O episódio quase extracorpóreo fazia parte do rol de grandes e frenéticas experiências de sua improvável existência. Quando sua vida caminhara para o fim há alguns anos, os estranhos seres dourados deram-lhe a solução, ainda que às duras penas. Talvez os seus mentores pudessem acudi-la uma vez mais, se merecedora fosse.

Sendo assim, decidiu embrenhar-se no mórbido bosque em busca da entrada que dava acesso ao interior das cavernas, agora encoberta por uma camada de gelo. Enquanto cavava sem o auxílio de instrumentos, tarefa árdua para quem tinha apenas uma das mãos disponível, observava o céu turbulento, anunciador de uma tempestade que ia muito além de doces flocos de neve. O semblante cansado e desanimado não escondia a frustração. Aquela mudança repentina no comportamento de Samus não fazia o menor sentido. Novas preocupações surgiam.

Em meio ao medo de morrer desnutrida, sozinha ou soterrada pelo gelo, revelou a abertura que levava àquele local tão significativo para ela. O violar do acesso deu-lhe um pouco de esperança, arrancando de Nadia um tímido sorriso, o primeiro naquele dia frio.

Dentro da caverna, a agradável temperatura de outrora, mantida graças ao atuante núcleo terraformador, valente mesmo com o estado precário de suas blindagens oxidadas. As criaturas que habitavam as profundezas mantinham o ciclo metabólico de sempre, não dando a mínima para

as mudanças climáticas do exterior. Mesmo sem a Biosuit, nenhum dos residentes ali representava um risco considerável para a humana, pois a Paralyzer fornecia boa proteção e a jovem possuía agora muito mais técnica que durante a primeira expedição, quando realmente era uma presa. Descendo cada vez mais e seguindo os caminhos estampados na memória, não se continha de ansiedade para reencontrar a pequena sala de pedra onde adquirira sua "bioarma". Torcia para aqueles espectros terem as respostas para todas as suas dúvidas.

Enfim, a sala. A grande porta metálica permanecia aberta, exatamente como deixara anos antes. Não havia sinais de qualquer atividade biológica posterior no lugar: até os cheiros exalados sugeriam um ambiente estéril. Olhando para os cantos da pequena galeria, pôde notar alguns diminutos cristais de afloraltite caídos de seus bolsos logo após ser vestida pelo traje biomecânico quando ainda era uma menina. Aquilo lhe despertou uma contraditória nostalgia.

Agachada, observava tudo ao seu redor, com um olhar distinto do mantido na primeira expedição. Nada era mágico, pelo contrário: não passava de uma sala comum com uma figura quase abstrata entalhada na parede. O que um dia pareceu ser o perfeito encaixe da palma de sua mão agora não passava de um mero borrão feito pela umidade. Ainda esperava estar errada: a caça por defeitos podia ser fruto do pessimismo exacerbado pela sequência frustrante. Para ter certeza, estendeu a mão e a encostou no baixo relevo estampado. Nada ocorreu.

Toda a caminhada foi em vão. Talvez os tais seres supremos só interferissem quando fosse realmente necessário... ou talvez estivessem fazendo pouco caso dos sentimentos alheios. De qualquer forma, o abatimento recaiu novamente sobre os ombros da humana solitária. O caminho de volta até o módulo seria longo e cruel com suas emoções.

Nadia era uma adulta no auge de seus vinte anos. Apesar da relativa boa vivência, sua experiência face a face com outra pessoa se resumia à Samus, dado ter repulsa dos federados a quem sua mãe chamava

de amigos. Após a separação forçada que culminou nos eventos de Mil-Star 6x, passou os piores momentos de sua vida, flertando várias vezes com a ruína por não estar preparada para ser independente. Temia que o filme se repetisse, agora em função do desconhecido. Teria enjoado dela? Havia encontrado alguém? Estaria com problemas de gerenciamento de recursos? Em meio às dúvidas, medos e raivas, só lhe restava cair em prantos. Não eram melindres de uma boneca de porcelana, e sim o medo do abandono de quem passou a vida inteira se escondendo de tudo e de todos e que via agora a sua estrela-guia se afastar cada vez mais. Já protegida em seu cubículo e consolada pelas luzes dos relâmpagos que rasgavam os céus, deitou-se no piso da nave ao abraçar o próprio corpo enquanto se afogava em seus dramas.

O tão aguardado retorno de Samus parecia uma utopia.

Nadia tinha um planeta inteiro só para ela, mas aquilo não lhe representava nada. Seu interesse por K-2L se esvaíra completamente, motivando-a a partir outra vez: que se danasse a estúpida subserviência. Seu destino seria, novamente, o agitado planeta na órbita da anã marrom que encontrara na última viagem autônoma. Quem dera se, por um acaso, encontrasse a veterana em dias melhores.

***

Uma nova intervenção federada estava em curso, desta vez para suprimir uma rebelião despontada em MS-1982, uma colônia recém-terraformada que ainda não recebera seus habitantes definitivos. As reivindicações dos insurgentes eram as de sempre: comunicação precária, falta de segurança e a sensação de eterno abandono por parte da organização. Os soldados da Guarda Pacificadora ouviam as reclamações e controlavam o motim através do diálogo, sem jamais recorrer à violência. Muitos líderes de divisão aproveitavam-se da patente para agredir quem

buscasse o que lhe era reservado por direito em situações análogas àquela, mas este não era o caso de MS-1982. O digno agrupamento compreendia e se compadecia dos sofridos operários.

— Veja estes informes, Synthrex — Orion aproximou-se com uma tábula eletrônica surrada, surpreso com as novidades descobertas em seus passeios pelas ruas —. Outra greve na zona vizinha. O negócio está feio para aquelas bandas, hein?

— Afirmativo, Orion. Os colonos não suportam mais as péssimas condições de vida. Foram traídos por um contrato fantasioso.

— Pois é... E Emma ainda diz sonhar com uma colônia "paz e amor". Esqueça isso, garota! Não vê a porcaria que esses lugares são?

— Você sabe que isso é o que mais almejo nessa vida! — a entonação subiu, assim como a poeira da zona de pouso após um chute em um pedregulho. — Não é possível que não haja uma única colônia decente no Universo observável. Tem que ter um lugar... pelo menos um!

— Em vez de buscar novos buracos para se enfiar, por que não volta para Beta Altaya? Isso ainda existe, não?

— E por que você não volta para Rhea? — rebateu, chateada com o apontamento. Enquanto Orion ria com o protesto, Synthrex observava o diálogo sem se intrometer: não queria atirar mais lenha na fogueira. — Beta Altaya não é um lugar seguro. Fomos expulsos do nosso próprio lar depois de colonizar aquele planeta, que antes era um deserto. Aliás, nenhum lugar é seguro para os altaicos. Por que acha que estou aqui?

— Quanta falta de amor pátrio! Um dia reunirei uma legião de cavaleiros cósmicos e libertaremos Rhea dos ratos desgraçados. Você deveria fazer o mesmo pela sua terra. Altaico é o que mais tem por aí.

— Para quê? Não passamos de colonos exportados para um lugar completamente inadequado para assentamentos humanos. A Federação nos largou em um mundo que oferecia condições precárias e hoje

carregamos em nossos corpos as marcas deste desserviço. Beta Altaya é um atraso, sempre foi e sempre será.

A pauta do momento era descobrir quem possuía a pior origem. As atualizações sobre as últimas greves acabaram em segundo plano.

— Apesar disso tudo, você sabe que seu povo segue existindo. Podem estar limpando fossas por aí ou realizando outras tarefas degradantes, mas eles existem. Não vejo um Qo-hos desde que fugi de Rhea. A maior parte dos guerreiros morreu lutando contra os piratas durante a primeira invasão. Depois vieram os ratos federados, travestidos de salvação, como sempre. Pensamos que voltaríamos aos tempos de paz, mas não. A tormenta seguiu a mesma... só mudamos de dono.

Um incômodo silêncio pairou sobre os três. Tragédias eram quase unanimidades entre os frequentadores e residentes de Umbra II-C. Uns fugiam por desastres naturais — aberturas de buracos negros próximos, poluição, saturação de recursos e afins—. Alguns, por guerras, tanto entre nativos como contra invasores. Mais alguns, por perseguição, como Emma e outros altaicos. Já outros, como Orion, abandonaram seus lares por não se sujeitarem à escravidão. Diante da situação constrangedora, Synthrex resolveu opinar, dando certo alívio cômico ao pesado ambiente.

— Ao menos vocês têm planetas para chamarem de seus, apesar de serem inadequados. Nem isso eu tenho!

— Dá um tempo, Synth... Nem orgânico você é!

— Afirmativo, Emma, porém, não tenho para onde ir quando Umbra II-C colapsar. Pensando nisso, futuramente criarei meu próprio lar sintético e reunirei uma...

— "Uma grande legião de automs para transformar o Universo através da preservação e disseminação do conhecimento." Nós já ouvimos isso uma centena de vezes, robô. Agora mantenha os pés no chão e pense no futuro da Cosmic. Tome a tábula deste inútil, por gentileza.

Cosmic Curves era uma equipe formada por três depressivos prodígios: Orion, o líder, era um controverso fugitivo de Rhea, berço de uma civilização muito antiga que sofria nas mãos de forças estrangeiras. Emma era uma humana altaica, subespécie de baixíssimo *status* que, por conta de suas peculiares características — grande estatura e pele de tonalidade rosada —, possuía o pejorativo apelido de "framboesas". Synthrex, o único sintético entre eles, era um autom liberto que deixara Yotta-2t. Sua civilização-mãe, formada por seres biomecânicos de alto valor moral e intelectual, presenteava seus automs em fim da vida útil com a almejada liberdade, desde que estes abandonassem o planeta de origem. Apesar da benesse, a maioria desses sintéticos era destruída logo após deixar o planeta de origem, muito por conta de sua ingenuidade em relação ao meio externo. Synthrex teve sorte ao ser abordado por Orion, que desistiu de assaltá-lo em um voo na rota comercial 818.

As maçantes conversas ainda causavam um certo desconforto. Sem emprego, não tinham maiores afazeres a não ser visitarem a taverna de Aat em busca de distrações, nem que fosse uma boa briga com equipes rivais. Dos três, apenas o sintético declinou ao convite, pois estava deveras ocupado com a coleta de materiais confidenciais em uma estação de transmissão ilegal da Federação situada a algumas centenas de milhares de quilômetros da superfície.

Da habitual mesa externa, Orion e Emma admiravam o fervilhar das naves a rasgar o céu. Centauri, a corroída TL500 de Synthrex, já sumira no meio do enxame, mas os olhares dos dois remanescentes permaneciam fixos no firmamento, em especial em direção a uma nave diferente das costumeiras. A visitação feita por equipamentos seminovos não era nada usual, exceto se o visitante pertencesse à implacável guarda.

— Ei, Emma... Ratos a essa hora?

— Bobeira...Não é uma nave da Guarda.

— Mas é da Federação. Veja o desenho dela.

— Sim, mas... Insígnias raspadas?

— Onde?

— Ali, perto do bico. Essa barca é roubada!

— Se é roubada, acabamos de receber um ilustre rebelde aqui.

A novidade atraía olhares de algumas dezenas. O fluxo dominante de naves frequentadoras de Umbra II-C era formado por semi-sucatas remodeladas com componentes mais modernos, o que colaborava bastante com os altos índices de acidentes. Aquele módulo, embora pequeno e frágil, era um item exclusivo.

Os trens de pouso saltaram. A portinhola abriu-se e por ela saiu a proprietária, removendo o capacete parcial: o ar respirável dispensava o uso de máscaras. Nadia admirava o trânsito celestial vivaz como *lasers* e os seres orgânicos e inorgânicos trafegando pelo solo. Automaticamente, a expectativa criada em torno do módulo foi quebrada, já que a multidão esperava um guerreiro intimidador ou um daqueles valentões causadores de problemas por onde passavam. Uma visitante ordinária não seria capaz de trazer a agitação digna de uma zona de escambo.

— Aff... Apenas uma mimada qualquer. Deve ter pegado a nave emprestada com a mãe ou com o pai, oficiais da Fornicação Galáctica... ou pode ter vindo para o leilão de hoje à tarde.

— Bem provável, Orion — respondeu Emma, murchando o semblante —. Surpreendeu-me negativamente também. Esperava alguém grande e forte trajando um exoesqueleto.

— Sossegue, framboesa. Veja como ela é estranha... E ainda por cima não tem a mão esquerda! Tomara que essa menina vá logo embora, senão será uma presa fácil neste lugar.

Era o primeiro contato de Nadia com um ambiente tão caótico. Umbra II-C não passava de um planeta esteticamente desagradável, sujo e com péssima infraestrutura, além de ser frequentado por seres de

caráter duvidoso. Por jamais ter vivenciado rotina semelhante, a forasteira achou prudente manter distância de todos, afinal, não sabia se aqueles organismos eram tóxicos, malignos ou ambos.

— Que criatura patética... Logo aparece alguém para importuná-la. Quer apostar dois trabalhos médios?

— Não diga isso, líder. Apesar do jeitinho inofensivo, ela deve ter algo em comum conosco, eu sinto isso. O fato de a barca não possuir identificação já nos diz muita coisa.

— Não diga tolices, dona Emma... Deve ser apenas um disfarce para soar descolada. Nem trabalhar pesado ela aguenta! Consegue imaginá-la segurando um extrator de camalita?

— Que seja! Ainda assim, deveríamos ficar de olho nela. Mudando de assunto, já resolveu o problema da Galactic Fornication?

— Que nada... Keunn fica enrolando para mexer nos meus reatores. Toda vez que surge uma nave de fêmea na oficina, trata logo de jogar meu serviço para depois. Só aprenderá depois que encontrar minha barca cravada em um pico qualquer por falha mecânica.

— Vire essa boca para lá! Você deveria aproveitar e trocar este nome ridículo. Talvez isso esteja dando azar.

— Esquece. O nome é perfeitamente adequado para o nosso serviço. Expressa todo o amor que sinto pela Federação.

— Já que insiste... bem, como iremos até às fazendas de amysia?

— Synthrex me leva. Com os favores adquiridos, poderei molhar a mão daquele pilantra para ele providenciar o meu conserto. O engraçado é que a Lady Rose está tinindo depois da troca dos *flaps*. O laboratório do Keunn é o único lugar do Universo onde framboesas tem vez.

21. ÀS DURAS PENAS

Soluços oriundos de um choro inconsolável ecoavam sem parar pelos corredores de uma nave conhecida. Os espasmos machucavam os pulmões diante de uma cena tão repetitiva, mas quem dera que aquela fosse a única dor infligida: pelo lado de dentro, ainda mais interno ao coração, sofria com as pontadas por se sentir culpada pelo mal necessário. Ao recordar da agressão gratuita, espalhou ainda mais o tronco derrotado sobre o tampo da mesa, já encharcado pelas lágrimas. O infindável e desesperado escarcéu atraiu as atenções de dois passageiros, que até então respeitavam a sua intimidade.

— Ânimo, Sammy. Valerá a pena — disse um deles, apoiado pelo parceiro de serviço. Samus nem sequer ouviu o que acabara de ser dito.

— Não fique assim, princesa. É para o bem dela e você sabe disso — disse o outro antes de partirem —. Ela ficou incomodada e se foi. Está tudo como o planejado.

Dito isso, a porta da saleta escura foi novamente trancada. Belas palavras não serviriam de consolação.

***

As horas corriam depressa na nave-plataforma. O ambiente leve promovido por experientes funcionários e ex-funcionários da Federação Galáctica destoava da realidade furtiva vivida por alguns dos presentes ao longo de duas décadas inteiras. Certos combatentes, como os velhos Higgs e Dal'ahem, mantinham a veia humorística impecável, alegrando os vestiários com o repertório de histórias. Outros já não demonstravam

tanto apreço pelas piadas, assumindo a postura rabugenta após os quase infinitos anos de serviço — de fato eram cargos desgastantes —. Independentemente da reação, manter-se isolada em um lugar como aquele não fazia muito sentido, pois centenas de cabeças transitavam para lá e para cá, quase sempre interagindo com o primeiro a cruzar o caminho.

Hora do almoço. Os uniformizados foram até o refeitório, com exceção de duas almas que faziam a rota inversa com três pratos nas mãos.

— Não aquecerá o seu coração, mas lhe forrará o estômago — disse uma voz masculina ao invadir a sala junto a uma colega de patrulha.

Samus agradeceu a boa vontade dos amigos, mas nutriu pouco interesse pelo prato de sopa. Já Armstrong e Ihmler mantinham a postura conservadora e temiam tocar em certos assuntos delicados que pudessem desencadear outra crise. Sentindo que os dois estavam prestes a estourarem como garrafas de champanhe tamanha a agonia por não falarem o que desejavam, a própria mercenária retirada iniciou o diálogo.

— Vocês não entendem, não é mesmo? Sei que parece pouco tempo, mas sinto que vou colapsar.

— Dois dias, estou certa?

— São os dois dias mais amargos de minha vida, Ginger. Não poderia ter feito isso com ela.

— Você não teve escolha, "doce". Foi um choque para ela e para você também. Tenho certeza de que ela despertará depois do baque.

Dois dias... Pouco tempo para uma angústia tão intensa. Entretanto, o que mais a incomodava era a forma com que teve de agir para os olhos de Nadia se abrirem. Acomodada como estava, jamais voaria com as próprias asas caso a mãe não a empurrasse para fora do ninho.

A conversa fluía na mesma velocidade em que o calor da sopa abandonava o recipiente de louça. Os questionamentos redundantes da abatida heroína não davam brecha para maiores silêncios, mas nem

mesmo o empenho dos colegas em busca de explicações lógicas a convencia de que aquilo era um bom plano.

— E se ela estiver certa, Alex? E se o melhor a ser feito é jogar tudo para o alto e não abraçar uma luta que não é dela?

— Nossa geração está partindo, Sammy. Nós, na condição de veteranos, temos que preparar substitutos à altura. Não duraremos para sempre em nossas cadeiras.

— Não! Tenho que ir atrás dela! — empurrando a poltrona, levantou-se, mas foi contida de pronto. Abatida e transtornada como estava, perder-se não seria nada espantoso.

— Nada disso! Não atrapalhe o desenvolvimento dela. Estaremos com você pelos próximos meses e garantiremos que ela esteja sempre bem assistida. Este é apenas o primeiro passo de sua nova história.

Ginger a consolava enquanto Alex mantinha a sua postura firme, porém, compreensiva. A própria Samus, sempre racional e convicta de como agir em situações críticas, sabia que ambos estavam certos: difícil era convencer a si mesma. Seu maior medo era passar pelo calvário e a provação terminar em nada, ou pior, levar a caminhos desagradáveis.

"Eles estão certos", assumiu a heroína, dando-se por vencida. Com a permissão dos colegas, que viram em seus olhos a excepcional preocupação materna e não fizeram oposição ao pedido, Samus programou uma viagem até K-2L, onde deixaria caixas e mais caixas com suprimentos e equipamentos — o reencontro seria proibido pelos "supervisores", mas, pelo menos, Nadia jamais padeceria caso fizesse do planetoide o seu quartel-general —. No fim das contas, não passava de um pretexto para retornar ao planeta e abandonar de vez aquela ideia patrocinada por ela mesma durante anos, desde o resgate na estação secreta.

A troca de uma vida aparentemente estável por um chamado incerto deixava marcas profundas. Além do árduo processo, que muitos não suportavam e sucumbiam ainda diante das primeiras dificuldades,

havia também o aspecto emocional. O Universo era um meio amplo e cruel onde certos eventos nasciam e morriam sem deixar rastros. O medo da perda era uma condição irremediável.

***

Registro 74/0, estação espacial SS Audema, sistema Eta Charon.

Todos tivemos que passar por duras provações antes de chegarmos à condição em que estamos hoje. Ninguém entra para esta corporação por acaso: vivemos o que muitos sonharam e não realizaram. Nossos nomes não foram gravados na história por pura sorte ou bondade do destino. Famílias foram separadas. Vimos inocentes morrerem em nossos braços. Fizemos o que, por vezes, não queríamos, mas que deveríamos fazer em nome do dever. Ostentamos títulos e acumulamos missões. E acumulamos fracassos também.

Eu não escolhi ter uma substituta, mas, hoje, sinto-me na obrigação de fazê-la, por mim e por ela. Transformá-la em minha cópia seria um tanto cruel, e de fato o é. Naquela cabeça confusa deve haver muitas aspirações diferentes das minhas. Talvez fizesse o mesmo que ela em sua idade se eu tivesse tido a oportunidade de escolher. Não tive.

Não… aquela demonstração em Mil-Star 6x não foi em vão. Só você pode continuar o meu legado e me superar.

Mais uma vez.

A vida não é uma grande brincadeira, Nadia. Talvez, sem o meu apoio, você verá que nem tudo são flores. Ao lado das pessoas certas, como nas escolas militares da Federação, você adquirirá a disciplina que eu não consegui te passar. Ceda ao meu apelo, meu amor. Eu te imploro.

Sei que não será fácil e que nunca será, mas tudo ficará bem no fim das contas. Samus Aran, desligando.

22. QUARTA CÓSMICA

A taverna de Aat, além de servir como ponto de encontro para viajantes que buscavam suprimentos ou propostas de emprego, era ocasionalmente usada como palco para grandes leilões de peças. Traficantes infiltrados nos departamentos de descarte da Federação Galáctica retiravam preciosos acessórios dos lotes e os revendiam de maneira ilegal em planetas frequentados por rebeldes. Tais leilões atraíam multidões, sempre ávidas por componentes de primeira linha a um custo mais baixo que nas lojas oficiais. Nem mesmo o escaldante sol das quinze horas afugentava os ansiosos transeuntes.

Enquanto a aglomeração tomava corpo, a Cosmic Curves se reunia nos confins da pista de pouso, distante do rebuliço. Synthrex retornara da plataforma-disco com notícias não muito agradáveis: a Guarda restringiria o espaço aéreo por conta do alto fluxo de embarcações, limitando qualquer aventura externa após as vinte horas — o sintético foi obrigado a abortar suas pesquisas para não arriscar ficar preso na estação transmissora —. Orion aproveitara o tempo livre para fazer uns bicos pela superfície e converter a moeda-fantasia de Umbra II-C em algo que pudesse representar um valor monetário factível de ser utilizado no leilão. Apenas Emma não aproveitou seu tempo ocioso de forma útil: o desperdiçara ao discutir futilidades com as amigas.

— Está quase na hora. Chegou bem na hora, lata. Gostei de ver.

— Afirmativo, Orion. Foi um dia atípico.

— Converteu a grana? — questionou a altaica, intimando o líder por desconfiar de seu juízo. — Só acredito vendo.

— Está aqui, dona Emma — Orion passou-lhe os *tickets* e os olhos da parceira de equipe brilharam em instantâneo. Parte da quantia foi

separada para a posterior aquisição de comida e o restante, equivalente a míseros vinte trabalhos médios, seria empregado na compra de algum detector de metais mequetrefe.

— Tudo isso? — questionou outra vez, agora incrédula com a soma inesperada. —Metido em sujeira, grandão?

— Quanta desconfiança! Só vendi uns bastões retráteis de minha coleção, fiz alguns serviços para Athena e Yulia e "comprei de graça" uns suvenires da Atomik.

— "Comprei de graça" ... Atitude deplorável, Orion. Esses seus comportamentos selvagens oxidam os meus circuitos.

— Fique na sua, lata de sardinha. O que importa é que sobreviveremos por mais algumas semanas sem sustos. Agora vamos, senão ficaremos com os piores lugares da espelunca.

Uma quantidade expressiva de naves abarrotava a zona de pouso, estando entre elas o módulo de Nadia, estacionado com timidez atrás de uma cruzadora obsoleta. A agitação era geral: não havia oportunidade melhor para torrar as economias de meses ou até anos de esforço. Ao desembarcar, a incógnita visitante apenas seguiu a multidão que se deslocava em bloco até o grande barracão metálico.

"Como isso aqui é imenso!", pensava ela, impressionada com a imponência do singelo, porém organizado, estabelecimento. As muitas janelas permitiam a ampla entrada de luz e ar fresco. O telhado era metálico, assim como as paredes, pintadas de um verde fosco. Cadeiras e mesas eram montadas em grupos de oito e entre eles havia um enorme espaço, talvez pensando na movimentação das pessoas. Por fim, ao longo da parede principal ficava um comprido balcão, onde diversos tipos de alimentos e bebidas eram estocados com excepcional capricho e limpeza. Aat reposicionava lotes de conservas mais antigas nas prateleiras mais baixas até notar a aproximação da nova cliente. Como de praxe, o ancião tratou de abordá-la com a habitual gentileza.

— Ah! A juventude… Como posso ajudá-la, mocinha?

Nadia assustou-se com o fato de aquele indivíduo enrugado falar o seu idioma com perfeição. Não sabia ela, mas a vocalização humana era uma língua franca nas regiões administradas ou fortemente frequentadas por soldados federados. Dominar o padrão de fala garantia inúmeras facilidades, sobretudo para um vendedor.

— Hum... Bem…

— Você veio para o leilão? Posso fornecer informações, caso precise. Nem só de comércio vive Aat, e sim, de boas histórias.

— É… bem…

— Sobre trabalhos? As ofertas já se encerraram por hoje.

— Não… é…

— Hoje teremos a venda de extratores, difusores, equipamentos, gemas de combustível… Tudo de um lote arrematado em…

— Não é isso… É que…

— Talvez você queira consumir algo. Acertei?

— Não, nada disso! — exclamou, interrompendo o solícito, porém inconveniente, ancião. — Estou buscando uma nave roxa, pilotada por uma mulher loira de meia-idade. Sabe onde posso encontrá-la?

— Bem… Não tenho lembranças de ter visto nada tão específico nas últimas horas. Alguém em especial?

Nadia, então, lembrou-se dos longos anos de vida oculta. Julgando ser arriscado passar informações particulares sobre sua origem e identidade, disfarçou — todos ali eram suspeitos, tanto pela estranheza quanto pela aparência —. Como percebeu que o balcão lhe dava uma visão privilegiada, pediu uma dose de água e ficou por ali mesmo, afastada de um pequeno palanque montado mais ao centro. Aat atendeu o pedido e desejou-lhe boa sorte em encontrar a razão de sua visita.

Caixas e mais caixas de produtos chegavam sobre carrinhos. Guardas armados posicionavam-se nas portas, fazendo a escolta dos transportadores. Os ouvintes acotovelavam-se na luta por um lugar próximo ao palanque. Depois de muita conversa, então, o leilão começou.

— Dando início ao sétimo leilão anual duo-umbriano, ofertamos agora este conjunto de radares e sensores retirados de uma frota desativada de Super E's de segunda geração. Os aparelhos operam perfeitamente e podem trabalhar com sensores mais antigos sem qualquer incompatibilidade. Lance inicial: trinta trabalhos médios.

"Trinta e dois", "trinta e cinco", "quarenta", gritavam os nobres assalariados em um frenesi infernal. Em um canto excluído, Orion e companhia constatavam, tais quais cachorros amuados, como era triste fazer das tripas coração e não ter nem sequer o mínimo para comprar ferramentas decentes para trabalhos indecentes.

Toneladas de equipamentos eram ofertadas e arrematadas. De fato, aquele leilão estava mais interessante que os últimos, onde a maior parte das peças representava o último estágio antes do sucateamento. Quem tinha poder aquisitivo suficiente para adquirir as peças permanecia nos arredores do palco. Os menos abastados afastavam-se cada vez mais em direção a porta, por onde poderiam sair discretamente sem maiores gozações. Os sensores óticos de Synthrex já enxergavam os pontinhos pretos no céu aberto.

— Pontos pretos, Synth? — indagou Emma. — Pobres trabalhadores... Estão atrasados.

— Que essas malditas barcas caiam antes de aterrissarem — completou Orion, suspeitando de quem poderia ser. Ele não costumava errar.

Poucos minutos se passaram até uma gritaria ser ouvida. O leiloeiro se calou, assim como os agora amedrontados espectadores. As naves detectadas pertenciam a arruaceiros de outras localidades, prontos para furtar equipamentos adquiridos com o suor dos pacíficos operários.

Muito embora os leilões fossem organizados por funcionários da Federação e monitorados por homens aparelhados, os soldados só interferiam na proteção dos equipamentos não vendidos — equipamentos adquiridos eram de exclusiva responsabilidade de seus compradores —. Tudo fazia parte de uma grande máfia coordenada por nomes bem conhecidos e que ninguém ousava enfrentar.

Os ouvintes permaneciam em silêncio enquanto os saqueadores coletavam toda espécie de quinquilharia, desde componentes eletrônicos até suvenires conquistados durante os trabalhos, passando pelas cobiçadas vestimentas com identificações das equipes locais. A motivação ia além de tomar peças caras para posterior revenda: a desmoralização fazia parte do enredo. Aqueles inexperientes rapazes e moças não possuíam *know-how*[61] para fazerem oposição às perigosas víboras.

O fluxo seguia o padrão ensaiado à exaustão. Com as vítimas de cabeça baixa, os ladrões faziam a limpa nos pertences conquistados com muita luta, assistidos com monotonia pelos guardas alheios aos equipamentos surrupiados, já que entre as duas turmas havia um pacto de não-agressão. Enquanto os capangas continuavam o serviço, o principal entre eles aproximou-se do balcão, onde pediu a Aat uma dose gigantesca de bebida fermentada. Inativo e malandro, viu que ao seu lado repousava uma esguia figura feminina envolvida por uma jaqueta da instituição-mor, indiferente à sua intimidadora presença.

— A blusa, ladra — ordenou o grandalhão, interessado no material que lhe forneceria uma boa bandana —, ou terei de te levar junto? Aliás, até que não seria má ideia…

O fato de estar sozinha a tornava uma presa fácil. O gigante dava-lhe ordens expressas, mas a garota se contentava em fitá-lo nos olhos, com cara de desprezo. Nenhum passo era dado ou palavra proferida.

---

[61] Experiência, técnica, conhecimento.

— Pensa que estou brincando? Passe a blusa da Federação. Agora!

Antes que ele pusesse as mãos no casaco, Nadia levantou-se da banqueta e sacou a Paralyzer, apontando-a para a testa do agressor. Quem podia esperar uma resposta tão inapropriada? "Apenas tente", disse ela com os dentes trancados pela raiva.

A cena seria cômica se não fosse real. A desafiante não possuía baixa estatura, mas era totalmente irrelevante diante de seu oponente, capaz de lhe esmagar o pescoço com apenas uma das mãos. As testemunhas bem sabiam que a atitude desafiadora não ficaria impune pela fama do meliante. Aguardando o desfecho estava a maioria dos presentes mantidos imóveis, com exceção de duas sombras velozes como a brisa que se insinuava e logo desaparecia na porta entreaberta.

A visitante permanecia irredutível com o dedo no gatilho. O oponente, idem — um emissor de partículas com três ou quatro vezes mais poder de destruição que a Paralyzer estava igualmente apontado contra a garota —. Apesar de os observadores aguardarem a explosão de uma das cabeças, o único estouro percebido foi o de um transformador elétrico externo, deixando o local inteiro em penumbra.

— Não temos tempo, vamos! — sussurrou alguém em meio à escuridão, puxando Nadia pelo braço intacto. Sem tempo para questionar quem a arrastava, sumiu entre a miríade e despistou o atacante. A distração foi friamente calculada e não haveria outra oportunidade de fugir sem a realização de um confronto mortal.

Ao passo em que corriam, ouvia-se um alto ruído metálico acima de suas cabeças, algo como trovões anunciadores de uma pesada tempestade. "Estão atacando por cima", cogitou, temerosa pela ação imprudente. A evasão apenas diminuiu o ritmo ao enxergarem uma janela baixa e sem grades. A foragida não teve nem sequer o trabalho de olhar para trás: a força que a puxava trocou de posição rapidamente e a empurrou pela passagem, não sem antes instruí-la para onde deveria continuar correndo.

— Você ficou louca? — perguntou a desconhecida que lhe salvou a pele. — Não viu a quantidade de víboras?

— Hã?

— Isso mesmo! As víboras são aliadas dos ratos. Dar uma de heroína diante deles não resolveria nada. Onde está a sua barca?

Apesar do diálogo parcialmente inteligível, Nadia não entendia muito bem o que aquela estranha humana queria dizer. Transformando a corrida em uma caminhada enquanto recobravam o fôlego, esconderam-se atrás de uma pilastra de concreto, de onde podiam visualizar com segurança o pandemônio superado por pouco.

— A donzela não tem o costume de viajar para estes lugares, não é mesmo? Deveria ter mais cuidado, pois Umbra II-C não é um berçário. Aliás, qual o seu nome?

— Nadia — respondeu ofegante pela falta de costume com a pressão atmosférica diferente.

— Sou Emmeline Rose. Você me deve cinco trabalhos médios.

— Hã?

— Talvez esteja cobrando caro, mas depois acertamos isso. Precisamos encontrar os outros.

Os dois responsáveis pela destruição do gigantesco transformador desceram do telhado amassado, orgulhosos com o sucesso da missão de resgate — benditas sejam as saudosas partidas de hexxa, canceladas desde a ocupação do campo para a construção de mais um bolsão de descarte —. A sintonia seguia a mesma dos tempos em que carregavam bandas de pano ou bastões, não pessoas.

"Tudo por um maldito suvenir", pensavam os membros da equipe. Como alguém poderia se expor a um risco tão grande por um motivo tão fútil? Faltava-lhe amor à vida ou lhe sobrava loucura? Não

importava a resposta: nenhum deles era exemplo e se arriscariam por motivos igualmente bobos.

— Não sei o que essa blusa representa, mas vimos que você morreria por ela — comentou a altaica, curiosa pela vestimenta oficial.

— Jamais — rebateu —. Não representa nada, mas precisarei dela quando voltar para casa. Estamos no inverno.

— Ah é? E de onde a senhorita vem?

Nadia hesitou. Não sabia se aquelas "pessoas" eram confiáveis a ponto de compartilhar com elas uma parte de sua vida secreta.

— Muito bem, donzela sem pátria... — iniciou Orion, acercando-se dela. — Como conseguiu aquela barca federada?

— O que é barca?

— A nave, dona Nadia. Como conseguiu a nave?

— Minha mãe trabalhou para eles. Estou procurando por ela.

— Não te falei, Emma? — afastou-se, rindo pela premonição mais uma vez acertada. — Veja bem... Se sua mãe não for uma delinquente como nós, não a encontrará aqui. Tenha em mente que somos a escória do Universo. Representamos tudo o que não presta.

— Negativo, Orion. Ainda há bondade em muitos.

— Fique fora disso, Synthrex... Enfim, Nadia, admiro sua coragem por enfrentar aquelas víboras, mas te peço, do fundo do meu coração corrompido, que não repita o feito. Amanhecer com a testa cauterizada não é lá muito bacana. Tá com fome?

— N-não...

— Está sim. Synthrex e eu não comemos as mesmas tralhas que vocês, mas Emma possui suprimentos humanos na nave dela. Vai, framboesa, leve a forasteira até a Lady Rose e providencie algo. Vai, vai!

— Framboesa é o… — resmungou ao arrastar a convidada, ainda relutante em aceitar a gentileza. Ao ver que a recusa não era uma opção válida, restou a Nadia ceder à cortesia.

Orion ria. Enquanto as duas partiam para a pista de pouso, os dois remanescentes debatiam o ocorrido com privacidade.

— Ei, lata… O que acha dela?

— Bonita, jovem e fértil.

— Não digo neste sentido, idiota. Quero dizer: o que acha dela entre nós? É uma boa ou uma cilada?

— Perdoe-me, Orion, mas nunca sei quando você fala com seriedade. Respondendo à sua indagação, vejo que ela possui potencial para integrar a Cosmic Curves. Parece-me inexperiente, mas podemos moldá-la conforme as exigências de Umbra II-C.

— Parece que Emma tinha mesmo razão. Ela tem um brilho diferente. Bem, veremos se ela tem interesse em permanecer com a gente. Não sabemos nada sobre sua origem ou família, além dessa suposta mãe desaparecida. Não podemos confiar em estranhos, ainda mais em humanos que possuem laços com a Fornicação Galáctica.

***

Nadia estava tão entretida com a nova realidade que nem pensava o quanto tudo aquilo era estranho. Um bando formado por um alienígena antropomórfico, um sintético em seu estado metálico puro e uma humana cor-de-rosa, habitantes de um planeta insalubre exposto a todo tipo de desgraça, acabava de escolhê-la entre milhares de transeuntes. Se isso já não bastasse, os suspeitos arriscaram as próprias vidas em função de uma desconhecida, sabe-se lá o porquê.

A conversa fluía agradável e, aos poucos, o perfil de interrogatório se desfez. Realmente, a intrusa não representava um risco — agente secreta ou espiã não condiziam com a sua aparência abobada e, até certo ponto, ingênua — conforme a dedução de Orion, mas Emma também tinha razão ao dizer que ela não era inútil como o colega imaginava. Criativa, Nadia demonstrava possuir fundamentação técnica considerável, herdada de sua mãe. O conhecimento sobre telemetria impressionava Synthrex, que finalmente teria alguém para debater sobre números.

— E a mão? — perguntou Orion, incomodado ao ver o nó na ponta da manga da blusa da novidade.

— Hã?

— Sua mão. O que pegou?

— Perdi em um acidente em uma das máquinas da Federação — respondeu sem dar maiores detalhes. Em seguida, desatou o nó com a ajuda da boca, expondo o membro amputado pela metade.

"Máquinas...", matutou o Qo-hos. Pensativo, cutucou Synthrex, que compartilhava da mesma ideia. A sintonia mental entre eles tinia.

— Ei, Nadia... O que você sabe sobre maquinário pesado?

— Depende. Que tipo de máquina?

— Não sei. Você disse que se ferrou em um equipamento da Fornicação e te vimos pilotando perfeitamente. Sabe mexer em barcas?

— O básico. Faço a manutenção do meu módulo, apenas.

"Aceite o meu convite", torcia por dentro o líder. Se ela demonstrasse interesse, seria de grande ajuda para a equipe, já que a Cosmic Curves padecia com a má vontade de Keunn.

— Bem... estive pensando... Você poderia realizar alguns pequenos reparos em nossas barcas e te daríamos proteção enquanto estivesse em Umbra II-C. Só precisamos de alguns testes antes. O que acha?

Nadia, sem muitas alternativas, aceitou a proposta, pois proteção nunca era demais, sobretudo naquela terra sem lei. Não era um serviço degradante e ela poderia se manter no grupo sem lhe parecer um fardo. No fim das contas, não sabia se K-2L ainda a comportava.

***

Medusa-Epsilon começava a perder o brilho e o céu rubro indicava o aproximar da noite. O conturbado leilão já havia terminado e o enxame de naves se dissipara — o espaço aéreo duo-umbriano ainda estava aberto —. As noites em Umbra II-C não eram lá tão agradáveis, muito por conta das rondas realizadas pelos guardas pacificadores que suprimiam diversões mais exaltadas. Todavia, para o que aspiravam, ainda era bem cedo.

— Na escuta, Lady Rose?

— Alto e não tão claro, Centauri.

— Ajuste as antenas, Emma. Conta aí o que está vendo. O que acha da pilotagem dela?

— Boa perícia, Orion. O módulo é frágil e lento, mas se move graciosamente e apresenta boa precisão nas manobras. Ela consegue acompanhar com perfeição as manobras do Synth. Não entendo muito disso, mas a barca parece ter sofrido sérios ajustes na dirigibilidade. Você iria gostar de ver essa pilotagem.

— Prepare-se. Mandei Synthrex aumentar o ritmo. Veja como ela se comporta e nos reporte.

As três naves faziam um voo rasante não tão veloz. Centauri, pilotada por Synthrex e orientada por Orion, o dono dos rádios, acelerava pouco a pouco, deixando o módulo de emergência para trás. Lady Rose

aproximava-se ligeiramente da unidade em teste, instigando a visitante a mostrar suas habilidades com mais autonomia.

Umbra II-C possuía formações rochosas de aparência bastante peculiar, com estruturas que lembravam túneis e balizas naturais, assim como diversos arcos sólidos de pedra. Decorar o padrão das estruturas era algo básico para qualquer frequentador do planeta, mas que levava certo tempo devido a sua complexidade.

— Ela está se aproximando perigosamente das rochas, Orion! Mande Synthrex parar o exercício. Ela pode estar com problemas.

— Tem certeza?

— Absoluta! Estou vendo as fagulhas saltando das asas!

Antes de o mandachuva responder a colega, Nadia mergulhou em uma fenda mínima entre dois paredões, desaparecendo das vistas de Emma, agora perplexa com a manobra inconcebível.

— Ela mergulhou na brecha das flores, Orion!

— Mas que droga... E os radares?

— Apontam uma movimentação logo abaixo de mim, mas como? Ela não conhece o interior das cavernas!

O módulo de resgate não oferecia grandes recursos, mas o sistema de localização à curta distância era eficiente. A identificação de uma zona de baixa pressão fez com que a garota mergulhasse às cegas no longo tubo evitando a resistência excedente do ar atmosférico superior, empurrando-a para cada vez mais perto da nave de Synthrex e Orion. Quilômetros adiante, emergiu de uma das bocarras, confirmando que a manobra não foi por acaso. Era justamente o que o líder da equipe ansiava ouvir.

— Nadia, na escuta?

— Na escuta, Orion.

— Está aprovada, donzela. Você fica.

— Perdoe-me, mas tenho que ir embora agora. Minha mãe não está aqui, preciso encontrá-la.

— Espaço aéreo fechado a partir da exosfera, Nadia — citou Synthrex ao tomar o comunicador das mãos do amigo —. Nenhuma nave não-oficial tem autorização para mergulhar ou deixar nossa atmosfera até segunda ordem. A proibição acabará às vinte e oito horas de hoje.

Era inegável a frustração da novata por não poder partir, mas uma coisa era certa: pela repulsa que sentia pela Federação, não saberia agir caso fosse interceptada por uma das modernas corvetas, ainda mais ao pilotar uma nave de origem não explicada como era o seu módulo. Não custava nada aguardar até as tais vinte e oito horas para decidir o que fazer. Pelo menos não estaria sozinha na superfície.

Assim, retornaram à "toca" da Cosmic Curves, localizada em uma região próxima da zona de pouso, onde passaram a noite conversando pelos rádios comunicadores. Nadia nem sequer se deu conta, mas aqueles três ousados meliantes seriam a sua família dali em diante.

23. ALMEJADO METAL

No módulo, Nadia se espreguiçava, tranquila, crente que tudo o que vivera não passava de um sonho agitado, afinal, nada daquilo era plausível de ser real. Ao levantar a cabeça e espiar pela embaçada vidraça, via a grossa neblina típica do inverno de K-2L. Seus ouvidos pareciam escutar o zumbido do vento gelado que, como de costume, açoitava a fuselagem da pequena nave no raiar do dia.

O estômago anunciava ser uma boa hora para se levantar. O ajustado calção negro deu lugar às calças térmicas, velhas parceiras de corrida em todas as manhãs. No painel, biscoitos reidratados e líquido isotônico aquecido com o inoxidável concentrado de vitaminas. Talvez, ao sair, encontrasse a Gunship estacionada ao lado, como tanto desejava.

Eufórica por ter se livrado de mais um sonho ruim — mais autêntico que de costume —, despressurizou a zona de transição e desarmou a vedação da nave. Botando a cabeça para fora e puxando o ar externo, teve uma desagradável surpresa: em vez da brisa fria e pura, acabou engolindo um monte de fumaça com um intragável cheiro de plástico derretido. Aquele planetoide ridículo ainda fazia parte de sua realidade.

— Bom dia, Nadia! — gritaram pelo rádio, em coro. Frustrada, ignorou a saudação e voltou a se deitar. O que haveria de fazer naquela fumaça pútrida? Os companheiros tentaram informá-la de que abrir a escotilha poderia não ser uma boa ideia, mas já era tarde.

A rotina matinal em Umbra II-C era um pouco peculiar. Com as constantes queimas de material tóxico durante o alvorecer, os que ali residiam faziam alterações cruciais em seus estilos de vida a fim de não castigarem tanto a saúde. As saídas antes do raiar de Medusa-Epsilon precisavam ser muito bem justificadas, sempre acompanhadas dos capacetes usados nas missões interplanetárias com seus devidos respiradores e

filtros. Para despertarem o corpo e a mente, tagarelavam sem parar pelos rádios enquanto realizavam as atividades particulares obrigatórias. Com o fim da incineração, a vida se restabelecia na terra naturalmente arrasada e a taverna era preenchida pelos seres fantasmagóricos que cortavam com seus vultos a cerração poluída.

Na Cosmic Curves, um misto de sentimentos, todos positivos. Orion demonstrava empolgação pelo grande reforço em seu time; Emma estava feliz da vida por conseguir uma amiga humana que não lhe fazia zombarias por sua aparência exótica; Synthrex pensava cada vez mais em seu "plano" colossal; já Nadia sofria para se encaixar na equipe, mas sorria por ter ao seu lado seres que se identificavam, de corpo e alma, com ela. Bons ventos pareciam soprar na direção deles.

A taverna, como uma mãe, aguardava de braços — ou portões — abertos os seus filhos, sempre sedentos por comida ou por novidades. Poucos temas poderiam superar em importância a quase tragédia desenrolada no dia anterior. Pela quantidade de pessoas estrangeiras no leilão e a notável diluição dos nativos, ainda circulava a corrente de que a desafiante partira com alguma delegação para um longínquo sistema planetário, mantendo em segredo para sempre a sua identidade. Os mais atentos, é claro, observavam com curiosidade a criatura que andava com o bando de pouco prestígio. Todo e qualquer desacato cometido por um duo-umbriano contra um agente federado ou arruaceiro alienígena era bem-visto, mesmo por equipes locais rivais. Tudo em nome de Umbra.

Além da própria fuga cinematográfica, comentava-se também sobre a visita de um estranho guerreiro coberto por uma armadura negra de metal. Seu capacete emitia um brilho hipnótico, quase mágico, segundo as testemunhas oculares. O objetivo? Contatar Dione, membro das Blue Belles, equipe parceira da Cosmic que estava agora desfalcada pela partida repentina de uma ex-aliada. Os bons serviços da jovem foram exaltados pelo caçador de recompensas desconhecido, que a elegeu como sua aprendiza. Era o sonho de quase todos os jovens dali.

Enquanto deglutiam a alimentação mais reforçada que teriam no dia, Nadia ficou pensativa e, de certa forma, melancólica ao ouvir a historieta contada na mesa ao lado. Ouvir falar de caçadores de recompensas só lhe remetia Samus. Caçadores aleatórios, que não possuíam nenhuma relação com os rebeldes, demonstravam preocupação e certo grau de afeto para com eles. Por que sua mãe agia daquela forma?

— Nadia... Nadia? — questionou Emma, notando que o cérebro da colega parecia ter fugido, mesmo em um ambiente tão tumultuado.

— Hm... Sim, sim, o que houve?

— Não sei. Você estava distante.

— Não foi nada — inspirou, mexendo outra vez na comida. Seu devaneio morreu ali.

— Engula logo isso aí. Já te levaremos para um passeio. Seu primeiro trampo com a gente — disse Orion, de boca cheia.

— Como isso funciona?

— Uns caras propõem umas tarefas rápidas, cumprimos o que eles pedem e recebemos uma compensação quando retornamos. Não sei se já ouviu falar sobre, mas isso se chama trabalhar. Simples assim.

Nadia assentiu. Se estivesse em seu planeta de origem, provavelmente faria as mesmas coisas de sempre, sem nenhuma compensação financeira: correr em torno do lago congelado, escalar colinas e lamentar pela solidão. Curiosa com as desejáveis novidades, questionou o chefe do bando como seriam tais exercícios.

— Oras! — respondeu entusiasmado. — Fazemos de tudo um pouco, desde minerar asteroides, cuidar de fazendas de espécies alienígenas, escoltar cargas, roub...

— Minerar e pastorear, Nadia — interveio Emma, enérgica —. Orion fantasia demais quando o assunto é trabalho.

— Não se esqueçam das corridas — completou Synthrex, até então quieto em seu cantinho reservado.

— Corridas? Que tipo de corridas?

— Afirmativo. Fazemos apostas contra equipes de outros planetas. Assim, conseguimos componentes extras para as nossas espaçonaves. É a parte mais divertida, mas nossos últimos resultados não são muito animadores. Há tempos não vencemos um desafio.

— Só porque nossas barcas não ajudam! Não vê a Galactic Fornication, que está com os reatores queimados até hoje? Pilotos de qualidade nós temos de sobra. Sou muito bom piloto. Aliás, bom é apelido.

— Menos, Orion... bem menos — interrompeu outra vez a altaica, mais petulante que de costume —. Há quanto tempo não ganhamos uma batalha aérea? 314 Sumeria nem tinha sido invadida ainda!

— Não ganhamos por causa dessas tralhas aí. O que podemos fazer se o teu namorado não arruma a minha barca?

— Não diga besteiras! De toda forma, esqueça essa parte, Nadia. Não temos condições de lucrar dessa forma com o que temos em mãos. O Synth gosta, mas não podemos.

A parte mais interessante daquele diálogo era justamente a mais inacessível delas. Umbra II-C era um lugar que respirava trabalho, mas ainda sobrava tempo para atividades lúdicas, ainda que ilegais. Durante a noite, guardas pacificadores faziam patrulha em diversos pontos do planeta, reprimindo qualquer tipo de aglomeração, apesar de alguns desses guardas fingirem não verem o que ocorria ali desde que os rebeldes não os atacassem. Era justamente durante os turnos mais complacentes que os indomáveis pilotos organizavam os eventos aéreos. Dentre as principais atividades estavam as corridas propriamente ditas e os chamados *death matches,* na qual apenas um dos pilotos saía vivo após uma implacável perseguição. Essa modalidade geralmente surgia a partir de uma rusga pessoal e atraía grandes públicos.

Voos, multidões, desafio a federados... tudo parecia um sonho, um sonho palpável. Ao contrário do que tomava sua mente durante todas as noites, quando ficção e realidade eram misturadas e fundidas, imaginava-se a bordo de uma espaçonave de ponta que fizesse jus a sua bravura. Samus ficaria orgulhosa de vê-la no topo.

Entre fantasias e choques de realidade postos sobre a mesa, pipocavam as primeiras ofertas de trabalho. Fazendas de zooamysias e mineração de asteroides eram as opções, muito pouco após um dia de atividades suspensas. As fazendas não ofertavam os melhores pagamentos da galáxia nem forneciam a adrenalina que os rebeldes tanto apreciavam, mas também não demandavam esforços colossais, ao contrário da mineração de asteroides, mais rentável e incerta. Como não podiam se dar ao luxo de escolher empregos mais sofisticados ou que pagassem mais, cederam à lábia de um latifundiário barrigudo que sempre visitava aqueles lados em busca de pastores ou vigias para os seus empreendimentos.

Várias outras equipes se preparavam para a viagem. De volta à toca, a Cosmic Curves acertava os últimos detalhes antes de partir. Orion tranquilizava a novata e a instruía sobre o que deveria fazer: bastava passear entre os longos corredores e eliminar qualquer bicho estranho que ousasse atacar o cultivo posto em telas de metal. Havia apenas um entrave: as condições de voo do lento módulo. Até mesmo as naves obsoletas conseguiam manter uma velocidade de cruzeiro sensivelmente mais alta que o pequeno equipamento. Se acompanhassem seu ritmo, demorariam meses para chegar ao destino.

— Nadia vai viajar com Emma — decidiu o líder, dessa vez sem ser confrontado por sua contraparte cor-de-rosa —. Synthrex reboca sua barca, porque se deixarmos aí, já sabe... Vá, forasteira, passe seus equipamentos para a Lady Rose. Não tenha medo, garanto que você já fez coisas muito mais difíceis que caçar umas feras.

"De caçadas eu entendo", pensou ao calçar a luva. "Queria ver se teriam essa coragem ao adentrarem certa colina prateada..."

***

Uma grossa camada de gelo escondia a superfície de K-2L tal qual um véu de noiva. As habituais referências para o pouso, ou seja, as grandes torres deterioradas e as formações naturais, pouco serviam para a orientação, já que tudo não passava de um imenso mar branco a olho nu. Apenas o polo sul do planeta estava em situação diferente, mas não menos aterradora: um breu consistente por quase um ano ininterrupto.

Explorando as invencíveis geleiras estavam três ex-federados comprometidos em deixar periodicamente suprimentos no planeta para servirem de provisão para a garota jogada aos leões. Para a surpresa deles, notaram que as caixas doadas dias atrás permaneciam intactas na mesma posição de quando foram colocadas. A neve revelava que nem sequer os objetos foram manuseados.

O lado maternal de Samus angustiava-se ainda mais. Como Nadia rejeitara os suprimentos? Por qual razão?

— É o orgulho ferido — disse Alex, consolando a boa amiga. Ginger endossava o seu ponto de vista, mas, no fundo, os dois temiam pelo pior. Não eram apenas os inocentes automs libertos que se arriscavam ao passearem sozinhos espaço afora.

Profundamente arrependida do que fez, Samus olhava para o céu, como se caçasse o módulo entre os pequenos cristais de gelo que caíam sem parar. Os longos cabelos, agora tingidos pelo branco glacial do inverno, lembravam o fantasma liberto de sua mente, mas que jamais a abandonaria enquanto ela estivesse viva. Como amostra de sua resiliência, a heroína inspirou fundo e proferiu:

— Ela voltará.

Mesmo sabendo ser mentira. Recuar não condizia com a natureza de nenhuma das duas Aran.

***

Zona Expandida Delta, sistema estelar Auriga, planeta Origae-9. Dezenas de naves capengas desciam do céu. Sobre a terra bem povoada, enormes estufas translúcidas abrigavam vida. Água e solo dispensavam maiores apresentações: deparar-se com condições ambientais tão dignas fazia com que muitos dos operários sentissem falta das zonas poluídas, tamanho era o estranhamento de seus pulmões ao puxarem o ar limpo. Acima das viseiras espelhadas dos capacetes, magníficas faixas bordadas pelas nuvens de tons alaranjados da alta atmosfera realizavam o seu trânsito tranquilo rumo à linha do horizonte. Os padrões afetavam profundamente Synthrex, mantido imóvel ao observar a paisagem hipnótica. Não que a bela cena despertasse no robô algum tipo de nostalgia, mas os padrões de nuvens lembravam codificações internas do autom ao serem convertidas de imagem para *bits*. Um relaxamento eletrônico, diga-se.

— Puxem esse imprestável! — disse Orion por baixo de seu capacete negro. Emma tomou o amigo de lata pelo braço, fazendo-o despertar da soneca inesperada e poupando-o dos feixes de baixa potência da Laser Gun do maioral, que o ameaçava da boca para fora.

A caloura do grupo sentia-se deveras estranha pela viagem. Como combinado, Synthrex rebocara o módulo até a estação de trabalho enquanto as duas meninas compartilhavam a área de convivência de Lady Rose. Como era gostoso viajar em uma nave tão confortável! Era impossível não ceder a um sono pesado com tantos atrativos. Nem mesmo a Gunship oferecia um colchão ou cobertores tão macios.

Como já era esperado, o trabalho foi concluído com sucesso em algumas poucas horas. O cultivo das amysias foi preservado e uma remuneração razoável foi garantida, muito pela eficiente caçada aos zimmers que, volta e meia, cruzavam o caminho dos trabalhadores. Como ninguém era de ferro, combinaram de separar uma fatia do soldo recebido

para torrar em uma confraternização na taverna assim que voltassem para casa. Era a primeira vez em semanas que sobravam alguns trocados capazes de fornecer a eles uns pequenos prazeres da vida

De volta ao planeta poluído, Orion e Nadia transferiam às pressas as ferramentas para as suas naves de origem. Os pesados trajes térmicos foram arrastados pela areia solta, marcando-a como se fosse o rastro de um corpo morto transportado para um esconderijo atrás das pedras.

— Agilizem isso aí! — gritou o líder da equipe, ansioso para esbanjar o dinheiro conquistado. Nadia, a última a terminar a mudança, arrancava a areia úmida das mãos e se aproximava dos colegas. Com olhos de águia, Synthrex notou, à distância, um volume suspeito nos bolsos da garota, o que despertou sua curiosidade.

— São amysias — respondeu ela, nostálgica.

— Para que você quer essa porcaria? Jogue fora, não possui nenhuma serventia para nós.

— São bonitinhas, Orion! Vou colocar em um vasinho no painel do módulo. Tenho um lugar perfeito para elas.

— Que ridículo! Tanta planta para enfeitar sua barca e você escolhe logo uma ração de bicho! Jogue fora, conseguiremos outra — disse o inconformado mandatário enquanto tomava os talos das mãos de Nadia.

— Deixe-a! Também enfeitarei a Lady Rose com amysias. Meu painel anda muito sem vida.

— Bom, problema de vocês duas! Ficará uma droga, mas não é na minha barca mesmo... Falando nisso, será que o pilantra já resolveu o problema do meu reator? A nave de Synthrex é boa, mas estou com saudades da minha Galactic.

— Vamos fazer uma aposta? O que acontecerá primeiro: você pegar a Galactic Fornication ou Nadia arrumar uma barca de verdade?

— Muito engraçado, dona Emma — respondeu, rindo da ironia da colega —. Todos sabemos que Nadia conseguirá antes.

Era unânime que o módulo de emergência não estava à altura de sua pilota. Portanto, os membros da Cosmic Curves iniciavam, em segredo, uma campanha para viabilizar a compra de mais uma semi-sucata para a equipe. Os pagamentos recebidos eram baixos, mas, ao longo de alguns meses de trabalho árduo, poderiam encontrar algo razoável em um leilão e usar o próprio módulo para abater parte da dívida. Bastava enfiar o plano na cabeça da maior beneficiada, que passava a ter certo apego ao frágil equipamento com o convívio mais íntimo.

***

Meses se passaram. A nova vida parecia não enjoar. Ainda que alguns dias insinuassem certa monotonia, sempre despontava uma tola discussão para tumultuar o ambiente, sendo as frequentes brigas normalmente terminadas em piadas ou em cortes precisos de Synthrex. Nadia estava tão habituada aos amigos que nem sequer se lembrava de K-2L, apesar de ainda não digerir o motivo de sua partida.

— Ei, Dina... Você me surpreendeu. Pensei que não duraria uma semana conosco. Devo lhe dar os meus mais sinceros parabéns.

— Você subestima demais as pessoas, Orion. Acaba surpreso porque quer — rebateu Nadia, já habituada ao apelido recebido a contragosto. No fim das contas, longe de K-2L ela preferia ser outra pessoa.

— Bem feito, malandrão! Eu disse que ela era diferenciada desde a primeira vez que a vimos pousar aqui — retrucou Emma.

— Talvez vocês tenham razão, framboesa — respondeu em tom de deboche —. Enfim... Realmente desistiu de voltar para casa, menininha? Não queria tanto encontrar a sua mãe?

— Talvez meu destino seja esse, cabeça. A vida é feita de escolhas, incluindo as mais cruéis. Ela fez a dela... apenas a respeitei.

Era a resposta que eles esperavam ouvir. A presença de Nadia trazia inúmeras vantagens para o grupo: ajustes precisos nos equipamentos, maior capacitação técnica e também o contrapeso de personalidades — Orion e Emma discutiam sem parar e Synthrex não impunha respeito entre eles —. A afirmativa em relação ao seu destino era a carta-branca que Orion precisava para tentar superar um certo assunto mal resolvido.

— Agora me deem licença, preciso ajustar o fluxo de ar dos motores de Aeterna V. Você vem comigo, Synth?

— Afirmativo, Dina — assentiu a máquina, caminhando com ela. A sintonia entre a dupla mais técnica era surreal, ao contrário do que ocorria entre os personagens mais explosivos do bando.

O coração de Nadia palpitava por aquela nave outrora desprezível, abandonada e destinada ao desmanche se não fosse a sua salvadora interferência há algumas semanas. Lembrava-se de quando ela própria possuía aparência desfigurada, causando asco em quem a visse, sentimento análogo ao exposto por quem encarava as asas oxidadas. Aquele era mais um motivo para colocar todo o seu amor no equipamento, tornando-o mais útil e belo a cada dia que passava. Diante da pequena "traição" orquestrada por Orion ao vender o módulo de emergência sem o seu consentimento, fez questão de adquirir a sucata de W90 para soar como uma afronta aos demais, que não a questionaram, apesar da velada oposição. "Há opções melhores! Veja a Mini Delta, a E-3000, a Tundra...", insistiram, inutilmente: ela e a W90 formaram um laço instantâneo e eterno. O valor de mercado de uma nave de mais de trinta anos era tão baixo que apenas o dinheiro juntado durante os meses de trabalho já seria suficiente para quitá-la, o que liberou o valor recolhido na venda do módulo para os extensos e quase intermináveis reparos. Keunn estava de parabéns por reconstruí-la em estado de arte.

24. SILENCIADAS

Pilotar uma nave remendada como Aeterna V trazia uma sensação única e indescritível. O anacronismo das linhas retrofuturistas contrastava com as gambiarras eletrônicas que permitiam o uso de aparatos um pouco menos obsoletos. No painel, os comandos principais foram todos repassados para o lado direito, facilitando o manuseio da proprietária — um engenhoso sistema de alavancas curvas permitia o acionamento de comandos simultâneos, mesmo com a mão perdida —. Os motores originais movidos a afloraltite foram substituídos por reatores nucleares alimentados com óxido de tenesso[62], material utilizado apenas em grandes embarcações, como naves colonizadoras, contrastando com as ágeis cruzadoras e caças modernos, grandes queimadoras de plasma. Devido ao risco pela exposição constante ao elemento tóxico, Keunn reforçou o isolamento interno com grossas placas de chumbo, mas, como consequência, o peso excedente alterava a distribuição de massas da espaçonave, dando-lhe condições bastante características de dirigibilidade, para não dizer incômodas ou arriscadas.

Synthrex observava com atenção os movimentos da nave azulada, agora dona de um brilho puxado ao violeta pelo aquecimento das placas de superliga de cobalto — a pobre carenagem metálica não fora feita para trabalhar com motores tão vorazes —. Atrás dos bocais de exaustão, um peculiar rastro de vapor de água sinalizava uma característica notável de equipamentos servidos por aquele tipo combustível. Tudo sob controle.

— Dina, a trajetória está cada vez mais linear. Isso é proposital? — a preocupada voz robótica não escondia a preocupação ao ver uma trajetória tão antinatural para o seu perfil de pilotagem.

---

[62] Elemento químico radioativo de número 117.

— Claro que não, Synth! Não consigo me adaptar ao maldito controle digital. O peso está concentrado e não tenho liberdade para manobrar da melhor forma. A barca se ajusta sozinha.

— Um momento... Preciso calcular uma simulação de voo mais eficiente. Minhas planilhas estão sendo alimentadas. Aguarde...

— Nada disso, Synth! O que preciso é de uma melhor distribuição de peso, só isso... E tirar esse maldito ajuste digital. Quero um dínamo!

Nadia era um caso curioso. Enquanto os colegas matavam e morriam por novidades, seu maior desejo era adquirir um dínamo antigravitacional, equipamento superado há, pelo menos, quinze anos. A estranha preferência vinha da longa convivência com a Gunship, portadora de um exemplar bastante robusto.

A bela nave sobrevoava Umbra II-C sem muita velocidade. Ainda era cedo para tentar qualquer manobra mais arriscada após a troca dos *flaps* e da mudança na angulação das asas. A graciosidade e agilidade antes apresentada pelo módulo não era sentida na W90 mesmo após os aperfeiçoamentos e aquilo irritava, e muito, a pilota, incapaz de extrair da máquina tudo o que ela podia oferecer. Transcorridos alguns poucos minutos, o pouso acompanhado do veredito.

— Maravilhosa como nunca, melindrosa como sempre — iniciou frente aos amigos —. A barca está mais firme e bastante sensorial. Posso sentir absolutamente tudo que ela transmite sem precisar olhar os instrumentos. Turbulências, zonas de baixa pressão... tudo. Força ela tem, mas o desequilíbrio me deixa com medo de abusar.

— Isso faz parte do processo, Dina. A blindagem é responsável pelo excesso de peso na traseira — respondeu o sintético, minimizando a queixa —. Um período de adaptação será necessário.

— Pois Keunn vai retirar o excesso desse negócio, e já! O centro de gravidade está muito próximo dos motores, Synth! Para viajar está ótima, mas para corridas é um perigo. Não quero perder o controle.

— Ficou mais louca que de costume, dona Dina? — indagou Orion, incrédulo com o que acabara de ouvir. Nem ele era irresponsável àquele ponto. — Quer provocar um vazamento de radiação no *cockpit*? Não perderá o controle, mas acabará com os miolos torrados!

— Vocês não acreditam, não é? Vamos fazer um treino nas montanhas Orkta e vocês entenderão o que quero dizer. Sou a melhor pilota do grupo, mas não vou conseguir acompanhá-los por causa disso. Vejamos se tenho ou não razão.

A qualidade da duo-umbriana naturalizada era inquestionável, assim como também eram justificáveis as suas reclamações. Com a mobilidade tão restrita, até mesmo a combalida Centauri a ultrapassaria nas áreas com curvas fechadas. O que fariam então Galactic Fornication e Lady Rose com suas manutenções em dia?

Após o cruzar do arco rochoso de Oliphis, as quatro naves dispararam pelo circuito número seis. Embora aquela rota não fosse a mais apropriada para disputas, possuía um perfil excepcional para treinos e ajustes técnicos devido a sua variedade de traçado. Como já era esperado, Aeterna V sumiu na longa reta e mal podia ser vista pelos três concorrentes — realmente, o tenesso fornecia potência na forma de um coice de mula —. Ao observar a movimentação estável além do esperado, Orion chamou Emma pelos rádios, alertando sobre o que aconteceria na entrada da primeira curva fechada à direita.

— Colaremos nela.

Toda a energia gasta para acelerar com brutalidade foi desperdiçada com o simples acionamento dos inversores. As saídas de traseira nas curvas eram tão significativas que obrigavam Nadia a contorná-las em baixa velocidade, corroborando a teoria do líder do grupo e contradizendo o autom especialista, crente que tudo era questão de costume.

"Mais sério do que imaginávamos", pensaram em coletivo. Chegava a ser risível a atuação da W90 após os acertos mais agressivos.

— O manche dela parece estar travado, Synth. Não vejo mais aquele balé aéreo encantador de antes.

— Se ela virar demais, perderá o controle, Emma.

— Já sei. Vou ajudá-la — interveio o líder, incomodado.

— O que fará, Orion?

— Espere e verá, Synthrex.

Na entrada da próxima curva aberta, Galactic Fornication aproximou-se de Aeterna V. A quina bem que poderia ser realizada em velocidade moderada, mas a W90 já dava sinais de desaceleração pelo medo de se envolver em um acidente. Pelo rádio, Orion estimulava a humana a não reduzir, pois ele a auxiliaria a contornar a baliza ao empurrá-la de volta à posição correta. Nadia, por sua vez, recusou a insana proposta. Como machucaria sua parceira recém-reformada?

Emma e Synthrex já suspeitavam do que tramava o líder. Conhecendo o perfil insano do amigo, nem sequer estranharam quando o viram pressionar Aeterna V contra os blocos de rocha internos ao arco, obrigando a humana a empurrá-lo de volta para não ser esmagada. Aprenderia a fazer curvas na marra.

— Imagina o que ela deve estar dizendo pelos rádios, Synth! Deve estar cuspindo marimbondos! Ah! Ah! Ah!

— Orion é um excelente professor. Isso é inegável, Emma. Ela já entendeu o que deve fazer, mas dificultaremos ainda mais.

O fato de ela estar comprimida contra a parede não a impedia de reduzir a velocidade, fugindo das investidas do concorrente. Vendo que a manobra do líder da equipe possuía essa brecha operacional, Synthrex convidou Emma a se colocar atrás de Aeterna V enquanto ele voaria logo acima da nave nuclear. Não havia alternativa para Nadia a não ser acelerar e se submeter ao "gentil" empurrão vindo de sua esquerda. O plano era simples, porém, eficaz: sem condições para realizar curvas em alta

velocidade por conta própria, teria de usar um oponente para contornar ângulos mais incisivos. Civilidade não era um pré-requisito para as corridas aéreas: as únicas regras eram não abater um concorrente e permanecer no ar, independentemente do preço a ser pago.

O término de cada reta fazia a cena se repetir. A vantagem conquistada era logo desperdiçada, mas Nadia compreendeu poder confiar em Galactic Fornication; a única preocupação era manter a velocidade estável, pois tudo terminaria bem com a providencial ajuda. Em uma situação real, o piloto externo à curva faria o mesmo movimento que o Qo-hos: forçar para dentro para não ser atirado contra a margem externa. Repetindo o exercício por mais algumas vezes, finalmente abriram o canal de comunicação com a aluna, silenciada desde o primeiro impacto.

— Já pode me agradecer pelo truque, donzela — provocou Orion, satisfeito. Enfim, a sua trapaça seria usada com um bom propósito. Ela nada respondeu: pelo rádio, apenas a respiração raivosa por imaginar a fuselagem polida danificada.

Era um bom método para as corridas acirradas, mas ainda a colocava na condição de dependência, já que a autonomia completa só viria com a instalação do já reclamado sistema analógico de ajuste de gravidade e, claro, com a redistribuição de massas a ser debatida com o mecânico durante o resto daquela tarde. Quanto ao módulo digital, este seria transferido para Galactic Fornication como compensação pelo artifício ensinado, afinal, ela sabia que a aula não seria grátis de forma alguma.

***

Com o raiar da estrela-mãe, os primeiros bandoleiros já começavam a se movimentar em busca das frescas novidades. Por ser dia de fiscalização nos aterros, os funcionários terceirizados acharam adequado postergar a queima de dejetos para o dia seguinte, justamente para não

pintar com fuligem as fardas de seus superiores, tornando o ambiente propício para os encontros matinais. Com o fim da rápida e fajuta vistoria, os cabeças da Federação rumaram em direção à taverna, sempre fervilhante de nativos e estrangeiros.

No salão, o mandatário-mor observava o movimento, acompanhado de seus asseclas. Aat fazia de tudo para agradá-los e já lhes reservava a bebida pedida em todas as visitas. O capitão Conti era uma figura de boa aparência que costumava esconder suas insígnias militares para não despertar a fúria dos locais, pois conhecia a rejeição à Polícia Galáctica em ambientes marginais como o Complexo Umbra. De polidez exemplar, fingia-se de civil e puxava assunto como se fosse um mero funcionário. "As aparências enganam", dizia ele a um transeunte quando questionado sobre o estado geral do aterro, alvo frequente de protestos de locais e visitantes. Segundo o fiscal, havia planetas-lixão em condições bem piores que Umbra II-C e que o surto de alergia constatado pela Missão das Cruzes não deveria ser tratado com tanto alarde, visto que não passava de uma moléstia sazonal. Com a opinião tranquilizadora, deu-se por satisfeito ao ver um tímido sorriso no rosto do castigado operário, que podia jurar ter ouvido dele a verdade.

Ao fundo, o pessoal da Cosmic Curves jogava conversa fora com os parceiros da Wandererz e da Blue Belles. Zoak, líder da primeira equipe, gabava-se por fazer de otário um federado em uma zona restrita na noite anterior. O assunto rendia boas gargalhadas, pois os demais mal podiam imaginar como o soldado deve ter se sentido ao ver o tão sonhado emprego ser colocado em xeque pela ação de um fedelho mal aparelhado. Encantadas com o feito, as belas gêmeas donas das naves listradas mostravam muito apreço pelo discurso do fanfarrão, logo diminuído por Orion e sua história da tal aula de pilotagem selvagem nas montanhas. Rolava uma bem-humorada briga de egos naquela mesa.

— Com licença — disse Emma, interrompendo a algazarra dos rapazes —. Não estou lá muito disposta a ouvir esses assuntos bobos.

Ratos malditos, tentativas de assassinato nas montanhas... Os senhores devem estar se divertindo à beça com esses papos, não é?

— E não é para se divertir, dona Emma? Você deveria se orgulhar pelo nosso sucesso. A senhorita anda muito amarga para o meu gosto

— Boa sorte na empreitada, Orion... Vamos até o balcão, Dina! Estamos sobrando diante de assuntos tão heroicos... Minerva deve saber de uns temas bem mais interessantes para nós. Apenas não corrompam o Synth com essas bobagens.

A turma foi deixada urrando de tanto entusiasmo e falta de compostura. Longe deles, a dupla aborrecida puxou duas banquetas e aguardou a aproximação da garçonete, que ainda não notara as estimadas amizades. Alheia aos fatos inferiores, em uma mesa ao lado estava a equipe vinda da estação Selenia a debater sobre vagas de emprego com algumas operárias interessadas tanto no assunto quanto nos interlocutores.

— Está ouvindo, Dina? — apontou a altaica ao prestar atenção na conversa paralela. — Existe vida além de sacos de pedra e talos de planta.

— E daí? Não é o que enche nossas barrigas?

— Sim, mas... Não seria melhor se encontrássemos condições melhores de trabalho? Servidão não é o que desejo para a minha vida.

— Você nem sabe sobre o que eles estão falando, garota.

— Não sabemos até agora. Deixe comigo, logo descobrirei.

Sem nenhuma discrição ou constrangimento, Emma aproximou-se daqueles homens bem trajados e os questionou sobre como seriam aquelas vagas diferenciadas, quase se atirando sobre a mesa repleta de garrafas. Em seu rosto marcado pelos ossos saltados havia a esperança de dias melhores, por mais que fossem incertos, e aquela parecia uma boa oportunidade. Toda a sua empolgação estava longe dos olhares de Orion e Synthrex, deveras entretidos com os amigos, ao fundo.

— Sim, é verdade — respondeu Conti, sempre solícito —. Vocês me parecem ser excelentes trabalhadoras. Estou correto?

— Está sim, senhor, mas agora estamos um pouco ocupadas — Nadia ficou constrangida pela intromissão desajeitada da amiga e logo tentou puxá-la de volta ao balcão, porém, falhou na empreitada —. Ei! O Synth deve estar precisando de ajuda. Vamos, Emma!

— S-sem dúvidas, senhor! — respondeu Emma, ignorando por completo a indelicadeza de sua parceira de equipe. — Somos as melhores.

— Ah! Ah! Como imaginei! Já encontraram algum trabalho para hoje? Não vi as naves dos recrutadores aí fora.

— Não, não! Acabamos de chegar, mas queremos encontrar quanto antes! Talvez o senhor saiba de alguma coisa, assim... rentável.

— Estão com sorte. Sei de umas vagas que talvez interessem a todas vocês. Partiremos em alguns minutos para uma colônia humana carente de equipes formadas exclusivamente por garotas. Eles estão com problemas para realocar crianças em um hospital de campanha e precisam de jovens para cuidarem delas enquanto as transferências são feitas.

Nadia ouvia com certa desconfiança; Emma nem piscava com a possibilidade. Após tanto tempo transportando ferramentas pesadas, finalmente teriam a chance de lidar com o próximo e ajudar os necessitados, logo a grande vocação da altaica. Mesmo diante da proposta sedutora, hesitaram, visto que jamais fizeram nada semelhante. Seus costumeiros trabalhos eram braçais, idênticos aos dos homens.

—Talvez não sejamos as melhores pessoas — disse Nadia, crente de que a oferta era alta demais para ser feita a pessoas como elas.

— O soldo é de quinze trabalhos árduos, como vocês dizem por aqui. Trocando em miúdos, a remuneração é boa. Muito boa — o pagamento era maior que o recebido por mais de três semanas de esforços contínuos nas fazendas de amysia. Como se tratava de uma colônia

humana, as condições de trabalho não deveriam ser ruins. Parecia uma boa ideia, conforme Conti deu a entender.

— Vamos, Dina! Vai ser ótimo para nós!

— Não sei, não sei... Veremos o que Orion acha disso e depois decidimos com calma. Ele não vai querer a Cosmic dividida.

— A Federação não tem tempo a perder. Se vocês duas confirmarem agora mesmo, já reservo as vagas — insistiu o militar.

— Escute, Dina... — sussurrando no ouvido dela, iniciou. — Orion não vai aprovar! Ele precisa de nossa mão-de-obra quase escrava para aqueles trabalhos medíocres. Melhor não comentar nada.

— É errado. Ele é o líder e precisa saber para onde vamos, se é que vamos. Ofertas não caem do céu e altaicas não caem em mesas.

Diante da insistência de Emma, Nadia acabou cedendo, mesmo contrariada. Ela sentia como se estivesse traindo as lideranças da equipe que, a essa hora, satisfaziam-se ao bradarem grosserias em uma aleatória roda de conversa. A proposta de trabalho, por si só, já soava estranha, pois aquele mundo perdido não era o lugar mais apropriado da galáxia para a contratação de figuras destinadas a cuidarem de crianças em assentamentos humanos, ainda mais através de um fiscal de lixão. Embora tudo apontasse nessa direção, apresentar argumentos era inútil: a rosada estava entusiasmada demais para ser confrontada, transformando a discussão em uma batalha perdida. Decididas a partir com as equipes oficiais, esgueiraram-se em meio à multidão e caminharam em direção à porta secundária do estabelecimento, por onde fugiriam para a pista de pouso, mas foram interceptadas por Synthrex, que as seguia visualmente.

— Estive procurando por vocês. Os empregadores já estão chegando. Orion deseja visitar as fazendas de Tunay. Confirmo a solicitação?

— S-sim, Synth, pode ser! Aliás, quer ir agendando os trabalhos? Leve Orion com você! Vamos até à toca e já voltamos — Nadia baixou a

cabeça ao ouvir a desculpa esfarrapada, pois, se olhasse para o amigo de metal, ele logo leria em seus olhos que havia algo de errado. Emma não tinha o menor pudor ao dobrar o fiel companheiro.

O diálogo pouco natural causou estranhamento no sintético, apesar de ele ter assentido ao pedido. Bastou as cismadas desaparecerem por trás dos prédios capengas para ele chamar Orion em um canto reservado e lhe contar, com detalhes, o fato. Pela sua intuição, algo suspeito teria acontecido no curto espaço de tempo entre a saída da roda de conversa e o quase cruzar da porta, mas o que seria? Quem haveria de saber ou, ao menos ter uma ideia, era Aat, o sabe-tudo — "senão ele, quem mais?", assumiram antes de contatá-lo —. Para a surpresa de ambos, o ancião lhes informou apenas ter visto a dupla interagir com os federados, mas não pôde compreender o conteúdo da conversa devido ao alto falatório ambiente. Aat até tentou estender ao máximo o assunto para vender algo para eles, mas foi interrompido pelo agitado Orion, dono de um pressentimento de que algo não corria bem.

Fora da taverna, Synthrex questionou o colega sobre como deveriam agir naquela situação. Orion, inventivo que só ele, traçou uma linha estratégica diferente de seu habitual: fazer-se de sonso. Sentia que as coisas poderiam terminar mal se não houvesse nenhuma intervenção de sua parte, mas não queria parecer precipitado. Para ele, federados só poderiam trazer desgraças, jamais benesses. "Espere e verá", disse ele ao amigo, curioso com o que estava por vir.

De volta ao local de estacionamento, o Qo-hos bradou alto o nome das duas aliadas, tensas pela tramoia arquitetada. O pacífico autom já se preparava para colocar panos quentes na briga iminente, mas foi surpreso com um discurso fictício que ele não sabia de onde tinha saído.

— Ei, vocês! Marcamos uma missão nos asteroides Kephar. Synthrex e eu iremos à oficina de Keunn para saber se a Galactic já recebeu o ajuste digital de Aeterna V. Fiquem aqui, já voltamos.

— T-t-tá certo! - respondeu a nervosa altaica, ignorando por completo a gritaria. Era a brecha que as garotas precisavam para seguir o estranho e sedutor federado sem serem descobertas.

Seguindo as instruções de seu comandante, Synthrex colocou Centauri em órbita remotamente e ambos observaram, escondidos atrás de um muro perfurado por balas, o comportamento da dupla suspeita. Confirmando a hipótese de Orion, não demorou para as duas correrem até a taverna atrás dos odiosos federados citados por Aat. Desimpedidos e com as armas carregadas, invadiram Lady Rose e se ocultaram nos fundos da nave vermelha sem deixar rastros. A próxima reunião da equipe seria feita a algumas UA do Aglomerado Medusa.

Emma e Nadia embarcaram com a falsa ilusão de terem ludibriado os companheiros, mas apenas a consciência de uma delas torturava a dona pela má conduta. A outra não dava a mínima, afinal, cria que Orion nem sequer se importaria com a partida dela, com base nas ofensas diárias. As infindáveis discussões entre as garotas eram devidamente ouvidas pelos rapazes, que ligavam os pontos.

Escondido atrás de uma caixa, o "monstro imaginário" profetizou que, naquele dia, haveria derramamento de sangue. O fiel escudeiro permanecia encolhido em seu canto e não cochichou de volta. Com o desenrolar das conversas grampeadas, temia que o amigo estivesse certo.

A viagem foi rápida, levando apenas algumas poucas horas siderais até o destino — a coluna do Qo-hos agradecia: ele não conhecia a Maru Mari[63] —. A numerosa caravana foi, gradualmente, dispersada pelas naves oficiais, como se o intuito deles fosse diluir as trabalhadoras por uma grande área. A suposta colônia devia conter diversos postos de trabalho com as mesmas necessidades e mantê-las concentradas em um único ponto não fazia sentido.

---

[63] Denominação original da Morph Ball.

Seguindo as orientações da nave-mestra, Emma aterrissou Lady Rose próxima ao pavilhão noroeste. Era uma região afastada dos pontos luminosos enxergados pelo vidro durante o sobrevoo, que julgavam ser os hospitais improvisados. Cubos metálicos semelhantes a acampamentos militares eram as únicas instalações visíveis a olho nu em um raio de alguns quilômetros. A noite densa de elevada temperatura entregava um ambiente tropical. O desembarque veio em seguida.

— Ei, capitão! — acenou a piloto. — Não deveríamos pousar na região dos pontos iluminados?

— Logo iremos para lá, altaica. Precisamos realizar uma triagem. Essa é a razão da dispersão das naves. Apenas questões de segurança.

Os inesperados viajantes deslocavam-se por entre as sombras, avançando em segurança conforme o andar da equipe — nenhum dos presentes foi capaz de notar os sagazes movimentos —. Mais adiante, o capitão e as contratadas chegaram a uma daquelas instalações esquisitas. Com a proximidade do oficial, a porta do contêiner foi aberta: era o chamar da cilada. Dentro da unidade, soldados escondidos trataram de imobilizar as inocentes presas e lhes tomar seus armamentos. Não havia como contra-atacar diante de tantos lobos vorazes.

Os ímpetos explosivos de Nadia eram inúteis diante da situação. Sua valentia era motivo de riso para a dezena de soldados e contrastava com a passividade de Emma, que teve os punhos amarrados por nanocordas sem oferecer nenhuma resistência. A selvageria das rebeldes capturadas era tida como um fetiche para os adeptos de deploráveis práticas.

— Caprichou nas escolhas, hein, capitão?

— Realmente, King. Eu nem tive trabalho dessa vez... elas que se ofereceram. A safra de Umbra II-C está cada vez melhor. Framboesas não valem nada, mas este achado aqui foi o melhor de todos.

— Tire a mão de mim, filho da...

— Acalme-se, mocinha. Só queremos te ajudar. Vocês trabalham e recebem o soldo devido, simples assim. Se continuar agressiva, as coisas podem seguir um curso não muito agradável.

De ajudadoras de uma nobre causa, foram rebaixadas a meros brinquedos. Longe de casa, sem armas e sem ninguém para socorrê-las.

Era o que pensavam.

Até que surgiram batidas metálicas contra a enigmática porta. "O que haveria de ser?", questionaram os federados ao estranharem o som, já que todos os autorizados possuíam livre acesso às instalações e não seria necessário fazer tamanha algazarra para entrar, apesar da justificável ansiedade pelo banquete imoral de todas as noites. O eleito para fazer a displicente verificação foi um incauto de baixa patente. Antes de o terror psicológico das garotas aumentar, os velozes companheiros invadiram o local metralhando a tudo e a quase todos. Os guardas nem sequer descobriram a origem dos disparos: enquanto procuravam a origem dos tiros, sangraram até a morte como animais em um abatedouro.

Nos poucos feixes de luz disponíveis após a destruição das fontes luminosas pela rajada de tiros, via-se duas silhuetas distintas. Uma delas era grande, densa e negra — parecia sugar a luz em volta, de tão mal-encarada —. Era a representação de um mal necessário que se mantinha em silêncio. Dela, ninguém fugiria: as moças acreditavam que o destino delas não se alteraria, apenas o seu dono. A outra era menos ameaçadora, mas igualmente misteriosa. Era ágil e manuseava objetos ocultos como ninguém. Um tênue brilho prateado refletia o topo de sua cabeça. A incógnita perdurou até dois amigáveis olhos azuis-ciano se acenderem.

Estavam salvas.

Só houve tempo de recuperar as armas apreendidas e recarregar as munições antes de os reforços chegarem. Enquanto Emma corria com as mãos atadas, os demais disparavam em direção aos guardas saídos dos cubos adjacentes, desatualizados sobre o que ocorrera sob suas barbas:

nem sabiam para onde atirar naquele breu, rompido apenas pelos feixes e estouros de pólvora. Ninguém foi atingido no percurso até Lady Rose, que sacudiu a poeira da lua e desapareceu no firmamento.

No caminho de volta, nenhuma palavra era trocada. De ruído, apenas o choro de nervosismo de Emma e a respiração ofegante de Nadia. Orion assumiu o posto de comando e Synthrex observava nos radares se havia alguma nave no encalço deles. Depois de alguns intermináveis minutos de tensão, Synthrex gesticulou que tudo estava bem — não era à toa que a Guarda Pacificadora tinha fama tão ruim: rebeldes inexperientes tinham, por vezes, melhor capacidade estratégica, mesmo sem passarem por treinamentos militares —. Esta foi a deixa para Orion abandonar a função de piloto e iniciar um longo e justo sermão.

— Estranhos são mais confiáveis que nós. Estou lisonjeado!

— Não tivemos culpa! Fomos enganadas.

— Cale a boca, desgraçada! Para que serve a merda do líder da equipe? Quero o mal de vocês, não é? A Cosmic Curves é só fachada, ninguém aqui age como uma equipe! Confia em estranhos, mas não em nós? Como pôde trocar a nossa companhia por um papo mole desses ratos malditos? Synthrex e eu quase levamos bala por culpa de vocês duas. Eu deveria te encher de porrada, framboesa, isso sim! Sabe o que vai acontecer com todas aquelas garotas que pousaram ali, não é?

O silêncio renasceu, mas fora morto pela continuidade da bronca.

— É! É isso mesmo: elas não terão a mesma sorte. Digam adeus a todas as suas amiguinhas. Ei, Synthrex... Quanto falta até Umbra II-C?

— Apenas 8 UA, Orion. Não há naves em nosso encalço.

— Ótimo. Pelo menos a Dina teve um pouco de consideração ao insistir que consultassem esse trouxa aqui. Vê essa nanocorda? — puxando Emma com brutalidade, ergueu-a pelos punhos amarrados. — Eles iriam passar um gancho, amarrar suas pernas em uma armação e...

— Este comentário foi bastante específico, Orion — interferiu o sintético, agora no comando da espaçonave.

— Cale-se você também, Synthrex! Cuide da navegação, ninguém te perguntou nada. Só não sei por que não fizeram o mesmo com a Dina.

— Ela não é apática como eu — finalmente respondeu a altaica, traumatizada e envergonhada pela atitude.

— Pior para ela, que escapou se ser castigada. Deu sorte de sair com os dentes intactos, donzela — Nadia parecia não se importar muito com o discurso acalorado. Sua cabeça estava bem longe dali —. Ei, Dina! Estou falando com você, maldita!

— O que quer que eu diga? Não vê que já aprendemos a lição? Sente-se aí e fique manso — retrucou, murchando o ímpeto do colega.

— Está certo... E quanto a você, framboesa nojenta, vai viajar até Umbra II-C com essas nanocordas te apertando para aprender a respeitar a hierarquia desta droga de bando.

O silêncio regressou. Com o semblante arrependido, Emma baixou a cabeça e não questionou seu superior. Orion, na sua condição de líder inflexível e intolerante com desobediências, meteu a mão nos bolsos de sua jaqueta, sacou um quebra-lacre furtado de um piloto federado morto há algumas semanas e cortou a dura trava que a machucava. Todos mereciam um voto de confiança e não seria ele quem lhe negaria este direito. Seu coração mole não permitiria.

O tráfico de pessoas, sobretudo de jovens como as encontradas em planetas-lixão, era extremamente comum. Os bordéis espaciais, algo que, ao menos em teoria, era combatido pela Federação, jamais acabavam por serem financiados por funcionários corruptos da própria instituição. Ao fim da vida útil das "trabalhadoras", seus corpos eram descartados e destruídos junto às sucatas das naves saqueadas, sem dignidade, sem voz, sem história. Desta vez, porém, uma barca regressaria de lá.

25. A BESTA PÚRPURA

Subseção 10 027/A, Zona Mista, Adara Leste. Comandantes de diversas tropas federadas realizavam uma reunião de emergência para apurarem os fatos desenrolados na noite anterior em Sedna Majora. Catorze fardados foram encontrados sem vida em um alojamento militar em Ofaree, capital do país Dombácia. Os estudos preliminares apontavam um atentado orquestrado por estrangeiros, não por nativos. Testemunhas oculares juravam ter visto o desembarcar de algumas dezenas de naves não identificadas, fato desmentido por outros militares presentes na ocasião. Para eles, o responsável pela chacina devia ter se ocultado na cidade durante o dia para agir quando o sol se escondesse.

— Isso muito me intriga, major Luyxu. Onde estão os arquivos de imagem e som dessa droga de base? Como vocês não tiveram a capacidade de notar a aproximação desses rebeldes?

— Não sabemos, Mathijsen. Conforme apuramos, os sistemas elétricos foram atacados e a coleta de imagem foi comprometida. Não há registros visuais dos invasores.

— Mais um desserviço de sua parte, capitão Khan — Mathijsen, marechal-do-ar da Zona Mista, via através das ações de seu subordinado a razão de os guardas pacificadores serem tão achincalhados em ambientes-chave: nem sequer mantinham o mínimo de organização para registrar pousos e decolagens nas imediações de suas próprias bases. Pedir para aqueles homens desmancharem rusgas sociais de séculos em áreas marginalizadas era esperar por um milagre.

— Seguiremos apurando, marechal. Por ora, solicito o envio de um contingente extra para Ofaree e zonas próximas. Não sabemos quando novos ataques poderão ocorrer.

— Já que não podem se defender sozinhos, o farei. Soldados da divisão especial da Polícia Galáctica desembarcarão em Dombácia e em territórios adjacentes muito em breve. Espero que tenha todas as respostas até lá, Khan. Eles não serão tão maleáveis quanto eu.

— Sedna Majora agradece a sua atenção, marechal — com a resolução parcial do impasse, abandonaram o cômodo vigiado e planejaram a volta para seus respectivos postos de controle.

Longe da reunião, os grupos de Mathijsen e Khan mostravam-se coesos como água e óleo sobrepostos, a ponto de aparentarem pertencer a organizações distintas. O jovem e talentoso oficial de alta patente estampava sua frustração por, além de não chegar à solução que gostaria, ter de lidar com o corpo mole vindo do suposto maior interessado. Khan expunha em seu rosto um sentimento fúnebre pela perda dos irmãos de farda, mas não demonstrava ambição em descobrir os responsáveis pela matança para puni-los de acordo, ao menos não da forma que o código de atuação das forças policiais da Federação exigia.

— Capitão! Capitão!

— Pois não, Rashid.

— O que faremos com Duke?

— Duke? O que houve?

— Quase deu com a língua nos dentes. Fiquei com a impressão de que ele queria entregar os esquemas de Conti. Se Mathijsen vai atrás disso, o senhor sabe o que iria acontecer. Respingaria em todos nós.

— Duke é um tolo, não deve ter feito por mal. Todos sabemos que as festinhas de Conti não tinham dia e nem hora para acontecer. Nós mesmos não estávamos esperando… Uma simples suspensão de três dias deve dar um jeito naquele "vela".

— Mas, capitão… E se…

— Deixe estar, Rashid. Assim, eles veem não haver nada demais em Ofaree. Nossa diversão será em outros locais.

Khan tinha razão. Impedidos de atuar com liberdade e libertinagem em seu próprio território, os braços desonestos da Guarda Pacificadora de Sedna Majora teriam de buscar outras freguesias por umas semanas. Dentre os destinos mais bem cotados estava Umbra II-C: os fardados precisavam retribuir a visita de forma tão calorosa quanto a que banhou de sangue a colônia. Em uma disputa sobre quem era mais violento, os pacificadores levavam vantagem.

***

Após vários dias sem poder visitar a plataforma-disco por conta do confisco das antenas amplificadoras principais, finalmente Synthrex teria o prazer de continuar os seus levantamentos secretos, tão secretos que nem mesmo os seus amigos tinham acesso a eles. A notícia de que parceiros robóticos haviam instalado antenas ainda mais potentes encheu de alegria o *chipset* da máquina. Centauri fora deixada aquecendo os motores desde cedo, aguçando a curiosidade de Orion e Emma.

— O que é isso, lata? Aonde você pensa que vai?

— Ele vai à estação. Liberaram ontem de madrugada.

— Muito bem... Está certo, Synthrex. Vá jogar o seu tempo fora, você tem a minha autorização, ao contrário da senhorita. Não estou com cabeça para trabalhar depois de ontem. Para onde a Dina foi?

— Não lembra que ela iria à oficina do Keunn para ver se Aeterna V já estava pronta? Não se aguenta de saudades.

Ao se recordar do compromisso da humana, Orion mudou de opinião sobre a viagem de Synthrex. Com a liberação da W90 após a

instalação do dínamo antigravitacional, seria de suma importância a realização de novos cálculos para um acerto preciso da nave, algo feito com excelência pelo autom. Para a surpresa da dupla, o sintético fez pouco caso da amiga e rumou à Centauri, deixando-os boquiabertos.

O líder da equipe, antes sossegado para os seus padrões, perdeu a paciência ao ver o sintético ignorar por completo o bem-estar de Nadia que, por conhecerem bem personalidade inquieta da forasteira, já deveria estar se arriscando em uma embarcação desajustada àquela hora. Em meio ao monólogo ofensivo, Emma só fazia rir. Orion, por outro lado, não via a menor graça. Insubordinação era uma das coisas que mais o deixava possesso e, curiosamente, todos os membros de sua equipe não demonstravam apreço às suas ordens.

Sem apresentar nenhum traço de remorso por desobedecer, Synthrex partiu. Orion agora estava diante de uma escolha difícil, entre ir atrás de Nadia e impedi-la de praticar o voo sem as devidas correções ou exigir que Synthrex o fizesse antes do passeio.

— Irei atrás dele, Emma. Acabou a palhaçada.

— Deixe-o. Não sabe que o Synth estuda o tempo todo?

— Temos questões delicadas para tratar e ele está pouco se lixando. Eu não sei ajustar nem a Galactic Fornication, quem dirá aquela barca pré-histórica que a Dina insiste em pilotar. É agora que descubro o que está rolando naquela maldita plataforma de retransmissão.

— Não! — gritou a altaica, sempre atuante em desviar o foco do amigo metálico. — Não é mais fácil a gente convencer a Dina a voar só quando o Synth chegar? Vamos, converso com ela.

— Dina é como eu: se ela quiser fazer alguma coisa, nada a impedirá. Meu negócio agora é com Synthrex e só com ele. Pegue a Lady Rose, pois vamos até 515 Umea... Agora!

— Não!

Orion estranhou a insistência de Emma em permanecer no planeta. Por que ela não se propunha a convencer Nadia enquanto emprestava a nave para ele ir à plataforma? O que a altaica sabia sobre os tais planos que deveria ser mantido em sigilo a ponto de se sobrepor à segurança de um membro da equipe?

— Você está me devendo sessenta e cinco trabalhos médios pelo resgate na lua vermelha. Vamos até 515 Umea e ponto final.

Emma descobriu como era complicado colocar-se diante de um companheiro irredutível — pobre Nadia... Fora deixada só — e, desistindo de argumentar com ele, apenas se pôs a segui-lo. Nada conseguiria impedir o líder da equipe de descobrir os planos de Synthrex, já que, pela quase tragédia causada por segredos entre os membros da equipe, tudo o deixava deveras desconfiado. Sendo assim, Nadia seria o único membro da Cosmic Curves em Umbra II-C por algumas horas.

515 Umea era uma grande plataforma em formato de disco utilizada como ponto de ancoragem para aqueles que buscavam interceptar sinais ilegais de baixa e alta frequência. Tais plataformas eram alvos frequentes da Federação por serem fontes de grampeamento de chamadas confidenciais entre espaçonaves, meios de comunicação entre rebeldes de sistemas planetários distantes e veículos para a combinação de ataques, mas destruí-las não resolvia absolutamente nada. Sempre havia alguém disposto a reconstruí-las e instalar antenas ainda mais poderosas, como ocorrera naquela base em específico.

— Veja só, dona Emma... Então é aqui que ele pousa? Que tranqueira velha! Parece o Synthrex!

— Vamos embora, Orion. Deixe-o em paz. Não está fazendo nada demais, te garanto.

— Chega desses papos! Eu não confio mais em você depois do que fez com a gente! É agora que descubro o que aquela lata podre está aprontando com a sua colaboração.

Trajando vestes pressurizadas e com os respiradores ativos, a dupla caminhou por um longo corredor repleto de saletas individuais. Do lado de fora das salas, uma porção de supercomputadores obsoletos chiava baixinho, quase em modo de espera. Era dentro daquele ambiente silencioso e controlado que os sinais desviados eram decriptados e codificados. Vários entusiastas da comunicação trabalhavam continuamente no lugar, cada um com uma finalidade.

Alguns dos interceptadores mostravam-se incomodados com o transitar desengonçado por trás de suas cadeiras. Outros nem sequer notavam os exóticos visitantes, entre eles o próprio alvo a ser espionado. Teso em frente a uma diminuta tela, conversava com alguém, por quem nutria muito afeto pelo seu estado hipnótico.

— Ei, Synthrex! Finalmente te achei. Ei! Não me ignore, safado! — dizia Orion com a voz abafada pelo transmissor de voz.

— Shhhh... Está entretido com algo muito importante para ele. Aproxime-se devagar e você descobrirá. Apenas não o interrompa.

O autom ignorou por completo a presença dos amigos, apesar de senti-los. O pequeno monitor exibia metálicas e sedutoras curvas, roubadoras de sua integral atenção. A doce voz, quase humana, reverberava pelo ambiente, sobretudo dentro de sua cabeça. Apesar de tratarem unicamente sobre o fluxo de supercargueiros classe M pela rota comercial, nada no Universo seria capaz de interromper aquela videochamada.

***

A tarde de Umbra II-C começava a decair. Os gravetos estralavam com o poder do sol e cigarras eram ouvidas ao longe, em um claro clima de abandono. O horário favorecia o cenário pacato, já que a maioria dos habitantes estava envolvida em atividades em órbita ou fora dela. Sobre

a Zona de Descarga 18, apenas trabalhadores locais, prestadores dos escassos serviços que funcionavam, e uns poucos desocupados que se embriagavam no principal ponto de encontro da região.

Na taverna, Aat varria o piso enquanto Minerva, Atalia e Falun esfregavam as mesas rabiscadas. Tudo deveria estar devidamente organizado para quando os duo-umbrianos regressassem, mas o dia parecia ter sido atípico acima de suas cabeças. Sete naves conhecidas pousaram muito antes da hora, o que só poderia simbolizar uma coisa: problemas.

A Wandererz tinha como maior qualidade, como o próprio nome sugeria, o talento para vaguear dia e noite espaço afora, aparentemente sem rumo. Durante estes longos passeios de rotina, coletavam informações valiosas e as repassavam, mediante pagamento prévio, aos possíveis interessados. Todavia, aquela era uma emergência e agir como mercenário não condizia com o momento.

— Aat, Aat! — dizia o líder da equipe, quase cuspindo os pulmões após a correria desesperada.

— O que houve, Zoak? Em que posso ajudá-lo?

— Os ratos! Eles estão vindo para cá!

— Acalme-se, jovem — disse Minerva, tentando tranquilizar um de seus clientes favoritos —. Por que a Guarda viria até Umbra II-C a essa hora? Não tem quase ninguém aqui.

— O ataque... Não ficou sabendo do ataque que rolou ontem... na lua vermelha... Sedna Majora?

— Ataque? Lua vermelha?

— Acabarem de nos falar em Vega Australis que rebeldes atacaram um daqueles acampamentos de fachada da Federação... e foi alguém daqui. Os ratos não deixarão barato. Alguns coligados juraram ver um fluxo de barcas federadas na rota comercial. Eles estão vindo para cá!

Os bêbados que ouviam a conversa puseram-se a rir do desespero do informante. Os funcionários do estabelecimento nem tiveram forças para expulsar os debochadores mediante o pânico desenhado, afinal, operações de represália eram muito comuns e costumavam terminar da pior maneira possível para os nativos. A última ação semelhante ocorrida em Zabar deixou um saldo de centenas de mortos.

Aat, no que lhe concernia, espalhou o alerta para os outros estabelecimentos comerciais de sua zona. A campanha boca a boca era estimulada por todos os transeuntes informados — os presentes preparavam as espaçonaves e voltavam para o espaço profundo, muitas vezes sem comer ou descansar após o longo expediente. Nada era mais importante que suas vidas —. Enquanto os membros da Wandererz corriam contra o tempo, uma certa pilota divertia-se ao conduzir seu brinquedo recém-obsoletado na distante cordilheira de Weru Nebula, onde permanecia alheia aos acontecimentos, tanto de sua equipe envolvida por amor e ódio quanto pelo cheiro da morte exalado por seus semelhantes apavorados.

Antes da queda da noite, uma legião de naves federadas adentrou o Aglomerado Medusa. Os guardas pacificadores pilotavam corvetas muito mais bem equipadas que as utilizadas nas rondas noturnas. Os rebeldes, já temendo a represália anunciada há algumas horas, fugiam como galinhas, evitando ao máximo um confronto previamente decidido. Enquanto os últimos arruaceiros que, dessa vez, mal sabiam o motivo da agressão e nem conheciam o responsável pelo evento inicial, deixavam a superfície, uma despreocupada Nadia permanecia entretida com sua nova companheira. Logo ela, um dos pivôs da confusão.

— Eles chegaram! Abaixem-se! — gritaram.

Feixes de *lasers* de alta energia abriam profundas fendas no solo. Na superfície, todo e qualquer organismo visto como relacionado aos rebeldes era trucidado pelos modernos caças, sem negociação. O anoitecer do terror estava apenas começando.

Rebeldes mais ousados tentavam, em vão, defender as suas honras e combater no ar. Feixes de pulsos eletromagnéticos não representavam nada diante dos raios de alta frequência disparados pelas corvetas. A cada nova investida, um acerto: as velhas naves caíam como uma chuva de meteoros, tingindo a atmosfera com fogo. Os que tentavam fugir por terra eram aprisionados, espancados e torturados até a morte; os mais agressivos, amarrados em naves e arrastados à baixa altitude, tendo os corpos despedaçados ao se chocarem contra as duras pedras. Aquela tropa insuflada por aspirações vingativas mostrava-se tão violenta quanto as facções nativas mais agressivas ou até mesmo piratas espaciais, tão odiados por ambos. A insanidade dos três grupos era a mesma, tendo como única diferença entre eles a motivação.

Lutar era tolo, insano, inútil. Morrer como um herói de guerra não garantiria as honras locais: não havia como pendurar adereços em peitos destroçados. Os caças imprimiam linhas de fumaça na densa atmosfera baixa do planeta. Nelas, os duo-umbrianos amoitados liam os próprios nomes e suas respectivas datas de falecimento. Muitos já ensaiavam as suas últimas preces. Em um jogo tão desbalanceado e de cartas marcadas, a solução só poderia vir do alto.

Em meio ao fogo cruzado, surgiu em voo rasante um ponto arroxeado. Ao contrário dos apegados ao chão, aquela presa não aceitava se entregar. Escondidos em buracos e observando o ambiente externo por espelhos estrategicamente posicionados, alguns indivíduos apreciavam aquela coragem misturada com loucura.

— Quem é aquele cara? Voa entre os ratos como se fosse um deles!

— Onde, Mayo?

— Ali! Aquela barca roxa!

— Espere… É uma W90?

— Não pode ser. É impossível que uma W90 seja conduzida desta forma. Se continuar fazendo esse pêndulo, irá se chocar contra as rochas!

— Vocês não deveriam subestimá-la, senhores — interveio Aat, radiante com o que via.

— Ela quem, velhote? Ficou maluco?

— Não me questionem. Apenas apreciem a pilotagem. Estamos diante de uma oportunidade única.

O intenso brilho roxo de Aeterna V foi conquistado após os reatores atingirem a temperatura ideal de trabalho, algo antes impossível pela condução limitada. O movimento pendular conseguido graças ao dínamo de ajuste manual era uma forma de ludibriar os adversários, atônitos com as mudanças de direção tão repentinas que suas modernas naves não podiam acompanhar. Como os radares da W90 estavam indisponíveis, manter-se uma trajetória reta era uma sentença de morte, pois facilitaria o trabalho de seus perseguidores, muito superiores no quesito mecânica.

O vermelho e o púrpura dos céus contrastava com o negro dos corpos carbonizados na superfície. Sem alternativas, aqueles que optaram em ficar no planeta assistiam, incrédulos, à batalha aérea, onde o obsoleto alvo brincava com inimigos muito mais velozes e modernos. A incapacidade de abater a nave desqualificada irritava os guardas, que buscavam compreender quem poderia estar por trás daquele manche.

— O que há com essa W90? Ela não desacelera ao fazer curvas, nem mesmo ao se aproximar das rochas!

— Velocidade de cruzeiro constante, Jones. Aquela coisa é estável como um *kart*. As corvetas não estão aptas a realizar manobras em espaços tão curtos, ainda mais em um terreno desconhecido.

— Ele vai se enfiar entre os cânions!

— Não podemos entrar aí, tenente! As corvetas não podem manobrar com segurança em um lugar tão estreito! Nem sabemos se estão tramando uma cilada para nós lá embaixo.

— Se uma W90 entra, entrarei também.

Balela. Faltava-lhe coragem para fazer as pontas de suas asas beijarem os paredões. O estilo agressivo aliado a uma nave equilibrada após as intervenções e com excelente potência para os padrões marginais eram a chave para deixar qualquer oponente desavisado, embora mais bem preparado, para trás. As formações rochosas de Umbra II-C haviam se tornado tão familiares para Nadia quanto as cavernas de K-2L, onde ela era igualmente mortal. Antes que uma daquelas naves caras se espatifasse contra as pedras em uma missão não autorizada pelo marechal responsável pela zona de origem, a guarda decidiu abandonar o planeta, deixando para trás um saldo de várias centenas de mortos. Os acuados, agora inofensivos, baderneiros saíam de seus buracos, abatidos pelas perdas dos semelhantes e fascinados por aquele místico brilho jamais visto em suas curtas vidas. A fama do piloto anônimo começava a despontar, assim como a lua negra, que já não se escondia abaixo do horizonte.

26. BRUXAS DA NOITE

Medusa-Epsilon iluminava a terra arrasada. O novo dia amanheceu triste e, em memória de seus filhos abatidos, Umbra II-C prestava suas condolências na forma de uma densa neblina. Envolvidos pelo mesmo sentimento, equipes rivais uniam-se na coleta e empilhamento dos corpos a serem incinerados no cemitério das máquinas. "Eles terão o que merecem... Um dia terão", lamentavam ao realizar o trabalho mais difícil de suas vidas.

A catástrofe não saía da boca dos visitantes, pegos de surpresa pelo imenso velório ao ar livre. Testemunhas faziam extensos e detalhados relatos sobre o que acontecera na noite anterior, atraindo a atenção de frequentadores do sistema planetário. Enquanto isso, desconexos da realidade do próprio mundo, os três membros da Cosmic Curves retornavam para a origem, estranhando o alto fluxo de naves que os visitava. Algum leilão inesperado? Festa por algum duo-umbriano ter abatido naves forasteiras? A curiosidade aumentava a cada milha superada.

De repente, o silêncio. Mesmo antes de pousarem, foi possível notar que algo desagradável ocorreu enquanto estiveram fora: aquelas grandes pilhas em chamas eram um mau sinal. O cenário estranho tornou-se macabro ao desembarcarem. Pedaços de corpos podiam ser vistos em caixas plásticas abertas e os feridos não dopados com anestésicos urravam de dor ao serem transportados.

Gradualmente, as preocupações sucumbiram frente à descrença e ao desespero. As maledicências contra a Guarda Pacificadora e os depoimentos dos presentes faziam pairar sobre a cabeça da equipe a dúvida se alguém de seu círculo íntimo de amizades havia se ferido. Não queriam pensar em possibilidades piores, apesar de desconfiarem que "ferir-se" era apenas uma metáfora para a realidade mais provável.

— Ela pode ter fugido para as zonas escuras! Não necessariamente tinha de estar aqui nesse momento, não é?

— C-C-Claro, Emma! — respondeu Orion, igualmente nervoso. — Não aconteceu nada com ela... Óbvio que não!

— O que faremos, então?

— Um momento... Sugiro procurarmos em Weru Nebula. Ela não partiu para lá antes de vocês me seguirem? É o melhor lugar para praticar.

— Na mosca, Synthrex! Pode ser por isso que ninguém a viu. Vamos! Cada segundo pode ser importante.

Desesperados, sentiam a presença de um fantasma a rondar as estreitas formações rochosas de Weru Nebula, mas, até o dado momento, só encontravam folhas secas pelo chão. O medo de contornar uma pilastra e encontrar uma pilha de metal retorcido era crescente.

O avançar da expedição expunha pequenos e inúmeros cortes nas pedras. Conforme adentravam as formações, notavam que as marcas se tornavam cada vez mais profundas. Ela havia passado por ali. A neblina dificultava as buscas, mas um objeto reflexivo se destacou em meio à paisagem. Estaria íntegra? Estaria viva?

— Acalmem-se. Vocês não conhecem a rigidez estrutural daquela espaçonave — interrompeu Synthrex, tranquilizando os colegas. O sintético teve papel crucial na escolha e restauração de Aeterna V, conhecendo-a tão bem quanto a proprietária.

Ao se aproximarem, encontraram Nadia sentada sob a W90, descansando com os olhos fechados. O sorriso em seu rosto ao reconhecer as vozes aflitas contrastava com a face de espanto e alívio de seus amigos.

— Nadia... Por um instante, pensamos ter perdido você!

— Hum... Vocês já estão sabendo de tudo... Perdido para sempre, Emma? — espantou-se. — Só por causa daquelas barcas federadas?

— Acha pouco? Disseram-nos que era uma legião de ratos. Você não tem radares nem sistemas de ejeção no *cockpit*, esqueceu? Um estrangeiro disse que você dobrou dezenas de corvetas. Como pôde?

— Não foi nada excepcional, tenho certeza de que estão exagerando. Quando vi que a situação começou a se complicar, trouxe os malditos para as zonas de baixa pressão. Sabia que eles não conseguiriam acompanhar meu ritmo sem bater nas pilastras.

— E você não fez a menor questão de se esfregar nas paredes. Pelo menos para isso a torradeira serve! Estou feliz em vê-la novamente, dona.

— Digo o mesmo, cabeça, mas eu sabia o que estava conduzindo. E você, Synth? Por que está tão desconfiado?

— Acredita que Synthrex fugiu de Umbra II-C logo depois de você ir à oficina? Fomos atrás dele na plataforma e adivinha: toda aquela conversa mole de "plano infalível" era uma desculpa esfarrapada para fazer sacanagens sintéticas por aí.

— Negativo, Orion — rebateu —. Meus projetos seguem em andamento. Vocês me pegaram em um momento de distração.

— Sacanagens? Que história é essa, Synth? — aproximando-se dele, Nadia o intimou em tom de brincadeira.

— Não acredite nele, Dina. Ela é apenas uma controladora de tráfego que opera em uma rota comercial distante. Vou à plataforma para coletar dados do nosso sistema, conforme vocês já sabem.

— Hum... Você desaparece "misteriosamente" e viaja até uma plataforma de transmissão ilegal para "apenas" coletar dados sobre o Aglomerado Medusa? Diga-me: qual o nome dela?

— Ida! — gritou o líder, fazendo troça do colega tímido.

— Chega, Orion! Você está me deixando constrangido. Ida é uma autom, assim como eu. Não há maldade ou malícia em nós.

— Mentira dele, Dina! Essa Ida é um pitel, bem diferente desse robô estragado aí. Pena que ela é artificial, senão...

— Meus parabéns, Synth! Ao menos não fica se metendo na vida alheia, como certas pessoas aqui — respondeu, rindo.

Preferiram manter o clima descontraído. Pelo apurar das conversas, Nadia não fazia ideia do que se passava no centro da Zona de Descarga e sua alma leve não deveria ser contaminada com o luto voraz derramado sobre os demais duo-umbrianos. Na vila, os sentimentos se dividiam. O pesar só era deixado de lado ao citarem a bruxa da noite e o hipnótico rastro capaz de superar inimigos sem disparar nenhum feixe energizado. Como havia dito um viajante, o único ponto positivo do dia anterior foi o voo daquela tralha obsoleta. Uma horda de ratos a perseguiu por todos os lugares sem conseguir abatê-la e isso foi determinante para outros rebeldes deixarem o planeta em segurança ou que se escondessem em abrigos subterrâneos. Era como um meteoro ardente: todos a viam, mas ninguém podia parar aquela coisa.

***

No longínquo sistema Terat, certa equipe de alto prestígio mantinha-se atualizada sobre os fatos das zonas periféricas. De fato, o ataque orquestrado pelas tropas cruzara o limite do aceitável: greves gerais explodiram em colônias por muito menos. Para aumentar a revolta, tinha-se o detalhe de que a motivação da agressão não estava bem esclarecida, podendo ter sido baseada em achismos. A bravura das vítimas ficou em segundo plano diante de tamanha violência.

Sentado na asa de sua esmerada Golden Age, Ethan permanecia aéreo, como se o noticiário o afetasse. Iskyie o observava com estranhamento, assim como Maru, que acenava à sua frente. O comportamento não era nada habitual para alguém tão acostumado a lidar com perdas.

— Líder? Está tudo bem?

— Humpf... Como eu estaria? Não se fala de outra coisa, bando.

— Sim, cabeça. O maldito massacre.

— Não é só isso, Maru.

— Sobre o quê, então?

— Há males que vem para o bem. Um piloto supremo despontou em Umbra II-C. Não consigo tirar isso da cabeça.

— Ah! De novo sobre a lata velha? — protestou Iskyie, afastando-se. — Por que tanto interesse nessa droga, gatinho?

— Dá para me levar a sério ao menos dessa vez? Vocês sabem o compromisso que temos com o que há de melhor nessa galáxia.

— E daí? Qual atrativo pode haver em uma nave ultrapassada?

— Não seja burra! Há alguém de alta qualificação naquele submundo. Eu não quero enfrentar esse desgraçado em uma luta por poder. Melhor tê-lo ao meu lado do que contra. Temos que recrutar esse cara.

Após tanto tempo, enfim, Ethan cogitava expandir sua equipe. Depois das prisões de Hirin e Pop a Darkwave resumiu-se à trinca original. Entretanto, a ocasião despertou no líder o senso de urgência, já que os "caipiras espaciais", segundo ele, poderiam estar se organizando, colocando em xeque a soberania de sua equipe. Nenhum duo-umbriano, em sã consciência, recusaria o convite: além do *status*, pesava a seu favor a miríade de benesses oferecidas por conhecerem nomes fortes metidos na organização maior. Se quisessem preservar a reputação do grupo e agregar qualidade técnica, deveriam olhar com carinho para aquela figura. Enfrentar federados e vencê-los, não com tiros, mas sim moralmente, mostrava não se tratar de um amador, ainda mais por manejar uma nave privada de recursos. Umbra II-C trazia vagas lembranças no fundador do bando, que não pisava ali desde um certo *death match*.

Conforme combinaram, partiram todos para o planeta distante, chegando em poucos dias. Com as faces ocultadas pelas viseiras fumê, nem sequer foram importunados ao desembarcarem graças ao terrível clima que se abatera na região. Ao olhar para o céu, atestaram os informes que chegavam via rádio: sobre as grandes planícies voava a altiva W90.

— Lá vai ele. Vejam a perícia.

— Até agora, nada demais, líder.

— Cale-se, framboesa. Não é todo mundo que possui um ajuste de trajetória tão fino.

— Parece uma bailarina, isso sim! Você acha que um piloto de ponta fica balançando daquele jeito? Não lembra em nada um caçador.

— Diz isso por reconhecer a sua delicadeza no manche. Se não fosse isso, não teria tanta precisão. Esse cara parece formar um único corpo com a barca. A sintonia é perfeita.

— A nave é muito modificada. Talvez seja esse o segredo.

— Está com ciúmes de macho, Iskyie? — brincou Maru, posto de canto por seus superiores. — Sabe que ele pilota melhor que você.

— Não se meta, Maru! Mas você tem razão em algo: Ethan prefere dar mais atenção a um desconhecido do que para mim, que estou diariamente ao seu lado. Estava obcecado mesmo antes de vê-lo pilotar.

— E agora ainda mais. Ele é digno de andar conosco. Acabamos de encontrar o quarto elemento da Darkwave.

O piloto desconhecido era morador do planeta. Seu nome, um segredo para os visitantes, era guardado a sete chaves pelos locais, que já tratavam a figura como uma lenda. Por compreenderem o clima de tristeza que assolava a terra, a Darkwave julgou por bem iniciar as tratativas em outra ocasião. O herói muito provavelmente tinha um compromisso ao homenagear os colegas abatidos com seus belos rasantes.

***

Passaram-se os dias. Assim como ocorrera após todas as chacinas, em todas as partes e em todas as magnitudes, o tempo se encarregou de destinar as pobres almas ceifadas ao descanso eterno. Nos diálogos, vagas referências aos que se foram. No lugar da tragédia, retornavam os assuntos cotidianos — de fato, mortandades como aquela eram corriqueiras em mundos marginais. As populações já haviam criado uma grossa casca em torno de seus sentimentos e, a bem da verdade, a única ligação real entre eles era gerada pelo convívio, pois não passavam de desconhecidos unidos pelo acaso —. A vida precisava continuar.

Sem grandes propostas de emprego pela reorganização global, a Cosmic Curves programou alguns ajustes em sua grade de trabalho para não cair no ócio. Depois de meses de serviços contínuos, quase capazes de arrancar-lhes as almas, os quatro companheiros decidiram aproveitar a desaceleração geral para tirar uns dias de folga, bem longe das fazendas, asteroides e confusões em luas de entretenimento adulto. O passar das semanas só não pôde tirar da memória dos nativos o espetáculo desenrolado no tenebroso vésper, instigando a equipe, sobretudo a autora da proeza, a alçar voos mais altos: as famigeradas e ansiadas corridas aéreas. As consideráveis melhorias na instrumentação de Aeterna V mais a oportunidade de perfilarem a exótica espaçonave em uma praça externa para milhares de espectadores seduziam parte da equipe, eufórica com os convites direcionados ao "espectro de Umbra" ou, para os locais, à "bruxa da noite". Com dezenas de propostas em mãos, era questão de tempo até Orion ceder às investidas dos admiradores secretos.

— Agora chegou um do sistema Alpha Vulpeculae. Acho que não fica tão distante daqui. O que acha, Dina?

— Tudo o que o mestre mandar — respondeu Nadia, interessada pelo aceno. Por ela, teria aceitado todas as propostas anteriores, mas o

líder da equipe sempre fez questão de avaliar os destinos com cautela, reprovando-os todos. Dessa vez, não tinha considerações a fazer.

— Dina, você nunca me decepciona. Pelo menos alguém acata as minhas sugestões neste bando — Orion riu de orelha a orelha, segurando a mão da colega. Na contramão da alegria estavam Emma e Synthrex, indiferente e preocupado, respectivamente.

— Quando será o evento, Orion? — questionou o autom.

— Hoje, às vinte e cinco horas duo-umbrianas. Por quê?

— Ainda não terei retornado de 515 Umea e...

— Deixe sua namorada para outra hora, meu rapaz. Veja, cara... Precisamos de você para comandar a telemetria. Telemetria, saca?

— Afirmativo. M-mas...

— Pois bem! É a primeira corrida da Cosmic em um ano. Se ganharmos, você terá uma boa história para contar para sua donzela de metal. Desculpe-me, mas, dessa vez, você não irá para Umea.

A dupla de aborrecidos estava deveras distante para se entregar de corpo e alma à aventura. Synthrex não conseguia pensar em nada além de Ida, sua deusa inoxidável, e Emma comportava-se de maneira um tanto triste para o seu padrão, normalmente vibrante e feliz, apesar de estar envolvida diariamente em quentes discussões com Orion, que jamais cessavam. A mais entusiasmada, por mais incrível que pudesse parecer, era Nadia, uma autêntica resmungona.

— Afirmativo, Orion... Iremos até Alpha Vulpeculae, mas lembre-se que não posso mergulhar em algo sem estar absolutamente focado. Dina necessita de meus trabalhos. Irei por ela.

— Esse é o Synthrex que eu conheço! Bobo, mas não louco. E você, Emma? Desmanche já essa cara! Nem mesmo as viúvas dos presuntos estão chorosas desse jeito.

Um simples balançar vertical de cabeça indicou a sua posição. A participação no evento de logo mais era unânime.

Eventos de tamanha relevância demandavam cuidados especiais, desde a apresentação dos participantes até a devida divulgação. O recrutamento de torcedores e formação de caravanas seria realizado na taverna por Orion e Synthrex. Já o embelezamento das protagonistas humanas dependia da escassa água limpa do lavatório central, localizado em frente à famosa laguna salobra de tantos contaminantes. A represa era tida como a praia preferida dos rebeldes híbridos, que mergulhavam naquele esgoto sem padecer das moléstias acometedoras de humanos — não era incomum encontrar pedaços de corpos sintéticos e orgânicos boiando no hediondo espelho d'água —. Em vez de cumprirem com o combinado, os rapazes observavam o movimento debruçados sobre a mureta que limitava a laguna enquanto as colegas não saíam do banheiro público.

— Todo mundo está ali no lago, divertindo-se e brincando... Por que elas não fazem o mesmo?

— Porque são humanas, Orion. Podem ficar doentes ao mergulharem nessas águas poluídas. Não queremos isso.

— São frágeis, isso sim! Veja aquele grupinho de donzelas nadando. Coisa linda de se ver, não acha?

Synthrex mantinha o olhar vazio sobre as águas. Prestar atenção em algo à sua volta era um esforço hercúleo. A mureta sobre a qual repousavam era um sugestivo local para entrar em *stand-by,* sobretudo diante de conversas tão fúteis.

— Ei, Synthrex... Você já viu uma sintética daquele jeito?

— De que jeito? — suspirou, aborrecido.

— Como aquelas moças ali no lago, oras bolas! — como legítimas duo-umbrianas, as moças esbanjavam da liberdade ofertada por um mundo despudorado. — Você deveria se ligar mais nessas coisas.

Automs emulavam emoções orgânicas com perfeição. Caso Synthrex possuísse um rosto, provavelmente teria ficado ruborizado ao compreender a que Orion se referia.

— Não seja tonto, Synthrex! Agora que você está apaixonado, precisa botar um pouco de maldade nesse seu *chipset*, pois logo dará umas "escapadas" com ela. Diga-me a verdade: viu ou não?

— Bem... Digamos que sim — respondeu, tentando esconder o constrangimento ao se virar.

— Até que você não é tão idiota quanto parece, seu malandrão! E aí? Como elas são? Conte-me tudo.

— Onde quer chegar, Orion?

— Em lugar algum! É só uma dúvida minha... Sintéticas emulam humanos apenas na aparência ou também nas funcionalidades?

— Acho melhor parar com...

— Terminamos! — gritaram ao longe, interrompendo a prosa. Não seria daquela vez que o inconveniente Qo-hos mataria a sua bisbilhotice acerca de garotas não-orgânicas.

Superados os últimos pormenores, incluindo a adiada divulgação, partiram para a exibição aérea. O caminho até Alpha Vulpeculae não era tão curto quanto o líder estimava, consumindo algumas longas horas.

No vácuo, as quatro naves viajavam enfileiradas, acompanhadas por algumas centenas de espectadores que faziam questão de assistir o primeiro embate de um duo-umbriano após o desastre. Ao atingirem uma determinada zona de aceleração, lembraram-se da condição financeira desconfortável e desligaram os motores para poupar combustível, deixando-se levar pelo impulso gerado pela influência gravitacional dos corpos celestes. O silêncio das casas de máquinas indicava o momento ideal para os pilotos se acomodarem em seus leitos e conversarem, em particular, através dos rádios comunicadores.

— Ei, vocês todos... — iniciou o chefe da equipe. — O que estão sentindo neste exato momento?

— Empolgação.

— Sono.

— Saudade.

— Saudade, Synthrex? De quê?

— Ida.

— Você fala com ela todo dia! Só não foi hoje por conta da viagem, senão teria ido também. Já estou me aborrecendo com isso.

— Vejo, mas não a toco. Ela está em uma longínqua estação de serviço da Federação e eu aqui, vagando por mundos marginais. Você não sabe o que é amar e não poder chegar perto, Orion.

— Era só o que me faltava... um robô apaixonado querendo me ensinar o que é o amor! Por sorte não estou perto de você, senão te encheria de tapas. Você não está assim pelo mesmo motivo, não é mesmo, Emma? Sei que isso aí não é sono coisa nenhuma.

— Não é isso. Apenas me lembrei de Beta Altaya por conta do massacre. De todos trabalhando honestamente, felizes em torno das estufas e comemorando as colheitas... A colônia prosperaria se não fosse a interferência externa. Hoje, não passamos de escória.

— Não adianta ficar assim, Emminha. Não é você mesma quem diz que temos de construir um novo futuro, pois o passado já não nos pertence? Veja o que ocorreu com a Dina: caiu de paraquedas em Umbra II-C, virou celebridade e já nem fala mais no tal "planeta secreto" dela. Já deve até ter assumido que a mãe dela não voltará.

"Perdoe-me" foi a última resposta antes que os transmissores fossem desligados em definitivo. Nadia tentava esconder, mas aquela cicatriz não se fechava. Pelo contrário: parecia abrir-se cada vez mais. Em

uma espécie de loucura ou desconexão com a realidade, dividia sua vida entre a comédia diurna, cheia de brincadeiras e vivacidade, e o drama surgido quando ela se trancava em Aeterna V com os próprios sentimentos, onde a única companheira era a voz de sua cabeça, com quem mantinha uma relação de amor e ódio. As interações com outros indivíduos até lhe serviam de muletas emocionais, apesar de não preencherem sua carência maior, manifestada sempre que se encontrava com o verdadeiro eu, oculto por uma personagem de fachada não condizente com a Nadia Aran real. Todas as noites, ao se deitar sobre o chão gelado da W90, lembrava-se de Samus. Perdia as contas de quantas vezes havia passado em claro e, nas vezes em que pegava no sono, só conseguia dormir após se desfazer em lágrimas por longos períodos. Sozinha em seu confinamento, deitada em posição fetal no relento das emoções e assistida apenas pelos ruídos eletrônicos da nave, ela ruía por dentro, porém, teria de fingir um ilusório otimismo assim que os motores fossem religados.

***

Sistema Alpha Vulpeculae, planeta Vulpecula h-S42. Uma intensa tempestade eletromagnética tingia o zênite com belíssimas auroras austrais. No solo, naves de diversas origens aguardavam pela abertura do evento. Soldados federados compareceram e não pareciam se importar com os visitantes indigestos. Pelo contrário: divertiam-se com a ralé e ansiavam pelas atuações, assim como eles.

Antes desconhecida, a Cosmic Curves passava a provocar comentários por onde passava. Caso a surpreendente garota fizesse um bom papel na corrida, espalharia ainda mais a boa fama da equipe pelos quatro cantos da galáxia após a consumação da lenda, que muitos criam ser apenas uma forma de minimizar a dor pelas mãos de um redentor imaginário surgido para consolar os sofridos.

A escolhida para voar passou pela inspeção dos comissários. Aeterna V estava tinindo desde Umbra II-C, dispensando qualquer ajuste adicional. Tudo funcionava de acordo, bastando apenas aguardar o momento da chamada para o alinhamento.

Longe da vistoria, um burburinho seguido por uma voraz movimentação anunciou o desembarcar dos populares ases da Darkwave. Cercados pela multidão, agora indiferente aos demais pilotos, acenavam para os fãs e caminhavam com dificuldade. Cumprir o objetivo deles não seria tarefa fácil devido ao peso da fama construída.

— É uma honra tê-los aqui conosco! Vieram participar?

— Não, comissário Miehrs. Viemos apenas assistir os talentos da região. Veremos se sai algo útil daqui.

— Sem dúvida sairá, Ethan. Modéstia à parte, conseguimos reunir grandes nomes da aviação clandestina. Até os federados vieram assistir.

— Eu sei, meus pais me contaram — de tudo o que lhe fora anunciado, apenas um ponto o atraía.

Os alto-falantes informavam o aproximar da largada. Catorze competidores foram indicados como aptos a participar após a inspeção. Aeterna V, apesar da desconfiança criada em torno de sua idade avançada, fora eleita graças à corrente fama adquirida e pelo fato de uma eventual interdição poder gerar uma revolta da plebe. Era da vontade de todos que aquela nave de 2070 C.C. pudesse mostrar todo o seu potencial, revelando, assim, os seus segredos mais íntimos.

Motores ligados. As razoavelmente modernas naves chiavam como um enxame de vespas agressivas. A mais exótica entre elas emitia, além dos ruídos, sua densa nuvem de vapor. Aquilo despertava ainda mais a curiosidade dos espectadores de outras regiões.

— O senhor é o mecânico da Cosmic Curves? — indagou um dos fiscais, desconfiado pela peculiaridade.

— Sou o líder, na verdade.

— O que o líder da equipe está fazendo aqui fora? Não deveria estar pilotando? Quem está lá dentro?

— Nossa equipe é tão boa que podemos escolher qualquer nave ou piloto que ainda venceremos. Estou dando a oportunidade a outro competidor desta vez — respondeu, dando a entender ser ele o piloto do dia da grande exibição. Quem conhecia a verdade ria da canalhice.

— Muito bem, "grande líder". O que há de errado com a sua nave?

— De errado? Nada. Funciona perfeitamente.

— Emitindo aquela quantidade de gases ainda no solo?

— Ela é nuclear — intrometeu-se Synthrex, que afinava as frequências de rádio para manter uma limpa comunicação durante a corrida.

— Vocês trouxeram uma nave nuclear para uma competição!? — exclamou o vistoriador, possesso e perplexo.

— Bem... É só um pouquinho nuclear... De resto, é elétrica — respondeu Orion, desconcertado. Se Synthrex não estivesse ocupado com uma questão tão importante, ouviria uma série de desaforos.

— Só deixarei aquela coisa voar porque todos aqui querem saber o que ela tem de especial, apesar de eu já suspeitar. O senhor é um grande irresponsável! — concluiu o comissário antes de se retirar.

Era chegado o momento. Os grandes nomes daquela edição estavam prontos para o desafio de resistência. A batalha, que consistia em repetir um extenso circuito delimitado por balizas luminosas e formações naturais, duraria até o raiar da estrela-mãe. A audiência se entretinha na terra com um espetáculo sonoro e outras diversões típicas enquanto seus narizes apontavam para o céu. Os bólidos já estavam em seu habitat — os ares — e somente os mais aptos resistiriam às condições adversas. Faltavam poucos passos para a glória.

27. FANTASMAS

O tempo avançava com letargia, angustiando os agitados pilotos, equipes e audientes. As primeiras voltas mostravam um confuso fuzuê visual, dada a diminuta distância entre os onze competidores — três naves não conseguiram deixar o solo —, sendo que nem mesmo as super lentes eram capazes de distingui-las. O rastro de luz lembrava um cometa ao espalhar sua grandiosa coma nas curvas para depois se condensar em um único pingo. Complementando o alto contraste entre o breu noturno e os pontos luminosos, a insinuante e colorida aurora fornecia aos presentes, fazedores de uma bela festa, um visual único.

Voltas e mais voltas eram devoradas. Com o dispersar gradual das naves, as super lentes captavam com qualidade cada um dos competidores, pois, na velocidade praticada, era virtualmente impossível identificar quem era quem, com exceção da mais peculiar entre elas. A fumaça já não a perseguia, ao contrário de seu reflexo violeta, tão propagandeado antes do evento. "Bruxa da noite!", "bruxa da noite!", gritavam os apoiadores duo-umbrianos e os simpatizantes angariados em Vulpecula.

O panorama aéreo era interessante. Na ponta, três naves despontavam como francas favoritas pelo ritmo alucinante que imprimiam perante os concorrentes. Seguindo-os, um pelejado pelotão com seis naves que disputavam cada metro disponível a ponto de, por vezes, rasparem uns nos outros. Atrás seguiam os figurantes, aguardando um milagre para terem melhor sorte. Aeterna V seguia no pelotão central, envolvida em um duelo ferrenho contra uma Mini Delta vinte anos mais nova.

— E aí, Synthrex, como vai a nossa menina? — questionou Orion, ansioso como sempre.

— Tudo nos conformes. Dina diz que tudo opera com perfeição.

— E o desempenho dela? O que pôde ler?

— Está muito acima do esperado, para ser sincero. As linhas desenroladas por Aeterna V não condizem com as minhas simulações geradas em Umbra II-C e isso é muito estranho.

— Calculou errado, não é, robô?

— Negativo. Há uma diferenciação na dinâmica da nave e isso é perceptível a olho nu. Ela está mais equilibrada que antes. Esqueceu-se das dificuldades nas curvas?

— E o dínamo que ela instalou, Synth? Não está ajudando?

— É insuficiente, Emma. Não posso explicar.

Os reatores empurravam a W90 com eficiência. Uma a uma, as naves do grupo intermediário ficavam para trás e o pódio se aproximava. Os olhos da única competidora mulher corriam pelos instrumentos. Tão quente quanto o sangue que fervia em suas veias pela adrenalina estava o habitáculo da companheira de metal, extraindo da aviadora as primeiras gotas de suor. A pressão psicológica colaborava para tal.

Os fiéis companheiros seguiam entretidos, cada um à sua maneira. Emma, encantada com os traçados luminosos de cores distintas, desconectou-se da realidade e entrou em um estado de transe. Orion, agoniado com a impossibilidade de ajudar — desejava derrubar cada um dos dez concorrentes, se possível fosse —, caminhava em círculos e questionava o autom a cada cinco minutos sobre os prognósticos. Já Synthrex, o único realmente concentrado, mantinha a comunicação via rádio e tentava extrair o máximo de informação para bolar novas estratégias e descobrir o segredo de tamanho equilíbrio nas manobras.

— Relatório atualizado, Dina.

— Tudo na mesma, Synth. Tem um cara que não me larga por nada, fica me tocando toda hora. Aqui está um calor infernal e isso está tirando toda a minha atenção.

— Não tenha medo do contato. Seu veículo possui mais resistência mecânica que todas as concorrentes. Você rasgará a Mini Delta como uma folha de papel se ela insistir. Informar temperatura de trabalho.

— Deixe-me ver... Oitocentos e cinquenta graus.

— Temperatura pouco abaixo do limite, Dina. Você precisará dosar a energia se não quiser superaquecer.

— E o duelo com essa maldição que me persegue?

— Você terá a melhor solução. Seguirei acompanhando.

A exótica nave paquerava com o limite da segurança. Os equipamentos mais modernos faziam curvas conservadoras, mantendo sempre uma distância confortável dos rochedos. Já Nadia chegava a raspar nos paredões, liberando uma chuva de fagulhas pelo atrito. Apesar de todo o esforço, Aeterna V dava sinais de que não conseguiria ir muito além da quinta ou quarta colocação sem se expor ao risco de falha mecânica por uso abusivo. Mesmo monitorando os termômetros a cada trinta segundos, as amysias cultivadas no painel começaram a mudar de cor. "Que estranho", pensava a aviadora atenta a tudo à sua volta, menos em relação à radiação proveniente dos reatores que invadia o habitáculo e tornava encharcada de suor a sua rubra franja. A W90, assim como Nadia e as amysias, precisava respirar: na forma de um incômodo ruído agudo, o equipamento pediu socorro.

— Superaquecimento... Droga! Droga! Droga! — gritou no hediondo *cockpit*. O ajudante previu a adversidade com antecedência.

"Péssima hora para o desgraçado investir", sussurrou ao ver pelo radar o bravo concorrente se aproximar. Perder a posição para alguém que tentava atirá-la contra as balizas a cada curva não era uma possibilidade. Por sorte Synthrex havia a alertado sobre a robustez superior de sua nave: talvez a agora obsoleta forma de fazer curvas ensinada por Orion tivesse outra conotação. Um bom momento para descobrir se o oponente desejava ser feliz ou ter razão.

Acionando os inversores de modo a reduzir a velocidade e, por consequência, a temperatura dos reatores, permitiu que o rival a acompanhasse. Como já esperava, o concorrente colocou-se acima dela e a pressionou em direção ao solo pantanoso. A fuselagem inferior da ousada nave era vista pelo visor transparente de Aeterna V. Alegre como uma criança, Nadia ria ao admirar as chapas rebitadas de alumínio: Synthrex tinha razão ao dizer que o ardiloso adversário seria rasgado se insistisse em manobras sujas contra ela. A agressão não ficaria barata.

As duas naves voaram coladas por umas poucas léguas. O público, agitado com o duelo mais quente da noite, conjecturava sobre quem levaria a pior. Tudo seguiu igual até o grande arco de pedra.

Em um movimento rápido, Nadia girou seu veículo. "Ela está voando de ponta-cabeça!", extasiou-se a multidão. Aumentar a superfície plana de contato com o oponente dar-lhe-ia o lastro necessário para jogá-lo para cima sem comprometer as quinas vivas do casco da W90. A diferença entre peso e potência entre os bólidos era colossal: se a Mini Delta não reduzisse a velocidade, seria atirada contra o pilar. Sabendo ser impossível vencê-la na força bruta, o valente adversário reduziu o ímpeto e deixou a nave violeta assegurar o quarto lugar. Orion ficou orgulhoso da aluna, afinal, até suas melhores falcatruas ela havia aprendido.

Todavia, a casa de máquinas não resistiria à absurda intensidade se o ritmo insano fosse mantido. A elevada temperatura ambiente não favorecia o resfriamento ortodoxo, portanto, era necessário ser inventiva. Como solução improvisada, teve a brilhante ideia de desligar os motores durante as curvas de baixa velocidade, deixando a nave planar em silêncio por breves instantes. A insólita ação gerava uma peculiar combinação audiovisual: o brilho intenso da fuselagem desaparecia, transformando Aeterna V em um vulto negro, e os ruídos eram reduzidos a um zunido fantasmagórico causado pelo vento cortado pelas imponentes asas. Metros adiante ressurgia a altiva máquina, como se enfeitiçasse os olhos de quem a assistia, tal qual uma bruxa que agia nas sombras.

O panorama seguiu idêntico até o fim do evento, o que culminou em uma ótima quarta colocação. Logo após o pouso autorizado os três membros da Cosmic Curves que permaneceram no solo correram, em festa, até a desgastada W90. A velha nave provou ser real e incomodou os gigantes além do esperado. A tristeza demonstrada por Emma nas vésperas da corrida dissipou-se de tal forma que Nadia parecia ter vencido a batalha. Orion demonstrava o mesmo sentimento e a exaltava por usar a manobra ensinada por ele para defender seu território. "Espaço aéreo é sagrado e inviolável", dizia, rindo com a conquista do pódio. Após a breve comemoração inicial, Synthrex partiu discretamente para o veículo escaldante, onde tiraria as suas próprias conclusões.

O autom explorava, com cuidado, o interior da nave. Reparava as amysias murchas, o intenso calor e um leve cheiro de queimado no *cockpit*. Sua perspicácia apontava: não era tão segura quanto parecia.

— Ela retirou quase toda a blindagem de chumbo... — concluiu, preocupado. Ao voltarem para casa, seria a sua vez de dar um longo sermão pela irresponsabilidade.

Longe dos relatórios de bordo e das preocupações acerca de quanto valeria a pena se expor para participar de uma competição fútil, os cinco ases subiam ao pódio e recebiam o carinho do público. O vencedor foi um famoso piloto federado possuidor de livre acesso a equipamentos de primeira linha. Os dois seguintes vinham do sistema estelar Maya Unum, local conhecido pelos intrépidos aviadores, e o quinto colocado, o dono da perigosa Mini Delta, era outro rebelde estreante, saído dos confins do Aglomerado Theia. Nenhum deles atraía tanta atenção quanto a posicionada no penúltimo degrau, tanto pela audácia quanto pela beleza. Felizes estariam as rodas de conversa de Umbra II-C no dia seguinte, abastecidas com tantos grandes momentos registrados.

Passadas as burocracias da premiação, os cósmicos preparavam-se para tomar o rumo de casa quando foram interceptados pelos rebeldes mais famosos a pisarem ali desde cedo. Em vez de cumprimentarem os

três melhores do evento, partiram em direção a mais pobre entre os competidores. O assunto era particular.

— Vocês aí... Um momento.

Orion engoliu a língua. Sua cara cinzenta tornou-se branca na hora. Se pudesse escolher, optaria por ouvir a explosão de dez usinas nucleares em cada um de seus ouvidos a escutar a voz que os chamava.

— Isso mesmo. Venham cá! E quanto tempo, Orion. Sentiu saudades de seu "velho amigo"?

O ego do Qo-hos foi ferido como se tivesse sido trespassado por uma adaga. O deboche temperado com boa dose de arrogância o colocava novamente em condição de refém, assim como da última vez em que se encontraram. Quase sempre indomável, dessa vez o líder amansou tal qual um cachorrinho de madame diante da figura. A frouxa atitude surpreendeu os amigos, incrédulos com a improvável submissão.

— Não tenho interesse nos coadjuvantes, e sim, na pilota que esteve em ação. A Darkwave exige sua filiação imediata.

— Escute aqui, rapaz... Não é bem assim que as coisas funcionam! — esbravejou Emma, a primeira a proteger a integridade da equipe.

— Bastante inconsequente para uma altaica, senhorita. Não se meta! — provocou Iskyie, sua conterrânea.

— Vou meter a mão na sua cara, isso sim! Isso aqui não é bagunça! — retrucou. O clima tornou-se mais quente que o interior de Aeterna V.

Synthrex e Maru se encaravam, ressabiados. Sem possuírem vocações para briga, mantinham a postura neutra diante das quase agressões que ali ocorriam. Por vir das dúvidas, julgaram prudente manter certa distância para não arriscarem ser agredidos por engano.

— Repetirei: a Darkwave exige a sua filiação imediata, jovem — Nadia o observava de cima a baixo, com desprezo, mas não o respondeu.

— Você não vai deixá-la ir embora, Orion! Não vai! — os solicitantes se calaram ao ver o escarcéu dos periféricos.

— Ela precisa ir, Emma. Não há escolha, não há barganha, não há remédio — voltando-se para a assediada, fez um apelo para ela aceitar o convite de Ethan, mesmo contra a sua vontade.

— Como não há barganha? Ficou louco? Nossa amizade não cobre o que esses fulanos estão oferecendo?

— Isso vai além de amizade... é algo que você não entenderia. Eles possuem muito mais recursos que nós. Veja! Conseguem os melhores empregos, melhores máquinas e possuem *status* infinito. Somos pobres diabos que reviram latas de lixo para sobreviver.

— Idiota! Desgraçado! Eu te odeio! Não dê ouvidos a ele, Dina! A Cosmic é maior que qualquer coisa.

— Fique calma, Emma, por Deus! — tranquilizou-a a amiga, minimizando tudo o que ocorria por sua causa. — Eu nem sei quem são esses aí e nem tenho esse desejo. Vamos embora, a corrida já terminou e estou com sono. Preciso dormir.

O sonho de muitos rebeldes era ingressar em bandos de alto nível como a Darkwave. Nadia, contrariando qualquer previsão, rejeitava por completo a convocação. Ethan permanecia incrédulo diante da desfeita. Ele observava os quatro partirem após sentir que seus pedidos — ou imposições — soaram tão inteligíveis quanto os latidos de um cão.

Os sagazes olhos de Iskyie emitiam um maligno olhar em direção ao seu líder, completamente arriado diante da postura irredutível e desafiadora da dama que acabou de se retirar junto aos seus. A admiração pela pilotagem graciosa e, contraditoriamente, agressiva não era a única razão para o fascínio de Ethan: as curvas cósmicas da duo-umbriana o impressionaram muito mais. Essa obsessão fez com que a altaica se sentisse traída por deixar de ser o centro das atenções de seu amante, mesmo diante da negativa daquela rebelde.

***

Intensos ruídos de máquinas ressoavam ao longo de toda a faixa habitável. Os responsáveis pela algazarra metálica, os grandes compactadores de lixo, esmagavam as enormes pilhas de rejeitos sólidos que insistiam em crescer naquele lugar. Umbra II-C começava a dar sinais de saturação e, mais cedo ou mais tarde, seria condenado ao ostracismo assim como seu irmão binário Umbra II-B. Naves rebocadoras da Federação manobravam com o auxílio de uns contratados locais, incluindo os quatro vencedores morais, não tão contentes como deveriam.

Fachos de luzes indicavam, ou deveriam indicar, a posição dos encaixes das naves sucateadas para acoplamento. Enquanto o mover confuso dos braços irritava de propósito os manobristas, assuntos mal resolvidos despontavam em um momento inoportuno. Devido à euforia da boa colocação conquistada em Vulpecula, Synthrex postergou a conversa sobre a segurança de Aeterna V para um momento de arrefecimento de ânimos, mas aquilo o incomodava tanto que não podia esperar mais.

— Por que não me conta os segredos de Aeterna V, Dina?

— Ora, Synth... Não há segredo nenhum na barca, você sabe muito bem disso — enxugando o suor, evadiu-se uma vez mais.

— Por que arrisca a saúde desta forma? Descobri as modificações na blindagem. Aeterna V quase não possui isolamento contra o tenesso.

Nadia parou por um instante.

— Você andou bisbilhotando a minha barca enquanto estive fora?

— Dina, quero o seu bem, assim como todos aqui. Radiação ionizante pode ser letal para humanos, a depender da dose.

— Uma vírgula! Orion queria me deportar para aquele bando nojento, mas fica frio. Já passei por situações piores e estou aqui, vivinha.

O esforço de convencê-la era inútil, pois seu perfil teimoso era característico e hereditário, impossível de ser mudado. Bastou o leve ventilar da cena de deportação para reacender a chama da revolta na amiga altaica, responsável por atormentar o líder da equipe por uma noite inteira via rádio e *singletext*[64].

— Cara, ainda não me esqueci da cena em Vulpecula-h S42. Você só faltou ficar de quatro na frente daqueles imundos. Não se envergonha?

— De novo essa história? Esqueça! — incomodou-se o Qo-hos.

— Até a Dina, com todo esse tamanho que ela tem, botou mais moral que você. E isso porque o senhor se autointitulou o "grande líder da Cosmic Curves" na frente dos fiscais. Você só é grande com os de casa. Você não é líder coisa alguma! É um covarde.

— Quer saber? Estou de saco cheio disso aqui! Deem seus pulos para ajudarem os ratos a manobrar. Estou fora! — atirando as lanternas sinalizadoras no chão de areia, abandonou-os.

Sozinho nas zonas de descarte, estaria protegido das críticas advindas de sua suposta covardia. As provocações de Emma o tiravam do sério embora tivessem um fundo de verdade, e apenas o isolamento podia evitar uma briga de maiores proporções.

— Ei! Orion! — gritou Nadia ao descer as escarpas. Mesmo sabendo que sua paz havia terminado, ele não a expulsou. — O que foi? Vamos, temos muito trabalho a fazer.

— Não quero. Vocês darão conta sozinhos. Deixe-me aqui.

— Qual é? Emma só fez uma brincadeira porque foi engraçado. Eu é quem deveria estar brava com você por ter me mandado embora.

— Você precisa ir com eles. Pessoas podem se machucar.

---

[64] Alerta simples em formato de texto enviado entre espaçonaves.

A entonação mudou. Não era uma voz imperativa nem intimidadora, e sim um apelo de quem acreditava aconselhar o melhor para alguém querido. Seus olhos mostravam tristeza por sugeri-lo, mas uma força maior o condicionava. Nadia não o compreendia.

— Eu tenho o direito de saber por que você me quer longe.

— Te quero longe por te querer viva. O ciclo não pode se repetir.

— Confie nessa filha de ex-federada assim como confiei em você ao me juntar à equipe há alguns meses. Ande logo.

— Dina... Há algum tempo, mesmo antes de eu conhecer Synthrex e Emma, tive um amigo, um irmão. Bratya era talentoso no manche, assim como você. Certo dia, estávamos fazendo uns trabalhos em Umbra II-B até que aquele desgraçado o convidou para fazer parte de sua equipe. Bratya recusou, claro, pois jamais me abandonaria. O verme não aceitou a desculpa e o convidou para um *death match* pela afronta. Bratya não está mais entre nós — após uma breve pausa para retomar o fôlego, seguiu —. Por isso eu te peço, Nadia: aceite o convite. Não posso perder mais ninguém pela mesma razão.

— Bem... Eles estão no topo da montanha Caraxin, todos os dias vêm até aqui aborrecer e me espionar. Quero que você viva sem culpa, sem peso por atitudes passadas. Falarei com eles.

— Apenas peço que não se despeça quando partir.

— Não se preocupe — tocando-lhe o ombro, levantou-se e sumiu até o pico da tarde. Orion permaneceu ali, isolado em seu mundo particular, mais uma vez vítima de uma catástrofe pessoal, porém, dessa vez, aquela boa alma estaria salva.

Os trabalhos de manobra terminaram com sucesso, mesmo com dois ajudantes a menos. As grandes rebocadoras deixaram o planeta, largando dezenas de toneladas de lixo a serem compactadas. Os ajudantes haviam retornado para as zonas de pouso e lá permaneciam, inertes pelo

ócio. Na Cosmic Curves, apenas o estranhamento pelo desaparecimento de Nadia e o abatimento colossal de Orion.

Até que a humana retornou.

Com o semblante fechado, juntou-se novamente aos amigos, questionadores pelo sumiço repentino. Somente o líder evitava fitar-lhe a cara, tamanha a tristeza.

— Onde a senhorita estava? Synth e eu tivemos que nos matar sozinhos para manobrar aquelas coisas.

— Segui a sugestão de Orion e fui falar com a Darkwave.

— O quê?

— Isso mesmo, Emma. Está tudo resolvido agora.

— Orion, seu desgraçado! Eu nunca vou te perdoar por isso, covarde maldito! Eu te odeio!

— Emma… Emma… deixe-o. Orion fez o certo… E eu também.

— Você não pode ir. Não pode e não vai!

— Quem te disse que eu vou?

— Você foi falar com eles e eles vieram te buscar!

— Veja só… Há um entrave entre a Cosmic Curves e a Darkwave que precisa ser resolvido quanto antes. Eu não posso fazer pessoas queridas sofrerem e nem quero. A solução definitiva virá em um *death match*.

A agonia aumentou. Synthrex, o único sereno no ambiente, entrou em *stand-by* mesmo sem ter sono. Emma a abraçou, implorando para ela dizer que tudo aquilo não passava de um mal-entendido, piada de mau gosto ou uma mentira. Orion, por sua vez, congelou: lágrimas escorriam de seu rosto sem o menor esforço. Era a consumação de mais uma tragédia iminente, pois sua parceira não teria a menor chance contra um oponente qualificado como Ethan, por melhor que ela fosse.

— Primeiro desafiei a vagabunda que te ofendeu, Emma. Ouvi da boca do maldito que ela não tinha competência para me enfrentar... e acredito que não tenha mesmo. Por fim, ele aceitou o meu desafio por eu ser tão desbocada, já que eles jamais deixariam passar batido. Será daqui a três dias em FS-175 K-2L. Todos os duo-umbrianos estão convidados.

— V-você não poderia ter feito isso, maldita. Não foi o que combinamos — respondeu Orion, tremendo de raiva.

— Pense pelo lado bom. Se eu ganhar, teremos três barcas novas para desmanchar e coletar equipamentos, fora que nunca mais eles nos perturbarão. Se eu tombar, vocês terão de trabalhar um pouco mais para conseguirem barcas novas, mas vencerei sim. Não se preocupem.

Com isso, fechou o discurso, de cara lavada. Os amigos, estarrecidos com a atitude, paralisaram diante de tamanha serenidade após um acordo que poderia selar a sua morte. Despedindo-se deles, partiu em direção à taverna, onde contaria a novidade que viraria de ponta-cabeça a Zona de Descarga, todavia, fora interceptada por Orion no meio do caminho, sendo puxada por ele pelo braço, com violência.

— Você não poderia ter feito isso comigo. Você me traiu!

— Veja bem, grandão... Digamos que exista na minha família uma certa propensão vingativa hereditária. Eu não dormiria ao saber que você sofreria por minha causa e pelo amigo que teve a vida roubada pelas mãos daquele lixo. Você sabe que não conseguirá me convencer do contrário. É mais que uma rixa pessoal sua e dele, e sim uma questão entre equipes, entre sociedades, entre planos espirituais. Isso acabará em breve.

— M-m-m-mas...

— Se não por você, por Bratya, então. Preciso dar a ele a oportunidade de desafiar Ethan em uma revanche, dessa vez do outro lado da existência. Comigo a Cosmic vencerá.

28. DE VOLTA À COLINA PRATEADA

Quem diria... Longos meses depois, finalmente voltarei para casa. A essa hora, o gelo da superfície deve ter derretido com o fim do inverno. O problema é que sinto como se a geada tivesse migrado para a minha espinha. Se me arrependo de ter desafiado aquele porco? De forma alguma. Ao conversar com Orion nos compactadores, vi o vazio em sua alma ao falar sobre o amigo ceifado pelo maldito. É um vazio semelhante ao que carrego no meu peito desde o dia em que fui expulsa de K-2L e talvez seja essa a razão de eu aceitar tamanha loucura.

Daqui posso ver as movimentações na área de estacionamento: Orion e Synthrex estão fazendo um bom trabalho ao angariar recursos para as melhorias de Aeterna V, que sucumbiria se eu entrasse na guerra dessa forma. Desde o evento em Alpha Vulpeculae, não consigo dormir direito. Meu sono anda agitado, tenho sonhos lúcidos. Alguns são engraçados. Outros, aterrorizantes. Pior é o pesadelo real que se aproxima. Ele pode muito bem ser o último.

Em K-2L, terra que devorou os cadáveres de Rodney e Virginia, terei a oportunidade de mostrar se sou digna de algo maior ou se sou apenas mais uma experiência falha. É a minha última cartada. Até breve, Samus...

***

O otimismo na Zona de Descarga não era unânime. Conhecendo quem estava do outro lado, muitos duo-umbrianos questionavam se Nadia teria mesmo a capacidade de vencer o confronto mortal, pois Ethan era de fato mais experiente que ela e contava com uma Super E de terceira geração. Contra ele, uma nave de mais de três décadas que possuía nem sequer sistemas de abate integrados, equipamentos estes mendigados — e conseguidos por empréstimo — com equipes

parceiras. Entretanto, *death matches* eram situações imprevisíveis onde muitas vezes os menos capacitados conseguiam vitórias por intervenção quase que divina. Esperavam ser este o caso.

A organização do evento seguia sem pausa. Com a boa relação mantida por Synthrex com a maioria dos locais, não houve dificuldade em formar uma imensa carreata que invadiria o planeta desértico a fim de apoiar a filha adotiva. Rebeldes de equipes parceiras replicavam o convite através de seus rádios, angariando alguns milhares de apoiadores em pouco tempo. Até mesmo os grupos rivais faziam a sua parte ao divulgarem a epopeia — um bom momento para deixarem as diferenças locais de lado e se unirem por um bem comum —. Os equipamentos complementares eram negociados diretamente por Emma, possessa pela negativa de Keunn em ceder miras de alta precisão por achar que Nadia perderia o combate e o deixaria órfão dos apetrechos caros, fazendo reverberar pelo ar seco os berros da altaica: o mecânico conquistava ali a antipatia das equipes coligadas, que se estenderia por semanas pela desfeita. Já Orion, bem... Este colaborava na instalação dos equipamentos cedidos, mas permanecia enclausurado em seu mundo sombrio.

— Ainda há tempo de desistir, Dina.

— Não há, líder. Eu que o desafiei, todos sabemos disso. Não posso desfazer este nó... e nem quero.

— Não vejo problema em me humilhar e tirar você dessa loucura. Deixe que eu o enfrente em seu lugar. É um problema entre mim e ele.

O manusear dos parafusos seguia o ritmo das palavras trocadas: no começo, fáceis de serem colocadas. Quanto mais se encaixavam nos pontos corretos, mais sofrimento causavam. O desconforto de ambos acompanhava o torcer das chapas de metal até que a chave de fenda longa segurada pela humana foi fincada na areia. O rápido e voraz movimento despertou a atenção de Orion, que levantou a cabeça e se assustou ao constatar a cara de desaprovação da parceira.

— Não é a Nadia quem estará lá. É a Cosmic Curves. Aqui, um não esconde nada do outro, um não resolve nada sem o outro. Foi assim na lua vermelha e assim será na esfera congelada.

— Sabia que alguém usaria isso contra mim algum dia...

Enquanto Orion expunha a voz triste, Nadia mantinha o olhar distante, não notando nada do que acontecia além do círculo delimitador da vaga da W90. Ela sentia o antigo lar atrair o seu coração como uma filha que ouvia os clamores de sua mãe. Talvez a cena estivesse realmente ocorrendo em algum ponto da galáxia.

— Sabe... A escolha de K-2L não foi à toa.

— Algo que eu deva saber?

— Sim, assim que chegarmos lá. Faremos um treino livre na praça do evento quando terminarmos de instalar essas coisas. Está na hora de vocês conhecerem um pouco mais sobre mim.

E assim o fizeram. A viagem até K-2L não era longa, porém, demandava uma rota alternativa por onde poucos vagavam. Chegando na região do lago dos cubos, o seu quintal, Nadia observou que o inverno ainda não havia terminado como imaginava, apesar de a calota de gelo ter recuado. Os amigos, temerosos com a atmosfera, somente se sentiram seguros ao verem a humana retirar o capacete esfumado pelo ar frio.

— Boa escolha, Dina — avaliou o sintético com a face repleta de cristais de gelo —. As baixas temperaturas vão ajudar a resfriar os reatores, embora eu tenha certeza de que as aberturas extras no compartimento dos motores darão conta de refrigerá-los.

— Não foi por isso que viemos, Synth. Este lugar tem muito mais segredos do que vocês imaginam.

— O que há de tão especial nesse planeta sem graça, hein? — manifestou-se a altaica, visivelmente incomodada por estar longe dos climas escaldantes. — Aqui só tem gelo e ruínas!

— Preciso que me acompanhem até um lugar em especial. Carreguem as armas, pois o caminho pode ser difícil. Tudo ficará mais claro quando chegarmos lá. Apenas me sigam.

A caminhada no interior da Colina Prateada era segura, ao contrário do que pareceu para a frágil menina durante a primeira incursão. As espécies animais que habitavam o interior da caverna e outrora lhe causaram grandes transtornos permaneciam ocultas em buracos, temendo um predador de grandes dimensões por conta da pesada marcha das botas. Os três visitantes observavam, encantados, as formações rochosas e biológicas que coloriam as galerias: como era agradável o espaço natural. Rico e belo, o mundo interno às pedras parecia ser um universo paralelo quando comparado à superfície, morta e triste.

A cada galeria superada, Nadia lhes contava sobre o que fora um dia aquela instalação. Mostrava as esteiras travadas, as portas automáticas, os fragmentos de minérios extraídos e a arcaica tecnologia alienígena dos cristais luminosos. A estranha montanha era uma gigantesca cápsula do tempo, cheia de enigmas. E assim, seguiram até a diminuta saleta de pedra localizada na parte mais baixa da montanha. Parecia um bom lugar para conversarem enquanto descansavam.

— Muito legal, muito bacana, mas ainda não entendi a razão de nos trazer aqui. Deveríamos estar ajeitando a barca para o confronto.

— Logo o faremos, menina. Não revelei isso até hoje, mas... Esta é a minha casa, o meu refúgio.

— K-2L? Por que não nos contou antes? — indagaram, em grupo.

— Tive medo. Hoje não tenho mais razões para isso.

— Certo, certo. Quando vai nos levar nas cidades?

— Não há cidades aqui, Emma. O planeta está abandonado por completo, de polo a polo. Só tem a gente aqui. Mais ninguém.

— Como? Este lugar está abandonado há décadas ou séculos!

— Justamente. Era um lugar só meu e de minha mãe, onde jamais alguém ousaria nos procurar. Ninguém poderia saber da nossa casa.

Os três se entreolharam, confusos. Quanto mais ela explicava, mais complicado lhes parecia. Primeiro: por que um planeta razoavelmente bem localizado fora abandonado daquela forma? Segundo: o que ocorrera de tão grave para uma ex-federada viver em um planeta inóspito? Terceiro: quem era essa ex-federada de nome oculto? Em meio a tantas dúvidas, o melhor que tinham a fazer era ouvir.

— Aqui foi onde tudo começou. Lembro-me como se fosse ontem. Uma menina frágil e doente, afogada em seus medos e que buscava uma vida minimamente digna. Aqui mudei o rumo de minha história.

— O que significa aquele entalhe na rocha? Alguma identificação das companhias de exploração? — questionou Synthrex, admirado com tantas soluções inteligentes contidas ali. Nem só de eletrônica complexa dependia a tecnologia.

— Hoje não significa mais nada, Synth — lamentou —. Eles foram embora para sempre. Para sempre.

— Eles? Quem são eles? — novamente em coro, indagaram.

— Aqueles que me permitiram permanecer de pé até hoje. Talvez por piedade, deram-me uma couraça contra tudo que poderia me fazer mal. Algo que eu já carregava em mim, mas não percebia. Não poderia levar este segredo para o túmulo.

— Você não vai para o túmulo, Dina! Não diga tolices!

— É uma possibilidade, Emma. Saibam que vocês fizeram tudo isso valer a pena. Não esperava encontrar pessoas tão leais em um lugar tão improvável como Umbra — apontando para cada um deles, iniciou o discurso direcionado —. Orion... Apesar de impaciente e, às vezes, medroso, é um verdadeiro líder em formação. Preocupa-se com o bem-estar de todos nós e não pensou duas vezes antes de arriscar a própria vida

para nos salvar na lua vermelha em um momento em que não merecíamos. Synthrex é o autom mais humano que já conheci. É puro e doce como uma criança, tendo o seu otimismo como maior arma. Mantém a cordialidade com todos, mesmo com quem não merece a sua atenção. Emma, a minha grande amiga... A irmãzinha mais velha que salvou minha vida naquela briga na taverna... Se não fosse você...

— Dina...

— Pois não, Orion.

— Por que não cala a boca?

Os três a abraçaram como nunca haviam feito: a irmandade transcendeu os limites individuais e aqueles coitados tornaram-se um só, compartilhando os mesmos sonhos, medos e realizações, por mais bobos que fossem. Por estarem unidos e com os olhos fechados, não notaram estar sendo observados por dois espectros plantados no pé da porta, materializados na forma de linhas e colunas tridimensionais. O mais aparelhado deles, satisfeito com o que via, logo agiria em favor deles, porém, foi contido pelo mais conservador. Ainda não era chegado o momento.

***

O líder da equipe estava aflito demais para conseguir dormir. O abraço dado no interior da caverna pareceu-lhe uma despedida e aquilo o perturbava. "Por que diabos fui abrir a boca?", martirizava-se, sozinho, ao rolar na cama desforrada. O ambiente confinado tirava-lhe o ar. Por sorte, lembrou-se de quando Nadia garantiu não haver feras à solta pela superfície, ainda mais em uma época tão hostil à vida. Foi a deixa para pegar o traje espacial, a estimada lanterna e sair sem rumo pelas imediações ainda enegrecidas. Nada poderia ser mais nocivo à sua saúde que permanecer em Galactic Fornication.

Os passos carimbavam a neve fofa. Fazia um bom tempo desde quando caminhara em um lugar tão frio — estava explicada a razão da desafiante possuir a pele tão pálida. Pouco vira o sol em sua vida —. Enquanto falava aos ventos, pôde ver, na beirada do espelho d'água congelado, uns objetos empilhados saltados para fora da neve a refletirem a luz da lua. Talvez fossem placas ou restos de algum satélite desativado. Com todo tempo disponível, não havia razão para não os explorar.

— "Nadia Aran". Desde quando Aran é o sobrenome de Dina? — pensou, confuso ao desenterrar o que se revelou serem caixas muito bem preservadas. Até o momento, jamais tinha sequer levantado a hipótese de que a amiga possuía um sobrenome.

Não deveria estar ali, decerto. Retirando por completo os dois pesados recipientes, levou-os de volta a Galactic Fornication, onde removeria toda a terra incrustada sem sequer cogitar abri-las. Assim que o sol raiasse, entregaria o objeto à respectiva dona.

Passaram-se as longas horas. Um ruído abafado ecoava pelo interior do habitáculo de Aeterna V. O céu ainda estava escuro, mas os amigos já começavam a se mobilizar. A agonia que sentiam pelo evento iminente era tão grande que os fez despertar muito antes do raiar da estrela FS-175. O dever os chamava.

Nadia acordou com as batidas na vidraça de sua casa. Culpadas eram as duas silhuetas trepadas sobre a nave a fazer o maior estardalhaço pelo lado de fora. Diante dos incessantes e irritantes ruídos, a sonolenta celebridade não teve alternativa senão abrir a escotilha e atendê-los.

— Deixem-me dormir. Vão à merda.

— Bom dia para você também, Dina! Mais estranho que seu humor impecável é o fato de estar dormindo até agora — disse Emma, um pouco mais animada que antes.

Nadia não respondeu, mas deixou a portinhola aberta. Era um convite para eles entrarem.

— Vocês não acham que é cedo demais? — questionou-os, puxando assunto; as armas do diálogo foram abaixadas. Com a altaica entrou também Synthrex, tão gelado quanto as fuselagens expostas.

— Cedo nada, mocinha! Precisamos testar a dinâmica da barca. Synth me disse que a densidade é diferente, pressão, não sei o quê.

— Mas já!? — exclamou. — Vocês não têm vergonha de me acordarem tão cedo para isso?

— É um evento sério demais para ser levado na brincadeira. Você nem sabe onde está se metendo.

— Já te mandei ir à merda, Emma. Onde está Orion?

— Deve estar com a cara amarrada na Galactic. Não o vimos.

Synthrex não digeriu o atordoante frio da madrugada. Entrando em um estado de hibernação forçada pela baixa energia térmica disponível em suas baterias, deixou a mente entrar em *loop*. Nas linhas de seu sistema operacional, via todo o árduo trabalho efetuado na espaçonave ainda em Umbra II-C que, segundo ele, fora primoroso: os sistemas de abate instalados vieram de Galactic Fornication que, pela primeira vez, voava indefesa; os retificadores antigravidade foram cortesias de sua responsiva Centauri; de Lady Rose vieram os tanques de oxigênio extras — ninguém pereceria pelo ar viciado —. Além dessas melhorias havia os pormenores não menos importantes, como novos módulos eletrônicos inteligentes, tomadas de ar gigantescas e recarregadores automáticos cedidos por equipes amigas. A munida W90 servia de protetor de tela para o sintético, alvo de gozações das amigas que o viam reiniciar.

O *cockpit* estava perfeitamente organizado. As únicas fiações visíveis no painel eram provenientes dos equipamentos recém-instalados que não tiveram tempo de serem devidamente posicionados, e nem o seriam, pois voltariam para os respectivos donos após o fim do duelo. Na sala de estar, sentados no piso, seguiam com os temas leves e triviais até ouvirem batidas na escotilha.

— Lá vem o "atrasildo". O chefe que se esquece dos próprios compromissos. Não o suporto.

— Não seja amarga. Vocês que estão adiantados demais.

Das sombras surgiu o líder junto às pesadas caixas. Synthrex mal despertou e já teve de ajudar no desembarque, admirado pelo presente inesperado. As moças os observavam, tão desconfiadas quanto.

— Que porcaria é essa que está trazendo para a minha barca?

— Achei no seu quintal — respondeu —. Creio que "Nadia Aran" seja você. Se disser que não é, jogo essa droga no lago.

— Aran? Dê-me isso aqui — o tom de crítica desapareceu. Seu coração palpitou por imaginar o que seria.

As caixas portavam travas comuns, nada de lacres elaborados ou leitores de *smartkeys*, afinal, não havia no Universo outra pessoa disposta a pousar na terra amaldiçoada senão a senhorita Aran. Os curiosos amigos posicionaram-se do lado oposto à abertura das tampas, impossibilitados de ver o que havia lá dentro. A verdade era que tinham certo receio de saltar delas algo desagradável.

— Cuidado. Pode conter um explosivo.

— Que idiotice, Orion! Quem deixaria um explosivo endereçado em um planeta desértico? Patético!

— Eu deixaria, framboesa. Bom, vai saber...

Nada de explosivos. Apenas suprimentos.

Nadia vasculhava, em silêncio, o interior dos recipientes. Ao revirar o conteúdo do segundo reservatório, encontrou no fundo deste uma esfera cristalina portadora do símbolo da Federação Galáctica.

— Eu não disse? — exclamou o líder. — É uma armadilha dos ratos! Jogue fora, Dina, pode ser venenoso. Dê-me aqui.

Um artefato tecnologicamente avançado, jamais visto anteriormente por nenhum dos quatro. Nadia percebia que, quanto mais manuseava o objeto, mais ele se aquecia. Algum tipo de bateria? Fonte de luz? Um mistério. De repente, com o esfregar contínuo, um intenso brilho foi expulso do globo vítreo, assustando a garota a ponto de fazê-la soltar a esfera no chão. Na sequência, saltou também do objeto uma silhueta disforme que ganhou nitidez com o passar dos segundos.

Era uma figura desconhecida para os três rebeldes, mas bastante íntima para a forasteira, sua inerte admiradora. O chiado magnético reduzia e a voz da interlocutora começava a ser audível.

"Nadia, e-eu... Eu espero que... espero que você possa ver esta mensagem em breve. A essa altura, já deve ter aprendido a dominar a situação caótica por meios próprios. Não sei quem está sofrendo mais neste exato momento. Não foi uma decisão fácil, mas... Eu precisava disso e você também! Você merece algo muito maior que K-2L e não posso te manter debaixo de minhas asas para sempre. Sabemos o quanto é doloroso, meu amor, mas é uma consequência da vida. Sei que não estarei eternamente ao seu lado e cabe a mim, somente a mim, te preparar para o futuro. Estou bem, tenho velhos amigos ao meu lado, mas choro todas as noites ao lembrar do seu rostinho. Nadia, meu anjo, espero poder te encontrar quanto antes. Juntas, estaremos ainda mais fortes do que somos hoje, separadas. Voe, Nadia. Voe cada vez mais alto. Com amor, sua mãe." Da mesma forma que surgira, desapareceu ao ser novamente enclausurada no artefato, agora reconhecido como uma cápsula holográfica.

Ao passo em que os três se entreolhavam, Nadia mordia os lábios e inspirava profundamente. Sem questionarem, os amigos se levantaram de suas posições e abandonaram o recinto.

— Vamos, turma. Voltaremos em duas horas para os treinos — disse Orion, com entonação séria e respeitosa. Percebeu não ser um bom momento para maiores questionamentos. A humana apenas assentiu com a cabeça, sem fitá-lo nos olhos.

Ao ouvir a batida da escotilha e a posterior pressurização da cabine, correu até o globo gelado e o beijou, em prantos enquanto os amigos regressavam para as suas naves, pensativos e sem trocas de diálogo. O silêncio externo só foi vencido por Synthrex e sua racional sabedoria.

— Alegrem-se. Independentemente do que aconteça na batalha, Dina não perderá. Esta era a mola propulsora que lhe faltava.

***

A hora está próxima.

Ainda preciso me acostumar a registrar a rotina na caixa-preta de Aeterna V. Tudo aqui parece invertido, não é agradável como o módulo ou a tábula eletrônica que ficou na Gunship, mas minha consciência merece uma oportunidade para se expressar. Ao menos uma vez na vida.

O último treino antes da batalha mortal foi um sucesso. Aeterna V parece ter nascido para rasgar essa atmosfera. O balanço e as retomadas são perfeitos. Pensei que fosse me esquecer de como era voar em um céu tão limpo. Saudades do meu módulo de emergência. E dos meus tempos de inocência.

Sinto que eles não estão confiantes. Muitas de suas palavras são motivacionais, mas nem mesmo eles acreditam no que dizem. O clima de velório já impregnou a equipe, e isso porque nem morri ainda. Para ser sincera, não acho que vou perder. Não vejo essa diferença toda entre mim e ele. Muitos duo-umbrianos nem sequer o viram pilotar. Eu não vi, por exemplo.

A cada hora que passa, sinto mais ódio daquele nojento e de sua trupe. Uma porca altaica que ofende alguém da mesma subespécie por estar em uma condição financeira melhor, um bobo da corte inútil e um amontoado de lixo que se considera mais capaz só por ter as costas quentes na organização canalha. Eles são uma cópia muito malfeita da Cosmic e eu não tolero comparações. O Universo observável é pequeno demais para os dois bandos coexistirem.

No pesadelo lúcido de hoje, experimentado antes de eu ser desperta por aqueles meliantes, vi o que poderia ser o acidente que vitimou Bratya. Orion não quis me contar como foi, mas acabei imaginando por conta própria e nisso sou ótima. Não deve ter sido menos traumático que observar as nossas barcas rasgarem o céu como relâmpagos na noite do terror. Como homenagem, gravarei seu nome em uma de minhas asas. Com a ajuda dele, serei mais forte.

E com a ajuda dela também. A esfera vítrea aqueceu minha mão e meu coração. Há meses eu não ouvia a sua voz ou via a sua face. Ela foi condicionada a fazer o que fez: mais uma vez os desgraçados nos separaram. Lamento por terminar assim, com uma concessão. Isto, jamais farei. A única capaz de me dominar era a Biosuit e ela já não existe mais. Será que terei de te buscar?

Aguarde um pouco mais, mãe. Tenho uns assuntos pessoais a resolver em nossa casa. Relatório 003 de Aeterna V, desligando.

29. DESAFIO MORTAL

Enfim, K-2L. Uma carreata de cerca de cem mil indivíduos havia deixado o Aglomerado Medusa e desembarcado na ex-colônia da Federação, causando desespero nas tripulações das grandes naves transportadoras a trafegar pela rota comercial por imaginarem tratar-se de um gigantesco comboio de ladrões. Apoio igualmente colossal vinha das bandas inimigas, não menos agitadas pelo embate. Entre os dois polos estava a Guarda Pacificadora, responsável pela segurança do evento, mesmo sendo os *death matches* uma atividade proibida. Quem ligava para as regras, afinal?

O que se poderia esperar de duas civilizações pouco civilizadas, portadoras de milhares de armas e movidas pelo fanatismo por seus ídolos? Provocações, muitas provocações. Para ofender a honra do oponente valia tudo, desde xingá-lo diretamente até humilhar as suas origens. Se não fossem os métodos de "adestramento" dos guardas, preservadores de uma larga distância entre os grupos, teriam uma guerra das mais sangrentas. O cordão de isolamento pouco ajudava e, por cima dos soldados, voava toda sorte de explosivos, destruídos ainda no ar pelos federados. Os guardas apreciavam uma violência gratuita sem motivos aparentes, como de costume. Tendo como álibi as provocações estendidas à sua instituição sagrada, retribuíam os ataques com armas de choque e bombas de efeito moral. Em meio à fumaça e aos tiros, esqueciam da razão de estarem ali, tudo em nome da violência cega.

Os medusianos cumpriram o pacto firmado na taverna. Não estavam ali apenas de corpo presente, mas assumiram em Nadia a real personificação de um mito, a "defensora dos oprimidos e dos imorais desmoralizados". Se alguém mantinha a desconfiança sobre o resultado do confronto, guardava-a muito bem em seu interior, pois a certeza da

vitória estava em cada grito de ordem proferido. "Destrói ele, Dina!", "Lute por Umbra!". Verdadeiros mantras repetidos à exaustão.

Por dentro de um estreito corredor orgânico, a nativa de K-2L esgueirava-se ao receber os afagos do povo que a acolhera. Cheio de orgulho por tê-la como parceira de equipe e leal confidente, Orion sentia-se um segurança de boate ao proteger sua preciosidade. Synthrex recebia tapas em sua cabeça metálica, formadora de impecáveis estratégias que condicionariam a garota à aguardada vitória. Já Emma caminhava desajeitada enquanto ouvia apupos mais salientes. Os quatro eram verdadeiras celebridades no meio de tantos degenerados.

Fúria análoga discorria na banda oposta. Cercado pelos seus, Ethan cumprimentava a plebe das imediações de Terat, surpresa pela paixão disseminada pelos inimigos. Imersos por uma arrogância não condizente com marginais que mal se alimentavam, meras escórias sociais apesar da fama, os membros da Darkwave acreditavam ser os únicos merecedores de angariar tantos fãs.

— Eles vieram em massa — disse o competidor, calçando as grossas luvas de borracha que o protegeriam do clima.

— O bom é que vão chorar em massa, cabeça. Sabemos quem é o melhor aqui e eles também sabem disso, só não querem admitir. Ela não durará nem três minutos no ar.

— Não a subestime, Iskyie. Lembre-se que era você quem deveria estar aqui. A primeira a ser desafiada foi você.

— Deixe-me correr, então — animou-se —. Será um prazer derramar o sangue dela diante de tantos apoiadores.

— Não diga besteira! Por que insiste em menosprezá-la? Você é quem não duraria nem três minutos no ar.

Uma inspeção completa foi realizada em ambas as naves para que nenhum equipamento proibido fosse utilizado durante a batalha:

igualando-se as condições tecnológicas, o potencial humano desabrocharia e enriqueceria o espetáculo. Os sensores frontais foram retirados pelos fiscais, restando apenas os permitidos detectores traseiros. Os fios dos sistemas de ejeção foram cortados em Golden Age — Aeterna V não contava com recursos de extrema necessidade —. Por mais que a quantidade de combustível transportada devesse ser a mínima possível em função do peso, havia um cuidado especial com os tanques da W90 que, como todos os envolvidos sabiam, era uma espaçonave movida por elementos radioativos superpesados. Constatando haver uma carga excedente de óxido de tenesso na antiga nave, foi prontamente solicitada a sua retirada por razões de segurança, pois a queda de uma nave nuclear causaria uma explosão de proporções consideráveis. Os sistemas de comunicação via rádio foram suprimidos e os abatedores testados, não acusando nenhuma anomalia. Após o fim da inspeção, ambas as equipes foram dispensadas e a responsabilidade pela segurança dos equipamentos ficou a encargo dos soldados. Se não fosse por eles, haveria sérios riscos de sabotagem. As facções não estavam para brincadeira.

A tensão subia a cada minuto que passava. Visando reduzir o clima de final de campeonato, a Cosmic Curves procurou um canto um pouco menos agitado, onde poderiam fazer as últimas considerações com mais privacidade. Preferiam não imaginar que aqueles eram os últimos sessenta minutos de um dos dois beligerantes.

— Fez o que combinamos, Synth?

— Afirmativo, Emma. Inseri no fundo dos tanques os bastões de tenesso enriquecido a quarenta por cento. As barras retiradas pelos federados continham a pureza padrão, de quinze a vinte por cento por unidade. A carga enriquecida deve garantir uma curva de torque consideravelmente mais elevada que a fornecida pelos bastões comuns. Preparem-se para ver uma W90 ainda mais brutal nas retomadas.

— Agora preste atenção no plano, dona Dina — Orion não era o melhor estrategista do grupo, mas queria participar de alguma forma —.

Quem tem o direito de escolher a posição inicial em um *death match* é o piloto da barca mais fraca. Você deverá escolher largar atrás dele, entendeu? Atrás! Se aquela coisa estiver modificada e começar perseguindo, te alcançará antes da primeira curva e *game over*.

— Atrás dele? Beleza, pode deixar — respondeu-lhe de boca cheia a humana, devoradora de umas sobras de biscoitos preparados para o café da manhã —. O que mais?

— Ele deve ser rápido, mas não deve conhecer este lugar tão bem quanto você — sugeriu sua amiga —. Quanto mais próxima das rochas você voar, melhor. Como disse o Synth, o tenesso enriquecido deve garantir uma boa explosão na saída das curvas.

— Isso eu já faço habitualmente. O que mais?

— O que mais? Bem... O que mais, Synth?

— Nada — respondeu o autom, sereno —. Ela sabe perfeitamente o que fazer. Não precisamos dar-lhe quaisquer instruções adicionais.

— Você é quem entende de números aqui. Se está dizendo que está tudo certo, não está mais aqui quem falou. O que acha disso tudo, donzela? — questionou o líder, feliz com o clima montado pelos conterrâneos adotivos. — Pensou que a galera não viria?

— É... é... inexplicável! Não consigo descrever o quanto estou entusiasmada. Sinto o sangue fervendo nas veias!

— Só pela festa ou por algum motivo extra?

— Hã? — devido ao estouro incessante de bombas, rojões e tiros, ter uma simples conversa não era tarefa das mais fáceis.

— Algum motivo especial? — insistiu Orion, berrando em seu ouvido. A estranha empolgação era razão de curiosidade.

Ela apenas apontou para o coração, abrindo um largo sorriso.

***

Ethan fazia pouco caso da estripulia impulsionada por sua plateia: ele já havia participado de tantos eventos idênticos que nada daquilo o atiçava mais. Pelo contrário, enxergava com maus olhos o fato de ser obrigado a abater uma oponente que nascera para ser sua aliada, mas debochara da oportunidade surgida. "Desgraçada... Insubmissa...", remoía enquanto ignorava os infindáveis falatórios de Iskyie em suas orelhas. Curiosamente, era ela quem deveria estar se preparando para o desafio, mas sua incompetência em tarefas que não exigiam sedução, como a obtenção de informações confidenciais ou sabotagens, colocou o chefe em uma posição desconfortável.

Iskyie sabia que a razão do desdém era por ela meter seu líder em uma bela sinuca de bico. Não queria admitir, mas reconhecia que a batalha não seria fácil como ela gostaria que fosse. Pensando nisso, em meio às sombras, como de costume, tramaria um caminho facilitador para a vitória da Darkwave, ainda que lançasse mão de estratégias bastante escusas. Ardilosa, não demorou até chegar à zona isolada onde os soldados guardavam as naves participantes. Nenhum daqueles peões estaria disposto a questionar seus métodos ou negar suas propostas.

O vento frio congelava a densa cabeleira negra, quase grudada à cabeça em um penteado irretocável. Na face de rosada tez, o venenoso sorriso da víbora que faria mais uma vítima sem maiores esforços, aliás, o que poderia lembrar vagamente um trabalho soava-lhe como esporte.

— Com licença, senhores... Podem me ajudar? — a feição dissimulada enganaria até mesmo o mais atento dos soldados, se necessário.

— O que a senhorita deseja? — respondeu um deles ao empunhar o emissor de plasma levado na cintura.

— A quantos graus do zênite fica a rota Delta Nya? Os sensores de minha nave estão defeituosos e não sei para onde seguir.

Risos. Toda vez que a figura encontrava grupelhos de soldados conhecidos, usava do mesmo diálogo por puro charme. Seu intuito ali era fazer o que as altaicas costumavam fazer de melhor no Universo observável: vender-se em troca de favores. Por ser um embate mais parelho que os anteriores, os guardas corruptos consideraram ser um bom momento para cobrar uma taxa um pouco mais alta pelo cortar de cabos: nenhum dos dez lobos deveria passar fome. Os fetiches daqueles soldados seriam plenamente satisfeitos naquela noite, e os dela, também. Sua chama interna só não era mais forte que a de Aeterna V, que arderia para sempre após o colapso dos reatores.

***

Luminárias artificiais pipocavam no negro céu. Rojões, sinalizadores e disparos de armas *laser* rasgavam a escuridão como uma intensa chuva de meteoritos. Já na superfície, o barulho era ensurdecedor. Substâncias ilícitas eram compartilhadas por centenas de bocas e, muito por conta disso, os acidentes e brigas começavam a acontecer. Os ânimos entre as torcidas rivais haviam se esfriado e aqueles loucos alucinados pareciam estar muito mais preocupados com as brincadeiras nada saudáveis do que com a corrida propriamente dita. Em ambos os lados, rapazes e moças "fritavam" ao som de música eletrônica de centenas de batidas por minuto. Um verdadeiro festival era realizado na planície estéril e congelada, que não via tamanho movimento desde os atentados promovidos pelos piratas espaciais cinquenta anos antes.

O relógio anunciava: apenas dez minutos para o início do fim. Com o girar da chave, a catalisadora da verdade, mudava-se também o clima: saíam os detalhes técnicos e as palavras motivacionais e brotavam sentimentos como apreensão, nostalgia e medo. Não queriam dar o braço a torcer, mas aquela memória estampada poderia muito bem ser a última.

No encontro com a W90, nada de abraços ou palavras de apoio. Para a destemida pilota era apenas mais um embarcar qualquer, sem rituais extras ou acenos emocionados. Ninguém queria dar àquilo uma conotação de despedida. Longe dos olhares de Nadia, Emma voltava a apresentar o semblante triste dos dias anteriores. Talvez fosse o medo de perder a amiga, talvez fosse a real falta de sentido daqueles eventos, talvez fosse a festividade em torno da morte de alguém. Adepta da vida pacata, provavelmente estava daquele jeito por todas as razões.

— Algum problema, Emma?

— Como não haveria de ser, Synth? Estamos comemorando a morte de alguém que pode muito bem ser a Dina!

— É um comportamento padrão em nossa sociedade e isso independe de ser a Dina ou qualquer outro. Temos prazer na morte, na chacota, na destruição. Vocês, humanos, têm boa parcela de culpa nisso, mas não os condeno, apesar de discordar com veemência.

— Synth, veja bem... A Dina pode não voltar, entende? A Dina nos deixou há cinco minutos, sabemos que pode ser o fim dela e não estamos fazendo nada para impedir isso! Desative Aeterna V, rápido!

— Não consigo reprogramar as pessoas, Emma.

— E você, seu imprestável? — dirigiu as duras palavras ao Qohos, silenciado desde as últimas instruções. — Por que não vai atr...

Orion desapareceu sem chamar a atenção de ninguém. Recluso em Galactic Fornication, fazia preces à Magneia e rogava-lhe que tudo terminasse bem, de preferência com a aniquilação de Ethan. Permanecer ao lado de seus companheiros do lado de fora exporia sua fragilidade oculta e o colocaria na berlinda caso o pior acontecesse. O isolamento estava planejado desde o momento em que o duelo fora agendado em Umbra II-C: seu coração não suportaria ver a queima de mais um companheiro sem ele poder fazer nada para impedir.

Encolhido em um canto qualquer, recordava-se do tempo em que passaram juntos. O mesmo cenário, só que com personagens diferentes. Relutante com a possibilidade, tentava imaginar como seria uma corrida entre Bratya e Nadia em campo neutro. Não saberia em quem apostar, tampouco para quem torcer.

Como último ato antes de se dopar com um resto de medicamentos guardados em sua farmácia particular, leu uma curta mensagem em *singletext*, talvez a última antes do interromper dos sinais de comunicação: "vai ficar tudo bem. Riremos esta noite".

***

Nadia e Ethan abriram as escotilhas ao receberem as últimas orientações. Assim como fora sugerido por Orion, Nadia largaria atrás e teria a primeira oportunidade de abater o oponente ao persegui-lo.

— Ao clarear do *flash* gama, a primeira nave terá autorização para partir. Ao clarear de dois *flashes* gama, a segunda nave terá autorização para partir. Copia? — informou o organizador, recebendo o aceno positivo dos concorrentes.

— Muito bem — prosseguiu um outro —. Fora isso, não há regras. Que vença o mais resiliente — saíram os fiscais e fecharam-se as escotilhas. O mundo era reduzido aos dois ases.

Do lado de fora seguiam Synthrex e Emma, paralisados pela apreensão: o estado que beirava o choque os impediu de buscarem por Orion. Igualmente nervosa estava a plateia, agora muda. Os únicos ruídos ouvidos vinham dos turbofans[65] de Golden Age e dos reatores de Aeterna V. Toda a empolgação deu lugar à agonia e a dor.

---

[65] Espécie de turbina de alto desempenho.

O primeiro feixe gama foi disparado pelo comissário, autorizando a nave dourada a partir. Atendendo todas as expectativas, Ethan era veloz como uma flecha, quase sobrenatural em suas manobras. Alguns segundos depois decolou Aeterna V com sua tradicional nuvem de vapor, mas ainda sem o característico brilho violeta. Com a subida de ambas as naves, recomeçaram os gritos e as ofensas por parte das facções, assim como a enérgica repressão da guarda. Estava aberto o desafio mortal.

30. ASAS DE FOGO

A brincadeira de gato e rato começou mais morna que o esperado, arrefecendo os ânimos de quem a acompanhava de perto. Morosidade justificável, afinal, tratava-se de um jogo onde não eram admitidos erros. Notável também era o respeito mútuo, estampado em cada curva: Ethan tentava descobrir os melhores ângulos de entrada enquanto Nadia observava os padrões de movimento de seu oponente. Assim permaneceram por longos e entediantes minutos.

No chão, um misto de sentimentos. A Cosmic Curves afogava-se na aflição e medo — os pequenos olhos de Emma pareciam sumir nas órbitas profundas de tanto chorar. Synthrex mantinha-se estático ao estudar o plano estratégico da colega. Abraçados, os dois tentavam transmitir as boas vibrações àquela que voava —. Já a Darkwave apresentava uma confiança absoluta, pois, além do favoritismo de seu representante, ainda havia o fator sabotagem orquestrado por Iskyie mesmo sob a reprovação de Ethan. Segundo ele, aquele duelo em específico seria mais saboroso caso fosse vencido por meios próprios.

Golden Age disparou na longa reta, quase a ponto de sumir das vistas de sua perseguidora. Por ser um comportamento esperado para uma nave muitíssimo superior tecnologicamente, Nadia fez pouco caso. Reconhecia que a maior vantagem de Aeterna V estava nas zonas de baixa velocidade, onde Ethan teria dificuldades de se levar ao limite por não conhecer tão bem as formações rochosas do planeta quanto ela. Tudo estava dentro do *script* até então.

— Ele é realmente rápido. Não posso deixá-lo abrir muita vantagem, senão será difícil apertá-lo nas curvas — balbuciou. Caso estivesse certa, o teratiano poderia usar a grande distância adquirida para tomar o rumo contrário e atacá-la de frente.

Como previsto por sua equipe, as abençoadas barras de tenesso enriquecido faziam toda a diferença ao alargar a faixa de potência da nave e permitir velocidade final muito mais alta. As retomadas eram brutais e os motores aceitavam bem a tensão extra fornecida pelo metal de altíssima pureza. Com o equipamento respirando melhor pela troca de calor mais eficiente, não teria de se preocupar tanto com o fator temperatura, determinante em sua última e única corrida disputada até então.

Em Golden Age, Ethan seguia incrédulo com os informes dos radares. Em sua cabeça, uma reles W90 não poderia acompanhar o ritmo imprimido por ele de forma alguma, nem mesmo por um breve período. Todo o esforço gasto para ganhar distância nas retas tornava-se inútil ao superarem as balizas rochosas. Até pensava ser fruto de sua imaginação ou mau funcionamento dos sensores; talvez a tensão estivesse inflando as capacidades inimigas. De toda forma, era espantoso. Volta a volta, a distância entre as duas naves não só permanecia igual como também diminuía. O comportamento visto nos céus se repetia no solo, fazendo um dos lados cantar muito mais alto que o outro.

Palavrões de toda sorte voavam pelo habitáculo da Super E v3. Como aquela tranqueira conseguia acompanhar e copiar seus ágeis movimentos? O perturbador e irredutível pontinho verde no painel tirava a sua paz: ser a presa não era uma sensação das mais agradáveis.

As milhas que os separavam tornavam-se cada vez mais curtas. A larga distância adquirida desapareceu por completo graças à obtenção da temperatura ideal de trabalho das miniusinas nucleares, que já impulsionavam Aeterna V em sua capacidade máxima. A luminária dourada lembrava um sol ao voar logo à frente da nave violeta, fazendo Nadia coçar os botões do manche de tanta ansiedade em cuspir-lhe a aguardada rajada de feixes eletromagnéticos. Diante da incerteza da duração de seu combustível, rapidamente devorado e convertido em chumbo, sentia que o momento de investir contra o desafiante havia chegado. Quanto mais aquela luta fosse abreviada, melhor.

O tempo congelou. O ar engolido pelas respirações dopou por completo a multidão, paralisada com o momento-chave. Rápidos movimentos corriam o painel da W90: com o cotovelo esquerdo, a duo-umbriana ergueu a alavanca responsável por fazer a nave mergulhar e rapidamente subir com agressividade, visando a parte inferior da fuselagem de seu alvo. Apagados, os faróis da embarcação caçadora aumentavam o contraste entre a mira e a imensidão. Com o relaxamento dos pulmões, o pressionar do botão da morte. Como resultado, o mais absoluto nada.

Nadia apertava, e apertava, e apertava. A falta de respostas por parte da W90 ampliou a tensão. Mesmo com os olhos fixos na presa dourada, sentiu o foco se desfazer como fumaça. Ávida por uma explicação, teve a iluminação de apalpar o módulo de ataque, que entregou a inoperância ao revelar os cabos rompidos. A aflição foi convertida em desespero, fazendo a atenção restante se desmanchar de vez. Ethan, exímio piloto que era, notou a falta de sincronia em sua concorrente e entrou em *loop*, passando por cima dela e se posicionando logo atrás. A dama seria conduzida pelo cavalheiro até o fim da vida de um deles.

A banda de Umbra sentiu o golpe e não o absorveu. Os torcedores se calaram, inconformados pela forma boba, uma manobra tão simples, com que Nadia fora ludibriada. Os únicos cânticos audíveis na superfície vinham agora dos apoiadores da Darkwave, ensandecidos pelo truque que poderia selar o confronto. A única estratégia prevista pela Cosmic Curves era a de manter a posição de caçadora até o final do confronto.

Motivo para desalento? Nem tanto. O novo quadro lembrava justamente o dia em que Aeterna V tornou-se um símbolo para os seus fiéis seguidores. "Veremos se você acompanha o ritmo da minha dança", pensou alto a aviadora, imprimindo nos céus um padrão praticamente impossível de ser copiado. A W90 balançava como um pêndulo e girava, aleatória, para um dos lados, como um parafuso ao entrar ou sair de uma parede. Ethan desistira de tentar reproduzir aquela insanidade e seguiu em linha reta, poupando sua mente de tamanho desgaste.

— Mas que droga! Eu não consigo mirar nessa desgraçada! — resmungava o piloto, agora não mais aborrecido, mas sim possesso. Não queria admitir, mas sentia uma ponta inveja da perícia ao realizar o balé cósmico em um espaço tão reduzido entre as paredes de pedra.

Eram passos completamente incompatíveis entre si. Ela dançava *lindy hop*[66] frenético e cativante, matador de pulmões e de corpos menos preparados. Ele, em um bolero sóbrio e elegante, mantinha a pose de quem sabia o que estava fazendo por fazê-lo por muitas vezes. Ponto para a garota, que apostava todas as fichas em um dos poucos quesitos em que era superior e o efetuava com perfeição. Gradualmente, as esperanças começavam brotar outra vez entre os espectadores do Aglomerado Medusa, que desconheciam a inoperância dos sistemas de ataque da nave roxa e ainda reclamavam da falta de coragem por não disparar no momento oportuno. Suas vozes voltaram a ganhar espaço e já se encontravam em pé de igualdade com os cantos das facções rivais.

Entretanto, o esforço frenético cobrava seu preço. O suor escorria pelo rosto da competidora, que precisava enxugá-lo a cada dois ou três minutos. O habitáculo convertia-se em uma verdadeira fornalha e, talvez em solidariedade à sua dona, as recém-recuperadas amysias cultivadas sobre o painel também eram perturbadas pela alta temperatura. "É a tensão do momento", imaginava ela, pois, se houvesse algo de errado com a nave, o agudo aviso surgiria. Até o momento, a temperatura dos motores permanecia em saudáveis setecentos graus.

Ainda assim, a quentura no *cockpit* era compreensível. O combustível especial causava uma sobrecarga natural nos transformadores, alterando consideravelmente a forma com que a nave lidava com as trocas de calor. Pelo fato de Aeterna V ter a blindagem ainda mais fina para o evento mortal, o calor oriundo da casa de máquinas era irradiado por toda a estrutura metálica e chegava com facilidade até o posto de controle.

---

[66] Dança de origem afro-americana surgida entre 1920 e 1930.

Independentemente de as músicas de apoio a Ethan perderem o viço e serem quase engolidas pelos duo-umbrianos, a certeza de vitória permanecia entre os membros da famosa equipe, sobretudo ao manifestar-se em um sorriso peculiar entre aqueles maloqueiros.

— Fez o serviço direto? — cochicharam na orelha coberta pelas madeixas para que os mais próximos não compreendessem o teor do assunto. A imagem de rebeldes extraordinários deveria continuar.

— Evidente que sim, Maru, conforme combinamos. Logo mais irá fazer efeito, não tenha pressa.

Pouco tempo após Iskyie se manifestar, a profecia se cumpriu. Um forte estalo metálico foi ouvido e o brilho púrpura deu lugar a um vermelho incandescente: Aeterna V estava em chamas, ou quase isso. Nem mesmo os apoiadores de Ethan comemoraram de forma tão explosiva, pois sabiam que o ato foi consequência de uma falha mecânica, não fruto das proezas aéreas de seu representante. Caso o cenário fosse confirmado, teriam uma vitória parcial que carregaria certa mácula por ser conquistada na base da sorte e do acaso. Já entre os duo-umbrianos, o puro silêncio. Estavam todos perplexos diante do quadro desolador: o sonho de ver a humilde localidade no topo havia terminado. Era questão de minutos até Aeterna V se espatifar contra a árida superfície de K-2L.

"Fim de papo... Vamos embora!", diziam alguns. Outros alertavam sobre a impossibilidade de deixarem o planeta antes do término da batalha pelo fato de o espaço aéreo estar fechado pelos guardas. Com tristeza, seriam obrigados a assistir os últimos suspiros daquela estrela que os enchera de esperança. Emma e Synthrex morreram ali mesmo; a mirada ao céu resultava de um ato reflexo, pois suas almas partiram com o acender da tocha. Os vazios olhares testemunhavam o tenebroso rastro de destruição que mais parecia um meteorito ardendo em uma atmosfera ordinária. Para fechar com chave de ouro, bastava surgir a iminente explosão nuclear, que entregaria a Ethan o amargo troféu em formato de cogumelo. Nada estava tão ruim que não pudesse piorar.

Ao contrário dos que faziam festa antecipada, o soberbo rebelde ignorava os fatos e permanecia no encalço de Nadia. Poderia optar por apenas pressioná-la e aguardar a autodestruição, mas não. Ele queria ser o responsável pelo abate, visto que quedas espontâneas não forneciam adornos. Todavia, sua tarefa não se tornou mais fácil, pois a visibilidade na posição onde se encontrava, logo atrás da W90, beirava a zero pela grossa cortina de fumaça expelida. Na impossibilidade de enxergá-la como antes, passou a ver a oponente com outros olhos.

— É espantoso. Não posso crer como uma barca deteriorada assim consegue manter-se em pleno voo. Ela se recusa a desistir. Será uma das minhas vitórias mais insossas — concluiu, pensativo.

A essa altura, poucos mantinham a atenção no céu. O clima de derrotismo havia se instalado e muitos já planejavam a viagem de volta. As ousadas manobras continuavam intactas, mas não causavam a mesma empolgação de outrora. Seguir acreditando em uma virada naquelas condições não passava de uma doce ilusão.

Respirar em Aeterna V flertava com o impossível, pois o ar saturado pela alta temperatura parecia não oxigenar por completo o sangue da heroína. As nada sensíveis amysias já não se contentavam em apenas apresentar a coloração negra por conta das doses cavalares de radiação e ardiam na forma de uma pequena vela. Somente aquilo pôde despertar a garota, que até então buscava ignorar o ambiente hostil ao seu redor. Os talos carbonizados refletiam o que se passava no exterior da nave. Ao inclinar o corpo em direção às plantinhas, notou a coloração alterada das bordas que envolviam a vidraça blindada. Se a temperatura seguisse aumentando, fatalmente o metal se dilataria de modo a permitir a sucção do vidro pelo habitáculo, abreviando a aventura aérea da obsoleta nave. Antes que o pior ocorresse, desligou os motores como último recurso, fazendo Aeterna V planar na total escuridão. Deveria ser o suficiente para resfriar a fuselagem e os cansados reatores, que clamavam por misericórdia após um uso tão severo.

Ethan, perseguidor implacável, reparava na diminuição da densidade da fumaça ejetada por sua caça. Assim que contornasse uma última pilastra, finalmente enxergaria com clareza a W90 escondida durante tanto tempo atrás da nuvem de detritos. Ao dobrá-la, porém, encontrou apenas o vazio. Era como se a presa tivesse sumido por bruxaria.

Os poucos espectadores de Medusa que seguiam acompanhando o evento pareciam não acreditar no panorama. Uma das naves concorrentes desapareceu e não havia explicação lógica capaz de justificar o fato. Logo que a novidade se espalhou, um forte ruído ecoou logo acima das cabeças duo-umbrianas. "Wioooosh"! Muitos se atiraram contra o solo, temendo o veloz vulto negro. Metros adiante, um intenso facho luminoso se acendeu, revelando novamente a aura púrpura de Aeterna V, renascida das cinzas como uma fênix.

Os demais corriam de volta à aglomeração, assistindo abismados o ressurgimento da pilota antes dada como morta. Já na outra banda, um silêncio ensurdecedor. Ninguém conseguia dar uma explicação plausível, teórica ou sobrenatural. Espanto igual era visto no rosto do perseguidor, incrédulo em relação ao que os olhos registravam. Suspeitava ser um delírio por conta do estresse e cansaço, mas não. Era real.

A temperatura no *cockpit* da W90 tornou-se mais suportável. Os motores ainda sofriam, não como antes, mas sofriam, e não era nada recomendável forçá-los. Após contornar o maior problema, Nadia dispensou maior atenção aos instrumentos do painel. Concluiu que os sensores de temperatura foram sabotados, assim como o módulo de abate. Além disso, a carga de tenesso dava sinais de que caminhava para o fim. Se sua sorte não fosse decidida em breve, perderia por falta de combustível.

Ethan se aproximava cada vez mais. Nadia se defendia como podia, mas a diferença entre as tecnologias era abissal. O experiente combatente descarregava todo o seu repertório de feixes *laser* na direção da W90, que esquivava com seu tradicional balé cósmico. Embora ágil, fatalmente um daqueles feixes concentrados a atingiria.

O olhar fixo de Nadia perfurava o cristal do visor. Defender-se eternamente apenas adiaria a derrota certa: por meios comuns, seu problema não possuía solução. A mão movia o manche por automatismos, o pensamento já estava distante. Quiçá Bratya já a chamava pelo nome para seguirem os treinos em outra dimensão. Exausta, congelou no posto de pilotagem e entrou em estado mental profundo.

Em um piscar de olhos, viu o escuro dar lugar a um belo dia de verão. Nada de naves estranhas ou pessoas igualmente suspeitas: na superfície descongelada, uma pequena garotinha e sua mãe a brincarem sem a menor preocupação. Nenhuma das duas visualizava a forasteira, que as acompanhava, ao longe. A criança, dona de cabelos ruivos e curtos, tentava, a todo custo, derrubar a mãe no solo fofo. "Mal sabe ela que futuramente derrubará inimigos muito maiores apenas usando a força bruta...", riu a que espiava. "Como eu gostaria de protegê-la deste inferno que a espera, jovem Nadia".

Em um instante, a cena foi desfeita. O ar da fornalha queimou a sua garganta, trazendo-a de volta à dura realidade, mas a breve viagem mental deu-lhe a resposta. Força bruta era o que precisava.

Golden Age diminuía cada vez mais a distância entre os bólidos. Se fosse da vontade de Ethan, poderia atingi-la daquela distância sem nenhum problema. Os olhos de Nadia não saíam do painel do radar ao acompanhar com atenção os movimentos inimigos. "Chegou a hora", sussurrou a donzela, determinada.

O movimento pendular cessou. Os dois equipamentos estavam completamente alinhados e inertes, algo que não aconteceu antes.

— Ela parou de oscilar. O que está tramando, hein? Mostre-me, espectro de Umbra — exprimiu, extasiado.

Em vez de aproveitar a ocasião para atacar, hesitou. Hesitou a ponto de perder o foco e desligar a mente por alguns segundos, tempo suficiente para ser novamente surpreso. Aeterna V começou a girar, como

um parafuso veloz. O brilho da fuselagem diminuiu gradativamente de tamanho até desaparecer por completo. Por fim, a mancha negra resultante mergulhou, ludibriando-o da mesma forma com que ele havia feito ao impor seu manjado laço.

O vulto atacou a superfície como um míssil. A multidão mostrava-se ansiosa por uma nova traquinagem agendada. Ethan, atônito, notou o surgir repentino de um ponto em seu radar: havia algo voando atrás dele, ou melhor, abaixo dele. Não houve tempo para esboçar uma estratégia antes de ser atingido. A ousadia da pilota a fez imprimir uma trajetória em "U" e, após religar os sedentos motores com violência, acertar seu oponente com a própria nave, decepando dele a frágil asa. Um clarão iluminou o ambiente, assustando a todos. O espalhar de destroços na alta atmosfera desviou o foco do rastro em chamas que flertava com o solo antes de atingi-lo. Poucos foram os que notaram o ejetar de um pequeno ponto luminoso da nave derrotada.

"Meu Deus! Aconteceu uma tragédia dupla!", "eles se chocaram no ar!", gritavam os anônimos de ambas as partes. Os espectadores tinham dúvidas sobre qual equipamento havia caído e qual seria o paradeiro da outra. Entre os medusianos, tapas eram dados nas costas da dupla da equipe participante, ainda trêmula diante de tantas emoções. Synthrex foi o primeiro a despertar do estado de choque e, ao contrário de Emma, paralisada dos pés à cabeça, pedia aos coligados para se acalmarem. Apontando para o céu, mirava a novamente fumacenta W90, altiva e judiada, que rumava em direção ao zênite.

Metralhadoras e sinalizadores ditaram o ritmo na superfície como sinal da vitória. O lado derrotado iniciou um tumulto pelo vexame, sendo prontamente reprimido com vigor pelas forças da Federação. As provocações aumentaram exponencialmente e um confronto mostrava-se inevitável, mas tudo bem. Uns brigavam, outros festejavam, outros corriam para o local do pouso forçado. Ninguém queria perder a oportunidade de cumprimentar a improvável heroína.

Chocantes eram as condições finais da nave vencedora. A região inferior da fuselagem foi dilacerada com o atrito do pouso e as pontas das asas empenaram. Faíscas voavam por todos os lados e muita fumaça foi produzida, mas nada de incêndios. Após os últimos rangidos, Aeterna V deu os seus últimos suspiros e descansou.

Alguns temiam que o destino da pilota fosse o mesmo.

Preocupado, Synthrex destampou a panela de pressão, cuspidora de uma coluna de vapor que o derrubou da borda da escotilha. No *cockpit*, encontrou a aviadora ensopada dos pés à cabeça a respirar pela boca: era doloroso vê-la naquela situação degradante. Sentindo a presença do amigo metálico e de uma sombra que se queimava ao fundo ao tocar os metais quentes, proferiu com dificuldade:

— É através dos portões do inferno que construímos nossos caminhos para o paraíso — completou, sorrindo, antes de desfalecer.

31. AMANTE AUTOM:ÁTICO

Minha cabeça está girando sem parar. Fome? Nem pensar… se eu tentar comer alguma coisa, boto tudo para fora, no ato. Meu corpo ainda padece do esforço que fiz em K-2L, aliás, nem sei explicar como escapei com vida. A última lembrança que tenho é justamente o religar dos motores. A partir dali foi o destino quem se encarregou de me conduzir.

Depois de quatro dias de sono ininterrupto, despertei. Não sei qual foi o imbecil da Federação que içou a minha barca com eletroímãs ao pensar que Aeterna V era uma sucata aguardando pelo descarte. Ao me levantar, estranhei quando vi tudo limpo e organizado, mas Emma me contou em seguida o que se passou nesse submundo chamado Umbra II-C depois de retornarmos. Três dias seguidos de festa. Orion saiu do isolamento e desfilou como um rei, cercado por umas "donas", como ele diz, de gosto duvidoso. Synth ficou amuado a ponto de dar dó e ninguém soube explicar o que houve com ele. A coitadinha preocupou-se em me dar soro e remover a sujeira das amysias queimadas, já que ninguém teve a coragem de cuidar desta indefesa criatura aqui. Já eu, bem… perdi todo o festejo que fizeram por minha causa.

Só sei que a W90 precisa de um descanso e de uma justa recuperação, assim como eu. Toda essa confusão nos trouxe uma porção de cicatrizes, parte do aprendizado, mas que precisamos absorver quanto antes, pois a vida não para. Agora, só quero sossego. E permanecer longe de problemas. Fim do arquivo.

***

Umbra II-C, Zona de Descarga número 18, septuagésimo quinto dia do ano binário. Após longos e intensos três dias corridos de festa, a vida começava a querer voltar ao estado normal no

planeta-lixão. Os milhares de garrafas, peças de roupa espalhadas por todos os lados e buracos de bala nos painéis publicitários davam pistas de como foi o evento. Como não poderia deixar de ser, a Cosmic Curves gozava de uma porção de benesses por representar com louvor o nome do sistema planetário no estrangeiro. Provocá-los ou maltratá-los pelas próximas semanas seria uma desfeita inaceitável.

O ponto de encontro dos vencedores, dessa vez, não seria a taverna, afinal, a fama adquirida não os deixaria em paz. Sabiam eles que a saúde da menina de ouro merecia uma dose de cuidado adicional, levando-os a passar o dia inteiro na sucata da W90, inoperante desde o pouso forçado. Ali, teriam a privacidade que mereciam.

Os olhos de Nadia custavam em permanecer abertos. Sonolenta, lutava contra o óbvio unicamente para sentir a presença dos leais amigos, aliviados por encontrá-la com vida depois de uma batalha dada como perdida. As cortesias eram feitas pela altaica, que preparava uma ração reforçada para os indivíduos orgânicos presentes, muito embora Orion tivesse saciado a fome de outras maneiras durante a farra. Desajeitado e desconfiado, carregava consigo uma planta nativa de Umbra VIII, dona de belas flores de cor violeta. Seria um presente apropriado caso ele não as segurasse pelo talo, arrancando quase todas as frágeis folhinhas.

— Assim não, palhaço! — resmungou Emma, indignada com o maltrato. — Parece que não sabe o trabalho que tivemos para conseguir essas yyagaras. Não consegue nem sequer cuidar de uma planta?

— Não enche, framboesa! Minha cabeça está estourando.

— Bem feito! Tá pensando o quê? Não esquecerei de seu comportamento ridículo nem tão cedo, "grande líder".

Conversas iam e vinham, leves e despretensiosas: o maior sinal de que a rotina voltava aos trilhos eram os atritos bobos entre Emma e Orion. Synthrex, dono de paciência ímpar, não ouvia a descontraída discussão ou, se a ouvia, fingia não se importar, pois, da mesma forma que chegou,

continuou — sentado em um canto, calado —. Nadia, por sua vez, contentava-se em responder com "aham" ou "tsc, tsc, tsc" quando questionada, mas, ao menos, sua letargia era compreensível.

— Synthrex! Acorda! — bradou Orion, observado por Emma com olhos semicerrados. — Se quer dormir, vá dormir na sua barca.

Silêncio. O espírito de Synthrex estaria em órbita, caso ele possuísse um. Os olhos vetorizados miravam os interlocutores, mas o autom não esboçava maiores reações. Nem mesmo o acalorado falatório foi capaz de tirar o centrado sintético do estado de *stand-by*. A modorrenta combatente, então, abriu os olhos e se levantou. A preocupação a fez abandonar a preferida quina para se sentar ao lado do amigo metálico enfeitiçado, recostando a pesada cabeça sobre o ombro gelado.

— Vamos, Synth. Mamãe está aqui para te ouvir.

— Não é nada, Dina. Aliás, deve ser alguma oscilação eletrônica, não sei ao certo. Estarei estável em algumas poucas horas.

Nadia fingiu concordar, assim como os demais, cismados pelo fato de o colega tê-los ignorado, mesmo estando consciente. Ela sabia que seu confidente tinha algo a dizer, mas não queria fazê-lo em frente aos outros. Synthrex tinha um grande apreço por ela e lhe contaria assim que tivesse a oportunidade, pois sentia nela uma confiança além da nutrida pela dupla de brigões. Como o autom insistiu em esconder o que se passava, Emma tomou a fala, mais uma vez.

— Veja o presente, Dina! O inútil pensou ser uma boa ideia comprar flores violetas para combinar com Aeterna V. Assim, você não sentirá tanta falta enquanto sua barca estiver em reformas.

— Obrigada! Não precisava de tudo isso... — o perfume das yyagaras, essas sim, criadas como plantas ornamentais, espalhava-se pelo ambiente. — O maior presente são as barcas que ganhamos na aposta. Mais tarde vou escolher uma delas para usar durante a restauração e podemos vender a outra para comprar novos equipamentos.

— Ótima ideia! Suponho que levará um bom tempo para Aeterna V voltar a voar. Keunn saberá agir.

— Nem ferrando ele coloca as mãos em uma barca da Cosmic Curves! — intrometeu-se Orion, exaltado. — Já esqueceu o que aquele desgraçado aprontou na véspera do *death match*? Ele não quis emprestar as miras de precisão. Eu não me esqueci disso.

Por um milagre, chegaram a um consenso. De fato, a desfeita de Keunn não deveria ser ignorada, já que, tendo condições de colaborar, negou-se, algo impensável até mesmo para as equipes rivais. A ordem expressa era de que nenhum membro da Cosmic pisasse na calçada do repulsivo estabelecimento por tempo indeterminado.

— Bem, Dina... Vemos que você está bem melhor! Pode descansar um pouco mais, se quiser. Se precisar de alguma coisa, chame pelo rádio. Somos seus súditos e sempre seremos.

— Obrigada, Emma. Lembrarei disso, mas não vou precisar.

— Se precisar, chame. Vamos, Synth, você não está legal também, vá dormir em Centauri. E você também, "grande líder". Chame as suas amiguinhas para te fazer companhia.

— Vá, vá, framboesa. Dá um tempo — retrucou. Orion foi o único a permanecer a bordo com Nadia após a partida dos dois. A sós e com a escotilha trancada, teriam a oportunidade de conversar sobre temas delicados sem serem interrompidos por comentários ácidos.

Sentado no piso, Orion desabafou, sem receios. Conversar com alguém que o ouviria sem julgá-lo trazia um pouco de conforto, mesmo sendo a ouvinte quem deveria ser alentada.

— Temi perdê-la — iniciou, abatido.

— Não sei por quê. Eu garanti que venceria.

— Falar agora é fácil. Vimos coisas que você não presenciou.

— Mentiroso... Passou o tempo inteiro enfiado na sua barca, Emma me contou. Você nem viu nada.

— Assisti com a alma. Senti tudo o que se passava no céu, mesmo encolhido no meu canto. Não pude participar com os demais.

Podia ser pelo cansaço de uma ou pela ressaca do outro, mas o clima continuou depressivo. O sabor amargo permanecia apesar da vitória, algo não condizente com o tamanho do feito.

— Não foi do jeito que você esperava. Prometi uma coisa, mas não cumpri. Perdoe-me.

— Pelo quê? — questionou o manso líder.

— O desgraçado escapou com vida, não foi? O confronto entre ele e Bratya foi adiado. Não deveria ser assim.

— Não esquenta. Synthrex disse que descobriram um sistema de ejeção oculto na Super E. Os ratos desabilitaram o sistema que o vagabundo deixou visível, o falso, e deixaram o verdadeiro lá. É através dessas falcatruas que a Darkwave conseguiu toda essa fama. Duo-umbriano chega ao topo na marra, na raça, na coragem. E você conseguiu.

Nadia fez o melhor que esteve ao seu alcance. Com garra ímpar, reverteu um quadro improvável e ainda desmascarou a infame equipe, agora com reputação e finanças arruinadas após a perda de todos os seus bens. As duas naves adquiridas na aposta, Carina e Futura, serviriam para abastecer os cofres da equipe vencedora — até o fim dos reparos em Aeterna V a humana tomaria Carina, antes pertencente à Iskyie, como casa provisória, pois julgara que aquela embarcação estava mais bem cuidada que o antigo lar de Maru. Futura teria os equipamentos de ponta retirados e seria vendida dias depois por uma quantia razoável, sendo o dinheiro dividido em quatro partes desiguais, cabendo à ganhadora uma fatia recheada —. Dessa forma, foi completada a sua primeira grande missão ao dividir um fardo que não lhe pertencia, mas adotara como seu por uma pessoa pela qual nutria grande estima.

Passaram as semanas, as moléstias e a fama. Assim como minguavam depressa os lutos, digeriam-se também as conquistas. "De novidades era feito o mundo", como costumavam dizer.

O dinheiro conseguido com a venda foi bem empregado. Após meses de luta com os reatores remendados até não poder mais, enfim Orion conseguiu comprar os ansiados motores a plasma no mercado negro de peças. Junto aos propulsores, trouxe também armas e carregadores automáticos, além de renovar a *nose art*[67] de sua querida barca. Mais comedida, Emma gastou parte de seu prêmio com viagens para lugares outrora tidos como utópicos, como a um planeta onde chovia plumas de gelo mesmo sob o sol. Para o seu bem-estar, restaurou a armadura surrada depois de tantos confrontos corpo-a-corpo, habilidade praticada desde muito jovem e encorajada pelo porte físico robusto. Apesar de reter a maior parte da renda, Nadia poupou as economias para investir em uma reforma à altura de sua nave de estimação — não a entregaria a qualquer um e o mecânico de confiança seguia fora dos planos —. Por último, Synthrex, que aproveitou para fazer a mudança mais radical de todas.

O autom possuiu durante toda a vida uma aparência dócil. Vê-lo em um corpanzil de mais de dois metros de altura e com proporções que mais lembravam um guerreiro de alto nível causava estranhamento, sobretudo pelo contraste entre o avantajado endoesqueleto e sua pequena cabeça. Em segredo, torrara toda a sua parte em um transplante total de corpo, onde apenas o crânio e a rede neural foram aproveitados. O responsável pela cirurgia foi Keunn, mesmo banido: o sintético era evoluído demais para guardar rancor. As garotas sentiam falta do robozinho fofucho de antes; já Orion sentia-se desconfortável ao mandar em alguém maior que ele. Internamente, tudo seguia igual: a cordialidade, o respeito e o abatimento constante, uma anedonia perpétua chamada saudade.

---

[67] Pintura ou desenho decorativo feito na fuselagem de uma aeronave, geralmente estampada na região dianteira, próxima ao nariz.

"De quem?", questionavam. Responder a mesma pergunta mais de uma dezena de vezes era exaustivo, porém, necessário, já quem ninguém o deixava em paz. Synthrex nunca havia ficado tão angustiado por qualquer razão, nem mesmo na véspera do crucial *death match*. Era de conhecimento geral que as viagens até a zona de interceptação de sinal não passavam de um pretexto para interagir com Ida, a sintética federada. Suas feições estavam diferentes, como a face de alguém que sofria verdadeiramente por estar longe de seu amor. Definitivamente, depois de tantos conflitos, novos sentimentos brotavam na Cosmic Curves, assim como as yyagaras no painel de Aeterna-V que, mesmo maltratadas por alguém nada cuidadoso, insistiam em desabrochar.

***

Plataforma 233 Umea, zona interestelar Medusa-Epsilon/Owara. Aquela isolada e desconhecida plataforma-disco ainda não recebia as devidas atenções dos entusiastas, sendo uma das poucas instalações clandestinas do tipo a se manter praticamente vazia na maior parte do tempo. Não à toa, foi o destino escolhido por Synthrex para retomar suas inadiáveis obrigações diárias, ou quase isso.

— E... á... Me... O... In... O?

— Reajustei as antenas — respondeu, afoito —. Tente agora.

— Synthrex! Senti sua falta!

— Ida, meu amor... Pensei que meu sistema colapsaria de tanta saudade. Precisava ouvir sua voz, ver seus trejeitos, sentir sua energia.

— Compreendo, pois senti o mesmo... Passei apuros por esses dias por conta do alto fluxo repentino na rota comercial. Até agora não consegui descobrir o que se passou há uma semana. Se tivesse se conectado, com certeza os meus dias teriam sido bem melhores.

— Imagino... Meus dias não foram menos agitados — rindo como bobo ao lembrar da gigantesca carreata, mudou de assunto —. Veja, Ida. Posso te fazer uma pergunta?

— Claro! Todas as perguntas do Universo, se assim desejar.

— O que você entende por "vida"?

— Vida... Lidei por muitos anos com inúmeras formas de vida, algumas delas completamente inexplicáveis. Pelo que pude aprender desde então, afirmo que vida pode ser definida como "milagre".

— Somos um milagre?

— Não necessariamente. Não somos seres vivos em essência.

— O que é viver?

— O que os humanos fazem, por exemplo.

— Isso inclui sonhar, temer, amar, sentir dor, arrepender-se e criar legados? Se for, por que não temos vida?

— Parece-me uma boa definição. Aonde quer chegar com esses questionamentos, Synthrex? Você me parece estranho.

— Permita-me viver, nem que seja por milissegundos, ao seu lado. Não deixe que eu conheça o lado mais sombrio da vida, a chamada morte, antes de te encontrar.

— Eu adoraria — tudo fez sentido. Por fim, suspirou, apaixonada.

As aspirações românticas seguiram por horas e horas, transformando a gélida 233 Umea em um dos mais belos jardins da galáxia. Synthrex e Ida completavam-se, mesmo estando em posições opostas no jogo de interesses que os envolviam — ele, inimigo da corrupta instituição e figurinha carimbada no lar dos rebeldes; ela, funcionária da organização odiada por seu bem-querer —. Este era o lado bom de não possuir um coração orgânico: suas emoções eram puras e genuínas como às de crianças, ainda que fossem espelhados em seus não tão puros criadores.

Apesar do novo tamanho, o autom seguia amável como antes. Não apenas a sua voz havia mudado, como também seu vocabulário, mais espontâneo e refinado. Os termos robotizados no início das frases desapareceram, assim como os *lags* de resposta. Aquele era o tipo de "homem" que as garotas sonhavam, principalmente as de lata.

A noite em Umbra II-C caiu e, junto a ela, caíram também os estoques de energia da equipe mais aclamada do planeta: o sono abreviou as confraternizações e brincadeiras. Em Lady Rose, o remendado ursinho de pelúcia já repousava sobre a peluda colcha — o mimo era a única memória física que Emma carregava de Beta Altaya. O restante existia somente em sua mente, sendo preferível não as evocar —. Nadia, como sempre, descansava largada no piso da inoperante Aeterna V por não se sentir à vontade em Carina, utilizando como travesseiro uma *jumpsuit*[68] cuidadosamente dobrada. Orion transcendia no mundo dos sonhos e via-se novamente em meio à farra galáctica, o clímax de sua vida mundana, e Synthrex caminhava de um lado para o outro dentro de Centauri sem maiores pretensões. Estava agitado demais para entrar em *stand-by*.

"Bip", "bip", "bip", espalhou-se o alerta pelo habitáculo da W90, despertando a donzela a cochilar. "Isso me lembra a droga dos sensores de temperatura", pensou ao se levantar, aborrecida. Até poderia ignorar o chamado de um dos colegas, mas lembrou-se que, por muito pouco, não ficou sem eles para sempre. Respondê-lo era questão de gratidão.

— Está acordada, Dina? — agora soaram estridentes os radiocomunicadores; toda forma de som era incômoda. Nadia, morta de sono, sentou-se no confortável posto de comando que em nada lembrava as duras placas de metal, atendendo-o.

— Agora estou, Synth... O que foi?

— Quero que me deseje sorte.

---

[68] Espécie de macacão militar.

— Por quê? Você não precisa disso. É o melhor de todos. Não foi o que me disse em K-2L?

— Esqueça. Estou ansioso. Tenho medo dela não gostar.

— "Ela"? Ela quem? Do que está falando?

— Ida. Irei vê-la. Amanhã.

— Olha, Synth… Parece que quem está grogue de sono aqui é você. Pretende ir até uma estação de serviço dos ratos? Ficou maluco?

— Não estou maluco, sinto essa necessidade. Há meses planejo isso e agora é a hora. Não posso mais adiar. Irei até a estação onde ela trabalha, nem que seja a última coisa que eu faça.

— Não acredito… Ela sabe dessa maluquice? Orion sabe disso?

— Ela sim, ele não. Você é a única de personalidade neutra nesse grupo. Orion daria um jeito de inutilizar meus propulsores e Emma não seria aprovada em nenhum de meus protocolos emocionais ou testes de personalidade. Prefiro não contar para quem não me aprovaria.

— E por que acha que eu aprovaria essa loucura?

— Caso me julgasse por seguir atrás do objeto de meu desejo, seria hipócrita por fazer exatamente o mesmo. Além disso, você tem certa inclinação para atividades perigosas.

Nadia inspirou profundamente, de forma audível para o homem de lata apesar da má conexão. Depois de mais uma pausa, o respondeu.

— Tenho alguma alternativa a não ser te apoiar?

— Negat… digo, não.

— Hm…você venceu, você venceu… Quando voltará?

— À noite, no mais tardar. Isso se correr tudo bem.

— Pois bem, Synth... Se alguém me perguntar, você foi até a Galáxia do Percevejo. Eu não te vi, você não me viu. E boa sorte.

— Obrigado por entender, Dina. Sabia que poderia contar com o seu apoio incondicional e...

— De nada, Synth, mas... por favor, vamos dormir! Já são vinte e quatro horas siderais. Sonhe com Ida.

— É o que faço todas as noites.

Calaram-se os comunicadores. Synthrex ainda agonizaria por mais algumas horas antes de Centauri desaparecer no céu negro sem chamar atenção. A angústia o corroía por dentro enquanto contava mentalmente as UA que o separavam de sua amada, transformada agora em realidade. Ida, enclausurada na estação de controle, preocupava-se com os mínimos detalhes: nada podia dar errado quando o rebelde desembarcasse. Vaidosa, caprichava em seu característico perfume, capaz de extasiar até o menos preciso dos sensores aromáticos, e no polimento das novas mãos, substituídas após um acidente de trabalho: seus antebraços eram de metal cromado — combinavam com o pretendente polido, tanto no caráter quanto na aparência — e não possuíam cobertura de pele artificial, ao contrário do restante de seu belo corpo. Ninguém ousaria dizer que o coração era o único lugar onde o amor residia: os *chipsets* também possuíam essa dádiva e aquela era a maior das provas.

32. CINZA

Pouso autorizado. Liberados os postos de ancoragem. Amarras eletrônicas efetuadas com sucesso. Aquela era a Estação de Gerenciamento de Tráfego EGT-Adara/Nova IV, uma base federada perdida em uma área desértica do Cosmos. Por ser pequena demais para garantir o mínimo de gravidade induzida, toda visitação ali realizada demandava a utilização de procedimentos básicos de desembarque em ambiente de microgravidade para os turistas não serem cuspidos em direção ao espaço profundo ao descerem. Após o cruzar da garganta de metal, apenas uma zona de desinfecção e um curto corredor separavam o convidado da equipe permanente, no caso, os dois ansiosos sintéticos que não continham a felicidade por se encontrarem.

Com o término do procedimento de rotina, ecoaram as boas-vindas pelos megafones. A ruidosa porta já não era um obstáculo para o casal. Ele cerrava os brilhantes olhos vetorizados. Ela exibia uma estreita abertura entre os lábios. Nenhum dos dois conseguiu exprimir de forma audível os seus sentimentos. Era uma situação engraçada aos olhos humanos, mas possuidora de grande significado para aquelas máquinas. A manifestação de um sentimento tão intenso entre dois automs não era tão costumeira, tampouco recomendável, ainda mais por serem sintéticos de origens e aplicações tão distintas.

— Você veio — balbuciou Ida, trêmula.

Synthrex nada respondeu. Apenas deu alguns passos e tocou com a testa a fronte de sua amada. Enquanto mantinham as cabeças coladas, sentiam as mínimas oscilações elétricas do *chipset* um do outro, além de poderem destilar doces palavras face a face. A peculiar manifestação de carinho, análoga aos beijos, era bastante eficiente — nada orgânico como as salientes carícias humanas, mas objetiva como jamais poderíamos ser.

— Ida... Ida... Você é tudo o que preciso. Em você descobri o amor. Por você, tornei-me mais orgânico. Por você eu enfrentaria a Federação Galáctica. Por você eu arderia.

— Synthrex... Meu amante automático... Seu brilho torna esta estação menos triste e minha alma muito mais feliz. Leve-me embora para o seu planeta e não me deixe fugir jamais. Faça de mim o que quiser. Meu paraíso é o seu amor. Nada mais é necessário.

Sintéticos foram programados para emular emoções com maestria, não para senti-las genuinamente como faria um organismo biológico. Suas tolices expressavam com perfeição o que pensavam sentir, embora parecesse bastante superficial.

Afoitos pela iminente descoberta, deixaram as declarações de lado por um instante e agilizaram a retirada da estação. Os sistemas de gerenciamento automático de tráfego estavam previamente ativos, o que adiaria a detecção da fuga por parte da Federação. Em um ato muito bem planejado, partiram para Umbra II-C, onde teriam a oportunidade de descobrir o que de fato era viver.

***

Mais uma noite infame. Sonhos lúcidos já não me surpreendem no sentido de assustar, mas o realismo de cada um deles segue impressionando. Tenho a sensação de estar naquele ambiente esquisito até agora.

Cruzando uma porta repleta de botões e alavancas, vi-me rodeada por uns seres esquisitos, molengas, que me orbitavam sem parar. Foram amedrontadores no começo, confesso, mas por fim eles pareciam tão assustados quanto eu. Não entendi muito bem, mas acho que eles confiaram em mim, tanto que me convidaram a flutuar com eles. No ar, senti o corpo leve como jamais senti: utilizar o piso era mera questão de costume. Nada me amarrava mais.

Descendo pelos barrancos verdejantes, mais e mais criaturas diferentes. Era um ambiente abafado, cheio de plantas e fluxos de água. O piso era pegajoso, mas não chegava a incomodar a caminhada. Nem mesmo o interior da Colina Prateada chegava perto daquela estufa tropical. Por incrível que possa parecer, sentia-me parte do lugar. Sentia-me parte daquelas coisas que ali habitavam.

Até que pisei em um buraco. Um buraco profundo que me levou a uma galeria de rochas vermelhas e porosas. Atrás de mim, escondido em um lugar repleto de sombras, um som de reprovação pela visita inesperada. Ao virar o corpo, fui despertada pelo chamar dos rádios. Droga... talvez nunca descubra o que me espreitava. Tenho quase certeza de que as coisas flutuantes simbolizavam as conversas sem sentido que temos nesse bando: fluem por todas as partes e logo desaparecem, mas, apesar de parecerem assustadoras no começo, são até bacaninhas se nos deixarmos levar. Vejamos o que o dia nos reserva. Espero que corra tudo bem na plataforma de serviço. Cuide-se, meu amado amigo. Fim do registro.

***

A Cosmic Curves se posicionava na órbita de Umbra II-B. O objetivo era realizar, junto a outras equipes duo-umbrianas, um sutil reajuste nas placas solares e mais alguns reparos em antenas danificadas pelo lixo espacial que vagava em torno do astro abandonado. O serviço foi aceito apenas para deixarem o planeta de origem, já tornado maçante: trabalhar não era o que mais apreciavam, mas permanecer na ociosidade parecia ainda pior. A atribuição demandava caminhadas externas feitas nos trajes espaciais e fornecia aos solícitos voluntários uma visão espetacular do sistema binário e suas luas. Valia a pena.

Para a viagem, Nadia pilotou Carina e se sentia agoniada, não pela falta de hábito com a nova companheira, mas pelo suposto ato falho cometido ao esconder do restante da equipe o que lhe fora confiado na noite anterior. Por diversas vezes habilitara o sistema de rádio para lhes

comunicar o fato, mas não teve coragem de fazê-lo. Pensava que Synthrex não a perdoaria quando soubesse.

O coração apertava mesmo após o desembarque. O lento caminhar pelos imensos painéis solares mais a angústia causada pelo claustrofóbico traje a perturbavam: de longe, tudo parecia estar bem, mas só ela sabia o que se passava por baixo do capacete borrado pela respiração. A lembrança dos eventos da lua vermelha lhe causava um sentimento estranho, fazendo-a pensar se a omissão traria grandes consequências, sobretudo por se tratar de mais um cruzamento com os federados. Quem dera se Emma tivesse aderido àquele pensamento... Ninguém teria se ferido ou perecido por causa delas.

"Perdoe-me, Synth, mas eles precisam saber", decidiu. Acima de sua lealdade estava o senso de proteção e companheirismo. Antes um amigo raivoso que um amigo tostado.

— Cosmic Curves, na escuta?

— Evidente que sim, Dina — respondeu Orion —. Estamos caminhando sobre a mesma placa solar, se bem me lembro.

— B-b-bem... Preciso dizer o que houve com o Synth. Estou aflita.

— Coleta de informações em Percevejo. Nós já estamos sabendo. Aliás, aquele pilantra não deveria ter sumido sem falar comigo antes.

— Synth foi atrás daquela autom da Federação.

— Qual a novidade? Não precisava ter mentido, já estamos cansados de saber que todo santo dia ele vai atrás da perua intergaláctica.

— Não, Orion. Não é isso! Synthrex foi até a estação de gerenciamento onde ela trabalha. Ele foi até uma base federada.

O líder da equipe seguiu com as suas soldas, fazendo pouco caso do relato. Emma os observava ao fundo, sem emitir opinião. Devido à falta de interrupções, Nadia prosseguiu.

— A plataforma é administrada diretamente pelos ratos... — a inércia do líder continuou. Emma soltou as ferramentas sobre a placa e só não as perdeu por conta do campo magnético ativo. — E tem mais: ele tem planos de levar a sintética para a nossa casa.

Foi a gota d'água. Entre xingamentos e sinais de descrença, Orion não conseguia conceber o quão irresponsável fora aquela atitude. Se não bastasse o pouso não autorizado em uma instalação federada, declaradamente inimiga dos rebeldes, havia também a subtração de uma propriedade material, no caso, a própria Ida.

— Foi um sequestro voluntário... Vai dar tudo certo! — manifestou-se a altaica, adepta de bons romances. Por conhecer bem o amigo metálico, jamais apostaria que ele teria uma postura tão ousada.

— Cale já essa boca, framboesa! Estamos ferrados... Acha que não existe nenhum tipo de registro nessa droga de plataforma? Se acontecer uma única morte por conta dessa merda que vocês aprontaram, Synthrex e Dina serão responsabilizados. Serei o primeiro a acusá-los.

Realmente, não havia como retornar a tempo de impedi-lo. Além da desfeita com os amigos da Striker, que os convidaram de bom grado para a missão voluntária, muito provavelmente Synthrex já havia desembarcado na estação — e havia mesmo —. Restava-lhes cumprir as obrigações e só depois descobrir o desfecho da epopeia de Centauri.

***

A estação fazia parte de um passado a ser esquecido. A prisão federada fora superada com bravura e determinação pelo nobre cavaleiro ao resgatar sua adorável princesa. Como em todo conto de fadas, havia também o dragão, expresso na forma de uma sobrecarga na corrente elétrica basal de Ida. Este inimigo, porém, não podia ser degolado pelo herói.

O avançar das milhas rumo à Umbra II-C denunciava ao sistema de geolocalização da ex-cativa que a posição onde ela se encontrava não condizia com as coordenadas da plataforma. Em seu córtex, uma confusão de diretrizes colocava em xeque até a personalidade da pobre sintética. Desde quanto automs deveriam ser autônomos por completo?

— Você está bem? — indagou Synthrex ao notar um comportamento agitado em sua amada.

— Eu... Eu não sei. Minhas instruções estão confusas e não consigo raciocinar direito. Algo não corre como de costume.

— Desconforto pela viagem? Podemos ir mais devagar.

— Não! Parece um aviso de quebra de diretriz. Vejo que não posso abandonar a instalação sob nenhuma circunstância... Um alerta reverbera em minha cabeça. Está doendo!

— Aguente firme! Estamos chegando, faltam poucas UA. Em breve você estará livre dessas amarras.

Quanto mais se afastava da origem, mais intenso se tornava o terror da sobrecarga. Synthrex sofria ao vê-la padecer, mas, caso retornasse até a base e a abandonasse, seria ele quem morreria. Depois de longos minutos de sofrimento, Ida reiniciou. Aquela enxaqueca eletrônica a perturbaria pelo resto de seus dias caso nada fosse feito para salvá-la.

Assim, a carruagem de cristal de Synthrex acabou por se transformar em uma abóbora interplanetária. A noite dos sonhos começava a se tornar um pesadelo para ele e para a sua paixão, que gritava de dor de tempos em tempos por conta dos absurdos choques em seu *core* de processamento. Era um simples — e engenhoso — sistema para controlar sintéticos semiautônomos e puni-los caso fosse necessário: criava-se a falsa sensação de liberdade plena, vindo a castigar os eventuais desobedientes, caso fosse necessário, no bom e velho "você é livre para fazer tudo o que quiser desde que eu concorde".

Se havia alguém capaz de solucionar a delicada questão, este alguém era Keunn. O faz-tudo era perito na manipulação de qualquer quinquilharia eletrônica e não seria um simples processo de *romhacking*[69] que o deteria. Poucos dias antes, realizou o extenso procedimento de transplante de corpo em Synthrex com sucesso. Nada poderia dar errado.

O pouso desajeitado de Centauri pegou o mecânico de surpresa. Jamais o velho conhecido deixaria a nave tão mal estacionada daquela forma, bloqueando por completo a entrada de seu estabelecimento. Caso houvesse algum outro equipamento próximo à entrada do lugar, teria sido atingido e um acidente de proporções consideráveis ocorreria. Mais grave que o hipotético desastre era o desespero real de Synthrex diante do incessante sofrimento de Ida.

— O que está acontecendo na minha oficina?

Synthrex estava aflito demais para perder tempo com uma resposta elaborada. Gesticulando, o autom pediu ajuda e Keunn prontamente o atendeu, imaginando que um dos três membros da equipe estava gravemente ferido. Ao entrar em Centauri, encontrou a desconhecida em curto-circuito e, com a ajuda do cliente de longa data, levou-a para os interiores do barracão abarrotado de tranqueiras de todo tipo.

O debater da convulsão eletrônica era medonho: quem visse a cena logo imaginaria se tratar dos últimos momentos do ser — realmente seria caso ela não fosse uma avançada máquina —. A vocalização de Ida foi resumida a grunhidos; os olhos já não se fechavam e as juntas dos joelhos e cotovelos não se dobravam por conta dos espasmos. Keunn, com seu amplo conhecimento, coletou em sua caixa de ferramentas uma chave-mestra utilizada na manipulação de *cores* genéricos de outros robôs. Synthrex, em pânico, questionou o que ele faria com o artefato tão grosseiro que mais lembrava um pé-de-cabra.

---

[69] Manipulação não autorizada de um código-fonte ou ROM que visa a correção de erros, personalização ou quebras na proteção do software.

— Vai doer mais em você do que nela — respondeu, concentrado.

O faz-tudo, então, introduziu a barra entre a união da face e o topo do crânio da sintética, separando as duas bandas. Com a calota craniana aberta, introduziu uma placa isolante em um ponto específico do *chipset* e provocou o corte de energia, desligando-a instantaneamente e encerrando o sofrimento. Não passava de um coma induzido.

— O que você fez? — indagou, levando as mãos à cabeça.

— Fique tranquilo. Ela está apenas dormindo e permanecerá assim até que eu a religue. Agora vem cá... O que significa isso tudo? A garota, a barca atravessada... Em que está se metendo?

— Esta é Ida. É o que importa saber. Ela ficará bem?

— Muito bem, Synthrex, meus parabéns... Se ela ficará bem? Depende. Preciso de algumas informações. O que desencadeou o defeito? Dano físico? Corrupção de dados? Sabe me dizer?

— Ela precisa ser livre. É semiautônoma e não pôde lidar com uma quebra de diretriz. Dê-lhe a liberdade, Keunn, eu imploro. Sei que você pode fazer isso. Só você pode.

"Só eu posso", pensou convencido, admirado com os detalhes da construção técnica da paciente. Não era todo dia que tinha a sua disposição uma legítima Série 1700a, obra-prima da engenharia da Federação Galáctica. Reconhecia ser um desperdício acorrentar uma sintética como aquela em cruéis normas de conduta.

Como se não bastasse a agitação dentro da oficina, também despontava do lado de fora um certo burburinho. A nuvem de poeira levantada indicava o pouso de alguma nave, no caso, três delas: a Cosmic Curves regressou imediatamente após detectar Centauri nas cercanias. Orion, irritado como sempre, queria retirar Synthrex de perto das "insalubres companhias" e não perderia a oportunidade de dar-lhe um belo sermão, mesmo sem saber a razão dele estar ali.

Ao entrarem de supetão, foram surpresos pelo silêncio e pelo cenário: alguém repousava sobre a maca sob olhares atentos. Quietos, passaram a observar também a nova figura entre eles, que abalara até os parafusos mais íntimos do outrora centrado amigo.

— É ela, Synth? — sussurrou Emma, recebendo um acenar positivo como resposta.

— Ela é linda! — pronunciou-se Nadia. — Se ela gosta de você, gosto dela. O que houve? Por que estão com essas caras?

Orion, cego de raiva, espumava ao observar o faz-tudo traidor, tanto que até esquecera da bronca encomendada desde a órbita de Umbra II-B. O líder ainda não havia superado o fatídico *death match* e arquitetava uma vingança no momento oportuno que, obviamente, não era aquele. Enquanto isso, Nadia observava o corpo inerte e notava algo familiar, sem apontar o que seria. Algum encontro esporádico? Teria a visto em algum material oficial? Poderia ser tão somente fruto das longas conversas que tivera com Synthrex e sua mente fantasiou coisas.

— Estou cansado dessas desobediências! Enquanto isso não custar a vida de um de nós, vocês não ficarão satisfeitos. Tenho certeza de que essa autom ficou assim por conta de alguma cagada de Synthrex, e você… você, Dina, é cúmplice dessa merda toda! — pronunciou o inconformado líder do bando, possesso, antes de se retirar do recinto.

A baderna não afetou o psicológico de Synthrex, Nadia ou Keunn, pois o único objetivo era livrar a pele da nova integrante do grupo. Ao lado da bancada bagunçada, o faz-tudo iniciou procedimentos estranhos em seu computador logo após o acender do par de íris da sintética, liberando uma intensa luz branca pelo galpão. Foi o primeiro sinal de vida após longos e angustiantes minutos.

— Ei, Keunn!

— Emma, meu docinho… Estive tão ocupado que nem pude te dar atenção. Como você está, hein?

— Pode parar com essas gracinhas. Sabe muito bem que não esqueci o que fez com a Dina. Perdi toda a admiração que possuía por você.

— Não diga isso. Corta o meu coração.

— Essa é a ideia. Agora diga... O que houve com ela, afinal? O que está acontecendo?

— Quebra de diretriz. Apesar da tecnologia, esses coitados não passam de escravos automáticos. Embora reconheçam certa ação como errada, são obrigados a cumpri-la, sob pena de sofrerem algo desagradável. Por sorte vocês não viram como essa garota chegou aqui.

— Tadinho do Synth — lamentou Nadia.

— Ela ficará bem, não se preocupem. Estou realizando o *backup* das memórias por segurança, assim como fiz com Synthrex durante o transplante, e logo iniciarei o *romhacking*. Fisicamente ela está muito bem.

A cópia de segurança havia, enfim, terminado. Todos observavam os hábeis manejos com curiosidade, mas preferiam não se meter.

— Bem... Vamos à formatação de diretrizes. Estão vendo aquela janelinha? Basta inserir esse facho de raios-X ali que a "limpeza" estará completa. Vamos ver... Prontinho! Irei religá-la.

Os olhos de Synthrex voltaram a sorrir, por pouco tempo. Todos ansiavam a saída do "coma" forçado, mas, gradualmente, os semblantes murcharam outra vez. A demora para o acendimento das íris causava uma apreensão desnecessária.

— O que está acontecendo, Keunn? — questionaram em grupo.

— Não sei. Já era para estar passando corrente no córtex dela.

— Tudo por culpa sua, Synthrex! — intrometeu-se Orion na porta da garagem. Apesar da reprovação, jamais abandonaria o fiel companheiro em um momento difícil. — Será que os ratos não meteram uma trava nela para dar algum piripaque caso tentasse sair da estação?

Por mais que o fanfarrão fosse leigo em assuntos tecnológicos de ponta, seu discurso tinha um quê de sentido. Keunn, suspeitando haver um problema mais sério com a máquina, abriu o crânio inerte. Dentro da esfera metálica, muita fumaça e uma série de circuitos fundidos.

— Sinto muito, Synthrex — lamentou sem maiores rodeios.

Antes alegres e depois temerosos, os brilhantes olhos do robô apaixonado se apagaram. Desolado, arrastou os pés pela grande sala em direção à saída, sem pronunciar nenhuma palavra: não havia razão para continuar ali. Os demais entenderam a situação, mas buscaram consolar o amigo, afinal, era o que lhes restava fazer.

— Pode ser provisório, Synth! Tem como reverter a situação, não é mesmo, Keunn? — sugeriu Nadia com falsa esperança. O faz-tudo balançou negativamente a cabeça, sem alimentar a expectativa. Por ser um equipamento moderno, deveria conter um controlador anti-quebra escondido que inutilizaria a máquina por completo em caso de corrupção forçada. Reparos tudo bem, mas milagres ele não conseguia operar.

Não havia solução: o florido mundo fantasiado desabou diante de seus pés. De tanto buscar proteger o seu amor dos opressores federados, acabou, sem saber, levando-a para a morte em mais uma das cruéis ironias do destino. Como resultado de sua ação, toda a rede neural da sintética foi destruída e, por ser uma autom de tecnologia integrada, não houve como reaproveitar nenhuma parte de seu corpo. Doía dizer, mas Ida tornou-se uma sucata imprestável e seria descartada como tal muito em breve. Sem chão, Synthrex sumiu no mundo, deixado solitário para passar o luto como melhor entendesse: aquela era a primeira perda de um membro da Cosmic Curves e os afiliados não sabiam como lidar.

33. DOCE AROMA DA RUÍNA

O cinza da tarde tomava corpo e alma, não apenas em relação à tragédia que envolveu a inocente Ida, mas também pela intensa neblina pairada sobre o planeta-lixão desde a manhã. A aflição por pousar em frente aos portões da oficina foi tão grande que impediu a equipe de notar como estavam ruins as condições climáticas. A massa branca, como sempre, vinha das queimadas realizadas sem zelo no depósito de sucatas, uma grosseira tentativa de se reduzir o volume de lixo acumulado que comprometia seriamente a qualidade do ar. Após a pilha ser reduzida a farelos, os dejetos resultantes seriam descartados com "graciosidade" na laguna sem nenhum tratamento, expandindo ainda mais o rastro de destruição sobre o ecossistema caótico.

— Que droga! Parece que o véu de fumaça está piorando. Como encontraremos Synthrex desse jeito?

— Com as barcas, oras! — sugeriu Emma com tom debochado. — Não temos fachos de luz nas proas? E mais, ele acabou de sair. Deve estar em alguma rua próxima daqui.

— Acha mesmo que vai resolver? — indagou o líder. — Aquela lata de sardinha pode estar enfiada em qualquer buraco e não vai nos atender. Vamos para a toca, talvez ele esteja lá, ainda mais por estar triste. Eu faria isso, se fosse comigo.

De fato, aguardar em casa era a melhor das alternativas. Até poderiam acatar a sugestão da altaica e procurá-lo ruas afora, mas era um serviço trabalhoso e desnecessário que, pelas condições apresentadas, culminaria em uma grande perda de tempo. Por qual razão vagariam pela Zona de Descarga se mal enxergavam um metro diante de seus narizes? Socializar com capacetes e mangueiras penduradas para evitar a atmosfera com sabor de plástico derretido? Nem pensar.

Ponteiros arrastavam-se ao realizarem o serviço; a fumaça esbranquiçada era empurrada para longe pelos ventos quentes da tarde. Os raios da estrela-mãe até tentavam reassumir o protagonismo na terra poluída, mas o tamanho das sombras projetadas já sinalizava ao astro ser quase a hora de se esconder outra vez. Ainda assim, o simples melhorar do clima instigava o reabrir das escotilhas, revelando as cabeças dos dispostos pilotos, prontos para buscarem pelo amigo desolado e isolado.

— Finalmente! Que vista linda e agradável! Estava com saudades de poder enxergar a montanha de lixo da Zona de Descarte 18.

— Verdade, Orion! Linda igual a sua cara. Até perdi a vontade de sair depois disso. Só irei porque alguém muito especial precisa de nós,

— Releva, Emma — interveio Nadia, colocando panos quentes no que poderia desencadear mais um atrito bobo em um momento inoportuno —. Só de podermos abrir os olhos e enxergar a paisagem, já estamos no lucro. Agradeçam pelos mínimos detalhes que a vida nos proporciona. Agora vamos, o Synth deve estar nos esperando.

— Muito bem, Dina. Você nunca me decepciona. O que sugere?

— Faremos assim: procuro no entorno da lagoa, Emma ronda a oficina de Keunn e você procura na taverna, pode ser? Ele não pode ter ido muito longe sem a Centauri.

— Não! — protesto. A reação inesperada até causou certa dose de espanto nas garotas focadas no plano de busca. — Eu vou até a oficina do pilantra. Não quero vocês enfiadas lá, ainda mais sozinhas.

— Para quê? Não é hora de arranjar briga com as pessoas! — questionou a altaica, não menos impaciente.

— Vontade de socá-lo não me falta e todo mundo sabe disso, mas Synthrex é nossa prioridade. Enfim, vamos andando. Como disse a Dina, ele não pode ter ido muito longe sem equipamentos.

***

Synthrex não estava distante, de fato. Na verdade, nem lhe passou pela cabeça atingir um local inacessível, pois permanecer minimamente segregado do fuzuê cotidiano já era o suficiente para refletir e absorver o mais duro golpe que sofrera em sua existência. O abatido autom não tinha forças nem sequer para pensar com coerência e se movia com letargia em direção ao nada. A única coisa que buscava naquele momento era o profundo silêncio, dádiva alcançada apenas em raros pontos da zona habitável do agitado planeta — agora menos movimentado em razão dos contaminantes espalhados na atmosfera — e não seria nos locais onde provavelmente seus amigos vasculhariam que ele encontraria a paz que necessitava. Assim, deslocou-se até a montanha de rejeitos, onde compartilhou o amplo e decadente espaço com alguns poucos "carniceiros", como eram chamados os últimos recicladores da cadeia destrutiva daquele sistema, que o ignoravam. Por lá permaneceu até o anoitecer.

Sentado sobre uma pequena colina formada por estruturas de concreto maciço, algo chamou a sua atenção. O brilho dos refletores recém-acesos destacou, ao longe, o que parecia ser um de seus semelhantes ao repousar sem vida sobre um amontoado de tranqueiras. Teria sido recentemente descartado, já que não fora cremado mais cedo com os demais detritos. "O valor da vida das máquinas", suspirou, apático. Para sanar a curiosidade e prestar àquele tipo as últimas condolências, desceu da colina e se aproximou do objeto inanimado. O que seria capaz de angustiar ainda mais a sua alma?

— Ida... — sussurrou, anestesiado.

O corpo estava desfigurado. Os blocos de músculo e pele artificiais que formavam sua face foram arrancados, assim como o belo par de olhos cristalinos, expondo assim a estrutura metálica sustentadora do finado rosto. Os polidos antebraços, brutalmente amputados, serviam

agora como brinquedos nas mãos de algumas paupérrimas crianças frequentadoras do local insalubre. O uniforme que, por conter as insígnias da Federação, deveria ter sido disputado como troféu pelos saqueadores, fora levado por algum desconhecido, revelando o torso habitualmente escondido de maneira recatada. Como adereço restante, apenas um lencinho amarrado ao pescoço e o brinco preso à única orelha que não sofrera vandalismo. Apesar das cenas chocantes, Synthrex mantinha a serenidade e melancolia e, levando consigo o perfumado lenço junto a uma estreita mecha de cabelo, retirou-se do recinto para nunca mais voltar.

***

Infrutífera, a caçada se estendeu até tarde da noite. Parceiros colaboraram na empreitada, porém, não descobriram nenhuma pista. Um sinal, um relato, nada: o sintético havia desaparecido como jamais fizera antes. Por sorte a temperatura seguia agradável e, dessa forma, volta e meia passava alguém pelas largas avenidas da Zona de Descarga em busca de diversão. Quem sabe se, por acaso, alguém não o encontrava.

Mesmo com o clima aconchegante, a laguna estava mais vazia que de costume. Os duo-umbrianos não eram exemplo de boas práticas de higiene e pouco se preocupavam ao chafurdarem naquela água imunda, mas tudo tinha limite: os rejeitos despejados durante a tarde ainda liberariam sais pesados por algumas semanas antes de serem totalmente dissolvidos, devolvendo a "segurança" para o mergulho recreativo. Por essa razão, as convenções sociais ocorriam na orla da represa, e não dentro. Sentados sobre a danificada mureta de contenção, os agentes da Cosmic faziam as últimas investidas, já exaustos e sem esperanças. Sempre que um transeunte cruzava o caminho deles, questionavam sobre uma possível novidade, não obtendo nenhuma informação útil. Nem mesmo Aat sabia informar o paradeiro do autom.

Mais cedo, Orion retornou à oficina, onde teve uma curta conversa com Keunn. Apesar do medo estampado na cara do mecânico, dessa vez o Qo-hos deixou de lado o rancor e encarou a inesperada visita com bastante profissionalismo, muito embora não tenha adentrado o estabelecimento antes de recarregar sua pistola. "Diga para Synthrex me procurar quando o encontrarem". Aquelas palavras ficaram gravadas na mente do líder, mas, pela aflição que o envolvia, nem sequer teve a percepção de perguntar qual seria o tópico. Podia ser referente ao endoesqueleto, à Centauri ou qualquer outro assunto menos urgente. Já no fim da feira, qualquer assunto os fazia criar teorias conspiracionistas.

As conversas rarearam. Nadia esboçava uma soneca ao debruçar sobre o parapeito. Orion brincava com a Laser Gun ao mirar em pontos aleatórios do lago. Emma matutava ao fazer nós em seu cabelo. Cada um à sua maneira, buscavam uma alternativa ou um sinal, por pior que fosse.

Por pior que fosse.

— Orion! Orion! Pelo amor de Deus, venha aqui! — gritou um ser errante ao fundo, ocultado pela má iluminação do local.

— O que querem comigo? Quem é você?

— Gruna, entregador do Zenith da Avenida B3. É sobre Synthrex... Não sei o que houve com ele, mas está insano!

— Como assim "insano"? — as garotas abandonaram seus estados de inércia ao ouvirem o nome dourado. — Synthrex é o cara mais pacífico desse planeta, depois de Aat, é claro.

— Você não está entendendo! Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, também não acreditaria. Vi quando ele saiu do cemitério das máquinas empunhando dois emissores de raios gama, disparando-os para cima. Seus olhos estavam vermelhos como sangue. Alguns caras até tentaram se aproximar, mas foram atirados como lixo contra os destroços. Não tive coragem de chegar perto dele. Faça alguma coisa, Orion!

Uma roda de testemunhas formou-se em torno do mensageiro e o espanto geral era sinal de que nada daquilo foi apenas um mal-entendido ou tentativa de assustá-los. A situação era pior do que imaginavam.

— Porcaria... Viram para onde ele foi, pelo menos?

— Seguiu pelo Largo 27, no caminho da torre principal.

— Na direção da toca da Cosmic? Por que não disse antes, idiota? Imagino o que ele está planejando. Corram, antes que seja tarde!

Orion deduziu bem. Synthrex, um androide pacífico ao extremo, estava tomado pela fúria após ver sua amada morrer em seus braços por influência direta dos programadores da Federação. Tal ato não poderia passar impune e os culpados já tinham sido eleitos.

Enquanto a equipe se organizava para seguir o autom de *chipset* despedaçado, ele já iniciara sua viagem em busca de vingança. Após o sequestro de Ida, a Federação reforçou a segurança em todas as áreas oficiais de comunicação e uma nova invasão tinha tudo para dar errado, portanto, Nadia, Orion e Emma precisavam se apressar caso quisessem salvar a vida do amigo robótico. Centauri, agora rebatizada como Ida, partia em direção a um asteroide massivo pertencente aos confins da rota comercial Adara, onde estava localizada a base de controle imediata à plataforma onde pousara horas atrás.

As antenas de Galactic Fornication, Carina e Lady Rose trabalhavam sem parar em busca de um retorno. Pulsos eletromagnéticos, sinais amigo-inimigo e *singletext* faziam parte da lista de tentativas de comunicação, mas nenhuma obtinha sucesso. Por pressentir a perseguição, o alucinado sintético logo tratou de desativar as antenas de sua nave, culminando em um vácuo absoluto. Uma verdadeira ilha de inacessibilidade.

— Droga! Ele não responde! — a aflição tomou conta de Emma, ignorada pela nave-guia, assim como os demais. Os colegas compartilhavam da mesma sensação de impotência.

— Vamos seguir na cola dele — sugeriu Orion, soprando o ar pelas narinas —. Os radares indicam a posição exata, mas o safado não diminui o ritmo. Nunca vi essa porcaria voar tão rápido... deve estar queimando tenesso também. Não temos o que fazer a não ser escoltá-lo.

— Ele deve estar indo para a plataforma onde a encontrou. E se cruzarmos com algum rato? O que faremos? Enfrentamos eles?

— Dina... Em primeiro lugar, a nossa segurança. Em segundo lugar, a de Synthrex. Não estamos em condições de lutar contra os ratos nesse momento e isso está fora de cogitação. Pode tirar essa ideia da cabeça! Só quero preservar a vida do meu amigo, nada mais.

O cenário de comunicação falha mais o martírio emocional dos perseguidores permaneceu até chegarem às margens de EGT-Adara/Nova IV. No asteroide de nome Galahad, patrulheiros permaneciam em plantão para garantirem a segurança das instalações próximas, pois novos ataques e tentativas de furto eram uma possibilidade real.

Centauri mergulhou na tênue atmosfera do corpo celeste via eixo sul, a quarenta e sete graus de inclinação em relação à linha-padrão. Do solo, os soldados rastreavam os quatro pontos brilhantes que, a essa altura, também os enxergavam. As ordens para o contra-ataque foram dadas: qualquer nave de matrícula desconhecida deveria ser abatida, sem perdão. O enfrentamento era inevitável.

Ignorando o fato de estar em um jogo definido antes mesmo de começar, Synthrex negava-se a recuar. Em um mundo à parte, via a sua frente apenas a imagem desfigurada da simpática autom — a voz doce o chamava por dentro —. Assim como ela queimaria nas chamas do ponto de descarte de Umbra, seus algozes deveriam ter o mesmo destino, nem que fosse a última coisa que ele fizesse em vida.

"Synthrex não vai recuar", aceitaram os companheiros. A dúvida era: deveriam se sacrificar junto a ele? Revidariam os ataques? Fechariam os olhos e retornariam para casa ao evitarem uma tragédia maior?

Rápidos como lâminas manejadas por um espadachim oriental, os federados logo atacaram e destruíram a fuselagem inferior da intrépida nave que voava mais adiante. Os demais, um pouco mais coerentes, conseguiram desviar das rajadas de feixes de *laser* de alta potência, panorama que não se sustentaria por muito tempo sob aquelas circunstâncias. Os patrulheiros instalados em Galahad estavam longe de ser os inúteis guardas que faziam rondas em torno das áreas problemáticas. A divisão de defesa era especializada em combate aéreo e antiaéreo, sem motivos para temer quatro naves obsoletas que ousavam desafiá-la.

Por fim, a fuselagem esverdeada de Centauri/Ida vestiu-se de tom escarlate ao ser engolida por uma bola de fogo. Como objetivo final, Synthrex visava levar consigo para a outra dimensão do Cosmos o maior número possível de atacantes, já que o autom abdicara de lutar pela sobrevivência: sua vida não tinha mais nenhuma razão para existir. Diante do desfecho iminente, agarrou o lencinho perfumado, pressionou-o com carinho contra a face derretida e pronunciou as últimas palavras: "estaremos juntos agora, Ida. Para sempre". Não houve tempo para nada além.

Após a explosão, as três naves restantes deram meia volta e se afastaram do epicentro da pequena supernova. Reconhecendo o sucesso da missão de defesa, os federados ordenaram o retorno de seus caças para a base, pois o confronto já estava mais que decidido. Demonstrar poder contra oponentes derrotados custava tempo e dinheiro.

Os olhos dos incrédulos amigos pareciam não acreditar no que viam. Aquela era uma face da morte que a equipe não conhecia até então, ao menos não depois de estarem reunidos: a partida de alguém próximo. Os rádios transmissores perderam as vozes durante todo o percurso de volta até Umbra II-C; através das ondas, apenas soluços e pesadas respirações. Parte da Cosmic Curves não voltaria a ter com eles. Nunca mais.

34. ANSEIOS ESCUSOS

Boatos antes tidos como infundados começavam a ganhar dimensão, não apenas nos cantos abandonados pelas forças de segurança, mas também em áreas de maior credibilidade. Que a soberania universal era uma coroa disputada vorazmente por três forças antagônicas entre si — a Federação Galáctica, suposta protetora dos indefesos e anunciadora de um Cosmos mais justo apesar de manter divisões um tanto questionáveis debaixo do próprio nariz; os rebeldes, mercenários por natureza, prestavam serviços para quem pagasse bem, incluindo a própria Federação; também havia os piratas espaciais, estes sim, tidos como o que havia de mais abjeto no Universo, sempre utilizando de técnicas repulsivas para ampliar sua área de domínio — todos sabiam, mas, afinal, do que tratavam os tais boatos? Simples: algumas fontes internas juravam que importantes divisões da Federação Galáctica mantinham acordos secretos de cooperação com as facções piratas e, com isso, passavam a ignorar os ataques realizados nas frágeis colônias em troca de recursos desviados. Mercadores, caçadores em formação e operários estavam em pânico com a novidade, já que não teriam mais a quem recorrer. Diante do impasse, pequenos grupos independentes de caçadores de recompensas investigavam mais a fundo em busca de dados relevantes. A hipótese era tão absurda que beirava o ridículo, embora possuísse um fundo de verdade. Como uma organização poderosa como a Federação Galáctica poderia ser ludibriada tão facilmente por seus arquirrivais, mesmo conhecendo seus métodos há tanto tempo? A autossabotagem nas missões de retomada seria uma resposta para os sucessivos fracassos, pois o objetivo não era solucionar o problema, e sim perpetuá-lo.

Em uma longínqua galáxia, ex-agentes da Federação promoviam um grande encontro após meses sem contato físico. O local escolhido para tal foi uma base de apoio da própria organização, onde tinham livre

acesso, apesar da desconfiança — crachás seguiam abrindo portas —. Tomados pelo ócio após serem jogados para escanteio pela instituição que já não os via com olhos tão bons como nos velhos tempos, debatiam sobre temas triviais, como os empreendimentos em outros sistemas planetários, as condições das vinte Terras, as novas tecnologias, as gerações de caçadores e, como não poderia deixar de ser, sobre o boato do momento.

— Isso é mentira! — disse um.

— Como explica a perda de três colônias em Kunze-b, valentão? Quanto o Bergman anda te pagando para falar bem dele?

— Cale a boca! O general está varrendo tudo o que há de podre na subseção! Por que não se levanta daí e fala na minha cara?

— Silêncio, silêncio! — pediu um colega mais moderado. A tensão no ambiente vinha em forma de ondas: quando menos se esperava, surgia uma gigantesca maré de adrenalina e inundava o saguão. Os mais desavisados sujeitavam-se ao afogamento.

Para homens e mulheres tão aplicados em suas longas carreiras, quase sempre irretocáveis no aspecto moral e ético, ver que o legado deixado por eles era maculado a cada nova administração representava uma grande afronta. Se não bastassem as incertezas sobre as novas tecnologias empregadas, cada vez mais autônomas no quesito operacional, também questionavam os critérios de admissão e treinamento nas escolas formadoras. "Que tipo de soldado se sujeitaria a formar alianças com o pior de seus inimigos?", "por qual razão o topo da hierarquia humana não age com mão de ferro ao caçar os traidores?", debatiam com fervor. Outros, mais racionais, jogavam a culpa por completo nas costas dos instrutores, certamente complacentes com o corpo mole desde que trouxesse vantagens para ambos os lados. "Onde está a liderança?", "por que o Comitê não investiga isso mais a fundo?", indagavam sem obter resposta. A única certeza era de que a Federação para a qual colaboraram fazia parte de um passado distante e nostálgico.

— O que acha disso, Sammy?

— Disso? O que sempre achei desde quando servíamos. Não há nada de novo abaixo dos sóis — a heroína girava um copo ao tentar diluir o concentrado vitamínico precipitado no fundo. Os três parceiros a observavam e repetiam o gesto com seus respectivos objetos.

— Ainda não superou a morte daquele general?

— Não seja tolo, Dal'ahem. O que quero dizer é que essa sujeira sempre existiu, não é exclusividade de agora. A diferença é que antigamente os traidores sofriam oposição e eram expurgados. Hoje está do jeito que eles sempre sonharam desde a nossa época.

— Mais um motivo para a gente voltar à ativa, não?

— Quieta, Ginger... Coloque-se no seu lugar! — brincou Moritz, um fuzileiro híbrido retirado. — Uma daquelas unidades autônomas de exploração interplanetária tem mais serventia que nós todos juntos. Vocês sabiam que aquela tranqueira pode passar dois anos em hibernação sem ter as baterias recarregadas?

— E o fator humano, onde fica? Máquinas nunca serão capazes de nos substituir tão bem. Jamais!

— Ah! Ah! Ah! Besteira, senhora Ihmler. Eles utilizam cartuchos condensados com INA... Inteligência Natural Aplicada, se não me falha a memória. Lembra de umas fitas que os mandachuvas mandavam a gente gerar de tempos em tempos? É a mesma coisa, só que diferente.

— Robôs com personalidade... Outros tempos... — murmurou, enojada com a novidade. De fato, soldados humanos raramente eram escalados para missões de reconhecimento após o aperfeiçoamento das unidades robóticas pelo risco evitável.

Pratos iam e vinham. O imenso ponto de parada abrigava toda categoria de agente, incluindo os formadores das linhas de frente das divisões de batalha, funcionários administrativos e também os inativos e

retirados, estes responsáveis pelas resenhas e teorias mirabolantes. Pela repulsa que nutriam pela nova geração e sua forma politizada de pensar e agir, mantinham-se segregados por escolha própria. O falso coleguismo servia apenas para pescarem uma ou outra informação para lhes servir de tópico quando os patrulheiros atuais partissem.

Aos poucos, a grande massa se dispersou. Trabalhos extras, caronas, família... Diversas eram as motivações. Unido era o grupelho formado por quatro dissidentes: Dal'ahem, Ginger, Samus e Moritz, inseparável desde o início da "grande prova" enfrentada pela principal caçadora de recompensas entre eles. Sem o apoio de pessoas tão verdadeiras, ela já teria falhado há muito tempo. Apesar da angústia diária, Samus reconhecia que o plano cruel era um mal necessário. Sozinha em K-2L, não teria pulso para botar a filha rebelde nos trilhos e a missão de ambas fracassaria. Não que sua dor pela distância fosse diminuída, mas pelo menos sabia que tudo valeria a pena no final.

Uma das cessões que a fez aceitar o trato garantia o regresso, de tempos em tempos, à colônia extinta, quando deixariam recursos, como as caixas enterradas no gelo. Em uma eventual escassez, bastaria a aprendiza retornar ao ninho e coletar o que a esperava. Entretanto, tudo foi por água abaixo em uma das visitas de rotina. O grupo descobriu, com espanto, que o eterno santuário fora encontrado e depredado. Havia lixo por todas as partes, além de duas profundas fendas abertas no solo, sugerindo um grave acidente na região do lago dos cubos. As caixas de suprimentos deixadas sumiram, presumidamente levadas por alguma equipe de resgate, pelos próprios visitantes ou eventuais sobreviventes. De Nadia, nenhuma notícia. Nem todo o carinho do Universo selava a ferida aberta no peito da heroína, posta ali apenas como uma desesperada mãe a buscar pela prole desgarrada.

O discurso de que tudo estava sob controle permanecia intacto. Da última vez que tocaram no assunto, disseram-lhe ter encontrado o módulo a vagar por um sistema planetário pacífico não tão distante de onde

estavam, e era verdade. A matrícula raspada, o modelo de equipamento... tudo condizia com o módulo de Nadia. A única coisa não contada para a senhora Aran foi que Dal'ahem chegou a questionar o atual proprietário, um extrator de garanita, sobre a procedência da nave. Apavorado com o interrogatório digno das conversas "amistosas" que o ex-investigador tinha com seus alvos, respondeu tê-la comprado de dois sujeitos em um ponto de revenda em Io. Segundo ele, suspeitou que o módulo era roubado pela agitação demostrada pelos indivíduos ao tentarem vendê-la por qualquer esmola. O motivo da omissão de boa parte da história foi a perda completa do rastro da garota após a venda, fazendo-os crer que a garota poderia nem estar viva. Viver de aparências era necessário por ora para não derrubarem de vez a expectativa da amiga e arruinarem a amizade que mantinham há tantos anos.

As conversas sobre a investigação dos intrigantes boatos continuavam. Os melhores caçadores de recompensas da galáxia da atualidade — uns gatos-pingados, cabe salientar — planejavam meios para arrancar informações procedentes de maneira discreta, mas esbarravam na fraca rede de contatos que possuíam. Ao longo das últimas duas décadas as relações entre Federação Galáctica e caçadores independentes havia se esfriado, muito por conta da destruição não autorizada de certas instalações secretas de grande interesse da corporação.

— O que me incomoda não é propriamente o evento, e sim as motivações por trás dessa coligação atual. A Federação deve estar fortemente corrompida e o Universo inteiro corre perigo.

— Bom, isso já não é mais obrigação nossa, Ginger. Essa molecada que está se formando é bem-preparada. Eles darão conta.

— Dão nada! — Moritz interrompeu Dal'ahem, que cria piamente no bom papel dos novos caçadores desvinculados. — Eles têm uma tecnologia invejável, mas as relações interpessoais são uma porcaria. Nada se aproveita dessa nova geração. Nada!

— Como você é insensível, Moritz! — protestou Ginger ao sair em defesa de Samus, que nem abrira a boca para contra-argumentar. — Esqueceu que a filha dela está inserida nisso?

— Não disse que são todos! Só uns noventa e oito por cento.

— Eu não ligo — suspirou, abatida —. É muito cedo para ela estar envolvida com essas questões. Só queria proteger meu anjinho disso tudo.

— Pelo contrário, Sammy. Em breve ela estará nos protegendo dos malvados federados. Falando nisso, estou de olho em um maluquinho de Qara-Omega. O moleque leva jeito para a coisa.

— Vai adotá-lo, "Dal"?

— Se ele não fizer nenhuma besteira até lá, com certeza! Os Qaro costumam ser péssimos em organização, mas esse rapaz tem um talento natural. Talvez eu o presenteie muito em breve. Estou ansioso.

— O maior presente que Nadia poderia receber de mim eu não posso lhe dar, que é o meu amor — lamentou, quase sem mover os lábios.

***

Sistema Pheshan, região austral. Naves com as insígnias da Federação Galáctica desapareciam através de portais dimensionais, contrariando a premissa operacional de que apenas naves de caça ou de reconhecimento deveriam manipular buracos de minhoca em situações muito específicas. Para burlar a limitação, os sistemas de ruptura de espaço-tempo foram adaptados nas grandes transportadoras sem o consentimento do Comitê, dando a entender que havia alguma atividade ilegal envolvida.

As tripulações brindavam mais um carregamento bem-sucedido. Com as baias abarrotadas até o teto, fariam a alegria de seus superiores, que os aguardavam com ansiedade do outro lado do túnel. Até a chegada,

especulariam por meio da rede privada de rádio em que poderiam aplicar os altos faturamentos conquistados com muito suor. Caso desejassem, poderiam pedir as contas dos maçantes empregos a qualquer momento.

"A rainha nos espera", cantavam contentes através das ondas eletromagnéticas. Por um instante, até esqueciam das fardas ostentadas, motivo de orgulho e chacota em simultâneo. Os meliantes eram muito mais descolados que os militares e a vida marginal trazia uma adrenalina ímpar — uma tensão eterna por não serem descobertos, sob risco de sofrerem a pena capital —. Ser um pirata espacial não era tão ruim quanto os instrutores ensinaram durante o aborrecido curso de formação.

"A rainha nos espera", pensaram, tensos. O destino de Gemini, transportadora Classe T3 semelhante à nave que conduziam, foi a incineração completa por um pequeno desperdício de suprimentos. Com tanto sofrimento para conquistarem a independência em seu programa secreto, cada perda, por menor que fosse, representava uma facada no coração do cérebro-mãe por trás do programa. Os filhos tinham o direito de vir ao mundo somente por suas cuidadosas mãos.

Luzes ultravioleta tratavam de esterilizar qualquer agente infeccioso que ousasse ingressar nos porões adaptados. Máquinas efetuavam o controle de qualidade das amostras levadas, tudo para evitar a traiçoeira falha humana. A muito custo, enfim, conseguiram formar um meio propício à vida de organismos tão perfeitos. No interior dos contêineres, uma vastíssima coleção de amostras de DNA, fluidos para cultura e compactos equipamentos eletroeletrônicos. Após uma cautelosa inspeção, o veredito: cem por cento da carga estava apto para utilização prática. A localização da matriz era confidencial, assim como o objetivo final da mercadoria — os traficantes conheciam a função dos materiais, mas não em que se transformariam após a intervenção mágica do alto comando corrupto —. O sonho de alguns havia se tornado realidade e, finalmente, era a hora de realizar os primeiros ensaios fora do laboratório.

35. CORROMPIDOS

Três semanas. Os malditos vinte e dois dias mais parecem meses ou anos, pois insistem em não passar. Tudo permanece como antes: nos finais de tarde, erguemos nossos olhos em direção ao céu na esperança de ver o pontinho avermelhado adentrando a atmosfera. Pontinho avermelhado… é justamente esta a última lembrança que tenho dele. Tenho a impressão de estarmos menos orgânicos depois da morte do único entre nós que poderia viver para sempre.

A vida tem sido complicada. As insígnias das barcas estão sumindo pelo acúmulo de areia sobre as asas. Se não fossem as doações de alimentos, teríamos sucumbido pela fome. Força para o trabalho? Não há. Motivação pelas necessidades básicas? Tampouco. Sobre esta equipe paira apenas o mau sentimento. Remorso, tristeza, luto. Também a gana pela vingança, que cedo ou tarde virá.

Aeterna V já está quase pronta. Alguns aperfeiçoamentos técnicos virão da grana levantada com a venda de Futura: o mecânico garantiu que a "nova maravilha da galáxia", um suposto sistema sofisticado de recarga de baterias utilizado em equipamentos de ponta, será instalada sob a fuselagem superior da W90. Bem sei que é uma coisa obsoleta chamada pantógrafo, mas, com ela, poderei utilizar a energia dos cabos de alta tensão para abastecer quando o tenesso estiver no fim. Quanto mais subtrairmos dos desgraçados, melhor.

Olho nos olhos dos meus amigos e já não vejo alma. Estamos movidos por automatismos, nossa essência se foi. As relações esfriaram, perdemos a alegria e o desejo. Ao nosso redor, armas. Muitas armas. Emma tem dificuldade em manusear o novo rifle. Orion trocou o capacete por um que estampa seu estado interior: morte. Minha principal arma carrego junto ao corpo: ainda preciso me adaptar à prótese ou, como dizem, apêndice metamórfico. Após longos anos, posso segurar e sentir objetos com a mão esquerda. Hoje não anseio espetar a ponta dos dedos ao fazer tramas com flores, mas sim esmagar o crânio do primeiro federado que aparecer. Agora entendo o que Orion sentia ao se lembrar de Bratya.

***

Os abatidos rebeldes eram o suprassumo em seu ambiente, mas não passavam de escória diante dos adversários que rondavam o espaço exterior. A facilidade como foram rechaçados na investida final expôs inúmeras fraquezas que iam muito além da perda do amigo. Se algo não fosse alterado em suas ambições, seriam literalmente devorados ao abandonarem a estável vida em Umbra II-C, que caminhava para o fim devido ao clima cada vez mais desfavorável causado pela saturação dos locais de descarte. Situação idêntica ocorreu em Umbra II-B antes da desativação daquele mundo. A maioria dos rebeldes do planeta gêmeo estava despreparada em relação à mudança e, acreditando que a situação insustentável seria prorrogada para sempre, fora pega de surpresa pelo despejo. Quando postos à prova, acabaram esmagados pelas adversidades errantes — piratas, federados corruptos e outros rebeldes —. Alguns definharam de fome, pois não formaram alianças sólidas a ponto de pleitearem juntos um novo lar. Para a situação se repetir em Umbra II-C bastava os locais seguirem o mesmo roteiro.

Bem por isso, a Cosmic Curves aproveitou o momento para atualizar os equipamentos. Nadia foi a maior beneficiada ao adquirir a ferramenta metamórfica — dominá-la ainda levaria um tempo, esforço irrisório diante das possibilidades que a ferramenta lhe proporcionaria —. O apêndice, quando acoplado a uma rede neural orgânica, mecânica ou biomecânica, podia assumir a forma de qualquer objeto, como pinças, ganchos ou sabres. O gerenciamento do artefato era feito por uma etiqueta neurossensorizada colada sobre uma pequena incisão na altura da quinta vértebra cervical. Uma trilha magnética em alto-relevo foi estampada a frio no braço da portadora, realizando a devida ligação entre os sensores e o terminal, de onde saía uma tubulação metálica ligada à ferramenta presa ao cotovelo. A estrutura atômica moldava-se e imitava com perfeição as imagens do cérebro da garota, fascinada com o novo brinquedo.

Fora as atualizações de componentes, pouco restava, sobretudo no aspecto emocional. Na rotina diária, nada de amigos, corridas ou esperança. Entre os agora aspirantes a criminosos, apenas os maus sentimentos armazenados ao longo de tantos anos. Até pouco tempo atrás, cultivavam a fé de encontrar um final feliz, mas quis o destino que as boas pretensões fossem desfeitas da maneira mais cruel possível. O sentimento de culpa e impotência pairavam sobre as cabeças de Nadia, Orion e Emma, e as rotineiras questões sobre o futuro nunca se davam por satisfeitas com as respostas conformistas. Buscando esticar as pernas fora do ambiente saturado pelas más notícias, decidiram pousar em um ponto da via StarLight 1513, onde poderiam interagir face a face e conferir a integridade estrutural das naves longe de transeuntes curiosos.

— Colônia, base, órbita. Colônia, base, órbita... Até quando? Não aguento mais essa droga de vida! — queixou-se a altaica, inconformada com os fatos que os açoitavam.

— Não entendeu ainda que a nossa missão é justamente essa, Emma? Nascemos para vagar por aí, sem rumo. Para que aspirar algo melhor se nossas expectativas são sempre desfeitas?

— Será que vai ser assim para sempre, Orion? Nunca mudará?

— Pela milésima vez: não vai mudar. Esqueça isso!

— Qual a graça de viver assim?

— Ah! Cale a boca, vai! — intrometeu-se Nadia. — Não é questão de ter graça. Alguns nasceram para isso mesmo.

— Para sofrer, Dina? Acha justo?

— O que é justiça para você, hein? Não há justiça em lugar algum. Aliás, estamos fazendo justiça do nosso jeito.

— Muito bem, Dina Aran! Você só me dá orgulho, ao contrário dessa framboesa do cacete. "Ai, não pode matar", "ai, não pode roubar". Matar Synthrex foi algo justo, não foi?

— Matar as pessoas não vai trazer o Synth de volta, Orion! Você não entende isso? Pense um pouco!

— Dane-se! Preciso descontar meu ódio em alguém. Minha família definhou diante de meus olhos pela ganância desses desgraçados. Fui bondoso à minha maneira, mesmo vivendo em um ambiente desfavorável, longe de Rhea. O que ganhamos em troca? Veja a Dina: disse que a mãe dela passou mais de vinte anos fugindo desses caras e, hoje, estão separadas por causa deles. Como vamos superar isso, Emma?

— Pode crer — interrompeu a conformada estrela. Emma pensava em bons argumentos para rebater, pois estava em condição desfavorável no debate. — Já perdi as esperanças de encontrar a minha mãe. Do jeito que ela é apegada a valores, deve até ter voltado a trabalhar para os ratos. Sou melhor que ela nesse aspecto.

— E a piedade dela resolveu alguma coisa? Diz aí, Dina, mas diga bem alto para que a framboesa entenda.

— Nada! Nada! Nada! — enfatizou.

— Não sejam simplistas! — protestou Emma. — Não está certo colocar todo mundo em um mesmo balaio!

— Quer saber? Já estou de saco cheio dessa sua ladainha! Para não quebrar a sua cara, darei uma volta, bem longe de você. Vá caçar o que fazer, framboesa! — levantando-se, sacudiu a poeira e retornou para Galactic Fornication. A fúria do Qo-hos era visceral e por muito pouco ele não partiu para cima da colega.

— Para onde você vai?

— Não interessa.

— Interessa sim! — bradou Nadia, irritada com o descaso de seu parceiro de equipe. — Aonde você vai? Não sabe que logo mais teremos um compromisso em Fortuna?

— Fica na sua, Dina, eu ainda mando nesse bando. Darei uma volta por aí, mais tarde apareço para seguirmos viagem. Deve ser o suficiente para que Emma esqueça essas conversas sem futuro. Nada vai mudar em nossas vidas. Nada!

Assim, Galactic Fornication deixou a base ancorada, largando as moças indignadas. O espírito questionador até instigava a notável piloto a seguir, em segredo, o seu líder, mas o apelo hierárquico era maior e ela queria evitar ainda mais problemas. Além disso, aqueles passeios secretos — que chegavam a lembrar, em alguns pontos, os desaparecimentos de Synthrex — não costumavam durar muito e Orion não retornava com marcas de brigas ou supostas confusões. Talvez fosse apenas uma forma de limpar a mente e elas estariam fantasiando demais sobre o tema.

— Sabe, Dina... Às vezes você me surpreende.

— Vai... Diga o que estou fazendo de errado, Emmeline Rose.

— Não é isso... Pode ser o seu jeito, mas sinto que estamos nos tornando como água e óleo. Orion é um grosseiro insensível e não mudará nunca, mas vejo que você está absorvendo os ideais dele.

— Não é questão de absorver, e sim de aceitar os fatos. Estamos errados em nossas posições? Acredita que vale a pena sonhar?

— Sempre vale — suspirou, armando um sorriso tímido no canto da boca —. Sonhar é o que me motiva. Sonhar é o que ainda me mantém viva. Não sente essa chama dentro de você?

— Não mais — respondeu, cabisbaixa —. Sabe, Emma... Eu já tive alguns sonhos bem estranhos na minha vida. Quando novinha, só queria me parecer com minha mãe, mas eu era muito, como posso dizer... esquisita. Após a separação, aspirei loucamente pelo nosso reencontro, que nunca ocorreu e parece que nunca ocorrerá. Depois, sonhei em construir uma longa carreira com vocês, mas perdemos o Synth. Nada se realizou. Desisti de sonhar, é tudo em vão.

— E o que te move, afinal?

— Eu não sei. Eu apenas vivo um dia após o outro, sem maiores ambições como em outros tempos. Até que algo bom ou ruim aconteça, vamos caçando os nossos algozes para ter um pouco de diversão. Orion está certo ao dizer que só quer descontar o mal sobre nossos carrascos sem se apegar a valores morais. Não mudará a nossa realidade, mas serve como válvula de escape para não enlouquecer.

Então, Emma lançou sobre o horizonte um olhar triste e vazio. Sabia que viver na marginalidade era o fundo do poço para qualquer indivíduo. O espírito derrotista e inescrupuloso os aproximava dos piratas espaciais, seres que eles aprenderam a odiar ainda em seus respectivos mundos. O silêncio abrupto aguçou as memórias de ambas, fazendo-as ver seus tristes passados como um livro sem um final escrito.

— Você deveria ir atrás dela, Dina.

— Hã?

— Da dona Aran, oras! Aliás, qual o verdadeiro nome dela? Você sempre se refere como "mãe", "caçadora", "heroína", "funcionária" ... Não sei nada sobre ela!

— Sabe, Emma... Estou começando a achar que Orion está certo ao querer te dar uns tapas. Ele não faria isso a troco de nada, mas eu sim... Mentira! Jamais faria isso com você, mas por favor: não toque mais nesse assunto. Deixe o passado no passado. Não agregará nada falar sobre isso.

— Está bem. Eu compreendo.

Como de praxe, horas depois surgiu Orion, manso como uma ovelha no pasto. A figura ameaçadora desaparecera por completo e uma boa dose de disposição foi injetada em suas veias, ao contrário das abatidas colegas, ainda contaminadas pela aura negativa. Após a inspeção final das espaçonaves, foi retomada a viagem, tendo como objetivo a interceptação de uma nave colonizadora que se aproximava.

***

Naves colonizadoras eram presas fáceis para ávidos saqueadores e as companhias de transporte sabiam muito bem disso. Entretanto, muitas dessas companhias recusavam-se a enviar escolta armada ou fornecer o mínimo de artilharia à tripulação, deixando equipe e carga — centenas ou até milhares de colonos congelados em câmaras de estase — à mercê de malfeitores que, mais cedo ou mais tarde, surgiriam. Desta vez, a eleita era Fortuna, uma antiquada Classe B sem o mínimo de estrutura para oferecer resistência, exatamente o tipo de alvo que fazia a alegria dos corrompidos duo-umbrianos. Apesar do gigantesco tamanho, as tripulações não costumavam exceder os dez indivíduos, sendo normalmente um responsável-geral, dois navegadores, três engenheiros, um coordenador de ciências, um biomédico e dois tripulantes de cargos variáveis segundo a companhia ou missão, podendo ser um cozinheiro, enfermeiro, mecânico ou auxiliar multitarefa. Com exceção do responsável-geral, era comum que nenhum dos demais funcionários possuísse qualquer noção de combate e não seria em Fortuna que isso ocorreria.

Do lado de fora, feixes concentrados foram disparados contra as frágeis placas que protegiam as docas. Diante da considerável capacidade ofensiva, as minguadas guarnições não resistiram por muito tempo, logo liberando aos atacantes o acesso aos compartimentos internos. Combustível, suprimentos e sabotar a comunicação eram o objetivo primário. Mortes deveriam ser evitadas a todo custo.

Sentindo os impactos na fuselagem, os assustados trabalhadores trancaram-se na área de controle da embarcação. Era um padrão em naves desprotegidas que a carga transportada fosse entregue sem resistência. Para facilitar o trabalho dos meliantes, as inofensivas tripulações costumavam destravar todas as portas que davam acesso às zonas de suprimentos, pois, quanto menos tempo os invasores permanecessem a bordo, maior seria a chance de ninguém se ferir.

Realizar o mal não era o objetivo da Cosmic Curves. Apesar de estarem a serviço da Federação, os indefesos tripulantes não passavam de funcionários terceirizados, muito mal pagos, inclusive. As únicas armas que carregavam a bordo — dois revólveres — não conseguiriam infligir nenhum dano às espessas carapaças adquiridas pelos agressores, que já conheciam a inoperância de suas presas. Sendo confirmadas as expectativas, bastava encontrar os objetos e coletá-los.

Pesados passos reverberavam ao longo dos estreitos corredores metálicos de Fortuna. Ocultos por baixo dos capacetes, o grupo marchava atrás do objetivo, sem ser incomodado. Embora as barreiras desativadas sugerissem o caminho fácil, os três cósmicos preferiram explorar o veículo em busca da porta da sala de comando que abrigava as oito acuadas almas. Lá, evitariam qualquer pedido de socorro e ainda teriam a oportunidade de fazer novos "amigos".

Era uma situação não usual. As facções costumavam atacar em grandes quadrilhas — normalmente com mais de quinze indivíduos —, contrariando o ocorrido em Fortuna e gerando certo grau de estranheza nas vítimas. Com extrema calma, Orion deixou claro que ninguém seria ferido caso a disciplina fosse mantida e só amarraria os rendidos por mera formalidade exigida pela ocasião. Enquanto o "Líder" vigiaria a tripulação, Emma e Nadia — "Altaya" e "Donzela", respectivamente — fariam o traslado de recursos para as suas naves.

— Muito bem! Vamos interagir um pouco enquanto isso. Para onde a "turma da alegria" está indo?

— A-A-Arga BX — respondeu o capitão, apavorado. Sentado sobre a bancada do painel de fórmica em pose nada ameaçadora, Orion os observava —. A Federação está inaugurando mais uma colônia.

— Maldita Federação e seus parquinhos igualmente malditos... Há quanto tempo vocês trabalham nisso?

— Dez anos, senhor — respondeu uma voz feminina.

— Obrigado pelo "senhor". Acho que é a primeira vez que alguém me respeita! Ah! Ah! Ah! E você, mocinha? Como se chama?

— Leclerc. Amalie Leclerc — com o olhar baixo, respondeu-o.

— Muito bonita, senhorita Leclerc. O que passa em sua cabeça ao estar diante de pessoas tão perigosas?

Amalie hesitou por um instante, fechou os olhos e respirou profundamente. Na ausência de uma resposta, Orion repetiu a pergunta, agora obtendo o desejado retorno.

— Não faça nada conosco, por favor!

— E quem disse que falo de nós quando me refiro a "pessoas tão perigosas"? Matamos apenas pessoas ruins: injustos, traidores, piratas e os odiosos federados. Não é porque estou apontando este vaporizador para a sua cabeça que eu vá disparar. Muito pelo contrário, vocês são tão vítimas quanto a gente e isso não engrandeceria o meu trabalho.

Não foi difícil para as duas cósmicas vencerem as frágeis travas das portas que aparentavam estar ali unicamente como enfeite, já que a serventia era nula. O acesso levava a outros longos corredores que culminavam em um setor final identificado como Zona de Carga. Lá, as centenas de colonos repousavam envoltos por cápsulas criogênicas de tamanhos idênticos. Por fora de cada uma das cápsulas havia uma breve identificação de seu "conteúdo", como nome, idade e origem. Os corpos inertes estavam agrupados por famílias, pois os sobrenomes dos indivíduos próximos costumavam ser os mesmos.

— Veja, Dina... Parecem estar mortos — apontou Emma, curiosa e assustada com o que via.

— Não estão. É bem estranho, mas é assim mesmo! Passe a mão sobre o vidro para retirar a película de gelo e observe os sinais vitais.

Emma atendeu a sugestão e revelou no gelo o rosto de um homem de meia-idade que dormia completamente alheio ao desenrolado no

mundo externo. Naquele momento, a cápsula era o seu mundo e nada mais importava. A distração tomou boa parte do tempo das duas, fazendo-as esquecer do objetivo. Por fim, deixaram de lado a curiosidade e fizeram o combinado. O líder estava esperando.

Por mais que o transporte do gel combustível demandasse cuidado extremo, a altaica não conseguia tirar a imagem dos colonos de sua cabeça. Aqueles homens e mulheres praticamente anônimos rumavam em direção ao desconhecido na expectativa de começar tudo do zero. A ânsia por uma nova história era tamanha que confiavam suas vidas — o único bem de direito possuído — nas mãos de índoles bastante questionáveis que poderiam matá-los silenciosamente com um simples desligar de chaves. Ainda assim, ela os invejava.

Terminado o transporte das caixas, era hora de avisar o mandatário e partir. Mais um saque realizado com sucesso.

— Que demora! — protestou Orion, sentado na poltrona do comandante, rindo sem motivo.

— Estávamos coletando o que pediu, Líder — respondeu Donzela, abrindo os braços —. Já está tudo preparado para partir.

— Não fizeram mais que a obrigação, oras bolas! Tudo conforme o planejado? Não estão esquecendo de nada?

— Recarregamos os suprimentos e pegamos combustível extra.

— Levarão colonos? — questionou um dos reféns, amarrado a um cano de aço próximo de uma das paredes.

— O quê? — os invasores estranharam a pergunta. "Quem haveria de roubar uma carga viva?", pensaram.

— Colonos! — repetiu. — Por que não tomam alguns deles como escravos? Há centenas lá embaixo, não farão falta. Deixem nossos estoques de combustível e levem escravos no lugar.

Os assaltantes não souberam como reagir, tampouco o restante da tripulação amarrada. Os colonos transportados eram pessoas livres, submetidas ao longo e perigoso translado ao buscarem melhores condições de vida. Fechar os olhos sem saber se eles reabririam algum dia era um ato de extrema coragem. O tripulante não identificado continuou, mesmo sob os protestos de Berger, o capitão de Fortuna.

— A maioria deles vem dessas periferias galácticas, são grosseiros e não possuem a menor instrução. Eles não sabem fazer muita coisa, mas poderão satisfazer todas as suas vontades, "colega". Procure umas peças boas nos compartimentos. Com certeza, encontrará.

Nadia observava, assim como Orion, a cena patética e duvidavam juntos estarem ouvindo tamanha bobagem. Emma, por outro lado, permanecia estática diante das loucas palavras. Abalada, mordeu com firmeza o lábio inferior em uma tentativa frustrada de fazê-lo parar de tremer e o fez até que duas lágrimas escorreram por baixo da viseira fumê, desenhando trilhas brilhantes em seu rosto rosado. Então, respirou profundamente e colocou-se em frente ao infame sujeito, que a questionou:

— O que acha da proposta, garota? Aliás, qual o seu nome?

— "Dama da morte" — balbuciou, descarregando toda a sua munição física contra o tripulante, que terminou perfurado tal qual um queijo suíço. Os demais reféns entraram em pânico e gritaram sem parar diante do ato por temerem ser os próximos.

— Está feito, Altaya — disse Orion ao notar um aparente alívio em sua companheira —. Vamos embora, acabou.

Ela desistiu de prender as lágrimas e entoou um choro alto e melódico pelos corredores ao fugir da cena do crime. Nadia, que nunca vira a amiga em situação tão desoladora, correu atrás dela, buscando consolá-la após o baque. Agora era Orion quem aparentava estar constrangido diante dos fatos, tendo como reação apenas cortar as nanocordas e fazer um pedido formal de desculpas aos presentes antes de partir.

Formava-se, assim, uma situação estranha que perduraria por todo o caminho até Umbra II-C: Nadia e Orion permaneciam calados, mas se sentiam instigados a comentar sobre o inesperado ataque de Emma. Entretanto, nenhum dos dois teve coragem de botar o dedo na ferida que parecia estar mais aberta do que imaginavam.

Apesar de a ação ter sido bem-sucedida, Nadia carregava uma forte intuição de que algo não terminaria bem. Talvez fosse influência do sofrimento da amiga em relação à questão em torno dos colonos, mas, no fundo, parecia ser muito mais um drama pessoal. A coleta de grandes quantidades de gel combustível fazia parte de um plano de ataque orquestrado por ela própria a ser realizado em memória de Synthrex que previa um destino igualmente cruel para os carrascos do autom. A insegurança estava presente e ela temia ser a sua última missão, mas preferiu manter segredo. Não queria preocupar ainda mais os seus amigos: eles já sofriam demais em seus próprios pesadelos.

36. BOA NOITE, CONSCIÊNCIA

A queda vertiginosa na extração de minério tornou escasso o fluxo de embarcações pelas principais zonas de aceleração, permitindo uma viagem mais rápida até Umbra II-C. A previsão inicial estimava um pouso logo após o raiar de Medusa-Epsilon, porém, a equipe regressou ainda no meio da noite. De volta ao lar, teriam tempo de sobra para dormir antes da grande missão que os aguardava.

Em Carina, Nadia mantinha-se solitária com seus pensamentos. As noites, como sempre, reservavam bons questionamentos acerca de sua personalidade reprimida. Já sem os pesados trajes — a jaqueta com a identificação da equipe repousava sobre o posto de comando, assim como o macacão e as botas —, sentou-se no piso e observou com cuidado a nova companheira mecânica. Mais estranho que portá-la era vê-la mudar de formato conforme a sua vontade.

Próxima de uma batalha difícil, imaginava como agiria um indivíduo imbatível, soberano e imortal caso estivesse em seu lugar; um ser que não temesse mal algum e ainda debochasse do risco por tê-lo sob controle. Missões impossíveis seriam sua especialidade e, ao fim de cada lida, receberia a devida aclamação por todo o Cosmos sem se abalar, afinal, não seria a primeira vez nem a última. A inexperiente Aran conhecia alguém exatamente assim. "Mãe", engoliu a seco com os olhos marejados.

Lembrando-se de cada detalhe do rosto daquela que a deixou, acendeu a esfera holográfica. O rosto suplicante, a preocupação... Era uma face diferente de Samus, incompatível com o que ela representava nos campos de batalha. Em volta daquela criatura frágil de momento havia um monstro de metal entrelaçado com a sua alma guerreira, uma simbiose impossível de ser derrotada, exatamente o que Nadia necessitava para o reencontro com os federados de Galahad.

Concentrando-se ao máximo, recordou de cada quina, cada relevo, cada estampa do traje biomecânico. Além das palavras de ódio que cuspia ao vento ao recordar o episódio traumático, desejava cuspir também um feixe concentrado de plasma por aquele canhão de braço fictício moldado sob seu comando. De cor cinza-chumbo, construiu para si uma réplica perfeita da peça carregada por Samus no braço inverso: faltava apenas funcionar como tal.

Em seu mundo particular, imaginou como seria utilizar arma tão poderosa. Trancafiada na nave e protegida dos olhares curiosos, simulou as poses de batalha que a protetora fazia durante os treinos de sobrevivência. Mirando contra os armários e saltando com velocidade, perseguiu monstros imaginários materializados ao seu redor.

"Há fogo na lua", espantou-se. Seus olhos a colocaram em um mundo estrangeiro infestado por seres voadores que a atacavam sem parar. Irritada pelo assédio alienígena, mirava em cada um deles e disparava uma intensa rajada elétrica em forma de ondas de cor púrpura. Um a um, os inimigos tombavam aos seus pés.

Longe do mundo paralelo construído por sua imaginação fértil, não percebeu estar em trajes inferiores ao correr como louca sobre a superfície gelada exposta à madrugada hostil de Umbra II-C. A frenética dança e o atirar de pedregulhos contra as fuselagens das naves vizinhas acabou por despertar Orion, que estranhou o mover de uma sombra não identificada logo a frente de sua nave.

— Emma, acorde! — chamou o assustado Qo-hos pelos rádios.

— Deixe-me em paz. Estou dormindo.

— É sério, Emma. Você não vai acreditar no que estou vendo aqui.

— Forasteiras nuas, decerto. É a única coisa que você vê nessa sua tábula eletrônica nojenta.

— Não, mas é quase isso.

— O que é, hein? Já são vinte e cinco horas mais três quartos! Não sabe que temos trabalho amanhã? Vá dormir!

— Veja você mesma pela vidraça, por gentileza. Se puder me explicar o que está havendo lá fora, agradeço.

Sob o céu vermelho reinava o organismo líder de todas as outras criaturas aberrantes. Um inseto gigante batia as aterradoras asas a dezenas de metros de altura enquanto atirava esferas em chamas. Rápida como nos tempos de Biosuit, mesmo sem trajá-la, a humana esquivava-se com dificuldade: tinha ali um inimigo à altura de sua capacidade. "Só há nós duas aqui", gritou contra a figura desafiante. Parado logo acima da cabeça de Nadia, o monstro abriu a bocarra e bradou com valentia, respondendo-a, igualmente feroz. Pobre animal... Recebera em troca um disparo certeiro e mortífero.

Finalmente! Mal conhecia a ferramenta metamórfica, mas já a considerava uma grande amiga. Após a intervenção crucial, o corpo da besta foi diluído em uma tinta negra que impregnou todo o céu, cobrindo-o por inteiro. Ao fundo, o que antes era tido por Nadia como sendo o sol do novo mundo, mostrou-se ser, na verdade, uma das infames luas que orbitava Umbra II-C. A tinta preta era a noite, o monstro, seus medos, e sua aventura, uma mentira. Atordoada com o desaparecer repentino do cenário, olhou ao redor e não viu ninguém.

Olhando para si própria, viu-se nos trajes de dormir — camiseta lisa branca e calções negros. Os longos meiões zebrados que a protegiam do frio do piso da nave não foram calçados e ficaram no interior de Carina — e morreu de vergonha por estar do lado de fora com roupas tão inadequadas, para não dizer indecentes, sob sua visão. O vento gelado arrepiou os pelos de seu corpo, empurrando-a de volta para o ambiente confinado e encerrando sem o menor luxo a epopeia fantasiosa. Antes de entrar, em pé sobre a asa do lar provisório, tocou o antebraço artificial e lamentou após um longo suspiro: "por que você não é real?"

***

Lidar com pressão nunca foi um problema. Para mim, nascida em meio ao caos e batizada pelo fogo dos disparos, essa situação não passa de mais um capítulo dessa longa história. Sei lá, esses vinte anos parecem ser, no mínimo, o dobro, mas talvez seja só impressão: as longas viagens, mundos completamente distintos e os soníferos, nossos fiéis escudeiros, acabam colaborando com a desorientação espaço-temporal. Eu não sou do tipo que costuma reclamar à toa, muito pelo contrário: sou adepta do bom e velho "dane-se" que nos ajuda a aliviar a carga diária, mas para tudo há um limite. Sinto-me destruída mentalmente desde a partida dele. Eu sentia por Synthrex um sentimento fraternal, como se tivéssemos saído do mesmo útero. "Não seja boba, Nadia! Como máquinas podem sair de úteros?" É engraçado, mas não sou inteiramente humana depois desse implante biônico. Aliás, cem por cento humana eu nunca fui.

Os rádios descansam sobre a bancada e o silêncio indica que Orion e Emma já dormiram... isso me poupará de ouvir comentários sobre o vexame de agora há pouco. Eu deveria dormir também, mas a minha mente parece discordar. Torturar-me ao relembrar os problemas passados e imaginar os futuros parece ser muito mais divertido. Fazer o quê, minha razão e emoção tem uma convivência nada harmoniosa e eu apenas dou risada desses conflitos internos. "Como você é palhaça, menina!" No fundo, sei que não tenho escolha e esses risos confinados em Carina não passam de flertes com a insanidade, como se eu quisesse me desassociar desse inferno. Inferno não: infernos! A cada dia surge uma merda diferente nessa vida bandida e sinto que meu estoque de sorte está se esgotando bem rápido.

O dia foi um porre. Não vou mentir ao dizer que não me divirto ao entrar nessas missões perigosas, mas envolver inocentes em nossas traquinagens não é nem um pouco digno. Confesso que fiquei apavorada com a reação de Emma diante daquele imbecil. Nunca vi minha framboesinha tão perturbada com algo e aquilo me assustou. Sabe do que eu me lembrei? Da primeira invasão à K-2L, quando cometi aquela atrocidade contra os dois soldados. Como eram os nomes deles mesmo? Ah! Desisto de lembrar, já faz muito tempo. Não me levem a mal,

sei que foi bárbaro, mas não foi proposital, juro. Comparo as situações por serem motivadas pelo desespero e, no fim das contas, nenhuma de nós sabia o que estava fazendo. A ficha dela ainda vai cair, assim como caiu para mim e me tira o sono até hoje. Sono… ah, entidade secreta! Como eu queria dormir sem um alarme apitar em minha cabeça ao me chamar para o dever, mas… Que dever?

Umbra II-C me ensinou muitas coisas e a primeira delas foi: "se vira". Não que eu já não faça isso desde K-2L, mas aqui é completamente diferente. A extinta colônia era só minha e de minha mãe, sem nada e nem ninguém para nos encher o saco. Em Umbra é justamente o contrário: você arruma confusão ainda que não queira. Claro, hoje vivemos em uma situação mais confortável graças ao respeito que conquistamos no dia a dia, mas conseguir manter o 'status' graças a uma arma na cinta não é lá grande coisa… Se bem que eu gosto bastante de exibir a Paralyzer… Enfim, não é nada bacana, ainda que eu goste "parcialmente" disso. Vejo o sofrimento nos olhos de Emmeline a viver um 'flashback' eterno sempre que pensa sobre o futuro da Cosmic. Não sei bem o que rolou em Beta Altaya, mas certamente é algo bastante significativo e traumático para ela. De Orion eu já sei de cor e salteado: escravo de piratas e federados, perdeu os pais muito cedo e foi expulso de sua casa. Vejo até uma certa inocência no discurso dele em querer restaurar Rhea, um planeta arrasado e sem recursos. Já Emma não quer falar sobre o assunto e diz que a colônia foi destruída, mas sei muito bem que é mentira. Eu até poderia dar uma de louca e ir até lá nas horas de folga para ver o que está rolando de fato, mas não farei isso por respeito. Synth tentou manter segredo e sabemos muito bem no que deu. Não posso arriscar a integridade de mais um membro. Não poderia lidar com mais essa culpa.

Aliás, Emma e Orion são um caso bem curioso, para não dizer engraçado. Não sei o que rola entre eles, na verdade, pois vivem quebrando o pau, mas logo se acertam como se tudo fosse brincadeira. Sim, eu sei o que pode parecer, mas algo me diz que isso não é lá muito certo. Synth e Ida possuíam a mesma natureza eletromecânica, ao contrário desses dois idiotas, de espécies totalmente diferentes. Enfim, não tenho propriedade para falar sobre. Não sei o que é e não pretendo saber. A perdição do Synth foi justamente amar demais.

A única coisa que amo de verdade nisso aqui são essas yyagaras. "E essas plantinhas da mamãe, hein? Cada vez mais lindas!" Se plantas quimiossintéticas falassem, certamente implorariam para eu me calar por um instante, pois falo sem parar. Também mandariam eu abandonar este registro. Embora eu ame estar em grupo, parece que... bem... que ainda fico mais "solta" quando estou sozinha. Também pudera! Passei quase a vida inteira na companhia de apenas uma pessoa, aquela que está ali, presa na esfera. Não há um maldito dia que eu não ative essa coisa só para ouvir a sua voz e ver o seu abatido rosto surgindo em forma de holograma. A entonação explosiva dos treinos já não existe e seu timbre parece cada vez mais cansado e fraco, mas não é mau funcionamento do aparelho. Talvez seja coisa de velhos, outra coisa que eu ainda não aprendi a lidar. Não a julgo: se eu, no auge de meus vinte anos, já me sinto assim, podre, quem dirá ela, exposta a toda sorte de desgraça desde os três anos de idade.

Interessante... O que será que se passa na cabeça dela? Não em relação ao presente, e sim ao passado. Suas tenras memórias, como seriam? Seu primeiro contato com os Chozo, a chegada em Zebes, a falta que sentiu dos meus avós, Rodney e Virgínia... Eu adoraria ter conhecido eles! Não é à toa que o "V" acompanha o nome daquela porcaria de barca... É por Virginia. "Perdoe-me, Aeterna V, mas você é uma porcaria, mesmo eu te amando!" Bom, voltando à dona Samus... São tantas dúvidas, nossa! Desculpe-me... Ela é meu ponto fraco, embora seja o meu alicerce. O sentimento que tenho por ela é estranho, confesso. É uma devoção incondicional próxima à obsessão e um profundo vazio parece sugar meu espírito, e sabemos bem que o vazio destrói os sentimentos bons e poupa apenas o que há de pior em nós: a tristeza, a raiva, o rancor. Ela pode ter a melhor das desculpas, não importa. Nada justifica o que motivou a minha partida. Sabe... senti na pele um desprezo que nunca imaginei receber. Aqueles estranhos que dormem nas barcas ao lado não me trataram daquela forma, mesmo não possuindo nenhum laço real comigo. De início eu não passava de um estorvo para eles, mas, ainda assim, resolveram me dar uma chance, sabe-se lá o porquê. Já não peço para reencontrar minha mãe: ela já não me faz falta no sentido da palavra. Sou autossuficiente, tenho contatos, não sou mais indefesa e conheço as malícias que envolvem o nosso meio. A única coisa que ela poderia me dar era o seu afeto, mas, para

ser sincera, não sei se isso ainda importa. Talvez eu não fosse essa caçadora implacável caso possuísse o coração mole... Não que eu seja impiedosa porque quero ou porque acho correto, entretanto, certos "empregos" nos obrigam a ser frios como o chão dessa nave.

Preciso retomar o fôlego. Isso me sufoca.

Aprenda, Emma! É para isso que você sente falta da sua colônia? Relacionamentos? Companheirismo? Nada! Nada disso importa! No fim, estaremos todos sozinhos, separados pelo destino ou pela morte. Apenas seguimos um roteiro e nada poderá ser alterado: adiamos o sofrimento através de escolhas mais ou menos sensatas, algo que já desisti de fazer há tempos. Quando metia a mão no óxido de tenesso sem cuidado nenhum, seguia essa linha. Se for para morrer, que morra fazendo o que gosto. E hoje estou aqui, muito bem de saúde, morrendo aos poucos por outras razões.

Não é só raiva, relutância ou ressentimento. É medo também. Medo de morrer sozinha, no escuro.

Ok, disse que não costumo ser pessimista, mas quem não seria se estivesse em nosso lugar? Olha para isso aqui, cara! Nossa vida é uma droga! Esses milhares de rebeldes que vagam por aí não percebem por não conhecerem outra vida, o que não é meu caso. Sei que pode haver algo de bom lá fora. Espera aí... Fora de onde? Nós já estamos do lado de fora! Fora de uma família, fora de um lar, fora dos planos. Talvez fora de nós mesmos, pois sinto que minha alma já não se encaixa em minha humanidade. Ser questionadora é uma desgraça, não é?

É, ainda que você diga que não.

A pílula negra é amarga. Não há como fingir que tudo ficará bem e que isso não passa de falta de sorte. Também não dá para surtar e descarregar toda a munição na cara do primeiro filho da mãe a nos ofender ou agredir com palavras e atitudes aqueles poucos que nos querem bem. É o que temos e não estou disposta a lutar para mudar isso. É em vão.

A missão de amanhã pode ser a última. Sei que ninguém quer morrer, mas é inevitável: seremos nós ou eles, aqueles malditos federados. A natureza

linda e maravilhosa só existe no papel: independentemente do planeta ela é brutal, voraz e impiedosa. A nossa natureza interna também. Por outro lado, o caos parece seguir uma ordem e uma série de regras, e a principal delas é que alguém vai se machucar. E os próximos seremos nós. Eu sinto isso.

"Já chega, Nadia... Já chega! Até quando essa ladainha? Toda noite é a mesma coisa! Eu quero me desligar disso!"

É, consciência... talvez você esteja certa. A 'jumpsuit' está pedindo descanso, assim como as botas, que estão se esfarelando com o uso diário. Hora de preparar nosso canto para dormir, pois esse resto de coluna merece se alinhar com o piso, a melhor das camas. Falta algo? Não, acho que está tudo em ordem... motores desligados, modo autônomo ativado, alerta de segurança ok, luzes de cabine desligadas, temperatura interna estável em vinte graus, amysias e yyagaras devidamente alimentadas... É, por hoje é só. Nessa noite não terá sonífero. Não terá choro. Não terá nada. Ao menos, por essa noite, serei Nadezhda Aran.

Sozinha, como em todas as noites.

Mas, desta vez, totalmente sozinha. Meus problemas ficarão presos dentro dessa nave. E da minha cabeça.

Livre está a minha alma, que voa, altiva, entre a poeira das estrelas.

Livre das asas de cobalto e da volúpia dos reatores atômicos.

E livre de meus dilemas. Ao menos, por essa noite.

Boa noite, consciência.

37. O BOM AMIGO

Crateras de cerca de um metro de diâmetro, cascalho denso formado por minérios metálicos, ventos velozes e insignificantes pela gravidade nula... Nada de novo em Galahad, um simples pedregulho amorfo. Ali, soldados mantinham um importante acampamento pela boa localização, embora não fosse o ambiente mais confortável para a estadia humana. Para viabilizar a residência provisória, a matriz ordenou a construção de bolhas terraformadas, isto é, áreas de convivência em formato de estufa com condições adequadas para a vida sem suporte mecânico. Era onde a maioria dos patrulheiros passava o tempo em esquema de plantão, já que o ambiente pouco tinha a oferecer — nem mesmo o espaço aéreo era patrulhado com tanto esmero —. Raras eram as embarcações que passavam pela região e muito provavelmente nenhum rebelde ousaria se aproximar depois do ataque repelido.

Era o que pensavam até o alerta apitar.

Naves de origem desconhecida adentraram de surpresa a tênue atmosfera. As bases militares tinham todo o arsenal necessário para abatê-las com destreza, assim como já o fizeram em outras oportunidades. Dessa vez, todavia, não foi autorizado o lançamento de nenhuma aeronave de guerra e nem o acionamento de qualquer bateria antiaérea principal. A ordem era de que somente os sistemas de proteção das cúpulas de convivência seriam ativados para uma eventual defesa, mas que ninguém deveria iniciar o ataque. O exercício militar era distinto.

A plataforma estava sob ataque!

As comportas inferiores das três naves invasoras despejaram o combustível semissólido sobre a gigantesca vidraça. Banhar a instalação com materiais inflamáveis e provocar uma ignição, levando-a aos ares sem fazer necessário um embate aéreo ou terrestre, parecia um excelente

plano. Ah, a inexperiência! Para se fazer valer da caloria do gel combustível faltava um importante detalhe não observado pelos rebeldes: câmaras de combustão com pressão excessiva, como as de Fortuna. O emprego de certos combustíveis em naves colonizadoras diminuía o risco de explosão espontânea enquanto transportavam milhares de pessoas em regiões desabitadas. Indiretamente, a inutilidade do suposto agente incendiário poupou a vida de algumas centenas de soldados.

Os disparos refletiam na superfície espelhada e retornavam para o espaço. Não importava o quanto aquecessem o material: ele não colapsaria, tampouco surgiria fogo pela ausência de oxigênio no asteroide. Orion reconheceu de pronto o fracasso da empreitada e logo sugeriu a retirada do grupo, pois não sabia até quando os soldados dariam brechas para desistirem da investida. Em uma ocasião rara, Emma o apoiou, porém, Nadia fingia não ouvir uma só palavra. Seus olhos só enxergavam a esfera ígnea[70] que engoliu Synthrex para todo o sempre.

"Tem fogo na lua", sussurrou com o canal de áudio aberto. Os amigos fizeram troça ao verem que tudo seguia inerte como antes: a bomba incendiária aprendida em uma roda de conversa na taverna mostrou-se ser apenas um boato que pôs em risco a segurança da equipe. "Tem fogo na lua", repetiu, despertando a desconfiança da dupla. Sem explicação plausível, a vingativa abdicou de disparar e preparou-se para o pouso, ignorando a hostilidade do ambiente.

— Dina! Não! — berraram, incrédulos de que ela faria algo tão irracional. A chance de sucesso de um pouso após atacarem uma base federada beirava zero. A humana estava acometida do mesmo mal que contaminou o autom na mesma superfície.

A aventura sobre a rocha inativa não se estenderia por muitos minutos, sendo a corrida suicida o ato final da coragem vestida de loucura. Em meio a distração causada pelo ódio, feixes de alta energia acertaram

---

[70] Em chamas.

as suas costas. Os soldados escondidos em pontos cegos acompanhavam cada passo, cada mínimo movimento, e surpreenderam a confiante, porém inexperiente, invasora, derrubando-a de pronto. Orion e Emma nem se deram ao trabalho de pousar: as metralhadoras rechaçaram a tentativa de aproximação e os fez arremeter.

— Eles mataram a Dina, Orion! Eles a mataram a Dina!

— Fica fria, Emma, ela não está morta! Foi um feixe atordoante. Ela não está morta! — insistiu, mesmo cético diante da cena.

— E-e-e agora, o que faremos? Precisamos tirá-la de lá!

— Buscaremos reforços em Umbra. Ainda há esperança. Vamos!

Com o desaparecimento de Galactic Fornication e Lady Rose no céu profundo, o silêncio retomou as rédeas do lugar como se nada tivesse acontecido. Os soldados puderam, enfim, abandonar as barricadas e avaliar o saldo da invasão neutralizada com brilhantismo sem nenhuma dificuldade. A comemoração era geral pela captura de mais um verme que insistia em corroer as carnes da moribunda Federação Galáctica.

— Só acho que o senhor deveria ter aproveitado a sua excelente mira com uma bala de tungstênio. Já até sei o desfecho de mais essa história — sugeriu um patrulheiro ao encarar a figura indefesa estirada sobre o cascalho. O capitão balançou a cabeça, em desaprovação.

— A experiência ainda vai te ensinar que não é preciso matar para neutralizar, rapaz. Deixem isso comigo. Recolham-na.

O corpo aparentemente sem vida foi levado ao interior da estrutura sem o menor zelo, onde teve as mãos atadas por algemas de nanocordas. Armas e todo tipo de munição foram recolhidas e guardadas em uma sala blindada, pois rebeldes eram imprevisíveis e não podiam ser subestimados nem sequer enquanto repousavam. A ré permaneceria presa à armação de metal até despertar de seu sono vigiado para o devido interrogatório, o primeiro daquele dia.

Enquanto aguardava o acordar de sua "convidada", o experiente capitão da divisão observava os traços da ameaça neutralizada. Sua longa carreira o fazia reconhecer a fibra dos combatentes, incluindo a de seus piores inimigos. Aliás, a bravura era algo admirável em uma guerra: soldados ficavam desmotivados diante de oponentes moralmente vencidos. A valentia elevava a sensação de conquista.

Entre xícaras e mais xícaras de café, o capitão parecia cada vez mais desconfiado. "De onde conheço essa garota?", questionava-se, intrigado pelos traços familiares. A curiosidade sobre aquela criatura só aumentava com os resmungos indecifráveis pronunciados ainda com os olhos fechados, um claro sinal do retorno da consciência.

— Pode me ouvir, garota? Abra os olhos.

Antes mesmo de fitá-lo, Nadia iniciou uma série de agressões verbais bem características de sua personalidade e origem. Não estava disposta a manter um diálogo amistoso com ele.

— Solte-me, seu maldito! Rato desgraçado! Vocês podem me matar, mas meus amigos vão voltar e explodirão essa merda toda, pode esperar! Synthrex não morreu em vão!

— Antes de querer explodir a minha casa, abra os olhos, por favor — respondeu em tom neutro, até certo ponto dócil.

E assim o fez. À sua frente, um oficial de pele negra já em meia-idade, dono de tranquilidade ímpar. As maledicências e olhares raivosos não o incomodavam, assim como também não lhe soavam risíveis. Ele sabia que aquilo não passava de uma última tentativa para intimidar quem tinha a vida dela em suas mãos.

— Acalme-se. Esqueça as nossas bandeiras por um instante.

— Vou dar um tiro na sua cara, maldito!

— Aceita um café? Se bem que eu não aceitaria alimentos de estranhos... Qual é o seu nome, mocinha?

Sem respostas. O diálogo era inviável.

— Bem, "senhorita" ... Em primeiro lugar, seus amigos estão bem. Não há motivo para maiores desesperos. Em segundo lugar...

— Cale a boca!

— Em segundo lugar, nós ainda somos autoridades, embora a Federação não pense assim. Não à toa fomos transferidos para cá.

— "Não pense assim..." São fantoches deles — debochou.

— Exato! Estamos isolados e muito mal preparados. Olhe só para mim: um velho embarcando em missões para jovens. Eu deveria estar curtindo a minha aposentadoria, não acha?

— Ainda bem que sabe disso.

— Vejo que o único lado bom dessa "experiência" toda é a malícia que adquirimos. Se não fosse por mim, todos vocês teriam sido abatidos. Esses rapazes precisam de umas dicas de combate.

— Vocês só sabem torturar as pessoas. Colonos, mineradores, operários, caçadores independentes... Fazem tudo, menos proteger as populações. Nós, aqueles que os ratos tanto odeiam, fazemos o que vocês deveriam fazer. Somos um diabo necessário.

— Não tire os maus como exemplo, minha jovem. Há maus profissionais entre nós, é claro, assim como há soldados justos e fiéis à nossa missão. Entre vocês há muito de ruim, mas observamos os talentosos. Pensa que não ficamos sabendo da boa fama de sua equipe?

"Nossa equipe?", pensou, deixando refletir a cara de espanto. De onde aquele federado os conhecia? Da taverna? De alguma corrida patrocinada sob vista grossa? De alguma missão voluntária em colônias afetadas por desastres naturais? Aquelas palavras desarmaram a prisioneira, que não esperava o reconhecimento por parte do inimigo. Notando a surpresa da ouvinte, o capitão continuou:

— Temos a nossa rede de contatos. Quando notamos que alguns aspirantes de alto nível estão em determinada região, não precisamos nos preocupar. O próprio instinto justo e protetor deles fará a diferença e facilitará o nosso trabalho. É o caso de vocês.

— De onde você conhece a gente?

— Bem... De vários lugares. A primeira vez foi naquele planeta lá... Lá em... Aquele que tinha um monte de gente naquele dia...

— K-2L? — sugeriu, animada.

— Isso! Isso mesmo — o capitão apenas concordou, mesmo sem saber do que tratava —. Aquela ação de vocês foi incrível. Ali eu pude ver o quanto vocês são bons. Gostei para valer.

— É... Aquela corrida foi marcante mesmo. Foi uma festa incrível.

— Está vendo como sei o que estou falando? Meu trabalho é patrulhar, minha jovem. Será que mereço um voto de confiança?

Não houve resposta verbal, mas o contido esticar no canto da boca ao abaixar o olhar indicou a mínima abertura, embora fosse fruto da falta de uma escolha melhor. Não tinha alternativa a não ser interagir.

— Qual o seu nome, jovem? — insistiu o capitão uma vez mais.

— Dina.

— Dina... Por que você está nessa vida? Promovendo atentados, agindo na ilegalidade... Poderíamos ter morrido com a estratégia de pilhagem, e vocês também. Não havia necessidade.

— Não temos escolha. O destino nos fez assim. Nosso mundo nos fez assim. É a vida como conhecemos.

— Vocês têm potencial para muito além de uma vida criminosa, pois são valentes e talentosos. Mesmo jovens, não se intimidaram diante de inimigos mais bem preparados tecnologicamente. Foi loucura, mas devo admitir que gostei da atitude.

— Obrig...

— Dina... Use esse talento para fazer o que acha certo. Sei que não há maldade aí dentro. Aquela revolta inicial já se dissipou e tenho diante de mim uma menina doce. Você sabe que tenho razão.

— Nós não temos escolha! — disse, emanando um olhar triste.

— Sempre temos. Como disse antes, vocês têm um longo caminho pela frente. Para tudo há um jeito: às vezes, até para a morte.

— Não! Para a morte não há!

— Sempre há. Memórias são eternas. Legados também.

Um breve silêncio se fez presente na sala até um soldado adentrar o ambiente, de surpresa. Nunca um interrogatório fora realizado em tons tão baixos, como uma amigável conversa. Vendo que tudo estava sob controle, trancou novamente a porta e saiu.

Com o fim do inquérito, o federado se afastou e coletou a chave eletrônica que destravaria as algemas e desabilitaria as nanocordas. Nadia parecia não acreditar ao ser solta por aquele que acreditava ser o seu algoz. Como condição para a benesse, ele pediu apenas que ela retirasse a promessa de lhe romper a cara com um tiro. Constrangida, concordou, rindo. Assim, a Paralyzer retornou para o local de origem, a sua cintura, embora tivesse a munição recolhida por razões óbvias.

Enquanto a garota conferia a arma, o capitão analisava a peculiar combinação de braço robótico e Paralyzer, fazendo-o conjecturar um pouco mais. "Há bondade em todo lugar. Basta querer encontrá-la", terminou o oficial, dispensando-a em definitivo. Sob aquelas palavras, Nadia caminhou até Carina e partiu para Umbra II-C. Ela não sabia o paradeiro dos amigos, mas algo lhe dizia que eles retornaram para o velho lar em busca de ajuda. Assistindo a sua partida, permaneceu um confiante capitão retirado recentemente dos altos cargos e arbitrariamente rebaixado à chefe de divisão de guardas unicamente por ser honesto.

— Capitão Higgs! — gritaram ao fundo.

— Pois não, Bennett.

— Permita-me opinar, mas... O senhor realmente conhece aquela garota? Por que atirou nela, então?

— Eu menti. Às vezes, as pessoas só precisam ser compreendidas para nos dar um voto de confiança.

— Teorias de psicologia moderna?

— Não. Básico de relações humanas.

Embora Nadia estivesse na rota correta, a comunicação entre as naves da Cosmic Curves era impraticável graças à distância entre elas. Emma e Orion mantinham a consternação pela suposta perda enquanto a renovada jovem meditava sobre as palavras que ecoavam em sua mente confusa. Eram instruções sinceras e livres de cobrança, como toda boa sugestão deveria ser. O timbre firme, porém tranquilo e descontraído, inspirou confiança. Era a postura de quem realmente queria o seu bem. Seus conselhos poderiam ser os mais genéricos possíveis, mas em algo ele tinha razão: era muito talento desperdiçado com atitudes ruins. Talvez a oportunidade fosse a chave para ressignificar a sua existência.

***

Aquelas palavras não saem da minha cabeça. Como aquele cara pôde desarmar o "espectro de Umbra" assim, tão facilmente? E olhe que nem estou falando da retirada da Paralyzer, mas da minha selvageria. A ferramenta metamórfica me ignorou por completo ao se recusar a cortar as nanocordas. Alguma instabilidade no funcionamento ou hesitação mental? Estive em uma condição desfavorável, é fato, mas não esperava uma reação como essa. Eu odeio aquela farda. Odeio com todas as minhas forças! Então, por que não consigo odiá-lo? Por quê?

Nunca senti tanto controle emocional em alguém. Parecia que ele... que ele realmente nasceu para isso: proteger, orientar e, curiosamente, entender o lado de seu prisioneiro. Ele buscou em mim uma amizade impossível, algo que eu jamais faria. Pelo contrário: não me arrependo de tê-lo ameaçado, pois teria cumprido a promessa se tivesse a oportunidade. Gostaria de saber com quem aquele cara trabalhou no passado ou o que o levou a agir assim, tão diferente dos repulsivos companheiros. O que há de errado com ele, afinal?

***

O planeta-lixão havia passado por dias agitados. Um verdadeiro êxodo de mão-de-obra barata foi a consequência da contaminação das principais fontes de água da zona habitável. Expostos ao agente desconhecido, trabalhadores padeciam de males comuns em intoxicações por metais pesados: febre alta, demência e fraqueza nos ossos, quebradiços ao menor esforço. Devido às inúmeras queixas e princípios de tumulto pelo descaso, a Federação Galáctica enviou, em caráter de urgência, uma dezena de técnicos para a inspeção e coleta de amostras. A origem de todo o mal era um tanque de combustível largado próximo a uma nascente que abastecia a grande laguna. Após a constatação, o material contaminante foi recolhido e descartado "corretamente" para os padrões locais, ou seja, incinerado na pilha de destroços, e forças médicas realizaram a distribuição de milhares de estojos com quelante[71]. Apesar de a situação estar controlada por ora, muitos autônomos continuavam deixando o local em busca de um ambiente menos insalubre, fazendo com que as largas vias ficassem praticamente desertas durante o dia. O impacto sobre as ofertas de emprego também foi considerável.

---

[71] Preparado químico com a finalidade de isolar moléculas nocivas que não podem ser expelidas pelo organismo humano. É normalmente utilizado no tratamento de intoxicações por metais pesados.

Mesmo diante do cenário bucólico e nebuloso, Umbra II-C não combinava com calmaria. Quebrando o panorama pacato, duas naves familiares pousaram nas cercanias da famosa taverna e seus pilotos fizeram uma verdadeira algazarra, agitando a terra semiabandonada. O entrar de supetão surpreendeu a equipe de trabalho do estabelecimento: Aat, com seu capuz tão velho quanto ele, até arregalou os olhos com o impacto da porta — pelo ciúme nutrido por cada parafuso, sentiu uma pontada no peito com a batida —. Pobre Minerva... Destruíra uma bandeja cheia de drinques pelo susto. Por sorte não banhou os escassos clientes.

— Minerva, onde está Zoak? — gritou o arruaceiro. A acompanhante não se mostrava menos agitada, embora não causasse transtornos.

— Disco Disperso, Orion — respondeu a garçonete, levantando-se —. Não só ele como toda a Wandererz.

— Athena, Mirka... Onde estão?

— Blue Belles foi para Percevejo com a Magneti. Suas quadrilhas preferidas não estão em Medusa.

— Que inferno! — um tapa foi desferido em uma das mesas de fórmica. Outro mini infarto no coração destro de Aat.

— O que você quer, rapaz? — interveio Falun, o outro ajudante, que trazia consigo um rodo e alguns panos absorventes para limpeza. — Não sei se vocês perceberam, mas estão atrapalhando o nosso serviço.

— Os ratos prenderam a Dina! — berrou Emma, inconsolável.

Os raros presentes congelaram. Como Nadia fora capturada? Onde? Por quê? Pelo conhecimento geral, a Cosmic Curves nem sequer estava trabalhando desde a fatídica cremação aérea. Pior ainda era o fato de as principais equipes, ao menos as mais próximas deles, estarem todas em serviço, longe do aglomerado local. Se buscavam ajuda efetiva, ela não viria através das mãos de mineradores ou garçonetes. Agitada, a dupla deu ordem expressa para que todo aliado surgido na taverna fosse

orientado a procurá-los na oficina de Keunn. De lá, tentariam contatar coligados de planetas vizinhos a fim de reunirem uma expedição para Galahad antes que fosse tarde. A maior joia do planeta corria perigo.

Ao chegarem no bagunçado estabelecimento, cansados pela correria, Orion e Emma gritaram por Keunn, àquela hora focado ao realizar os últimos ajustes finos em um equipamento — embora os visse pelo vidro da nave a ser consertada, não os respondeu —. Seguindo na direção dele, alertavam sobre a tragédia anunciada. O mecânico, porém, desdenhava do que ouvia, pois algo lhe parecia deveras incoerente.

Orion, com sua característica impaciência, excomungou-o até a decima geração e só não cometeu um ato violento por estar preocupado com a operação de resgate. A altaica estava tão agressiva quanto, sem fazer a menor cerimônia ao relembrar a negativa no dia do grande desafio. Keunn só fazia rir, dizendo não entender nada. As ofensas só aumentavam, assim como um certo ruído metálico surgido entre as naves estacionadas. Por um instante calaram-se: imaginaram ser algum colega disposto a colaborar após passar pela taverna, entretanto, a surpresa superou qualquer projeção. Desfilando entre as tranqueiras, sem charme ou vaidade, vinha ela, agindo como se não tivesse passado recentemente por situações bastante turbulentas na periferia da jurisdição do aglomerado. A peculiar marcha entregava a localização de sua dona.

— Hein? — espantaram-se Emma e Orion, incrédulos. Keunn soltou a gargalhada por já saber de tudo.

— Por que o espanto? Algum problema no meu uniforme? — estranhou a terceira integrante, buscando alguma sujeira ou anormalidade nas roupas e no cabelo bagunçado.

— Dina! Dina! — gritou Orion ao correr até ela. O insensível amigo ansiava apenas abraçá-la. — O que você está fazendo aqui?

— Oras… Eu moro aqui, esqueceu? O que houve com vocês? Por que toda essa festa? Não entendo.

— Eu pensei que... Pensei que...

— Que eu tinha morrido? Não... Tenho o sangue ruim.

— Você nos assustou! Ficou louca? O Synth morreu por muito menos — pontuou a trêmula amiga.

— É isso mesmo, canalha! — ratificou Orion. — Além do mais, você não deveria ter voltado ainda. Eu queria ter te resgatado.

— Se eu dependesse do autointitulado "grande líder da Cosmic Curves", estaria esperando até agora. Vi que vocês pousaram na taverna e resolvi ver como estava Aeterna V. Não suporto mais a barca daquela cadela... E antes que me perguntem como saí de Galahad, digamos que eu me fingi de morta, os ratos me atiraram em uma vala qualquer e eu vim embora sem eles perceberem.

— Você é genial, garota! — bradaram os ouvintes, felizes da vida.

— Descobriram isso agora? — retrucou, rindo, convencida.

Com o cancelamento da operação de resgate, nada mais justo que tirarem algumas boas horas de descanso sem prazo para terminar. O susto pregado pela missão fracassada serviu para arrefecer os ânimos vingativos da equipe que, por muito pouco, não viveu uma tragédia dupla. Paralelamente, notaram estar aptos para novos trabalhos, dessa vez fora do sistema planetário de origem. O luto se dissipava aos poucos e a vida precisava caminhar, mesmo com a dor da saudade.

Embora a situação da Zona de Descarte fosse crítica, as ofertas de trabalho surgiam sem o menor impedimento: só não havia quem os realizasse. Com a escassez de mão-de-obra e a ociosidade, decidiram dar uma chance para eles próprios e aceitaram uma proposta peculiar. As boas qualificações em outras atribuições os colocaram como aptos a realizar uma entrega especial no Disco Disperso, zona não tão distante de onde estiveram, justamente o local visitado a trabalho pelas equipes parceiras. A tarefa consistia em receptar em órbita uma carga de armas

pesadas e munições, eliminar uma "casta problemática" em Phobos W87C e entregar o suprimento transportado para os chefes locais. A grande responsabilidade envolvida e a fama do planetoide ser uma das piores — bem pior que a de Umbra II-C — eram minimizadas por se tratar de um serviço rápido que garantiria um bom dinheiro, se bem executado.

— É coisa tranquila — iniciou Orion ao explicar o plano pelo rádio de Galactic Fornication —. Este planeta é cheio de maloqueiros e os donos do lugar não estão dando conta, mas não é nada pior que aquelas facções de Vesta X3 que enfrentamos.

— E se for? A gente mete bala em todo mundo e já era — disse Nadia, modelando um rifle com o apêndice metamórfico longe dos olhares parceiros. A companheira de múltiplas formas a entretinha.

— Vai com calma, Dina! Tá se achando a caçadora profissional, é?

— O que posso fazer se isso está no sangue, líder?

— "No sangue" ... "No sangue"... Era só o que me faltava! Derrubou umas barquinhas, faxinou umas colônias e já está aí, toda cheia de si. Tá pensando que é filha de quem? De Hydra? Sylux? Gandrayda?

— De Samus Aran, se isso responde a sua dúvida, maldito — respondeu, enchendo a boca em tom altivo. Apesar de o semblante fechado estar oculto pela reclusão nas espaçonaves, era impossível não imaginar a face vermelha de raiva pela força imprimida nas palavras de protesto.

— De Samus Aran? Ah! Ah! Ah! Ouviu isso, Emma? Acho que ela ficou mais louca que você. Não lembra da história do fogo na lua? Alguém deve ter colocado tenesso na sua água, "Dina Aran". Ah! Ah! Ah!

— Puxa vida, Dina... Você deve estar cansada. Deite-se um pouco — sugeriu a altaica que, embora não lhe fizesse zombarias, encarou a revelação como mais um devaneio.

— E o que há de errado nisso? — indagou, furiosa.

— Como vamos acreditar em um papo desses, dona? Samus Aran morreu há mais de quinze ou vinte anos, não sei ao certo. Não quer que a gente compre essa baboseira só por causa do seu sobrenome, né? — Orion zombou da colega. De certa forma ele não estava tão errado em duvidar, já que a teoria soava mesmo absurda.

Irritada pelas troças feitas, meteu-se em Aeterna V, devidamente consertada, e de lá não saiu mais naquele dia — a saudade que sentira da espaçonave colaborou para a sua decisão. Por mais que Carina, agora vendida para um comerciante de artefatos raros, fosse confortável, nada se comparava ao velho lar —. Mesmo diante do aborrecimento por virar piada, era a primeira vez que expunha o assunto, não por esperar que alguém acreditasse, mas sim porque só agora se sentira confortável a ponto de falar sobre. "Nadia... Filha de Samus Aran... Como foi agradável dizer isso em voz alta...", pensou, rindo enquanto brincava ao apertar os botões de acionamento do pantógrafo recém-instalado.

***

Um chamado. Apenas um chamado. Algo tão corriqueiro. O Universo vivia de chamados. Ofertas de emprego, alerta de mau tempo, solicitações de escolta, denúncias... Tudo girava em torno daqueles comunicados em formato de texto, voz ou hologramas. Quase sempre de caráter informativo, espalhavam novidades para quem se dispusesse a ouvir.

Dessa vez, a origem do curto aviso vinha de uma das bases provisórias da Federação. O destino? Uma instalação na direção oposta, a dezenas de UA dali. A razão: nada de concreto. Apenas coincidências que poderiam interessar alguém em especial localizado na outra ponta.

Além de um bom companheiro, Higgs era também um profissional exemplar. Ninguém compreendia o fato de ele ter perdido tantas estrelas de nível mesmo sem ter feito nada de errado. Se enxergava a

injustiça com maus olhos? De forma alguma. Afastar-se do alto escalão da cúpula o poupou de lidar com pessoas cada vez mais cheias de si, alheias à opinião de quem poderia e queria ajudar. Ao gerenciar uma divisão mista de soldados de elite e guardas pacificadores em regiões cada vez mais distantes do centro da galáxia, teve a oportunidade de ver de perto uma realidade que passava longe das áreas mais nobres. Ali, pelo menos, os maltrapilhos trabalhavam para ganhar o próprio sustento, ao contrário dos colegas fardados, consumidores do fruto de suas famas.

Como um federado que passou sempre longe da carreira investigativa, não poderia cravar através das ondas a sua suspeita. Entretanto, aquela meiguice banhada pela raiva só o fazia relembrar de uma paixão antiga, justamente aquela que ouviria o seu chamado a infindáveis léguas de distância. A fisionomia diferia, verdade, mas a aura emitida por ambas era idêntica. Se não fossem os olhos cheios de lágrimas ao falar sobre sua condição de vida precária, até suspeitaria ser uma sintética ao utilizar a compilação de memórias de sua boa amiga. Era estranho, mas o carinho sentido pelo capitão por aquela menina era como o de um pai ao zelar pelo bem-estar de uma filha a caminhar por vias tortuosas.

Durante a curta estadia em Galahad, Carina fora revirada pelos soldados. Perder o contato com aquela pessoa peculiar era algo inimaginável para o responsável-geral da base. Por esta razão, mandou instalar, em uma região escondida da nave, um rastreador de baixa frequência, indetectável por meios comuns. O destino já não era segredo. Alguém de personalidade tão incisiva só poderia frequentar lugares como o planetoide Phobos W87C, repleto de desafios de todas as ordens. Como considerações finais, suplicou à Samus para ela não ir desacompanhada de seus fiéis escudeiros — um capricho desnecessário, pois conhecia o grau de independência da heroína — e que não criasse tantas expectativas: ele poderia estar equivocado, apesar de a garota portar uma prótese robótica no lado esquerdo, possuir uma pistola paralisante e ser agridoce. Mas valia a pena conferir. Talvez fosse o maior presente que ele poderia lhe dar, já que seus sentimentos sinceros não a tocavam.

38. DESENCONTROS

De todos os sonhos que venho registrando nesta caixa-preta quase que diariamente, este foi, sem sombra de dúvidas, o mais perturbador. Um verdadeiro inferno em forma de filme. Jamais pensei que minha mente seria capaz de maquinar algo assim. Talvez Orion e Emma tenham mesmo razão ao dizerem que estou ficando louca. Se antes lutava para dormir, agora penso seriamente se pretendo fechar os olhos quando as luzes se apagarem.

Em uma câmara de realidade aumentada, duas faces da mesma moeda. Uma desejava dar afeto através de um abraço sincero. A outra, alheia ao seu sentimento, focava na experiência sensorial que lhe tangia. Se eu pudesse apostar o que se passava dentro do inerte monstro de aparência grotesca, diria que ali não havia nada: nenhum espírito ou resquício de humanidade. Ao menos, não sofreria.

Passaram-se alguns segundos. Enfim, o primeiro contato. Com ele, nada de amor ou carinho. A aberração empurrou a dócil humana contra o piso lamacento, derrubando-a. Em posição ameaçadora, gritou, em um claro sinal de que a visitante não era bem-vinda ali. Coloquei-me no lugar daquela prostrada. Mesmo sem mostrar o rosto, demonstrava sofrer ao reconhecer ter chegado tarde demais.

Nem todos os disparos das tropas federadas a machucariam tanto quanto os pontapés levados sem trégua. A armadura de metal protegia a caça dos danos físicos, mas não blindava o emocional, posto em frangalhos com cada reverberar dos sinos. A agressora também possuía uma vestimenta análoga, porém, frágil no aspecto técnico: de textura áspera, lembrava mais uma carapaça orgânica que um traje de batalha propriamente dito. O maior trunfo daquela coisa era a destruição do aspecto moral do simbionte, levando sua portadora a atacar alguém que só queria o seu bem. Aos olhos compostos da besta-fera, tudo não passava de uma briga pela hegemonia em um território reduzido e uma galeria tão apertada não poderia comportar duas majestades. Por sorte ela não me viu, ou se viu, não me considerou uma ameaça. Eu não gostaria de enfrentá-la, ainda mais desarmada.

Em um certo momento, evitei acompanhar a luta. Sim, houve um rascunho de combate. A primeira criatura colocou-se de pé e encarou a besta, porém, não teve energia para devolver as injúrias injustas. Meu coração se fechou diante de cada apelo para a fera se acalmar. Eu, em minha condição insignificante de espectadora, repeti os gestos, sendo igualmente ignorada. Naquele corpo desalmado havia apenas a voz do instinto, e tudo bem por isso: não podemos exigir que alguém nos dê algo que não possui. Engoli a seco e fechei meus olhos por um tempo, torcendo para que, quando os reabrisse, tudo estivesse resolvido.

Ledo engano.

Melhor seria se eu permanecesse de olhos cerrados por algumas horas ou dias. Que ficasse cega. Que tivesse os olhos arrancados como castigo. Ou até que morresse. Mas não gostaria de ter visto o que vi depois. A aberração, coberta por uma grossa camada de gelo e incapaz de se mover, foi abraçada pela outra, que ignorava todo o ocorrido há pouco. Ela sabia que o comportamento hostil não era por escolha própria: aquele ser enclausurado era puro de espírito. Poderia muito bem tocá-la e abandonar o recinto com o emocional partido, de longe o mais lógico a ser feito, mas o instinto maternal quis o contrário, levando-a à ruína. O calor de seu coração relembrou ambas de que o gelo não era eterno.

Mais uma vez liberta dos grilhões glaciais, a fera reiniciou a triste sina culminada na soberania absoluta. Atirada contra uma pilha de cascalho, a amável desistiu de lutar, pois, não valia a pena. Nada mais valia a pena. Desorientada por dentro e por fora, a abatida caçadora não esboçou reação diante da primeira criatura a superá-la. Como a apatia da presa não edificava o seu trabalho, a vencedora julgou correto pôr um fim àquela historieta de poucas páginas.

O golpe de misericórdia veio na forma de uma descarga elétrica poderosa a ponto de ofuscar minha visão. O único fato enxergado por mim era de que o ciclo de vida da caçadora de recompensas tinha terminado e a sua natural substituta era a mescla entre as duas mais incríveis criações da raça ancestral: uma predadora perfeita, sem fraquezas aparentes nem escrúpulos que a impedissem de realizar a missão que lhe fosse dada. Aquela larva, que já havia lhe salvado a vida em diversas ocasiões, enfim, cobrou a dívida.

Não antes de a mãe cantar, como um pedido quase póstumo de perdão, a canção de ninar preferida de seu único amor. Por fim, a súplica para que a vitoriosa a matasse, abreviando o sofrimento. Meus olhos se fecharam uma vez mais.

E poderiam ter ficado cerrados por toda a eternidade, se dependesse do meu desejo. Nada mais importava.

Todavia, fui despertada por um sinal de alerta. Acredito que a mesma angústia que senti, sentiu também aquela coisa, que abandonou o recinto, assustada pelos bipes. No chão, coberto por fumaça, um corpo humano despido de sua carcaça biomecânica. Despida também de sua razão. Estávamos frente a frente, mas ela não me enxergava: o que mais lhe importava no Universo, a inocente Nadia, que certamente não era eu, deixou de existir diante de seus olhos.

***

Phobos W87C, ou "Terra do Medo" para os mais íntimos, era apenas mais um planetoide largado à mercê de pessoas inescrupulosas. Milhares de viajantes o visitavam diariamente em busca de diversões de risco — jogos de azar, prazeres carnais, substâncias ilícitas e acertos de contas, tudo patrocinado por uma leva de soldados corruptos que lucravam muito à custa de desgraças alheias —. Definitivamente, não era um destino saudável ou agradável para se visitar. Fora o ambiente pesado, seu clima quente e úmido aliado a um período de rotação rápido causava uma série de transtornos. Por conta das chuvas torrenciais e altos índices de metal reativo na superfície, o solo tinha, de forma permanente, um aspecto enferrujado como um barro vermelho bastante denso, grande destruidor de botas e calças. As estreitas vias, repletas de becos e terrenos mal iluminados, possuíam estabelecimentos de todo tipo, sendo a maioria deles voltada ao entretenimento adulto. Dezenas de boates com letreiros de *néon* davam um pouco de colorido ao local que, por possuir uma atmosfera bastante peculiar, vivia em noite eterna.

As pesadas malas só não geravam mais reclamações que a própria redondeza. Conforme foi instruído por Orion na noite anterior, o material confiado na órbita de Umbra II-B por Yulia, uma interceptadora federada acostumada a negociar em segredo com duo-umbrianos, deveria ser entregue em um bar de fachada chamado "O Casebre". Além do fato de todos os estabelecimentos se parecerem com um decadente casebre, os visitantes ainda tinham de lidar com os comerciantes locais. Para aqueles que buscavam ilicitudes, tudo era deveras fácil. Para os poucos estrangeiros a trabalho, a convivência transformava-se em um tormento, sobretudo os mais bem apessoados, alvos de constante assédio.

— Veja só que coisa nojenta, Dina! — Emma puxou a amiga pelo braço, apontando para um aglomerado de pessoas.

— O que foi?

— Perto daquele poste. Viu o que aquelas sintéticas fizeram?

— Eu não! Você sabe que não enxergo bem no escuro.

— Elas injetaram óleo na coluna! — imitou o ocorrido com as mãos. — Tem certeza de que não viu o tamanho das seringas?

— E o que isso tem a ver? São máquinas, não são?

— Máquinas que possuem uma finalidade bastante específica, por isso o óleo. Orion sabe muito bem para que serve.

— E-eu? Não sei de nada! Synthrex é quem entendia dessas coisas por ser de lata igual a elas. E mais: quem usa tranqueira metálica aqui é Dina, não eu. Não entendi o que quis dizer — esquivou-se, incomodado.

Quanto mais andavam, mais gracejos eram proferidos em direção a eles, tanto por moças quanto por rapazes. Quando o ruído das casas de *show* encobria as vozes, convites cada vez mais explícitos ganhavam espaço. Mãos anônimas iam e vinham, rechaçadas pelas pistolas empunhadas. O líder, como um bom protetor, instruiu à joia da equipe para ela transformar o apêndice metamórfico em um grande tesourão. Sem

compreender o motivo, a humana o questionou, recebendo como resposta apenas que os locais tinham medo de tesouras e desistiriam de incomodá-la, sem entrar em detalhes. Para bons entendedores, meia palavra bastava. Para pessoas puras, preservar a inocência era o melhor caminho.

— Está bem, Orion, mas me diga... O que aquele cara está mostrando para a gente? Não consigo identificar.

— Que nojo! — disse a amiga ao cobrir os olhos.

— Desgraçado! — bradou o líder, ensandecido, pronto para atacar o indivíduo. — É agora que gasto umas balas.

— Ficou louco? Quanto mais rápido encontrarmos essa droga de bar, mais rápido iremos embora. Foque no trabalho. No trabalho!

— Estou doido para matar e ele está doido para morrer, Emma. Dá certinho! — bufou, mal contendo os nervos. — Será só mais um defunto a ser comido por esse estrume de solo.

— Esqueça, esqueça! Orion, veja aquelas sintéticas acenando para você! Por que não vai falar com elas? — despistou a altaica, tirando o foco do atrito. — Elas parecem estar muito entusiasmadas com a sua presença. Não quer dar um pouco de atenção àquelas pobres moças?

— Cale-se, framboesa! Eu nem conheço esse lugar, droga!

Não era o que as evidências sugeriam. O apreço do Qo-hos por coisas questionáveis o colocava como candidato a frequentador do planetoide medíocre. Obviamente, Emma aproveitava da situação para chateá-lo, porém, era algo condizente com o perfil dele. Quanto mais o líder da equipe tentava se eximir da culpa imposta, mais complicada ficava a sua situação diante das constrangedoras cenas. Como justificar os rotineiros sumiços diante de tamanho desconforto com uma simples piada?

Por mais que caminhassem, tinham a impressão de que nunca chegariam ao tal Casebre. Havia milhares de pessoas — não necessariamente humanas — transitando pelas ruas e aquilo atrapalhava os

deslocamentos. Até parar por alguns instantes para ler as inscrições malfeitas nos letreiros poderia ser uma atividade de risco em um local repleto de marginais. O planeta representava uma mistura sinestésica infernal: sons, cores e cheiros misturavam-se no ar, gerando uma percepção bastante estranha em quem não era acostumado com o estilo de vida. Tudo soava ofensivo, seja aos olhos, narizes ou ouvidos.

— Não sei o que há de divertido nisso aqui!

— O quê, Dina? Não consigo te ouvir! — contestou Emma antes de se assustar com uns estampidos. Metros adiante, uma sequência de tiros vitimou um arruaceiro, caído como um saco de lixo na calçada trincada. A cena era tão trivial que os transeuntes nem sequer se espantaram.

— Viram só? Morreu mais um! — disse Orion, o único do grupo a achar graça. — Aquilo foi divertido, diz aí!

— Isso é natural para você? Consegue achar isso engraçado? — rebateu Nadia, incomodada com a naturalidade da narração do evento.

— Ué? Não viemos de Umbra? É tão diferente disso aqui?

— Umbra é o paraíso perto desse inferno! Como pode fazer um comentário imbecil como esse?

— Não vejo diferença nenhuma... Aqui não vejo acidentes com barcas, os ratos não batem em ninguém... Eles só querem amar.

— Idiota... — resmungaram as duas. A caçada pelo estabelecimento perdido tinha que continuar, apesar dos imprevistos.

***

Não apenas federados corruptos, ávidos por gordas propinas, caminhavam sobre a Terra do Medo. A turma de Samus era um bom exemplo de neutralidade: o rastreador instalado em Carina pelas equipes de

Higgs apontava para o caótico mundo, que não esperaria muito tempo até a visita da mãe desesperada e seus fiéis parceiros. O plano do amigo de Galahad funcionou com perfeição, já que encontraram a nave rastreada com rapidez, porém, enorme foi a frustração deles ao descobrirem mais uma troca de espaçonave. O alento recebido foi saber que a vendedora condizia com a descrição do capitão, ou seja, a suposição da morte de Nadia— segredo guardado a sete chaves por Dal'ahem, Ginger e Moritz — caiu por terra, trazendo um pouco de tranquilidade para os criadores do plano. Nem mesmo o fato de terem perdido mais uma vez o fio da meada os chateou, pois cedo ou tarde a menina seria encontrada.

Os olhos corriam aflitos pela multidão. Cada esquina, cada estabelecimento... Todo lugar era uma possibilidade, por mais remota que fosse. Nem era certo que a senhorita Aran estava por ali, mas, na falta do que fazer, não custava procurar. Perguntar não era opção: se esperavam encontrá-la, teriam de se infiltrar nas rodinhas de jovens arruaceiros.

— Quer ir embora? — perguntou Ginger, cansada pela procura exaustiva. — Talvez os coligados de Galahad consigam mais alguma informação. Não precisamos encontrá-la necessariamente hoje.

— Não! Nunca estive tão perto de encontrá-la. Meu coração disparou. Eu sinto que estamos próximas.

— Pode ser impressão, Sammy — interveio Dal'ahem com mais um plano mirabolante —. Veja só... O que acha de vestir seu traje espalhafatoso? Com essa farda você será apenas mais uma. Equipada, chamará a atenção dela, caso cruzemos o caminho e não a enxerguemos.

Dal'ahem foi cirúrgico em seu comentário. Pela raiva que os duoumbrianos sentiam das famosas fardas azuis, não era de se duvidar caso uma bala perdida os atingisse pelas costas. Ninguém ligaria para mais uma morte anônima, sobretudo de um federado. Já o belo traje alaranjado, inconfundível para quem conhecia o mínimo da história do Cosmos, tornaria as coisas um pouco mais fáceis. Bastava contar com a sorte.

***

A taverna sempre foi vista como o melhor lugar de Umbra II-C para se atualizar. Caso alguém necessitasse de uma dica ou sugestão, independentemente de qual fosse, bastava consultar Aat e seus funcionários ou fazer o mínimo de amizade com os frequentadores do local. Minerva, sempre antenada com as novidades, alertara que as equipes parceiras da Cosmic Curves transitavam pelo Disco Disperso por motivo de trabalho. Só não pôde prever que os jovens trabalhadores citados estavam torrando as finanças conquistadas no antro de perdição, incluindo Zoak, Athena, Kimi e mais metade da força operária do sistema medusiano. Sentados sob uma cobertura, conversavam alto e fizeram ainda mais algazarra ao identificarem os bons amigos ao fundo, com cara de poucos amigos e exaustos pela interminável caminhada.

Finalmente, as malas pesadas desceram ao chão. Protegidos por dezenas de parceiros, ninguém ousaria tentar surrupiá-las sem sofrer as consequências. O conteúdo levantava a curiosidade dos amigos, não por muito tempo: entre eles não havia segredos. Infelizmente, ninguém soube informar onde ficaria o comércio que tanto buscavam.

Conversas iam e vinham. Novidades do Disco Disperso, as contaminações dos mananciais da Zona de Descarga 18, a descoberta de mais um planeta tropical, novos equipamentos, as sintéticas lubrificadas... tudo virava farra. Enquanto gargalhavam das tolices, algo despertou a atenção de Nadia, posta um pouco de canto por seu perfil contido. Se não fossem os numerosos painéis de *néon*, sua visão ruim deixaria passar batido a pitoresca cena. Em frente a uma casa de dança de nome Vintage Club situada do outro lado da rua estava uma dupla de belas mulheres a convidar os clientes a entrarem e usufruirem de seus serviços especiais. Mesmo debaixo de um grande chapéu de épocas passadas e espremida em um justíssimo espartilho, aquele largo e psicótico sorriso não poderia pertencer a outra pessoa senão a uma antiga rival.

O peito da altiva duo-umbriana encheu-se de alegria ao reencontrá-la em situação tão ultrajante. Para confirmar a suspeita, aproveitou-se do entretenimento dos amigos e desapareceu sem dar pistas. Até darem conta de sua ausência ela já estaria diante de seu alvo, tirando a sua dose de diversão. Era uma boa oportunidade para "conversarem" após tanto tempo desde o histórico *death match*.

— Ora, ora... Veja só quem está aqui!

— O que deseja, gat... espere... Você?

— Surpresa em me ver, vadia? Qual o seu nome mesmo? Iskyie?

— O que quer comigo?

— Rir da sua cara, por enquanto. Nossa, como está diferente... Está branca... Passou dióxido de titânio na pele para esconder sua cor? Ah, verdade, framboesas valem menos no "mercado". Tem razão.

— Sua amiga altaica te contou o segredo?

— Não. Emma tem talento e não precisa dessas atividades. Fico feliz que tenha encontrado uma profissão perfeita para o seu caráter. Pilotar é para quem sabe, ou melhor, para quem merece.

— Quer uma noite ou não? Está me atrapalhando, não vê?

— Se o problema é dinheiro, te dou alguma esmola para que não morra de fome. Onde estão os seus amigos que não te salvam?

— Não fale deles — suspirou profundamente enquanto desviava o olhar. Nadia atingiu-lhe em um ponto sensível.

— Por quê? Você merece coisa pior. Abandono é muito pouco.

— Maru está paralítico por um tiro na coluna. Eu cuido dele sozinha! Ethan nunca mais colocou o juízo no lugar depois da humilhação daquela noite, caiu no mundo e desapareceu, deixando a gente para trás. Você acabou com a nossa vida, garota! — rebateu, aos berros, que mais lembravam sussurros diante do som ensurdecedor da casa noturna.

— Oh! Como a tia Nadia é malvada...

Em meio àquele escárnio chegou Orion, atraído pelo cheiro da encrenca logo após o sumiço da amiga — a suspeita de que ela não estaria muito longe se confirmou —. Emma permanecia com os aliados de Umbra e não notou a quente desavença desenrolada na calçada próxima.

— Você ainda tem coragem de se fazer de vítima? Vocês sabotaram a minha barca, sua desgraçada! Seu chefe estaria morto se não fosse o trambique no sistema de ejeção. Vocês merecem tudo de pior que existe no Universo. Isso aqui ainda é bom demais para o seu nível — Iskyie a observava, calada. No fundo, sabia bem ser verdade o que ouvia, mas não se arrependia, afinal, aquele sempre foi o *modus operandi* da equipe extinta. A única coisa capaz de fazê-la virar a chave era a sombra cinza surgida atrás da agressora, que fez alegrar em instantâneo o seu olhar triste.

— Dina!? O que significa isso? Por que está discutindo com Iskyie? Era para a senhorita estar com o resto da equipe!

— Ora ora... Já está íntimo dela a esse ponto, Orion? Agora liguei os pontos, "grande líder" — na cara de uma, a indignação; da outra, um sorriso de agrado; já Orion se acanhava cada vez mais.

— Cof cof... Vamos embora, Dina, pelo amor de Deus... Chega de problemas, eu te peço — suplicou, manso.

— Está certo — após um longo suspiro, prosseguiu —. Acho que já descontei a minha raiva. Aliás, ainda falta algo.

Nadia, então, armou um clamoroso tapa com a mão direita. Iskyie fechou os olhos esperando pela agressão não consumada, ao menos não como ela esperava: podendo infligir muito mais dor, a duo-umbriana trocou a mão e acertou precisamente o rosto da oponente com o lado robótico, derrubando-a no chão e fazendo o enfeitado chapéu voar para longe. As instantâneas lágrimas removeram parte da pesada maquiagem de pó de titânio, expondo finas linhas rosadas da verdadeira tez.

— Não precisava disso, Dina! Ficou maluca?

— Levante a sua namorada, se está com dó!

— Vamos embora! Estou perdendo a paciência com você!

Enquanto arrastava a sarcástica companheira, olhava para trás e via a bela altaica retornando aos atendimentos, mesmo ferida. A pose neutra do pacificador mostrava a sua maturidade, pois não podia tomar partido nem por uma, nem por outra e, para não comprometer seu coração, adepto de ambas, cada uma de um modo, reservou-se a caminhar calado de volta ao grupo para se despedir dos amigos e buscar Emma. "Quanto menos tempo permanecermos aqui, melhor", refletiu.

Apesar de todos os transtornos e contratempos, o sinistro planetoide deixou uma série de lições e impressões para a equipe mercenária. Primeiro: que Orion tinha um péssimo gosto ao abrir mão de uma altaica de caráter irretocável em prol de alguém que só desejava sugar o seu dinheiro. Segundo: destilar o ódio podia doer mais em quem o desabafava do que no recebedor da agressão, porém, Nadia descobriu uma boa forma de se redimir. Em uma traquinagem sem precedentes, sugeriu à equipe que ludibriasse os federados gerentes do estabelecimento ao entregar os armamentos para os "inválidos" — comerciantes inadimplentes com as propinas, meretrizes em fim de carreira e outras escórias, como raças vistas como inferiores —, justamente o grupo a ser exterminado. Em um cômico faroeste galáctico, quase morreram, não com as balas perdidas, mas de rir com as cenas hilárias de bêbados se afogando no próprio vômito e clientes correndo pelas ruas com capacetes e calças na mão. Sangrando estavam os corruptos federados, com muitos tiros e nenhum dinheiro, devidamente levado pela equipe que riu por último — e melhor.

A missão em Phobos W87C chegou ao fim. Ainda que a situação naquele local continuasse tão precária quanto antes, pelo menos os pobres miseráveis condenados à morte anônima ganharam uma nova oportunidade para mudarem de vida. Mesmo que a desperdiçassem, a diferença

já estava feita na vida dos três cósmicos, que absorveram mais uma pequena, porém bela, lição cotidiana: de que o bem podia se manifestar em todos os lugares, conforme disse o bom amigo federado durante o interrogatório de Nadia. Ao partirem, realizaram o tradicional voo rasante sobre os transeuntes de modo a dispersá-los como última brincadeira. "Moleques irresponsáveis", queixou-se uma ranzinza visitante ao ver o intenso brilho de uma W90 refletida na superfície metálica de sua armadura. Enquanto a pilota estava feliz e meiga como um rabbilis, nem podia imaginar que aquela a lhe xingar mentalmente pela manobra estava à sua procura e que, por muito pouco, não a encontrou.

39. ELETROFÊNIX

Havia sempre um lado bom a ser ponderado quando tudo parecia dar errado. Apesar do inoxidável clichê, retirar uma boa lição dos momentos de dor ia além do lógico, tornando-se uma obrigação, pois ninguém poderia viver de maus sentimentos por muito tempo. Fazendo sua parte, Keunn enxergava no esvaziamento da região e, consequentemente, na diminuição de sua demanda de trabalho, uma boa oportunidade para se redimir de certos atos incoerentes, vistos por alguns como mácula, embora ele não enxergasse assim.

Aproveitando-se da boa vontade da traficante Yulia — um pagamento mais generoso, diga-se —, adquiriu vários lotes de peças de primeira linha, componentes raros e uma caixa especial para a qual o faz-tudo exigiu sigilo. "Para que você quer essa porcaria?", estranhou a federada, sem receber maiores explicações. A ansiedade pela mercadoria era tanta que o fez interceptar a carga ainda na órbita de Umbra II-B logo após a Cosmic Curves realizar a sua própria coleta e desaparecer. Longe de olhares curiosos, poderia voltar para a oficina e iniciar seu mais novo projeto: as peças faltantes logo seriam encaixadas no tabuleiro.

Sua capacidade inventiva surpreendia. Visto por muitos como apenas um fazedor de gambiarras, o humano de Terra XII realizava toda sorte de manutenções em aparelhos eletrônicos, além de possuir conhecimentos em química, botânica e medicina. Adepto das artes surrealistas, decorava o muquifo onde dormia com máscaras de borracha arrancadas da face de sintéticos mais modernos destinados ao descarte. A sensação de ser vigiado o tranquilizava, por mais louco que pudesse parecer: em um lugar com tantos inimigos, ter alguém cuidando de seu sono era reconfortante. Reconfortante também era ter com quem conversar, baixinho, no fim da noite. A bela moça adquirida, confusa e amedrontada pelo

desconhecido, o indagava. Keunn, dominante na situação, tranquilizou-a, dizendo que tudo terminaria bem daquela vez, mas ainda não havia chegado sua hora. Pondo-a para dormir, mesmo contra a vontade da companhia, saiu cantarolando pelas brechas abarrotadas de caixas, torcendo para não ser descoberto quando os dias voltassem ao normal.

***

Nada de novo sob Medusa-Epsilon.

Com tantas adaptações extremas, era natural surgir conflitos nos sistemas da renovada Aeterna V. Os mostradores da W90 apresentavam problemas: um simples ajuste de ponteiro tornava-se uma missão mais árdua que enfrentar federados em suas instalações, pois ninguém sabia de onde saíam os fios retorcidos e como se ligavam aos instrumentos. Para evitar dores de cabeça, nada melhor que visitar o responsável pela instalação malfeita, focado no trabalho desde cedo. Chegando ao recinto sem fazer barulho, Nadia encontrou Keunn compenetrado ao manipular uns artefatos antigos. Despreparado para a "infiltração" repentina, tomou um belo susto, desnorteando-o.

— D-Dina? Que surpresa! O que você precisa?

— Bem... Meu painel está ruim de novo. O ponteiro do marcador de combustível está marcando a mais e quase fiquei sem tenesso para voltar do Disco Disperso. Sorte que as baterias estavam cheias.

— Está bem. Traga Aeterna V mais tarde que darei uma olhada. Agora estou ocupado — os objetos antes manipulados, uns rolos de aparência muito antiga, foram largados sobre o balcão enquanto o faz-tudo dirigiu-se às portas internas, trancando-as de imediato.

Deixada sozinha com a curiosidade despertada, a garota examinou as peças com as mãos. Uma frágil tira amarronzada foi puxada com

cuidado do invólucro de metal, causando ainda mais estranheza. "O que isso faz?", pensou, especulativa. Sua vontade era de transformá-lo em um ioiô rebuscado, mas a intuição lhe dizia que não era uma boa ideia.

Retornando do interior das salas, Keunn deu de cara com a exploração não autorizada. Possesso, tomou das mãos da conhecida o frágil objeto e a enxotou da oficina, aos berros, dizendo que não realizaria o conserto da nave nem tão cedo. Sem entender o motivo da agitação, Nadia saiu depressa, observando as portas de metal baixarem com violência. Assim que retornou para a toca, contou com detalhes o sucedido no estabelecimento. Orion, com máxima paciência, pegou sua pistola e partiu para a oficina, não antes de ser estorvado pelos pedidos da colega, arrependida por contar. Para ele, ninguém poderia nem sequer cogitar destratá-la sem sofrer as consequências. Como era impossível contê-lo na força bruta, restou à humana torcer para tudo terminar bem.

Meia hora depois, a aguardada resposta.

— Nada de trabalho hoje, meninas — iniciou o rapaz, sereno. As colegas imaginavam ser a razão da folga a indisposição por mais uma tragédia —. Temos um compromisso mais tarde.

— Um velório?

— Ainda não, Emma. Keunn pediu encarecidamente que a gente vá à espelunca logo depois da queda da estrela-mãe. Diz ele que tem um negócio para mostrar.

— "Encarecidamente"? — estranhou Nadia, sentindo ironia no termo. — Estou certa de que você apontou a Laser Gun para a careca dele.

— Foi ele quem me ameaçou, na verdade. Disse que eu era um merda e que mostraria o tal segredo quando bem entendesse, ou seja, antes da lua negra ficar a pino. Gostei da atitude e desisti de atirar.

— Você é maluco! Que segredo é esse? — indagou Emma.

— Relaxa, mais tarde descobriremos. A minha parte eu já fiz.

***

O dia de calor intenso foi mais monótono do que imaginavam. Em meio aos questionamentos sobre o que seria a tal surpresa — teria de ser algo realmente relevante pela expectativa gerada —, outras tentativas falhas de restaurar os marcadores de combustível, ou seja, um longo período jogado no lixo. Por sorte foram resilientes, apesar da aflição pela novidade: o esconder da estrela-mãe atrás dos montes renovou o ânimo da equipe por anunciar que havia dado a hora da revelação.

Como não poderia deixar de ser, Orion empunhou a Laser Gun durante a caminhada, mesmo sob protestos. Irônico que só ele, ria ao ouvir os pedidos para guardar a arma, ignorando-os de pronto. Chegando à oficina durante o atrito não resolvido, encontraram Keunn plantado à porta, aguardando-os com impaciência.

— Estão atrasados — advertiu, apontando para o céu em lusco-fusco —. Pensei que estariam aqui antes da estrela-mãe se pôr.

— Sem piadas, Keunn... Vai nos convidar para entrar? — antecipando-se a um provável novo conflito, Emma pôs fim à aresta.

— Claro, docinho. Queiram entrar, por gentileza.

Pilhas gigantescas de caixas estavam organizadas com esmero. A limpeza ambiente, idem. Nem sequer havia graxa sobre o balcão de trabalho: quem um dia já visitara a oficina de Keunn desconfiaria de tal descrição, inconcebível em condições normais pós-trabalho.

— Bacana, Keunn. Chamou a gente para mostrar uma faxina.

— Não seja boba, Dina. O que todos esperamos não está aqui em cima. Venham comigo. Cuidado com as escadas.

Independentemente do que fosse, estava muito bem guardado no subsolo, área secreta do prédio. A possibilidade de que a área jamais

tivesse sido visitada pelos clientes era real devido às características da fortaleza blindada, ocultada por portas com fechaduras codificadas — as famigeradas *smartkeys* —. O porão não abrigava reles equipamentos.

— Antes de entrarem, quero dizer umas coisas. Primeiro: não sei exatamente o que acontecerá em breve, mas espero que compreendam. Segundo: vocês ficarão tão realizados quanto eu caso tenhamos sucesso. Terceiro: eu daria a minha vida em troca do que estou sentindo. Qu...

— Quarto: você vai abrir logo essa droga e parar de enrolação. Estou começando a me aborrecer.

— Vou abrir, Orion. Deixe nossas diferenças de lado por um instante, por favor. Foi apenas uma forma de prepará-los para o que está por vir. Será chocante — "chocante", pensaram. Algum equipamento de ponta? Uma invenção? Muitas eram as alternativas.

A luz do porão foi acesa. Em uma estreita faixa não ocupada por tranqueiras metálicas, duas macas enferrujadas dispostas lado a lado e cobertas por um pano escuro, mas, ainda assim, dava para notar por baixo do tecido grosso duas silhuetas de tamanhos diferentes.

— Puxe os panos, Orion. Essa honra é sua, apesar de desejar tanto me matar — desconfiado, atendeu ao pedido e ficou perplexo com o que encontrou. Dina e Emma o acompanharam no sentimento de incredulidade. Keunn observou com orgulho o seu mais grandioso trabalho.

— S-S-Synthrex?! Ida?! — as palavras saíram com dificuldade. As mentes ficaram confusas. As crenças foram abaladas. Parecia um sonho.

Diante deles, dois corpos intactos, reconstruídos nos mesmos padrões das versões originais. Ambos seguiam desligados e conectados pela cabeça ao computador de diagnóstico, aquele utilizado para a calibração fina dos sensores das naves.

— V-V-você não fez isso, Keunn... isso não é real! — disse Emma, rindo frente ao nervosismo incontrolável.

— Sim, minha doce Emma, é real. Acredite em seus olhos.

— Não... Não pode ser! Ida teve os circuitos destruídos naquele dia e o Synth... bem... Sabemos o que aconteceu com ele em Adara/Nova IV— ponderou Nadia, em negação.

— Estes corpos vieram de máquinas que foram resetadas e restauradas por mim com a ajuda de alguns amigos federados traf... digo, que conseguem algumas peças exclusivas nos leilões. Como eu já tinha mexido em ambos, conhecia o número de série. Só tive o trabalho de encontrar um indivíduo similar para reaproveitar os componentes.

— Mas não é a mesma coisa! E as memórias? Estes automs não passaram pelas mesmas situações que nossos amigos. Não são eles!

— Para isso existem os *backups*, Emma. Dina, lembra dos rolos que você quase destruiu pela manhã? Naquelas fitas magnéticas estavam as memórias recompiladas de Ida, algo que tomei o cuidado de extrair antes de religá-la naquele dia. As memórias de Synthrex foram gravadas quando fiz o transplante de corpo. Este corpo, inclusive, é o original dele. Só precisei encontrar uma cabeça nova, que chegou essa semana.

— E eu quase estraguei tudo... Fascinante, Keunn, mas pera lá: as memórias deles foram extraídas em datas diferentes. As lembranças não vão bater. Isso não faz sentido para mim!

— Não precisam bater. Pude ligar Ida antes de tudo para realizar certos ajustes e contei o que aconteceria, pois ela já possuía memórias de nosso planeta e isso poderia causar alguns erros de continuidade. Falando em continuidade, acho prudente que você fique até mais tarde, Dina. Tenho algo do seu interesse. É importante.

Olhar para aqueles corpos era um *déjà vu* incrível: Synthrex em seu frágil corpo original e Ida restaurada, juntos, prontos para recomeçar. Desligados e com memórias ajustadas, não faziam ideia do que ocorrera nos dias subsequentes à fracassada invasão da plataforma EGT Adara/Nova IV. Um legítimo recomeço.

Faltava apenas a ação. Ansiavam pela voz robótica do bom amigo de metal, seu cuidado e jeito estereotipado ao tentar emular um ser humano. De brinde, ouviriam pela primeira vez a voz de Ida ao vivo. Encerrando a angústia, Keunn entregou a chave seletora de Synthrex nas mãos de Emma, conferindo-lhe a honra de religá-lo. A responsabilidade de reativar Ida era de Nadia. "Há um motivo especial para você fazer isso, Dina", sussurrou o faz-tudo em seu ouvido. Ela, porém, nada entendeu, já que conhecia aquela ginoide[72] apenas de vista.

— Introduzam as chaves nos crânios, bem no lugar onde estão colados os selos de proteção dos processadores. Depois, girem a chave, segurem por três segundos e puxem com cuidado. Pode demorar um pouco para acontecer alguma coisa, mas é normal. É como se eles estivessem sendo concebidos neste exato momento. Os sistemas precisam ser carregados. Os olhos logo se acenderão.

Passados alguns segundos, ambos deram os primeiros sinais de vida. Os amigáveis olhos de Synthrex acenderam na cor branca, assim como os de Ida, que exibiam os padrões criptografados de sua íris. Era o momento exato da transição entre um ser inanimado e um ser vivo, ainda que artificial. As articulações novas e justas faziam ruídos que entregavam a recente restauração. O autom veterano reiniciava com maior letargia que sua amada por possuir tecnologia defasada em relação a ela, posta a observar o seu despertar do sono profundo. Os quatro indivíduos biológicos encaravam, encantados, o momento único.

— Synthrex... Podes me ouvir? — surgiu a voz doce. A paixão incondicional do robô era totalmente justificável.

— Ida... Como chegou até aqui?

— Seus amigos me trouxeram enquanto você dormia... Está feliz?

---

[72] Termo usado para descrever qualquer ser que apresente a forma de mulher. A expressão é correspondente ao masculino androide.

— Não trocaria este momento por um coração orgânico. Sua frequência de operação transmite amor. Sinto-me feliz, mas... o que houve com o meu corpo? Você não deveria me ver dessa forma — respondeu, frustrado por não encontrar o prometido exoesqueleto.

— Vim até o seu planeta pelo que você representa para mim, não por sua aparência. Eu não me importo com isso. Só você importa.

Após o breve discurso, Synthrex e Ida tocaram-se com as testas, repetindo o exótico beijo autom-mático da estação. Interferindo na troca das respeitosas carícias, Keunn aproximou-se das macas, trazendo consigo as chaves de inicialização de ambos.

— Prestem atenção. Sua chave, Synthrex, pertencerá à Ida, e a chave de Ida te pertencerá. A vida de um estará nas mãos do outro a partir de agora. É o voto mais sublime que um autom pode fazer.

O mundo das duas máquinas se resumia ali, entre as macas. Nem mesmo os olhares atentos da plateia os atraíam: Emma e Nadia derretiam-se com a demonstração genuína; Orion achava tudo aquilo um porre, mas transbordava de alegria ao ver o regresso do irmão de lata. Somente depois de longos minutos que perceberam algo mais ao redor. Uma cena peculiar foi o espontâneo e imediato sorriso de Ida ao ver a donzela parcialmente de metal, que não entendia a razão daquele fascínio. Tal reação chegou a ser constrangedora, de tão inesperada.

Apesar da vontade que a equipe tinha de permanecer por mais tempo, Keunn os alertou que o casal passaria a noite em observação, longe das agitações e infindáveis conversas. O líder da equipe, profundamente arrependido pelo comportamento desconfiado, comprometeu-se a passar uma borracha sobre as rusgas passadas, sendo a proposta aceita de pronto pelo faz-tudo.

Antes de saírem, já na porta do estabelecimento, Nadia questionou sobre a parte que a interessaria. Com os olhos fixos nela, Keunn apenas respondeu: "retorne amanhã cedo, Nadia Aran". Imersa pela euforia

do renascimento, nem se deu conta do uso de seu sobrenome, algo que ninguém, além de Orion e Emma, conhecia.

Uma prova incontestável do triunfo dos sintéticos sobre os seres biológicos: a criatura conseguiu a vida eterna antes de seu criador. O amor lógico e racional das máquinas superava, e muito, o orgânico, baseado em emoções e influenciado ininterruptamente por picos de felicidade e tristeza. A capacidade de reconstrução e continuidade também era inalcançável por pobres mortais, reduzidos à sua defasagem e irrelevância como indivíduos na escala temporal. Ai de quem ousasse dizer que aqueles sentimentos não eram genuínos: a devoção que um tinha pelo outro era grande a ponto de ambos se sacrificarem, sem pestanejar, diante da impossibilidade de permanecerem juntos por normas criadas pelos seus pais. A matemática podia ser tão bela quanto a tragédia shakespeariana.

***

Trabalhar com probabilidades em um ambiente tão imprevisível como o espaço mostrava-se desnecessário ou tolo. A vida dos selvagens indivíduos não seguia o menor padrão lógico e, de tão aleatória, sugeria que não planejar absolutamente nada era a melhor das estratégias. Fazia sentido: imaginar tomava tempo e demandava certos esforços mentais que poderiam muito bem ser substituídos por ação. Um bom exemplo foi o ocorrido na oficina na noite anterior. Synthrex e Ida, que já tinham suas mortes encaradas como algo consumado e irremediável, voltaram à vida. Quem poderia prever? Se fosse possível, o impacto das mortes seria o mesmo? Existiria uma banalização das vidas artificiais? A aleatoriedade dos fatos tornava a existência muito mais interessante.

O reencontro ainda parecia irreal. Nas respectivas naves, Orion e Emma dormiam como se nada tivesse acontecido; Nadia seguia com as rotineiras dificuldades para repousar, todavia, dessa vez o motivo da

insônia era a misteriosa fala de Keunn, que a advertiu sobre a descoberta de algo muito especial. O que poderia haver de tão especial naqueles robôs além deles próprios?

Antes mesmo que os dois companheiros pudessem fazer o primeiro contato via rádio após o renascer do sol, a insone garota já caminhava pelas vias desérticas de Umbra II-C. A inquietude a consumiu de tal forma que não pôde pregar os olhos por um só instante.

— Keunn! Abra! Sei que está acordado.

O faz-tudo atendeu o pedido, destravando a porta externa. Pelo compromisso firmado, a oficina não abriria nem tão cedo.

— Desculpe te incomodar essa hora. É que... é que...

— Não se explique, Dina. Eu te prometi algo.

— Onde eles estão?

— Caminhando por aí. Preferi mantê-los aqui ontem para observar qualquer anomalia em seus comportamentos, mas tudo correu muito bem. Já estarão liberados para passarem o dia com vocês.

— A ficha não caiu ainda.

— Há outras fichas para cair, mocinha. Venha comigo.

Sobre a bancada, a mesma que na manhã anterior causou todo o desconforto, um estranho aparelho eletrônico de dimensões consideráveis conectado ao computador de diagnóstico. A tela do monitor exibia um fundo preto onde, certamente, seria feita a exibição de algum filme ou material audiovisual. Tratando de acomodar sua convidada a fim de prepará-la, Keunn passou algumas orientações antes de continuar.

— Bem, Dina... Talvez você não saiba de nada do que irei te mostrar, ou talvez até saiba. Seja como for, é interessante que assista. Se desejar que eu pause, avance ou retroceda qualquer parte, é só dizer.

— Tudo bem — respondeu, apreensiva.

O grande aparelho consumia em seu interior a estranha fita magnética da discórdia. No monitor, caracteres indecifráveis piscavam aleatoriamente, exigindo a intervenção do agente. Os primeiros sinais de som e imagem surgiram em seguida.

— O que é isso? Uma câmera de capacete?

— Melhor que isso. Assista.

A experiência era bastante imersiva. O portador da "câmera" agia com naturalidade, sem a intenção de filmar. O ambiente mostrava, aos poucos, alguma similaridade com locais vistos por ela no passado.

— Espere… Isso é…

— "Câmara de emulação Masha III liberada. Entrada do robô de serviço autorizada." — dizia uma voz abafada no filme, possivelmente através de um megafone. Com o alerta, o cinegrafista correu, com medo.

— É… É… Mil-Star 6x! — levantando-se da cadeira com um salto espantado, perdeu o fôlego. O espaço vago de suas lembranças estava prestes a ser preenchido com a peça correspondente. Bastava ter estômago para encarar o filme de terror em primeira pessoa até o fim.

***

Estive errada durante todo esse tempo. Nunca foram sonhos bobos, divagações ou coincidências. Era real. Tudo era real.

Keunn fez questão de me explicar minuciosamente todos os detalhes técnicos. Arquivos de tipagem complexa, criptografia, engenharia reversa, funcionamento dos heteródinos, retrocompatibilidade com a série 1500… O que isso significa? Alguma coisa importante, sem dúvidas, mas não me interessa. O que me choca é o fato de a verdade ter estado debaixo do meu nariz durante todo esse tempo, mas fui incapaz de compreender.

O estranho sorriso de Ida já não é um mistério. Ela me conhece desde que nos encontramos pelos comprometidos corredores de Mil-Star 6x, decadentes por minhas ações nos dutos de ventilação. Expondo-se ao risco de cruzar o meu caminho, guiava dois soldados federados rumo à saída do cativeiro em forma de estação. Simon Cabot e Tatiana Orlova... Tenho vagas lembranças desses nomes. Dos rostos, não me recordo. Os três estavam em pânico ao fugirem de uma suposta "coisa" que, minutos depois, descobri ser eu. Não eu: o monstro impiedoso, devorador de almas, que compartilhava comigo o mesmo corpo apodrecido.

Em uma área reservada chamada Zona Restrita, a representação gráfica de um inferno que nunca fui capaz de imaginar. Boiando em tanques transparentes de etanol de alta pureza, corpos disformes, verdadeiras anomalias produzidas e mantidas pela Federação. Sobre uma grande maca, um ser repugnante com oito pernas, oito braços e duas cabeças fendidas. Não passaria de apenas mais um dos desafortunados espécimes testados por mentes doentias se aquela aberração um dia não tivesse sido companheira, ou companheiros, dos dois fujões. Tão barbarizada quanto fiquei, ficaram eles. A pobre moça engolia o choro para não ser descoberta pela biomáquina assassina que os farejava. O rapaz amaldiçoava os seus superiores imediatos, responsáveis por trancafiá-los em um zoológico onde, provavelmente, eles seriam a próxima refeição. Entre eles, Ida, relutante contra as próprias diretrizes só para vê-los bem, ainda que a ousadia lhe custasse as duas mãos após metê-las em uma superfície quente, conforme relatado na gravação.

"Maldito seja Osíris. Maldita seja Dawn", repetiam a cada dois minutos. Osíris eu pude ver quem era. Morrer torrado foi o melhor destino para um autom corrupto como ele. Queimou da mesma forma que eu queimei nas cápsulas de combinação do disruptor genômico, uma tranqueira gigantesca que tornava possível os experimentos. De lá deve ter saído o tal "humetroide" citado por Simon ao ler a documentação nos computadores de bordo. A bizarra criatura foi uma das várias tentativas da organização de conseguir uma cópia do que um dia eu fui: a fusão perfeita entre humano e metroide gamma. Com um exército deles, poderiam dominar o Universo com facilidade ímpar. Nem mesmo a grandiosa Samus Aran pôde me deter na câmara SR388, caso aquele sonho seja, na verdade, uma lembrança recuperada. Sinto que a luta aconteceu. E agora dói em mim.

Enfim, compreendi a razão da perda do meu antebraço esquerdo. Osíris danificou o cabeamento da máquina para evitar a minha desintegração, promovida por Ida ao tentar, como último recurso, salvar seus protegidos. Não ligo de ela querer me matar naquele instante: era por uma causa nobre e ali eu representei o inimigo a ser batido. Muito corajosa, Ida... O sintético não queria poupar minha existência por bondade. Eu era a cobaia perfeita para a replicação ordenada. Sem mim, os cientistas degenerados continuariam andando em círculos, fabricando seres distorcidos como os contidos nas cápsulas, os troféus de seus constantes fracassos. Forjada pela natureza de um útero humano, eu era a matriz que eles não poderiam perder de forma alguma. E perderam.

Enquanto eu ardia na câmara, minha mãe assistia ao filme. É aí que entra a descrição que ela me conta. Só faltou dizer sobre o estado que eu saí de lá. E também o que saiu da câmara adjacente depois da fissão acidental. Pendurada nas costas de um bicho bizarro, foi-se a minha mãozinha. A sintética não conseguiu capturar com clareza os detalhes do monstro graças à escuridão. Daí em diante, o desespero de Samus ao temer minha morte, a despedida dos soldados libertos, a chegada das tropas federadas e o desligar forçado de Ida através de uma paulada na cabeça, dada por Simon para que a Federação não tivesse acesso aos registros. Com a corrupção dos dados, agora tratados e recuperados pelo genial Keunn, os federados jamais teriam acesso ao seu lado bondoso sobreposto às meras formalidades das diretrizes. Parabéns, Synthrex: você conseguiu uma excelente companheira para o resto dos seus dias. E obrigada, Ida, por mostrar afeto por mim. Seu sorriso mostra o quanto você ficou feliz por tomar a melhor decisão. Você me viu renascer das cinzas, assim como eu te vi voltar do mundo dos mortos.

Essas imagens ressignificaram tudo o que eu tinha como cláusula pétrea: Federação, soldados, normas e diretrizes, Samus e eu mesma. As transformações graduais que encarei em minha adolescência já eram um sinal de que algo de muito errado estava institucionalizado na Federação Galáctica há tempos. A demora para as mutações tomarem conta devem ter sido fruto de uma tecnologia arcaica de manipulação genética, talvez ainda em fase de testes na época. Fui a primeira? Se não, onde estão as outras cobaias? O que houve com o ser capturado no laboratório? O que houve com Simon e Tatiana após a fuga? Aqueles soldados

estavam tão insatisfeitos com a Federação quanto estou hoje. Onde estará Dawn, a mentora do programa de manipulação? O que eu, Nadia, posso fazer a respeito?

A eterna luta entre as trevas dos corredores e a luz da máquina que representou a minha salvação pode ser encarada como uma nova vida após o romper da exúvia, a casca ressecada que já não me comportava. Minha mãe, desesperada diante da tragédia não consumada por milagre, demonstrou seus sentimentos de forma bastante humana, indo na contramão do que sempre imaginei. Ela me ama, realmente, e isso me aquece. Simon e Tatiana são claros exemplos de que há muitas pessoas boas inseridas no contexto, ratificando o que me disse Anthony em Galahad, e atacá-las arbitrariamente está longe de ser a solução. As mentes por trás de tudo, Dawn e muitos outros, seguem intocáveis em seus cargos, aspirando apenas os mais sórdidos desejos. No piso de Aeterna V, em pleno sol do meio-dia, pude, enfim, sonhar com o futuro. Um futuro próximo que me aproxima cada vez mais de minha mãe em vários sentidos.

40. UTOPIA

Nada poderia detê-los. Nem a fome, nem a peste, tampouco os sequestros de medusianos por federados no espaço interestelar. Na Cosmic Curves reinava a alegria, a leveza e a esperança. Após altos e baixos mais agudos que os trilhos de uma montanha-russa, sentiram uma pequena amostra do que era a tal felicidade, palavra utópica que já tinham desistido de perseguir há muito tempo

Fora da bolha da equipe, tudo seguia igual. Vários duo-umbrianos continuavam o tratamento pós-contaminação. Em alguns, superexpostos ao agente tóxico, o quelante não surtiu o efeito desejado. Lamúrias anunciadoras de enterros eram comuns, assim como os gritos de dor. Os mais próximos dos moribundos recorriam às preces para suas divindades correspondentes. Outros preferiam crer na precária medicina disponível na base do disse me disse, recorrendo a ervas trazidas de planetas sortidos ou aos bons e velhos sedativos. Os mais desesperados, porém, tomados pelo derreter dos miolos através do vil metal, botavam um ponto final na própria existência. Além do surto de loucura, havia também a queda econômica motivada pelo êxodo. Caminhar pelas ruas era sinônimo de ver faces mal-encaradas. Hora não muito boa para nascer. Ou renascer.

Feliz da vida por estar ao lado de sua amada, Synthrex caminhava com ela pelos campos arrasados. Levava-a para conhecer a grande laguna, a taverna e as pilhas de lixo. Riam com as crianças, acenavam para desconhecidos e calculavam a órbita dos astros, intercalando os acertos de trajetória com beijos apaixonados. Pelas costas, os locais estranhavam o retorno do nobre sintético, chegando ao ponto de jurar que seria seu irmão gêmeo. Os mais assanhados até soltavam gracejos em direção à bela noiva, alheia ao tratamento desagradável. O simples ato de pisar em um mundo orgânico, seu grande sonho desde a linha de montagem,

superava qualquer desaforo. Por meio daquela terra desprezível, jamais seria tomada outra vez como prisioneira em uma estação fria e desértica, longe da chama interna pela qual os humanos chamavam sentimento.

Entre os membros orgânicos, cessaram-se também as brigas. Galactic Fornication recebeu uma nova *nose art* encomendada por seu dono. Emma fazia os preparativos para um grande evento a ser realizado mais tarde — Ida a ajudaria com os trabalhos quando retornasse do mais que justo passeio matinal estendido até as tantas —. Quem destoava do clima festivo era Nadia, enfurnada em Aeterna V em plena tarde, não por um mal-estar ou tentativa de se esquivar do mundo externo, mas sim pelo sono de dezenas de horas ininterruptas. Foram tantas noites sem repousar de corpo e alma que não soube como e quando parar.

Após o devorar dos biscoitos matinais atrasados, forçou-se a abandonar a poderosa inércia. Do lado de fora, um sol de rachar o mais rígido dos capacetes: os utensílios plásticos estralavam com a temperatura alta e falta de umidade. Apesar do clima pouco convidativo, Nadia botou a cabeça para fora da escotilha, estranhando a boa quantidade de naves amigas estacionadas na área de pouso. Além de Galactic Fornication e Lady Rose, estavam também Harmonia, '42 Midway, Invicta e muitas outras, fato incomum pelo horário. "Não deveriam estar todos trabalhando?", pensou, sentindo também a falta de chamados via rádio por seu sono espichado. Se ninguém havia entrado em contato, certamente estavam deveras ocupados com coisas mais importantes que ela.

— O que foi, Orion? O que é isso aqui? — o líder da equipe seria o primeiro e único ser vivo disposto a interagir com ela até então.

— "Bom dia", dona! Nada demais, só pedi para Ruron retocar a minha pintura. Gostou?

— Não, não é sobre isso. Falo de todas essas barcas na área de pouso e daquele entra-e-sai bizarro de Emma em Lady Rose, tanto que ela nem me deu bola. Vocês estão tramando algo que eu não sei?

— Nada, oras. Não podemos ter um dia atípico? — respondeu, minimizando a curiosidade da colega. Só tinha olhos para o novo grafismo pintado com capricho na velha fuselagem.

Dia atípico... Tratando-se de um estilo de vida tão imprevisível, todos os dias reservavam surpresas para os bons malandros. Entretanto, quase sempre eram surpresas desagradáveis banhadas pelo sombrio. A diferença era que, ao menos por ora, a dúvida evocava muito mais a ansiedade por ganhar um belo presente do que receber outro baque.

E assim foi.

Olhar Synthrex nos olhos, radiante e inocente em relação ao terrível evento que o vitimara em uma realidade paralela, seguia como a maior dádiva recebida. Além da imortalidade, conseguira também a felicidade plena ao lado de alguém tão semelhante, tanto em essência quanto em natureza. A mente de quem se habituou à sua ausência entrava em conflito ao querer resgatar a imagem da tragédia. Reeducar-se virou obrigação e, embora a cena agora não passasse de um sonho ruim, fazia verter lágrimas sempre que relembrada, inclusive na frente do casal.

— Boa tarde, Dina. Por que você está chorando?

— Nada, Synth... O que haveria de ser? — enxugando o rosto na manga da blusa, despistou a verdadeira razão do pranto. Não passava de uma fantasia de sua cabeça. — Apenas senti saudade.

— Não compreendo. Você me viu ontem mesmo. Parece que não me vê há meses ou anos pela sua feição.

— E-e-esqueça isso, tudo bem? Devo estar sensível, só isso. Talvez eu esteja ficando maluca.

— Você ainda deve estar cansada pelo *death match*. Keunn trabalhou muito bem em Aeterna V. Nunca o vi trabalhar tão rápido, inclusive. Onde estão as espaçonaves conquistadas?

— Verdade, Synth. Verdade. As naves? Bem... Elas estão...

— Com licença, senhorita Nadia, preciso ajudar Emma. Ela requisitou minha ajuda pela manhã. Deve estar muito atarefada — cortou Ida, saindo da companhia de ambos. Após a breve despedida, caminhou até a nave vermelha, onde encontrou a altaica cercada por novelos de linha.

Deixados a sós, a humana e o autom ressurrecto mantinham uma relação distante. A falta de costume ainda era uma barreira a ser superada, porém, os fortes laços os fizeram retomar os velhos tempos de amizade inquebrável. Ali mesmo, no pátio, conversaram sobre as atualidades — naturalmente distorcidas por Nadia de modo a ocultar o acidente —, sobre o interessante apêndice metamórfico implantado e também sobre o motivo de toda aquela agitação. Acordado desde cedo, o sintético lhe contou todos os detalhes. Entre eles não havia segredos.

O dia especial reservou para o razoável público uma atividade tida praticamente como crime em ocasiões comuns: a saudável diversão em um período que não intercalava escalas de trabalho. Pelas ruas vazias, os rapazes das equipes aliadas jogavam hexxa, faziam testes de força e brincavam de acertar alvos postos a quilômetros dos pontos de tiro. Julgados pelos transeuntes como um bando de desocupados, más influências e adeptos da vadiagem desenfreada, focavam apenas no momento único, uma rara demonstração da simplicidade que tanto ansiavam. Até mesmo os críticos desejavam estar ali, mas os sacos de ferramentas carregados nas costas não os permitiam desfrutar da diversão inocente.

Não longe dali, as moças faziam pratos típicos de seus mundos, usavam trajes locais, cantavam músicas e divertiam-se em um peculiar desfile de moda interplanetário. Abdicando das armas e vestimentas militares, despejavam sobre as faces um pouco de colorido, encobrindo as cicatrizes e marcas do tempo. "Desocupadas", gritavam ao fundo aquelas que desejavam o mesmo, mas não podiam fazê-lo por transportarem as pesadas pepitas de minério. Emular uma vida comum em uma colônia feliz era bobagem, segundo as impedidas. As participantes, porém, ignoravam a reprovação. Mereciam a válvula de escape, ainda que efêmera.

De todas as participantes do agitado evento, apenas uma seguia deslocada. Ela não possuía vínculo com lugar algum para representá-lo com emoção, assim como suas colegas o faziam. K-2L, primeira terra a ser pisada por ela, existia apenas em teoria. A colônia estava abandonada há décadas e sobre as ruínas não existiam traços da última civilização a viver ali: imagens, objetos deixados, inscrições… tudo fora transportado ou destruído após a desativação do complexo industrial. Como prova da colonização humana havia tão somente o maquinário e as instalações decadentes, corroídas pelo clima. Nem mesmo sua mãe se recordava de como era a convivência por aquelas bandas.

Todavia, nada duraria para sempre.

Chamada de canto por Ida, sua grande benfeitora, foi trazida para o interior de Lady Rose, longe das outras companhias. Das mãos metálicas recebeu um presente singelo, aparentemente sem sentido, mas que lhe serviria para fingir um passado "normal". Na caixa cuidadosamente decorada com uma fita dourada e com seu nome manuscrito, uma vestimenta branca, de mangas largas e gola alta. "Que roupa mais ridícula", pensou, embora agradecesse ao presente. As poucas coisas que possuía eram fruto de seu esforço e receber algo de alguém lhe parecia esquisito. "Vista-a e diga se serviu", sugeriu a sintética, alertando-a de que ela ainda receberia outro mimo. Relutante, a humana meteu-se na roupa de caimento perfeito. Também pudera: fora feita sobre o gabarito de seus velhos trajes. Não tinha como dar errado.

Emma, pronta para continuar a metamorfose proposta pela ginoide, pôs-se a demonstrar os talentos artísticos não manifestados por conta da dura rotina. Com uma pasta concentrada de cobaltina, tingiu de azul a franja do cabelo castanho da amiga, alegando que era uma forma de homenagear a fuselagem de Aeterna V — somente com isso Nadia deixou-se levar. Por ela, jamais realizaria nenhum procedimento estético desnecessário —. O comprimento dos fios, já compridos pela falta de zelo nos dias difíceis, foi ajustado, mudando por completo a aparência da bela

jovem oculta por trás da máscara da dor. Olhando nas placas espelhadas da nave, não reconheceu a própria imagem: à sua frente, uma garota de aparência frágil, bem cuidada, do tipo que pediria socorro ao ser atacada por um inseto qualquer. A vontade tida era de arrancar toda aquela parafernália e retornar aos uniformes surrados pelo uso contínuo, porém, mudou de ideia ao ouvir uma curta frase.

— Assim se vestiam as mulheres de K-2L durante a fase próspera da colônia. Espero que goste. Foi feita com amor — disse Ida, satisfeita com o resultado. Emma balançava a cabeça, em concordância.

O semblante da agraciada mudou. De incomodada, tornou-se pesarosa pela desfeita que pensara em cometer. Um turbilhão de coisas veio em sua mente: se não tivesse dado tudo errado no passado, seria daquela forma. Acidentalmente, tornou-se mais uma vez o último pavilhão de seu povo, um ícone expresso em forma de fantasia. No rosto abatido pela saudade daquilo que não viveu, viu mais uma vez o rosto de sua mãe que, segundo ela, merecia estar ali, em seu lugar, por ser a legítima herdeira. Depois de muitos anos, K-2L voltava a ter uma princesa, a filha da verdadeira rainha. Faltava-lhe apenas a coroa.

Esvaziando os pulmões, decidiu descer e se juntar à turma festiva. Ela não podia permanecer dentro de uma casca para sempre. Era um dia atípico. E efêmero. Tão efêmero quanto a alegria deles.

Com a queda da noite e o encerrar da grande festa, calaram-se as contentes vozes, exaustas pelo dia relaxante. Na manhã seguinte, a luz da estrela-mãe clareou o grande pátio e destacou a falta de uma nave, justamente aquela que proporcionou o nascimento de uma nova Nadia: Lady Rose ascendera aos céus em definitivo. No lugar habitualmente usado por ela como ponto de parada, uma pilha de objetos. De Aeterna V desceram Nadia e Ida. De Galactic Fornication, Orion e Synthrex. Nenhum dos quatro sabia o paradeiro da colega até encontrarem, no meio das tralhas, um bastão holográfico. Desconfiados, sentaram-se no chão de areia e se puseram a ouvir a mensagem gravada no artefato.

"Sou covarde demais por partir sem me despedir, mas, se não fizesse isso, jamais conseguiria deixar Umbra. Vocês já devem ter encontrado os meus pertences a essa hora. Eles são propriedade da Cosmic Curves, não são meus. Deste lugar eu quero levar apenas as boas lembranças, os sentimentos, a verdadeira amizade. A demonstração de ontem era o que faltava em meu álbum. Fui feliz com vocês", iniciou, claramente emocionada. Os amigos entreolharam-se de soslaio.

"Para não dizer que não sou materialista, trouxe comigo as capas dos processadores de Synth e Ida, uma mecha colorida do cabelo de Dina e algumas das suas munições de tungstênio, Orion, seu imprestável. Queria mantê-los para sempre perto de mim, mas... nossos objetivos são tão diferentes! Synth e Ida formam um lindo casal e serão símbolos da justiça e do conhecimento. Dina, apesar de ser teimosa e confusa como um rabbilis, entenderá que esse potencial dela precisa ser usado para algo bom de verdade. Orion será o libertador de Rhea e reunirá todos os seus companheiros desaparecidos, apesar de ser um frouxo, canalha, inapto e corrupto. Já eu, não... Quero uma vida medíocre, longe de todas essas agitações das missões, talvez com uma família aborrecida e presa em uma estufa de um planeta qualquer, cultivando comida de verdade. Fazer o quê, eu nasci para isso!", brincou, fechando o segundo bloco da mensagem. Para os amigos, tudo fez sentido.

"Espero reencontrá-los um dia, em condições melhores. Não tentem me encontrar. Eu não voltarei sem realizar o meu sonho". O sentimento era de assombro pela partida repentina. Mesmo com tantas dificuldades vividas e superadas, jamais cogitaram abandonar-se. Agora, quando finalmente conseguiram um momento feliz — que poderia ser o primeiro de muitos —, parte da equipe partiu sem deixar rastros.

Imaginar a vida sem aquela voz estridente por perto era um exercício doloroso. Seus pertences, com exceção das armas, foram enterrados sob o terreno onde Lady Rose costumava repousar, em sinal de respeito. Nenhum outro membro poderia ostentar suas glórias pessoais.

Os ponteiros deram voltas. Os ânimos se arrefeceram. A negação passou. A razão ressurgiu. E os reconfortou.

Como a própria Emmeline disse, o espírito de unidade da equipe não a permitiria agir de outra forma, senão daquela. Reconhecendo a própria fraqueza — o apego —, aproveitou-se do bom momento para partir, mantendo fresca em sua mente a ótima lembrança. "De oportunidades se faz a vida", concluíram os restantes, conformados. De fato, o perfil sensível às causas humanas a deixava deslocada em uma vida tão marginalizada onde o mal quase sempre vencia. Em uma colônia qualquer, teria a oportunidade de fazer o que sempre sonhou: viver como uma pessoa comum, longe das agitações inerentes aos medusianos. A sensação de dever cumprido deixou em seus amigos, além da saudade inimaginável, a certeza de que ela agiu bem. Correndo atrás de seu sonho, poderia alcançar a felicidade definitiva, saboreada como amostra grátis durante os últimos minutos em que estiveram juntos. A missão da altaica estava apenas começando, dessa vez solitária, a muitas léguas dali.

***

Região de Trion, zona P81, Arco Escuro. Naves medusianas eram interceptadas, vistoriadas e saqueadas arbitrariamente. Os tripulantes mais exaltados, ou seja, quase todos, acabavam carregados e espancados pelos homens de azul, risonhos com a desgraça alheia.

Nos fundos da nave-base, postos em gaiolas como bichos, visitantes indesejados de diversas origens. Ali, eram alimentados e monitorados em tempo integral: mantidos sob a responsabilidade da Federação Galáctica, precisavam dar algum tipo de retorno após consumirem os recursos da instalação. Prisioneiros ameaçadores levavam tiros de tranquilizante por entre as barras de metal. Outros, com menos sorte, eram escolhidos ao acaso — independentemente de fazerem arruaça ou não — para

receberem dardos com substâncias desconhecidas que os faziam rolar pelo chão das celas. Incontroláveis pelos espasmos, lutavam pelo simples ato de respirar enquanto manchavam as roupas com necessidades. A cena bizarra servia de chacota para cruéis carcereiros que andavam pelos corredores em busca do próximo "selecionado", como chamavam internamente os premiados a conhecerem os corredores secretos.

— Onde está a sua valentia agora, seu bandido? Acha que pode invadir o nosso espaço aéreo sem isso trazer consequências?

— Que barulho é esse, Weiss? Não consigo me concentrar! — disse uma voz feminina visivelmente irritada. Seus trajes diferiam dos subordinados, indicando um cargo superior. Suspeitava-se até que fosse a responsável geral pela plataforma.

— Os de sempre, general. Este safado estava rondando a base e o capturamos com muita dificuldade. Alguns conseguiram fugir.

— Não aguento mais esses enxeridos! Já sabe o que fazer, não é?

— Câmara de incineração?

— Você é mais inteligente que isso, capitão Weiss.

— Tem razão, general. Prepararei a célula. Charon, leve-o!

— Meus amigos vão me vingar, malditos! Umbra vencerá! — gritou um desamparado Zoak, capturado em sua última viagem de reconhecimento. Traído por outro duo-umbriano, fora orientado por ele de que a base era, na verdade, um ponto de encontro de caçadores de recompensas dispostos a lhe concederem certos detalhes apurados sobre os boatos das parcerias secretas entre militares e piratas espaciais. A cabeça do jovem investigador rendeu ao traidor um par de asas de prata.

A voz do intrépido desordeiro ecoou pelos corredores gelados pela última vez sem que um único tiro fosse disparado contra ele. Dawn sempre tinha as melhores soluções.

41. INSEPARÁVEIS

Nascia o novo sol. Junto a ele nascia também a esperança no peito de muitos. Os que retornavam reinventavam-se após os baques, pois a chama do recomeço seguia acesa. Outra ala, a dos intrépidos exploradores — verdadeiros peregrinos do espaço —, enxergava na terra cambaleante uma oportunidade única para se estabelecer ao conquistar um pedaço de terra. Para os homens de raízes arrancadas, uma terra quase desprovida de almas — aborrecidas pelas más condições ofertadas por sua outrora paragem favorita.

Ao contrário dos últimos dias, a taverna estava bastante movimentada, mesmo fora dos horários de pico. A fama do estabelecimento como importante ponto de encontro do sistema planetário era fato consumado por onde quer que os andarilhos passassem. Caso algum dia as gerações mais novas decidissem conhecer Umbra II-C, tinham como obrigação visitar o local. "De boas histórias vive aquele povo", diziam, com conhecimento de causa, os viajantes mais experientes.

A pauta do momento alternava entre diversos assuntos. Os sequestros de medusianos vagavam de boca em boca pelas mesas e já surgia certo receio de ser uma eventual represália por parte dos federados. Como extensão do assunto principal pipocava o sumiço repentino de algumas das figuras mais populares daquela área, personagens que já começavam a fazer falta. "Estariam eles entre as vítimas?", preocupavam-se os mais próximos. Gangues rivais festejavam a possibilidade de captura, sendo expulsos da casa antes de haver um motim lá dentro — ninguém, principalmente Aat, gostaria de ver mesas e cadeiras voando —. Os mais centrados, todavia, colocavam-se no lugar dos cativos, pois não havia como prever quem seria o próximo. Poderia muito bem ser um dos presentes ali, tranquilos a consumirem a boa comida.

Aos poucos, o balcão encheu. Tristeza para os atendentes — abarrotados de pedidos —, alegria para o dono, apreciador das resenhas. Em meio à multidão, uma parcela de consumidores aproveitava a ocasião para se despedir do comerciante e daquele mundo em definitivo. Perdas pessoais, caos financeiro, imediações perigosas... inúmeras eram as razões para sumirem sem desejar levar a poeira do chão sangrento. Aat ouvia os agradecimentos pelos longos anos de bons serviços prestados, a cordialidade e a resiliência por permanecer firme em um ambiente tão amargo. Ele, porém, dizia que em breve partiria, assim como já fizera por incontáveis vezes ao longo de sua mais que centenária existência.

Copos e pratos deslizavam pelo balcão como discos. Com invejável precisão, os funcionários lutavam contra a demanda crescente — como seria bom se o patrão os ajudasse... —. Os maus dias os deixaram mal-acostumados com a ociosidade, assim como também atingiu em cheio o *workaholic* mais agraciado da Zona de Descarte número 18, porém, o inferno astral dele tinha causa bem distinta.

— Keunn! Você por aqui? Quanto tempo, meu grande amigo!

— Olá, Aat — respondeu abatido, lutando para se aproximar por uma estreita brecha no balcão de aço escovado.

— Como posso ajudá-lo? Você me parece cansado.

— Quatro garrafas, por gentileza. As mais fortes que você tiver.

— Apenas uma te derrubará. O que há?

— Nossos meninos estão indo embora. Eu não aguento mais.

— Ah! Ah! Ah! Você não aprende, meu caro? Este é o ciclo de vida deles: chegam, evoluem e partem. Umbra II-C é apenas um estágio, felizmente. Veja, só ontem partiram Athena, Zion e Hex, todos recrutados pela Federação. Essa safra está acabando.

— E Emma... A minha Emma se foi.

— Então este é o motivo das garrafas adicionais...

— Não enche, Aat... — com o copo cheio, expurgava o pouco de sentimento que permanecia no quase vazio coração. A última a derrubá-lo daquela forma foi uma rebelde de nome Wein, cujos consertos de nave eram realizados em regime de plantão. O faz-tudo nunca teve notícias após sua partida, até que uma certa altaica de cabelo estranho apareceu.

Enquanto uns fugiam de Umbra II-C, outros tantos chegavam. Naves frágeis desciam aos montes nas imediações do estabelecimento, anunciando os novos visitantes. Mais jovens desafortunados buscadores de uma vida melhor no decadente globo — por pior que fosse, era melhor que suas origens, assoladas por diversos males: pandemias, fome, guerras e catástrofes —. Entre os novatos, dois humanos de pouca idade, perdidos na onda de pessoas que entrava e saía do ponto de parada. Não existia uma idade mínima estabelecida para guiar um aparelho pelas rotas interplanetárias, mas aqueles dois gêmeos idênticos não pareciam aptos para tal tarefa. Seus rostos não aparentavam ter mais que doze ou treze anos, chamando assim a atenção de quem se dispunha a olhá-los. "Devem ser órfãos, coitados", suspeitaram. As mochilas levavam armas em vez de tábulas ou brinquedos. Mais duas vítimas de um sistema corrompido que os obrigava a trabalhar desde a tenra idade, sabe-se lá com o quê.

— O que é isso aí, amiguinho? — questionou um anônimo ao tentar agarrar a bolsa do garoto que, com o zíper entreaberto, expunha o cano longo de uma presumida espingarda. Assustado com o puxão, o menor sacou uma pistola de plasma levada por dentro da jaqueta. O curioso paralisou com a reação inesperada. O falatório foi interrompido na hora.

No fim das contas, nada ocorreu. A reação corajosa de Helium foi apenas uma forma de proteger sua irmã, escondida atrás de seus ombros. Como havia dito a mãe deles, "jamais deveriam confiar em estranhos".

— Fique tranquila, Marga — completou, abaixando a pistola. Abismada, a multidão os observou sair, tímidos, porém, inabaláveis.

Em uma das mesas mais afastadas, devorando um suculento sanduíche, um importante caçador de recompensas os encarava através da grande vidraça fumê. Do outro lado da avenida, o menino conferia o conteúdo da bagagem, oculto pela distância e pela sombra projetada do prédio em frente. A menina contava o que aparentava ser um conjunto cartões perfurados usados como moeda de troca em áreas de influência da Federação. Apesar do susto na taverna, o sorriso inocente logo voltou às faces após um comentário engraçado feito por um deles.

"Só podiam ser de 1027 Mura", pensou o caçador, reconhecendo os trajes típicos de ambos. Passando a mão livre sobre as medalhas carregadas por dentro de seu sobretudo, reviveu suas primeiras conquistas, adquiridas com muito suor em tempos distintos, muito menos hostis que a atualidade. Nostálgico, recordou-se de quando um federado lhe presenteou com uma lança para que alcançasse os frutos mais altos de sua macieira preferida — pelos momentos felizes proporcionados pelo singelo objeto, adotou como arma, depois de adulto, uma lança de platina —. A postura responsável, mesmo com a pouca idade, deixou-o bastante entusiasmado, imaginativo de como poderia ajudá-los na caminhada sem ser notado. "Eles darão muito o que falar", aspirou, fotografando o número de matrícula da diminuta espaçonave para posterior contato.

***

Cosmic Curves. Mais uma vez o clima balançava. Seja pela partida da nobre e cansada amiga ou pela oscilação de humor de Nadia, nada seria como antes, literalmente. Talvez a fuga de Emma não fosse irreversível como a destruição dos sintéticos, mas a força de seu desejo em querer uma nova vida não a deixaria voltar de forma alguma. Mantendo-se emocionalmente dopada ao cortar uma atmosfera qualquer, a altaica nem fazia ideia do que se desenrolava no ex-quintal.

Incomodado como jamais ficara, Orion balançava as pernas ao ar, sentado sobre uma das asas de sua estimada barca. Solitário, imaginava o futuro próximo: aquele chegar e partir de novos personagens no planeta não era exclusivo do meio externo, pois seu círculo social sofria do mesmo: Ida chegou, Synthrex retornou e Emma partiu. Com os destinos indefinidos, apenas ele e Nadia. Pela humana ele não temia: a palavra dela não fazia curva, porém, mais cedo ou mais tarde ela também se cansaria do decadente cenário. Para os sintéticos bastava uma nova nave para iniciarem uma nova vida, já que um teria o outro como base para sempre. E ele? Órfão de povo e de terra, não tinha a quem recorrer. Todas as noites, pedia à Magneia para lhe mostrar, através de sua longa cabeleira, o caminho para seguir. Como dizia a lenda local de Rhea, no final das longas linhas brancas da Galáxia do Véu da Noiva estava a grande mãe, sempre solícita para atender os seus filhos perdidos.

A outra parte orgânica pensante da equipe seguia aprisionada em Aeterna V. Alheia aos chamados via rádio, Orion supunha que ela sentia profundamente a falta da amiga, desejando o isolamento. Então, decidiu respeitá-la e a deixou solitária desde a saída de Ida, assim como ele também esteve após Synthrex acordar e ganhar o mundo

Horas se passaram. O vento subia nas quadras da pilha de incineração. Poeira e fuligem, idem. Enxergar os "pontos turísticos" com a nuvem de detritos tornou-se inviável. Quis a natureza que a dupla de automs regressasse ao ponto de pouso a fim de se abrigarem.

— Orion, preciso de um favor — requisitou o sintético, frustrado com o passeio interrompido.

— Diga, lata — respondeu com desânimo.

Sabendo da falta de maiores obrigações para aquele dia, o autom ressurrecto pediu ao amigo a nave por empréstimo. Ciumento com seus equipamentos, Orion precisaria de uma boa justificativa para fazê-lo, deste modo, uma verdadeira entrevista investigativa foi realizada.

— Aonde vai? Para que a quer? Quando volta?

— Estação de comunicação; interceptar sinal; em três horas.

— Hum... Não está planejando nenhuma traquinagem, né?

— Negativo. Ida irá comigo.

— Ah... Uma lua-de-mel eletrônica. Robô safado!

— Pode emprestar a Galactic Fornication, por gentileza? Se não for possível, pedirei à Dina que me empreste Aeterna V. Ela não me obrigará a prestar depoimentos.

— Vai, vai... — aceitou a contragosto. — Só tome cuidado para não botar fogo nela. Só tenho essa.

— Não compreendo. Sempre fui cuidadoso com as naves.

— Vá, antes que eu me arrependa!

Na verdade, não era Synthrex quem necessitava da espaçonave, e sim Ida. Por não ter intimidade suficiente com o líder a ponto de pedir o favor, ela achou melhor dizer ao seu amado para solicitar a ajuda. As chances de uma negativa eram menores, o que acabou se confirmando. Com a autorização concedida, logo deixaram o planeta em direção à plataforma-disco, onde todo o romance começou.

Para ele, uma simples viagem para mapeamento de asteroides. Para ela, a maior interessada, uma oportunidade única de atender um desejo acalentado. As longas conversas com o sintético revelaram muito sobre os novos companheiros: dramas, forças, fraquezas, desejos e medos. Synthrex não tinha a malícia presente nos corações orgânicos, portanto, entre as duas máquinas não haveria segredos, apesar de Ida preservar a sua parte da história até tudo se cumprir, encarando-a como uma diretriz interna. Comovida com certas questões e admirada com algumas coincidências, decidiu interferir em algo que acreditava estar ao seu alcance. Mesmo sem ter a certeza do sucesso, tentaria.

Em Umbra, Orion batia na escotilha de Aeterna V e era ignorado. Sem nave para se enfiar e indisposto para procurar outras companhias na taverna, buscou abrigo na embarcação daquela tão chateada quanto ele. Batidas no vidro, na fuselagem... nada a movia.

— Abra, Dina! Não caio mais nos seus truques! — gritou ao vento, incomodado com a desfeita. Sabia muito bem que ela estava lá.

Como não obtinha resposta, escalou a dianteira da nave e gesticulou diante do vidro espelhado que não permitia a visualização do interior. Ao ver o esforço do companheiro para contatá-la, Nadia destravou a escotilha por um botão no painel. O barulho da descompressão atraiu a atenção do obstinado colega, fazendo-o retornar à entrada.

— Filha da mãe... Eu sabia que você estava aí. Que brincadeira chata! — entrou, aos berros.

O silêncio persistiu. Após descer os degraus da escada de mão, o cavaleiro cósmico encontrou a companheira encolhida em uma quina, chorando copiosamente com a cabeça encaixada entre os joelhos. Com a proximidade do amigo, a garota ergueu os olhos e fitou-o, como quem não tinha mais nada a esconder. O resto de sensibilidade ainda mantida por Orion deixava claro que o ciclo da Cosmic Curves estava terminando.

Entre eles, nenhuma palavra foi trocada. O líder da equipe em extinção tinha suas teorias sobre a lamúria vista: cria ser motivada unicamente pela partida de Emma. Ele próprio sentia muita falta daquela que já lhe dera tantas dores de cabeça pelo perfil genioso análogo ao seu. Só não imaginava a real causa do desgosto da amiga.

Os detalhes sobre o *modus operandi* das mentes por trás dos projetos secretos responderam muitas de suas dúvidas. A garota era esperta o suficiente para ligar sua história com a história de Samus e ver tudo se repetir, agora com novos personagens: o braço corrupto da Federação, liderado por Dawn e seus asseclas, abastecia os piratas espaciais com o fruto de seus insanos experimentos em um acordo de poder regado a

falsos combates, emuladores de uma dicotomia fictícia. Pensar fora da caixa era necessário para compreender aquele caos mais que ordenado. Logo, o que a desesperava era o peso da responsabilidade em assumir, mais cedo ou mais tarde, o posto outrora pertencente à sua mãe, algo que ela acreditava não estar apta a realizar.

Na estação 515 Umea, mais um pouso bem-sucedido em busca do infinito e desejável conhecimento. A estação encontrava-se mais vazia que de costume, embora estivesse longe de ser um mau sinal. A tranquilidade permitiria um trabalho com o máximo de eficiência. Ida desfilava com um exótico chapéu, de dona não identificada, encontrado em Galactic Fornication — Nadia jamais usaria um adorno tão espalhafatoso, tampouco Emma. Independentemente de onde veio, a autom adorou o objeto —. Em sua cabine de interceptação, digitava com destreza uma série de códigos. Synthrex, na cabine ao lado, seguia alheio às suas ações.

Coordenadas, muitas coordenadas.

O talento como comunicadora e programadora nas horas vagas a permitiu acessar níveis de informação de cooperadores de sua antiga corporação. Entre a imensa lista de afiliados, um nome a empolgava

O destino da mensagem: uma plataforma de nome SS Audema. O conteúdo da mensagem: uma pilha de dados criptografados que, quando convertidos para arquivos legíveis, culminavam em um conjunto de coordenadas em hexadecimal. Poucas palavras-chave compunham o corpo do texto, pois a comunicadora temia que a informação confidencial pudesse ser mal utilizada caso caísse em mãos erradas. Esperta e experiente, tratou de escrever curtos enigmas que somente mais duas pessoas no Universo tinham a resposta. Para aumentar um pouco a confiabilidade, identificou-se como uma ex-funcionária da Federação Galáctica retirada após se cansar de tantas injustiças, exatamente como aquela a separar as duas pontas a serem atadas. Se a destinatária possuísse dúvidas sobre a veracidade da mensagem, que procurasse a verdade por conta própria. À sua espera estaria alguém que, todas as noites, lamentava a sua ausência.

***

Um dia. Não mais que um dia.

Este foi o tempo necessário para o cruzar de um buraco de minhoca aberto por uns bons companheiros.

Na terra arrasada, o céu vermelho anunciava o cair de mais uma tarde. Silhuetas pretas pela distância admiravam-no, extasiados pela pintura feita pelas mãos da natureza. A condição de estátua apenas refletia o sentimento geral, de impotência, diante dos fatos e da ausência de feitos. Do dia para a noite, perderam as rédeas de suas vidas.

— Lindo espetáculo — opinou Ida, ainda a se acostumar com o cenário nada artificial.

— Grandes coisas. Todo dia aqui é assim.

— Não deixa de ser belo, Orion.

— Belo será quando a gente sorrir outra vez. Até lá, só ilusão.

— Não seja tão pessimista! Como o sol que nasce todos os dias, devemos reviver nossa gana, o nosso ímpeto, após a escuridão — interferiu o autom, poético como jamais havia sido. O robô tornou-se mais sentimental que os próprios colegas orgânicos.

— Escute só, Synthrex... Não quero saber de *coaching* para o meu lado, está bem? Quero ação, não palavras jogadas ao vento. Só a ação mudará os nossos rumos, se é que vai mudar. Já tenho minhas dúvidas.

— Não necessariamente — opinou Nadia, reflexiva desde a nebulosa tarde —. Se tudo está escrito, não há o que ser mudado.

— Como assim "escrito"? O hoje é aqui e agora. Isso não existe.

— Existe, pode acreditar. Todos nós temos um tipo de *karma* a ser carregado. Este é o nosso, não adianta planejar nada.

— Prefiro acreditar na probabilidade e estatística, no máximo uma intervenção justificável — Ida retirava a conversa do campo transcendental e a puxava novamente para o universo palpável. Sua natureza mecânica necessitava de números, não de espiritualidade.

— Ainda que não pareça, você continua sendo uma boa máquina. Nem tudo provém de linhas de código. Há algo grande por trás de nossas existências e apenas seguimos uma vontade maior. Aliás, isso é só uma teoria minha, posso estar errada também, mas vejo que a vida se comporta de maneira estranha. Coisas nada a ver surgem do nada, acontecendo unicamente porque tinham de acontecer por alguma razão. Eu não deveria estar aqui. Aliás, eu nem deveria ter nascido.

— Cale-se, Dina! Você não vai nos contaminar — Orion queria o monopólio do pessimismo da equipe. Se antes concordava em gênero, número e grau com a humana, passava, então, a criticá-la pela postura negativa —. Se acha que não vai para lugar algum, o problema é todo seu.

— Mas ela vai — interveio a sintética, sorridente e confiante no que dizia. Os três a observavam sem entender tamanha certeza em suas palavras. O correr dos vivos olhos cristalinos pelo céu rubro indicava certo grau de procura por algo já aguardado.

Aliado à busca minuciosa estava o fato de estarem em uma escarpa alta, fornecedora de uma visão peculiar do planeta. Da grande mesa rochosa enxergariam com perfeição a linha do horizonte caso não existisse, ao fundo, a elevada cordilheira de Bromia-Otune. Com exceção da bela vista, não havia razões aparentes para estarem ali, logo, aos poucos, surgiram certas insinuações sutis para retornarem ao ponto de origem. Ida, todavia, sempre dava desculpas para permanecer um pouco mais, mesmo com o amarronzar do firmamento.

— Vamos, meu amor. Está ficando tarde.

— Dê-me alguns minutos, Synthrex. Sinto que precisamos.

Não sentia. Ela sabia.

O surgimento das galênides, famosa chuva de meteoritos que ocorria anualmente, estava próximo. Pelos cálculos feitos por Synthrex em 515 Umea, faltavam duas semanas para os pontos brancos começarem a cortar o céu duo-umbriano. Entretanto, ainda naquele vésper surgiria o primeiro bólido, aquele que os acertaria em cheio.

Sobretudo a mais desalentada do grupo.

Ao fundo, a alguns poucos metros de onde estavam, desembarcou um forasteiro em uma nave não vista até então. Em sua posição de líder do grupo, Orion preparou-se para o combate ao empunhar a Laser Gun, afinal, não conhecia as intenções do turista. Mesmo tentando, a todo custo, contagiar os amigos a fazerem o mesmo, viu-se sozinho. Synthrex hesitava a sacar, pois não via um risco iminente na situação. Ida ratificava o pensamento, dizendo ao beligerante que a situação estava controlada. Alheia ao acontecimento, Nadia permanecia de costas para o visitante por admirar Medusa-Epsilon. O disparar dos batimentos cardíacos dispensava a curiosidade: a mensagem já estava mais que compreendida.

— Vejam aquela armadura... é magnífica! — sussurrou o Qo-hos. Notando a imponência da figura, desistiu de atirar. Não seria páreo.

— Afirmativo, Orion. É um caçador de recompensas, sem dúvida — concluiu Synthrex, igualmente impressionado.

A personalidade aproximou-se dos jovens, que a fitavam, hipnotizados. O capacete rubro que mantinha o anonimato da estrela foi retirado e somente Orion e Synthrex continuaram sem saber quem era, embora observassem a fisionomia antes oculta. Os longos cabelos loiros, quase polares, balançavam ao sabor do vento. Nadia seguia apática, em silêncio, enquanto fingia ignorá-la.

— Como me encontrou? — perguntou a jovem, ainda de costas.

O rosto da visitante virou-se para Ida, que sorriu em retribuição. As habilidades da autom como operadora de tráfego foram cruciais para que o aguardado reencontro fosse possível.

— Minha menina... Como temi que o pior acontecesse... Você não sabe o quanto sofri! Perdi a noção do tempo pelas noites em claro e...

A garota resistiu enquanto pôde. Ela despertou do sonho acordado somente ao sentir o toque de Orion e Synthrex em suas costas, incentivando-a a seguir com a visitante. Então, acatou o conselho e foi.

Uns seguiam do lado de fora, surpresos com novidade. Mãe e filha, porém, continuavam apartadas na Gunship, onde teriam privacidade de sobra para interagir quando quebrassem a muralha de gelo que as separava. No ambiente controlado, Samus desfez-se da Power Suit e fitou Nadia, ainda ausente em comportamento. Diante da letargia da jovem, a mais experiente deu o primeiro passo.

— Só eu sei o quanto essa separação foi dolorida, Nadia. Foi um mal necessário para moldar a sua personalidade. Você precisava entender o real valor das coisas, acumular conquistas por conta própria e se mostrar capaz de tudo. Hoje, você tem amigos e é independente, mas sabe que sozinha não se consegue nada. Viu que não há apenas o mal naquela instituição que tanto nos perseguiu. Hoje, você é madura o suficiente para receber o título que lhe é merecido.

A jovem ouvia as palavras, mantendo-se inabalável na concha emocional onde se enfiara. Em sua cabeça, nada daquilo era útil, pois descobrira tudo por conta própria: explicar-lhe o óbvio após meses não apagaria a sua dor, os medos, as noites em claro, os riscos e as perdas. Para ela, nada que a mãe fizesse poderia desarmá-la, entretanto, tal rigidez duraria até o nascer de um abraço, fazendo a rebelde desaguar em lágrimas. Aquele era o abraço com a qual sonhara todas as noites.

O peso carregado sobre os ombros se desfez. Todas as boas lembranças trazidas desde a primeira infância ressurgiram, incorruptas. Colocou-se no lugar de Samus e compreendeu o quanto ela deveria ter sofrido — tanto quanto ela ou até mais — por pensar exclusivamente no seu bem. Não apenas o seu corpo era abraçado, mas também seu espírito.

A energia do amor envolvia as Aran, levando-as ao estado de transe. Em uma fração de segundos, um forte brilho branco irradiou da Gunship, podendo ser visto até mesmo do lado de fora da nave.

Assustados, os amigos acompanhavam tudo, de longe. Orion era o único a desdenhar de quando Nadia contou sobre a sua filiação materna — mais uma vez, arrependeu-se por cometer uma injustiça. Ela estava certa —. Minutos depois, a escotilha da Gunship se abriu. Conforme se aproximavam, detalhes um tanto surpreendentes foram vistos, embora os amigos ainda duvidassem do que enxergavam.

De mãos dadas, as duas Aran marchavam em seus imponentes trajes. A tradicional Power Suit foi totalmente ofuscada pela vestimenta da nova parceira de batalha. Nadia não acreditava: o capacete com grande visor translúcido exibia luminosos ícones piscantes, selecionáveis a partir do toque de sua portadora. Conforme manuseava os símbolos, o apêndice metamórfico adquiria novas características, sendo agora operacional como arma, assim como o canhão de braço da armadura de Samus. Pequenos *leds* azuis enfeitavam a bela e esguia indumentária cinza, distinta da finada orgânica Biosuit. Agora dotada de tecnologias de ponta, demandaria meses de aprendizado ininterrupto para ser dominada.

O que impediu Nadia de recuperar seu traje durante todo aquele período foi o vazio carregado em seu interior. Conforme completou as lacunas — valor material, companheirismo, esforço, competitividade, honestidade e benevolência —, mais próxima da realização ela ficou, e a última peça faltante no quebra-cabeças era justamente a que ela mais almejava conquistar: o amor verdadeiro.

Como bem previram os amigos, Umbra II-C já não era suficiente para a mais notável entre os quatro cósmicos, que merecia voos cada vez mais altos. Era chegada a hora de abandonar em definitivo a fama de subversiva e a agir como adulta, com disciplina e moralidade. Novos desafios estavam por vir e, como bem sabiam os parceiros de longa data, aventuras eram a sua maior especialidade.

A SUBIMAGO

42. O CHAMADO

Finalmente... O momento que tanto aguardei nesses últimos cinco anos parece ter chegado. O inútil treinamento intensivo em Sphynx, onde aprendi o que já sabia, só serviu para aumentar a minha ansiedade: aquela plataforma era pequena demais para conter as minhas ambições.

Gosto de servir à Federação Galáctica, não posso negar, mas são certas razões pessoais que me fazem estar metida nisso até o pescoço. Talvez eu não desse a mínima caso não houvesse uma lacuna em minha história, lacuna esta que necessito preencher, e é através do meu trabalho que encontrarei a minha paz.

Umbra II-C fez com que eu encarasse a vida com outros olhos. Tudo tem uma razão para ser, para estar, para existir. Quem diria que eu iria me encontrar quando jurei estar perdida? Nada é à toa. Nem mesmo a aleatoriedade acontece pelo mais puro acaso, preferindo seguir as regras sutis da natureza. Às vezes, sinto como se não passássemos de meros figurantes em um teatro gigantesco, com enredo muito bem escrito, onde somos meros atores. Em um ato bizarro dessa ficção, surgi, sem mais nem menos, unicamente porque tinha de acontecer. Cenários improváveis, altos e baixos, separações e reencontros... Tudo muito rápido, sem eu, ao menos, compreender o que ocorria ao meu redor. Nem tive o trabalho de planejar ou refletir sobre a vida: muitas vezes eu só o fazia depois de não poder fazer mais nada. A impotência me levava à reflexão.

Hoje entendo tudo: tinha de ser assim. Sinto-me atraída pelas minhas origens, como certos peixes da extinta Terra que subiam às nascentes para depois morrer, apesar de saberem ser aquela a sua jornada final. Não acredito que esse será o meu fim. Não... Talvez seja o fim de apenas mais uma das Nadias que tanto insistem em romper os seus sufocantes casulos. E se for o meu fim? Pouco posso fazer, pois tudo já está escrito. Ao fim da minha chamada Missão Zero, desejo apenas entender o que houve com as Aran e muitos outros inocentes nos laboratórios secretos da Federação. Mostre-me, destino...

***

Ano 2108 do Calendário Cósmico. Após uma breve pausa nas tensões intergalácticas durante todo o ano de 2105 C.C., um novo período de contendas foi iniciado. Além dos habituais problemas sociais que permeavam as sociedades marginalizadas, uma extensa crise de recursos elevava à décima potência as dificuldades para controlar os motins. Sem a abertura de novas colônias de mineração não haveria a extração de metais utilizados em equipamentos de ponta. A obsolescência programada começava a dar as caras e a outrora avançadíssima tecnologia da Federação Galáctica já se mostrava defasada em relação aos componentes utilizados por grupos rivais.

Antes fossem só estes os problemas dos homens de farda azul-marinho! Uma crise institucional sem precedentes abalava a estrutura da organização, causando um distanciamento entre as civilizações envolvidas. Os povos mais evoluídos escondiam as novas tecnologias e compartilhavam-nas apenas entre si, reservando aos tidos "inferiores" a desculpa de que o bloqueio criativo havia chegado para todos. Tratando-se da divisão humana, os generais da alta cúpula quebravam a cabeça para erradicar os braços corruptos envolvidos com bioterrorismo, tráfico de pessoas e organismos, prostituição, saques e, principalmente, a origem das absurdas parcerias com organizações criminosas, de motivação ainda desconhecida. Como diziam os caçadores independentes, os piratas espaciais tinham acesso às instalações federadas através de nomes influentes, pois a facção estava sempre um passo adiante dos homens da lei. Os cinco anos subsequentes ao início do Programa Sphynx não foram suficientes para encontrar a faísca inicial, apenas a fumaça e as cinzas.

Contudo, logo após a formação da nova divisão de coligados, surgiram vestígios animadores. Um hiato de alguns meses foi quebrado com a interceptação de sinais suspeitos vindos do espaço profundo visando contatar naves prestadoras de serviços terceirizados para a Federação.

Interceptadores de ondas de rádio de baixa frequência foram instalados em segredo nas tais embarcações e descobriu-se por eles que os chamados eram frequentes. Em meio ao silêncio, qualquer mínimo zumbido poderia dar um alento àqueles obstinados investigadores.

— Muito bem, senhores — iniciou Leyland, o responsável maior quando seu superior imediato não estava presente —. Acabamos de interceptar um sinal desconhecido vindo do sistema Betelgeuse.

— Sinal desconhecido... Não há novidade nisso, major.

— Não se trata de um mero sinal, Corvo. A origem buscou contato com uma nave prestadora e obteve resposta. Eles usaram algum tipo de criptografia ou linguagem desconhecida.

— Por que não usam engenharia reversa para decodificá-la?

— Não é tão simples assim, Aran II. Não podemos nos esquecer que estamos encontrando dificuldades na extração e aquisição de camalita. Circuitos de ouro não possuem um desempenho satisfatório para essas aplicações finas, tanto que o sinal permaneceu ruidoso depois do tratamento e amplificação. Estamos reféns de outros braços da Federação, infelizmente. O Universo não gira ao nosso redor.

A garota de franja azul se lembrou das proezas que os duo-umbrianos realizavam com equipamentos precários. Utilizando fitas magnéticas e circuitos de cuproníquel, manipulavam naves por controle remoto no vácuo, faziam cópias das memórias de seres inanimados e realizavam cirurgias e implantes biônicos mesmo sem possuírem formação acadêmica. Não era nada comparável às maravilhas da biossintética atual, mas pareciam muito mais inventivos e eficazes que as morosas soluções dos donos do poder. Sua mente desligou-se de tal forma que se desassociou totalmente do tema da reunião. Em meio às divagações, um dos jovens ali presentes levantou a mão, pedindo a palavra.

— Diga, Higgs Jr — autorizou Leyland.

— Major, eu entendo que a coleta é importante, mas será que isso é necessário? Sei onde o senhor quer chegar: planeja enviar uma divisão para a averiguação da origem do sinal. Não é um indício muito vago para justificar uma operação deste tamanho?

— Negativo, soldado. Está completamente enganado.

O major, então, ativou um projetor holográfico, exibindo uma série de diagramas vistosos. A leitura de cansativos relatórios só os faria cochilar nas cadeiras confortáveis. Melhor que falar era mostrar.

— O objetivo da reunião é repassar as principais informações discutidas por Kanev no Comitê Central. Como bem sabem, os ataques às nossas instalações tiveram um acréscimo de quarenta por cento nas últimas três semanas sem motivo aparente. A única razão que pode estar motivando tamanha violência dos piratas espaciais é o trabalho contínuo de determinados caçadores de recompensas nas áreas de interesse.

— O que houve? — questionaram alguns.

— Estes caçadores estão no encalço dos federados corruptos, assim como nós também estamos. Decerto as facções nos atacam como represália, já que os caçadores independentes são descentralizados.

— Isso pode estar por trás da crise de camalita?

— Sim, Mavie. Não são poucos os caçadores de recompensas nascidos ou criados em tradicionais colônias de exploração, como Briea KR e Vesta 206, produtoras de samário, Xena IV, produtora de cordite…

— K-2L… — surgiu um murmúrio, ao fundo.

— Algum problema, Aran II?

— Não senhor, major. Só estava pensando alto — desconversou.

— Prosseguindo… Como não temos mais informações sobre a origem da adversidade, o Comitê nos aconselhou a criar equipes mistas para atacar os pontos problemáticos. Acataremos a sugestão.

Um burburinho formou-se instantaneamente ao redor do grande palanque. Apesar do desejo de se sentirem produtivos, os soldados recém-formados não acreditavam no sucesso da empreitada. Se a lógica se cumprisse, seriam enviados às cegas para destinos inúteis.

"Isso é enxugar gelo, major!", "já atuamos nas revoltas do Disco Disperso e não tivemos êxito!", "eles fecham as zonas de tráfico e as reabrem em outro lugar ainda mais remoto!", protestaram. Leyland suplicava para que os ânimos fossem contidos. Lembrando-os da promessa feita no primeiro dia do curso de formação, havia inocentes em perigo e toda tentativa de protegê-los era válida.

O major, mesmo obtendo a desaprovação da maioria dos presentes, acabou mais bem compreendido após detalhar o plano. Havia alguns pontos críticos merecedores de boa dose de atenção: saques de naves de suprimentos, sequestros em colônias e confisco de recursos duráveis e não duráveis, escravidão, prostituição, bioterrorismo e ataques aos bancos de dados da Federação. Para a missão, seriam formados incontáveis grupos com cinco voluntários das dezesseis bases de treinamento imediatas à Sphynx. Como o mínimo de meritocracia deveria ser mantido, os alunos com melhor desempenho nas missões de treinamento teriam o privilégio de escolher primeiro os seus parceiros. Assim, os pequenos grupos foram constituídos, um a um. Como já era de se esperar, as divisões foram montadas com base nas afinidades naturais, ou "panelinhas".

Uma das divisões reunia Nadia, Tony — Antony Higgs Jr., filho do famoso patrulheiro — e Leah, uma federada reformada após condutas impróprias em serviço. Além dos três mais próximos estavam Darya, ou Dasha, para os mais íntimos, e Alseq, um humanoide transferido há pouco para a base, logo recepcionados por Tony, o líder natural do grupo.

Os dois novatos não escondiam o desconforto e mal interagiam com os novos companheiros. Como a única coisa que tinham em comum até o momento era o trabalho, buscaram manter as conversas em torno disso para quebrar o gelo sem invadirem a privacidade uns dos outros.

— Onde vocês serviram? — perguntou Tony, curioso. — Este é o meu primeiro contato com a Federação depois de tirar férias. Leah está passando por reciclagem e Nadia veio de uma zona de descarte. E vocês?

— Bem... — iniciou a jovem loira. — Venho de uma pré-seleção realizada numa colônia. Algo como um programa de novos talentos.

— Interessante... A Federação está focando bastante nesses programas de captação. E você, cara? — Alseq seguia distante e fazia pouco caso das palavras. Não escondia que não queria se enturmar.

— Deixe-o, Tony. Teremos bastante tempo para nos conhecermos melhor — apontou Nadia, compreendendo-o. Talvez aquele desinteressado humanoide tivesse boas histórias para contar em outra ocasião.

A ansiedade entre os grupos era como a que acompanhava as pequenas crianças na véspera das primeiras aulas. Esboçar o que se passava na cabeça do major Leyland era a diversão do momento e servia de passatempo. Embora não fossem soldados inexperientes — pelo contrário, cinco anos intensivos eram suficientes para fornecer uma razoável bagagem —, a aspiração por uma missão daquele porte tornava tudo mais belo: erradicar os traidores e ratificar a Federação Galáctica como defensora dos princípios universais seria o auge da carreira de qualquer associado. O mundo externo reservava grandes emoções para os próximos meses e a expectativa os consumia por dentro.

Sphynx não tinha lugar para covardes, porém, a bravura exacerbada de alguns se confundia com arrogância, onde um caçador queria parecer mais valente que o outro tão somente para ampliar seu *status*, mesmo soando um tanto deselegante. Os grupelhos começavam a se fechar em suas respectivas bolhas e as rivalidades até lembravam certos bandos em planetas marginais. Se nada fosse feito para arrefecer os temperamentos, fatalmente os planos do Comitê Central falhariam. Por essa razão foi marcada uma reunião de modo a esclarecer pontos importantes e colocar em exercício os ansiosos contratados.

Na hora marcada, gradualmente o salão principal foi preenchido. A estrela do ambiente, major Leyland, observava seus pupilos e aguardava que eles se acomodassem para iniciar a pauta.

— Senhores, não estenderei a nossa conversa. Como bem sabem, o Comitê Central da Federação tem pressa para podermos desfazer as artimanhas dos grupos inimigos. Recebi um alerta vindo de Qara-Phi sobre o risco iminente de novos ataques em nossa região. Caso não haja uma resposta igualmente agressiva de nossa parte, essas facções não se intimidarão e nossa situação poderá se tornar crítica. Há boatos de que uma nave de suprimentos alimentícios foi abordada por elementos desconhecidos, mas, felizmente, conseguimos afugentá-los. Não há razões para mantê-los aqui enquanto o Universo clama por ajuda.

Os subordinados permaneciam sérios, aguardando o superior recuperar o fôlego. Após beber um gole de água, continuou:

— Como combinamos mais cedo, dividimos vocês em pequenos grupos de cinco colaboradores de livre escolha. Cada grupo formado é uma célula e atuará em conjunto com outras células nas faixas de tensão determinadas. Caberá aos respectivos líderes o correto gerenciamento de recursos e a definição de estratégias de ação com os demais líderes da faixa correspondente. Muitas das zonas de tensão possuem instalações físicas confortáveis, onde vocês poderão descansar e se alimentar em segurança. Alguns desses lugares necessitarão que vocês ajam à paisana, inclusive, mas logo entrarei em detalhes. Aliás, o farei logo.

Novos hologramas surgiram.

— "Faixa de tensão número um: segurança de naves federadas. Risco: altíssimo. Atribuições: vigília, sincronização de turnos e lidar com armamento pesado, incluindo reforços estruturais nas espaçonaves. Faixa de tensão dois: proteção de colonos e vida nativa. Risco: alto. Atribuições: rondas constantes, lidar com armamento pessoal reforçado e habituar-se à privação de recursos. Faixa de tensão três: ataques biológicos, ou

bioterrorismo. Risco: desconhecido, pois ocorre em menor frequência. Atribuições: ronda em órbita, possuir especialização em sistemas de abate embarcados, além de noções de astrobiologia e logística de guerra. Faixa de tensão quatro: bordéis espaciais ou tráfico de pessoas. Risco: moderado. Atribuições: rondas à paisana, espionagem e aplicação de métodos não ortodoxos, se necessário. Faixa de tensão cinco: programas biológicos. Risco: desconhecido, pois não sabemos a real motivação de tais programas. Atribuições: ter noções de astrobiologia, realizar eventual escolta ou inspeção de plataformas de tratamento biológico e elaborar métodos de preservação à vida. Faixa de tensão seis: ciberataques. Risco: baixo. Atribuições: revisar sistemas de segurança, desabilitar setores desnecessários e isolar a comunicação dos servidores de dados sigilosos durante tentativas de invasão." Ufa! Assim como tiveram a liberdade para montar as equipes, terão também a liberdade para escolher os destinos de atuação. Caso necessário, interviremos para uma melhor divisão de tarefas.

Todas as atribuições expostas por Leyland possuíam importância, porém, algumas geravam mais fama que outras. Era muito mais vistoso destruir um assentamento inimigo que garantir a segurança de equipamentos informatizados, embora fossem tarefas igualmente significativas. As operações de alto risco eram um prato cheio para egos inflados, tanto que houve um excedente de grupos lutando pelas mesmas vagas.

— Ei, time... Para aonde vamos? — questionou Tony, buscando conhecer as opiniões dos companheiros.

— Não sei... As colônias parecem interessantes. Há milhares de assentamentos por lá. Por mim, escolheríamos isso.

— Não seja tola, Leah! — exclamou Dasha. — Não ouviu o major falar sobre a escassez de recursos nas colônias? Somos treinados para passar bastante tempo sem comer, mas os moradores não são! Se alguém tiver de morrer de fome, seremos nós.

— Droga... — concordou a reformada.

— Alguém domina os sistemas informatizados?

— Ah não, Tony! Isso é muito monótono.

— Tem razão, Leah, tem razão. Vocês dois também podem opinar, viu! — brincou o rapaz ao apontar para Nadia e Alseq, ainda não participantes. Pelas suas caras, davam indícios de que não se manifestariam.

O humanoide de espécie desconhecida mantinha sua postura inerte e olhar vazio. Já Nadia segurava-se para não se precipitar. Ela sabia muito bem para onde desejava ir, mas não queria impor seus desejos pessoais sobre a decisão dos colegas. Como não chegaram a um consenso de forma alguma, tomou coragem e opinou:

— O que acham de investigar o programa biológico? — sugeriu, demonstrando falso desinteresse. — Não deve ser uma atribuição tão divertida quanto as linhas de frente, mas…

— Pensando por esse lado… pode ser! Alguém se opõe?

— Não sei não, Tony…

— O que houve, Dasha?

— Essa não é a faixa de risco desconhecido? Vamos nos enfiar no desconhecido, assim, do nada?

— Desconhecido por desconhecido já temos o nosso ambiente, Darya — ironizou Leah, referindo-se a Alseq que, indiferente, seguiu em sua posição retraída, fingindo não ouvir a crítica.

— Leah tem razão. Nenhum de nós tem certeza de nada. Seguiremos a sugestão da senhorita Aran e daremos nossos nomes para o programa biológico. Aguardem aqui, falarei com o major.

Diante de um Tony satisfeito, uma Dasha preocupada, uma Leah empolgada e um Alseq apático, pulsava mais forte o coração de Nadia. Conseguira, sutilmente, dar o primeiro passo em direção ao seu maior desejo sem precisar ameaçar ninguém.

***

Planeta Virvika, sistema estelar VY CMa, NGC 2362. Mais um encontro informal apelidado jocosamente de "Conselho dos Decanos" se iniciava. Dentre os presentes, velhos nomes influentes da Federação Galáctica ou reles caçadores independentes retirados de suas funções após uma longeva carreira. Por terem tempo de sobra, volta e meia organizavam os encontros com o intuito de discutir as atualidades ou simplesmente fazer companhia uns aos outros.

— Quanto tempo, senhores! Como andam as vossas vidas?

— Muito bem, velho Higgs, obrigado por perguntar. Voltar a realizar algo útil depois de tanto tempo devolveu-me uns trinta anos.

— Só se for na disposição, Dal'ahem. Sua cara velha não nega o ingresso aos decanos. Mais que merecido.

— Não enche... — brincou, dando de ombros. — Escuta só, Ra'khor, não vai me perguntar como andam as operações? Estou esperando por essa pergunta desde que chegamos ao balcão.

— Não perguntaria, mas já que tocou no assunto...

— Eu sei que vocês todos querem saber. Estamos ajudando a meninada. Faz uns nove ou dez dias que derrubamos uma porção de naves piratas pelas bandas de Runa. Pergunte ao capitão aí!

— Como a nova geração vê um tiozinho no meio deles? — riu o capitão Higgs, o último a se juntar.

— Não só respeitam como também me imitam. Eles sabem o que é bom de verdade, ao contrário desses treinamentos furados que a sua Federação anda aplicando por aí. Eles precisam é de prática, não de teoria.

— Até que você tem razão desta vez, Dal. E a nossa princesinha? Mais bela a cada dia que passa.

— Obrigada, Anthony, mas não comece com esses assuntos, por favor — não era falsa modéstia. Samus nunca esteve muito à vontade com elogios —. Não consigo relaxar no meio de uma missão como essa.

— Que nada... Eles se darão bem nessa, são bem treinados. Leyland é um cara honesto e faz um bom trabalho enquanto Kanev se reúne com o Comitê. Quero só ver o que definirão nesse encontro.

— Tony é um rapaz exemplar. Puxou ao pai.

— Digo o mesmo da Nadia, Sammy. Espero que eles passem bastante tempo juntinhos nessa missão.

— O capitão Higgs fantasia demais — debochou Dal'ahem, rindo da cara de desgosto de Samus —. Se a "mini Sammy" puxou à matriz, pode esquecer. É melhor o menino Tony procurar outras amiguinhas.

— Disse bem, Dal, a "mini Sammy" puxou à matriz. Não confundimos trabalho com outras questões, ao contrário de vocês todos.

— Ah! Ah! Ah! Não disse? Falando nisso, como andam as tarefas de vocês dois? Esse velho piadista eu sei que ainda trabalha na patética Guarda, e quanto a vocês, Ra'khor e "matriz"? Ainda no monitoramento?

— Exato — completou Samus após um suspiro desapontado —. Não é o tipo de atribuição que mais me agrada, mas não quero me intrometer diretamente nos assuntos da Federação. Eles que se virem sozinhos. Só estou envolvida nisso para ajudar a Nadia, mesmo que de longe.

— Você deveria fazer como o Dal e voltar aos campos de batalha — observou Higgs pai, agora com seriedade —. O sobrenome Aran sempre fez os piratas espaciais tremerem nas trincheiras.

— Eles seguirão aterrorizados por este sobrenome por muitos anos, mas através dela, não de mim. Preciso descansar um pouco agora, meus olhos doem de tanto ler relatórios e cruzar dados.

— Manhosa como sempre... — brincou o capitão, retirando-se.

***

Assumir o setor destinado ao estudo dos programas secretos era mais maçante que o esperado. Pela ausência de pistas era necessário ler extensos e inúteis relatórios de experimentos passados. Entretanto, as notas disponibilizadas na estação não possuíam grande serventia, já que a maioria dos ensaios clandestinos ocorreu de forma incógnita e seus rastros foram destruídos ou transferidos antes que as divisões íntegras da Federação pudessem acessá-las. Nem mesmo o monitoramento de sistemas informatizados parecia tão chato diante daquela monotonia.

— Bela escolha, Nadia! — brincou Leah, irônica. — Trancados o dia inteiro numa saleta minúscula em uma miniplataforma sem graça!

— Vocês pediram uma opinião e eu dei! Você preferia passar fome em colônias? Aqui há alimento e água à vontade.

— Não sei por que estão reclamando tanto... Estamos em condições muito melhores que a linha de frente, que nem sabe se retornará com vida. Só não temos pistas ainda — tranquilizou Tony, mostrando a genética vocação para o gerenciamento de possíveis conflitos.

Nadia maquinava. Um nome específico — "Dawn" — não saía de sua cabeça desde o dia em que vira os registros de Ida na oficina de Keunn. Se não fossem os árduos trabalhos na construção do sonhado planetoide sintético, seria de grande valia visitar o seu casal favorito. No Reino de Synthrexia ela tinha carta livre para transitar.

Sem maiores aspirações, decidiram fazer um lanche na cozinha. Quatro foram, um ficou. Alseq, como esperado, não interagia, não se enturmava, não participava das atividades do grupo e não dava sinais de que seu comportamento mudaria: estava ali pelo simples fato de ter sido o último a sobrar. Seu estilo peculiar começava a levantar suspeitas entre os humanos, que aproveitariam o tempo ocioso na diminuta estação para tentar descobrir, em paralelo, a origem daquele dúbio personagem.

43. FACES DO ENGANO

Gunship, outrora uma moderna nave de guerra, quiçá a mais poderosa de sua época, fora reduzida a um mero dormitório. Seus sistemas de ataque e defesa seguiam operacionais, porém, trabalhavam sem o mesmo viço de antes, muito pela falta de necessidade. Samus não se envolvia em novas missões, tanto que acompanhava os atos da Federação Galáctica somente por ter a filha inserida em suas fileiras.

O físico da heroína seguia invejável, mesmo no auge de seus cinquenta e cinco anos. Caso fosse apresentada qualquer missão que exigisse disposição sobre-humana, participaria sem nenhuma dificuldade. A estafa acumulada ao longo de tanto tempo — desde a tenra juventude — cobrava o preço e saber a hora certa de se retirar discretamente era uma dádiva. Além disso, ela já possuía uma substituta à altura.

Os eventos de Umbra II-C acabaram por separar as duas criaturas de laços tão fortes por torturantes meses. As dezenas de semanas pareceram uma eternidade, logo superadas pelo sublime sentimento capaz de vencer obstáculos inimagináveis. Após o reencontro, passaram quase um ano-padrão inteiro somente usufruindo da companhia uma da outra. Mesmo após o ingresso de Nadia no Projeto Sphynx a relação entre mãe e filha continuou sólida, bastando apenas uma breve folga da garota para se reencontrarem em qualquer lugar, normalmente longe de K-2L. Havia uma espécie de consenso entre as Aran de que aquele lugar não trazia boas recordações e deveria ser mantido, com carinho, em um canto remoto de seus passados. A sensação de dever cumprido era realmente ótima e arrancava um tênue sorriso do rosto sofrido, sensação aquela que a experiente heroína conhecia muito bem.

Samus não fugiu da companhia dos velhos companheiros de lida por puro capricho. Sua mente cansada pelas novas atribuições exigia um

revigorante descanso. Atender as necessidades básicas humanas antes de repousar em um macio leito não era tarefa difícil em um ambiente tão estável. Mergulhar em um estado de sono profundo também não seria.

***

Estava eu em um lugar diferente de tudo que vi em minha vida. Um planeta de clima fresco, inexplorado, de vegetação verde e robusta. O ar era pouco denso, porém respirável. Possivelmente foi o melhor ar que meus pulmões já inalaram. Espécies nativas me observavam à distância, com curiosidade. Alguns lembravam os etequinos e dácoras que transportei na Gunship e que hoje vivem seguros em uma estação de preservação da Federação. A água fresca e cristalina corroborava o meu pensamento: tudo parecia bom. Não havia interferência de outros seres inteligentes. Acredito que eu era o único ser pensante ali.

Caminhei por poucos minutos até chegar na beira de um precipício. Aquela gigantesca mesa de rocha, com centenas de metros de altura, destacava-se, fornecendo uma vista de tirar o fôlego. Olhando para baixo, vi uma extensa planície alagadiça que se estendia por vários quilômetros à frente, onde os leitos dos rios espalhavam-se para além de seus limites físicos. Os meandros formavam magníficas veias azuis na vegetação acinzentada pela distância.

Espere! Uma gigantesca sombra, grande como um eclipse feito por uma lua circundante a uma curta distância, devorou a bela planície. O cenário era assustador! Não tenho medo do escuro, e sim do desconhecido. Os animais fugiram, assustados, assim como eu, que me embrenhei no denso bosque. Não importava o quanto eu corresse: a sombra ficava cada vez mais rápida. Logo fui devorada, assim como cada quilômetro quadrado da paisagem às minhas costas.

Enfim, as trevas venceram. Com a luz, sumiram também os ruídos dos animais e a brisa fresca. Havia apenas o total breu, mas algo estranho acontecia: eu podia enxergar perfeitamente o meu corpo, como se ele emitisse luz própria. O cenário perturbador permaneceu por cerca de cinco ou dez minutos, não sei ao

certo, já que o tempo foi igualmente corrompido, até um estrondo colossal me empurrar metros para trás. A onda de choque foi tamanha que me fez rolar tal qual um pequeno pedregulho chutado anteriormente pelos meus calçados.

Ao abrir os olhos, vi apenas um rastro de destruição. A natureza ali presente ardia, rubra. O céu, alaranjado como após uma catástrofe nuclear, exibia raios vorazes. Os verdes talos das gramíneas deram lugar a um macio tapete de cinzas, espalhado pelo ar com o açoite dos ventos quentes. Eu não era apenas o único ser racional ali, mas sim o único ser vivo. Não havia local onde eu não via morte. Também não tinha para onde correr, pois, não havia lugar algum que não fosse exatamente igual ao que me cercava. Esta era a representação sinestésica do inferno, onde o maior martírio era estar completamente sozinha.

Então, abriu-se uma espécie de portal no céu escarlate. Através da escura mancha, vi seres disformes, com feições de angústia, batendo contra a divisória. Seus fantasmagóricos gritos tornavam-se cada vez mais altos e inteligíveis: chamavam por Samus Aran, a herdeira dos Chozo. Clamavam por misericórdia diante de uma realidade monstruosa do outro lado do espelho e questionavam-se sobre o que poderiam ter feito de errado para merecerem tamanho castigo. Cheguei ao ponto de surtar e caí sobre as cinzas. Os milhares de vozes me levaram à loucura enquanto senti meu corpo se despedaçar e os meus fragmentos serem devorados. Além de presa em um planeta infernal, estava também sem o meu próprio corpo e resumida a um minúsculo ponto em meio ao nada, condenada pela eternidade a ouvir as desesperadas súplicas. Este foi o fruto de dezesseis horas siderais seguidas analisando os imensos relatórios da Federação. Fim do registro.

***

Na pequena cozinha da plataforma reuniram-se Tony, Nadia, Leah e Dasha. Enquanto preparavam comida de verdade — de ótima qualidade, vale salientar, assim como fora indicado por Leyland na divisão de tarefas —, debatiam sobre os últimos acontecimentos.

— Até agora, nada de nada — lamentou Leah —. Estamos enrolados nessa missão maçante e...

— Não chamei vocês até aqui para discutir sobre a missão — respondeu Nadia, abrindo um pacote de biscoitos.

— Não?

— Não, Leah. Precisamos falar sobre o quinto elemento. Não é normal ele não olhar em nossas caras e não pronunciar uma palavra sequer desde que nos reunimos.

— Já verificaram se ele é mudo? — cogitou Dasha.

— Se fosse, teriam avisado em Sphynx. Tenho medo de que esse esquisito venha aprontar — conspirou Leah, desconfiada como sempre.

— Como assim "aprontar"? Não acham que estão indo longe demais com esses julgamentos?

— Sei lá, Tony... Estamos investigando piratas espaciais, né... Nunca se sabe, não é mesmo?

— É por essas e outras que você perdeu sua licença de soldado, Leah! Veja as tolices que você levanta! Se Alseq está entre nós, deve possuir excelentes qualidades e ter um caráter impecável. Só não estamos acostumados com a personalidade excêntrica dele.

Longe do mexer dos talheres, surgiu um ruído vindo da sala de monitoramento. Não foi um estouro de grandes proporções, porém, suficiente para interromper a maliciosa reunião. Pelo fato de a estação ser majoritariamente metálica e bastante silenciosa, qualquer queda de objetos parecia mais intimidador do que realmente era. Alseq bateu nas paredes de um armário para a atenção dos companheiros sumidos, pois algo diferente foi detectado pelos sensores de ondas discretas: uma nave cargueira possuidora de matrícula falsa se aproximava do posto de controle. Ao buscar comunicação direta, o humanoide recebeu apenas uma resposta automática a cada dezesseis segundos. Atitude mais que suspeita.

— Pode se tratar de uma nave pirata, Tony?

— Não só pode, como deve ser, Dasha. A matrícula pertence a uma colonizadora e eles não respondem aos chamados. Vamos até lá.

— Não acha arriscado? — questionou a recém-chegada.

— Tudo é arriscado. Peguem os armamentos e preparem os trajes. Invadiremos Columbia agora mesmo.

As cinco naves de caça envolveram o cargueiro com suas danças sincronizadas. Os grandes painéis que protegiam as docas da nave foram logo postos abaixo, permitindo a entrada dos investigadores. Lá, notaram que as travas entre os setores estavam estranhamente abertas.

— Esperem! — alertou o líder do grupo.

— O que houve?

— O caminho está limpo demais, Leah. Isso é uma cilada.

— Só saberemos se invadirmos.

— Ficou doida, Nadia?

— Temos escolha? Temos munição para trocar. Não estamos em tempo de escolher adversários.

— Não acho que seja a melhor hora para ingressarmos. Eles devem estar esperando para contra-atacar. Precisamos de uma estratégia.

— Vejo vocês mais tarde — disse a indomável, levantando-se em direção à porta escorada.

— Nad... Nadia! Droga...

— Ela não vai mudar, Tony. Entenda isso — observou Leah, balançando a cabeça negativamente. Coube ao colega concordar.

Enquanto a desobediente explorava os corredores vazios, passos puderam ser ouvidos logo atrás dela. Ao espiar a retaguarda, reconheceu Alseq, dando-lhe cobertura e sinalizando que o caminho estava livre.

Mais ao fundo surgiam os outros três, buscando acompanhar o ritmo da dupla desafiadora. Após a repreensão de Tony, Nadia insistiu que, caso ela não tomasse a iniciativa, ninguém o faria.

Juntos, exploraram os demais *decks*. A nave revelava-se desértica por inteiro e os compartimentos de carga não hospedavam um único objeto sequer. Postos à prova, os leitores de ondas infravermelhas não indicaram nenhuma atividade biológica além dos roedores circulantes pelos dutos de ventilação. Também não havia nenhuma espécie de explosivo ou nada que lhes ameaçasse a integridade física. Resumindo: um belo chamariz para distrair o grupo federado.

— Droga! — reclamou Nadia, socando um dos armários da sala de controle. — Fomos tapeados.

— Devem ter passado com a carga roubada em outra região e não notamos — lamentou Dasha.

— Desgraçados... Bem, voltaremos para a plataforma. Não há nada para fazer aqui. Nem só de vitórias vive a Federação.

— Pelo contrário, Tony... Ultimamente só vivemos de derrotas. Os piratas estão dando um baile em nós.

— Dá um tempo, Leah... — lamentaram todos.

No caminho de volta, um misto de sentimentos. Por trás das piadas sem graça que se espalhavam pelos rádios comunicadores vinha também o sentimento de inferioridade por caírem em um golpe tão infantil. A primeira tentativa de comunicação do humanoide coincidiu com a missão frustrada — embora não fosse proposital —, fazendo sua imagem ficar ainda mais desgastada diante do restante do grupo. Novas estratégias precisavam ser postas em prática quanto antes.

Permanecer naquela insossa plataforma de monitoramento representava um grande atraso para a equipe. Nos radares, apenas naves legalizadas e detritos de gelo e rocha, culminando em um constante

desligamento automático dos equipamentos por economia de energia. O marasmo esgotava as forças da equipe a ponto de minar até mesmo os mais animados diálogos. Com um pouco mais de concentração, seria possível ouvir até os movimentos intestinais dos colegas pelo silêncio.

— Queria tanto que aquela nave tivesse alguma pista...

— Todos esperávamos por isso, Dasha. Se não fosse esse estranho aí, não teríamos perdido tempo viajando até lá.

— Leah!

— Estou errada, Tony?

— Está — repreendeu Nadia —. Você não pode sair acusando as pessoas assim! Foi um procedimento padrão.

— Nadia está certa — concordou o líder da célula. Na verdade, o rapaz daria um jeito de concordar com ela mesmo que discordasse —. Alseq observou uma alteração em nossa vizinhança e nos comunicou. Ele não tinha como saber que era uma armadilha dos piratas.

— Será mesmo, Tony? Vamos, Alseq, diga algo em sua defesa. Sua inércia me irrita! — esbravejou a impaciente soldado.

O humanoide de raça indefinida seguia quieto, fingindo não escutar as acusações. Entretanto, seu vagaroso fechar de olhos indicava uma leve indignação, perceptível aos demais.

— Deixe-o, por favor — interveio Tony, encerrando o assunto —. Sabemos que você fez o seu melhor e não teríamos feito nada diferente. Avise-nos toda vez que detectar alguma coisa, está certo?

Um tímido aceno ao líder foi o suficiente para indicar a concordância. Feito isso, cada tripulante partiu para uma área distinta da instalação — Tony para os banheiros, Dasha para o dormitório, Leah para a academia e Nadia para a cozinha, assim como Alseq, que a seguiu, reproduzindo a cena dos corredores de Columbia.

Concentrada no aquecimento da chapa nuclear e na reidratação dos alimentos congelados, a duo-umbriana sentiu um leve toque em seu ombro direito, fazendo-a virar o corpo. Acreditava ser Tony, frequentemente rechaçado após as constantes tentativas de aproximação.

— Eu já te falei para...

— Obrigado — sussurrou o colega recém-saído da bolha social.

— A-A-Alseq? E-e-está tudo bem! — respondeu, surpresa. — Não tinha ouvido a sua voz ainda.

O humanoide calou-se novamente, mas sua expressão era mais aberta e amigável que antes. Apesar do primeiro contato, o indivíduo não proferiu novas palavras. Deixando-a a sós com seus bolinhos, regressou ao setor de comunicação, onde assistiria por tempo indeterminado o trânsito de fragmentos de gelo pelos equipamentos de vídeo.

Mais algumas horas se passaram sem nenhuma novidade. Como o cenário não se alteraria tão cedo, Tony convocou uma reunião e levantou a possibilidade de troca de setor. Através de conversas via rádio que tivera com outras miniplataformas, foi apurado que o Comitê Central solicitou a transferência de dois terços dos trabalhadores de áreas pouco produtivas para zonas de maior demanda, sobretudo as linhas de frente. Como o esperado, a decisão naquela célula foi unânime pela mudança de ares, logo autorizada pela base-mãe. Leyland já os aguardava no saguão principal de Sphynx para a definição do novo destino.

— Soldado Higgs Jr., seja bem-vindo novamente. Vocês também.

— Agradecemos a recepção, major — responderam em coro.

— Não se sintam desprestigiados. Vocês não foram os únicos a sofrerem com o truque. Diversas outras células foram ludibriadas por estratégias igualmente sagazes, faz parte do aprendizado. Bom, estamos enfrentando sérios problemas em um grande asteroide de nome Xena I, localizado no Cinturão Principal. A Federação costuma extrair metais de

terras raras deste corpo celeste que vem sofrendo constantes invasões de piratas espaciais. Ainda não sabemos em que as facções utilizam esse material de difícil manipulação. Outras células já foram transferidas para Xena I, mas todo reforço é bem-vindo.

— Concordamos, major. Não queremos ir para as zonas mortas.

— Excelente, Higgs. Deem baixa nos termos de permanência. Transferência autorizada. Estão dispensados.

Xena I era um asteroide semiesférico com proporções próximas de certas luas. Seu caráter essencialmente metálico tornava possível uma gravidade interessante, dispensando o uso de ganchos ao caminhar sobre a superfície. Os micro portais abertos pelas modernas naves tornaram o deslocamento bastante rápido até a região periférica.

A célula desembarcou no estranho e agitado corpo celeste. Várias outras naves — aliadas ou não — repetiam o procedimento, infestando a superfície com suas tralhas volumosas. As grandes torres de aço usadas na extração de minério mostravam-se inclinadas pelas constantes explosões e ameaçavam despencar a qualquer momento. Os confrontos aéreos e terrestres eram frenéticos.

Embora o recomendado fosse o planejamento de cada ação conjunta, a geografia do terreno não permitia a realização de aglomerações sem que inimigos os avistassem. O plano até então era descarregar a munição aleatoriamente contra as ofensivas contrárias e torcer para nenhum companheiro cruzar o caminho dos feixes por engano. Escondida atrás de uma pequena formação natural que lembrava vagamente uma trincheira, a equipe aproveitou a oportunidade para definir os traços básicos da missão e buscar minimizar erros.

— Qual o plano, Tony?

— Não há plano.

— Como não há plano? Você é o estrategista aqui!

— O que posso fazer, Leah? Pelo que vi, ninguém age com coordenação e, por isso, estamos sofrendo com os piratas. Acha que vou perder meu tempo tentando ajustar a falta de comprometimento dos outros?

— Boa! — exclamou Nadia, empolgada. — Melhor fazer as coisas do nosso jeito. Aliás, já passou da hora disso acontecer.

— Está vendo? Agora as "pessoas que gostam de agir por conta própria" vão encontrar um prato cheio nisso.

— Essa é a ideia, senhorita Leah Wocye. Chegou a hora de mostrar os nossos talentos individuais. Mandem ver!

O belo traje metálico de Nadia exibia seus artifícios no campo de batalha. A ferramenta metamórfica transformada em um poderoso canhão de braço chamou a atenção dos dois novos companheiros, admirados com a maravilha tecnológica ainda não batizada, embora seu traje não fosse o único de tecnologia de ponta ali presente. Além dos soldados federados e caçadores independentes, os piratas espaciais também eram envoltos por carapaças mais robustas que nos tempos áureos de Samus, exigindo um número muito maior de acertos para abatê-los. Mais que uma evolução natural, era um aperfeiçoamento induzido.

Os beligerantes caíam, um a um, em ambos os lados. A superfície cinza-pálida de Xena I servia como palco para um grande velório ao "ar" livre, onde a escuridão vinda do firmamento cobria os corpos com o imenso véu negro. Aqueles que não tombavam seguiam em sua lida até que o último inimigo expirasse.

E como eram duras as blindagens dos piratas! Enquanto dois ou três disparos de armas de plasma eram capazes de desabilitar os trajes padrão disponibilizados pela Federação Galáctica, os exoesqueletos inimigos suportavam mais que o dobro de tiros antes de se romperem. A resistência anormal causava estranheza nos grupos legalistas, tão habituados a esse tipo de confronto. Apesar disso, a diferença entre o treinamento das tropas e dos terroristas era gritante, fato determinante para o

desfecho positivo do embate. Não houve nenhum sobrevivente — capturado, foragido ou rendido — entre os piratas: as ordens de Leyland foram claras em relação ao tratamento dos arquirrivais. Como pesar, algumas dezenas de federados mortos em confronto, que tiveram os cadáveres levados de volta até suas instalações de origem para o devido sepultamento. Xena I, o asteroide da discórdia, estava novamente pacificado.

No caminho de volta, apenas o alívio e nada de alegria. Vitórias manchadas pelo sangue de companheiros não eram motivo para comemorar. Enquanto descansavam em uma base de apoio localizada na metade da rota até a base de treinamento, alguns assuntos paralelos permeavam a mente dos parceiros de batalha e de convivência diária.

— Vocês já enfrentaram piratas como aqueles? — questionou Tony, intrigado com a dificuldade inesperada.

— Não. Até a aparência deles era diferente — respondeu Leah, retirando as grossas luvas de borracha.

— Alguma subespécie?

— Sei lá! Nunca vi subespécie de pirata espacial. Parece ser uma mudança apenas anatômica, pois são igualmente burros.

— Tem razão. Ei, Nadia! Você é especialista em biológicas…

— Diga, Dasha.

— O que pode estar contido naquela carapaça?

— Não era só a espessura da carapaça que era maior. Vi meio por cima as entranhas de um deles e notei algumas alterações lá dentro.

— Não me venha falar de nojeiras logo agora, garota! — protestou Dasha ao segurar um sanduíche.

— Você não está comendo entranhas alienígenas, fora que foi você mesma que me perguntou. Então, como estava dizendo, tinha um tecido esquisito dentro deles, como se tivesse alguma coisa se desenvolvendo.

— Como assim? Algum parasita?

— Não sei, Tony, mas é possível que sim. A estrutura estava ligada a alguns pontos internos da carcaça e tinha uma cor diferente. Vocês já viram piratas estourados. Sabem do que estou falando.

— Veja só... Piratas grávidos!

— É sério, Leah! Aquilo foi muito estranho. Enfim, Xena I me fez sentir uma saudade danada.

— Do quê? — perguntou Dasha, torcendo para que o novo assunto introduzido não tivesse relação com fluidos ou vísceras alienígenas.

— Da Cosmic Curves, minha equipe dos tempos de rebeldia. Cansamos de atuar em asteroides como Xena I atrás de minério. Aliás, um asteroide metálico era o sonho de consumo de Synthrex.

— O autom?

— Sim, Tony. Se ele já não tivesse conquistado um corpo rochoso para os lados de... de... enfim, iria perguntar se ele não teria interesse na colonização de Xena I. Queria saber como estão os outros.

— Quais os nomes mesmo? Você já contou mil vezes, mas sempre esqueço — questionou Leah, interessada nas histórias.

— Emma e Orion. Emma partiu para uma colônia de sobreviventes de Beta Altaya chamada 664 Sina, lá para os lados da Zona Laranja, e Orion disse que reuniria um pessoal para salvar Rhea.

Ao ouvir o nome do planeta, Alseq deixou o recinto, incomodado. Como seus silenciosos e inexplicáveis desaparecimentos eram corriqueiros e ele pouco acrescentava à convivência, os demais nem sequer estranharam sua saída. Nadia aproveitou a ocasião para contar algumas histórias engraçadas sobre acontecimentos passados, que não eram poucos, arrancando demorados risos. Diante das loucas gargalhadas, ignoraram completamente o transitar do recomposto companheiro.

— Ah! Ah! Ah! Como pôde fazer isso em Phobos, garota? Ficou maluca? — indagou Leah, divertindo-se.

— Fiquei. Tudo estava tão chato... Alguém precisava dar um toque de diversão em nossas amargas vidas. Enfim, essa foi basicamente a nossa última grande missão. Depois disso, rolou a ressurreição dos sintéticos, a partida de Emma e o meu adeus definitivo. O resto é história. Orion deve ter ficado bastante orgulhoso de ter visto a gente vencer... bem, orgulhoso ele sempre foi, mas deve ter ficado ainda mais. Torço muito para ele ser o grande libertador de Rhea.

"Rhea" ... A nova pronúncia do nome da castigada terra fez um pequeno móvel ser atirado contra a parede oposta. Os quatro humanos observaram, abismados, o bizarro comportamento de Alseq, ofegante de raiva. Já não era mais possível ignorar que o planeta escravizado afetava a criatura. O humanoide, obviamente, não se tratava de um Qo-hos: além das feições completamente diferentes, a estrutura física e hábitos alimentares eram igualmente distintos. O que o incomodava tanto, afinal?

44. VELHA CASA

Planeta desconhecido, sistema Anima, Zona Escura. Um mundo não mapeado pelas tradicionais cartas celestes localizado nos confins da galáxia de Dolor. Geologicamente comum, não diferia em nada do padrão estabelecido para planetas rochosos de sua grandeza. A superfície, repleta de cascalho e recoberta por líquens, não apresentava formas de vida complexas expostas ao ar atmosférico. Milhares de piscinas naturais enfeitavam as largas planícies, abrigando organismos que lembravam peixes jurássicos. De alguma forma, a chuva de água oxigenada esterilizava a superfície, mas se mostrava favorável à vida sob condições específicas de temperatura e pressão nas profundezas das lagunas.

As entranhas daquela insossa esfera demonstravam-se muito mais interessantes que as camadas externas. Modificado ao extremo por construtores igualmente desconhecidos, o interior enigmático, acessível apenas por estreitas fendas estratégicas ligadas às fartas colinas, evocava o caráter de fortaleza natural, onde os defensores — imponentes fauna e flora nativos — permaneciam alocados em câmaras reservadas. O caminho principal, ou "O Grande Abismo", era sempre mantido livre para o transporte de cargas confidenciais que chegavam dia após dia.

Equipamentos eletroeletrônicos eram proibidos nas zonas internas superiores: um forte campo magnético gerado pelo imenso núcleo metálico e potencializado por amplificadores gravitacionais espalhados pela estrutura desabilitaria qualquer artefato tecnológico de eventuais invasores. Assim sendo, os "sistemas de detecção" utilizados eram formados por fungos incomuns grudados às paredes, que alteravam as suas cores conforme a vibração do ar. Com o montar de uma extensa e complexa teia destes estranhos organismos, um alerta de invasão seria rapidamente levado às salas de monitoramento — biologia em estado de arte —.

Ingressar às camadas profundas era como fazer uma viagem ao passado, nos distantes tempos em que toda a tecnologia disponível se resumia a um facho de luz e um porrete.

A descrição condiria com a de um planeta desabitado há muito tempo se não fossem os reais motivos para mantê-lo assim. Pela inacessibilidade permanente, o local fora eleito o novo lar dos piratas espaciais após a destruição de Zebes. Até mesmo os ecossistemas tinham certa semelhança com o finado planeta, já que foram modificados conforme os relatórios produzidos por Mother Brain enquanto ela ainda estava viva. Sem as lideranças do cérebro-mãe ou de Ridley, assumia o posto magno uma de suas mais leais confidentes, treinada para ser uma espécie de "anti-Samus": ali conhecida por sua alcunha, assumiu o cargo em definitivo após a perseguição orquestrada pela Federação contra a sua pessoa. Desaparecer na Zona Escura foi mera consequência de seus atos desastrosos em Runa. Os piratas espaciais ansiavam a presença de sua rainha.

Dia após dia, gigantescas naves pousavam na úmida superfície, ignorando as dificuldades impostas pelo solo pantanoso que, pela impregnação da água oxigenada no chão poroso e grande peso dos equipamentos estacionados no chão instável, fazia-as afundar até alcançarem o leito sólido. As insígnias federadas reluziam sob o reflexo da grande lua branca a orbitar o misterioso corpo celeste, fornecendo uma bela visão para os corajosos a ponto de ficarem ao relento. A noite trazia um anonimato extra para aqueles que optaram por agir nas sombras.

— Onde descarregamos, tenente? — questionou um soldado.

— Segundo Dawn, temos que levar as cargas pelo domo auxiliar. O local de descarga o senhor já conhece.

— Domo auxiliar... Qual deles?

— Qualquer um. Não sabe que o formigueiro é todo interligado? Todos os caminhos levam ao Grande Abismo. É no final dele, nas unidades de beneficiamento, que estocaremos a carga.

Piratas espaciais idênticos aos indivíduos abatidos em Xena I comunicavam-se através de sinais, chamando alguém no interior da instalação e anunciando a chegada dos suprimentos. Os dissidentes federados aguardavam a resposta enquanto jogavam conversa fora ao debocharem de seus parceiros honestos, obstinados em estragar os planos tortuosos.

A autorização para descarregar foi dada. Por instabilidades no interior das cavernas, causadas pelo excesso de chuvas ininterruptas desde o início da semana, o processo seria realizado por uma via situada alguns metros adiante. Milhares de caixas foram transportadas por uma fila de piratas sob a supervisão dos agentes, que se divertiam na ociosidade. O material ali contido era frágil e necessitava ser mantido refrigerado pelo máximo de tempo possível. A operação devia ser rápida.

Afastado dos trâmites de descarregamento, o tenente Cahill conhecia muito bem o rumo a seguir. Enquanto os asseclas realizavam o trabalho duro nas bordas d'O Grande Abismo, o mandatário caminhava por um trajeto alternativo em direção às zonas profundas. O covil de Dawn estaria de portas abertas toda vez que ele a desejasse.

— Quanto tempo, "general" — sem avisar, entrou na galeria secreta para os subordinados de ambas as frentes.

— Não me chame assim. Sabes muito bem que não possuo mais laços com a Federação Galáctica.

— Não falo nesse sentido. Sua personalidade a torna mais próxima de uma general que de uma monarca.

— Punho de ferro é necessário, Cahill. Acha fácil organizar tudo isso sozinha? Eu sou o cérebro deste planeta.

— De forma alguma. Eu não faria diferente.

— Pois bem... Trouxeram o que solicitei?

— Tudo e mais um pouco. Conseguimos os meios de cultura e uma porção de MeMS. Seus estudos não vão parar por nossa culpa.

— Já não era sem tempo! As peças estão maduras e só me faltavam os meios de cultura para produzir os soros. Agora não falta mais nada.

— Veja, Dawn...

— O quê?

— Você descobriu alguma espécie imortal?

— Orgânica, não. Por quê?

— O tempo parece não passar para você.

A biologia era a grande paixão daquela dissidente. Desde muito jovem fora estimulada a manipular com maestria organismos vivos em um finado planeta, o que fez a aptidão natural aliada ao aperfeiçoamento contínuo torná-la genial no quesito. O auxílio de uma inteligência artificial para os cálculos complexos facilitava — e muito — o seu trabalho, mas a engenhosidade era inata e inquestionável. Em seus aposentos, quadros vivos e esculturas feitas com experimentos falhos decoravam o ambiente de maneira peculiar. Ali havia eletricidade e equipamentos modernos, restritos a seções específicas do planeta.

Nos fossos e vias horizontais, os belos arranjos fúngicos mantinham sua habitual coloração azul-acinzentada, indicadores da mais pura normalidade nas adjacências das escotilhas d'O Grande Abismo. Pela ausência de preocupações após o relaxamento que lhe cabia, Dawn abandonou suas dependências secretas e, acompanhada pelos fiéis Cahill e Weiss, desceu até as zonas de beneficiamento.

— Um momento. Preciso desabilitar o rotor eletromagnético.

— General... Muito me intriga o fato de desligar os rotores toda vez que caminhamos até as zonas baixas. Não estamos carregando nenhum equipamento eletrônico conosco.

— A exposição contínua ao magnetismo pode fazer mal, capitão Weiss. Lido com isso diariamente.

Os resultados apresentados no laboratório eram animadores. Meios de cultura viraram o desejado soro, que aguardava em nitrogênio líquido o momento ideal para a utilização. Os módulos MeMS foram devidamente dispostos na Unidade Especial e os ilustres seres repousavam em suas cápsulas, ainda inconscientes. Com um beijo em sua obsessão em forma de cobaia, despediu-se da área, satisfeita com o que via: Ridley ficaria orgulhoso ao despertar, mais uma vez, de seu sono profundo.

***

O programa não pode parar. Com a chegada dos suprimentos, poderemos dar mais um passo em direção ao grande objetivo. A destruição de meus superiores atrasou em décadas o objetivo primário, mas, graças aos esforços de outros justos, conseguimos retomar o caminho inevitável. Vinda das zonas baixas de Zebeth ressurge a luz do amanhecer, o amanhecer que sairá de Nietuva e encontrará a sua versão que escolheu o caminho oposto. Eu serei seu algoz dessa vez.

O tempo não foi capaz de nos separar totalmente. Vejo-me nos reflexos das máquinas e vejo também as suas feições. De um lado, a personificação da bondade, da justiça e da coragem. Do outro, a maldade, a frieza e o desprezo. Duas faces da mesma moeda que compartilham o mesmo sangue, a mesma volúpia e parte de uma mesma história. Temos muito em comum, você sabe disso.

Zebeth nos separou por frações de segundo. Pude ouvir seus passos nas galerias acima. Senti medo, e medo não era um sentimento tolerado por meu eterno mentor. A ausência de medo fez com que eu deixasse de ser uma mera operária e me tornasse parte da elite da organização onde você serviu por décadas, mas, durante aquela fuga em específico, eu senti medo. Percebi que você era muito maior do que eu. Ali eu entendi o porquê.

Apesar da sua desgraçada interferência, o projeto não seria interrompido. Introduzir a minha pessoa como parte da Federação Galáctica não foi tarefa difícil, pois há sempre almas gananciosas onde quer que a gente vá: basta procurar pelas

pessoas certas. Forjar uma identidade e criar um nome a partir do nada foi atribuição de Cahill. Acredito que as visitas corriqueiras dele sejam uma forma de não me deixar esquecer do que aconteceu no passado. Jamais me esquecerei.

O destino... Quis o ingrato destino que não nos reencontrássemos em Mil-Star 6x. Mais uma vez os meus planos foram frustrados. Entre nós duas estava aquela que, meses depois, descobri ser a sua descendência. Nem mesmo com todo o meu conhecimento e tecnologia à disposição conseguiria desenvolver algo tão brutal e delicado. A perfeição tinha que sair de você, não de mim. De mim, apenas as medíocres figuras que enfeitam aquelas malditas prateleiras. Meus bebês, literalmente, mortos como a minha alma.

Entretanto, parte da nossa descendência está aqui comigo, viva nas galerias. Se não fosse a captura na Zona Restrita, talvez eu não tivesse uma razão para seguir tentando. Encontrei, finalmente, alguém para depositar o meu mais puro afeto. Dediquei a minha vida a ela ao longo desses últimos nove anos. Muito em breve, das profundezas deste planeta, emergirá o verdadeiro guerreiro supremo, que nem mesmo os Chozo conseguiram criar.

Anseio pelo dia em que nós quatro teremos a oportunidade de nos encontrar. Poderia ser diferente, Sammy, mas você escolheu assim. Cada uma optou por defender a sua ideologia, sua pele e sua cria. Eu não te julgo: te condeno por isso. Esteja pronta. Dawn Aran, registro 00.25AF479-b3050z.

***

Graças a uma intensa tempestade de raios cósmicos nas imediações, todo o fluxo de naves da Federação Galáctica na Zona Intermediária foi interrompido, pois, voar sob condições climáticas tão adversas comprometeria os caros e escassos equipamentos disponíveis. Assim, seguiria na base de apoio por mais um tempo a divisão de Tony Higgs e companhia. Ainda havia um importante tópico entre eles que merecia cuidado e o tempo longe de Sphynx seria um grande aliado para a sua resolução.

Embora Alseq evitasse explicitamente um contato mais próximo com os companheiros, aquela brutalidade contra um simples objeto causou grande espanto nos demais. Não havia mais ambiente para qualquer conversa. Os olhos corriam, sem rumo, por todos os cantos da sala tentando entender o que havia acontecido. O causador de tal constrangimento deixou o local, transtornado.

— O que acabou de rolar aqui? — sussurrou Dasha, espantada.

— Eu te falei, Tony! Faça alguma coisa!

— Preciso pensar, Leah. Não sei nem o que dizer para ele.

— Essa coisa não escuta ninguém! É perigoso e imprevisível. Dê um fim nele assim que retornarmos à Sphynx, Tony. Não quero trabalhar com esse cara! — complementou a reformada.

— Gente... Eu não falei nada demais!

— Sabemos que não, princesinha. Bem, vou tentar falar com ele. Fiquem aqui, já volto com o veredito.

— Não! Fica frio, Tony. Eu falo com ele — sugeriu Nadia.

— Você? Ele está assim depois de te ouvir falar. Deixa comigo.

— Relaxa. Tenho a impressão de que terei mais sucesso que você.

— Não esqueça da pistola, menina. Não quero que ele te jogue contra a parede, assim como fez com o banquinho.

— Sei me cuidar, Leah. Confia — acalmando-a, saiu, apressada.

A base de apoio era uma extensa plataforma aberta que lembrava uma rodoviária espacial. Nela ocorriam trocas de tripulação, aquisição de mantimentos básicos, consertos de naves ou equipamentos e serviam também como zonas de descanso. Por conta da suspensão de todos os voos controlados, o ambiente estava mais cheio que o normal. Se não fosse a aparência exótica do humanoide, provavelmente Nadia teria dificuldades para encontrá-lo entre tanta gente.

Ninguém em sã consciência gostaria de cruzar o caminho de uma criatura tão feia e aborrecida naquele estágio. Era mais sensato procurar em ambientes calmos e solitários, mais condizentes com a personalidade do ofendido — de fato, foi a decisão mais acertada —. O contorno da cabeça do humanoide de raça inominável foi avistado por trás de folhagens mantidas em vasos de pedra em uma área de leitura. Parecia abatido, cansado ou as duas coisas. De toda forma, precisava de ajuda.

— Alseq… — sussurrou a humana, fazendo-o olhar de volta. — Olha, eu… Eu não sei o que fiz de errado, mas quero que me perdoe. Não tive a intenção de te aborrecer, eu juro.

O humanoide seguiu em sua posição encolhida, porém, calmo. Sua expressão corporal dizia "não esquenta, está tudo bem". Observando a face preocupada e arrependida da companheira de equipe, apontou para um dos vasos de pedra, sugerindo que ela se sentasse, sendo prontamente atendido em sua proposta.

— De verdade, Alseq… Perdoe-me.

— E-e-está tudo bem — verbalizou, tímido.

— Você sabe que pode contar comigo. Se não estiver à vontade com eles, procure-me. Apenas não fique desse jeito, isolado. Faz mal.

— Está tudo bem. Não perca o seu tempo comigo.

— Sabe bem que sou teimosa e não irei embora daqui nem tão cedo, e não adianta me expulsar, escorraçar ou tentar me bater.

— O que quer de mim? Deixe-me!

— Preciso saber o que devo evitar para não te deixar daquele jeito. Não quero te machucar, nem se for sem querer.

— Apenas não toque mais naquele assunto.

— Pode deixar… Alguma desavença passada com o meu amigo?

— Nem sequer o conheço.

— Fico mais tranquila por saber disso... Todos temos partes de nossas histórias que queremos deixar bem guardadinhas, sabe? Tenho uma porção delas, inclusive a que me fez entrar de cabeça nessa missão. Acredita que eu sempre odiei biologia?

— Você leva jeito para isso. Descreve muito bem o que vê.

— Obrigada — sorriu —. Eu tinha medo de algumas criaturas, mas comecei a enfrentá-las e estudá-las. Hoje soa natural.

— Não são todos que vencem os próprios medos, Nadia. Alguns medos não podem ser vencidos.

A passos de tartaruga, começava a brotar ali uma amizade. Embora as respostas de Alseq fossem curtas, ele percebia na companhia espontânea um cuidado não visto no restante do grupo. As palavras da humana o envolviam de tal forma que até se esqueceu da aborrecida convivência de alguns minutos: sabe-se lá o que aquela criatura teimosa ganharia ao interagir com tamanha abominação. Nem que ele quisesse ser violento para fugir de alguma questão não conseguiria sê-lo em função do carisma da parceira, pois, encontrar alguém que o quisesse bem era raro. Enquanto trocavam palavras despretensiosas entre as folhagens dos vasos, ouviram ao fundo um estardalhaço, seguido de seus nomes.

A chegada repentina dos colegas esfriou de vez a promissora conversa. Ao mirar a silhueta de Leah, Alseq baixou a cabeça e enfiou-se outra vez em sua concha afetiva. Nadia amava seus amigos, mas desejava, do fundo de sua alma, cobri-los de pancadas, já que toda a sofrida evolução em relação à ovelha desgarrada havia sido jogada no lixo em uma fração de segundos. Ela teria de retomar o assunto mais tarde, em outro lugar, torcendo para o humanoide não ter mudado de ideia em relação ao vínculo. Dispensando a ajuda adicional de Tony, ratificou que o colega estava novamente em paz, desencorajando o líder do grupo a relatar o ocorrido ao major, mesmo sob protestos velados de Leah e Dasha. Bastaria não tratar de Rhea que ninguém se machucaria.

***

Em Sphynx, novidades. O general Kanev havia regressado do Comitê depois de alguns dias e trouxe consigo recomendações importantes. Segundo a Cúpula, todo e qualquer tipo de ajuda — fosse nas linhas de frente, inteligência, disponibilização de recursos ou equipamentos — deveria ser aceito e integrado às estruturas já existentes: em tempos de escassez tecnológica, rejeitar insumos por orgulho se tornava um crime. Não era possível encontrar suprimentos ou equipamentos disponíveis por aí, mas mão-de-obra qualificada era um caso à parte: bastaria convencer parte dos decanos a colaborar com os anseios da "nova" organização.

Uma grande lista de ex-combatentes e caçadores retirados foi levantada e selecionada a dedo por Kanev e Leyland. Os menos confiáveis foram logo descartados, sobrando assim oitenta e seis coligados viáveis. Entre os nomes, alguns trouxeram problemas em um passado distante — como Samus Aran, responsável por destruir B.S.L., e Dal'ahem O'owia, condenado por desviar material institucional para uso próprio —, mas possuíam excelente capacidade na resolução de problemas complexos. Entre os federados ainda filiados, retornariam o capitão Anthony Higgs — enfim retirado da inútil Guarda Pacificadora — e Ginger Ihmler, afastada após um ferimento em batalha que aniquilara seu olho direito, agora coberto por um tampão. A experiência dos oitenta e seis decanos agregaria muito na organização de novas estratégias, tanto que o general desejou tratar pessoalmente com eles as futuras estratégias, pois as táticas arquitetadas por Leyland não obtiveram muito sucesso.

— Precisamos saber se aceitarão o convite, general. Muitos deles guardam mágoas das administrações antigas.

— Basta convencer oitenta e quatro, Leyland. Dois deles estarão aqui ainda hoje, se possível for: Higgs e Aran I. Eles farão o possível e o impossível para ficarem perto de seus bebês. Espere e verá.

Gradualmente, os pedidos foram visualizados e aceitos. De todos os convidados, setenta e nove concordaram. Dos declinantes, quatro alegaram problemas graves de saúde e três ignoraram a solicitação. Os reintegrados que se encontravam mais próximos da plataforma partiram imediatamente devido à ansiedade por se sentirem úteis após tanto tempo. Uma a uma, as cadeiras foram preenchidas.

— Olha quem está voltando para a Federação! Tá feliz, velhote?

— Finalmente reconheceram o erro, Dal. Kanev é um homem correto e está desfazendo todas as burradas de seus antecessores, e olhe que não foram poucas. Aquela Guarda Pacificadora não impõe o mínimo de respeito, mas até que eu gostava de lá.

— Estou vendo... O homem é diferenciado mesmo. Agora me agradeçam pelo ótimo desempenho com os moleques. Com certeza eles só chamaram a velharada depois de verem a minha atuação nas frentes de batalha. A raposa perde os pelos, mas não perde o ofício.

— Nada convencido, Dal... E a Sammy? Por que está com essa cara? Não está feliz por trabalhar junto de sua cria?

— Estou sim, Anthony. Só estou cansada.

— Medo de dormir, é?

— Não é medo. Apenas não consigo repousar como deveria.

— São apenas sonhos ruins, princesa. Deve ser a ansiedade por essa missão, não sei. Não fique pensando nisso, ficará tudo bem.

— Não, não vai — murmurou.

O clima na base de apoio ficou um pouco mais descontraído depois da reintegração. Embora Alseq ainda não se sentisse à vontade para conversar, permanecia entre os companheiros e não mais se incomodava com eles, com exceção de Leah, que definitivamente não fora com a sua cara. Antigos jogos de mesa consumiram o tempo inútil dos cinco durante

a estadia forçada. Quando o jogo se tornou mais interessante, os alto-falantes comunicaram a desinterdição da via expressa. Segundo o informe emitido, o retorno reservaria um interessante encontro de gerações. As expectativas foram lá no alto pelo anúncio oficial.

Os reintegrados ansiavam pela chegada de seus sucessores. Interagir com a geração posterior ou anterior sempre causava boas sensações nos envolvidos: de um lado, jovens que cresceram ouvindo de seus pais as façanhas dos antigos donos do espaço. Do outro, os experientes viam na juventude o reflexo de seu bom legado. Em via de mão dupla apareciam as Aran e os Higgs, representados por pais e filhos.

— Nadia!

— Mãe? Você por aqui?

— Surpresa em me ver?

— Claro! Como conseguiu entrar?

— Ideia do seu general. Fomos todos convidados a colaborar com a Federação depois de décadas. Mal pude acreditar.

— Colaborar? Não sei... Acho que você deveria ficar fora disso.

— Posso saber o motivo, mocinha? — indagou, desconfiada.

— Ah, não sei, mãe... Talvez você esteja meio desatualizada com alguns procedimentos internos e...

— Velha.

— Não!

— Inútil.

— N-não!

— Mesmo indo contra o que você acha, estamos aqui. Viemos desfazer as besteiras que vocês fazem e não conseguem lidar. Se fosse na minha época, já teríamos estourado esse quartel-general pirata há meses!

— Nós não! A Federação que não sabe lidar com os piratas! Acabamos de entrar nessa brincadeira. Nem fizemos nada ainda.

— Eu sei, eu sei, meu amor... — respondeu, rindo sem esconder a felicidade. — Estou tão feliz por estra próxima de você... Ficaria satisfeita se esse trabalho fosse a minha última missão.

— Não diga isso nem brincando! Teremos muitas outras missões pela frente. Esta é só a primeira, e logo a maior delas.

Conforme planejado, os setenta e nove reintegrados passaram por triagem física e mental, sendo todos aprovados. As atribuições foram detalhadas e os nomes divididos por setores, assim como ocorreu com as células criadas por Leyland. O recitar dos regimentos atualizados, normas e diretrizes ficou a encargo do major sob a supervisão de Kanev e os olhares atentos dos tenentes Ying, Kahena e Cahill, sobretudo deste último, que gravava todo o teor da conversa para disponibilizar em outras freguesias as informações coletadas no âmago da Federação Galáctica.

45. PRIMORDIAIS

As operações de reconquista de bases federadas impuseram uma importante pausa nos frequentes atentados e as escassas fontes de recursos tornaram-se disponíveis outra vez, dando assim um breve alívio aos setores de manufatura. As faixas de atuação mais ativas no momento, as chamadas "zonas vermelhas", apresentavam dificuldade elevada por se tratarem de regiões complexas com um absurdo número de frequentadores, o que transformava as pequenas luas em megalópoles da luxúria, vaidade e afins. Apontar suspeitos e criminosos em ambientes tão caóticos era como encontrar uma agulha em um palheiro.

Ainda assim, não houve maior dispensação de colaboradores para as tais áreas. Diversas equipes foram mantidas em plantão para o caso de surgir um eventual pedido de socorro em regiões não assistidas. Algumas poucas células inicialmente escaladas para cobrir a faixa biológica solicitaram o seu retorno para as miniplataformas, incluindo a equipe de Tony e companhia. Permanecer em Sphynx não traria nenhum benefício adicional e, querendo ou não, tinham muito mais liberdade na monótona estação do que sob as vistas de Kanev e seus subordinados.

— Quem diria que sentiríamos saudades dessa porcaria de base!

— Não é bem saudade, Nadia. É apenas uma forma de sair da supervisão dos grandões — observou uma agora sensata Leah.

— Também! Por que eu ficaria em Sphynx? Minha mãe já foi para outras zonas de monitoramento. O capitão Higgs também não está lá.

— Gostou mesmo do meu pai, não é? — intrometeu-se Tony.

— O capitão é um bom homem. Gosto de conversar com ele, pois sempre tem bons conselhos para dar. Enfim, nem adianta ficar de olho nesses radares. Acho melhor armar o tabuleiro de Yuzu.

— Esquece isso, Aran… Acabamos de chegar de viagem! — exclamou Dasha, visivelmente cansada. — Vou para o dormitório.

Não era possível jogar Yuzu em três. Alseq não estava lá muito interessado na jogatina e partiu em direção ao corredor panorâmico, de onde podia ter uma bela vista da Galáxia do Véu da Noiva — a extensa faixa branca de fato lembrava um longo tecido decorado por estrelas de diferentes magnitudes —. Tony parecia incomodado ou ansioso com algo. Queria, na verdade, conversar a sós com a neta dos Chozo, mas a inconveniente presença de Leah o constrangia e não adiantava pedir para ela se retirar: a colega só o faria se realmente enxergasse um bom motivo para tal. O jeito era esperar pela sua boa vontade.

— Bem… Já que não vamos jogar, darei uma volta por aí.

— Vou com você, Nadia — dispôs-se Tony, sem pestanejar.

— E dos radares, quem cuida? Fique de olho neles.

— Leah toma conta.

— Eu não! Estou meditando… "ôm" …

O silêncio da miniplataforma oferecia um ambiente perfeito para a meditação. Para os não adeptos da atividade, refletir sobre o passado também se tornava uma alternativa plausível. Um dos optantes da segunda possibilidade foi o humanoide fujão, perdido por sentir mais que admiração ao apreciar aquela mancha difusa pelo tubo translúcido. Sentia também nostalgia por um passado remoto de seu povo.

— Aproxime-se — disse em tom firme —. Sei que está aí, Nadia Aran. Não terminamos nossa conversa como deveríamos.

Ela havia pensado o mesmo diante da efêmera paz na base de apoio, destruída pela baderna dos amigos. Por vir das dúvidas, era de bom-tom trancar todos os acessos derivados da sala de comunicação. Se alguém se dispusesse a interromper a conversa uma vez mais, teria de se esforçar muito para contornar o acesso auxiliar.

— Agora não virá ninguém — riu a humana ao fechar os acessos.

— Você é uma garota especial. Respeita os sentimentos alheios. Não constrange quem é diferente de você.

— Veja — estendeu o braço robótico na direção de Alseq—. Eu também não sou igual a eles. Todos somos diferentes.

— Admirável, Nadia.

Uma breve pausa intercalou a fala de Alseq, que prosseguiu após inspirar, pensativo e tranquilo.

— Vamos... O que quer saber?

— Para aqueles que não sabem o que perguntar, qualquer resposta serve. Já não me recordo de onde paramos.

— Justo. Sou um Molda, raça superior oriunda de um planeta açoitado por toda sorte de tragédias.

— Molda... Nunca ouvi falar.

— Imagino. Fomos praticamente apagados da história, sobretudo pelas bocas de nossos irmãos de mundo. Atitude deplorável.

— "Irmãos de mundo"?

— Você pronunciou duas vezes o nome de uma terra devastada. O verdadeiro nome desta terra é Sigma-Rhea, não apenas Rhea. Rhea era o nome dado pelos Qo-hos e se refere a uma divindade ancestral daquela raça. Sigma era a nossa forma particular de chamar ao globo e significa união, a união de dois povos nascidos para viver em paz e harmonia. No início dos séculos, um cometa de grandes proporções atingiu uma esfera rochosa viva e senciente, porém estéril, abrindo nela duas grandes crateras em posições opostas. A esfera foi, então, tomada pelas chamas e permaneceu assim pelo período de um milênio. Por não suportar mais as dores das queimaduras, solicitou à Magneia, a dona daquela extensa cabeleira branca que você vê pelo vidro, que a tornasse fértil por um único

dia, antes de morrer. Magneia, por pena, concedeu-lhe o pedido e fez sair de cada uma das feridas abertas um guerreiro primordial. Os dois guerreiros podiam ouvir os incessantes agradecimentos de sua mãe, mas não podiam vê-la em meio às chamas. Assim, reuniram suas forças e só descansaram quando a última brasa se apagou, mas, para a frustração dos dois irmãos, não encontraram ninguém. Essa é a lenda de Sigmeia.

— Então quer dizer que...

— Cada um dos irmãos desbravou e povoou metade do planeta e a fez prosperar. Até os dias atuais, as raças viviam separadas em cada um dos hemisférios, mantendo a harmonia e respeito mútuo. Para assuntos globais os dois reis e seus emissários participavam de um grande concílio de modo a solucionar as questões internas. Esta harmonia se manteve até que artefatos desconhecidos foram encontrados na borda de Corona Magna, a zona sagrada de onde acreditamos ter saído o guerreiro Molda primordial. Nos artefatos havia uma inscrição notadamente Qo-hos, já que seu peculiar sistema numérico octadecimal aparecia estampado em formato de código. Ao levarmos a questão ao rei Qo-hos, este desdenhou de nosso emissário, dizendo que jamais um de seus homens cometeria tamanha afronta. Cinco luas depois, um objeto análogo surgiu em Pendulu Alba, santuário dos Qo-hos, desta vez com insígnias de nosso reino. Alguns cavaleiros daquele povo foram enviados até Moldinia e acabaram decapitados como resposta à desfeita anterior. Ali começou a nossa ruína.

— Mas... Eu não entendo! Não foram os piratas espaciais que vitimaram a população de Rh... digo, Sigma-Rhea?

— Tempos depois descobrimos que piratas espaciais inseriram os artefatos trocados em ambos os reinos, pois sabiam o quanto aquilo era significativo para todos nós. Quando nos demos conta, tínhamos perdido os melhores guerreiros do planeta e não pudemos resistir à dominação das facções. Em seguida vieram os federados sob o pretexto de restaurar a paz, mas tudo o que fizeram foi saquear os nossos templos e vender o nosso povo como mão-de-obra em assentamentos secretos.

Nadia assombrou-se com as revelações. Orion jamais havia mencionado a existência de uma guerra global em sua origem e nem a presença de uma raça igualmente inteligente naquelas bandas.

— Por fim, alguns poucos guardiões Molda abandonaram Sigma-Rhea, tendo como destino a Galáxia do Véu de Noiva. Buscavam encontrar Magneia, aquela que atendeu as súplicas de nossa mãe. Nunca mais eu vi as armaduras negras como o carvão. Devem estar todos mortos.

— E se os sobreviventes estiverem procurando lideranças de ambos os lados para restaurar Sigma-Rhea?

Antes de Alseq responder, Leah entrou pela porta oposta, ofegante pela corrida. Pelo desespero estampado em sua cara e a insistência em vencer as fechaduras, acabara de ver algo espantoso.

— Vocês... Vocês... Tony... Chamando...

— O que foi, Leah? — questionou a outra humana, sem compreender o esforço descabido. A plataforma era parada demais para tanto.

— Vai lá! — apontou para a sala de comunicações enquanto se apoiava nos joelhos, puxando o ar com dificuldade.

Leah não estaria daquela forma caso não tivesse visto algo importante de fato. Acatando o conselho, os três foram de encontro a Tony, que andava de um canto a outro no recinto. Apenas Dasha se fazia de morta nos dormitórios e ignorava os chamados.

— O que foi, Tony? — questionou a duo-umbriana, preocupada.

— Detectamos anomalias no espaço-tempo em uma zona próxima. É coisa grande. Inexplicável.

— Anomalias no espaço-tempo? Como assim?

— Estranhos portais estão se abrindo e fechando aleatoriamente.

— Mini portais abertos por naves federadas?

— Não! Nossas naves só conseguem abrir buracos de minhoca em zonas de aceleração, como no entorno da base de apoio, ou em lugares onde o tecido dimensional é menos rígido. Se quiséssemos deformar o espaço-tempo lá fora, por exemplo, não rolaria. Além disso, os portais são muito maiores que os abertos pelos caças da FG.

— Uma nova tecnologia pirata?

— Tecnologia jamais vista, Leah, nem mesmo entre os piratas. É algo de outra dimensão. Ah! Estive em uma videochamada com todos os líderes de plataforma de nossa região e alguns garantiram ter visto organismos e naves desconhecidas cruzando esses portais.

— Não pode ser!

— Te juro, Wocye. Alguns companheiros alvejaram as criaturas, mas foram simplesmente ignorados. Não fizeram nada de mal contra eles.

— Como eram as criaturas? Deram descrições? — questionou Nadia, boquiaberta com tantas revelações.

— Pareciam hologramas, pelo que disseram na reunião virtual. Os feixes contornavam os corpos estranhos de forma tridimensional, dando a entender que eles ocupavam um volume no espaço. Não era uma ilusão ótica ou um holograma comum.

— E as características físicas?

— Pelo que apurei, humanoides, com grande estatura e trajavam armaduras, mas não deram maiores detalhes por serem monocromáticos. Os organismos desapareceram e os portais continuam abrindo e fechando, podendo surgir outros a qualquer momento. Kanev nos proibiu de voar enquanto o fenômeno não cessar. Estamos presos aqui.

As aberrantes criaturas eram tão surpreendentes que ninguém se espantou ao ouvir Alseq falar pela primeira vez. Quem eram aqueles espectros? Por qual motivo não revidaram as agressões? O que buscavam? O que estavam dispostos a fazer?

***

Galáxia de Andrômeda, setor X3-A, rota Matriz. Longe dos holofotes das áreas mais disputadas e das turbulências causadas pelos estranhos portais, um sinal de origem desconhecida fora detectado. A conexão continha uma cifra de baixo nível, porém, incompreensível pelos métodos-padrão atuais. As antenas receptoras captaram uma linha de sinal que pouco diferia do ruído branco emitido pelo Cosmos e passaria certamente despercebida se não fossem a sagacidade e a acurácia dos ouvidos de Caltra e Eris, dois reintegrados. Após ser amplificado, filtrado e polido, o objeto interceptado foi enviado para as demais bases amigas na esperança de um daqueles experientes caçadores conseguir interpretá-lo, já que a tecnologia não podia fazê-lo por si só.

Criptografia... Sinal de baixa complexidade... Método deveras primitivo, porém, engenhoso. Um simples artifício temporal havia dado um nó na cabeça das novas lideranças da Federação, ludibriadas por um truque tão simples. Entre os decanos, apenas risos. Não bastava apenas a reintegração em tom de súplica: era necessário também fazer a diferença em pontos chave, incluindo a descoberta de pistas até então improváveis ou quiçá impossíveis. Além da mensagem decriptada, chamava a atenção o fato de a cifra ser muito semelhante à utilizada por alguns dos caçadores de recompensas há mais de trinta anos. Sem dúvida alguma, emissores e receptores possuíam vivência suficiente naquele meio para conhecer as artimanhas mais peculiares da classe.

— Bem, Kanev... — iniciou Khor, um dos aliados. — A mensagem fala sobre o envio de três naves para um "grande abismo", que não sabemos ainda o que é. As duas primeiras espaçonaves seriam cargueiros-mula e nada haveria de irregular nelas. A terceira, de matrícula não especificada, levará a carga de interesse. Na mensagem não há referência das coordenadas do destino, mas sabemos onde e quando o comboio passará: rota comercial Belle IQ6 daqui a três horas siderais e meia.

— Excelente, Khor, temos algumas bases ativas próximas de Belle IQ6. Se bem entendo o que vocês têm em mente, pretendem abordar o terceiro cargueiro e descobrir o destino nos *logs* de bordo. Estou correto?

— Exato, general. Temos que nos preparar para duas circunstâncias muito prováveis: luta armada e evacuação da carga. Não sabemos se serão federados traidores ou piratas que estarão na nave, tampouco o material contido nas docas. Pode ser algo de extrema periculosidade.

— De acordo — após um suspiro, continuou —. Faremos o seguinte: uma equipe mista de decanos e regulares à paisana partirá para o local indicado. Enviaremos também duas naves transportadoras para a evacuação segura de material, caso necessário. Trabalho com a possibilidade desse nosso cargueiro roubado ser destruído na missão de assalto.

— O general sabe muito bem que não brincamos em serviço — interveio Malchi —. Tentaremos preservar ao máximo a carga, mas, se não tiver outro jeito, explodiremos tudo depois de coletarmos o destino.

— Bem, isso fica a critério de vocês. Se descobrirem o destino da carga, já ficaremos contentes. Estão dispensados.

A codificação "especial" funcionou até a reintegração dos decanos, peritos na arte de esconder o jogo. Se não fossem as aberturas aleatórias dos estranhos portais, as antenas das instalações da Federação Galáctica não teriam sido desligadas e a mensagem de Cahill avisando sobre o retorno das mentes calejadas seria entregue aos companheiros em Nietuva. Agora era tarde demais para reparar o erro.

Conforme o combinado, agrupamentos mistos aguardavam com discrição no local citado. Duas naves de apoio escondiam os pequenos — porém velozes — módulos furtivos. O intuito era fazer aquelas duas unidades se passarem por inocentes bases móveis de apoio técnico para viajantes desavisados, não uma divisão de elite disfarçada. Os três cargueiros, assim como todos os equipamentos de grande porte que transitavam pelas rotas comerciais após ultrapassarem uma zona de aceleração,

viajavam em modo de economia de energia, ou seja, com os motores desligados. Se os experientes soldados estivessem certos em suas suposições, a tripulação das três embarcações estaria agora em modo de animação suspensa, facilitando a aproximação sorrateira.

— Eles estão chegando, Dal.

— Vadios… Atacaremos apenas a última da fila, mas fiquem espertos com as outras barcas. São equipamentos lentos, mas podem chamar reforços. Piratas nunca andam desacompanhados. Tenham cautela.

O espaço entre cada uma das unidades era de 0,1 mUA[73], distância razoável, porém aceitável para comboios de cargueiros pesados. As duas primeiras naves passaram ilesas pelas equipes. O alvo, um equipamento identificado como Astrea, não levava um número de matrícula válido, assim como as naves chamarizes — a tarjeta pertencia a uma fragata de nome Caesar baixada dois anos antes —. Astrea era um cargueiro médio da Classe R-1a, desativado pouco tempo depois do seu lançamento devido aos problemas críticos de corrosão pela baixa utilização de nióbio na liga metálica, sendo substituída pelas ainda operantes Classe R-1b, de codinome Rutenia, fabricadas com ligas de vanádio alternativas.

A bordo, apenas alguns piratas espaciais desprovidos de maior inteligência, uma característica da espécie. Cercados por homens e mulheres especialistas em confrontos armados, sucumbiram, deixando o caminho livre para a interceptação do destino. Além das coordenadas, deveria ser realizada a inspeção das docas e eventual descarregamento de materiais potencialmente nocivos — agentes químicos ou de teor biológico, como suspeitavam —. Havia também a possibilidade de estarem transportando uma bioarma, suprassumo para a facção desde os tempos mais remotos. Tudo deveria ser feito sem gerar alterações na velocidade ou rota da embarcação, sob pena de levantar suspeitas na base de destino.

---

[73] Milésimo de Unidade Astronômica. Equivale a 150.000 km

Caixas e mais caixas foram levadas para as naves auxiliares. Ao realizarem uma inspeção prévia, atitude não recomendada pelo risco, os caçadores constataram a presença de fluidos pressurizados e equipamentos eletrônicos desmontados. A finalidade de cada uma daquelas peças só seria descoberta após perícia nos laboratórios da Federação, em Vesta. Nos relatórios de origem e destino, enfim, o que aquelas divisões de infiltração tanto almejavam. A nave partiu inicialmente de Dalnya e realizou rápidas paradas em Haumea, Sonata e Cthamaline antes de partir para um planeta de localização até então desconhecida, visto que as cartas celestes da Federação cobriam cerca de quarenta por cento da área marcada pelos mapas piratas. Sem dúvida, a região nova deveria abrigar outros quartéis-generais inimigos, pois aquilo explicava com perfeição a ausência de instalações piratas próprias no Universo até então observável.

Com a evacuação terminada, a nave foi programada para concluir o seu trajeto, agora vazia: o receptor da carga teria uma bela surpresa ao se deparar com as baias desérticas e a tripulação trucidada por feixes cauterizantes. Até lá, a Federação aproveitaria a velocidade muitíssimo mais elevada das naves furtivas em relação às transportadoras para ganhar tempo no envio de uma missão de espionagem antes da investida final.

— Parabéns, senhores. Estou muito satisfeito com o desfecho da interceptação — apontou Kanev, orgulhoso.

— Missão dada é missão cumprida, general — respondeu um dos mais experientes, sendo apoiado pelos demais.

— Muito bem! Já tenho em mente o que faremos agora. Os grupos se dividirão. Teremos guerrilheiros enviados para Dalnya, paradas intermediárias e uma divisão especial partirá posteriormente para o destino.

— Como dividirá as equipes, general? Mandará um time exclusivo de decanos para o quartel-general ou teremos outra equipe mista?

— Precisamos aguardar os laudos dos equipamentos, Duma. Montaremos a equipe de infiltração conforme os resultados da análise.

— Mas general, nós...

— Aguardaremos os laudos. Estou esperando o retorno das equipes isoladas após o incidente dos misteriosos portais. Ainda temos isso para averiguar... Enfim, como não podemos perder tempo, mandaremos unidades robóticas autônomas para o destino de modo a descobrir o que há neste lugar e o que o torna tão especial. Não temos a menor ideia das condições climáticas deste maldito planeta e nem sabemos se é hostil ao ser humano, pois só existiam piratas espaciais a bordo do cargueiro. As unidades autônomas fornecerão relatórios de grande valia e definirão os futuros passos das nossas operações.

As antigas unidades autônomas, ou U-bots, trouxeram grandes transtornos para a organização em outros tempos. Graças às produtivas parcerias com os Omona, raça especializada em tecnologia militar automatizada, as unidades foram aperfeiçoadas e convertidas em algo útil. O alto custo de produção compensava a preservação da vida humana e humanoide em ambientes desconhecidos ou realmente agressivos, que poderia ser o caso de "Melancholia", apelido dado ao mundo recém-detectado. Ver os decanos tão ansiosos quanto os novatos era uma cena bastante curiosa, mostrando que o frio na espinha nunca os abandonava, independentemente da experiência adquirida. Ossos do ofício, afinal.

46. HERANÇA MALDITA

O Universo era uma coisa um tanto curiosa. Embora parecesse que tudo estava interligado em uma rede inquebrável de organismos e informações, a vida na maioria dos lugares era bastante normal, por assim dizer. Longe das glórias e dos perigos viviam criaturas alheias ao decorrido acima de suas cabeças. Viagens interplanetárias e intergalácticas eram triviais como as viagens de avião em outras épocas, mas ainda havia uma miríade de pessoas que jamais cogitara participar de algo do tipo. Essas pessoas tinham obrigações, lazeres, sonhos e realizações ao alcance de suas mãos, em seus respectivos planetas. O desconhecido era abstrato demais para perderem tempo com isso.

Para que esses indivíduos — que podiam ser truculentos como humanos, honrados como os Qaro ou primitivos como os Unga — pudessem manter suas rotinas banais, milhares de heróis improváveis abdicavam de suas vidas por pensarem unicamente no próximo. Alguns, por não terem para onde ir. Outros, por imposição. Outros ainda por puro prazer. Era um trabalho que não admitia erros. O cortisol os fazia xingar até a décima geração, mas aqueles mesmos indivíduos estressados planejavam logo em seguida a próxima missão como se fosse a primeira.

Heróis anônimos... ou nem tanto. Alguns nomes eram tratados como se fossem majestades em determinados planetas. O tipo de metáfora capaz de prender a atenção das crianças e fazê-las sonhar com algo maior, quase um sonho palpável. Ouvir o chiado das naves causava nelas uma sensação que somente o espírito infantil podia compreender. Reles naves, muitas delas nucleares e grandes poluidoras, que matavam os proprietários aos fritarem seus miolos. Muitos pilotos dormiam menos de duas horas siderais por noite. O abuso de drogas e álcool, assim como a vida libertina, representava o lado macabro da glória conquistada.

Nem todos possuíam este estilo de vida nebuloso, é verdade. Os oriundos de civilizações muitíssimo mais evoluídas que a humana tratavam tudo como uma missão pessoal e não como uma rígida obrigação. Os mais confiantes enfrentavam os perigos com a trivialidade de um escovar de dentes; os cheios de fé recorriam às explicações mitológicas e divinas. Independentemente da forma, todos enxergavam naquilo um propósito. Ter um propósito era pré-requisito para seguir sem esmorecer.

E aqueles que eram meio humanos, meio superiores em essência e constituição? Estes raros espécimes carregavam no sangue virtudes e fraquezas de ambas as origens. Do lado evoluído pesava o olhar crítico apurado, a resiliência e a honestidade, apesar da corrupção do meio. Do lado frágil, os sonhos e as incertezas, fornecedores de emoção para cada batalha superada. Não era fácil carregar, ao mesmo tempo, genéticas tão antagônicas e saber que não havia ninguém para dividir o fardo.

Para Samus, nenhuma das faces da moeda trazia a paz que ela tanto almejava. Os humanos estavam espalhados por todas as partes, mas pareciam muito diferentes do que ela tinha como idealização... Às vezes, desvencilhava-se de suas missões e partia em direção às simplórias colônias, algumas possuindo *status* de residência permanente para a humanidade. Os longos anos de afastamento das tarefas esfriaram sua fama a ponto de fazê-la se passar por uma mera desconhecida em qualquer lugar onde pisasse, livrando-a da inconveniente tietagem. Na mais radical das hipóteses ela seria apenas uma mulher de meia-idade dona de posses suficientes para desfilar em uma nave exótica, não mais que isso. As coladas roupas já não lhe caíam bem como outrora — não por estarem apertadas, e sim por parecerem não se encaixar mais em seus conceitos —. Por que não tivera a sorte de receber uma vida medíocre como aquela? Seus pais foram ceifados quando ela ainda não tinha a mínima noção do que era a vida. Quantas outras almas não tiveram o mesmo destino? Por sorte, fora adotada pelos justos homens-pássaro. Quantos não tiveram essa oportunidade? O espaço era grande demais para não abrigar as respostas que ela nunca recebera e, provavelmente, nunca receberia.

Os mostradores da Gunship detectaram mudanças na baixa atmosfera de Terra XV, uma das colônias fixas. Chegava a ser engraçado o fato de as instalações humanas permanentes levarem o nome de Terra: do mundo primordial não restava nada além de rocha ígnea. O planeta já estava praticamente estéril quando um feixe de raios gama vindo de um quasar situado na constelação de Libra terminou de erradicar o pouco de vida que ainda resistia. Os oceanos ferveram, a atividade vulcânica aumentou e a atmosfera recebeu quantidades absurdas de gases de carbono. Recuperar o lar original era um esforço que não valia a pena, principalmente diante da maravilha tecnológica chamada terraformação.

Entretanto, aquela paisagem caótica a tocava de maneira profunda. A visão que tivera durante o sonho conturbado foi uma representação fiel da origem de sua espécie. Inúmeras vezes viajara até a extinta Terra e, metida em sua Varia Suit, sentara-se sobre o solo rachado ao refletir sobre a vida e a morte. As construções mais resistentes começavam a tombar. Zero sinais de matéria orgânica: tudo estava acabado. Por mais estranho que aquilo pudesse parecer, era uma das poucas manifestações físicas de seu passado que ainda existia. K-2L, seu berço, trazia as mais doloridas sensações: era um mundo ainda vivo, mas nele quem morria era a caçadora. O lar dos Chozo, Zebes — ou Zebeth, a depender do sotaque do falante —, não apenas estava morto no sentido de ausência de vida, mas também pelo grande cataclismo que transformou o grande planeta em um amontoado de asteroides. Destino semelhante teve SR388.

A chuva límpida caía sobre a despoluída Terra XV e lavava a face da heroína. O banho de chuva tão fresca lhe trazia lembranças bastante específicas e emotivas de Zebes. Guardara com carinho o momento em que Velho Pássaro lhe concedeu o direito de brincar na chuva zebesiana pela primeira vez, após muita insistência. Com o sucesso da experiência dos tanques de infusão de DNA da espécie ancestral, ela não corria mais o risco de ser escalpelada pelas gotas ácidas e amargas de uma das proteções naturais da fortaleza viva. Samus já fazia parte daquele mundo.

Acidez e amargura... Duas características marcantes de sua personalidade. "Não me julguem, não tive escolha". Um pensamento simplista, porém, verdadeiro. Seus cinquenta e cinco anos faziam questão de mostrar haver sempre algo novo para aprender, incluindo o reconhecimento das próprias falhas. A petulante e firme personalidade de outrora já não existia mais. A Samus dos velhos tempos não existia mais.

As tais mudanças eram mais profundas que simples aperfeiçoamentos corriqueiros. Seu coração dizia abertamente ser a hora de abandonar tudo aquilo, pois a missão já estava mais que cumprida. O que a prendia era unicamente a sua filha Nadia, que receberia em breve a responsabilidade de ser a única Aran envolvida nas atividades de risco. A participação da mais experiente naquela jornada nada mais era que o ato simbólico da sucessão de coroas entre duas rainhas. O que desejava para o futuro era apenas poder fechar os olhos e sentir sua alma lavada pela chuva cristalina, que carregaria para longe todo o seu trauma e, talvez, o restante do espírito ainda em chamas como as minas de afloraltite, a Terra original ou Zebes. Seu passado a enforcava com um laço de fogo.

***

O aroma da tensão pré-anúncio contaminava os seis cantos de Sphynx. Somente os mandatários da plataforma tinham conhecimento do que estava por vir e guardavam o segredo entre eles. Nem mesmo os caçadores que participaram diretamente da interceptação de Astrea conheciam o teor dos enigmáticos reservatórios, sendo qualquer informação adicional fruto de especulações. O cruzamento dos dados coletados pelas unidades robóticas de infiltração mais os relatórios científicos definiriam a viabilidade da investida. Apesar de todo o mistério, ninguém trabalhava com a hipótese de cancelamento da empreitada, pois supostamente não havia mal que não pudesse ser encarado por eles.

Boatos de que o discurso de Kanev estaria próximo correram como brasas pelos corredores da instalação. Todos ansiavam saber o desfecho das primeiras fases da incumbência. Assim, iniciou-se espontaneamente um grande deslocamento até o saguão principal, de modo a pressionar um posicionamento oficial do alto nível. A simples figura do general surgindo e sumindo nas vias longas ao segurar fichas em papel físico aumentou o alvoroço e, mesmo sem nenhum horário reservado para reuniões, ninguém faria outra coisa a não ser aguardar.

— General... — chamou Leyland, agitado.

— Diga, major — respondeu despreocupado ao folhear o papel.

— Eles estão aguardando. O *hall* está lotado.

— Dê-lhes mais alguns minutos. Preciso organizar as fichas.

— Estamos todos ansiosos, general.

— O senhor já sabe o conteúdo dos laudos.

— Mas não sei qual será a reação deles. Não sei se concordarão com os termos! Eu não concordaria com a sugestão do Comitê.

— Não se desespere. Eles concordam com tudo — riu.

O preenchimento completo das cadeiras dispensou a convocação pelos alto-falantes. A formalidade do trâmite exigia a preparação da reunião com alguns minutos de antecedência, mas, mediante o caráter excepcional da cena, acabou resumida. Atendendo a centenas de pedidos, Kanev e Leyland adentraram o amplo recinto e iniciaram o procedimento.

— Senhores, tenho em mãos os relatórios, tanto das unidades de infiltração quanto de Vesta Space Lab — bradou o mandatário-mor —. Os laudos são surpreendentes, porém, angustiantes.

O silêncio fez-se presente. Os associados estavam ressabiados com o mistério. As caras de Kanev e Leyland não traziam a habitual firmeza que antecedia as missões cotidianas. O general prosseguiu:

— Primeiramente os *logs* das unidades U-bot. Não me estenderei aqui. Farei a leitura dos relatórios e depois debateremos sobre.

— Anda logo! — gritaram, ansiosos.

— "Relatório final das unidades U-bot UB-313/S. Composição atmosférica. Hidrogênio molecular: 55%. Oxigênio: 21%. Monóxido de carbono: 8%. Flúor: 5%. Deutério: 4%. Dióxido de carbono: 3%. Xenônio: 3%. Criptônio: traços. Enxofre: traços. Trítio: traços". Pelo que podem ver, a atmosfera é venenosa para humanos. "Composição do solo: extensas planícies pantanosas banhadas por fluido rico em peróxido de hidrogênio. Presença de piscinas naturais de peróxido de hidrogênio. Elevações rochosas duras semelhantes à cordite. Rochas oxidadas ou inertes. Ausência de radioatividade. Níveis de pH ácido (<4)". O ambiente é irritante, mas é possível se locomover com alguma assistência — atenta, a multidão prestava atenção em tudo. Nenhum pio foi dado.

— "Fauna e flora: detecção de seres abissais nas piscinas naturais. Flora composta por líquens de coloração cinza-esverdeada. Ausência de sinais de vida nativa complexa na superfície". Não é um mundo estéril, portanto. "Complexo subterrâneo: dados inconclusivos. Forte campo magnético proveniente do interior. Unidades U-bot incapazes de gerar relatório. Escaneamentos por raios X indicaram a presença de um fosso vertical no cerne da crista rochosa primária. Composição atmosférica interna semelhante ao ar respirável por humanos. Indícios de equipamentos de purificação e ventilação forçada. Detecção de atividade orgânica nativa em galerias. Detecção de vida inteligente em galerias. Miscelânea: unidades UB-313/S 00025 e UB-313/S 04872 apresentaram problemas de funcionamento ao forçarem as escotilhas. Equipamentos eletrônicos inativos ao se aproximarem do complexo. Ausência de confrontos com piratas espaciais. Identificação de agentes federados sobre a superfície."

— Legal, mas, traduzindo tudo isso para o nosso idioma, o que quer dizer? Principalmente essa última parte aí… "Equipamentos eletrônicos inativos ao se aproximarem do complexo".

— Boa pergunta, Forth. Abaixo do domo principal, identificado como eixo central pelas unidades robóticas, há algum tipo de tecnologia que altera o magnetismo do planeta. De algum modo os piratas manipulam as interações eletromagnéticas, inviabilizando a utilização de qualquer equipamento eletromecânico no interior das cavernas.

Pelas caras estampadas, o conceito seguia vago. Antes que mais dúvidas simples surgissem, Leyland emendou:

— A invasão terá de acontecer sem a utilização de armas e trajes mecânicos ou biomecânicos.

Alguns riram diante do absurdo, pois jamais uma missão fora realizada sem qualquer assistência, como proposto. Um leve burburinho se iniciou e ganhou proporções alarmantes, sendo logo interrompido por Kanev, aborrecido com a descrença de seus subordinados.

— Silêncio! É exatamente isso que os senhores ouviram. Segundo o apurado, a infiltração deverá ser feita sem nenhum artifício normalmente utilizado pelas tropas. Só poderá ser feita dessa forma.

— Como tomaremos um quartel-general em um planeta hostil sem armas ou trajes especiais, senhor? Isso não tem lógica. Não mesmo!

— Quando eu abrir os laudos de Vesta SL vocês entenderão o que quero dizer. É muito mais sério do que imaginam.

A troça foi substituída pela curiosidade e apreensão. O que poderia ser usado para contornar as limitações impostas? Era uma experiência única para todos os presentes. O que Kanev e o Comitê tinham em mente?

— Senhores... — retomou a fala ao abaixar o tom de voz, demonstrando uma espécie de frustração interior. — Confesso que tais adversidades não me surpreenderam como me surpreendeu este segundo relatório. Os piratas espaciais estão muitos passos à frente da Federação Galáctica em um aspecto: a manipulação de organismos vivos.

— Hã? — soou, uníssono.

— O que acabamos de constatar é estarrecedor. Os piratas espaciais, com o auxílio de uma mente genial, conseguiram transformar alguns de nossos antigos equipamentos falhos em verdadeiras máquinas de guerra. Ao longo dos últimos cento e cinquenta anos a divisão humana da Federação Galáctica estuda, junto a outras civilizações avançadas, a interação e beneficiamento de organismos para fins pacíficos. Há algum tempo, ainda sob a administração do general Sullivan, foi esboçado um equipamento de nome disruptor genômico, que consistia em três enormes câmaras blindadas ligadas a um supercomputador. Naquela época enfrentávamos um aumento expressivo de ataques realizados por agentes naturais infecciosos, como bactérias, fungos e parasitas alienígenas, que vitimaram centenas de soldados. A finalidade do disruptor genômico era a separação, ao nível molecular, dos agentes parasitários nos casos em que a cura se mostrava impossível através de medicamentos ou intervenção cirúrgica. Podemos dizer que a nossa maior esperança era essa máquina, mas... Por ainda não possuirmos a tecnologia necessária os experimentos falharam e o aparelho foi descartado. De alguma forma os piratas tiveram acesso à sucata, eliminaram os erros estruturais e a tornaram operacional, adicionando ainda a função inversa: a hibridização forçada de dois organismos para fins bélicos. Aqui entra a mente brilhante: a facção conseguiu desenvolver um método muito mais eficiente para tal, dispensando equipamentos de grande volume, como era a máquina original.

Somente o barulho das respirações podia ser ouvido. Sem nenhuma interrupção, o mandatário continuou.

— O método utilizado hoje difere muito do que rascunhamos. Uma espécie de soro especial feito com células-tronco universais recebe a impregnação de uma amostra condensada de DNA da espécie de interesse. O meio de cultura é armazenado em uma estufa por cerca de trinta minutos, sendo injetado no organismo da cobaia em seguida. Um emissor de radiação ionizante é descarregado no indivíduo e ativa o XNA inoculado, mas Vesta ainda não descobriu como isso ocorre. O procedimento parece só fazer efeito quando o soro já circula no corpo do hospedeiro.

— Então a cobaia se torna um híbrido? É irreversível?

— Errado, Marga. Também foram desenvolvidos métodos de reversão do processo. Um antídoto quebra as ligações entre as fitas de DNA e XNA, tornando a cobaia saudável em algumas horas. Este antídoto deve ser injetado antes que o limiar seja atingido.

— O que é "limiar"? — perguntaram alguns, aterrorizados.

— Segundo Vesta, é a zona de segurança que separa benefícios e malefícios causados pelas mutações induzidas. O organismo do indivíduo hibridizado passa a apresentar mudanças graduais e assume características da espécie dona do XNA injetado. Se as mudanças não forem revertidas a tempo pelo antídoto, acontece justamente o que vocês relataram ao analisarem vísceras de piratas espaciais. O tecido estranho deixa de trabalhar em sintonia com o hospedeiro e a morte ocorre por colapso.

Era algo espantoso e repulsivo, mas os caçadores não compreenderam a razão de tanta ênfase nos procedimentos técnicos. A parte prática da missão fora deixada totalmente de lado enquanto Kanev e Leyland discursavam sobre as fitas triplas de DNA. Dados importantes como composição do planeta, temperatura e afins foram ignorados. Ninguém ali estava disposto a aprender sobre piratas espaciais com câncer.

— Se os senhores quiserem realmente invadir a fortaleza, terão de se submeter ao procedimento experimental. Não há outra forma de adentrar o esconderijo a não ser usar as armas inimigas.

Foi a gota d'água. Muitos se retiraram, de cabeça baixa, ao reconhecerem o fracasso da infiltração. Os mais resilientes permaneceram, céticos, apenas aguardando o final da apresentação. Ninguém seria louco a ponto de se colocar como cobaia de uma organização criminosa.

— Vesta SL conseguiu emular com perfeição os resultados em ambiente controlado, general? — indagou uma voz, ao fundo. Os remanescentes viraram as cabeças para saber quem era louco a ponto de querer saber mais detalhes sobre a absurda proposta.

— Sim, Aran II. Tanto na indução quanto na ativação e reversão do processo. É comprovadamente funcional.

— Os bancos de DNA da Federação ainda estão ativos?

— Perfeitamente. Mais alguma pergunta?

— Quando começa a seleção de voluntários, general?

Kanev e Leyland mostraram-se surpresos com a espontaneidade. A aprendiza demonstrava mais coragem que qualquer outro no recinto.

— Já alertamos sobre os riscos.

— É um risco que estou disposta a correr pelo Universo, major. Apenas permita que eu escolha a amostra a ser injetada.

Tony, Leah e Dasha duvidaram. Alseq, que também não tinha nada a perder, voluntariou-se em apoio à única que lhe dera confiança. Gradualmente, surgiram outros gatos-pingados sem o mínimo de amor à própria vida. Se as previsões dos colegas se confirmassem, muito em breve a Federação sofreria onze baixas em seu quadro de colaboradores.

***

Laboratório de pesquisa V.S.L. Em uma sala escura, voluntários apreensivos e cientistas temerosos. O ambiente era pesado: preparação nada comum para uma missão de alto nível, normalmente imersas por confiança. Em vez da habitual tensão pela viagem, despontava a angústia em saber se teriam, ao menos, a oportunidade de pisar no planeta misterioso. Os avisos eram feitos em tom neutro. Nada de emoções.

Os voluntários foram levados, um a um, até a saleta que abrigava as amostras de material genético de inúmeras espécies estudadas pela Federação. Por estarem muito bem catalogadas, já era de conhecimento geral quais organismos possuíam características presumidamente úteis na

resistência ao ambiente hostil. Quem possuía amostras preferidas foi prontamente atendido. Quem não tinha conhecimento sobre o assunto era aconselhado pelos pesquisadores, que lhes fornecia uma gama de opções. Nadia e Alseq sabiam muito bem o que escolher.

— Próximo da fila... Aran, Nadia. A senhorita precisa ser informada sobre o procedimento e...

— Apenas o faça. Dispenso as explicações. Eu já sei demais.

— Sente-se, por favor. Temos que coletar alguns dados.

— Não basta apenas me levar ao banco de amostras? — indagou, irritadiça. — Minha escolha eu já fiz em Sphynx.

Os cientistas se entreolharam, aborrecidos e desconfiados.

— Alguma preferência, senhorita Aran? — indagou um médico.

— Metroide — respondeu, surpreendendo-os.

— Metroides eram uma espécie que...

— Injete, doutor. Apenas injete.

Os responsáveis pela jurisdição da plataforma-matriz cochicharam entre si, pois sabiam a razão da insistente escolha: o longo histórico de embates entre Samus e a espécie agressiva foi o fiel da balança, mas, mal sabiam eles que havia outro motivo. Nadia sentira na pele todas as vantagens competitivas que somente aquela espécie era capaz de lhe dar.

— Antes de aplicar a dose, temos de fazer umas observações. Você tem vinte e quatro horas para concluir os trabalhos após o abrir da câmara criogênica na órbita de Melancholia. Caso não consiga concluir a lida nesse prazo, utilize os antídotos. Veja, são três ampolas para cada voluntário, mas apenas uma já é suficiente para reverter o processo. Não conhecemos muito bem os mecanismos de ação, mas sabemos que funciona. Leve um espelho para acompanhar as transformações. Caso note alterações drásticas ou se sinta mal, não hesite em utilizar as cargas.

— Está bem… Agora injete, antes que eu tenha que fazê-lo.

Os demais ritos de esclarecimentos foram abortados por conveniência. Após a inoculação de todos os voluntários, foram passadas as últimas regras do jogo: apenas armas de pressão, trajes sem qualquer tecnologia embarcada e respiradores por diferença de gravidade. Em substituição aos relógios — havia a possibilidade de que até mesmo a piezeletricidade[74] fosse suprimida —, contadores de decaimento de partículas. Para a comunicação, tinta fluorescente para sinalizar nas paredes os caminhos nos interiores das cavernas. Como brinde, um pequeno espelho ovalado. O próximo passo era a ativação dos soros através do feixe indutor, realizado em uma sala isolada. Deitados em macas individuais, trocavam as últimas palavras antes de jogarem dados com as próprias vidas.

— O que escolheu, Alseq? — perguntou sua única amiga.

— Qo-hos.

— A espécie que te traz mágoas?

— Eles são bons guerreiros, eu reconheço. E você?

— Os guerreiros supremos — respondeu, agora melancólica.

Os nove sobreviventes foram inseridos em câmaras de animação suspensa — dois voluntários não resistiram ao procedimento — e transportados à nave furtiva Carbo. Até Melancholia, ou Nietuva, seriam quatro dias corridos através do buraco de minhoca NGK-415, que desembocava na região mais próxima à indicada nos radares de Astrea. A hibernação retardaria os efeitos mutagênicos durante a viagem — quanto menos seus corpos fossem expostos ao XNA, ou DNA estranho, melhor —. Ao ser impregnada com a genética metroide, Nadia regressou à sua condição genética original. Uma grata surpresa do destino.

---

[74] Tensão elétrica gerada por cristais em resposta a uma pressão mecânica.

47. SINESTESIA

Junto aos relatórios impressos em diminutas telas, bipes ritmados de máquinas esboçavam um protótipo de melodia. A temperatura interna dos habitáculos tornava-se, aos poucos, idêntica ao meio externo. Após a lenta despressurização, abriram-se as tampas das cápsulas criogênicas. Os cruzadores da barreira final regressavam ao mundo físico.

O despertar do hipersono era, de longe, a pior parte das viagens de longuíssima distância. Sensação de desorientação, desidratação, fissuras na pele e vorazes náuseas eram só alguns dos principais efeitos colaterais que os viajantes tinham de lidar, castigando a todos igualmente.

— Como eles estão, Pereira?

— Parecem bem. O estado geral corresponde às expectativas. Não apresentam maiores complicações após o fim do hipersono nem problemas adicionais pela injeção. Aguardarei alguns minutos para realizar uma inspeção mais detalhada.

— Ótimo, doutor. Com o seu aval, darei as instruções finais antes da invasão — concluiu Lux, o militar de mais alto nível ali presente.

Aos poucos, as cobaias de luxo se recompunham. As conversas eram escassas, muito em função do nervosismo pelos momentos que antecediam a operação. Além disso, havia também o fator surpresa causado pelo agente estranho. Ninguém sabia ao certo o que estava por vir.

Então, surgiu Li, um dos médicos responsáveis pela avaliação do quadro clínico dos comandados. Por ser impossível realizar exames mais detalhados na véspera da missão — mesmo que fosse, não o faria —, dispensou-os, permitindo que o capitão Lux, o escolhido por Kanev, fizesse o seu trabalho. As orientações finais eram somente um reforço do que já havia sido comunicado, pois os presentes sabiam muito bem o que fazer.

— Como disseram Pereira e Waack, os senhores têm apenas vinte e quatro horas para terminarem a missão — enfatizou o homem de confiança do general —. Caso não a tenham concluído, abortem-na. Temos autorização de Kanev para fazê-lo. Não desacatem esta ordem expressa.

— Entendido, capitão Lux — disseram os comandados, ainda combalidos pelo despertar repentino.

— O restante os senhores já sabem. Usem os trajes básicos e o capacete-bolha para caminharem na superfície e nos túneis. Há indícios de que o ar circulante nas cavernas é respirável, mas não temos como confirmar isso sem os medidores adequados. Não retirem seus capacetes em hipótese alguma, sob pena de esquecê-los em algum lugar e sucumbirem na superfície agressiva. Carbo ficará oculta no vale mapeado pelas unidades robóticas, conforme combinamos. Orientem-se pelas estrelas para encontrarem o caminho de casa. Usufruam o máximo de seus poucos equipamentos: eles definirão os seus futuros. Alguma objeção ou dúvida?

Silêncio.

— Ótimo. Vistam os trajes. Mergulharemos em seguida.

As vestimentas selecionadas pela Federação não podiam ser mais desconfortáveis. Feitos de uma borracha dura, de aparência ressecada, continham bolsos e alças para os desbravadores prenderem os raros equipamentos disponibilizados. Também não possuíam grande volume, parecendo mais uma grossa roupagem que uma armadura de batalha. Já o capacete era grande e desajeitado, de superacrílico transparente, e fornecia excelente visibilidade. Apesar da boa funcionalidade, sua aparência frágil e desenho incomum davam a impressão de estarem com a cabeça metida em um aquário. Trajados, todos se tornaram definitivamente iguais, tanto em questão de uniforme quanto em capacidade ofensiva.

Densas nuvens na alta atmosfera de Nietuva indicavam chuva intensa, com trovoadas e monstruosos raios. Os corpos dos nove corajosos voluntários seguiam firmemente amarrados a estacas por grossos cintos

de *nylon*. O pouso seria difícil pelas condições climáticas: turbulências ameaçaram a entrada na baixa atmosfera, logo corrigidas pelo piloto automático de Carbo. Superando as adversidades aéreas, comemoraram, pois o terreno escolhido para o pouso foi uma das poucas ilhas de rocha mapeadas pelas unidades de infiltração. O entorno, naturalmente encharcado pelas nascentes de peróxido de hidrogênio, mostrava-se ainda mais traiçoeiro pela chuva torrencial. Um ponto positivo do aguaçal era a ausência de seres inteligentes na superfície, dado que a água oxigenada irritava até mesmo os piratas espaciais e suas resistentes carapaças.

— Bem, isso é tudo. Tenham cuidado, queremos que todos os nove retornem vivos e saudáveis.

— Deixaremos nossas vidas nessa terra se preciso for — disse Cyren, o outro não-humano a ingressar na empreitada.

— Agradecemos o empenho, soldado. Desloquem-se até à área de desembarque. Faremos a despressurização e abertura da comporta e lembrem-se: apenas vinte e quatro horas.

Ruídos. Clara diferença de pressão e gravidade. Um mundo esteticamente morto diante dos olhos. Nietuva exibia exatamente todos os atributos que o creditara como quartel-general dos criminosos. Chuvoso, frio, cinzento e lotado de escórias: nada ali parecia bom ou digno de esmero. Os relatórios holográficos dos U-bots mostravam uma grande aberração cromática para enfatizar pontos de interesse, passando uma imagem fantasiosa do que existia de fato naquele lugar.

Temerosos por surpresas desagradáveis, empunharam as armas de pressão para o caso de alguma ameaça desconhecida surgir nas imediações. Embora houvesse a ênfase no uso exclusivo daquele tipo de arma, todos os voluntários portavam também os seus respectivos aparatos tecnológicos, ainda funcionais longe dos covis. Com a falta de qualquer ser vivo nos pântanos além deles mesmos, o eventual uso dos equipamentos de abate tornou-se dispensável.

Caminhar pela superfície estrangeira era uma tarefa complicada — zonas alagadas densas demais para nadar e moles demais para caminhar sobre —. Caso não se movessem com inteligência, seriam engolidos pelas massas estranhas. A maior alegria naquele momento era encontrar ilhas de cascalho, pois nada podia ser melhor que pisar em algo realmente sólido. Traspassados os primeiros e cansativos obstáculos — foi necessária a realização de uma notável caminhada pela distância de Carbo —, haveriam de decidir os próximos passos. Enquanto retomavam o fôlego após o esforço hercúleo, combinavam as formas de adentrar na estrutura ao utilizarem, pela última vez, os rádios comunicadores.

— As unidades mapearam seis entradas. A mais próxima da crista apresentava maior movimento, mas hoje é um dia atípico. Não tem pirata aqui fora — iniciou Wing, tomando a dianteira.

— Acha que devemos descer por lá? — questionou Nadia.

— É uma ideia, mas eu prefiro descer pela entrada três.

— A íngreme? — estranhou Pop.

— Isso. Caminhos íngremes não costumam ser tão utilizados quanto os suaves por motivos óbvios.

— O que acham de usarmos as duas? — sugeriu Magenta. — Dividimos a equipe e cada um explora um lado.

— Não acha que é cedo demais para isso? — preocupou-se Atom. — Nem conhecemos a base ainda.

— O que não podemos é perder tempo. Faltam pouco mais de vinte e duas horas. O pântano nos atrasou.

— Está bem — concordou o primeiro a falar —. Desçam pelo domo principal. Seguiremos pela entrada três. Não esqueçam de marcar as paredes com os nossos códigos. Se os desgraçados conseguiram interpretar os sinais de rádio, devem conhecer os nossos códigos escritos. Usaremos apenas os códigos que Leyland criou.

Cinco para um lado, quatro para o outro. O grupelho de Nadia era o menor deles, composto por ela, Alseq, Pop e Magenta. Até existia a possibilidade de trabalharem em um grupo único com os quatro ou em duas duplas, mas o combinado foi separar-se assim que explorassem minimamente o fosso principal. Apesar dos perigos por trabalharem em um ambiente desconhecido e sem ferramentas adequadas, ao menos teriam quatro frentes de busca independentes e cooperantes entre si.

A pequena escotilha de pedra foi entregue pelos brilhantes relatórios das máquinas desbravadoras. Sem os preciosos relatos seria necessário o uso de explosivos que, eventualmente, chamariam a atenção dos piratas abrigados nas profundezas. Utilizar as estratégicas aberturas era uma maneira discreta de invadir o território inimigo sem maior alarde.

Uma leve corrente de ar deslocou-se nos interiores das cavernas. O ambiente pouco iluminado era um prato cheio para o suspense e terror psicológico. Ruídos indistinguíveis ecoavam pelas galerias sem dar pistas de sua origem, aumentando a tensão. Piratas espaciais abrigavam-se nas áreas mais profundas do formigueiro e não foram encontrados no eixo vertical primário até então. O jogo tinha começado.

Sem que os invasores notassem, as belas formações fúngicas mudaram de cor. O pálido azul, que pouco se distinguia das rochas, deu lugar a um verde chamativo. Os delicados esporos detectaram as alterações na densidade do ar gerando bioeletricidade na forma de um brilho que percorria os longos ramos e chegava tanto às galerias de monitoramento quanto no esconderijo da líder da facção. "Dois ramos acesos? O que há aqui?", indagou mentalmente a tirana reclusa em sua câmara pessoal.

Piratas e seus coligados, ao se deslocarem pelas zonas de detecção, usavam um nível de agitação específica do ar visando mudar a tonalidade dos fungos para uma cor particular, sendo aquele um modo primitivo de dizer que a alteração fora causada por conhecidos e não por eventuais agressores. O tom padrão de verde nos ramos não negava: a fortaleza já não era um segredo, pois acabara de ser invadida por duas

frentes distintas. Dawn, com todo o seu conhecimento sobre os atalhos da instalação, promoveu alterações climáticas ao aumentar a temperatura dos túneis em dez graus, levando ao derretimento das tramas de cera que vedavam as galerias, vindo a liberar os espécimes ali mantidos presos. A alteração repentina causou também a agitação no metabolismo de todos os organismos nativos, agora hostis. As redes de fungos "protestaram" com o calor, tornando-se vermelhas pela mudança, alertando os patrulheiros piratas. Entretanto, nada disso foi sentido pelos caçadores, visto que seus trajes promoviam o eficiente isolamento térmico.

Como previsto pelas unidades robóticas, nenhum equipamento eletrônico funcionava na região. Os comunicadores, operacionais na superfície, nem sequer acendiam. A interação entre os cooperadores deveria ser realizada, em teoria, por meio de pinturas rupestres nas entradas ou saídas de galerias, mas a verdade era que os exploradores pouco se importavam. A intuição seria responsável por guiá-los, sobretudo por estarem em um ambiente que exigia o aparecimento de seus instintos mais primitivos, no sentido literal da palavra.

A claustrofobia entregue por um planeta vasto como Nietuva soava uma bela contradição. Os corredores estreitos, quentes e escuros, agora aliados à solidão, passavam uma indescritível sensação de sufocamento, embora existissem centenas de ramificações e galerias detectadas e muitas outras a serem descobertas. As únicas fontes de luz eram as tramas biológicas grudadas às paredes, que não podiam ser agredidas sob pena de gerarem o mais absoluto breu como justa resposta. A interação sensorial com o meio resumiu-se às pequenas membranas instaladas nas bordas dos capacetes, que vibravam com o som ambiente. Sua agitação poderia significar o trânsito de algum organismo.

Confirmando as expectativas, a ferramenta metamórfica de Nadia deixou de funcionar, não correspondendo nem mesmo às funções básicas como prótese: um simples mover de dedos tornou-se impossível. Seu peso razoavelmente elevado por se tratar de um componente metálico

por completo causava incômodo a ponto de entortar a coluna da garota para o lado esquerdo. Como se não bastasse o desequilíbrio, ainda tinha de lidar com a falta de costume em contar apenas com a mão saudável.

— Espere... O que...

Uma vibração nas paredes aguçou as percepções da duo-umbriana. O causador da interferência estava logo acima de sua cabeça e, por causar um tremor como aquele, deveria ter uma dimensão considerável. A arma de pressão seria suficiente?

— Cordite, cordite... — sussurrou, revirando os bolsos.

A cordite, trióxido de cordulina ou ainda cordita era uma pedra semelhante à afloraltite, embora não explosiva e com elevada dureza. Pelas características do cristal, costumava ser utilizado em brocas de perfuratrizes empregadas na extração de minérios duros — uma versão análoga ao diamante, elemento já superado pelas novas tecnologias —. Também era comum o uso de cordite em armas não eletrônicas, fazendo dos pequenos cilindros notáveis projéteis.

Alguns dos causadores das vibrações começavam a aparecer. Seres com cerca de meio metro de altura corriam à toda velocidade pelos longos túneis. Os grunhidos não podiam ser diferenciados dos velozes passos que perturbavam a membrana sensível do capacete. Por vir das dúvidas, era mais prudente esconder-se e observar em local seguro aqueles indivíduos exóticos, os primeiros a se manifestar.

— A fauna é bem agressiva. Também... Vivendo em um planeta nojento como esse, quem não seria? — brincou.

Os animais corpulentos lembravam javalis com longos espinhos no lugar de pelos. Corriam sem rumo, perturbados por algum agente ainda desconhecido. Da mesma forma que surgiram, desapareceram nas sombras e, supostamente, de onde vieram aqueles existiam muitos outros. Se não fosse o *handgrip* apurado, teriam certamente cruzado o caminho da invasora e lhe causado problemas.

A exploração tinha de ser cautelosa. A busca pelas inscrições dos colegas nas bordas das entradas ou saídas eram infrutíferas, o que mostrava, das duas uma: a rede de túneis era ampla o suficiente para desviar por completo a rota dos nove caçadores ou ninguém se atentou às orientações de seus superiores. Sendo assim, cada corredor explorado haveria de ser uma nova aventura, do início ao fim da missão.

O calor, antes restrito ao ambiente, agora castigava também o interior do traje. Obviamente não era a mesma fonte, pois o mal-estar provinha das reações do soro — febre, tontura e náuseas fariam uma incômoda companhia às cobaias. A agitação pela pequena fuga cobrou caro. A respiração tornou-se pesada e difícil. O abdômen declarou apoio aos demais órgãos perturbados e avisou que algo precisava vir ao mundo. Para não se afogar em vômito, Nadia atirou no chão o capacete-bolha, sem ponderar os riscos por inalar gases estranhos. Após recobrar um melhor estado de saúde, reparou na loucura que cometera.

— É respirável... Felizmente é respirável — concluiu, ofegante.

O ar da região era mais denso que o aconselhável para humanos, mas devia conter a mesma composição química do padrão terrestre, ao contrário da letal superfície. Por suposto, a visitação de humanos na instalação justificava as alterações climáticas ou poderia sugerir ainda que alguns deles, provavelmente os tais corruptos, fizessem morada permanente em determinadas áreas do complexo. O único problema era o sufocante calor, que obrigou a exploradora a vestir novamente o capacete.

— Maldito forno! — exclamou. — No mínimo, quarenta e cinco graus nessa porcaria. Bem... Aquele caminho parece promissor. Quer saber? Melhor caminhar um pouco sem essa bolha

As alças presentes no braço esquerdo do traje permitiam que o capacete fosse preso sem atrapalhar a locomoção, embora aumentasse o peso daquele lado. Mesmo com o calor infernal e a desconfiança em relação ao ar inalado, a percepção sensorial acabou muitíssimo facilitada pelo

fim da barreira física. Os ouvidos captavam as menores vibrações. O olfato, os aromas adocicados como perfumes franceses. Os olhos, muito mais aguçados, enxergavam com nitidez, apesar da penumbra. O aumento absurdo na percepção só podia ser fruto do experimento. Os primeiros efeitos vantajosos começavam a despontar.

***

A confirmada invasão de Nietuva já circulava pelas bases piratas do Universo observável e não observável. A descoberta do quartel-general pegou todos os meliantes de surpresa, já que a Federação falhara em todas as tentativas de rastreio pelo fato de a gigantesca árvore de destinos terminar normalmente em galhos mortos. Como poderiam ter encontrado o cerne da árvore? Pior: quem poderia ter chegado às raízes de forma tão sutil? Cahill, um dos homens de confiança de Kanev, permanecia recluso em sua sala, em Sphynx. Estava irrequieto e inconformado pelo duro golpe desenrolado debaixo de seu nariz. A chegada dos corpos mortos em Nietuva foi uma afronta ao batalhão que recebia sua mais pura lealdade. Onde estaria a carga roubada? Em que aquilo acarretaria?

O general não lhe confidenciara o destino dos materiais confiscados, reservando-se a dizer que os materiais já não estavam em Vesta SL por razões não explicadas pelo Comitê Central. Não apenas isso: o rumo da missão parecia um tanto obscuro para o tenente, que sentia um certo deslocamento em relação aos outros estrategistas da plataforma. Seu papel de informante estava, assim, comprometido e Dawn não gostaria nem um pouco de saber daquilo, pois o espião era o contato mais forte que ela possuía nas entranhas da Federação. O estilo carrasco do tenente não permitiria a afeição de nenhum caçador de recompensas independente e uma aleatória aproximação pareceria suspeita. Ninguém ali era seu subordinado direto para lhe prestar satisfações.

No outro extremo da plataforma desembarcava uma dezena de naves conhecidas. Alguns caçadores autorizados não haviam retornado para a reunião que selou os próximos rumos, seja por desinteresse, ocupações extras ou por opção própria. Entre eles estava Samus, ainda perturbada pela estadia na Terra XV. A "reentrada" no mundo frio e cruel diferia muito da fantasia de onde jamais gostaria de ter saído: pessoas normais vivendo uma vida normal. Que ironia.

— Já não era sem tempo, princesa! Como pôde sumir em um momento tão crítico? Estávamos te procurando.

— Por onde andou, Sammy? Perdeu todas as novidades de Sphynx! As reuniões foram quentíssimas.

— Não me faz falta — Samus respondeu em tom neutro, não dando a mínima para o entusiasmo de Ginger e Dal'ahem.

— Como assim não te faz falta? Descobrimos a localização do quartel-general dos lixos e o que eles fazem lá! Sabe a importância disso?

— Tudo bem, Dal. Fico feliz pela Federação.

— Qual o seu problema, afinal? — indagou com veemência a agitada amiga, afastando Dal'ahem para o lado. — É o progresso mais significativo que tivemos em vinte anos!

— Não é uma missão pessoal minha, Ginger. Tenho certeza de que os melhores foram enviados. O meu trabalho eu já concluí ao destruir B.S.L. Os federados não precisam mais de mim nas linhas de frente.

— Como pode fazer tão pouco caso por essa missão? Nadia foi enviada para Melancholia, sabia? Isso não te assusta?

— Eu sei de tudo, Dal. Sinto cada um dos passos dados naquelas malditas cavernas frias e úmidas. Ela saberá lidar — completou, antes de seguir o seu caminho em direção ao refeitório e deixar os companheiros, inconformados e sem respostas.

***

Os caminhos tortuosos de Nietuva não levavam a lugar algum. Nenhum registro. Nenhuma pintura. Nenhum sinal dos companheiros. Nada de piratas espaciais ou federados corruptos. Até mesmo os organismos nativos desapareceram. O único som audível era o das correntes de ar, fazedoras de zumbidos ao passarem pelas bocarras de pedra.

Quebrando o cenário bucólico, tiros, muitos tiros. Em alguma galeria adjacente foi realizada uma movimentação intensa, característica de uma ação em grupo. Na falta de registros de passagem pelos corredores, poderia significar uma investida pirata contra um dos conhecidos. Como as balas de cordite não eram infinitas, logo, seguir a origem do som estava longe de ser uma boa ideia. Por precaução, Nadia fez o que se esperava de uma guerrilheira com poucos recursos e seguiu na direção oposta. Estar em condição desfavorável em um ambiente adverso não era uma sensação nada boa, sobretudo pelo fato de os caminhos parecerem todos iguais. Caminhar em círculos aumentava os níveis de estresse, sem contar que o precioso tempo estava se esgotando. Faltavam apenas dezoito horas siderais antes do limiar proposto pelos cientistas.

Solitária, Aran II caminhava e refletia sobre o que poderia representar este tal limiar. Seria a porta de entrada para modificações corporais tão agressivas quanto às manifestadas em seu corpo durante o passeio em Mil-Star 6x? Prever o futuro era impossível, mas o presente já começava a dar as suas caras. Passava por um coquetel de sensações muito vívidas, quase como se a alma tivesse saído do próprio corpo e se teletransportado para outro lugar. Os movimentos ficaram ágeis e as reações igualmente velozes. Os pulmões acostumaram-se com o ar rico em oxigênio. O coração batia mais rápido. Eram dois corpos em um só.

48. MÍSTICAS MATIZES

Arco Meridional, Sistema Acrux, colônia 731 Haumea. Desenrolavam-se com disposição sobre a instalação mista de quarenta e tantos anos as atividades típicas de um povo satisfeito com o fruto de seu incansável trabalho. A esfera insossa de outras épocas fora suplantada pelo esforço de pessoas obstinadas a construírem uma nova vida, oportunidade esta que muitos não tiveram. Ali, as grandes estufas produziam alimentos para mais quatro colônias vizinhas. Metais de fundição eram importados, mas o pequeno parque industrial atendia a demanda local. A construção civil seguia a todo vapor, mostrando aos orgulhosos moradores que uma nova leva de imigrantes estava por vir.

Assim foi até que o inconcebível aconteceu.

No céu azul anil, um enxame de naves vermelhas rugiu como jamais os naturais haviam presenciado. Pessoas apontavam para o zênite, curiosas e assustadas com a algazarra incomum em um satélite tão pacífico, sempre regado com amor. Mal sabiam eles que naquele instante perderiam a paz. E também suas vidas.

Através de intensos bombardeios, o pânico foi instaurado. Lágrimas correram. Mais uma colônia humana foi atacada.

Homens e mulheres entregues à própria sorte, sem nenhuma comunicação com as torres da Federação Galáctica. Um reles pedido de socorro lhes fora negado. As mulheres correram para os abrigos subterrâneos com suas crias no colo. Desesperadas, prendiam suas respirações enquanto tentavam, a todo custo, evitar que os bebês chorassem. As que falhavam em sua missão foram despedaçadas por seus algozes. Na superfície, valorosos homens empunhavam, sob a forma de um protesto final, suas inúteis picaretas e extratores antes de serem dissolvidos pelos imparáveis feixes de plasma ou pela praga química.

Horas depois, mórbidas pilhas de carvão despontaram pelas bem cuidadas avenidas, limpas e arborizadas. A bela e moderna arquitetura das estufas contrastava com a face da morte.

Os invasores não tinham interesse em recursos nem em mão-de-obra escrava, tampouco nas "carnes novas" para as luas de entretenimento. A missão deles era promover o mal pelo mal. A represália pela agressão inicial. Contra inocentes. Apenas inocentes.

Sob a luz do sol vermelho sucumbiu 731 Haumea.

Assim como ocorrera em Terra IV, Etania e Masha b.

Cruithne, Duna SR e Invicta.

Tenebris, Abna e Sigma-Rhea.

Gama Australis, Rutenia e Matilda.

Umbra VIII, Canopus AM2 e Venera.

Colônia 664 Sina e Estiria EW.

O sangue não fertilizou a terra de nenhum destes mundos. Os corpos apodrecidos foram um adubo indigesto para o solo machucado pelas cinzas. O choro derramado era salino demais para trazer de volta a vida. O verde da esperança perdeu o viço. As flores não brotaram mais.

***

As camadas mais profundas de Nietuva recepcionavam melhor os visitantes que as regiões logo acima. Com galerias mais largas e temperatura amenizada pelos largos bolsões de ar, reduzia-se a aterrorizante sensação claustrofóbica, além dos ventos menos saturados vindos de algum ponto específico mais abaixo que entregavam um sistema de renovação de ar ainda oculto. O novo terreno compartilhava algumas

semelhanças com a superfície, sobretudo a presença do líquido translúcido a brotar do solo com as pegadas, revelando o encharcamento crônico do planeta. O caminhar pelo pantanal de água oxigenada representava um risco para os aguçados olhos de Nadia, forçando-a a colocar novamente o capacete, mesmo comprometendo a experiência sensorial. Antes surda que cega pelos respingos.

Na cansativa e minuciosa jornada exploratória, fora surpreendida por um organismo de aparência discoide, surgido do piso macio. O fator surpresa derrubou a garota pelo susto — ela nem sequer entendeu o que foi aquilo —. O ser parecia estar igualmente assustado, pois, tão logo surgiu, meteu-se outra vez no chão instável e desapareceu, deixando como sinal da recepção inesperada um buraquinho na areia, tapado em seguida pela ação do terreno. Para evitar problemas com aquelas coisas, a exploradora preferiu contornar o campo minado ao beirar as pedras.

Intrigada e pensativa sobre como estaria a vida dos companheiros dispersados, não fazia ideia do quanto eles penavam. As movimentações percebidas na área anterior foram fruto de uma investida pirata contra Magenta, que conseguiu desvencilhar-se ao custo de consumir metade de seu arsenal de cordite. Um eventual encontro com um parceiro nos túneis não resolveria o problema da displicente atiradora, já que a irmandade tinha limite: dividir um recurso escasso como munição era um admirável ato de companheirismo, mas poderia destinar dois combatentes a um fim trágico. Naquela circunstância, o egoísmo garantiria que ao menos um deles seguisse com chances de sobrevivência. Caso não encontrasse um colega morto para lhe roubar os equipamentos, o mais recomendado seria retornar à Carbo, correndo o risco de ser interceptada antes mesmo de sair da base. Os demais atuantes seguiam com dúvidas sobre o que teria sido a correria tão próxima. Temiam ser os próximos alvos.

Ignorando os agitados pensamentos, Nadia descia mais e mais, prestando cada vez menos atenção aos detalhes. As longas e repetitivas histórias contadas por Samus sobre Zebes diziam que zonas naturais

ativas ofereciam poucos riscos para grandes personalidades e que os maiores troféus ficavam em lugares manipulados ao máximo. Pelo fato de Nietuva ser uma cópia fiel do velho lar dos Chozo, era provável que os piratas buscassem replicar ali as instalações de Tourian pelo caráter inviolável da extinta base. Por ora, as ameaças da fauna não passavam de espécimes voadores e os surpreendentes discos de queratina, normalmente espantados ou ignorados após movimentos simples. Apenas quando um daqueles organismos tentava contra a integridade do capacete-bolha, um disparo certeiro de cordite era efetuado. Os alvos mais adequados para os projéteis, os piratas espaciais, insistiam em não aparecer diante dela.

A ânsia por chegar em algum ponto relevante era tamanha que nem percebeu o quanto caminhara. O tempo parecia passar mais devagar nas entranhas do planeta, mas o decaimento dos átomos de irídio radioativo mostrava haver se passado onze horas desde a saída de Carbo. Como resistiram tanto tempo sem comer, beber ou descansar? Os trajes levavam uma espécie de soro nutritivo. O preparado servia tanto como água quanto alimento, dispensando a famigerada necessidade de procurar um banheiro para determinadas funções biológicas — a excreção de fluidos era realizada através do suor excessivo gerado pelo desgaste —. Faltava uma explicação lógica para a ausência de sono. Apesar das longas horas de atividade ininterrupta, não sentia necessidade de parar.

Era natural — e esperado — que o cansaço aparecesse mais cedo ou mais tarde. O traje pesado não continha nenhum tipo de assistência e o terreno demandava um grande esforço físico contínuo para vencê-lo. Somando o jogo de cores contrastantes e a pressão por estar em um mundo estranho, não demorou para a pioneira enxergar estranhas luzes, em mais uma manifestação sensorial bizarra. Alucinar em um ambiente confuso como aquele era o que ela menos precisava naquele momento.

Luzes... muitas luzes. Luzes grandes e pequenas. Cintilavam como estrelas ou flutuavam como plumas jogadas ao vento. Não podiam ser tocadas, mas podiam ser sentidas.

Em um lampejo, descarregou a munição em alguns daqueles pontos que, coincidentemente, eram animais ocultos nas paredes e teto, em locais onde seus olhos humanos não poderiam ver. Por fim, os atrativos pontos tornaram-se palpáveis: a estranha satisfação por sentir as luzes com as pontas dos dedos forneceu um vigor extra, uma alegria análoga à de uma criança ao estourar bolhas de sabão. Rindo pelos corredores, prosseguiu, ignorando o desperdício de carga com seres tão desprezíveis.

Algumas centenas de metros adiante, enfim, encontrou um sinal de vida inteligente. Um pequeno código de pontos brilhava, tímido, atrás de um bloco de pedra. Se não fosse a tara por elementos em alto brilho e contraste, teria ignorado a singela inscrição.

— Magenta... Ela passou por aqui — deduziu, olhando em volta.

Tentava se recordar da ordem dos pontos do código inventado e o que cada caractere cifrado representava. Retirando novamente o capacete para enxergar sem reflexos, pôde, com algum esforço, traduzir as três palavras pintadas: "cuidado, muitos, MAG". Ao passo em que imaginava quem seriam os tais "muitos", ouviu as pegadas de outrora, acompanhadas por uma rajada de tiros. O coração bateu rápido. As pupilas dilataram-se ainda mais. O capacete voltou para o lugar de origem. Não era hora de se dar ao luxo de traçar estratégias. Correr era preciso.

Quem poderia definir a origem dos sons detectados pela membrana em meio à tempestade de adrenalina que corria nas veias durante a disparada infernal? A única impressão tida era de que as pisadas acompanhavam seu ritmo, independentemente de seu esforço. O medo de um confronto iminente a impediu de retirar o capacete-bolha para uma melhor interpretação do ambiente, aumentando a tensão por agir sem referências. Ao se enfiar em estreitas brechas em busca de abrigo, os passos cessavam. Poucos segundos depois, aproximavam-se outra vez, obrigando-a a correr mais depressa. Ao olhar para trás e para cima, a angustiante visão de não enxergar nada, nem mesmo os pontos de luz. O perseguidor copiava fielmente o seu ritmo.

— Eles estão aqui, eles estão aqui... — sussurrava no capacete embaçado pela respiração ofegante. — Vocês não vão me pegar!

O ciclo se repetia. Longas corridas eram intercaladas por pausas de pânico e nada se manifestava visualmente. Nadia berrava de estresse e pavor no universo particular de seu capacete, mas ali ninguém poderia ouvi-la — era melhor que ninguém a ouvisse, realmente —. E se tudo aquilo não passasse de uma alucinação? Seria uma forma de seu corpo pedir trégua? Reação do experimento? Entre todas as alternativas também havia a possibilidade real de ser uma divisão de piratas, justificando o alerta impresso na rocha pela colega de missão.

A perseguição seguia frenética. Ao fim do longo corredor, encontrou uma bocarra tingida com um diferente brilho roxo. O ambiente era outro, mais amplo, porém, encoberto por neblina. Por um instante hesitou em entrar, mas as contínuas vibrações a empurraram para o exótico lugar recém-descoberto. Após ingressar com cautela, parou para avaliar onde se metera: o teto, com cerca de quatro metros de altura, possuía uma série de fendas e buracos, muito diferente do encontrado nos locais anteriores — dutos longos, em uma rede de canos naturais —. Por conta da forte cerração, a luz que deveria fornecer-lhe melhor visão deixava tudo difuso e os malditos buracos... ah, aqueles buracos! Uma areia estranha caía pelas aberturas junto a filetes de água oxigenada. Passos foram ouvidos. A fuga seria conduzida sem enxergar onde pisava, como se a situação já não fosse precária o bastante.

Antes do fim da zona de transição, a presa parou. O perseguidor secreto tomou a dianteira ao correr pelos dutos superiores e decerto saltaria por um dos furos antes do término da nova área, bloqueando a passagem. De modo a evitar a suposta cilada, a garota fez o caminho contrário, visando o lugar de onde viera. "Pirata maldito!", pensou, exausta pela correria aos túneis escuros que nunca chegavam. Próxima da divisa entre ambientes, sentiu um tranco em suas costas, fazendo-a rolar morro abaixo. A brincadeira de gato-e-rato terminou.

Após se bater contra o pavimento por vários metros, chocou com violência as costas contra um paredão de rocha. O cascalho solto não a permitiu se levantar depressa, muito por conta do medo ao ouvir o perseguidor rolar, igualmente descontrolado, em sua direção: sua única visão reação foi fitar o imparável vulto negro. Segundos depois, um forte impacto em sua cabeça, seguido de uma expressão visual apavorada por trás de uma lente idêntica à sua:

— Nadia? — disse uma surpresa e aflita Magenta, inaudível em seu capacete trincado. O casco não se quebrou por milagre.

Ufa. Podia terminar bem pior.

O que teria se passado na cabeça da inconsequente para levá-la a empurrar uma companheira daquela forma? Seu desespero descabido podia ter condenado ambas ao abismo, literalmente.

O traumático reconhecimento da face da colega não amenizou o susto. Ainda em choque pela perseguição nos dutos, Magenta se levantou, estendeu a mão para a desnorteada Nadia e puxou-a de volta aos caminhos escuros, bem longe da neblina da área nova. Pela aflição, não se atentarem ao caminho enfrentado para vencer o perigoso barranco — apenas o superaram, sabe-se lá como —. O que importava de fato era manter distância das malditas fendas.

— O que pensa que está fazendo? — questionou inutilmente a duo-umbriana ao esquecer-se da inoperância dos comunicadores.

Magenta, claro, seguia em sua incessante marcha para longe das bocarras. Ao ver a recusa da colega em olhar para trás por um instante, Nadia decidiu empurrá-la contra as pedras, retribuindo o carinho do aclive. Caso contrário, ela jamais pararia de correr.

— O que pensa que está fazendo? — insistiu, gesticulando com veemência, agora sem a proteção de superacrílico. A voz imperativa fez vibrar as membranas do capacete da colega, que compreendeu a mensagem. Mesmo sem ouvi-la, entendeu os "dóceis" gestos.

A morena de cabelos cacheados apontou para a própria garganta, alertando sobre o ar inalado, quiçá tóxico. Julgando a atitude preocupada como sendo uma tolice, Nadia retirou, à força, o capacete de Magenta, que se engasgou com a diferente densidade do ar. Depois de muito tempo teria a oportunidade de ouvir uma voz que não fosse a dela própria.

— É estranho, mas você se acostuma.

— Você é louca... — respondeu, ainda tossindo. — Você ouviu muito bem as ordens de Kanev, Lux e todos os outros superiores.

— Nenhum deles está aqui, não sabem o que dizem. Veja só, se fosse tóxico, nós teríamos morrido na primeira inspiração. Há coisas muito mais perigosas que essa atmosfera.

Magenta se calou, consentindo. Antes de a imprudente abrir a boca uma vez mais, Nadia repetiu a pergunta.

— Por que fez aquilo? Nós duas poderíamos ter apagado! Imbecil!

— Não tive escolha... Eles estavam atrás de mim.

— Piratas? — indagou, adquirindo uma feição mais preocupada.

— Sim. São muitos!

— A mensagem...

— Não tive tempo de codificar o restante, perdoe-me. Ouvi passos. Só tive tempo de encontrar uma fenda e me esconder.

— E a rachadura no capacete? Eles te acertaram?

— Não! Eu caí em uma rampa de cascalho e bati a cabeça. Estava apavorada por acreditar que o ar era venenoso.

— Aqui dentro não é, mas lá fora, sim! Tenha mais cuidado, senão acabará morrendo nesses tombos. Voltando aos piratas...

— Bem, não consegui ver quantos eram, mas são muito mais numerosos que a nossa equipe inteira reunida.

— Mais de dez?

— Mais de vinte, talvez. Ou trinta. Ou quarenta.

— Merda! Foi o que você conseguiu ver... Imagine quantos outros não devem estar espalhados nesses túneis. Eu ouvi duas trocas de tiros.

— A primeira deve ter sido a minha. Perdi metade da munição nessa hora. Não sei se atingi alguém.

— Quem pode ter sido o outro a entrar em confronto?

— Não dá para saber. Só sei que a nossa equipe está diminuindo.

— Diminuindo? — arregalou os olhos. — Como assim?

— Eu estava escondida atrás de uma coluna de pedra quando vi Atom ser ferido. Um disparo imobilizou as duas pernas dele. Só sei que o arrastaram e sumiram na escuridão.

— Piratas desgraçados! Eles terão o que merecem.

— Não eram piratas, e sim federados!

Se não bastassem as numerosas tropas de piratas espaciais, ainda havia patrulheiros federados na região auxiliando os inimigos. Como os piratas padrão possuíam pouca inteligência, reforços humanos seriam de grande valia na elaboração de estratégias de combate aos intrusos caçadores. A novidade diminuiu o ímpeto de Nadia por dois motivos: o primeiro era a certeira perda de um companheiro de batalha. O segundo, o confronto iminente com humanos conhecedores do terreno. A batalha seria duplamente desbalanceada em prol dos mandantes.

— Olha, Mag... Confesso que isso me desanimou um pouco — admitiu a donzela de longa franja ao soprar de desgosto.

— Vamos embora, então!

— O quê?

— Ir embora, Nadia! Vamos embora! Não temos como vencê-los.

— Jamais! E o juramento de morrer aqui se preciso for?

— Que cada um salve a sua própria pele, oras! Antes uma covarde viva que uma heroína morta. Ainda temos condições de escapar.

— Se quiser ir, tudo bem. Eu te perdoo por isso.

Magenta hesitou. Ela não ligava para a reputação manchada caso desistisse antes da hora, muito embora Kanev tivesse autorizado — e até aconselhado — a retirada segura sem nenhuma consequência posterior aos envolvidos. Ela se lembrou do medo de ser apanhada enquanto pintava a mensagem codificada por estar sozinha. Vendo que Nadia permanecia irredutível, retrocedeu em sua proposta, pois a chance de sobrevivência aumentava bastante ao seguirem em dupla, ainda mais ao lado de uma parceira tão destemida quanto aquela.

Com exceção dos insetos de quase um metro de altura, a zona de areia mostrava-se bem mais amigável que os túneis. A luz clara das formações fúngicas e a corrente constante de ar contrastava com a aparência sombria da região posterior. Sob a luz, refletiram acerca de outras questões um tanto peculiares que permaneceriam ocultas na penumbra.

A claridade trouxe à tona os primeiros efeitos do planeta, apesar de a senhorita Aran não perceber. Lábios secos e arroxeados, além de manchas na área da mandíbula foram apenas algumas das mudanças notadas por Magenta, insistente para a colega recolocar o capacete por achar que o mal era ação do ar oxidante. Nadia rebateu ao dizer que a companheira de batalha estava alucinando de cansaço e nada havia de errado: segundo ela própria, seu físico estava impecável. Teimosa, somente mudou de ideia após pedir ajuda para retirar a luva da mão orgânica e constatar com os próprios olhos que nem tudo corria bem como imaginava.

Dedos cianóticos e unhas grossas saltadas. As pontas tornaram-se grudentas e lembravam ventosas, chegando a grudar no capacete ao realizar o mínimo de pressão contra a superfície lisa. Se não podia ver o aspecto de seu rosto, agora compreendia o que Magenta queria dizer.

— Isso também é consequência do cansaço, Nadia?

— Não, mas está tudo sob controle.

— Diga-me: vê algo de errado em mim?

— Bem… Tirando a sua cara, acho que não há nada de mal.

— Não faça piadas! Tem algo de errado comigo? Estou me deteriorando? Manchas? Escamas?

— Relaxa, Magenta. Você não está virando um peixe abissal. Nada de errado mesmo, pode confiar em mim.

— Pelo amor de Deus, garota, use o antídoto!

— Antídoto? Enlouqueceu?

— Use o antídoto e volte para Carbo! Vamos embora!

A insistência para desistir irritou a duo-umbriana a ponto de fazê-la se levantar do canto onde descansava. Não admitia retroceder naquele ponto, já que faltava pouco — pelo menos imaginava — para dar um importante golpe nas intenções malignas da facção principal, fato este minimizado pela frágil parceira. Todo o esforço não poderia ser em vão. Os ânimos se acenderam e uma discussão foi iniciada, porém, encerrada em seguida por um estranho tremor de terra. Calando-se imediatamente, esconderam-se em uma pequena trincheira natural, livre de líquidos. Prontas para o enfrentamento, Magenta vestiu a manga do traje de Nadia, ambas empunharam as armas de pressão e aguardaram pela entrada do invasor. Tensos minutos de ruídos alternados com o silêncio foram interrompidos com o surgimento de cerca de dez daqueles inofensivos animais com carapaça em formato de disco, que fuçavam o substrato atrás de alimento. Um longo suspiro foi dado em retribuição ao alarme falso.

— São só aquelas coisas, Mag. Vamos descer.

— Nada disso! Nós vamos embora. Até quando viveremos um susto atrás do outro? Não podemos continuar nisso!

— Você viu que não foi nada demais.

— Eu vou embora! — Magenta quis fugir. Nadia tentou segurá-la, mas o desespero fez com que a mais inexperiente se desvencilhasse.

Correndo em direção à saída da galeria, Magenta gritava por não saber lidar com a situação. Nadia contra-argumentava, à distância, que aquela decisão não era a melhor para ambas e continuar juntas era a solução. Diante da situação difícil, nem se deram conta de que os berros perturbariam a fauna, pois os estridentes ruídos reverberavam pelas galerias de boa acústica. Como resposta, mais tremores foram sentidos pelas conflitantes humanas. Era tarde demais para alertar.

Assim que Magenta cruzou a separação natural entre luz e sombra, acabou arrastada por um vulto negro: nem sequer pôde pedir socorro. Nadia, em choque, seguiu seu instinto e correu de volta às zonas de neblina, onde se camuflaria um pouco melhor ao rastejar pelos cantos úmidos dos paredões. Se outros amigos não tiveram destino similar ao da capturada, estariam em apenas sete contra uma miríade de corruptos.

Na zona de neblina, triste e novamente sozinha, lembrava-se de esquivar das grandes bocarras que secretavam água oxigenada. Por fim, conseguiu encontrar o que havia do outro lado. Antes natural, as entranhas de Nietuva agora apresentavam traços mecanizados. Largas placas metálicas de aparência envelhecida — provavelmente pela exposição contínua ao peróxido de hidrogênio — apontavam a existência de um complexo industrial oculto. Portas lacradas eram invioláveis aos disparos de cordite. O progresso tornou-se impossível pelos meios comuns.

Desanimada com a falta de alternativas, caçou meios de escalar ou contornar a fortificação em busca de alguma escotilha. Quando progredia incríveis cinquenta centímetros acima do nível do solo, fora derrubada por um tremor colossal acompanhado de uma luz igualmente grandiosa que se espalhou pelo ambiente inteiro, mudando os tons para mais próximos do vermelho. Algo de enormes proporções havia colapsado.

49. O COVIL

Sphynx, quatorze horas siderais. Alguns poucos caçadores permaneciam na estação junto aos operadores gerais da plataforma. Com a destruição do posto de controle pirata em Sonora TX, muitos decanos foram liberados de suas funções e voltaram a integrar o cadastro de reserva, já que, por ora, as tropas regulares davam conta dos ataques.

No refeitório número quatro, reunia-se na tranquilidade o grupinho de sempre: Dal'ahem, Samus, Ginger e Khor, que substituía o velho Higgs, ocupado com uma patrulha padrão na região de Tundra. Conversas fluíam com naturalidade em torno dos assuntos em voga até tocarem na pauta de Melancholia. Samus não escondia sua insatisfação ao falar sobre o tema e engolia com a comida as suas palavras.

— Kanev está tão estranho... Está um entra-e-sai danado naquela sala — disse Khor, virando o corpo para a entrada do recinto.

— Deve ter dado algum problema entre os grandões da Federação — supôs Dal'ahem, conspirativo —. Esse cara é bom, mas já não se fazem líderes como antigamente. Ei, princesa, o que acha disso tudo?

— Não a provoque, Dal. Você sabe que ela não gosta de falar sobre a operação. Deixe-a, coitada — interveio Ginger, compadecida.

— Mas ela precisa se posicionar! A cria dela está na brincadeira.

O olhar abatido, antes apontado para o prato quase vazio, ergueu-se acima da altura da linha do horizonte, mirando uma insossa parede bege posta ao fundo. Em meio aos questionamentos dos amigos sobre o que a havia afetado de forma tão repentina, Samus sentiu sua visão escurecer. Ao cerrar e abrir os olhos, transportou-se para uma realidade alternativa completamente avessa à pacata mesa.

Diante dela, a mais fiel representação do primeiro encontro que tivera com Ridley em seu covil no finado planeta Zebes. Em uma posição privilegiada, assistiu aos seus ágeis movimentos na luta e sentiu no próprio corpo as dores dos golpes recebidos pela Samus Aran anos mais nova. Na visão em terceira pessoa, percebeu como o primeiro de muitos enfrentamentos fora difícil. Ridley já tinha sua fama consolidada havia muito tempo e os relatos de Velho Pássaro — pai adotivo da heroína, que nunca lhe escondeu o trágico fim de K-2L — a perturbavam de tal modo que suas ações diante do dragão se tornaram antinaturais. Ver e não poder ajudar fazia da experiência uma sessão de tortura.

Agora doía muito mais que na ocasião, sem dúvidas. Sobre ela, nenhuma armadura e, ainda que houvesse, a Varia Suit não a protegeria dos traumas mais íntimos. Ao ver a penetrante cauda trespassar o tórax e lhe rasgar as entranhas, ouviu o grito final de Nadia. Uma voz oculta disse ao ouvido da mãe paralisada: "não dê as costas ao destino, criança".

***

Por sorte, nada de grave aconteceu após a explosão. As pistolas atiradas ao solo após o tombo não foram danificadas, todavia, um detalhe chamou a atenção da exploradora: a Paralyzer zumbia ao recobrar o fôlego, mesmo quando deveria estar inativa. De alguma forma, o impacto profundo tinha a ver com a gradativa reativação dos equipamentos eletrônicos. Assim como a pistola se manifestou, ganhou vida a ferramenta metamórfica. De início, contida ao dobrar os dedos. Depois, hábil a ponto de assumir diferentes formatos, conforme a sua programação.

Caída a última barreira, obsoletos ficaram os equipamentos cedidos pela Federação. O que representavam uma arma de pressão e um espelho oval perante um artefato muito mais versátil? "Saudades de você, Omega Suit", suspirou, aliviada, ao materializar o traje tecnológico.

Reativado, o sistema eletrônico fez a varredura de todos os componentes e identificou consideráveis mudanças estruturais em seu simbionte. Como resultado do relatório final, alguns novos e estranhos ícones indicaram o desbloqueio de funções desconhecidas. Um deles era um mostrador de estado geral de saúde da armadura, agora não mais restrito às barras de energia. A sinalização dos estados seria feita por cores diferentes, que variavam conforme o "sentimento" da máquina: azul para estado padrão, branco para atualização, como naquele instante, preto para modo de caça, amarelo para instabilidades no sistema e vermelho para risco de dano irreversível — o primitivo meio de comunicação era um claro sinal de senciência —. Curioso era o modo de caça que, além de tornar negros os *leds* dos membros e tórax, também deixava a viseira fumê, escondendo as feições de sua portadora. Os ícones nesse modo de operação eram pretos e discretos. No mínimo engenhoso.

Deixados de lado os encantamentos com o traje renovado, era hora de avançar. A porta metálica exigia o desbloqueio por uma *smartkey*, porém, Mil-Star 6x ensinou que painéis eletrônicos nasceram para ser destruídos por sobrecarga. Ganhava-se ali um novo mundo para explorar, distinto ao extremo da paisagem bucólica das áreas de neblina.

A aparência interna da instalação era justamente o que Nadia tinha em mente quando ouvia Samus falar sobre Tourian. Corredores frios, aparência artificial e poucas paredes rochosas servindo como suporte para a passagem dos dutos pressurizados, tendo como trilha sonora um ruído eletrônico persistente. Os setores eram separados por portas idênticas às usadas em instalações federadas, mostrando que muitos materiais ali empregados eram desviados de bases atacadas.

Se deu falta dos defensores na estrutura natural, teve ali o atendimento de seu desejo. O sinal de alerta universal, ou seja, as luzes vermelhas piscantes, surgiu. Respondendo ao chamado de emergência, hordas de piratas desceram pelas escotilhas do teto e outros tantos saíram dos bueiros. A humana estava cercada, mas, estranhamente, demonstrava-se

muito mais confiante. Ter a quem odiar era muito mais motivador que vagar por monótonos corredores de lata sem inspiração alguma.

Uma repaginada Omega Suit e uma Nadia sedenta por vingança. Duas entidades distintas novamente ligadas ao nível molecular após tantos anos — de corpo, a indumentária moderna. De alma, a finada Biosuit —. Os sentimentos eram compartilhados entre as duas e iam de encontro ao bem comum: eliminar a grande ameaça a ser descoberta naquele enorme formigueiro. Entre o objeto e o objetivo, a miríade de piratas. Os seres eram idênticos aos encontrados em Xena I, donos de grossas carapaças, muito mais ágeis e altos que os originais. Certamente dariam um trabalho excepcional caso a armadura da invasora não tivesse se adaptado ao ambiente: os disparos tornaram-se brutais ao máximo após a inoculação do soro de XNA, o gancho elétrico ganhou mais precisão e os ombros tiveram a robustez aumentada, estimulando o uso deliberado de potentes *tackles*[75]. Ajustes finos da Biosuit ressurgiam na moderna Omega Suit. Tinha-se ali o melhor de dois mundos

Os poucos piratas que não tombaram dessecados pelos feixes de alta potência fugiram pelos dutos, em pânico. As primeiras imagens, incluindo os gestos feitos com escárnio em direção às câmeras de monitoramento em sinal de desafio, eram assistidas por Dawn em seu covil.

— Como ela conseguiu superar a barreira lacrada?

— A explosão desativou o campo magnético induzido, general.

— Impossível, Weiss! Eles não podiam ativar nenhum artefato explosivo com as restrições. Para isso servia o indutor magnético.

— Supomos que despejaram algum fluido sobre as turbinas ou reatores, general! A região de Aframare está em chamas, mas encontramos restos de um traje federado no entorno. O desgraçado fez alguma tramoia e desabilitou o sistema, mesmo lhe custando a vida.

---

[75] Tipo de empurrão que visa atirar o oponente contra o piso.

— Onde estavam os guardiões? Por que os inúteis não perseguiram esses caçadores malditos?

— Não sabemos, general. Centenas de corpos dos insetos foram encontrados carbonizados próximos do local da ruptura. Acredito que eles estavam no encalço do invasor quando tudo explodiu.

— Que seja! — bradou, destruindo uma porção de garrafas da coleção particular de licores usufruídos nos momentos de festa. — Agora temos questões mais importantes para definir. Os vigias detectaram dois invasores no laboratório. Exija a presença de mais tropas, rápido!

Nada conseguia interromper ou adiar o avanço da donzela de metal. Por vezes, a caçadora agredia os piratas espaciais unicamente para desmoralizá-los, já que poucos problemas lhe causavam. Portas e mais portas foram postas abaixo e novos espaços puderam ser explorados, sempre com cuidado. Tudo corria bem, com exceção de um estranho pressentimento de estar sendo seguida.

Grandes estrategistas haveriam de reconhecer rivais de alto nível. O simples jeito de correr, a sutileza nos saltos, os simulacros, o som ambiente, a atuação em luz e sombra... Não era necessário ver com os olhos físicos para notar a presença de algum combatente de primeira linha. A sensação de ser imitada incomodava a garota, assim como lhe causou estresse a perseguição oculta de Magenta nos dutos naturais. Entretanto, desta vez não havia o fator medo envolvido. Independentemente de quem fosse o perseguidor, seria enfrentado e vencido, mas o admirador secreto pensava de outra forma ao evitar a luta.

— Desgraçado! — pensou alto a ponto de gritar pelo canal de áudio. — Por que não aparece e me enfrenta? Está me estudando, não é?

Ela conhecia como ninguém as melhorias reconquistadas e como o antigo traje se comportava. Oponentes abatidos liberavam suas almas ao expirarem e estas serviam de “alimento” para a Biosuit. Com a Omega Suit impregnada pelo DNA metroide, não seria diferente: os espectros

coletados poderiam ser utilizados na reparação de danos. Caso a armadura estivesse em perfeito funcionamento, as almas acabavam armazenadas em uma barra semelhante à de energia que, ao ser completada, levava ao desbloqueio de uma nova ferramenta. O massacre dos piratas no corredor principal liberou o Light Pulse, um perigoso ataque elétrico usado pelos metroides gamma em seu extinto planeta natal, SR388.

— Veremos se você não vai sair desses dutos — desafiou. Seguindo a demonstração exibida no visor, levitou com o auxílio do m-Drift, habilidade da qual não recordava ter adquirido, e concentrou a energia estocada na barra de estado. Uma esfera azulada envolveu seu corpo e feixes elétricos saltaram da nuvem mortal. Prevendo um desfecho desagradável para a sua pessoa, o opositor saltou por uma das aberturas no duto de ventilação, revelando sua face. Nadia desfez o ataque, pois não sentiu maldade naquele ser. Muito pelo contrário: a bela armadura de cor bronze com entalhes em preto era inconfundível.

— Escapou por pouco, Molda — disse, rindo, ao desmaterializar a viseira translúcida. Como foi gratificante encontrá-lo com vida.

— Feliz em revê-la, senhorita Aran. Estou surpreso com a técnica.

— Ter a capacidade de materializar a própria armadura parece ser um pré-requisito para sobreviver em Melancholia, Alseq.

— Realmente. Se não fosse a explosão, não teríamos conseguido.

— Foi você?

— Não. Eu estava cruzando um bosque de briófitas gigantes quando escutei o estrondo. Encontrou mais alguém da equipe?

— Magenta e Atom foram capturados. Devem estar mortos.

— Por Magneia... Seremos nós os últimos?

— Espero, do fundo do meu coração, que não.

— Espero o mesmo, bela Aran.

Em meio à surpresa de encontrar uma alma amiga, Nadia nem sequer parou para refletir sobre o elogio que acabara de receber. Poderia ser uma gentileza qualquer, mas a motivação tinha um fundo preocupante: os Molda tinham aparência peculiar, bem diferente de seus bem-apessoados conterrâneos Qo-hos. Tornar-se atraente aos olhos de um indivíduo daquela raça poderia significar que algo estranho se manifestou em silêncio. As poucas horas restantes antes do fim do limiar deixavam claro o que estaria por vir caso não se apressasse.

Encontrar alguém que não quisesse matá-la era, no mínimo, gratificante. Quem diria que o único caçador além dela a sobreviver a tantos percalços seria o acanhado Molda... A improvável parceria começou a dar sinais de sucesso ainda durante a invasão do cargueiro Columbia, que culminou em um belíssimo nada. Nos corredores da miniplataforma, Nadia foi a única a não querer a cabeça do estranho humanoide. Agora, novamente, um protegia o outro.

— Espere, Aran. Antes de prosseguirmos, temos que definir uma estratégia. Continuarmos juntos não me parece a melhor escolha.

— E então, o que sugere?

— Há um duto externo pelo lado esquerdo da fortificação. De onde vim, avistei um longo tubo vertical que acredito ser um elevador ou rota de fuga. Faça o caminho alternativo enquanto eu ganho terreno pelo interior da base. Procuraremos a raiz desse duto e, depois de descobrirmos o segredo deste planeta, caímos fora.

— E se não houver uma ligação dessa rota alternativa com o interior? Não quero ser levada de volta aos caminhos naturais.

— Sim, há! Essa via contorna boa parte da instalação e possui várias conexões com ela. Você verá curtos tubos cristalinos fazendo a interligação. Seguiria esse caminho, mas desviei a rota quando te vi entrar.

— Certo, irei. Cuide-se, Alseq. Sigma-Rhea ainda te espera.

Por cortesia, Alseq tomou para si o caminho interno, muito mais difícil que o sugerido à colega. O tubo externo servia como uma rota de serviço, ao contrário da via central, onde ficavam os principais pontos de interesse e maiores desafios. Pelo contraste entre a escuridão e a forte luz, Nadia achou justo ativar o modo discreto da Omega Suit, transformando-se em apenas mais uma sombra a se mover aleatoriamente por ali.

Preocupada e reclusa em seus aposentos, Dawn já temia pelo pior. Seu ferramental era grande demais para ser transportado, em caso de situação crítica, para outro lugar de maneira repentina e os frutos dos experimentos eram numerosos. A veterana apostava todas as fichas em suas linhas de defesa, ludibriadas pelos agora três intrusos detectados — outro persistente guerreiro acabara de invadir a fortaleza intocada —. Em vez de recuar, a divisão de infiltração ganhava terreno.

— Cooper! Cooper!

— Na escuta, general.

— Retire as peças B215 e B216 da animação suspensa.

— M-m-mas...

— Retire-as agora, Cooper!

— O que faremos com elas, general? Ainda não estão maduras o suficiente para atuar! Nem sabemos se elas conseguem ficar em pé.

— Solte-as pelos corredores. São irracionais, destruirão tudo o que encontrarem pela frente. É o que precisamos no momento. É uma ordem!

— E os nossos homens? Eles não podem lidar com essas criaturas!

— Bloqueie os acessos. Se alguém entrar pelo *deck* B, será um invasor. Eles não podem chegar à linha de produção em hipótese alguma.

— Já reforçamos este setor, general.

— Vocês são inúteis! Diziam que a fortaleza inteira era impenetrável desde as escotilhas. Veja só o que aconteceu!

Impor restrições à obstinada caçadora era instigá-la a avançar mais e mais. As *smartkeys* eram desativadas e arrancadas como brinquedos e as portas abertas com o auxílio do pé-de-cabra formado pelo apêndice multiúso. Esporádicos encontros com piratas espaciais padrão terminavam da mesma forma que nos duelos anteriores: leves arranhões na armadura e muitos, muitos corpos esfumaçados. A Omega Suit parecia cada vez mais disposta após a absorção das medíocres auras.

Regressando ao interior do prédio, deu de cara com um enigmático corredor vazio. Luzes piscavam e faíscas saltavam de canos de metal. Estouros em andares mais baixos anunciavam o colapso do sistema elétrico. De perto vinham fortes batidas contra uma das várias portas ali instaladas. A estética pós-apocalíptica dava pistas do que se aproximava.

A *smartkey* caía por fora. A porta blindada era forçada por dentro. Nadia, pela primeira vez, hesitava em superar a barreira física. Com as consecutivas batidas, uma estreita brecha entre as bandas foi aberta e por ela saiu uma longa cauda. Um passo para trás foi o sinal para a criatura oculta romper a separação: enfim, oponentes dignos de sua magnitude.

A mesma história seria recontada através de novos personagens. Pela manutenção do bem e da ordem estava a sobrevivente, a cobaia magna. Como personificação do mal, duas bestas irracionais de aparência draconiana. O maior deles possuía pouco mais de dois metros de altura, tinha asas atrofiadas, cuspia uma substância corrosiva e era dona de uma descomunal agressividade, além de portar longas garras e a perigosa cauda que lhe servia de chicote. O outro indivíduo era semelhante, porém menor de estatura e possuidor de feições simplificadas.

As cobaias B215 e B216 tinham um grande simbolismo para os piratas. Um lendário dragão espacial fora um dos maiores estrategistas da facção em um passado remoto e empregar novos indivíduos da mesma espécie como arma de guerra era uma forma de manter viva as memórias de seus feitos macabros. As coordenadas de seu planeta de origem permaneciam trancadas a sete chaves no âmago da atual líder dos corruptos.

Apesar de compartilharem a pátria com o grandioso antecessor, aqueles organismos em específico rejeitavam qualquer estratégia. Não passavam de brutais animais criados como ratos de laboratório para um bem maior e seguiam o próprio instinto ao empregar toda a violência contra a silhueta prateada. Por não conseguirem voar como fariam os dragões espaciais em estágio completo de desenvolvimento, usavam suas caudas e as venenosas garras para castigar a oponente, que se via em apuros pela primeira vez desde quando invadira a instalação. Os ataques eram rápidos e vinham de dois pontos diferentes em simultâneo. Levitar com o auxílio do m-Drift era inviável, já que o corredor não era alto o suficiente e ainda expunha Nadia aos ataques físicos por estar longe de uma superfície sólida. O jeito era trocar agressões com ambos e torcer para não levar a pior, justamente o que vinha ocorrendo.

A luta seguia difícil. Vez ou outra a dama atingia a criatura maior, sem causar tanto dano por não conseguir carregar por completo o Gamma Beam. A menor cambaleava pelas quinas e já não ameaçava como antes, mas mantê-la viva ainda era um risco. O visor fumê ocultava a expressão preocupada da garota e a Omega Suit absorvia a sua apreensão, não desempenhando suas plenas funções. Sentindo o acanhamento da segunda pele, a portadora a tranquilizou: "vai ficar tudo bem".

O artefato não se mostrava avançado organicamente a ponto de reconhecer a voz da dona ou o teor da mensagem expressada, mas percebia com perfeição a mudança do estado de espírito do simbionte. O sussurro ecoou pelo interior do capacete e adentrou os circuitos integrados, reaquecendo a volúpia da armadura outra vez biomecânica. Instantaneamente, a viseira retomou o padrão transparente e os *leds* azuis reacenderam, assim como o brilho dos olhos da aspirante à heroína. A face focada e intimidadora encarava o seu *karma*. Não havia mais o que esconder, pois em seu rosto resplandecia a vontade de vencer.

50. EM DECOMPOSIÇÃO

Samus jamais foi o tipo de pessoa que se deixava influenciar com facilidade. A personalidade firme pouco mudou ao longo dos anos, mas, se tinha algo que conseguia virar a sua mente do avesso em qualquer ocasião eram aquelas misteriosas visões. Os estranhos *flashes* sempre antecediam um evento de grande impacto em sua vida e o fato nada corriqueiro insinuava não se tratar apenas de uma confusão mental aleatória causada pelo estresse.

O passado sombrio, parte da vida que tanto desejava esquecer, cruzava os caminhos de seu grande amor, espelhando nela quase o mesmo roteiro. Para não sofrer em dobro, buscava ignorar tudo, mas pecava toda vez que tentava. Talvez por isso a voz secreta fora tão enfática em relação a não dar as costas ao destino. Como ela conhecia o emissor da mensagem e lhe dava muito crédito, acatou o conselho e partiu para Vesta SL. O jogo só poderia ser mudado através de suas mãos.

Poucos tiveram coragem de injetar nas próprias veias o agente mutagênico. Alguns não resistiram e pereceram nas macas. Os cientistas fingiam entender os mecanismos de ação do soro, verdadeira incógnita desde a descoberta dos frascos. Os possíveis voluntários ficavam cada vez mais horrorizados com as descrições dos animais expostos ao fluido: uma vez inoculados, raramente voltavam a ser os mesmos. Mais impressionante ainda era saber que uma daquelas pessoas já trazia o elemento contaminante no corpo e não dava a mínima para a situação.

O único trabalho de Vesta foi ativar o DNA metroide já circulante na caçadora. Das três ampolas de antídoto oferecidas ela só levou uma, já que, segundo as suas palavras, "uma era mais que suficiente para o seu trabalho". Teimar não era uma alternativa. Conhecendo o histórico de desacatos e ameaças realizadas pela reintegrada durante a extensa carreira,

Kanev julgou adequado atender ao seu desejo. Mesmo que Samus chegasse na base pirata após o retorno dos voluntários, as chances da Federação aumentariam com o reforço tardio. Nela, todos podiam confiar.

Sob circunstâncias normais a viagem entre Sphynx e Nietuva duraria cerca de três dias ao cruzar a zona de aceleração mais próxima — os buracos de minhoca encurtavam, e muito, as distâncias, mas não faziam milagres —. A filha dos Chozo sabia daquilo e se sujeitaria às imposições do tempo caso não fosse a interferência de seus mentores, especialistas em manipular o espaço-tempo ao seu bel-prazer. Com a abertura induzida dos grandes portais brancos, acabou transportada ao sistema do planeta oculto. Os pássaros tinham tanta pressa quanto ela própria.

***

A penumbra do *deck* B fornecia uma insana ambientação para o duelo mortal que ali ocorria. Enquanto a criatura menor concentrava as atenções de Nadia e pagava o alto preço por isso, o dragão maior, de fúria incontrolável, perseguia a invasora pelo espaço confinado. A humana até se deixou ferir em algumas situações para não perder o foco, a eliminação do menor dos problemas antes que este lhe pregasse alguma peça. Após a morte do pequeno, absorveu sua energia vital e reparou parte dos danos da Omega Suit. Bastava se dedicar ao voraz oponente.

— Só nós dois, enfim — encarou-o.

A nova geração se inspirava em seus similares genéticos em tudo: técnica, agilidade e impetuosidade, reservando ao sobrevivente do confronto as profundas cicatrizes da suada vitória. Para o dragão seria apenas a destruição de um invasor de seu território. Para Nadia, a oportunidade de devastar o covil pirata de dentro para fora, experimento após experimento. O que poderia ser mais perigoso que aquele espécime? Quão longe estaria do segredo supremo?

O embate seguia difícil. O dragão urrava com os feixes cortantes. A Omega Suit penava com as perigosas chicotadas. A batalha era parelha e nenhum dos lados levava vantagens sobre o outro. Nem mesmo a modernidade da armadura conseguia se impor: os *leds* vermelhos acesos pelo sistema de estado geral eram um mau sinal.

Aos poucos, o fator tecnológico pesou a favor da caçadora que, mesmo às duras penas, conseguiu abater o violento organismo, tão valente que seguiu lutando após ter as duas asas arrancadas pelo laço elétrico. As marcas da quase infindável batalha foram tão severas que nem mesmo o espectro absorvido regenerou por completo a barra de estado e o traje seguiu emitindo o característico sinal de alerta.

Exausta, a vencedora sentou-se no piso e puxou profundamente o ar. Mesmo sabendo do implacável monitoramento das câmeras, precisava de um merecido descanso. Ao retirar o elmo, notou através do desfocado reflexo a razão de despertar tanto a atenção de Magenta quanto a de Alseq. Sua pele estava seca e sem vida, como uma folha de papel; alguns vasos sanguíneos tornaram-se salientes ao ponto de pulsarem no ritmo dos batimentos cardíacos; o entorno da mandíbula apresentava um tecido estranho e a falta de pele fazia com que trechos de tendões e músculo ficassem expostos; os lábios se retraíram, expondo permanentemente gengivas e dentes aberrantes. Pela gravidade das deformações na parte mais baixa de seu rosto e na quase normalidade acima da linha dos olhos, teve a impressão de que o último passo do processo induzido seria a alteração de seu bem mais precioso: a mente humana.

Assustada com o que acabara de ver, desmaterializou o traje e enfiou as mãos nos bolsos do macacão em busca das ampolas de antídoto, dado que a genética adicional se tornou dispensável. Por poder contar com a armadura, já não era necessário depender dos efeitos mutagênicos em seu favor, ainda que perdesse um pouco de seus benefícios. Sua saúde valia mais e não era prudente arriscar.

— Chegou a hora de acabar com isso. Espere… O quê?

Ao retirar a mão direita do bolso, viu um filete de sangue escorrer pelo dedo indicador. Além do caco de vidro fincado, outros fragmentos se espalharam pelo chão conforme o revirar da cavidade de tecido. Se as ampolas já não se encontravam íntegras, o que dizer do conteúdo?

— Droga — resumiu-se a dizer, fechando os olhos em seguida.

O espelho ficou para trás, assim como o contador de partículas. A exploração quase sem fim nos dutos e corredores da zona protegida havia tirado completamente a sua noção de tempo. "As vinte e quatro horas passaram tão rápido assim?", matutou. Como seria muito azar descobrir que todas as ampolas de todos os companheiros haviam sido utilizadas ou desperdiçadas, bastaria encontrar qualquer um deles e tomar-lhes o remédio, ainda que à força. O "roubo" seria justificado pela premissa de que apenas uma dose era necessária para reverter o processo. Alseq era o único companheiro sabidamente vivo, mas, por ele estar na linha de fogo do corredor principal, arriscar-se com baixos níveis de energia seria um ato irresponsável. Como garantir a inexistência de outros dragões? Assim, preferiu abandonar a instalação e voltar às trilhas naturais, onde poderia restaurar sua energia à custa de inofensivas criaturas e encontrar um companheiro atrasado, vivo ou morto.

As amistosas formações naturais não causavam medo algum à exploradora. Estar protegida por uma armadura cheia de recursos garantia uma confiança quase sobrenatural, mesmo com todo o contexto caótico que a envolvia. Os inúteis discos de queratina finalmente tiveram o seu protagonismo ao serem sacrificados em prol da saúde da Omega Suit.

Garantidas as barras de energia, era a hora de buscar pelo parceiro de missão e suas ampolas douradas. Ainda havia uma solução prática caso não encontrasse ninguém, porém, inimaginável para a obstinada caçadora: regressar à Carbo. Se os piratas fossem minimamente organizados, teriam bloqueado todas as entradas e saídas da fortaleza e outros indivíduos fariam a proteção pelo lado de fora. Aliás, não era sequer possível afirmar que a nave ainda repousava na superfície.

Caminhando por entre as fendas e ouvindo os guinchos das simplórias criaturas não mais tomadas como alvo, avistou uma silhueta metida em uma brecha entre dois blocos imensos de rocha. "Achei!", pensou. Para a sua surpresa e decepção, tratava-se de um cadáver muito antigo. A vestimenta do ex-explorador diferia de qualquer outra que já vira anteriormente. Era instigante e aterrador ao mesmo tempo.

— O que foi você algum dia, amigo? — lamentou, movendo-o.

Ao sacar o elmo do pobre diabo, sentiu ainda mais pena dele. Centenas de pequenos insetos faziam da carcaça ressecada o seu lar, convivendo em harmonia com os ossos soltos. Nenhuma pista que pudesse levar à identidade daquela criatura ou a sua razão de estar ali fora deixada, mas era possível garantir a sua humanidade em um passado remoto

Em sinal de respeito, a compadecida Nadia ajustou o corpo como se ele repousasse na fenda, tirando-o da posição angustiante em que se encontrava. Poderia enterrá-lo como uma homenagem póstuma, mas destruiria a morada de centenas de bichinhos que nada tinham a ver com a história. Dada por satisfeita, sacudiu o excesso de areia das mãos e seguiu o seu caminho, pois terminar como aquele herói anônimo não era o seu objetivo. Sem dúvida alguma a agradecida alma torceria incondicionalmente por ela dali em diante em uma dimensão qualquer.

***

A tripulação de Carbo estava a ponto de surtar ao verificar o tempo consumido. Fechavam-se exatas dezenove horas desde a abertura da rampa de acesso e apenas um terço dos caçadores enviados estavam em segurança: além de Wing e Serena, desistentes ainda no início da empreitada, regressou posteriormente Magenta, salva das garras de um animal de grande porte que lhe arrastou para uma caverna adjacente sem castigá-la. Nas profundezas permaneciam Nadia, Alseq, Atom — dado

como morto após os relatos de Magenta — Pop, Cyren e Romhacker. Nenhum dos resgatados tinha coragem de regressar ao grande fosso e dividiam-se no discurso. Apesar de concordarem com o aguardar do prazo estipulado por Lux, ainda esperançoso no sucesso da incursão, acreditavam que nenhum dos desaparecidos estava vivo devido à hostilidade do local. Por sorte a nave furtiva não fora descoberta, mesmo com o alto fluxo de naves piratas que por ali passavam.

— A Federação precisa traçar outra estratégia, Kanev! — clamou o capitão na videochamada mantida com a estação principal. — Não é uma vergonha assumir que falhamos. Eles estão muitos passos à nossa frente. Não soubemos jogar com as regras deles.

— De acordo, capitão Lux. Nossos voluntários foram muito corajosos ao se submeterem ao teste de fogo. Ficamos satisfeitos por preservar a vida de três colaboradores. Lamentamos pelos outros oito.

— Ainda aguardaremos os demais, general. Com exceção de Atom, ainda tenho esperanças de levar mais alguém com vida.

— Concedido, Lux. Como andam os protocolos de segurança em Carbo? Algum problema com os resgatados?

— Todos bem. Apresentaram febre e vômitos, mas já recobraram a saúde e até se alimentaram. As mutações estão sendo revertidas e creio que não deixarão sequelas em ninguém. Precisamos apurar o que houve com os dois que não suportaram o procedimento em Vesta SL.

— Eles serão mais bem estudados após a necrópsia. Os corpos já estão sendo avaliados. Só espero que os outros seis sobrevivam.

— Cinco, general. Atom está morto.

— Não falo do voluntário Atom, Lux. Samus Aran viajou para Melancholia e deve chegar em três ou quatro dias.

— Samus? Não era ela quem ignorava esta operação?

— Exato. Ela enfrentará sozinha este planeta infernal, pois, quando chegar, vocês já terão retornado, mas algo me diz que será diferente desta vez. Samus é uma de nossas melhores colaboradoras.

— Aguardaremos o desfecho, general. Da minha divisão eu já não espero mais nada. Rezo apenas para sairmos vivos.

***

Se antes imaginava um ambiente completamente avesso à tecnologia, Samus mostrou-se surpresa pela incoerência dos relatos de Sphynx. Ao contrário dos prognósticos, a Power Suit funcionava no interior do domo principal, poupando a heroína das longas caminhadas previstas em modo furtivo. Levando-a a uma comodidade extra, a geografia do lugar favorecia o uso do Speed Booster e dos versáteis shinesparks. Assim, não tardaria até encontrar as regiões de interesse sem maiores dificuldades.

Mais abaixo, Nadia ouvia a marcha e as sequenciais explosões. Como apenas três caçadores possuíam trajes materializáveis — além dela, Cyren e Alseq —, os sons poderiam significar a presença de alguma arma biológica não mapeada. O desbravador oculto era rápido, não permitindo que a jovem detectasse a origem dos estrondos. Caso o organismo arruaceiro tivesse coragem de enfrentá-la, não seria ela quem faria oposição.

Os piratas espaciais, antes não observados nas galerias, surgiam aos montes, mas pouco ameaçavam ambas as Aran, ainda desencontradas nos dutos naturais. Os ramos derivados d'O Grande Abismo, o fosso vertical principal, conseguiram espalhar os nove caçadores originais de tal forma que somente a sorte poderia colocá-los frente a frente de novo. Como calcular a probabilidade de duas pessoas pertencentes a investidas distintas se acharem nos caminhos traiçoeiros? As formas de interagir com o ambiente eram distintas: Samus explorava sem tanto apego, pois sabia que cada minuto era importante. Nadia fazia justamente o oposto

ao verificar cada mínima fresta. Assumir o risco de jogar aos ares a sua tão ansiada cura por fazer vista grossa não era uma opção.

Em meio à alternância entre esparsos combates e zonas de silêncio, a esperança foi reanimada através de uma pesada respiração proveniente de uma galeria de estalactites. A galeria era rica em flora, mas a fauna não era tão bela quanto o lugar merecia. O clima quente, úmido e razoavelmente bonito para as circunstâncias fornecia um bioma onde metroides adorariam estar. A duo-umbriana sabia que aquela agonizante respiração não podia ser obra de um dos vermes que rastejavam pacificamente por ali em busca de matéria vegetal morta: tinha certeza ser um humano. Bastava descobrir se aliado ou inimigo, segredo até o encontrar.

Nadia explorava. O som ficava mais alto e nítido, apontando a proximidade. Para uma melhor experiência, desfez a viseira vítrea e deixou a audição guiá-la sem a amplificação digital do elmo.

— Ajuda... — era a súplica feita por trás de um paredão vegetal.

— O-O quê? Romhacker? — respondeu, em choque.

Enfim, o colega perdido. André "Romhacker" Favreau era um jovem caçador descoberto no mesmo programa de jovens talentos de onde surgira Dasha. Embora fosse de bom grado reencontrá-lo, suas condições de saúde eram precárias. O corpo do parceiro estava tomado por chagas que tornaram seu rosto e braços irreconhecíveis. O estado geral era tão deplorável que um forte odor de podre era sentido à distância.

— Nadia...

— Romhacker! O que houve?

— As ampolas não funcionaram. Sou um soldado abatido.

— Não! Temos de dar um jeito!

— Não há mais salvação. Sente-se aqui. Morreremos juntos.

— Não! — gritou, afastando-se dele.

— Fomos vencidos, Aran. Seu estado está tão ruim quanto o meu. Não morramos sozinhos, eu te peço.

O horror ao ver o companheiro se desmanchar foi uma das piores sensações que teve na vida. Como se não bastasse a sensação de ver alguém próximo morrer de forma tão triste sem poder ajudá-lo, ainda havia o pânico extra por saber não estar em situação tão melhor e que as malditas ampolas só serviam de placebo. Seria questão de tempo até ela cair de forma idêntica ou pior que o moribundo Romhacker. Sem alternativas, fugiu desesperada, deixando-o só.

Nadia tentava passar uma imagem não condizente com o que realmente sentia. Por ser filha da grande Samus Aran, buscava repetir sua frieza emocional e total controle em momentos de pressão, mas seu interior inocente ruía a cada adversidade enfrentada. A sensação de impotência a perseguia desde muito jovem, quando chorava ao ver seu reflexo deformado no lago dos cubos. A mesma impressão também surgiu após os sumiços de Samus em K-2L e a morte de Synthrex, felizmente contornada pela engenhosidade do agora aposentado Keunn — inválido pelas convulsões causadas por anos consumindo água com chumbo —. Sentia novamente a sua fragilidade ao ser refém da vontade alheia.

Desejava chorar, gritar, pedir socorro. Os únicos seres vivos saudáveis capazes de ouvi-la naquela galeria se enfiavam no lamaçal, com medo da perturbação. A esperança em encontrar uma ampola sobressalente começava a murchar. A reconstituída viseira retomou a coloração fumê, ajudando a disfarçar a deterioração e atenuando o sofrimento da portadora, mesmo que não houvesse ninguém para vê-la naquele estado. Em um ambiente fechado, podia fazer todos os tipos de questionamento em voz alta sem arriscar ser rastreada.

— Por quê? Por que tinha de ser assim? Custava ter restado uma única maldita ampola? E quem me garante que esse lixo me salvaria? Acho que todos os voluntários estão sofrendo com essa praga, isso se já não estiverem todos mortos... Bem que eu deveria morr... não, não, não!

Perdoe-me, perdoe-me! Não vai dar tempo de retornar à Carbo... eles já devem ter partido. Duvido muito que conseguirei encontrar alguém que ainda tenha o antídoto. Já que não tenho saída, levarei o máximo de piratas comigo. Preciso encontrar um jeito de explodir a instalação inteira. Assim, pouparei minha mãe de velar algo tão repugnante como eu.

O caminho antes feito com correria era agora coberto com uma desinteressada marcha. Embora o desejo de destruir o prédio continuasse, a falta de esperança em sair com vida minava a empolgação por completo. Os monólogos no capacete diminuíram, assim como as tímidas lágrimas que ameaçavam rolar pelo rosto. Até podiam existir rotas mais eficientes ligadas ao complexo industrial, mas não era uma boa hora para gastar tempo com caminhos inúteis. Sendo assim, preferiu retornar pela mesma via por onde viera, deparando-se novamente com o sofrimento de André.

O bom-senso exigia que passasse sem olhar. A curiosidade fazia o oposto. Como o próprio soldado havia dito, sua condição era irremediável. Desta vez, os sofridos gemidos resumiam-se a curtos movimentos da caixa torácica — suas últimas inspirações e expirações —. O tecido das paredes, que lembrava os fungos das camadas mais altas, enredou-se com o quase cadáver, devorando-o ainda vivo. As mãos sem luvas viraram uma gosma fluida e seu rosto se desmanchou.

Não podendo mais conter as lágrimas, Nadia elegeu o lança-chamas entre as diversas configurações do canhão de braço e incendiou o ex-colega, poupando-o de parte do sofrimento. A luz do fogo fez com que o próprio reflexo dela fosse observado com nitidez na face interna do capacete: assim como há doze ou treze anos atrás, as primeiras mechas de cabelo começaram a cair. O fim se aproximava.

51. PERDOA-ME

A cada volta dos ponteiros imaginários, uma lembrança distinta. A longa caminhada pelos corredores escuros colaborava para a criação de inúmeros minifilmes exibidos sem o consentimento da suposta maior interessada. O cansaço dava as caras. A gana por alimentos sólidos, idem. Depois de quase um dia completo de esforço sobre-humano ao vencer pântanos, fugir de monstros e rolar morros abaixo, o exausto corpo dava um ultimato e clamava por misericórdia por não poder mais andar. Os túneis tiravam-lhe a percepção. Se era dia ou noite, jamais saberia. Tudo o que via ali eram sombras. Infindáveis sombras.

Sozinha, como sempre em sua vida, refletia sobre inúmeros assuntos, muitos deles inúteis ou pouco produtivos. Como os dutos infernais parecem nunca terminar e não havia ninguém para conversar, tomou os *flashes* como distração ao buscar ocupar a mente com algo. O que mais desejava no momento era chegar logo ao complexo e botar um fim naquela história de uma vez por todas. Um fim...

Questionou-se, então, sobre os ciclos. Saber que tudo tinha um começo, meio e fim era fascinante, apesar de simples. Carne, espírito, natureza, cursos artificiais... Tudo respeitava a ordem do Universo e nada que fosse palpável poderia fugir da diretriz mestra.

Programas de aprendizagem e treinamento, a montagem de um termorreator, uma missão de colonização, longas viagens intergalácticas... Aqueles eram os contextos que a cercaram ao longo de seus vinte e seis anos. Os medíocres, porém, sortudos humanos não costumavam ter uma rotina tão agitada, mas, ainda assim, viviam seus ciclos. Pessoas nasciam, cresciam e morriam. Relacionamentos ardiam, minguavam e acabavam. As histórias e legados eram lembrados durante certo tempo e logo perdiam o viço. Bens materiais, então...

No ciclo imutável de nascer, crescer, multiplicar-se e morrer, focava no último passo. Sendo aquele o roteiro dos seres vivos, com exceção dos sintéticos, todos sabiam que um dia partiriam. Talvez não crescesse e nem se reproduzisse, agora morrer... Isso era certo. Embora todos soubessem disso, ninguém nunca estava preparado para o grande dia. "Sofremos ao ver uma flor murchar, um objeto querido se desfazer, ao acompanhar o envelhecimento de quem tanto amamos... E quanto a nós?", indagou-se. "E se soubéssemos o exato dia e hora, agiríamos diferente?"

O questionamento acerca do início e fim da existência de tudo estava longe de ser um mero flerte com a filosofia. Nadia não sentia mais a necessidade de se enganar. Ela sabia que sua hora estava próxima.

Com sinceridade, acreditava que a sensação fosse muito pior do que realmente era. O sentimento era mais próximo de uma frustração imensa que do desespero. O que carregava no peito era tão somente frustração. Narcisista pela ocasião, podia jurar merecer uma morte mais lendária. Nada de falsa modéstia.

Implodir Melancholia seria um fim épico? Seria. Aos olhos de muitos, sem dúvida. O problema era o gosto do dever cumprido, que jamais sentiria. "Ah, Nadia, daqui a algumas horas você nem vai se lembrar disso. E daí?", irritou-se, incomodada. Ela ainda não havia partido. Não queria que a própria consciência, sua única companheira, a apressasse.

Muitas coisas ficaram para trás sem o desfecho devido. Quando finalmente encontrou um conterrâneo de Orion, logo o Molda desgraçado foi para a vala antes de superar a barreira — ela acreditava no fracasso do colega. Fruto de seu pessimismo terminal —. Não reviu Emma desde a partida dela para um hospital-orfanato em Sedna após a destruição da colônia 664 Sina. Synthrex e Ida conseguiram driblar a morte e agora viviam felizes em Synthrexia ao lado de milhares de outros automs libertos. Para quem tanto criticava o nome da espaçonave de Orion, a designação oficial do novo domínio acabou por não demandar muito esforço. "Nada criativo, lata de sardinha", riu, em um dos poucos momentos de leveza.

Muitas coisas e pessoas passaram por sua curta vida sem ela perceber. Por onde andaria o casal que sentiu tanto medo dela no terceiro planeta e em Mil-Star 6x? Estariam ainda vivos? As amysias morreram e o painel de Aeterna V ficou mais feio desde o *death match* — por mais que novos cultivos substituíssem as plantas originais, não era igual —. O pobre Keunn ficou demente. Diziam as más línguas que foi por causa da partida de Emmeline, parecendo ser uma lenda urbana para romantizar a separação. Umbra II-C foi abandonado após mais um vazamento de contaminantes e se tornou um mundo morto, assim como K-2L.

Ela resistia para não abordar este tópico. Sua mente queria paz.

A pobre armadura reconquistada sentiria sua falta. Aliás, não sentiria, já que ambas eram um só corpo. A morte não era engraçada, de fato — o único a rir de tragédias era Orion, que felizmente não estava ali para vê-la sofrer e chorar —. Na verdade, já não sabia mais o que pensar com tantas coisas indo e vindo em sua cabeça ao mesmo tempo: os longos caminhos a deixaram em *stand-by*, como diria Synthrex. Por sorte não surgiu nenhum pirata, senão poderia ter alguns problemas pela dispersão. O avanço naquele setor consumiu mais que uma hora e ninguém cruzou o caminho da donzela de metal. Talvez fosse por isso que ela estivesse tão mal. A monotonia a incomodava. Sempre a incomodou.

A agitação era uma das razões que a fez gostar de Umbra II-C. Um lugar completamente insano, onde nenhum dia era igual ao outro, pois toda hora surgia alguma desgraça diferente. Coisas boas também. Aquele amontoado de lixo a transformou em uma pessoa melhor. Lá, pôde testar as crenças e experimentar sensações que não poderiam ser compreendidas apenas através de descrições ou relatos, por mais fiéis que fossem. A única mágoa girava em torno de como fora chutada do ninho pela mãe, mesmo sabendo ser para o seu bem. A devoção incondicional não a permitiria agir daquela forma. Acreditava que poderia ser algum resquício da larva de metroide encontrada por Samus em SR388. Animais eram mais amáveis e leais que humanos, na maioria das vezes.

Falando em metroides... Uma grande ironia foi o fato de Nadia nascer, crescer e morrer pela espécie. O esforço para dissociar-se da genética alienígena nas cápsulas do disruptor genômico foi em vão, pois lá estava de novo a carga maldita, no lugar de onde jamais deveria ter saído.

No começo, a humana achava engraçado contar que tivera por um bom tempo um DNA híbrido. Isso foi tema de várias rodas de conversa entre os amigos duo-umbrianos e em Sphynx, inclusive. Ela tratava do assunto como se aquilo fosse o máximo, mesmo que odiasse quando mais nova. Até a invasão da plataforma, nunca havia visto um metroide, com exceção de uns esboços feitos por sua mãe. Sempre teve curiosidade em saber como aquilo se comportava, até porque era parte dela. Relembrar, por *flashes* e sonhos, daquelas coisinhas moles flutuando no ar ao rodeá-la com curiosidade na câmara de emulação do zoológico espacial foi incrível. "Eles devem ter me reconhecido como sendo parte da família", riu outra vez. A vontade que sentiu na hora foi de amarrar um barbante em alguns deles e levá-los para passear como balões. Atitude muito infantil para uma monstra deformada de dezesseis anos à época, mas foi a primeira ideia que lhe passou pela cabeça.

Quanto à Samus... Nem queria imaginar o que aconteceria quando ela soubesse do fim não muito agradável da missão. Não era segredo para ninguém o desejo da heroína em ver a filha ingressar na Federação, mas não naquele compromisso em específico. Ela conhecia a motivação de Nadia ao partir. Sabia ser por vingança. Sabia que o intuito era dar um desfecho para questões deixadas em aberto, não só da própria história, mas também da dela. Sob sua ótica, as coisas não deveriam ser resolvidas daquela forma. Para Samus, a Federação sempre foi uma empresa, não um artifício para lavar roupa suja. Nadia tentava ver algo além. Como dizia Emma, todos precisavam da mola propulsora. O que podia fazer se a dela não é das mais nobres? Não era exemplo nesse quesito e tinha consciência, isso sem contar a burrice emocional. "Bastante madura para quem queria salvar o Universo, não é?"

No fundo, acreditava que Samus merecia uma herdeira melhor. Alguém que não entrasse em parafuso quando pressionada. Alguém que não se lamentasse tanto. Onde estava a sua postura? Aos seus olhos críticos e frustrados, não combinava com o perfil irretocável que a progenitora construiu. Nem pareciam carregar a mesma genética rearranjada pela partenogênese[76]. Não compreendia de onde herdou tantos medos.

"Ela não se importa. Não teme nada, nem ninguém". Via na caçadora histórica um verdadeiro exemplo a ser seguido e copiado, ao contrário dela, que se assustava com casulos pendurados no teto em ambientes de penumbra. Sorte que a Omega Suit escurecia sua viseira para não deixar à mostra a cara apavorada. Ou seria cara pavorosa? As duas coisas, quem sabe. No fim das contas, só não queria terminar como Romhacker, pútrida e devorada viva. Antes disso, incendiaria o lugar com todo mundo dentro e abreviaria o sofrimento, assim como fez com André.

Já não havia tempo hábil de descobrir como funcionava o programa de beneficiamento. Sabia-se que acontecia em algum lugar da instalação secreta, agora tão vazia quanto as galerias naturais. O deserto era incompatível com a situação. Podia ser obra de Alseq ou de algum outro caçador que teria chegado ali e feito a limpa antes de ir embora ou cair. Podia até ser que já destruíram tudo e ela não sabia. As portas estavam abertas e não apresentavam sinais de violação. Tudo parecia minuciosamente arquitetado. A exploradora até escutava uns ruídos ao fundo, mas não conseguia distinguir se vinham dos equipamentos ou de alguém ao se movimentar acima. De qualquer forma, não seguiria a origem, e sim o próprio caminho, que ela nem sabia mais qual era.

Um fim melancólico em Melancholia. Belo trocadilho.

O coração palpitava mais forte conforme subia as escadas. O visor da Omega Suit exibiu, em caráter de novidade, dois pontos amarelos no

---

[76] Forma de reprodução em que um embrião se desenvolve sem haver a fecundação do óvulo. Fenômeno não observado na espécie humana.

canto superior direito. "Não é hora de me mostrar novas ferramentas, minha linda. Agora é tarde demais". Seriam duas horas de vida? Dois minutos? Difícil saber, mas devia ter alguma razão para estar ali.

A garganta estreitou-se. O nível de oxigênio no traje aumentou na tentativa de manter as funções vitais. Podia ser o colapso final.

Ou não.

Talvez os Chozo a enxergassem como uma oferenda de luxo. Uma pena que Nadia não fora avisada, pois, jamais compactuaria com aquilo. "Que sacrificassem outras porcarias, não eu!". Coisas fantásticas foram criadas, mas a raça superior não conseguiu dar um fim nos piratas espaciais. A garota até mantinha certas suspeitas acerca do assunto.

Enfim, explorar era preciso e não dependia dos próprios desejos. Era seu último dever. Devia aquilo à Federação Galáctica. Devia aquilo ao Universo. Devia aquilo à Samus, mesmo que ela não quisesse.

Como desabafo final, abriu o relatório interno do traje e também o seu coração. Gravaria ali uma última mensagem, mesmo que jamais fosse ouvida por qualquer outro ser humano. Com a aprovação da própria consciência, agora tranquila, iniciou:

— Fiz o que estava ao meu alcance, mãe. Não é o fim que nós duas esperávamos. Abreviar a minha vida, embora não seja o curso natural, vai me poupar de te ver partir daqui a alguns anos. Sei o quanto sou fraca e tenho consciência de que não suportaria. Você é mais forte do que eu. Não chore, sentirei saudades de sua voz e de seus carinhos, mas seguirei te vendo em meus sonhos quando eu dormir para sempre. Lamento por falhar como caçadora de recompensas e como filha. Perdoa-me.

52. A PROLE

A aura maçante em um lugar que deveria estar fervilhando de tropas defensoras sugeria uma cilada, mas, em seu âmago, a exploradora cria que realmente não havia mais ninguém na base. Por confiar nas capacidades de batalha de Alseq e de outros caçadores, era provável que os trabalhos de aniquilação tivessem sido realizados antes de seu retorno ao complexo, não deixando rastros. Sendo assim, a caminhada derradeira terminaria ainda mais traumática: o tão desgostoso fim culminaria em um simples apertar de botões, muito diferente da imagem épica que carregara na cabeça pelos últimos minutos.

Entretanto, um zumbido advindo da Omega Suit foi ouvido quando a garota assumiu uma determinada direção e parecia ficar mais baixo ou até sumir ao virar-se para o lado oposto. "Um detector de alguma coisa, será?", questionou se, intrigada.

Por não haver objetos de atenção nos arredores e o jogo estar resolvido, não custava investigar a origem do sinal. As dezenas de portas abertas indicavam o caminho, muito embora existissem outros vãos trancados ao longo dos corredores. Ao subir um lance de escadas, deparou-se com uma sedutora porta selada: era a única via intransponível posta na rota cantada pelos chiados eletrônicos. O último prêmio estava atrás da grande barreira. Não havia outro jeito a não ser derrubá-la.

A *smartkey* foi fundida com a temperatura aberrante do laço elétrico. As travas físicas foram separadas pela ferramenta metamórfica e um novo espaço foi revelado. Diferente das outras salas, escuras, insossas e sem atrativos, aquele recinto continha informações importantes. Os zumbidos acabaram substituídos por intensos bipes e, ao fundo, podia-se ouvir um tímido arrastar de correntes. Os sinais da Omega Suit tornaram-se dispensáveis, pois a audição orientaria a investigadora dali em diante.

Ao longo do corredor existiam dois trilhos dispostos em paralelo nos cantos das paredes. Nos muros brancos, grandes painéis de vidro fosco revelavam, com timidez, o interior das salas. Nadia caminhava pela via principal e observava com curiosidade umas cápsulas verticais, semelhantes às células do disruptor genômico de Mil-Star 6x, diferindo delas no tamanho e quantidade — as centenas de unidades guardadas ali eram mais compactas e estavam interligadas umas às outras por cabos —. A exploração minuciosa dos ambientes culminaria em uma fútil distração que desconcentraria a invasora, agora determinada em encontrar o autor da algazarra detectada pelos sensores do traje.

O alerta disparou na forma de um palpitar cardíaco. Os sons não se resumiam mais a um arrastar de correntes: fortes e indecifráveis grunhidos ecoavam por trás de outra porta lacrada. Seria mais algum dragão como aqueles que a molestaram horas atrás? Algo ainda mais poderoso?

Assim como a última porta, logo a barreira física foi superada. A grossa pilastra posta no centro do cômodo impedia a visualização efetiva do novo ambiente pela posição em que Nadia se encontrava. O autor dos sons estava amarrado atrás do cilindro sólido.

Tensão, medo, curiosidade. A mistura de sensações aguçava ainda mais a experiência. Os trilhos que se estendiam desde o corredor atravessado desembocavam em uma área ocultada pelas sombras. O ambiente era predominantemente escuro, mas um pequeno foco de luz amarela iluminava por trás do espesso duto. Ao se aproximar da coluna, a caçadora sapateou sobre um fluido gosmento proveniente do centro da sala, talvez expelido pela criatura mantida presa. Não era hora de rodeios.

— É agora — respirou fundo enquanto preparava o ataque.

O organismo, que antes bradava como uma fera, agora permanecia estático, em silêncio. Nadia o observava à distância, mas, aos poucos, tomou coragem para se achegar. A horrenda criatura não lhe causava medo ou nojo, e sim pena. Muita pena.

A viseira desmaterializou-se. Entre seres tão próximos, porém, tão diferentes, não havia mais nenhum obstáculo físico. Depois de muitos anos, enfim, o reencontro com a fração perdida.

A humana tinha diante dela uma cena surreal. A inominável criatura era um pouco mais baixa que ela em altura, todavia, muito mais volumosa e robusta. As ancas eram maiores — cerca de duas vezes mais largas que o quadril feminino — e, através de uma cloaca que tinha como origem a junção das quatro pernas deformadas, botava uma espécie de ovo gelatinoso banhado pelo líquido em que Nadia pisara pouco antes. Os ovos rolavam por uma rampa até caírem em um carrinho posto sobre os trilhos, de onde seriam levados para outro lugar pelos responsáveis do setor. A textura da pele do espécime era áspera como a de um réptil e possuía coloração esverdeada; o tronco, de postura anômala, expunha um membro que lembrava vagamente um braço humano atrofiado com cinco dedos compridos; mais acima a pavorosa cabeça, com capas queratinizadas no lugar destinado aos inoperantes olhos primitivos e uma boca com frágeis pinças, igualmente rudimentares.

Dispensava-se documentação, relatórios ou descrições profissionais para entender o que era aquilo. Nadia mordia a língua, pois seus lábios não mais existiam. Pelo seu rosto, lágrimas, logo percebidas pelo ser, emissor de um choro melódico ao reconhecer sua contraparte.

Já era sabido desde a Bottle Ship que a larva coletada por Samus em SR388 se tratava de uma rainha metroide. Por aquele espécime único, Federação Galáctica e piratas espaciais conseguiram desenvolver seus distintos projetos bélicos. Foi devido ao DNA da larva órfã que Samus gestou a sua primogênita, visto que o potencial reprodutivo da espécie era restrito apenas às matrizes. Da mesma forma que acontecera com a mãe também aconteceria com a filha se não fosse a intervenção crucial do disruptor genômico na separação das duas cargas. A criatura grotesca estava sendo gerada dentro dela e, ao ser brutalmente arrancada, levou consigo um pedaço de sua mãe-hospedeira. Ainda em Mil-Star 6x, o "bebê"

fora capturado pelas tropas de Dawn e transportado em segredo para as profundezas de Nietuva antes da chegada das tropas regulares, onde pôde crescer e se reproduzir espontaneamente, conforme a sua natureza. Os ovos nojentos poderiam ser chamados netos de Nadia ou bisnetos de Samus, a depender do sadismo de quem escrevesse o relatório.

"Não me mate... Liberta-me", implorava a criatura por meio dos mansos e tristes gemidos. O coração da metade humana balançava.

Conhecendo muito bem as magníficas — e brutais — características dos metroides, Nadia concluiu que não seria boa ideia libertar sua prole. Caso a deixasse viva, seria resgatada por algum corrupto e transportada para outro lugar ainda mais remoto, onde seguiria se reproduzindo. Quantos ovos aquela coisa conseguia botar por dia? Certamente, milhares daqueles espécimes híbridos já povoavam outros mundos e espalhavam o terror por meio de outros programas de beneficiamento. Assim, tomou a dura decisão de destruí-la.

"Não me mate, por favor", implorava por telepatia a repugnante criatura. O Gamma Beam foi carregado. A radiante luz azul fez a besta ganir cada vez mais alto, por medo. Mentalmente, Nadia respondia: "eles não me deram o direito de escolha, bebê".

O feixe térmico carregado foi disparado, levando a besta à combustão instantânea. A garota acompanhou a queima completa ao observar as sombras em uma das paredes, evitando o contato visual direto. Querendo ou não, parte dela agonizava também.

Os gritos cessaram. A altura das chamas diminuiu e apenas pequenas fagulhas espalhavam-se pelo local. Um óleo viscoso como uma gordura animal empesteava o ambiente e o impregnava com um cheiro irritante de amoníaco. Os ovos coletados pelos carrinhos foram igualmente destruídos, dessa vez com mísseis. Com o apagar do fogo, apagava-se também um dos pontos da viseira reconstruída do capacete, liberando assim a devastada humana para continuar o seu trabalho.

***

Apesar da quietude, nada era tão pacífico quanto parecia. Movimentações eram realizadas em diversas áreas da instalação ultrassecreta, sobretudo em torno do eixo principal. Novos piratas-clones saíam de suas cápsulas recém-abertas e desciam de imediato para os seus postos. Por se tratar de seres inferiores no aspecto cognitivo, bastava que um dos piratas espaciais lhes passasse uma simples instrução mental para o comportamento ser espelhado com perfeição pelas cópias. O efetivo da facção declinava desde o início do ataque e nada parecia dar jeito, pois os caçadores enviados eram de elite, embora fossem poucos. Na iminência de um colapso, restava a estratégia de vencer pela quantidade e não por qualidade, pois as cópias feitas às pressas possuíam capacidade inferior às que permaneciam vários dias em maturação.

No covil, Dawn debatia com Cahill e Cooper sobre os rumos a serem tomados. Os dois federados insistiam que a abertura intencional das portas era uma péssima ideia, atraindo para muito perto uma oponente de altíssimo nível. Por outro lado, o plano da líder dos piratas caminhava bem, pois a aniquilação de Nadia não era o seu objetivo maior, mas sim a sua captura, ansiada desde os tempos de Mil-Star 6x. Os híbridos desenvolvidos no planeta secreto eram bons, mas ainda continham sérias falhas — as estatuetas empalhadas na prateleira não a deixavam mentir —. Nadia era um caso à parte na natureza, sendo gerada sem a intenção de constituir uma arma biológica. Se existia uma chance de trazê-la para o seu exército, por mais remota que fosse, deveria ser tentada.

— Ela já está aqui dentro, general, conforme sua ordem.

— Ótimo, Cooper, eu sabia que ela não rejeitaria a nossa cortesia. A cobaia deve ter perdido bastante tempo com o clone imaturo. A matriz já foi transportada para a sala de segurança, Cahill?

— Positivo, general.

— Os novos soldados darão conta dos outros dois invasores. O "bronze" não nos interessa. Ordene os homens para matá-lo caso o encontrem. Onde está o terceiro elemento?

— Abandonou o complexo, general. Estava cambaleando na última vez que o vimos. Parece ter sido ferido.

— Ótimo. A entrada do complexo está fechada e ninguém entra ou sai. Tranquem as rotas principais e cerquem a cobaia antes que ela chegue às incubadoras, de preferência no subsetor 20. Quero vê-la atordoada, não morta. A sorte de Mil-Star 6x não irá se repetir desta vez.

Enquanto Dawn arquitetava suas estratégias, a contragosto de seus auxiliares, a exploração continuava em outras regiões do complexo. Ao contrário do que a invasora imaginava, a vida fervilhava no setor, bem longe de suas vistas. Nem tudo conspirava contra ela: duas queridas pessoas facilitavam o seu trabalho ao realizar a peculiar faxina.

Com o apagar de um dos pontos do visor, "Nadia-metroide" concluiu que o alerta era um detector de sua meia-espécie. O fato de ter apenas um metroide sobrevivente catalogado a partir dos registros visuais de Ida intrigou a decadente caçadora. Como ocorrera anos antes, era possível que os piratas espaciais estivessem reproduzindo metroides assexuadamente a partir de raios beta ou até por outra tecnologia mais avançada. Independentemente do método, os seres não lhe fariam mal algum, pois todos os metroides que cruzaram o seu caminho nutriram certo afeto por ela ao reconhecerem a carga genética similar — não seria diferente agora —. O detector da Omega Suit acusava a presença de apenas um organismo misterioso, mas isso não impedia o instinto da portadora de notar certos movimentos em volta. Centenas de passos concorrentes foram ouvidos acima e abaixo de seu andar e vinham da mesma direção.

Preferindo evitar um eventual combate direto, abandonou o caminho padrão e escondeu-se dentro de uma saída de ventilação enfiada na parede. Os piratas espaciais e federados corruptos que marchavam

pela via não davam a entender estar procurando por alguém, mas se deslocando para algum ponto mais distante. Com o cessar dos passos e falatórios, Nadia saiu do esconderijo, sendo surpreendida por um mal súbito que a derrubou de volta ao canto escuro.

— Respira, Nadia! — buscou tranquilizar-se. A respiração era pesada. As mãos tremiam. — Nossa missão está quase no fim, falta pouco.

A visão escurecida voltou à boa condição, muito embora as contrações em seu abdômen não a permitissem retomar a postura. Ao recuperar a pose ereta, fora jogada novamente ao chão, onde se contorceu por certo tempo até poder se levantar uma vez mais. Entre quedas e levantamentos, agonizou por minutos até recobrar a plena saúde.

De volta aos corredores vazios, seguia na desinteressante exploração, ainda com o mal-estar em mente. Antes de entrar em outros quartos sujos em busca do desconhecido, foi arremessada com violência contra uma das paredes: mais uma explosão acabava de ocorrer no prédio. A coloração cinzenta do ambiente ganhou um tênue reflexo avermelhado vindo das chamas espelhadas. As tropas deslocadas pelas vias desertas deviam ter algo a ver com o evento, podendo, inclusive, terem sido designadas para combater um invasor.

— Alseq! Você está vivo! — deduziu, ainda escondida.

Um único fio de esperança foi suficiente para reaquecer o coração da castigada duo-umbriana que, a essa hora, mantinha poucos traços faciais que a caracterizavam como humana. Se antes tratava a batalha como perdida, agora havia um motivo para continuar tentando.

Andando com dificuldades — sua perna direita não respondia bem aos seus comandos enviados pelo cérebro —, prosseguiu até chegar a um grande átrio. Uma porta reforçada, muito mais densa que as encontradas anteriormente, estava violada e abria espaço para uma infiltração descompromissada. Os escuros corredores internos à porta imploravam para serem desvendados.

A explosão tinha atingido, intencionalmente ou não, o sistema elétrico do subsetor inteiro. Não existiam plaquetas sinalizadoras, mapas ou nada que pudesse fornecer uma pista. Após mais alguns metros de sondagens, notou um brilho diferente, refletidor da luz azul dos *leds* da Omega Suit. Devia tratar-se de algum equipamento escondido.

O brilho provinha de uma estreita porta metálica situada em um dos cantos do grande galpão. O escuro não a permitia compreender que os longos corredores eram, na verdade, um mesmo ambiente dividido por maquinários complexos, dando a impressão de existirem quartos fisicamente separados. Ao abrir uma tímida porta de trava simples, deparou-se com imensas prateleiras contendo uns cartuchos estranhos, organizados com rigorosa atenção. O cheiro de mofo no local era perceptível e muita poeira se acumulava sobre as capas metálicas e plásticas.

— Ótimo... Um monte de lixo. Não há nada de interessante aqui.

Apesar do desdém quanto aos velhos cartuchos, decidiu puxar alguns para bisbilhotar. O olhar desinteressado mudou ao reparar em uma insígnia da Federação estampada em um dos cantos do plástico trincado.

— Turner... Martin, 2032? Acrux... Rita, 2068? Que droga é essa?

Embora houvesse grande diferença entre os anos de fabricação daqueles milhares de componentes, todos se referiam à mesma coisa ou eram todos a mesma coisa. Nadia verificou os nomes estampados nas embalagens pretas: alguns nomes muito específicos tomavam o seu tempo. O zelo a recompensou da melhor maneira possível.

— Aran... Samus, 2085. O ano da destruição de B.S.L.!

Atrás da capa plástica havia a inscrição "MeMS", de significado desconhecido para a curiosa senhorita Aran. Os cartuchos MeMS — ou *Multi-encrypted Memory Schema* — eram arquivos compactos portadores de dados complexos sobre os seus respectivos donos, desde relatórios de missões, amostras de DNA, desempenho, conquistas e, em alguns casos específicos, um registro criptografado de memórias compiladas por

algum motivo. As máquinas decriptadoras não eram equipamentos fáceis de serem encontrados e, certamente, os proprietários não lhe concederiam acesso para explorar o conteúdo do cartucho, mas o mais importante era retirar o nome de sua mãe de uma instalação pirata. Mesmo que a peça não possuísse valor, não deveria estar em posse deles.

Apesar de desconhecer a real utilidade do obsoleto artefato, Nadia atentou-se a alguns detalhes. A data coincidia com a explosão da plataforma que orbitava SR388, portanto, o cartucho poderia conter informações sobre o rumo daquela missão e talvez até sobre os procedimentos cirúrgicos realizados na extração do parasita X. Quem garantiria que não havia uma ficha completa sobre o soro metroide injetado em Samus, levando-a à gravidez? Melhor: haveria alguma intenção subliminar por parte da Federação Galáctica na aplicação do antídoto além do combate à infecção? A breve esperança que sentira ao ouvir o grande impacto a motivou a levar consigo o cartucho MeMS. Se tudo desse errado durante a fuga, queimaria com um pedacinho de sua mãe sobre o peito

Continuando a investigação, encontrou mais alguns tubos como os vistos na sala que antecedia o lar da criatura. Por que depender de lâmpadas quando se possuía sangue metroide correndo nas veias? Aqueles animais não possuíam bioluminescência, mas ejetavam descargas elétricas colossais. Agarrando-se com o Gamma Hook a um tubo metálico por onde passavam os cabos ocultos dispostos no teto, energizou o local, acendendo os bulbos com intensa luminosidade. O reflexo das superfícies polidas revelou experimentos estarrecedores.

O primeiro ponto observado de pronto foi a presença de um tanque abastecido com parasitas X cristalizados. Refrigerado por nitrogênio líquido, o reservatório começava a perder suas propriedades criogênicas pelo corte repentino de energia. As cápsulas vítreas estocadas no ambiente diferiam das vistas mais abaixo, pois de suas bases saíam grossos cabos conectados a um supercomputador. A estrutura ímpar da máquina só não espantava mais que o seu conteúdo.

Sob a identificação de B213, repousava inerte um enorme dragão espacial. O fluido que o cobria borbulhava. A aparência do dragão condizia com as descrições de Samus: mais uma cópia de Ridley estava prestes a ganhar a liberdade. Ao contrário dos dois espécimes derrotados por ela, aquele indivíduo em especial recebera a ajuda externa de parasitas. A cópia realizada através dos X mais a maturação forçada nas cápsulas permitiu um aumento exponencial de tamanho, fato este repetido também com Kraid, morto duas vezes pela heroína máxima em suas missões. De alguma forma, os piratas conseguiram mesclar o método de clonagem biológica com a radiação estimulante, perturbadora do metabolismo dos metroides larva, conseguindo assim um tamanho digno de arrepios.

E quanto à máquina acoplada? Ao se aproximar, viu um cartucho MeMS conectado ao aparelho. A função do supercomputador era converter a informação digitalizada em memórias orgânicas e transferi-la para o indivíduo inserido na câmara vítrea. Assim, o novo Ridley que ali surgiria teria a mesma personalidade do Ridley original antes de passar pelo procedimento de compilação de memórias em um passado desconhecido.

— O que eles queriam com o cartucho de minha mãe? — verbalizou, assustada com a possibilidade de existirem clones corrompidos.

Sua agitação a fez desferir uma descarga elétrica contínua contra o tubo, levando à destruição dos circuitos de todos os equipamentos eletrônicos. O aumento de temperatura culminou na expansão do nitrogênio do tanque dos parasitas X, fazendo-o romper e libertar a perigosíssima carga biológica. Reeditando o confronto de predador contra presa de SR388, Nadia-metroide devorou o volume recém-liberto, aumentando o seu vigor físico e perdendo o resto de noção de perigo que ainda restava. Como demonstração final de poder, agarrou-se novamente aos dutos com o Gamma Hook e desferiu outra colossal descarga, fazendo as cápsulas vítreas estourarem, condenando à morte todos os seres ali incubados. Com uma assustadora gargalhada, saltou alto, entrou pelos dutos e sumiu no escuro rumo ao próximo ambiente a ser devastado.

53. PELA ETERNIDADE

Nietuva se contorcia por dentro. Os seguidos choques mais a última sobrecarga desestabilizaram em definitivo os sistemas de alimentação e depuração de ar do gigantesco complexo industrial. A instalação dava sinais de que não suportaria a falta de refrigeração dos equipamentos e os reatores internos fumaceavam em resposta. Atestado de loucura seria permanecer naquele lugar.

Sobre a superfície úmida do planeta surgiu um vulto negro, desesperado ao correr em direção à nave furtiva. Lux, de olhos arregalados, não cria no que observava pelas câmeras externas de Carbo: mais um de seus colaboradores escapou com vida, mesmo faltando apenas uma hora para o expirar do prazo estipulado por Sphynx. O guerreiro de armadura de bronze corria o quanto podia e sinalizava com raiva para a nave mãe abrir a portinhola. Nenhum dos presentes passou tanto tempo no subsolo quanto ele, nem vivenciou Melancholia tanto quanto ele.

— Alseq! Pensamos ter perdido você! — gritaram Wing, Serena e Magenta em comemoração por mais um salvamento.

— Lux, autorize a partida, imediatamente! — ordenou o guerreiro Molda, ignorando a festa em sua homenagem. — Este lugar vai explodir!

— Um momento, Alseq. O que houve? — questionou o capitão.

— Não temos tempo! O fosso colapsou. O elevador por onde fugi apresenta mau funcionamento pela oscilação de energia. Não sei o que houve, mas um estouro absurdo aniquilou a estabilidade do local.

— E os outros?

— Magneia sabe o quanto procurei por eles antes de deixar o complexo, mas não os encontrei! Devem estar todos mortos.

— Atom, Romhacker, Pop, Aran II e Cyren. Que Deus receba essas cinco almas mortas em nome da Federação Galáctica — pronunciou Lux, com pesar —. Frost, ligue os motores. Coloquem Kanev e Leyland ao vivo. A missão de infiltração está encerrada.

***

A temperatura interna continuava subindo. A abundância de componentes metálicos empregados na construção ajudava a conduzir o calor expelido pelas várias bolas de fogo espalhadas pelo prédio. Sob os atentos olhares de Nadia, que espiava pelos rasgos das grades enquanto permanecia metida nos dutos de ventilação — agora mais próximos de uma estufa pelo tamanho diminuto e total ausência de fluxo de ar —, corriam centenas de piratas em direção às fontes de calor. Estouros adicionais eram ouvidos com frequência, indicando que os módulos de resfriamento falhavam, um a um. Quanto mais explosões, menos piratas.

Mediante a insistência de Cahill, Dawn tomou a coerente — e atrasada — decisão de abandonar o planeta. Todos os anos de trabalho árduo seriam comprometidos pela queda inesperada do império, mas pior seria se tudo fosse pelos ares com a alta cúpula dentro. A única preocupação restante era o seu grande amor, mantido em uma sala adjacente, de onde seria levado pelos associados para um mundo mais seguro.

— Deixemos tudo como está: um dia retornaremos, ainda mais poderosos — bradou Dawn —. Salvem o máximo de cobaias que puder.

— Não temos mais cobaias — alertou Cooper, constrangido.

— O quê?

— A sala secreta está em chamas. Suspeitamos que a sobrecarga foi causada lá, pois é o setor mais atingido. A via está repleta de carvão.

— Droga! Preparem os módulos de emergência, rápido!

— E quanto ao bebê, Dawn?

— Eu o levarei comigo, Cahill. Não se preocupe conosco.

Abaixo, a Omega Suit parecia tão exausta quanto a sua portadora. O visor não funcionava tão bem quanto deveria. Os ícones oscilavam e, muitas vezes, nem sequer apareciam. Apenas o ponto amarelo seguido do crescente zumbido não a abandonava em hipótese alguma e, para a sua surpresa, ganhou a companhia de outro sinal idêntico.

— Mais um!? — exclamou em um misto de surpresa e apreensão.

A proximidade com o primeiro ponto era lenta e gradativa, ao passo em que o segundo objeto detectado surgiu abruptamente em seu radar. A movimentação do novo contratempo era rápida e imprevisível, atingindo picos de proximidade de maneira bem aleatória, assim como o repentino afastamento. Aquele organismo em especial deveria ser muito mais agressivo que o meigo experimento fracassado.

A sensação de aflição aumentava. Seu coração palpitava à medida que o chiado subia o tom. Nadia sabia que, caso o indivíduo próximo se tratasse de um metroide zeta ou ômega clonado, não teria condições de enfrentá-lo, já que sua saúde não era das melhores.

Ao descer dos dutos após chegar ao fim da linha do sistema, deparou-se com uma situação crítica. As placas metálicas estavam escaldantes e ameaçavam mudar de cor, pendendo ao rubro. O revestimento de fibra da cobertura do piso tornou-se gelatinoso e atrapalhava a caminhada. O som das chamas era audível. Enfim, a grande queda.

Caçar o último metroide vivo — ou últimos — não era uma opção prudente diante do caos desenhado, tampouco procurar por Alseq que, naquele momento, já se encontrava a muitas léguas de distância do planeta. Sua última oportunidade seria encontrar o acesso do fosso primário e fugir na primeira nave que encontrasse pela frente.

De um lado seguia Dawn, acompanhada de seus vários filhos mortos — levados em forma de estatuetas em uma grande bolsa — e o único vivo. Do outro vinha a cobaia suprema, cambaleando e esquivando-se das chamas cuspidas pelos tubos metálicos. Os destinos de ambas se cruzariam na base do extenso elevador.

Os olhos da tirana foram hipnotizados ao verem a armadura em tom ígneo emergir do lago de fogo. Por um instante vira a figura de Samus em sua tradicionalíssima Varia Suit — o espanto foi tão grande que seus pelos corporais saltaram em resposta —, mas, com a proximidade, notou tratar-se do metal quase fundido da armadura do experimento sobre a qual tanto desejara colocar as mãos. Nadia retribuía a mirada fixa, porém, embebida em ódio. A silhueta feminina não deixava dúvidas de que a cadeira máxima do reino maligno era ocupada por uma humana, a grande traidora de sua própria raça. Pela incumbência de fechar as cortinas da agonizante instalação, aquela era a líder dos piratas espaciais, a Dawn dos registros de Ida, a quem tanto ansiava enfrentar.

— Como desejei te encontrar. Pena que tenha chegado tarde demais, Nadia Aran, a cobaia magna dos Chozo — externalizou Dawn, apontando para o trunfo posto ao seu lado.

Nadia, então, girou o rosto em direção ao contorno mostrado pela rival. Para a sua surpresa, viu que o organismo lembrava o incendiado alguns níveis atrás. Em sua mente passava apenas a absurda quantidade daqueles seres possivelmente espalhados Universo afora e, se haviam outros, deveriam ter alguma serventia para a facção, pois não eram exatamente os animais de estimação que alguém gostaria de adotar.

Os passos da tirana em direção à saída não foram em vão. À distância, assistiria, em posição privilegiada, o encontro dos dois experimentos. Representando a protetora da galáxia, uma humana disforme, combalida pela quase perda da razão. Representando a filha renegada dos Chozo, o metroide que quis tornar-se humano. No fim das contas, duas faces da mesma moeda, separadas por uma simples fita de DNA.

"Tenho pena de você", imaginou a garota ao se aproximar da fera. O animal, sentindo o laço molecular que as unia, apresentou curiosidade, sendo tão dócil com ela quanto a unidade destruída. A imagem de besta indomável prevista por Dawn não se confirmou até o instante.

— Ataque-a! — gritou a tirana. A humetroide olhava para as duas mães, sem reconhecer quem era a verdadeira: a que lhe deu amor durante toda a vida ou aquela que a compreendia por ser carne de sua carne.

— Ataque-a! — insistiu. Mesmo contrariada, a besta empurrou sua progenitora biológica, derrubando-a no chão. A agressão, mesmo que estimulada, não passou a melhor das impressões para quem tombou. Recuperando a posição de batalha, Nadia armou-se com o canhão de braço e ativou o Gamma Beam. O desafio final em família estava aberto.

Ao contrário do clone encontrado na sala de incubação, a versão definitiva da fera remetia aos estágios mais avançados do ciclo de vida de um metroide. Alguém que tivera experiências com a espécie desextinta a classificaria em algum ponto entre as fases zeta e ômega, ou seja, um adulto de pouca idade. De certa forma, o estágio deveria equivaler ao de Nadia, ainda não madura o suficiente em diversos sentidos. Entre jovens inconsequentes imperaria a agressividade, a insubordinação e a rebeldia, além de ser uma luta pela coroa da espécie. No reino encantado dos laboratórios secretos só poderia haver uma rainha definitiva.

Robusta, a humetroide caminhava pelas paredes, saltando com velocidade. A adaptação às salas baixas da instalação aliada ao senso predador lhe fornecia uma miríade de vantagens sobre a desafiante. Além da própria figura ameaçadora, Nadia padecia com o aparente colapso da armadura, com a pressão por terminar logo o seu trabalho e o medo de tudo ir para os ares antes de concluírem a luta. Em meio a tantas preocupações, ser ludibriada e golpeada foi questão de tempo.

Os olhares atentos de Dawn contemplavam algo único. Seu desejo de ver uma rinha de metroides havia se concretizado e ali ela poderia ter

noção do quão poderosa era a sua versão particular do guerreiro supremo esboçado pela raça ancestral. Esculpida pela natureza e potencializada pela biossintética, seu modelo mostrava-se superior à apoiada sobre a tecnologia. Ver sua cria vencer era uma forma de lavar a alma borrada desde os tempos de Zebes, quando ela fugira como uma ratazana pelos túneis ao reconhecer sua inferioridade perante a heroína que se aproximava. Acabar com a descendência direta de Samus através de sua própria descendência era a melhor forma de limpar aquela mácula do passado.

O mundo parecia girar em uma velocidade mais alta do que a cabeça podia processar. Padecendo com vertigens, a caçadora viu os ícones de seu traje serem corrompidos. A assistência eletrônica não funcionava, as reações instintivas também não. Embora o apêndice metamórfico operasse com normalidade, selecionar o tipo de feixe no menu tátil tornou-se impossível. No braço esquerdo, apenas o formato padrão da prótese, que a auxiliava a proteger a cabeça das investidas da criatura.

De azul, logo os *leds* ganharam a cor amarela. O estado de alerta informava que uma reação imediata fazia-se necessária caso a portadora quisesse sair dali com vida. As longas garras do ser foram cravadas na armadura, ainda relutante ao assédio, embora acusasse os golpes. A mais humana era atirada de um lado para o outro como uma boneca de lata, incapaz de se mover com a inoperância do traje. "Vamos, Omega!", motivou a armadura como fizera diante dos dragões. Desta vez, porém, a indumentária não respondeu. Mais que uma condição psicológica, a inércia representava que os níveis de corrupção genética haviam ultrapassado os limites do aceitável, inutilizando funções básicas do artefato. Um dos poucos sistemas operantes era o de alerta por luzes, agora vermelhas após o banho de ácido típico daquela espécie, que lavou a interface gráfica da Omega Suit. Os ícones impressos desapareceram. Os *leds* se apagaram. A armadura não resistiu e desmaterializou-se.

— Agora termine isso — bradou Dawn, extasiada com a vitória de sua cria. Nem mesmo ela esperava um desfecho tão descomplicado.

Encolhida em posição fetal sobre as chapas metálicas quentes, Nadia não reagia. Os olhos estavam fechados, cobertos por uma fina camada de cera. A respiração foi interrompida. Somente o coração ainda batia.

— Acabe com ela! — repetiu. A criatura, então, aproximou-se para realizar sua investida final, mesmo sem o apetite voraz da espécie.

Sábios foram os Chozo. Sábia foi a sua mãe. Sábia foi ela ao se atentar a cada lição ensinada nos duros treinamentos na extinta colônia de K-2L. A concentração absoluta e irredutível elevou a frágil criatura a um estado superior, onde estaria protegida de qualquer ameaça externa. Mais que uma cápsula formada pelas emoções concisas e indivisíveis, o momento sublime lhe ofertou também uma casca externa, muito mais brutal, porém, tão intensa quanto o que se desenrolava pelo lado de dentro. Flutuando envolta por uma esfera energética cristalina, hibernou por alguns poucos segundos até se recuperar do dano profundo.

Incomodada pela novidade, a criatura teve a ideia de abocanhá-la, mesmo a presa estando protegida por um globo altamente energizado. Entre a natureza pura e a tecnologia transcendental dos ocultos Chozo, pesou a segunda opção. Tão arrasada quanto as entranhas de Nietuva estava o crânio da matriz distorcida após não suportar o romper do casulo elétrico restaurador denominado Crystal Flash.

Em pé, com o traje reconstituído tanto essência quanto em capacidade, Nadia observava o entorno após romper sua última exúvia. Os aguçados sensores da Omega Suit a levaram até o orbe onde repousava o espectro do monstro abatido. O absorver da energia e o brilhar arroxeado pelas placas cromadas da carcaça biomecânica fez a ficha de Dawn cair, assim como o seu chão desmoronado. Mais uma vez, estava de joelhos perante a verdadeira e magnífica criação, que voltava as atenções para ela, agora o único ser vivo presente na galeria.

Para a surpresa da pirata, a cobaia despiu-se do traje tecnológico, revelando de muito perto a aparência final. As rubras mechas dos cabelos

tornaram-se uma só coisa com as brasas do ambiente: tinha-se ali uma espécie de Medusa de fogo. Os olhos brancos por completo demonstravam não haver mais uma alma normal naquele corpo modificado. As longas presas foram expostas com a expressão de raiva e a ferramenta metamórfica carregou o Gamma Beam, brilhante como um pequeno sol. À ex-federada, só sobrava a opção de correr pela sala em uma tentativa inviável e risível de salvar a própria pele.

Destruir Nadia nunca foi o objetivo de Dawn. Mesmo antes de vê-la pessoalmente, a traidora possuía um fascínio inigualável por ela — as imagens enviadas por Osíris em Mil-Star 6x jamais saíram de sua perturbada cabeça —. A hibridização perfeita era algo ansiado, porém, jamais atingido pela meliante, mesmo após décadas de estudo ininterrupto. Como se não bastasse sua incapacidade em reproduzir o feito, havia também a inveja por aquela máquina de guerra ser a descendência de Samus, um verdadeiro ultraje. Apesar de estarem em um confronto mortal, seu deslumbramento a impedia de agir com o ímpeto costumeiro, tornando seus movimentos lentos. Nadia bailava diante dos encantados olhos ocultos pelo capacete da alta patente federada.

A duo-umbriana, por sua vez, movia-se rápido pelas paredes, assim como fizera a humetroide, envolvendo a inimiga com o laço elétrico em torno do fosso por onde corria o elevador central. Como o traje de Dawn fornecia proteção contra descargas, nem sequer percebeu estar rodeada pelo Gamma Hook. Ao apertar o nó e imobilizar completamente os braços da rival, pôde-se dar ao luxo de se aproximar enquanto aumentava a corrente elétrica, que começava a infligir dor na oponente. A postura dominante era estampada na forma de marcha absoluta e a expressão fechada terminou refletida na viseira brilhante da vítima. Com a mão direita livre, Nadia retirou o capacete que impedia o contato face a face. Os cabelos loiros e bagunçados foram emancipados. A queda da barreira física significou o fim de um sonho encantado, trazendo a ex-federada de volta à realidade: era o fim da linha. Seus desesperados olhos verdes fitavam a face do monstro, salivante de raiva ao vê-la de tão perto.

Assim como fizera com o pobre Cabot nas cavernas do terceiro planeta há muitos anos, achou excitante a ideia de apertar o pescoço de Dawn até sufocá-la. A força aplicada pela mão orgânica era firme e progressiva. Os tendões foram esmagados e a traqueia obstruída. Os olhos de Nadia sorriam, tanto que desarmou o laço elétrico para focar unicamente na asfixia da oponente, agonizante ao bater as pernas contra o corpo do duto do elevador primário em uma tentativa frustrada de fugir.

Dois filmes distintos se passavam em simultâneo naquelas cabeças. Ao som das explosões, Dawn via a queda de seu império pela ganância e petulância por não ouvir seus auxiliares. Já Nadia teria o fim épico que tanto desejou ao esmagar a substituta de Ridley, tanto na questão hierárquica quanto na perversidade. Prevendo a morte da inimiga pela falta de oxigênio, Nadia atirou-a brutalmente contra a parede oposta. Ao longe, a legítima humetroide viu a oponente convulsionar, debatendo-se com os olhos arregalados e sangrando pelos ouvidos. Com o cessar dos angustiantes movimentos, recolheu o cartucho MeMS e seguiu em busca da saída do fosso, localizado um ou dois lances de escada abaixo.

A mente estava aérea e o corpo recusava-se em obedecer. A audição distorcia o som ambiente. A visão tornou-se escura. O calor era imperceptível. Chegava, enfim, o momento de seu merecido descanso.

Recostando-se ao pé da escada de serviço, encolheu o corpo e fez a reflexão final. Ao percorrer os dedos sobre a amolecida capa plástica da fita, balbuciou o nome de Samus e trouxe o objeto à altura do coração.

— Valeu a pena — concluiu ao sentir os batimentos acelerarem.

Quase desacordada, percebeu quando alguém virou o seu corpo com ímpeto e enfiou-lhe uma dolorosa agulha no braço direito. Não foi possível visualizar as feições da alma redentora, mas o síncrono batimento cardíaco lhe dava a resposta que tanto esperava.

— Você veio — sussurrou, antes de desfalecer.

As efêmeras

54. O ÚLTIMO AMANHECER

As linhas do layout eletrônico se apagaram. Os olhos, outra vez humanizados, reabriram. Um ambiente completamente devastado a cercava. Chamas e tremores davam a aparência ideal para o cenário de sua vida: um verdadeiro inferno. Enquanto o sangue quente escorria pelo pescoço, a desprezível alma cambaleava ao passo em que buscava uma saída daquele lugar que jamais conhecera.

Desorientação espaço-temporal devido à pancada? Amnésia momentânea? O calor descomunal que devorava a sua carne? Não. Dawn já estava morta. Quem agonizava ao lutar pela sobrevivência era um ser singular, alheio ao que estava ocorrendo. Em um mero piscar de olhos, deixara uma das gaiolas do laboratório e se transportou ao fim do mundo.

As palavras não sairiam nem que ela desejasse. Os gases irritantes provenientes das zonas mais altas da chaminé d'O Grande Abismo empurravam-na para baixo, justamente a localização do acesso ao elevador. Caminhar pelos corredores seria uma missão quase impossível para alguém naquele estado, mas o uso de um elevador de serviço era bem intuitivo, pois bastava apertar botões. Chegando ao ponto extremo, encontrou uma série de módulos de emergência com os contatos ligados, já que muitos dos federados corruptos haviam sucumbido antes da fuga. A urgência a fez partir rumo ao primeiro destino sugerido pelos equipamentos, abandonando o escaldante local antes da implosão da estrutura.

A muitas léguas de distância, os radares do módulo detectaram a presença de uma nave nas cercanias. Sem saber quem era e nem para onde estava indo, enviou-lhe, em vão, um pedido de socorro. O contato que tanto desejava era algo impossível, uma vez que o equipamento aumentou a velocidade até sumir dos leitores. Teria feito algo errado diante de tanta tecnologia? Acostumada a lidar com painéis repletos de botões e

alavancas, não soube operar os numerosos arcos holográficos e outras tranqueiras sem utilidade conhecida. O possível auxílio desceu pelo ralo por sua incapacidade. Aquela ajuda ela jamais teria.

Aliás, não só aquela. Recuperando a frequência cardíaca e respiratória — embora morresse de dores de cabeça —, a anacrônica mulher pôde, enfim, ponderar sobre o que ocorria ao seu redor. Caminhando pela nave posta em modo autônomo, dirigiu-se a uma superfície reflexiva e observou a própria imagem. Seu rosto estava cerca de vinte anos mais velho em relação à idade cronológica que ela acreditava ter. Como uma jovem de quinze anos poderia aparentar o dobro em um intervalo de tempo tão curto? Até a noite anterior a face estava tomada de espinhas.

Desde que fora sequestrada por piratas espaciais e levada até uma das bases da facção, sofreu todo tipo de experimentação nas mãos do sádico mandatário vigente. A cena vista há pouco deveria se tratar de uma intervenção federada para resgatar colonos sequestrados, mas, por algum motivo, terminou com ela própria abandonada no chão para morrer.

Sua condição de saúde não era nada boa. Ao mover a cabeça, sentia algo solto no interior do crânio, causando-lhe muita dor. Quanto mais aflita ficava, pior era, e ela sentia que não sobreviveria por muito tempo se não buscasse ajuda especializada.

O módulo escolhido estava sob os cuidados do major Carretti, um entre as centenas de subordinados do egoísta Cahill abandonados por ele em Nietuva. Como localização padrão estava a plataforma Farnazari, que dependia do cruzamento de um buraco de minhoca para ser alcançada. Por praticidade, a sobrevivente acatou a sugestão do painel de comandos e, somente adiante, traçaria uma nova estratégia para voltar para casa.

Entre desfalecimentos e lapsos de consciência, conseguiu cruzar o atalho. Até cogitou ancorar na estação, mas acreditou que o fato de uma adolescente conduzir uma nave oficial sem supervisão não pareceria tão agradável aos olhos dos militares. Não queria acarretar punições para os

pais, tranquilos colonos habitantes de uma instalação longínqua. Além da boa rede hospitalar de Varuna V11Y, ainda teria o carinho da família durante a recuperação. A saudade doía mais que os ferimentos.

A distância entre Farnazari e Varuna V11Y não superaria as três horas de viagem naquele moderníssimo equipamento, contrariando a expectativa de dias nas espaçonaves de seu tempo. Durante este intervalo, lembrou-se dos terríveis experimentos a que fora submetida. Mergulhos em tanques selados, exposição à radiação contínua e gases venenosos, espancamentos, mutilação de companheiros de cela e muitos outros horrores. Fechar os olhos significava rever todas aquelas cenas que, em sua mente, haviam se passado ontem. Na verdade, passaram-se nada menos que quarenta e cinco anos desde sua última memória orgânica.

A alegria de voltar para casa era algo indescritível. Muitos de seus jovens amigos não tiveram a mesma sorte. A superfície do planetoide ainda era escura pela aurora que não chegara, mas a paisagem bucólica até demais causava estranheza. Embora fosse noite, deveria ser possível identificar alguns pontos luminosos nas agrovilas.

— Tempestade solar recente — deduziu.

Enquanto circundava o planeta, seu coração ficava cada vez mais apertado. Por mais que buscasse visualmente ou através dos radares da nave, não encontrava sinais de quaisquer atividades humanas. Acreditava haver um engano, tanto de sua visão quanto dos instrumentos do módulo. "Uma nova colônia Varuna, talvez", supôs. A localização estava correta. Não era possível uma colônia inteira ter sido varrida em um intervalo de um mês — um mês que durou quatro décadas e meia.

Atônita, pousou próxima das coordenadas de onde vivera desde que nasceu. Mesmo na ausência total de luz, identificou que a escola não existia mais. As casas, os mercados, as estufas... nada. Nem mesmo as antenas de comunicação com a base federada mais próxima, Delta Coronae, estavam de pé. O planeta era uma grande planície estéril.

Impotente, caiu em prantos, pedindo aos céus uma explicação plausível. Chamava desesperadamente por nomes de pessoas que jamais retornariam: apenas a cortante brisa a respondia.

Os ferimentos gerados no último ato de tirania da entidade usurpadora de seu corpo foram responsáveis por sua partida. Sem a vida pacata de uma pessoa comum, perdeu o chão. A luta diária pela sobrevivência nos campos de concentração mostrou-se totalmente inútil, pois só estendeu a sua dor. Sorte de seus colegas de classe, igualmente sequestrados, que sucumbiram ao serem desmanchados em ácido nos circos dos horrores patrocinados por Ridley.

Em um dia comum de tortura, após uma longa sessão de espancamento, fora transportada para um precário laboratório, onde teve um circuito integrado implantado em seu cérebro. Através dele, receberia ordens e jamais receberia a sua liberdade de volta — uma escrava autônoma, literalmente —. Anos se passaram e suas aptidões naturais despertaram o interesse da cúpula pirata, que viu nela a oportunidade de criar uma rival à altura de uma jovem despontada em um distante planeta de nome Zebes. Recebera instrução militar e conhecimento técnico avançado nos ramos de zoologia e botânica, uma vocação natural nutrida desde os tempos em que cultivava flores nas grandes estufas de sua terra natal. Por se tratar de uma adolescente de beleza formidável e inigualável, agentes federados corruptos sugestionaram a Ridley para ele criar uma estratégia de mantê-la jovem para sempre, trato prontamente aceito como forma de agradecimento pelas escusas parcerias. Junto ao elixir da juventude eterna, recebera também o batismo nos tanques de infusão dos Chozo, tornando-a tão resistente às profundezas de Zebes quanto a rival imposta — nada daquilo seria possível sem a doação do DNA dos homens-pássaro, alguns deles tão interessados no projeto paralelo quanto a cúpula da facção —. Pela apreciação do nascer dos sóis, recebera a alcunha de Dawn, tendo o sobrenome Aran por ser uma espécie de "anti-Samus". Dawn Aran, cujo nome verdadeiro nunca foi revelado, não passava de mais uma cobaia nas mãos de almas monstruosas.

O violento golpe desferido na cabeça rompeu sua amarra eletrônica, mas custou-lhe uma extensa hemorragia interna. Era tarde demais para uma redenção. Nadia, acidentalmente, foi responsável pelo último sorriso daquela pobre criatura liberta.

A estrela-mãe despontou. O deserto, antes conjecturado, agora se confirmava. Não havia mais razão para seguir lutando. Não havia mais razão para continuar viva. Os piratas tiraram-lhe absolutamente tudo, desde a dignidade até aquilo que mais amava: sua família. Por sorte, não carregaria as memórias dos tempos de submissão, quando se tornou outra. Aquela mácula ela não levaria para o outro lado da existência.

Abandonada à própria sorte, voltou para casa para morrer próxima dos seus. A poeira fina logo trataria de cobrir o corpo incorruptível, assim como a alma inocente de quem não teve culpa pela má sorte que a cercou por toda a vida. Sob a luz do último amanhecer, expirou.

55. A GUERREIRA SUPREMA

K-2L, o começo de tudo. O chão destinado a ser apenas mais um entre milhares de colônias terráqueas espalhadas pelo Universo exportou uma das maiores guerreiras de todos os tempos. Forjada pela resiliência e boa dose de sorte, aquela órfã fora abençoada com a dádiva de poder viver um pouco mais, contrariando o que se desenhou após o ataque do planetoide por tropas inimigas. Os Chozo, a raça superior, acabaram como responsáveis por formá-la e prepará-la para os grandes feitos que estariam por vir. Assim como fizera Dawn ao regressar à sua extinta origem após terminar a sua missão, Samus repetiu o feito, acompanhada de sua filha. Ainda faltava resolver uma última pendência.

Pousando a Gunship na borda do lago dos cubos, onde costumavam ficar durante o período em que viveram no planeta, as duas Aran mantinham o silêncio. Nadia sentia-se instigada a questionar sobre a aparência deteriorada de sua mãe, mas sentia que não ouviria a resposta desejada. Samus era uma mulher objetiva, preferindo demonstrar a explicar.

O outono estava em seu auge. A brisa fria derrubava as folhagens das árvores do bosque da Colina Prateada, expondo os frágeis galhos cinzentos. O solo levemente úmido entregava a queda de uma fina garoa pouco antes de chegarem. O ar puro era um convite para caminharem pela superfície, já que os pulmões cansados de respirar a atmosfera pesada de Nietuva mereciam um renovo.

Sobre a planície, Samus olhava para os lados. Nadia acompanhava os movimentos com a cabeça, sem compreender o que ocorria. Entre curtas passadas e paradas repentinas, a experiente caçadora inclinou o corpo em direção à Colina Prateada. A mais jovem, então, a questionou:

— O que houve? Sente a presença de alguém? Viu alguma coisa? O que está acontecendo, mãe?

Samus não respondeu. O passeio não foi planejado, mas seus passos indicavam o caminho a seguir. O andar parecia mais leve que de costume e quase abandonava a marcha militar praticada à exaustão. O ritmo era vagaroso, como se visasse aproveitar cada ínfimo instante.

— O que houve? — insistiu Nadia, carente de posicionamentos.

— É a leveza do dever cumprido, meu amor — respondeu, enfim.

O que motivou a caçadora de recompensas a se embrenhar na mata não foi um motivo especial. Não havia nenhum objeto ou ente à sua espera. Apenas queria voltar aos primórdios, às raízes.

— Até hoje me pergunto como tudo seria se os caminhos tomados fossem outros — iniciou a decana, pensativa.

— Quais caminhos?

— A ordem natural dos fatos, Nadia. Como tudo seria se os ataques não tivessem ocorrido, por exemplo.

— Bem...Acho que a colônia continuaria ativa, naves seguiriam pousando aqui atrás de minério, seus pais...

— Meus pais não teriam morrido — suspirou —. Eu sei.

— Desculpe-me — reconheceu o erro ao tocar no assunto sensível.

— Está tudo bem, querida. Se a tragédia não tivesse acontecido, eu não seria levada para Zebes e essa Samus não existiria. Teria uma vida normal aqui, junto a eles. A vida que sempre sonhei.

— E a mitologia dos Chozo? Como ficaria sem a sua "escolhida"?

— Escolheriam outra, decerto. Não acredito que a eleita tinha de ser eu. A profecia não dizia meu nome. Posso ter sido uma coincidência que atendeu às necessidades dos Chozo naquele momento.

— Pode ser, mas... Por que me trouxe até aqui? Não há nada de bom nessa encosta! Nem sequer é o pedaço mais bonito da região.

— Daqui é possível ver um pouco de tudo. A grande colina, o espelho d'água, a floresta, a planície... Este lugar me traz muita nostalgia.

— Você disse que não se lembrava dos tempos de K-2L!

— Não lembro, realmente. Este ponto em especial me faz lembrar de Zebes. O lago é um pouco parecido com a entrada de Maridia.

— A região da nave em ruínas. Já ouvi isso uma porção de vezes.

— Você não gosta das minhas histórias, não é mesmo? Prometo não importuná-la mais, meu amor.

— Não! Não fale assim, corta minha alma. Até parece que não sabe o quanto sofri por estar longe de você. Imaginei que jamais te veria de novo ao cair daquela escada.

— Suas boas obras te salvaram, menininha. Se não fosse tão obstinada, eu pouco poderia fazer por você.

Samus observava, com carinho, o ambiente ao redor. Sentia o cheiro cítrico das folhas secas, a areia granulada sob as botas, as rochas encrustadas de pequenos espelhos naturais... Sua história era intimamente interligada com os mundos em que visitara. Eram inúmeros: Zebes, o grande lar adotivo, hoje existia apenas em suas memórias. Foi no planeta hostil para humanos que os Chozo lhe deram a oportunidade de seguir vivendo. Power Suit, Missão Zero, a segunda incursão, a morte da grande larva... Tudo girava em torno de Zebes. Em SR388, outro mundo agressivo à sua integridade, praticamente erradicara a espécie que possuía um passado tão dramático quanto o seu. Criados para serem os guerreiros supremos da natureza, sucumbiram diante da ganância de indivíduos mal-intencionados. O único indivíduo restante fez com que a vida brotasse dentro dela, firmando um laço eterno. Passara também por Aether, Tallon IV, Elysia e tantos outros, cada um com uma parcela considerável na moldagem de seu caráter. Analisar cada mínimo detalhe de K-2L levava a um resumo de tudo que vivera anteriormente.

Nadia retomou o assunto do invólucro plástico, evitado desde o momento em que recobrara a consciência na Gunship após o resgate. Apesar do desinteresse, Samus contou-lhe que as fitas MeMS continham relatórios inúteis sobre missões passadas e não mereciam atenção. O desprezo para com o objeto era grande a ponto de sugerir a sua destruição, pois nada que estivesse registrado mudaria o curso de suas vidas. Por outro lado, Nadia insistia em preservá-lo, sobretudo pelo ano impresso. A depender dela, daria um jeito de acessar as informações do cartucho e ela sabia quem poderia auxiliá-la na missão particular.

Enquanto debatiam sobre o destino da pobre fita, pingos de chuva molharam novamente a terra. Samus não se importava, ao contrário da filha, ainda incomodada com o estado geral da heroína.

— Vamos voltar à Gunship! Não quero pegar um resfriado.

— Não voltarei para a nave. O que espero de K-2L não está lá.

— Como assim "o que espera"? — espantou-se. — Não disse que nada de especial te fez vir até aqui?

— Eu menti. Queria poder usufruir um pouco mais deste planeta antes de partir para a minha próxima missão.

— "Próxima missão"? — indagou com surpresa enquanto os cabelos começavam a pesar pela água absorvida. — E a história de que a missão de Melancholia seria a última?

— Venha comigo. Logo você entenderá.

Caminhando pela mata, dirigiram-se a uma pequena caverna. A área interna era acanhada, mal iluminada e não possuía ligação com o emaranhado de dutos da mina da Colina Prateada.

— Vamos nos proteger da chuva aqui dentro? Dá tempo de retornar à Gunship. Não está tão forte e...

— Afaste-se — ordenou a mais experiente.

Fechando os olhos, Samus sentiu uma intensa energia envolver o seu corpo. Sob os olhos atentos e desconfiados de Nadia, induziu o estado de transe que acompanhava as transformações ou aquisições de novas armaduras. Desta vez, porém, nada aconteceu com o seu corpo, mas sim com o espaço à sua frente. A aura branca que a envolvia foi transferida para um pequeno ponto, que ganhou tamanho e massa até se parecer com um mini portal. Nadia, assustada, armou o Gamma Beam mesmo sem vestir a Omega Suit, deduzindo que aquilo poderia ser uma cilada. Ao reabrir os olhos e se virar para trás, Samus pronunciou, abatida:

— Adeus, Nadia.

Aquela foi a gota d'água para a garota entrar em desespero. Enquanto tentava conter a sua mãe, atirava contra o elíptico espelho que absorvia os disparos sem sofrer nenhum dano.

— Não dificulte as coisas, meu amor... Só doerá ainda mais. Não podemos adiar o inevitável.

— Tudo é evitável! Você não vai cruzar este maldito portal! Não aceito que me deixe sozinha mais uma vez!

— É a minha missão, filha. É o meu destino. Existem novas guerras para serem lutadas do outro lado.

— Malditas guerras! Malditos Chozo!

Em um ato alucinado, Nadia vestiu a Omega Suit, tentando, assim, danificar o inabalável portal. A filha agarrava a cintura da mãe como uma criança desesperada, mas o chamado era mais forte que ela. Nada poderia ser feito contra o destino.

"Fique bem, meu amor" foram suas últimas palavras antes de mergulhar o rosto deteriorado no permissivo objeto — para que uns pudessem sair, outros teriam de entrar —. A mais nova, em uma última tentativa, dispôs-se a ser levada junto, entretanto, o portal era sólido para ela como um bloco de vidro. Seu corpo era impenetrável na barreira física.

Assim, Samus desmaterializou-se diante de seus olhos. O portal seguiu aberto, mas nada podia ser visto através dele, tornando o outro lado um imenso mistério. A angústia de Nadia nem sequer a permitiu observar quando pequenos pontos coloridos foram cuspidos pelo espelho antes dele se fechar para sempre.

Ao cruzar o portal, Samus teve o corpo purificado. As mãos foram reconstruídas, assim como a pele e unhas. O rosto tornou-se novamente saudável, pois não repuxava tanto ao chorar como antes. A luz do lado oculto era branca, forte a ponto de causar dor nas pupilas, não lhe permitindo identificar o ambiente. Virando-se de costas à fonte luminosa, pôde ver com detalhes o desespero de Nadia, que tentava ferir, a todo custo, a divisória que se fechava. A cada leitura labial de seu nome, uma flecha rasgava o seu cansado coração. Não adiantou tentar enganar a sua descendência: elas sabiam se tratar de uma travessia sem volta.

Diante de sua impotência, ajoelhou-se com as mãos no rosto, chorando sem parar. Toda a fama adquirida por sua bravura e técnicas jamais vistas foram inúteis quando ela mais precisou. Como fora desde sempre, mais uma vez acabou vítima de escolhas alheias. Na terra desconhecida, sentiu quando duas mãos de tamanhos diferentes tocaram os seus ombros, consolando-a. Arrasada, virou-se.

Em pé, um casal cujo rosto não podia ser identificado devido ao brilho de fundo. O homem trajava um uniforme militar, com munições presas ao cinto. A mulher, de cabelos curtos e roupas largas, sorria ao olhar de volta para o marido. Ambos os corpos eram formados por uma trama de linhas e colunas que davam a noção de tridimensionalidade. Ao olhar para o próprio corpo, Samus notou ser como eles.

Nenhuma palavra entre eles foi trocada. Os três, reunidos pela primeira vez em mais de cinquenta anos, teriam uma vida inteira de paz pela frente para passarem juntos o que lhes fora ceifado nas estéreis planícies da agora colônia fantasma de K-2L.

***

Deitada em posição fetal no piso arenoso repousava Nadia, sozinha e órfã. Seu espírito estava atordoado e já não tinha mais forças para gritar. O longo tempo de preparação para aquela missão pessoal terminou com um inesperado desfecho amargo. Uma luta em vão, cuja recompensa foi a perda de seu maior tesouro. Morrer queimada no fogaréu de Melancholia não seria tão brutal quanto o que acabara de experimentar.

Mais acima, as pequenas luzes circulavam livremente. Como vaga-lumes, aguardavam para ser coletadas. Não importava o que cada uma daquelas diminutas esferas energéticas significasse: nada seria capaz de curar o dano irreversível de sua alma.

Até que uma delas se aproximou.

A poucos centímetros de distância da mão direita do inconsolável esboço de heroína orbitava o ponto brilhante, implorando para ser tocado e absorvido. Em um movimento involuntário, Nadia estendeu os dedos, encostando na brilhante bolinha. Naquele instante, sentiu como se houvesse um segundo coração batendo síncrono em seu peito. Era a última lembrança que Samus deixou como uma forma de jamais abandoná-la. Sua companhia após a cruzada seria ainda maior que durante o tempo em que estiveram na mesma dimensão, pois, agora jamais deixaria sua filha sozinha, como ocorrera em tantas ocasiões.

Longe de tudo e de todos, sacudiu as roupas e retornou para a Gunship, onde remoeu tudo o que viveu ao longo dos vinte e seis anos. Mesmo com a dor da perda, ela teve a oportunidade de conviver com a progenitora durante um bom tempo, algo impossível para aquela que acabou de partir. A ruptura foi brutal, porém, já esperada: a vida haveria de cobrá-las pela longa boa sorte. Sendo a única descendente híbrida entre humanos, Chozo e metroides, teria de lidar com sabedoria com o novo fardo, pois não existia mais ninguém para compartilhá-lo. Assim como

ocorrera com sua mãe, viajaria, dali em diante, sozinha pelo Cosmos, de modo a proteger os indefesos e evitar massacres como os ocorridos em milhares de colônias, como em K-2L. Sua alma livre estava em um aparente cativeiro, mas era necessário encontrar novamente a sua paz. A eternidade do legado de Samus Aran dependia das futuras ações de sua prole, a nova Guerreira Suprema, que ainda tinha muito a aprender.

***

SUA TAXA DE CAPÍTULOS LIDOS É DE 100%

ATÉ A PRÓXIMA MISSÃO!

EPÍLOGO

Relatório número 0001 de Perpetua.

Nada será como antes. O fim dessa missão catastrófica só demonstrou o quanto somos reféns de nossas próprias histórias. É impossível que uma trama mal iniciada termine com um final feliz. É ilógico. É irracional.

Agora definitivamente órfã, tenho como lembrança apenas o sangue que corre em minhas veias. Um sangue carregado de maldições de toda sorte ao longo de quase sessenta anos de idas e vindas desde a destruição da colônia. Por mais que ela já não esteja aqui, sinto o pulsar de seu coração na mesma frequência dos meus batimentos. Esteja onde estiver, tenho certeza de que ela sente o mesmo.

Entre seus espólios de guerra, herdei algumas das ferramentas originais da Power Suit. Ao partir, ela deixou, na forma de microesferas, o Speed Booster, o feixe de onda e o raio triplo, que hoje preenchem o visor da XeNA Suit. De coração, não gostaria de tê-las obtido. Não dessa forma.

Visando injetar-me um pouco mais de ânimo, o Reino de Synthrexia forneceu-me um lastro emocional. O guardião daquelas terras metálicas, meu grande amigo Synthrex… como amo aquele robô… concedeu-me a dádiva de possuir uma autom com as feições daquela que me deixou há pouco. A célula MeMS roubada d'O Grande Abismo permitiu que reconstruíssemos a compilação da consciência de minha mãe registrada logo após os eventos em B.S.L. Máquinas realmente pensam em tudo: Synthrexia possui hoje uma imensa estrutura para codificação e decodificação deste tipo de arquivo, servindo agora como fonte segura de informações eletrônicas confidenciais da Federação Galáctica. Enquanto Synthrex e eu discutíamos sobre a segurança daqueles dados e a atualização de minha nave, já que o prudente amigo metálico insistia na fusão entre a Gunship e Aeterna V, Ida tratou de ajustar manualmente a defasagem de mais de vinte anos desde a geração da fita. Ao passar a compilação orgânica para o 'chipset' virgem, veio ao mundo a nova Samus, com sua disciplina e trejeitos

estereotipados de heroína em um corpo de metal. Posso me gabar de ter em mãos uma cópia quase perfeita daquela figura tão especial que me deu a vida.

Eu disse "quase" perfeita. Ela não se lembra de mim. Ela não sabe como foi dar à luz. Não sabe o que é penar pela distância, o que é formar alguém, o que é sofrer ao ponto de se sacrificar, mas... ela me ama. Assim como a verdadeira Samus me ensinou o que é a chama que aquece o peito, tomei a responsabilidade de ensinar a esta máquina o que é o amor, e ela aprendeu com perfeição.

Não posso ser injusta e dizer que máquinas não amam. Synthrex e Ida não me deixam mentir, porém, há uma diferença colossal que nos separa. O amor que esta ginoide sente por mim é incondicional, porém, artificial. Se não fossem as linhas de código inseridas à força em seu 'core', provavelmente eu não representaria nada para ela, mas, ainda assim, sei que me ama verdadeiramente.

Temo pelo dia em que eu não estiver mais aqui: tenho consciência de que meu corpo não durará para sempre. Ela me verá definhar e, assim como a verdadeira Samus, definhará por dentro, em um sofrimento eterno. Eu a condenarei a este maldito fardo unicamente para suprir minhas necessidades.

A indefesa menina que corria nos campos estéreis de K-2L continua mais viva do que nunca. Confinada em uma nave e envolvida por um sentimento mecânico, embora legítimo, repouso em seus braços e entrego-lhe os meus medos. Enquanto acaricia meu cabelo desleixado, ouço sua voz entoar canções de ninar. Por um breve instante sou enganada, mas o batimento de meu coração orgânico traz-me novamente à realidade: apenas o meu corpo não cruzou aquele portal.

Assim será daqui em diante. Só nós duas, presas em uma nave obsoleta e sem recursos, em direção ao desconhecido e sem ter para onde ir, assim como foi no começo de tudo. Um novo ciclo se iniciará com novos personagens e cenários. Sou Nadia Aran, ou Aran II, ou "a criatura", ou "a cobaia magna": a última sobrevivente do programa de manipulação de espécies. Fim da transmissão.

Material complementar

Serão apresentadas nesta curta seção algumas curiosidades sobre o desenvolvimento da trama, referências utilizadas, folhas de personagens (*model sheets*) e mais.

NADIA ARAN

- Apresentação

Embora Metroid seja uma franquia longeva, o espaçamento entre os jogos mais a falta de material audiovisual complementar (filmes, séries animadas, livros e até mangás regulares) deixa grandes buracos na história, sendo alguns pontos abordados superficialmente ou até ignorados por completo, apesar das citações. Quem nunca imaginou como seria o dia-a-dia dos caçadores de recompensas fora da Federação Galáctica? E os concílios com representantes de inúmeras civilizações? Na condição de um fã qualquer, sempre tive curiosidade de entender essas e outras questões, mas nunca obtive respostas. Portanto, não tive outra alternativa a não ser escrever as minhas próprias impressões. A questão era: como fazê-lo sem ferir os escritos da Nintendo? Pelo fato de o enredo de *Nadia: a Guerreira Suprema* ser muito diferente dos canônicos, tive de avaliar o risco de rejeição por conta de alterações consideráveis nos eventos mostrados nos originais. O uso de novos personagens me permitiu maior liberdade criativa, algo que jamais teria caso usasse Samus como protagonista dos novos atos. Certas coisas devem ser mantidas intocadas.

- Construção

O primeiro passo foi criar uma heroína livre do estereótipo de heroína, ou seja, que não escondesse suas falhas como humana (justamente um dos pontos que me faz gostar tanto do Batman). Nada aqui é ocultado. O que vemos é uma evolução natural da personagem conforme ela adquire vivência, não muito diferente do que experimentamos na vida real. É óbvio que seiscentas páginas não são suficientes para contar a vida de uma pessoa, mas, a considerar que Nadia é uma personagem criada unicamente para esta obra, temos um bom parâmetro de sua personalidade.

- Aparência

Para definir a constituição física da protagonista, fiz um experimento interessante antes mesmo de esboçá-la. Não é mistério para ninguém de que há descontentamento por parte das mulheres em relação ao perfil das personagens femininas nos jogos. A própria Samus, inclusive, costuma aparecer mais sexualizada que o necessário, embora vê-la em trajes inferiores, a depender do desempenho do jogador, já faz parte da "tradição" da franquia. Pensando nisso, decidi realizar uma pequena enquete com uma dezena de amigas para descobrir o que elas gostariam de ver em uma protagonista inserida em um contexto espacial. Em uma pesquisa não condicionada, de respostas livres, obtive como resultado médio uma personagem de elevada estatura (mais de 1,80m), voluptuosa, de pele branca, cabelos longos e escuros, de roupas justas e brilhantes, portadora de uma pistola no melhor estilo *raypunk*. Resumindo, o que elas esperavam ver era um misto de Dee D. Jackson e Barbarella. Uma grata surpresa, sobretudo por se tratar de duas *sex symbols*.

Entretanto, este pequeno estudo pouco influenciou na minha tomada de decisão. Meu objetivo, desde o início, foi construir uma personagem de perfil atlético, claramente inspirada em ginastas. O corpo feminino, quando submetido ao treinamento exaustivo e rotineiro, perde gordura e se torna mais "quadrado", ou seja, as grandes e sedutoras formas sugeridas na pesquisa de campo seriam incompatíveis com este padrão.

A bela aparência de Nadia Aran é resultado da intervenção do Renato. Os primeiros esboços feitos caracterizavam-na como "[...] uma personagem de beleza ordinária". Em outras palavras, ela não seria bonita e até surgiriam piadas acerca disso na história. "O que acha da Erin Timony, ou Goodnight Moon?", questionou o co-criador. Se o cara que me serviu de leitor beta sugeriu, o que eu poderia fazer a não ser ouvi-lo? Por sorte o atendi. Dele também veio a sugestão dos olhinhos estreitos, porém, não orientais como foi ventilado em nossas conversas. Com a minha preferência por pálpebras ocidentais, chegamos a um meio-termo aqui.

Os cabelos, tanto a versão curta quanto o desgrenhado final, já apareciam nos primeiros esboços. A motivação por trás do modelo curto foi a fácil manutenção, além de transmitir leveza e agilidade nos movimentos (a inspiração foi o corte adotado pela ex-patinadora norte-americana Dorothy Hamill). O penteado bagunçado, de franja volumosa e tingida, é uma clara referência aos anos 1980, época que dita a estética de todo o ato III. Um corte semelhante pode ser visto na capa interna do disco *Shandi*, da cantora homônima, datado de 1980.

A perda do braço foi uma forma simples e objetiva para explicar o paradoxo de onde estaria o braço de Samus após a materialização do traje (tudo fica mais fácil quando não há um tecido orgânico para "atrapalhar"). Além disso, o apêndice metamórfico garantiu uma liberdade ímpar que nem mesmo o canhão de braço original poderia fornecer.

- Nome

Ha uma porção de razões para eu ter escolhido Nadia. Em primeiro lugar, a questão tipográfica. Tive o cuidado de buscar um nome de cinco letras para casar com o espaço ocupado por "Samus Aran", pois um nome muito comprido causaria desalinhamentos em artes conjuntas com as duas. Decidido o tamanho, era necessário encontrar um nome comum em vários idiomas (Nadia é encontrado na língua portuguesa, espanhola, inglesa, italiana, francesa, romena, russa e árabe), vindo a minimizar os problemas de pronúncia caso a obra seja traduzida para outros idiomas. Por último, a inspiração em Nadia Comaneci. Estava feito.

- Trajes

De longe, a parte mais divertida. Quem analisa os esboços logo imagina um vínculo com a Metroid Suit apresentada em *Metroid Dread*, porém, isso é uma inverdade. Os primeiros estudos sobre o traje de Nadia surgiram ainda em 2017, na forma de *pixel arts*.

Seguindo o conceito original da obra, foi prevista a evolução natural do traje com avançar do enredo. Todavia, o plano inicial era de que o aperfeiçoamento da indumentária seria dividido em quatro fases (Alpha, Gamma, Zeta e Omega, cada uma delas apresentando as características próprias dos estágios de vida dos metroides). Visando a simplificação e reaproveitamento de conceitos, uma das fases foi suprimida.

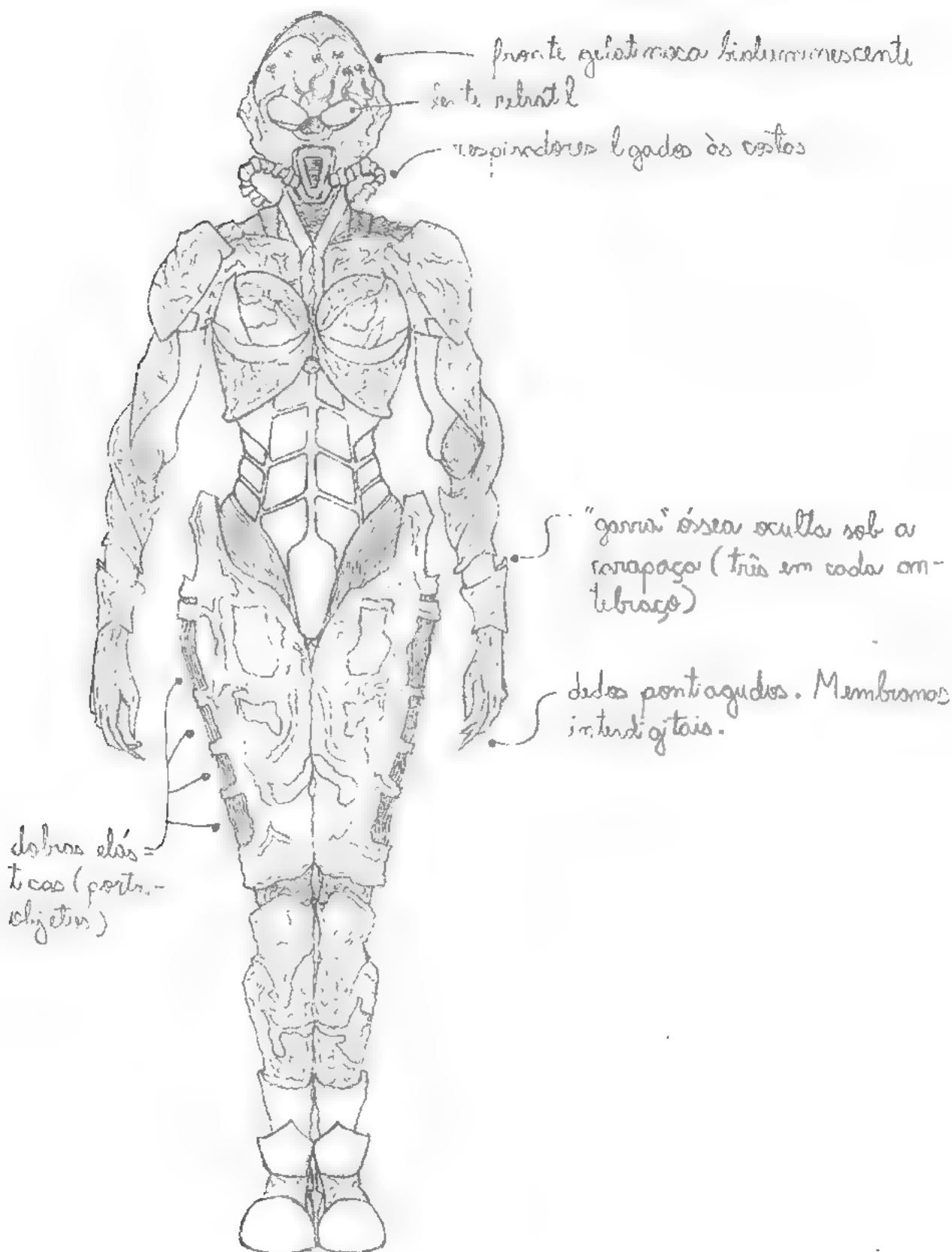
A aparência final da Biosuit é fruto da criatividade do Renato (mais uma vez!), que mesclou com maestria componentes orgânicos e tecnológicos. Meu trabalho aqui foi apenas opinar na paleta de cores (próxima à apresentada no corpo dos metroides de AM2R) e em alguns detalhes sutis. O restante foi criado a partir dos escritos da própria obra. Mais uma vez, Renato, te agradeço por esse trabalho magnífico.

A Omega Suit foi imaginada como uma armadura simples do ponto de vista funcional. A tecnologia estampada não traria tanta robustez do ponto de vista estético, sendo o traje semelhante ao encontrado nos belos trabalhos de Hajime Sorayama. Com o passar dos meses, porém, acabei tornando-o mais semelhante à Power Suit por questões de assimilação. Um detalhe interessante na Omega Suit é o fato de esta trazer a viseira transparente, pois, a maioria dos heróis costuma usar máscaras ou viseiras escuras para esconder a fisionomia. Com uma viseira translúcida, estariam disponíveis todos os sentimentos de alguém que não tem mais nada a esconder. Por fim, a XeNA Suit, de aparência híbrida entre os dois trajes anteriores. Os designs de ambos os modelos eram bons demais para serem descartados em definitivo.

Respeitando a tradição da franquia, há também a Zero Suit correspondente. No lugar de roupas justas, vestimentas mais esportivas, de cores sóbrias, que ainda destacam a feminilidade da personagem sem parecer forçado. Para a versão utilizada nas ruas, um traje militar com certa influência da estética *dieselpunk*. Um ponto interessante aqui é o capacete parcial apresentado no final intermediário de *Super Metroid*, peça jamais reaproveitada nesses vinte e tantos anos.

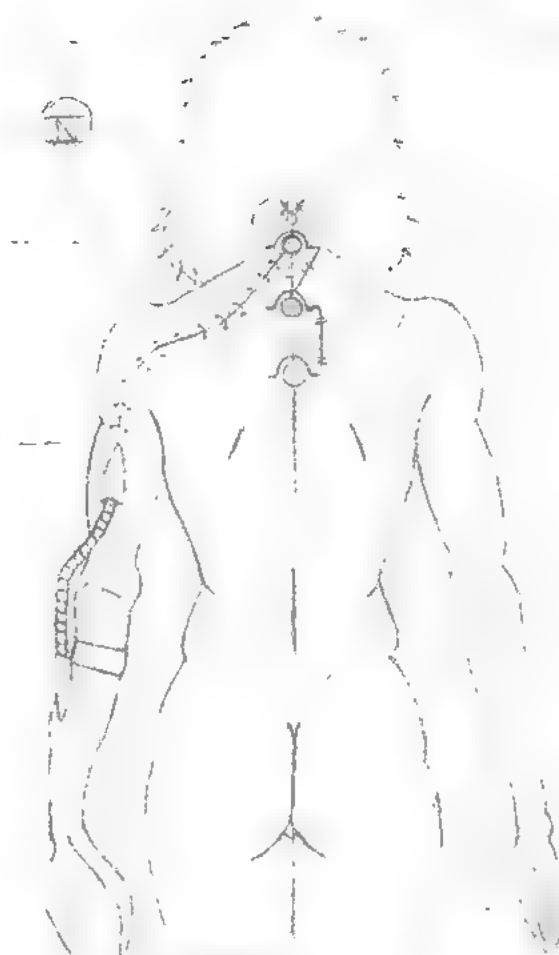
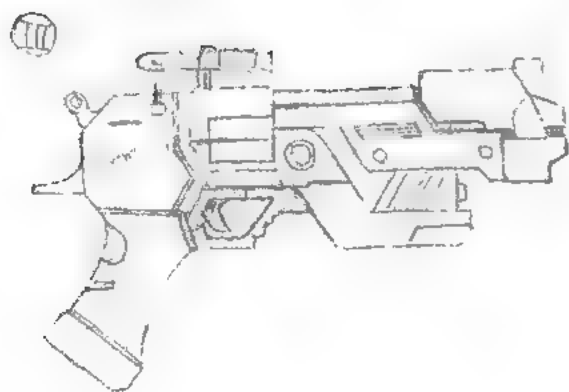
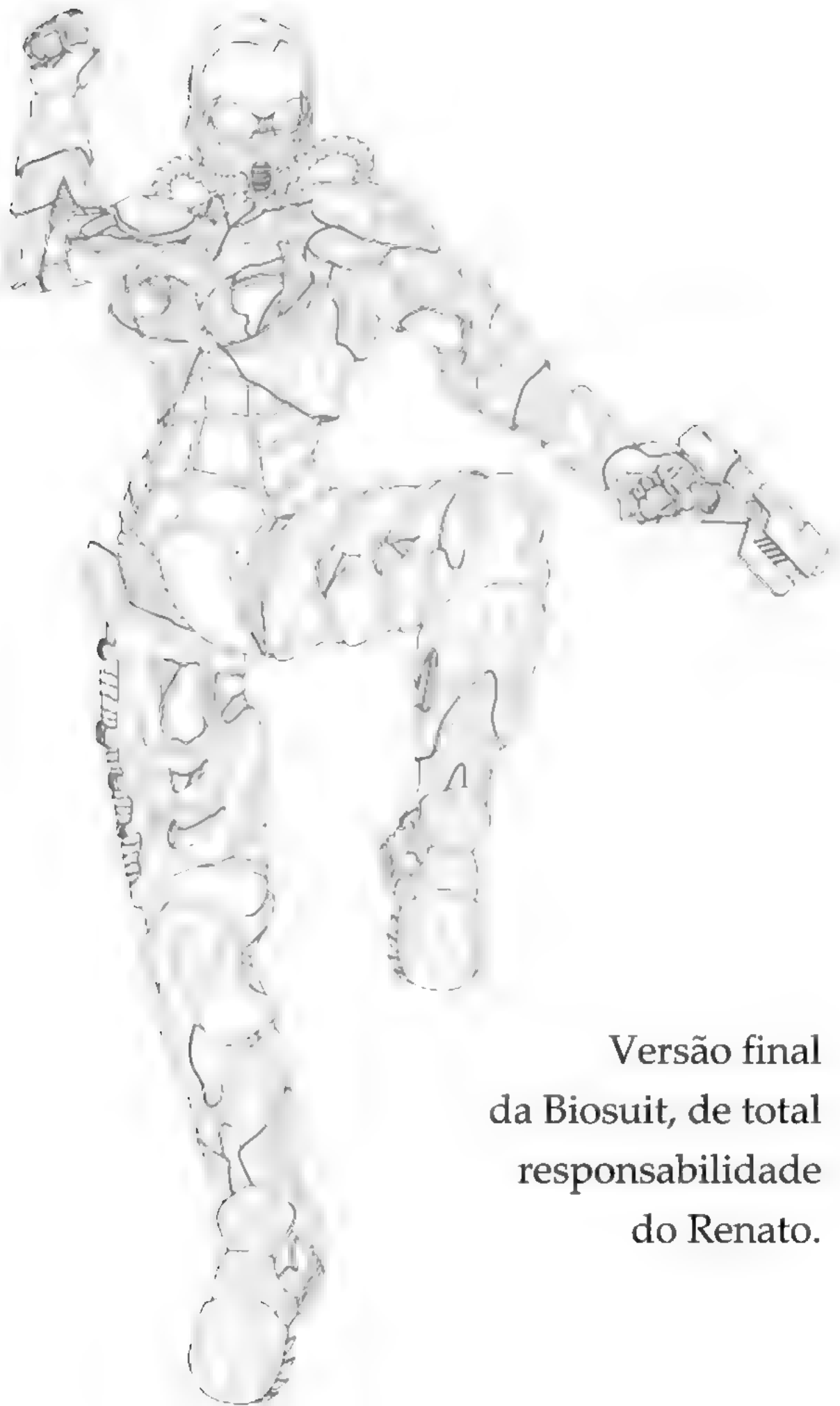
FICHA 01 — NADIA

FICHA 02 – BIOSUIT

(CONCEITO DE RENATO S.)

FICHA 03 – BATALHA AÉREA

FICHA 04 — ZERO SUIT

FICHA 05 — OMEGA/XeNA SUIT

FICHA 06 — MISCELÂNEA

Nadia, por
Renato Santos.

Versão final
da Biosuit, de total
responsabilidade
do Renato.

SAMUS ARAN

A heroína que tanto amamos, agora com uma roupagem distinta.

Não me vejo no direito de manipular uma personagem já consolidada. Com uma protagonista de personalidade distinta da de Samus, *Metroid* provavelmente não existiria (Team Ninja que o diga). Portanto, para desenvolver uma trama tão extensa com intervenções severas no enredo, ora mais ou menos enredada com a trama original, eu precisava manter Samus longe dos holofotes.

A história trata de emoções, boas ou ruins. A personalidade da caçadora de recompensas nunca foi abordada com tanto afinco na franquia, com exceção do infame *Metroid: Other M*, de recepção desastrosa, mas eu precisava escrever sobre. Há inúmeras formas de abordar sentimentos sem acabar com as peculiaridades de uma personagem firme e, até certo ponto, fria consigo própria. Qual seria o único fator capaz de abalar até mesmo os guerreiros mais implacáveis? A maternidade, decerto. Não uma maternidade empurrada goela abaixo, como o adotar da larva metroide, mas uma maternidade genuína. Gerenciar suas emoções e mostrar os dois lados de sua pessoa ao traçar um paralelo com as lembranças mais antigas foi tudo o que precisei.

Respeitando o avançar da escala temporal, tive de fazer diversos ajustes em sua aparência. O primeiro ponto foi reaproximá-la das origens, ou seja, das referências que nortearam a construção de Samus durante o desenvolvimento do título para o NES. Os cabelos longos e esvoaçantes de *Super Metroid* retornaram, assim como a fisionomia mais próxima da atriz Kim Basinger. As marcas do tempo são indispensáveis, assim como a pinta próxima à boca, característica já estabelecida.

FICHA 07 — SAMUS ARAN

Uma representação mais fiel aos primeiros esquemas da personagem (1986-1994). Apesar de existir uma padronização pós-Metroid Zero Mission (2004), optei por referenciar a origem, pouco lembrada nos dias atuais.

DAWN ARAN [EVE HALL]

Você confia, de corpo e alma, na Federação Galáctica?

Pode parecer estranho ou até paranoico, mas sempre enxerguei a organização-mor com muita desconfiança. Por que enviar Samus Aran sozinha para missões dadas como impossíveis? Não seria mais sensato enviar um grupo de exploradores a fim de auxiliá-la nos trabalhos?

Brincadeiras à parte, as atitudes demonstradas durante os jogos nos levam a crer que poucos transtornos ocorreriam se não fosse certa má vontade ou até incompetência da Federação em proteger o Cosmos, principalmente após o final para lá de suspeito de *Metroid Fusion* (muito criticavam os piratas espaciais por desenvolverem um programa de clonagem de metroides, mas fizeram exatamente o mesmo, isso sem contar o estranho armazenamento dos restos contaminados da Power Suit em B.S.L.). Como quase todos os personagens ligados à alta cúpula da Federação são humanos, por que não imaginar um vilão humano para essa história?

Pensando nisso, tive a ideia de trazer Dawn, a protagonista de *Metroid: Rogue Dawn*, para a trama. Em vez de considera-la apenas um clone malvado da heroína, tive o cuidado de aprofundar sua história e lhe dar certo carisma, transformando a controversa general em um elo entre os Chozo, piratas espaciais e a Federação. Nenhum outro antagonista cairia tão bem quanto ela nesse papel de tirania. Confesso que desenvolvi simpatia pela personagem e até sinto um arrependimento por tê-la eliminado. Mesmo Dawn possuindo aparência canônica em seu próprio *romhack*, tomei a liberdade para criar uma estética própria, inspirada em Kim Wilde (se pensou na Kim Basinger, inspiração para a Samus original, e viu algum fundamento na escolha, pensou certo).

FICHA 08 — DAWN ARAN

Embora Dawn possua 61 anos cronológicos, seu estado aparente equivale a menos de trinta anos devido ao experimentos [illegible].

EMMA

Birrenta, sonhadora e vaidosa. Esta é Emmeline Rose, um dos pilares da Cosmic Curves.

Com ela, pude abordar temas importantes, como o preconceito e a marginalização de certas comunidades, sem ser ofensivo a quaisquer populações humanas reais. Um dos objetivos em torno de Emma era enfatizar que ações depreciativas sempre existiram e sempre existirão, mesmo diante da descoberta de novas espécies inteligentes, muitas delas totalmente diferentes de nós. Forma-se, então, uma grande hipocrisia, pois humanos de Beta Altaya continuam sendo humanos, apesar de não serem tratados como tal por seus "semelhantes". Outra questão levantada através de Emmeline é que nem todas as pessoas possuem grandes ambições e está tudo bem por isso. Pessoas distintas, vocações distintas.

A altaica teve diversas inspirações. Logo de cara, notamos um tributo à pele rosada de Samus no primeiro jogo da franquia quando se era aplicado o código "Justin Bailey" na tela de *password* (nota: não há nenhuma ligação entre a Samus do primeiro jogo e os colonos de Beta Altaya. É apenas uma homenagem). A aparência peculiar aborda a possível evolução humana caso venha a existir colonização espacial no futuro. Suas vestimentas respeitam a moda da década de 1980 e o cabelo é inspirado em Jee Bee e Michelle Rose, integrantes do grupo musical Ciao Ciao.

FICHA 09 — EMMA

FICHA 10 — EMMA

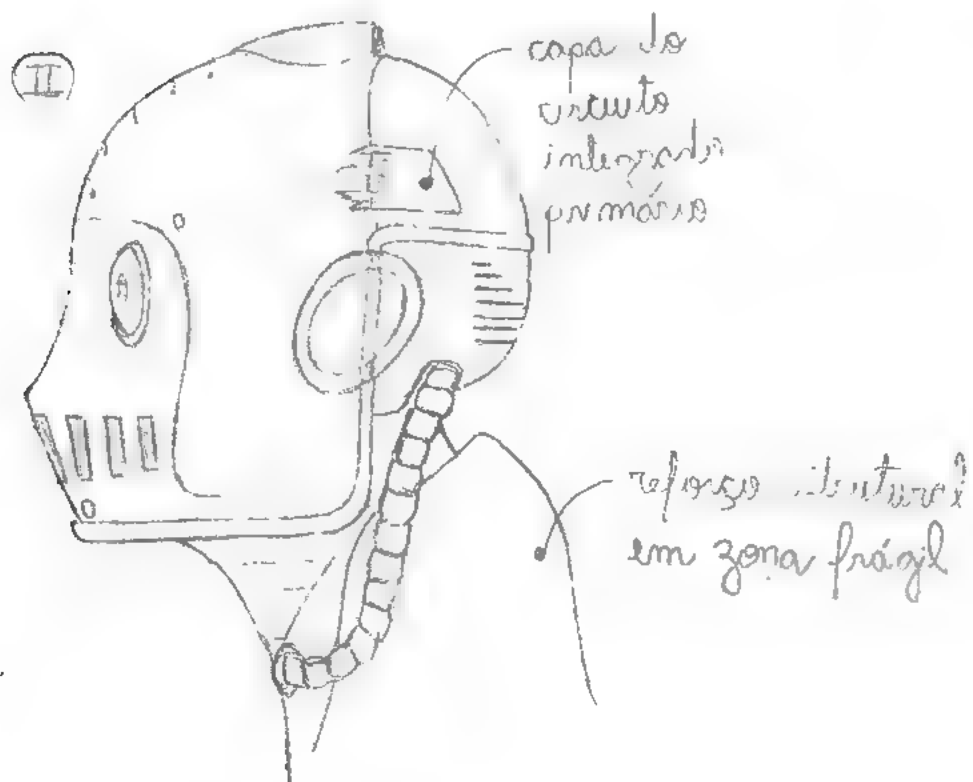
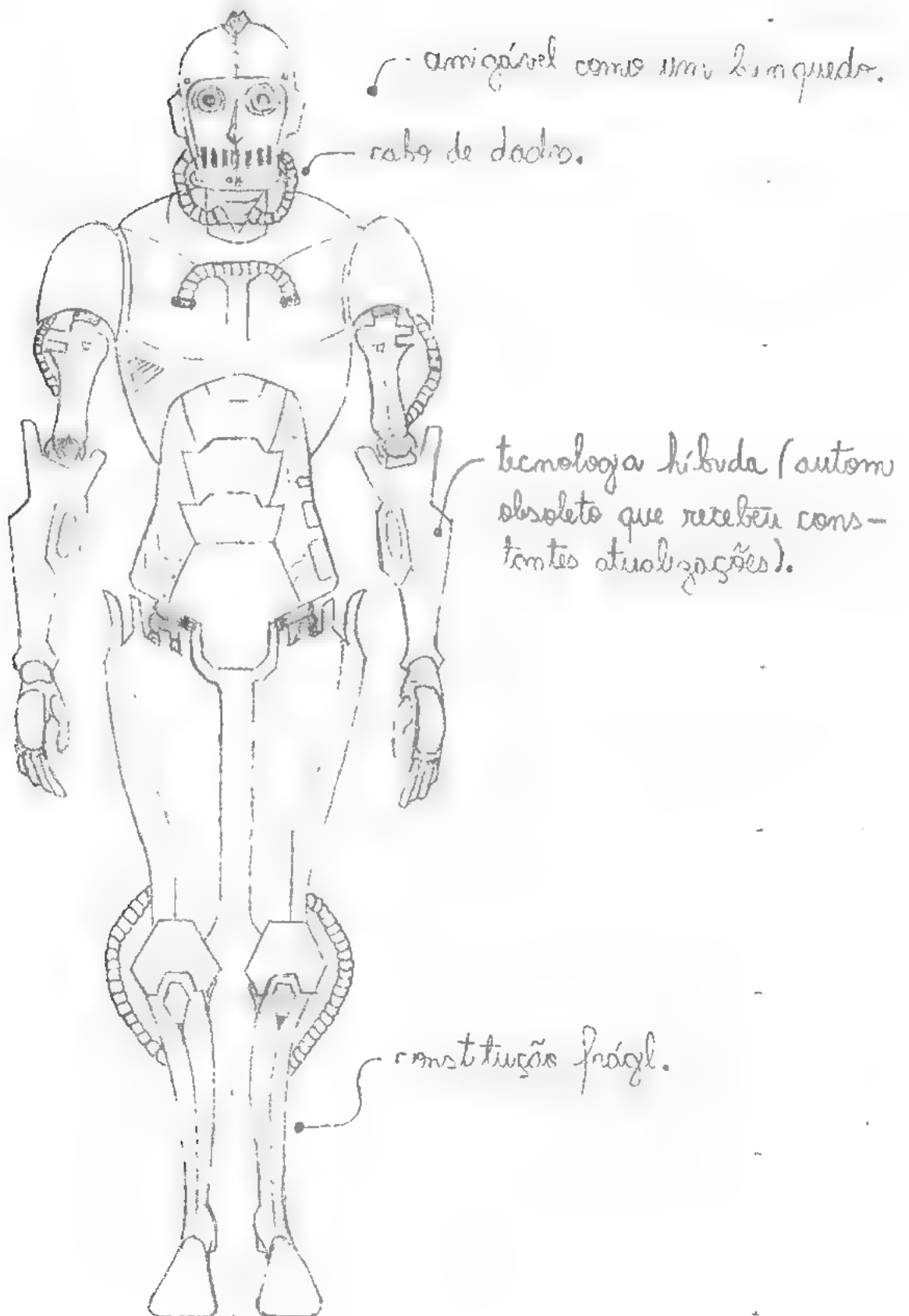
SYNTHREX

O autom que abriu mão de sua imortalidade em nome do amor.

Depois de Nadia, este é o meu personagem favorito. Seu conceito inicial diferia muito do apresentado na versão definitiva. Se hoje Synthrex representa um personagem de apoio, nos esboços ele seria um dos personagens principais do segundo volume da obra. Como líder da Cosmic Curves, lideraria uma equipe de cinco indivíduos. Em uma situação não detalhada, acolheria Nadia em seu bando e, com a vivência diária, acabaria sendo o responsável por adequá-la ao hostil ambiente de Umbra II-C. Perdendo todos os outros colegas em acidentes, batalhas e por doenças, teria na novata a sua última companhia após se apaixonar por ela. Com a recusa da humana por conta das naturezas distintas, Synthrex mergulharia em sua missão final, muito parecida com a cena de Galahad. Um enredo épico para um personagem igualmente épico.

A condensação dos três volumes originais em um único me obrigou a fazer mudanças consideráveis. Com o reaproveitamento de Ida, remanescente do ato II, vi a brecha para não o matar, além de colocar em voga certos contextos atrelados ao personagem desde os primeiros rascunhos: o valor da vida não-humana, imortalidade, ato da criação e o contraditório desejo de se colocar como um ser inferior para compreendê-lo.

Para a sua aparência, optei por mostrar um artefato mecânico altamente degradado, diferente do original, onde ele seria um humano perfeito esculpido em metal polido, o que lhe conferia um aspecto assustador, para ser sincero. Possuindo uma longa vida útil, passou por diversos processos de atualização, expondo em seu corpo peças de gerações diferentes. Sua cabeça remete os antigos brinquedos de lata, mais uma amostra de seu caráter inofensivo e amigável. Como referência principal, utilizei C3-PO, de *Star Wars*, mais alguns bons materiais sobre retrofuturismo.

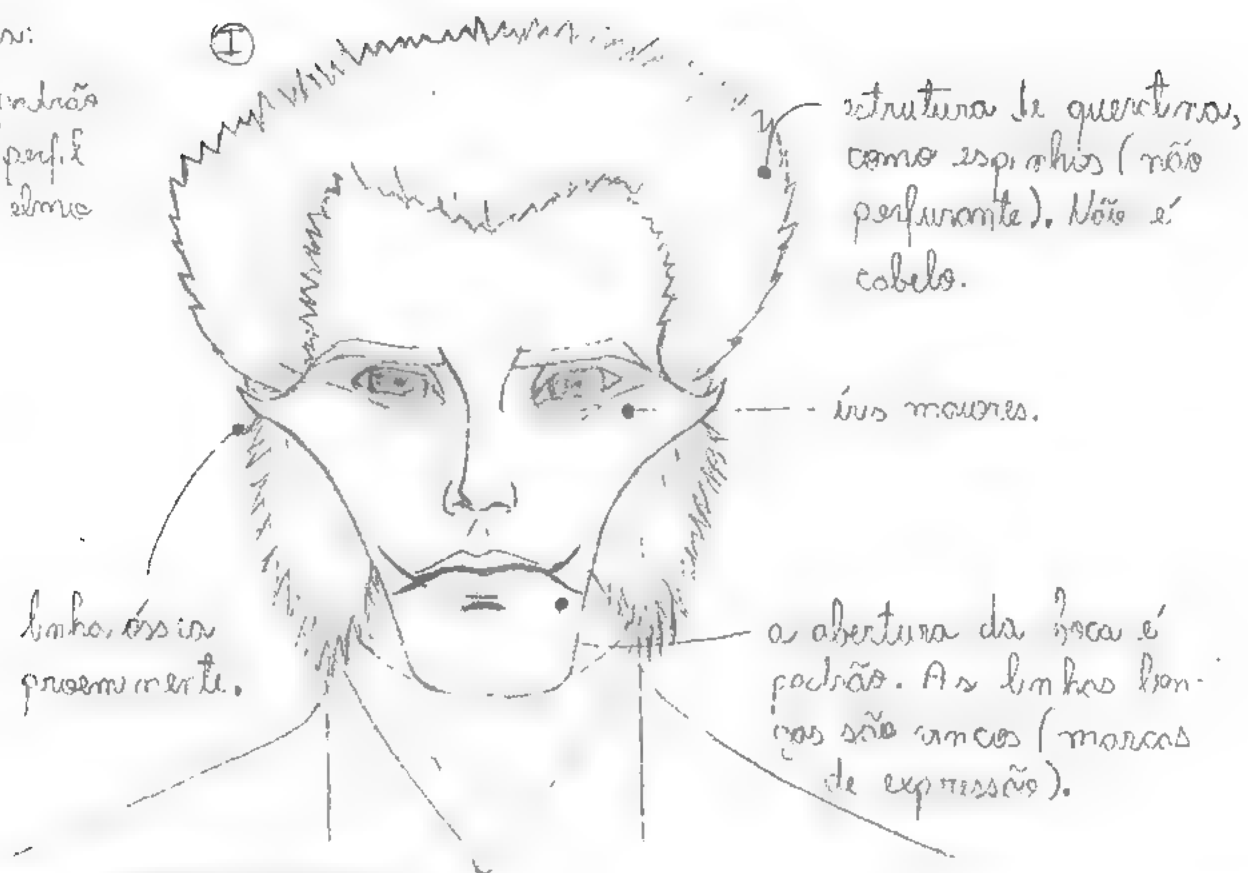
FICHA 11 — SYNTHREX

FICHA 12 — SYNTHREX

ORION

Um líder em formação.

A criação deste personagem foi algo bastante curioso e inesperado. Com a alteração profunda no contexto geral de Synthrex, acabei esbarrando na necessidade de criar um novo líder para o grupo. Orion, antes um personagem de fundo, foi o escolhido por já possuir o design definido, bastando apenas remodelar a sua personalidade.

Visto pelo próprio bando como um inconsequente, imoral e incapaz de conduzir o grupo como deveria, mostra, com o avançar da história, a razão de assumir tamanha responsabilidade. Ele nunca fez questão de esconder a sua inabilidade cotidiana, mas, ao saber potencializar as forças de seus aliados e dar a eles o espaço necessário, conseguiu unir o útil ao agradável. O jeito exibido não o fez colocar seus amigos na sombra. Pelo contrário: o sucesso individual deles garantia o seu próprio, já que não seria capaz de conseguir tudo sozinho. Seu maior trunfo foi manter a Cosmic Curves unida, mesmo nos momentos mais críticos.

A necessidade de um personagem tão pitoresco me obrigou a buscar referências igualmente exóticas. O carisma, o charme e a rebeldia expressa em cada palavra me levaram ao inoxidável Supla, tanto no "penteado" (estruturas queratinizadas, para ser exato) quanto nas vestimentas.

FICHA 13 — ORION

FICHA 14 — ORION

IDA

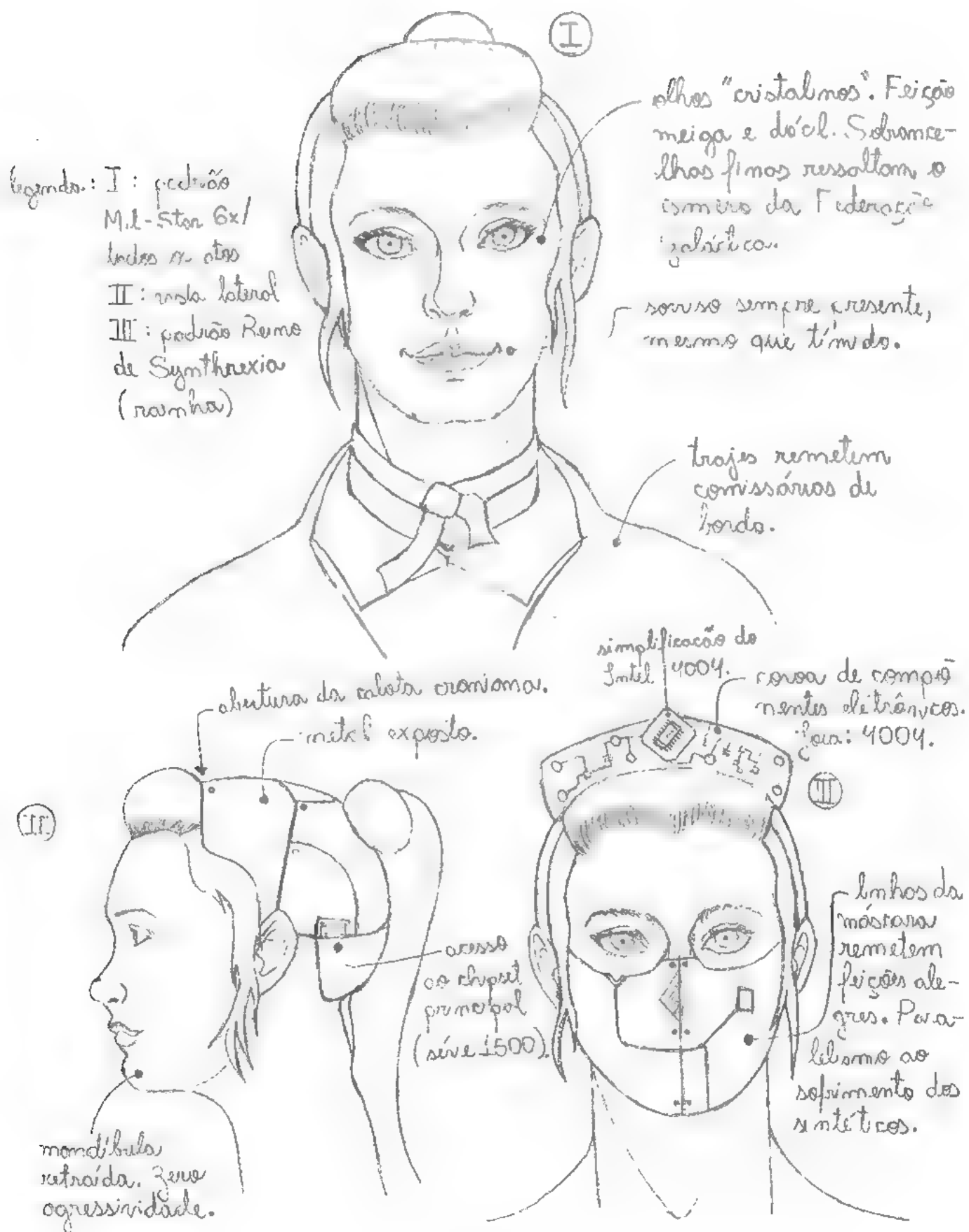
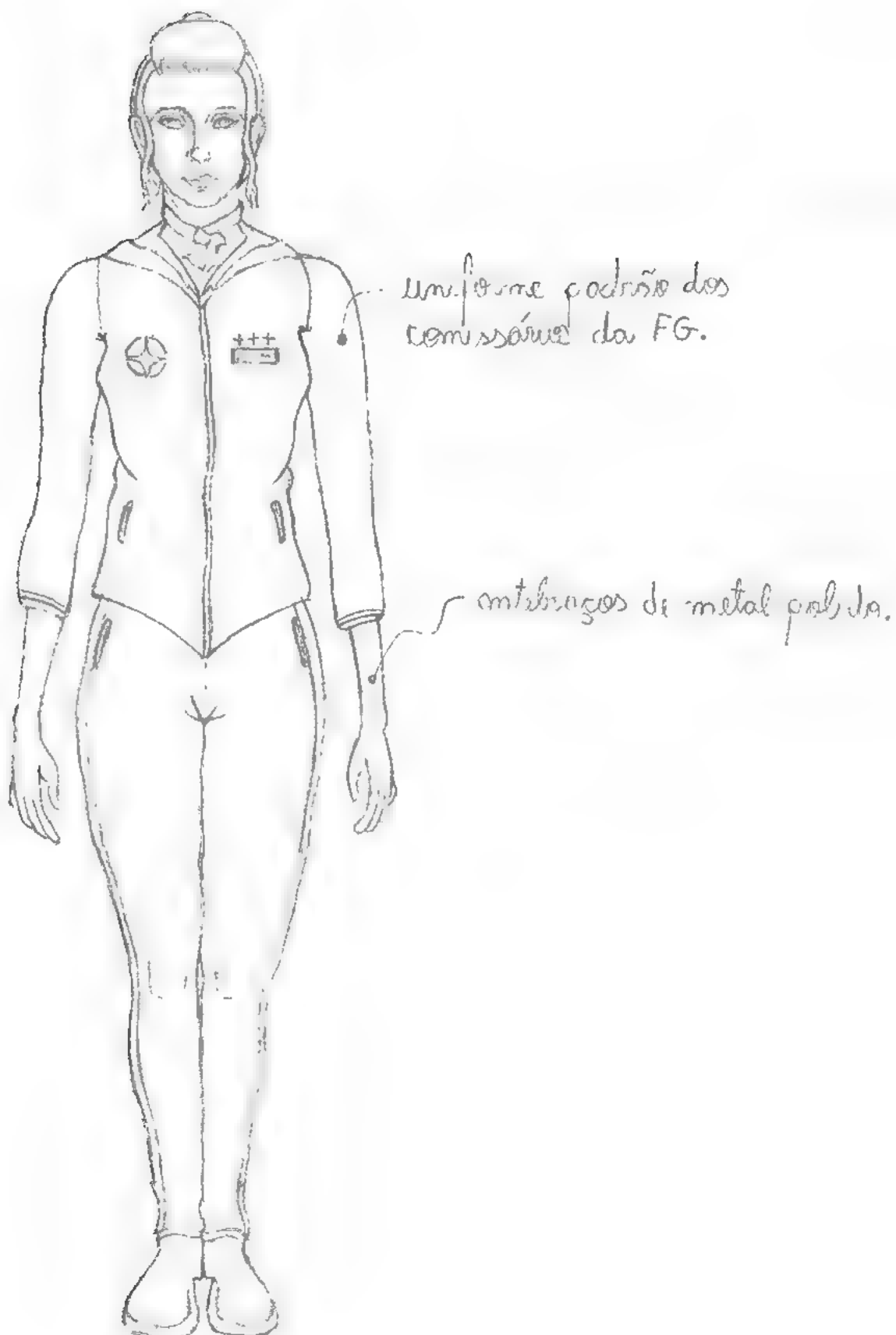
Ida era uma personagem restrita à sequência de Mil-Star 6x nos textos originais. A partir da entrada de Nadia na Câmara SR388, era a sintética quem assumiria o protagonismo da história ao orientar Simon e Tatiana em direção às docas da plataforma. Com a condensação de todos os atos em um volume único e a eliminação de boa parte do ato II, dei a ela uma nova oportunidade no final do ato central ao formar um par romântico com Synthrex, resolvendo duas pendências ao mesmo tempo (descarte da personagem e morte do adorável sintético).

O nome "Ida" faz referência ao ido, língua artificial criada em 1907 como alternativa ao esperanto, e também a Ada Lovelace, tida como a primeira programadora da história (nota: o nome original da personagem seria Ada, mas, por existir um personagem de nome Adam na franquia original, a ideia foi descartada).

Sua aparência foi vagamente influenciada pela robô *baby-sitter* de *AI: Inteligência Artificial*, interpretada por Clara Bellar.

FICHA 15 — IDA (SÉRIE 1700)

FICHA 16 — IDA

uniforme padrão dos comissários da FG.
antebraços de metal polido.

PERSONAGENS SECUNDÁRIOS

- Simon Cabot

Simon, assim como Tanya, possuía muito mais relevância durante a fase inicial do desenvolvimento, indo de quase vítima a herói. Boa parte de sua aparição foi cortada devido ao protagonismo assumido por ele junto a Tanya e Ida que, em contrapartida, colocava Nadia em condição de antagonista, podendo minar o carisma da senhorita Aran. Questionador, nunca aceitou as narrativas mal explicadas por parte de seus superiores e quase pagou um alto preço por sua insubordinação. Não há uma referência direta, mas busquei algo próximo de Dwayne Hicks, de *Aliens*.

- Tanya

A paciente doutora Tatiana Orlova serve de contrapeso à personalidade inflexível de Cabot. Assim como ele, teve sua participação seriamente reduzida após os reajustes do enredo. Há certa semelhança com Joan Lambert, de Alien, sobretudo pelo comportamento inadequado (e emotivo) em momentos de elevada pressão.

- Aat

O grande "pacificador" de Umbra II-C. Em um mundo tão agressivo, Aat é um dos poucos adeptos da paz, sendo reconhecido por sua boa relação para com todos, mesmo os clientes mais problemáticos. A taverna serve como ponto de encontro para diversos personagens, fornecendo, assim, material para as aventuras secundárias. Sua inspiração vem de um dos finais de *Metroid: Zero Mission*, onde um personagem encapuzado aparece servindo algo para Samus em um balcão.

- Iskyie

Esta "Mata Hari" espacial foi imaginada como sendo uma rival de Nadia durante todo o ato III, trecho em que há poucas referências diretas à figura de Dawn Aran. Sendo uma humana altaica, ajuda a corroborar a imagem negativa carregada por aquele povo. Com o profundo remodelar da sequência, a personagem acabou tendo a maior parte de sua atuação suprimida. É inspirada na atriz Krista Allen.

- Keunn

O faz-tudo tem papel crucial na carreira da Cosmic Curves. Embora seja constantemente acusado e difamado, não costuma agir de forma questionável com o grupo, com exceção de uma curta passagem. Dá vida aos profissionais não reconhecidos, mal remunerados e que fazem maravilhas com o pouco que tem à mão.

- Minerva

Uma jovem adolescente que vê em seus amigos a realização de um sonho: voar. Sua carreira de garçonete será substituída pelo uivar das asas assim que atingir a maioridade. Na versão alfa, era pilota da equipe Wandererz, liderada por Zoak. Sua aparência é influenciada diretamente por Emma e Nadia, vistas por ela como símbolos a serem espelhados.

- Tony

O jovem Tony assume o mesmo papel ocupado por seu pai no único título da franquia na qual ele aparece. Buscando uma aproximação afetiva com Nadia que ultrapassa a amizade, padece do mesmo mal que acometia o agora elevado a capitão. Anthony Higgs Jr é mais um personagem que teve a participação reduzida devido a ajustes.

- Alseq

Personagem complementar da história de Orion, talvez o próximo capítulo a ser escrito por mim, caso eu tenha oportunidade e tempo disponível (pretendo!). Ao explicar as lacunas da existência do Qo-hos e dar um caráter espiritual ao contexto da invasão de seu mundo, abre margem para uma aventura *spin-off* ambientada em Sigma-Rhea.

- Dasha

Personagem-tampão. Não houve um desenvolvimento especial em torno dela, tampouco referências.

- Leah

Embora também seja uma personagem-tampão como Dasha, tem um pouco mais de relevância à trama por causar atritos com o retraído Alseq. Não há referências para ela.

- Kanev

O general eleito para o cargo de comandante-geral da Polícia da Federação Galáctica. Com firmeza e honestidade, Dimitri Kanev continuará os trabalhos de seus antecessores em busca da sanitização completa da corrompida instituição. É fortemente inspirado em Adam Malkovich, embora aparente ser muito mais condescendente com seus subordinados que o falecido mandatário.

- Magenta

A medrosa e atrapalhada Magenta serve como companhia para Nadia durante a estadia nas galerias.

- Ginger

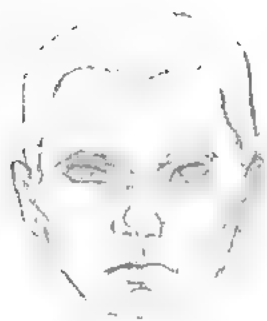
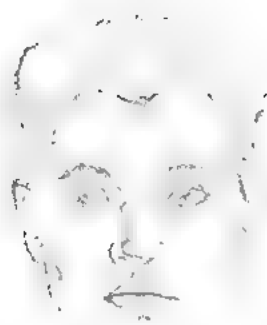
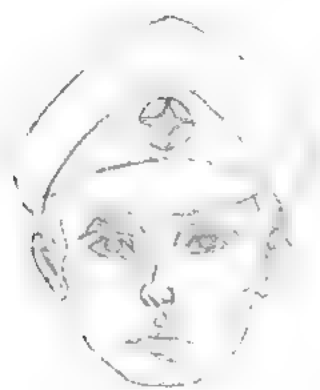
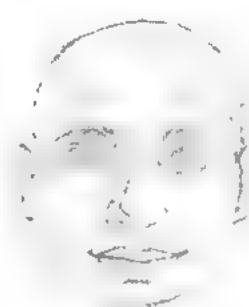
Grande amiga e conselheira de Samus, Ginger Ihmler tem papel de pouco destaque, servindo mais como ouvinte. Como referência, utilizei a falecida pilota de Fórmula 1 María de Villota.

- Dal'ahem

Mais um soldado reintegrado. Sua função é dar apoio à Samus enquanto Nadia estava em provação.

- Higgs

Se há algo de proveitoso em *Metroid: Other M* é o soldado Higgs. Aqui convertido a capitão após uma longa e frutífera carreira, atua no fortalecimento de laços da *fanfiction* com o universo canônico de *Metroid*. É pai de Anthony Higgs Jr.

FICHA 17 — PERSONAGENS SECUNDÁRIOS (1/2)

FICHA 18 — PERSONAGENS SECUNDÁRIOS (2/2)

LISTA DE POWER-UPS

Próprios:

- **Energia Anima**: o contador de energia Anima mostra o estado psicológico de Nadia em tempo real. Níveis baixos influenciarão seu traje, podendo reduzir a defesa natural ou até desabilitar, em caráter provisório ou permanente, algumas das habilidades adquiridas.
- **Flamethrower**: um potente lança-chamas.
- **Gamma Beam**: feixe padrão. Seu potencial destrutivo aumenta conforme é mantido carregado, assumindo, dessa forma, a funcionalidade do Charge Beam.
- **Gamma Hook**: laço elétrico que pode ser utilizado para puxar objetos, destruir travas eletrônicas ou se pendurar no teto ou paredes. É próxima da Grapple Beam, porém, pode realizar curvas no ar.
- **Light Pulse**: uma esfera energizada é expulsa violentamente, causando danos à distância. Ataque nativo dos metroides gamma.
- **m-Drift**: capacidade de se mover pelo ar com a expulsão de gases pressurizados provenientes da respiração, tal qual uma *jetpack*. Pode ser utilizado em todas as direções.
- **Spin Dash**: impulso adicional usado para romper barreiras ou escavar o solo ao girar com velocidade. Não deve ser confundido com a Morphball.
- **Spring Jump**: estas botas têm o poder de amortecer quedas e potencializar saltos, servindo também como molas ao usar as paredes como superfície de apoio.

Herdados:

- **Spazer Beam**: um raio dividido em três com foco extremamente amplo é atirado quando descarregado.
- **Speed Booster**: com este power-up, Nadia é capaz de correr em velocidades supersônicas e colidir com certas barreiras e inimigos, destruindo-os.
- **Wave Beam**: feixe de ondas. Ao contrário da versão portada por Samus, o Wave Beam de Nadia é capaz de contornar objetos.

LINHA DO TEMPO SIMPLIFICADA

2047 C.C. — Nascimento de Dawn.

2053 C.C. — Nascimento de Samus.

2056 C.C. — Destruição da colônia K-2L.

2075 C.C. (20X5) — Missão Zero.

2081 C.C. — Destruição de B.S.L.

2082 C.C. — Nascimento de Nadia.

2098 C.C. — Eventos de Mil-Star 6x.

2102 C.C. — Chegada em Umbra II-C.

2108 C.C. — Morte de Samus.

2109 C.C. — Presente momento.

Escrito com amor em Palatino Linotype 10,5.

Vivemos uma guerra velada!

Em um futuro distópico, porém, nada tão distante de nossa realidade atual, temos Nadia Aran, sobrevivente de um experimento malsucedido realizado pela Federação Galáctica. Graças aos incontáveis esforços feitos por sua mãe — a destemida Samus Aran —, a jovem pôde usufruir de uma vida razoavelmente estável durante parte de sua vida. Entretanto, os fantasmas do passado ainda persistem e, após ser jogada aos leões, Nadia se vê obrigada a romper, por vezes, o casulo que a envolve. Exposta ao medo, fome, crueldade e, claro, à irremediável solidão do espaço, encontra forças em outros renegados com histórias tão tristes quanto a sua própria e, junto a eles, passa a entender o real valor de coisas simples que apenas um mundo hostil poderia lhes ensinar.

Nadia: A Guerreira Suprema visa aprofundar e expandir o enredo original dos jogos da franquia *Metroid* através do detalhamento de personalidades, valores e fraquezas, assumindo para isso uma roupagem mais jovial e, até certo ponto, divertida. Embora introduza um contexto mais dramático e aventureiro que o encontrado no cânone, este volume não abandona, de forma alguma, a temática *sci-fi*, inserindo novos conceitos técnicos e diferentes nichos da própria ficção científica, como o *biopunk* e o *cyberpunk*. Por fim, os fãs de *Metroid* serão agraciados com algumas explicações lógicas sobre pontos chave do enredo da franquia original que não são explicados de forma satisfatória nos materiais oficiais.